This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at http://books.google.com/

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

1817
ARTES VERITAS SCIENTIA
LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF MICHIGAN
TUEBOR
SI QUAERIS PENINSULAM AMOENAM
CIRCUMSPICE

MEMORIAS
DE
LITTERATURA
PORTUGUEZA.

MEMORIAS

DE

LITTERATURA PORTUGUEZA,

PUBLICADAS

PELA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

TOMO IV.

LISBOA

NA OFFICINA DA MESMA ACADEMIA.

ANNO M. DCC. XCIII.

Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

AS
304
.L66
v.4

JOAÕ DE BARROS

Exemplar da mais ſolida Eloquencia Portugueza.

DISSERTAÇAÕ ACADEMICA

DE ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO.

Eſcrita, e recitada no anno de 1781.

HAvendo de tratar da Eloquencia de Joaõ de Barros, Eſcritor hoje mais conhecido pelo nome, do que por liçaõ que haja das ſuas Obras; he-me neceſſario, Senhores, proteſtar logo no principio, que naõ he minha tençaõ cenſurar, e muito menos reprovar hum eſtylo, que ſendo inteiramente diverſo daquelle, que ha cincoenta annos falláraõ entre nós os que ſe reputavaõ fallar bem; he hoje todavia o que mais reina nos Papeis de muitos dos noſſos Sabios. Hum eſtylo, onde os Oradores ſe naõ diſtinguem dos Poetas, ſegundo huns imitaõ dos outros as meſmas frazes, os meſmos epithetos, as meſmas translações, as meſmas imagens. Hum eſtylo, onde tudo o que he do uſo commum de fallar, ſe evita eſtudadamente, como plebeo, e ſordido. Hum eſtylo finalmente, cuja epoca ſe deve deduzir daquelle tempo, em que preferida a liçaõ dos Eſcritores Eſtrangeiros á dos Patrios, começou a dar-ſe por hum Portuguez raſteiro e inſulſo, todo o que naõ tiveſſe muitos, e mui ſenſiveis reſabios do Dialecto Francez.

Naõ he da minha tençaõ, torno a dizer, nem tambem da minha competencia cenſurar, e muito menos reprovar hum tal eſtylo. Tenho advertido por huma parte, que por huma natural inclinaçaõ, que todos te-

mos

mos á novidade, ſempre nos agrada mais; o que he mais moderno; e que pelo pouco apreço, que d'ordinario fazemos das noſſas couſas, ſempre o que vem de fóra nos parece mais admiravel, do que o que temos de caſa. Por outra parte eu naõ preſumo, nem devo preſumir tanto de mim, que me queira erigir em Meſtre de huma Lingua, que ainda até o preſente ando apprendendo pelos noſſos livros. Eſta alta qualidade ſó poderia competir quando muito a huma Corporaçaõ inteira, ou de Cenſores Regios, ou de outros homens Academicos.

Mas naõ ſe me podendo negar, que todas e cada huma das Linguas cultas da Europa formaõ de ſi huma Eloquencia propria dellas, a que podemos chamar Eloquencia Nacional; e que tanto he mais Nacional eſſa Eloquencia, quanto ella participa menos da eſtranha: Paſſo já a moſtrar, que entre todos os noſſos Eſcritores he Joaõ de Barros aquelle, em que mais reluz a Eloquencia da Lingua Portugueza conſiderada no ſeu fundo; e que aſſim merece Barros ſer o Eſcritor, de cuja liçaõ mais ſe aproveitem, todos os que aſpiraõ a fallar bem a meſma Lingua.

Fallar bem huma Lingua, Senhores, (que iſſo he o que a Rhetorica nos enſina, e o em que conſiſte a Eloquencia Nacional) he dizer o que ſe tem para dizer, explicando-ſe cada hum pelos termos mais análogos, e mais naturaes da meſma Lingua; ou eſtes ſejaõ dos que chamaõ proprios, ou ſejaõ dos que chamaõ translaticios ou metaforicos.

Além diſto requer-ſe huma tal perſpicuidade, e huma tal fluidez de eſtylo; que aquella remova toda a heſitaçaõ na intelligencia do que ſe diz; eſta todo o embaraço da leitura.

Ora começando pelos termos, ou vocabulos proprios da Lingua Portugueza, quem melhor do que Barros os empregou eſcrevendo, e eſcrevendo em tantas materias? Tende por certo, Senhores, que toda aquella na-

naturalidade, fermosura, e desfastio de dizer, que ainda hoje tanto admiramos e tanto invejamos, os que lemos por hum Lucena, por hum Sousa, por hum Vieira; toda essa a apprendêraõ, e tiráraõ elles de Barros.

Para d'algum modo fazer sensivel aos vossos ouvidos esta propriedade de fallar de Joaõ de Barros; produzirei della alguns exemplos dos mais obvios á minha memoria.

Exemplos das palavras proprias.

Na Década I. Livro I. Cap. 3. fallando do descobrimento da Ilha da Madeira: *O cham da qual lapa estava muy* sovado *dos pés dos lobos marinhos, que aly vinham* retouçar. Quem naõ vê a propriedade daquelle participio *sovado*, e daquelle verbo *retouçar*?

Na Década I. Livro I. Cap. 7. *E sobre cada huma das almadias yaõ tres e quatro homens* escanchados. Podia aqui usar-se d'outro verbo, que fosse mais proprio, do que ir *escanchado* sobre a embarcaçaõ?

Na Década II. Livro IV. Cap. 3. *Passou adiante saltando, e gloriandose de o cam ficar* esganiçandose *com a dor*. Naõ se póde explicar melhor o guinchar do caõ doendo-se.

Na Década II. Livro V. Cap. 1. fallando dos grandes lagartos, que infestaõ os rios ou esteiros de Gôa: *A ilha está qualhada de lagartos d'agoa: cousa tam grande, que engolem hum bezerro já de boõs cornos: porque alguns lhe viram na boca nam acabados dengolir, porque a armaçam dos novilhos lhe escachava as queixadas.* Tudo aqui he propriissimo.

Na Década II. Livro III. Cap. 6. *Deu o Visorey azo á gente a* escorcharem *estas náos, que estavam no porto.* E outra vez na Década III. Livro I. Cap. 9. *Por derradeiro* escorchado *o Galeam lhe poseram fogo.* Repare-se na propriedade do verbo *escorchar*, querendo exprimir despejar, esbulhar, esgotar.

Na

Na Década II. Livro III. Cap. 6. *Quem he aquelle, que faz tanta vantaje? Quem me déra ser elle; porque de duas* guinadas, *que deu sobre duas galés, ambas se despejáram.* Saõ palavras do grande Visorey D. Francisco d'Almeida, de quem por femea descende quasi tudo o que ha de mais illustre na nossa Côrte. Mas note-se a palavra *guinada*, significando salto, ou investida; a qual se Barros no-la naõ conservára, parecer-nos-hia huma palavra plebéa; quando agora vemos, que no seculo de quinhentos era ella taõ fidalga, como quem a proferio.

Na Década II. Livro II. Cap. 9. *Melique Az lhe escreveo huma carta sobre esta morte de seu filho, com grandes* gabos *da sua Cavaleria.* E na Década III. Livro III. Cap. 7. *Quando querem* gabar *algum de bondade nas suas obras, dizem delle* &c. Quem naõ tem hoje por hum termo baixo *gabos*, e *gabar*? Mas de Barros o imitáraõ Sousa, e Vieira.

Na Década I. Livro VIII. Cap. 8. *Por nam* pejar *as náos; nam consentio D. Francisco, que se embarcassem.* E outra vez na Década II. Livro I. Cap. 7. *O Visorey quando vio o filho em baixo hum pouco embaraçado, porque o* pejavam *as armas, começou a bradar dizendo* &c. Note-se o verbo *pejar*, na significaçaõ de occupar, encher, embaraçar.

Na Década II. Livro I. Cap. 6. *Rebateram toda a terra de cima do poço sobre o folhado, como que* arrunhavam *o poço.* Diz *arrunhar*, o que por outros termos se diria encher, ou entulhar até á boca.

Na Década II. Livro III. Cap. 10. *A' mam tenente sem resistencia os negros lhe* machocavam *as cabeças com grandes seixos.* Antes de se ler em Barros, ou noutro Escritor igual a elle, (se acaso o ha) o verbo *machocar*, talvez o julgaria alguem menos digno numa Historia taõ grave. Mas depois de assim se ter explicado hum Barros, quem duvidará imitallo?

Se bem reparardes, Senhores, nos exemplos que vos

vos tenho apontado, achareis sem dúvida, que o que caracteriza o estylo de Barros, he aquella nobre desaffectaçaõ, com que elle evitando perpetuamente certos termos grosseiros, e corruptos do baixo vulgo, se explica sempre pelos termos populares. Porque vós bem sabeis, que em toda a Républica huma cousa he o Povo, outra a infima plebe. Debaixo do nome de Povo se entendem todos os Membros da Républica, á excepçaõ daquelles, que a governaõ: como quando dizemos, *o Povo Hebreo*, *o Povo Romano*. Debaixo do nome de plebe estreitamente tomado, só se entende aquella parte da Républica, que despida de toda a cultura de Letras, toda se occupa nos mistéres mais abjectos e mais sordidos della.

Aqui pois está todo o segredo desta parte da Eloquencia: aqui o principal louvor do nosso Barros. Nas cousas proprias de cada Arte, como na Nautica, e na Milicia, explicar-se pelos termos technicos ou facultativos de cada huma: nas cousas do uso familiar, e quotidiano, explicar-se pelos termos, que o Corpo da Naçaõ tem adoptado para isso. Todo o estylo que transgredir estes limites, forçosamente ha de parecer hum estylo exotico, alheio e improprio da Lingua, inchado, affectado, affeminado, indigno daquella macha Eloquencia, a que todos devemos anhelar.

Julguem os nossos Criticos o que quizerem de mim: eu nenhuma dúvida nem receio terei de dizer *passante*, em lugar de *mais*: porque os nossos Classicos mais primos me ensinaõ, que assim he que se falla em Portuguez. Barros na Década I. Livro I. Cap. 3. *Alguns annos rendeo o quinto dos açucares* passante *de secenta arrobas*. Na Década II. Livro III. Cap. 10. *Dos quaes* passante *de sincoenta vieraõ acabar naquella praia*. *Lucena* na Vida do S. Xavier, Livro VI. Cap. 1. *Setenta fustas com* passante *de mil homens*. E no Livro X. Cap. 20. *Tres mil picos de prata, que sam da nossa moeda* passante *de tres milhões*.

Nenhuma dúvida, nem receio terei de dizer *entolhou-*

se-me, ou *antolhou-se-me*, querendo significar, que se me representou á vista, ou á imaginaçaõ: porque os mesmos nossos Classicos assim me ensinaõ, que se falla á Portugueza. Barros na Década II. Livro VIII. Cap. 4. *Gente idólatra, e tam crente em agouros e feitiços, que no mayor fervor de qualquer negocio desistem delle, se* se lhe *alguma cousa* entolha. E na Década II. Livro X. Cap. 5. *Davam a culpa aos Gentios da terra, dizendo que por ser gente idólatra*, se lhe entolharia *alguma cousa, por onde o fizessem.* Lucena no Livro VI. Cap. 15. *Com huma cegueira, e sogeiçam espantosa, a quanto* se lhe entolhava.

Noutra parte escreve Barros *antolhar-se*, por *a* que he como tambem o traz *Cámões*. E esta parece ser a melhor orthografia, ou ao menos a originaria, e primitiva deste verbo. Porque entaõ diz-se *antolhar-se*, por contracçaõ de *anteolhar-se*, que vem do Latim *ante oculos*, e do Portuguez *ante os olhos*.

Nenhuma dúvida nem receio terei de dizer *entojo*, ou *antojo*, por desaffecto, ou aversaõ, huma vez que Barros na Década III. Livro V. Cap. 8. escreve assim: *Elle Fernam de Magalhães se tornou a este reino com a sentença do seu livramento: pero sempre lhe elrey teve hum* entojo. Vieira escreve *antojo*, por *a*, e delle fórma o verbo *antojar*.

Nenhuma dúvida nem receio terei de dizer, *desta feita*, quando a cada passo o está dizendo Barros. Como na Década I. Livro VII. Cap. 5. E desta feita *perdeu sinco pardios.* E no Livro VIII. da mesma Primeira Década Cap. 8. Desta feita *ficou destruido totalmente.* No qual modo de fallar, ainda que *feita* pareça substantivo, eu o tenho na realidade por adjectivo, regido pelo substantivo *acçaõ*, que se sobentende.

Como noutra Obra minha de vinte Cadernos, que ha pouco tive a honra de offerecer e dar de presente para o Arquivo desta illustre Academia, digeri por ordem alfabetica todos os vocabulos, e todas as frases, que a mi-

minha tal qual obſervaçaõ achára em Barros dignos de nota; e os exemplos que acabo de tranſcrever, baſtaõ para dar huma naõ eſcura idêa da propriedade, com que elle fallava de todas as couſas: he razaõ, que o meu diſcurſo paſſe já a diſſertar da outra Claſſe das ſuas palavras, que he a das metafóricas: aſſumpto que pela ſua dignidade e importancia merece, que eu falle delle com mais alguma extençaõ, e que vós, Senhores, me ouçaes ainda hum pouco mais attentos. Porque na verdade, ſe na Claſſe das palavras proprias he Barros hum Eſcritor incomparavel; na outra das palavras metafóricas, he elle hum Eſcritor original.

Por conſenſo de todos os Rhetoricos, he a metáfora a alma da oraçaõ. Mas Horacio advertio, que a metáfora de eſpecial valentia e viveza, he quando o Eſcritor a huma palavra do uſo familiar e domeſtico, lhe dá por meio da translaçaõ hum novo tom, ou hum novo ſignificado, que a faz parecer outra.

Dixeris egregie, notum ſi callida verbum
Reddiderit junctura novum. . . . . . .

Neſte genero porém duvido eu, que ſe ache entre nós, e ainda dos eſtranhos algum outro Eſcritor, que ſeja ou mais fecundo, ou mais feliz do que Joaõ de Barros. Saõ nelle as metáforas taõ bellas, como frequentes. Por iſſo os que depois vieraõ, cuidáraõ muito em as fazer ſuas por meio da imitaçaõ.

Exemplos da felicidade, e belleza das metáforas.

Cardume, e *Enxame*. O primeiro diz-ſe propriamente dos peixes, o ſegundo das abelhas. Mas ouçamos como Barros os transfere maravilhoſamente, naõ ſó para os homens, mas ainda para as criaturas inſenſiveis.

Na Década II. Livro I. Cap. 3. *Rompendo pelo* cardume *dos mouros*. Noutra parte diz: Cardume *de fuſtas*.

Na Década I. Livro I. Cap. 1. fallando dos mouros: *De lá se alevantaram e vieram grandes* enxames *delles povoar estas do poente.*

Até aquelle verbo *se alevantárao*, tem huma admiravel proporçaõ com aquelles insectos.

Noutra parte diz, enxames *de frécbas.*

Sousa o imitou, quando escreveo, que Antonio de Saldanha, naõ obstante haver casado já muito velho, tivera *bum* enxame *de filbos.*

Cisco, huma cousa a mais vil e desprezivel, que se conhece. Mas della formou Barros huma riquissima e preciosissima metáfora, quando no Prologo da Terceira Década, fallando de certos Livros inuteis pelo seu assumpto, diz assim: *Escripturas que barbarizam o engenho, e enchem o entendimento de* cisco. Note-se de caminho o verbo *barbarizar.*

Enxurro, no sentindo proprio he o das aguas, quando arrastaõ comsigo muita terra, e muita immundicia. Como quando Barros escreve na Década I. Livro X. Cap. 1. *Ouro já depurado dos* enxurros *do inverno.* Mas ouçamos a graça, e valentia, com que Barros metaforicamente o applica aos homens.

Na Década II. Livro V. Cap. 9. *Todo o mundo foy povoado dos mais baixos principios de gente, que podemos chamar o* enxurro *dos bomens.* E no Prologo da Terceira Década: Enxurro *de tantos Escriptores.* E outra vez: Enxurrada *dos feitos e dictos que trazem.*

Pernada, ordinariamente de quem se diz, he das arvores: e já o dizer-se das arvores he este hum termo metaforico, tirado das pernadas do homem. Mas Barros fez a metáfora ainda mais brilhante, quando aos que outros chamaõ *Braços* dos rios, chamou elle *Pernadas* na Década II. Livro V. Cap. 1. *Lá dentro estes dous esteiros se communicam ambos, e fazem* pernadas *pela terra.* Se Barros dissesse aqui, *fazem braços*, dar-nos-hia a idéa, de que só eraõ dous. Como advertio, que

aquel-

aquellas propagações dos rios ou esteiros de Gôa eraõ muitas, disse *pernadas*, que he hum nome de significaçaõ indefinida.

Torno. Deste instrumento fabril que arredonda o páo, fórma Barros elegantissimas metáforas.

Primeiramente por translaçaõ põe *torno* em lugar de circuito, ou pelo que nós dizemos *contorno.* Na Década I. Livro VIII. Cap. 6. *Sómente neste* torno *da ilha da banda da terra firme corre hum recife.*

Em segundo lugar, a cada passo está Barros dizendo *em torno*, pelo que nós dizemos *ao redor.* No que eu alguma vez o tenho imitado, depois de *Camões*, *Arraiz*, e *Jacintho Freire.*

Em terceiro lugar, de *torno* tomado nesta significaçaõ metaforica, forja Barros o verbo *tornear* por cercar, ou cingir em roda; e o participio *torneado*, por cercado, ou rodeado.

Na Década I. Livro VIII. Cap. 4. *Terra que ainda que seja Costa da terra firme, o mar a foy* torneando *com hum esteiro, que a faz ficar em ilha.*

Na mesma Década I. Livro VIII. Cap. 6. *Ilha toda* torneada *de outro esteiro dagoa.*

Assim noutros muitos lugares, que omitto por brevidade.

Fundir, diz-se propriamente do render da uva e da azeitona nos lagares, ou do graõ nas eiras. Mas vejamos, como Barros o transfere bella e originalmente para a significaçaõ de aproveitar.

Na Década II. Livro III. Cap. 1. *Posto que sobrisso repetio muytas mais palavras, vendo que naõ lhe* fundiam *pera seus requerimentos, foyse pera Cochim.* Na mesma Década II. Livro V. Cap. 3. *A qual ida nam* fundio *mais, que palavras geraes.* Na Década III. Livro I. Cap. 7. *Todo este seu trabalho lhe* fundio *pouco.*

Furtado, por escondido, he outra translaçaõ igualmente bella, que frequente em Barros. Na Década II. Livro VI. Cap. 1. *Se alguma nào lá ya ter, era* furtada

da

da nossa vista. Na mesma Década II. Livro VIII. Cap. 1. *Cavando na arêa e pedregulho, acham agoa do rio, que corre* furtada *por baixo.*

Apinhoar-se, e apinhoado. Metáfora tirada da uniaõ e aperto com que os pinhões estaõ na pinha, para se significar hum ajuntamento de gente mui chegada huma á outra.

Na Década I. Livro I. Cap. 6. *Sairamse do caminho, e aly* se apinhoaram *todos.*

Na mesma Década I. Livro V. Cap. 2. *Poseramse em hum teto soberbo, todos* apinhoados.

He metáfora, cuja frequencia mostra bem, quanto o nosso Escritor se deleitava nella.

Sendo vulgar entre nós dizer *pinha de gente*, *e estar em pinha*, ou *por-se em pinha*; todavia *apinhoado*, *e apinhoar-se*, naõ me lembro tello lido, senaõ em Barros.

Plebe de riachos. No seu excellente Tratado *De Commutata Ratione dicendi* observou Buckner, que as metáforas mais sublimes eraõ aquellas, em que o Author representa as criaturas insensiveis, como se fossem humas pessoas animadas. Como quando Virgilio nas Georgicas diz, que o Araxes se indignou de encontrar a ponte, que retardava a sua furiosa corrente.

. . . . *Pontem indignatus Araxes.*

A este genero de metáfora, que tambem se chama *Prosopopéa*, pertence o seguinte lugar, em que Barros querendo significar, que no Mondego naõ entraõ, senaõ rios de pouca consideraçaõ, diz assim na Década II. Livro V. Cap. 1. *O Mondego, naõ se metendo nelle, senam huma plebe de riachos*, &c.

Do mesmo espirito he a outra metáfora, em que Barros aos rios caudalosos chama *rios populozos.* O que eu acho muito mais valente e engraçado, do que o chamar Virgilio *negro esquadraõ* a hum formigueiro; e Columella *dous Povos*, a dous enxames de abelhas.

Mas em genero de metáforas, segundo eu entendo, naõ

naõ ha em Barros cousa mais sublime, do que quando elle na Década II. Livro III. Cap. 5. fallando dos cuidados, em que os nossos passárao a noite antecedente á batalha naval, que esperavaõ ter com a armada de Mir-Hocem, escreve assim: *A noite quasy toda foy vigiada, huns concertando suas armas, outros a conciencia.* Que julgaes vós Senhores, desta expressaõ? *Huns concertando suas armas, outros a conciencia.* Quanto a mim, eu estava em jurar-vos, que me naõ lembra ter achado em Author algum Estrangeiro cousa tambem dita em taõ poucas palavras. E Barros a escreve como se ella naturalmente lhe cahisse da penna, sem elle o sentir. Que este he o seu maior elogio: fallar bem, fallar magnificamente, fallar com elevaçaõ, sem parecer que o estudou.

Eu vejo, Senhores, pela vossa applicaçaõ, que vós me ouvis com gosto, e ainda como quem se interessa, quando discorro sobre as bellas e sublimes translaçőes de Barros. Vejo, que estais desejando ouvir ainda mais algumas. Se assim he, como a estreiteza do tempo naõ dá lugar a exemplificar-vos outras, contentai-vos por bondade vossa, de que eu vos vá apontando a granel, e sem citaçőes do Texto as que de novo me fôrem occorrendo.

Novas metáforas de Barros.

Palavras nam taxadas e avaras. Taes chama Barros elegantemente as de huma Carta em que ElRei D. Affonço o V. (contra o costume ordinario dos Reis) se espraiou nos gabos e louvores do seu Chronista Mór Gomes Eanes de Azurara.

Palavras derramadas, isto he, sem atilho.

Jubilar na Guerra.

Camada de Fidalgos.

Dali vem aquella regiam beber ao mar. Quer dizer, que he maritima.

Embebeo huma frecha no arco. De Barros o adoptáraõ

raõ *Sousa* e *Vieira*, e primeiro que ambos *Cãmões*.

Começou o mar a ser lavrado das nossas nâos.

Assinado do nosso ferro.

Chuva de frechas. Hum garfo de gente.

Ruas juncadas de corpos mortos. Vieira o imitou, quando ao caminho que Deos abrio no meio das aguas do mar vermelho, para os Israelitas passarem a pé enxuto, chamou *rua juncada de limos*. E a este genero de metáfora, em que o nome, que propriamente compete a huma cousa, se dá a outra de ministerio semelhante, chamaõ os Rhetoricos tambem *catachrese*, que val o mesmo que *abusaõ*. Como quando o mesmo Vieira diz noutra parte: *Nâo alcatroada de ouro.*

Abocar o estreito. Abocar o rio. Abocar a barra. Isto he, tomar a boca, ou entrar pela boca do estreito, do rio, da barra. Nós dizemos hoje *embocar*. Mas *Lucena* e *Vieira*, que se prezavaõ muito de fallar como Barros, dizem o primeiro: *Abocar o porto de Chimbó*: o segundo: *Abocar a artilheria.*

Vazarse por fóra da ilha. Isto he, extrahir-se. E assim mesmo, *vazarse a especearia per mãos dos mouros.*

Já a labareda lambia pelos castellos da nâo.

Iscado da heresia. Iscado da peste. Iscado da enfermidade.

Cospiam o ferro de si. Falla dos couros crûs.

Escudar a nâo, isto he, amparalla, defendella. De Barros o tomou tambem *Vieira*.

Escorar a sua esperança nisto, ou naquillo.

Agricultar o commercio, isto he, cultivallo. E taõ metaforico he hum, como outro.

Tempo de servir, isto he, bom tempo. Fraze dos mareantes, que *Jacintho Freire* tomou de Barros.

Tempo verde, isto he, que ainda naõ serve para a navegaçaõ.

A terra nos responderá com maior novidade.

Fender hum mouro pelos peitos.

Enfiar bem as cousas pera o seu proposito.

Ho-

Homem muy uſado nas couſas do mar.

Depois de bem esfarrapados na carne com a ponta da lança.

E outra vez fallando dos tigres da Aſia: *Sam alimarias muy eſquivas, e que esfarrapam muyto com as unhas e dentes a prea.*

Ninguem deixa de ver, que a metáfora he tirada de *farrapo*; nome que para naõ parecer baixo e ſórdido, baſta advertir, que *Vieira* o tomou na boca.

Mas ſahindo já das metáforas de Barros, que direi daquella que eu no principio chamava perſpicuidade, e fluidez do ſeu Eſtylo? A ſua dicçaõ ſempre natural e deſempeçada, he como hum manſo rio, que ſempre corre limpo e diáfano.

Que direi das ſuas excellentes Hyperboles? Como quando Barros diz: *Naõ era taõ pouco o dinheiro, que nam podéra fazer cubiça a hum animo ſem ella.* E noutro lugar: *Aſſi atroou a náo a pancada, que o ſeu corpo deu em baixo, que muyto maior terror fez no animo de todos o tom deſta cahida, que a voz da ſua morte.* Falla de quando cahio morto na náo D. Lourenço de Almeida, filho do grande Viſorey D. Franciſco.

Que direi da viveza das ſuas Hypotypóſes ou Deſcripções? Nós eſtamo-lo folheando em Lisboa; e ſegundo elle nos repreſenta ao vivo, ora o trafico de Ormuz, ora o viçoſo de Malaca, ora os eſtreiros, e ſerras de Gôa; tudo nos parece que aſſim meſmo eſtamos vendo na India.

Que direi das ſuas elegantes Ellipſes, ou Reticencias? Numa parte: *E que a batalha naõ foſſe crua, todavia foi perigoſa. E que*, iſto he, e dado que. Noutra parte: *Os que eram que elle nam entraſſe.* Iſto he, os que eraõ de parecer. Noutra parte: *Como a náo foy chêa da morte de D. Lourenço. Chêa da morte*, iſto he, da noticia da morte. Noutra parte: *As fuſtas de Mel que-Az parecendolhe que fugia, ſairam remo em punho com hum alarido, que atroou todo o rio. Remo em punho*,

ſob-

ſobentende-ſe , com o remo em punho. Noutra parte: *A náo Leitoa Velha, Capitam Lionel Coutinho.* Iſto he, ſendo ſeu Capitaõ, ou da qual era Capitaõ.

Eis-aqui, Senhores, o que eu tenho por fallar bem Portuguez. Ao menos naõ ſe me póde negar, que aſſim o falláraõ com Barros até á idade de noſſos avós, todos os que ſe eſmeráraõ em o fallar bem.

Reſta por ultimo occorrer a hum argumento, que ſe me póde fazer contra a imitaçaõ de Barros; e que já me parece que eſtou ouvindo a alguns dos circunſtantes. Pois que? Vós dais-nos por exemplar da mais ſolida Eloquencia Portugueza a hum Joaõ de Barros, que porque floreceo ha mais de duzentos annos, eſtá chêo de palavras antiquadas?

Reſpondo. Tambem *Terencio* eſtàva chêo dos Arcaiſmos da primeira idade da Lingua Latina: e *Cicero* dahi a mais de cento e cincoenta annos o lia, o eſtudava, e o allegava nas occaſiões de controverſia, como hum optimo Author da Latinidade. Igualmente *Ennio* tambem eſtava chêo dos meſmos Arcaiſmos: e *Virgilio* paſſados duzentos annos, naõ ſó o imitava, mas adoptava delle verſos inteiros, como foi eſte:

Unus homo nobis cunctando reſtituit rem.

Mais. Quem póde duvidar, que *Vieira*, que falleceo ha mais de oitenta annos, aſſim como foi entaõ, aſſim he ainda hoje, hum excellente Meſtre da Linguagem do Pulpito, iſto he, da Linguagem Oratoria? Entre tanto os ſeus Sermões abundaõ de palavras, e orthografias, que já hoje eſtaõ em deſuſo, ou que ao menos naõ he facil ouvir.

No Sermaõ do Juizo, *Sobia*, em lugar de coſtumava. No Sermaõ do Endemoninhado Mudo, *Acoſtar-ſe*, em lugar *de Encoſtar-ſe*; e *Acurtar*, em lugar *de Encurtar*. No Sermaõ cuido que de S. Roque, *Moſina*, em lugar de deſgraça. No Sermaõ de Noſſa Senhora da Gra-

Graça, *Miramento*, por hum olhar com grande applicaçaõ. Noutras partes ainda *Vieira* diz alguma vez *Louçaõ*, por guapo: *Guisa*, em lugar de sorte, ou maneira: *Gusano*, em lugar de bicho. E imitando ao seu *Lucena*, naõ duvída dizer *Egyptana*, em lugar de Egypcia. Finalmente *Vieira* sempre escreve com Fr. *Luiz de Sousa Infelice*, em lugar de infeliz: *Desgraciado*, em lugar de desgraçado: *Bivora*, em lugar de vibora. Sempre com todos até o seu tempo, *Visorey*, em lugar de Vicerey: *Devaçaõ*, com *a* na segunda: *Alicesse* sem *r* na terceira. Sempre com os mesmos, *Desgraça commum*, *opiniaõ commum*, *patria commum*, e naõ commua. Tudo isto he segundo as primeiras Edições.

Pergunto agora. E fará mal, ou obrará imprudentemente aquelle, que inculcar hoje *Vieira* por exemplar da Oratoria Portugueza, naõ quanto ao manejo das Escrituras, nem ao levantar de certos Pensamentos; mas quanto á propriedade, pureza, e elegancia da Lingua? Naõ por certo, me respondeis vós todos. Bem está. Logo todos devemos concluir, que o acharem-se em Barros muitas palavras antiquadas, naõ he defeito, que o deva privar da honorifica qualidade de primeiro Mestre da Linguagem Portugueza; mas sim hum mero effeito da variedade e inconstancia dos tempos, os quaes tanto poder tem sobre as palavras, quanto sobre os trajos. E corra por conta da vossa allumiada discriçaõ, separar o finissimo ouro da Eloquencia Nacional, que se encontra nas Décadas de Barros, da escoria ou fezes de certos Arcaismos, com que esse ouro está misturado.

Mas neste particular de Arcaismos, he necessario que estejais bem advertidos, que naõ he o mesmo naõ se costumar ouvir hoje huma palavra, que dever ella dar-se por antiquada, ou menos Portugueza, se alguem a diz. Muitas se naõ ouvem hoje em Lisboa, que todavia ainda se ouvem nas Provincias do nosso Reino. Como saõ: *Bom Grado*, *Máo Grado*, *Azo*, *Desazo*, *Azar-se*, *Esmero*, *Esmerar-se*, *Esmerado*, *Galardaõ*, *Galardoar*,

 Cu-

Curar de huma cousa, por ter cuidado della, e assim outras. Ora as nossas Provincias, assim como sobre materias politicas tem voto em Côrtes, tambem sobre materias da Lingua Nacional devem ter voto na Côrte.

Outras ha, que hoje nem na Côrte, nem nas Provincias se ouvem. Mas he isto acaso, por estarem rigorosa, ou reflexamente antiquadas pelos Sabios da Naçaõ? Nada menos. He que por falta de liçaõ se ignoraõ, sendo de si excellentes e propriissimas.

Taes reputo eu as seguintes de Barros: *Apostolar*, por andar em Missaõ; *Appellidar*, por convocar; *Montear*, por andar na montaria; *Prefetar*, *Embetesgar-se*, *Ornamentar*. Dos quaes verbos; *Montear* foi depois imitado por *Lucena*; o *Apostolar*, por *Sousa*; o *Appellidar*, por *Vieira*.

Taes as seguintes de *Sousa*: *Arrostar*, por fazer rosto a alguma cousa; *Desasisado*, por falto de juizo; *Desmesurado*, por desmedido; *Candêa*, pela véla que se mette na maõ ao moribundo. As quaes todas quatro tomou delle *Vieira*: se bem que de *Desasisado* usou primeiro *Arraiz*.

Taes os seguintes verbos, e nomes do mesmo *Vieira*: *Desassistir*, *Descativar*, *Desnacer*, *Desfinhar*, *Desempobrecer*, *Descrer*, *Desquerer*, *Despintar*, *Desqueixar leões*, *Abicar á praya*, *Derrocar os ossos*, *Recuidar*, *Realeza*, *Improvidencia*, *Pretidaõ*, *Rechaços*, *Alindado*, *Pujante*, *Rapante*, *Rompente*: o ultimo dos quaes tomou elle do nosso Virgilio Portuguez, como tambem o adjectivo *Feminil*.

Taes o verbo *Pascer*, por *Pastar*, que he de todos os nossos Classicos. *Grita* por gritaria, que he de todos os nossos Classicos. *Gazalbado*, por agazalho, que he de todos os nossos Classicos. *Chaneza*, que he de *Lucena*, e de *Britto*, e que ninguem duvidará ser mais Portuguez do que *Lhaneza*. *Privar*, por ter privança, que he do mesmo *Britto* e de *Vieira*. *Bruteza*, que o mesmo *Vieira* adoptou de Barros. *Desdita*, que he de *Cámões*. *Levantisco*, de Barros.

Tra-

Trahir por entregar á traiçaõ, que ainda que tomado do Francez, he já de *Vieira* e de *Quental.*

Outras palavras ha finalmente, que sim se ouvem ainda hoje entre nós, mas com desapprovaçaõ dos nossos Criticos, que as reputaõ baixas e plebéas. Quem ha entrelles, que naõ fuja de dizer, *Andar de amores*? E elle he naõ menos que de Barros, quando fallando de Nuno da Cunha, diz, que elle a huma Ilha que descubrira, lhe puzera o nome de D. Maria da Cunha Dama do Paço, *com quem andava d'amores.* Quem que naõ fuja de dizer, *Hei mister tal cousa*? E elle he naõ menos que de *Vieira*, que no Sermaõ do Semeador diz: *Ha mister luz, ha mister espelho, ha mister olhos.* Quem que naõ fuja de dizer, *Enxergar*? E este verbo he de todos os optimos, desde Barros até *Vieira* inclusivamente. Quem que naõ fuja de dizer, *Eu te fico*, em lugar de *Eu te seguro*? E elle he naõ menos, que de *Cámões.* Quem que naõ fuja de dizer, *De balde*, e *Seguer*? E elles ambos saõ de *Sousa.*

Sendo pois taõ authorizados, como vedes, todos estes verbos e nomes; porque havemos nós de ser taõ melindrosos, que nos enfastie até o ouvillos a outros? Porque havemos de querer ser pobres entre a mesma abundancia? Porque a troco de huma duzia de palavras, que tomamos emprestadas de fóra, havemos de pôr em esquécimento hum cento das domesticas? Porque havemos de adoptar huma Lingua, que naõ sendo a que bebemos com o leite, naõ se póde chamar materna?

Isto naõ he pretender eu, que nunca nos seja licito introduzir na nossa Lingua algumas palavras novas tomadas das estranhas. Eu sei, quanto nesta parte he o direito das Linguas vivas superior ao das mortas. Sei a grande liberdade, que neste particular nos deixou com *Horacio* o mesmo nosso Barros, no Dialogo que compoz em louvor da Lingua Portugueza. Mas o que eu dezejára, he, que bem como *Horacio* aconselhava aos seus Pisões, que supprissem principalmente da Fonte Grega o que lhes fal-

faltasse no Latim; assim nós as palavras que tomassemos emprestadas, fossem antes da Lingua Latina, que he a matriz da nossa, do que de qualquer outra: e que ou as tomassemos da Latina, ou da Franceza, ou da Italiana, ou da Castelhana, naõ se fizesse isto senaõ em caso de necessidade, e sem prejuizo das que já tinhamos. Porque de outra sorte, por hum vocabulo que adquirimos de novo, vimos a largar cem de igual valor: e assim em lugar de nos desempobrecermos, vimos a ficar cada vez mais pobres.

Accresce a tudo o ponderado, que por advertencia de todos os Rhetoricos, sem exceptuar *Quintiliano*, huma cousa he fallar antiquadamente, outra fallar á antiga.

Fallar antiquadamente, he fallar as palavras da primeira infancia da Lingua, que ninguem entenderia hoje; como saõ nas nossas Escrituras primevas *Bafordar*, *Attamia*, *Samicas*. Destas naõ deve usar nenhum homem, sob pena de se expôr a que os sizudos lhe digaõ, o que em tempo de Adriano disse o Filosofo Favorino a hum mancebo, que brazonava de parecer grande Antiquario no fallar: Isto he, que se elle affectava fallar de sorte, que ninguem o entendesse, melhor era deixar-se estar callado.

Porém fallar á antiga, he fallar como falláraõ os Mestres: e isto he o que *Plinio* o Moço dava em louvor nos Escritos de hum seu amigo; serem *Sonantes* e *antigas* as suas palavras. *Verba sonantia et antiqua.*

Ora os Mestres da Lingua Portugueza saõ os nossos Escritores do Seculo de quinhentos, e de seis centos. De entre os quaes he Barros aquelle, a quem a nossa Lingua deve a sua principal firmeza, consistencia, e magestade: *Vieira* aquelle, a quem ella deve o seu ultimo polimento e esplendor.

Barros he o nosso *Cataõ Censorio*: *Vieira*, o nosso *Cicero*. O Seculo do Senhor Rei D. Joaõ III. foi para a Lingua Portugueza, o que para a Latina foi a Epoca da

da ſegunda Guerra Punica. O Seculo do Senhor Rei D. Joaõ IV. foi para a noſſa Lingua, o que para a dos Romanos foi o Imperio de Auguſto. Hajamo-nos pois com a noſſa Lingua, como os Romanos ſe houvêraõ com a ſua.

Os Romanos que florecêraõ depois da morte de Auguſto até o tempo dos derradeiros Antoninos, (que eſte he o periodo, dentro de todo o qual conſidero eu ainda muito viva a Lingua Latina) he verdade, que introduzíraõ nella algumas palavras novas, e que antiquáraõ outras. Mas quando ſe comparava Latim com Latim, tanto hum Romano adquiria para ſi maior credito nos ſeus Eſcritos, quanto nelles reluzia mais a imitaçaõ dos primeiros Meſtres. E debaixo deſte nome entendiaõ elles naõ ſó do Seculo de Auguſto hum *Cicero*, hum *Virgilio*, hum *Tito Livio*; mas tambem e muito principalmente do tempo da ſegunda Guerra Punica hum *Cataõ*, hum *Ennio*, hum *Plauto*, hum *Terencio*. Porque com a authoridade de *Terencio*, como já ouviſtes, he que *Cicero* tanto depois ſe defendia dos reparos, que ſe faziaõ contra a ſua Latinidade. E com os verſos de *Ennio* exemplificava o meſmo *Cicero* os ſeus Preceitos Oratorios.

Eſta imitaçaõ dos antigos, foi a que recommendou com eſpecialidade em tempo de Claudio os Eſcritos de *Columella*; em tempo de Domiciano os de *Tacito*; em tempo de Antonino Pio os de *Gellio*; em tempo de Maximino os de *Cenſorino*; e entre o Imperio de Adriano, e o de Alexandre Severo, os Eſcritos daquelles grandes Juriſconſultos, de que depois formou Juſtiniano o Corpo das Pandectas.

Ainda neſtes tempos taõ arredados já do Imperio de Auguſto, ſoava melhor ás orelhas dos bons Romanos hum *Dii te averruncent* de *Cicero*, ou hum, *Dii hoſtium ulciſcendorum copiam faxitis* de *Livio*; do que quantas doçuras de huma Eloquencia peregrina podiaõ proferir huns certos alindados, que como *Petronio Arbitro*

os

os nota e descreve a seu modo, naõ tomavaõ na boca, senaõ palavras de confeitos de mel, ou palavras temperadas com gergilim e dormideiras. *Melitos verborum globulos, verba sesamo et papavere condita.* E a razaõ daquella preferencia naõ era outra, senaõ que nos Escritos de *Cicero*, *Livio*, e outros coévos, sentiaõ elles, mais do que nos posteriores, o nervo e vigor da Eloquencia Nacional e primitiva.

Em fim, Senhores, elle he necessario, que haja em cada Naçaõ hum Juiz Arbitro das controversias, que se podem excitar sobre a sua Lingua; hum Juiz permanente, hum Juiz que se possa consultar a toda a hora. E quem póde ser este Juiz? Sello-ha algum particular? Mas essa authoridade a naõ arrogaria a si nem hum *Vieira*, ao tempo que ainda a Naçaõ o naõ tinha escolhido por Arbitro das suas palavras. Quanto mais, que nem sempre he facil achar hum homem desta marca. Sello-ha alguma Sociedade de Homens de Letras? Mas essa Sociedade naõ deve sentenciar de seu moto proprio, mas segundo algumas certas Leis. E quem lhe ha de prescrever essas Leis?

Direis que as controversias sobre huma Lingua, as deve decidir o uso dos eruditos, conforme os preceitos de *Horacio*, e de *Quintiliano.* E eu ainda insto: E quem saõ esses eruditos, cujo voto quereis vós que decida a final todas as ditas controversias? Seraõ os grandes Theologos, os grandes Filosofos, os grandes Mathematicos, os grandes Juris-Consultos, os grandes Medicos? Mas estes só podem ter voto decisivo nos vocabulos proprios da sua Profissaõ, nos vocabulos technicos, nos vocabulos facultativos. E as controversias mais frequentes saõ sobre os vocabulos do uso geral, do uso domestico, do uso quotidiano: os quaes vocabulos saõ tambem os que formaõ o maior e o mais consideravel número dos nossos termos patrios.

Naõ podereis logo evadir a força da minha instancia, senaõ confessando, que os eruditos, a cujo uso constitue Quintiliano Arbitro Supremo das palavras familiares de hu-

huma Lingua, saõ só aquelles, que saõ versados na liçaõ dos seus Authores Classicos, e por elles he que decidem o que he fallar bem, ou mal. Isto concedido, prosigo eu agora. Os Authores Classicos da Lingua Portugueza considerados assim em grosso saõ os seguintes: *Joaõ de Barros*, *Damiaõ de Goes*, *Francisco de Andrade*, *Diogo de Couto*, *Affonso de Albuquerque*, *Francisco de Sá de Miranda*, *Luiz de Camões*, *Diogo Bernardes*, *Antonio Ferreira*, *Francisco Rodrigues Lobo*, *Duarte Nunes de Leaõ*, D. Fr. *Amador Arraiz*, D. Fr. *Marcos de Lisboa*, *Jorge de Montemór*, *Gaspar Barreiros*, *Fernaõ Mendes Pinto*, *Fernaõ Alvares do Oriente*, Fr. *Heitor Pinto*, Fr. *Bernardo de Britto*, Fr. *Luiz de Sousa*, o Padre *Joaõ de Lucena*, D. *Francisco Manoel*, os dous *Brandões* Chronistas Móres, Fr. *Manoel da Esperança*, D. *Rodrigo da Cunha*, *Jacintho Freire de Andrade*, *Duarte Ribeiro de Macedo*, o Padre *Antonio Vieira*, o Veneravel Padre *Bartholomeu do Quental*, o Padre *Manoel Rodrigues Leitaõ*, o Padre *Manoel Bernardes*. E depois destes, os que até á nossa idade se esforçáraõ por imitar os melhores: entre os quaes mettêra eu ao Padre *Francisco de Santa Maria*, Conego Secular de S. Joaõ Evangelista; ao Padre *Francisco de Sousa* Author do *Oriente Conquistado*; ao Padre *Diogo Curado* da Congregaçaõ do Oratorio; ao Padre D. *José Barbosa* Clerigo Regular da Divina Providencia.

Logo estes saõ os Authores, por onde os eruditos da Lingua devem julgar e decidir, o que he fallar bem, ou fallar mal Portuguez. Estes os que devem ser imitados, pelos que o quizerem fallar sempre bem, debaixo das precauções que deixo apontadas.

E aqui, Senhores, acabo a minha Dissertaçaõ. Na qual se vós achaes, que os meus Principios concordaõ com os vossos, ficarei eu com o desvanecimento, de terem accedido ao meu voto os primeiros Sabios do Reino. Quando naõ, sempre della tirarei o grande interesse de me constituir, por esta via, em situaçaõ de aprender de vós outros melhores.

ANALYSE, (*)

E combinações filosoficas sobre a elocuçaõ, e estylo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha, e Camões, segundo o espirito do sabio Programma da Academia Real das Sciencias, publicado em 17 de Janeiro de 1790.

POR FRANCISCO DIAS.

Sans la Langue en un mot l'auteur le plus divin
Est toujours, quoiqu'il fasse, un mauvais écrivain.

Boileau.

PROLOGO.

QUando entrei nesta composiçaõ, julguei que devia tomar hum ponto fixo, donde viesse deduzindo a sua analyse, e que o *Sá de Miranda* devia indispensavelmente formar a época, donde, segundo a ordem do tempo, havia de dimanar todo o seu progresso, como de hum escritor, que lançou os fundamentos da Poesia Portugueza. Mas antes, que entrasse nesta diligencia, vi que me era de precisa necessidade fazer huma descripçaõ exacta do estado, em que se achava a Lingua, quando o Poeta *Miranda* appareceo, e sondar as qualidades principaes da composiçaõ e estylo daquelle Padre da Poesia Portugueza, donde passou para *Ferreira*, para *Bernardes*, para *Caminha*, e ultimamente para *Camões*, o maior Poeta da Naçaõ, e o que mais enriqueceo, e apurou o nosso Idioma; discorrendo por aquelles pontos, que mais me parecêraõ dignos de comparaçaõ no genero Sublime, como mais nobre, e como aquelle que mais esforço pede

(*) Foi coroada na Sessaõ Pública de Maio de 1792.

da

da fantasia humana; fazendo juizo de cada hum dos Poetas da analyse, e finalmente indicando as origens donde nascêraõ as expressões, e formulas combinadas; no que julgo ter satisfeito ao Assumpto, que he certamente mais difficultoso do que parece.

Na execuçaõ deste taõ trabalhoso argumento me conduzí, segundo as luzes, que pude adquirir na liçaõ de *Aristoteles*, *Cicero*, *Quintiliano*, *Longino*, e muito mais na de *Loke*, *Condillac*, *du Marsais*, e em especial na do sobre todos sabio Commentario, que o grande *Voltaire* fez ás Obras de *Pedro Corneille*, onde se vem as regras do gosto na sua maior elevaçaõ.

Todas estas materias saõ novas em Portugal, e por consequencia naõ tive a quem seguir: e a pezar dos defeitos, posso dizer:

. . . . . *que aqui vereis presente*
Cousas, que juntas se achaõ raramente. Camões Lus.

INTRODUCÇAÕ.

HE o talento da palavra a mais nobre faculdade do ente racional, como instrumento, com que naõ só expõe as suas idéas, mas até pinta os mais occultos sentimentos do espirito com rasgos taõ vivos, e sublimes, que os faz passar aos corações mais izentos de interesse. Aquella filosofia inata ao coraçaõ do homem, que preside a todas as acções, que mais o elevaõ, foi quem formou os sinaes representativos das suas idéas simpleces, e compostas; e quem, á força de infinitas combinações, lhe fez conceber o grande pensamento do transumpto mental consignado nas palavras por huma successaõ de idéas naõ interrompidas, cujo nexo constitue a pintura eterna naõ só do fysico, mas, o que he mais prodigioso, do moral humano.

Aquella mesma filosofia, que dirigindo, e elevando o espirito humano desde as idéas simpleces até ás implexas, lhe deo as primeiras noções da expressaõ

ſimples e primitiva, como mais adaptada ás neceſſidades do homem; á proporçaõ que lhe foi ampliando a esfera dos ſeus conhecimentos, lhe foi miniſtrando expreſſaõ complexa, iſto he, figurada, com a qual pinta aos olhos, e dá corpo, e vida ás mais ſublimes abſtracções, que póde conceber o entendimento humano.

Deſte immenſo aggregado de idéas ſimpleces, e compoſtas, como conſequencia natural, procedeo a vivacidade da expreſſaõ, e a riqueza das Linguas, que ſe eleváraõ ao mais diſtincto gráo de perfeiçaõ, ſegundo o número de acontecimentos, e revoluções notaveis; e muito mais ſegundo o trato frequente com as nações eſtranhas, e communicaçaõ ſocial dos póvos entre ſi; por iſſo meſmo que das grandes crizes procede a efferveſcencia das paixões, que pondo em movimento, e actividade a maſſa das idéas, gera novos penſamentos, e nova elocuçaõ.

Daqui ſe infere, que os melhores de todos os idiomas devem forçoſamente ſer os daquelles póvos que mais revoluções experimentáraõ, e que melhor conhecêraõ as leis da ſociedade. Vê-ſe pois pelo que nos enſina a hiſtoria, que as nações mais pulidas e ſabias, tanto na linguagem, como nos coſtumes, fôraõ quaſi ſempre as que ſituadas junto ao mar conhecêraõ mais cedo a neceſſidade da communicaçaõ dos póvos eſtranhos, por meio do commercio; ou aquellas, cujos acontecimentos lhes deraõ lugar diſtincto nos annaes do genero humano.

Por iſſo vemos, que as Linguas geraes do Malabar, Coromandel, e da China, regiões maritimas, aſſim como tambem a Arabe, ſaõ as mais bellas, e antigas de todas as Linguas da Áſia. Os póvos de Greoia, que gozando do mais formoſo eſpectaculo da natureza, experimentáraõ tantas, e taõ notaveis revoluções, inventáraõ o mais ſignificativo, e harmonico de nodos os Idiomas, onde ſe achaõ conſignados os mais tiſignes monumentos do Genio, e donde procedeo a mageſtade da Lingua dos Romanos, naõ mais famoſos

pe-

pelas suas conquistas, que pelos escriptos immortaes, com que illustráraõ os Seculos. O mesmo se deve considerar dos Italianos, Francezes, Hespanhoes, e Inglezes, cujos Idiomas, tendo origem na Lingua Latina, se tem elevado ao mais alto ponto de perfeiçaõ possivel, e nos quaes existem monumentos para quem todo o louvor he diminuto.

Mas este concurso de circunstancias parece, que ainda naõ foi a causa sufficiente da perfeiçaõ das Linguas: inda alli se diviza hum vacuo, que precisa ser occupado. Aqui vem a Poesia com toda a sua pompa e magestade, desatando os vôos, pulindo e aperfeiçoando os Idiomas, dando a tudo alma e vida, já elevando-se aos maiores assumptos nos louvores do Ente Supremo, e no panegyrico dos grandes homens, persuadindo a imitaçaõ das acções nobres, e dignas dos mais distinctos applausos. Ella lhe abre os seus thesouros; ella os enriquece; ella lhes dá força, elegancia, e harmonia, sem o que seríaõ huns cadaveres seccos, e inanimados. Sem a Poesia, nada seríaõ talvez os Gregos, e os Romanos, que tanto enchêraõ o mundo com a fama das suas victorias, com a grandeza das suas acções, e muito mais com a perfeiçaõ, com que cultiváraõ todas as artes de genio, de que tantos, e taõ admiraveis testemunhos nos deixáraõ principalmente nos seus escritos. A Poesia pois, que tendo entre os antigos hum caracter de harmonia muito diverso da Poesia moderna, veio pela ignorancia dos Seculos a tal decadencia, que pouco faltou para ficar inteiramente ignorada.

Das reliquias da Lingua Latina, e Grega se formáraõ os Idiomas modernos com diversa syntaxe; e com elles resuscitáraõ, ou por melhor dizer, formáraõ os Provençaes huma Poesia toda nova na disposiçaõ das cesuras, e combinações harmonicas.

Os Italianos restauradores de quasi todas as Artes, fôraõ os primeiros, que tratáraõ a Poesia com dignidade, aperfeiçoando os metros, e harmonias, que os mesmos Provençaes, e Sicilianos tinhaõ inventado; e tanto se

ap-

applicáraõ a ella, que já no decimo quarto Seculo era famoſo Poeta o celebre Dante, quem fixou todas as accentuações harmonicas do hendecaſyllabo, que ficou ſendo o mais neceſſario metro da Poeſia Italiana, Caſtelhana, e Portugueza.

Entráraõ os Mouros em Heſpanha, e com elles a Poeſia: porém o deſaſſocego da guerra naõ deo lugar aos antigos poſſuidores deſta regiaõ, taõ infeſtada de nações eſtranhas, a cultivar a Poeſia ſériamente, nem a pulir os ſeus Idiomas taõ cedo como os Italianos. Da longa dominaçaõ, que os Romanos tiveraõ em Heſpanha ſe havia nella introduzido o uſo da Lingua Latina, que veio a ſer vulgar: della, e de varios dialectos barbaros, ſe formáraõ os dous mais bellos, e ſonoros Idiomas de Heſpanha, e talvez da Europa, o Caſtelhano, e o Portuguez.

Eſtas duas Linguas ſe foraõ igualmente aperfeiçoando, de ſorte que a hum meſmo tempo chegáraõ ao ſeu auge. Com tudo, ſendo a Naçaõ Portugueza mais moderna, e occupando muito menos eſpaço de terreno, que a Caſtelhana, veio mais cedo a produzir monumentos, que aſſaz diſtinguíraõ, e acreditáraõ o ſeu Idioma. As hiſtorias de *Joaõ de Barros* dadas á luz no meio do Seculo decimo ſexto, e traduzidas em todas as Linguas cultas da Europa, fizeraõ moſtrar ao mundo litterario, que a Lingua Portugueza era a mais filha da Latina. Hum número ſufficiente de Eſcritores, que logo depois vieraõ, acabáraõ de determinar o genio da Lingua, cujo caracter he elegancia, e perſpicuidade.

Sendo pois a Lingua Portugueza desde a ſua origem mui doce, e ſonora, reſultado natural da quantidade proporcionada das ſuas vogaes, e conſoantes, das quaes as primeiras, naõ ſaõ taõ frequentes, e conjunctas, que enfraqueçaõ a harmonia, e a façaõ languida e pouco notada, como ſe vê na Lingua Italiana; nem as ſegundas com nimia frequencia ſe atropellaõ, e produzem ſons rudes, e aſperos, como nas Linguas do Norte. Todas eſtas felices diſpoſições, além do genio, convidavaõ a

Na-

Naçaõ á cultura da Poesia para que sempre teve natural inclinaçaõ. Deixemos a miuda investigaçaõ destas causas, a qual será mais propria de quem tentar escrever a historia da Lingua. Deixemos tambem as Poesias anteriores ao Seculo de quinhentos, muitas das quaes existem em algumas bibliothecas antigas, como as d'ElRei D. Diniz na do Convento da Ordem de Christo em Thomar, e outras andaõ empregadas no celebre Cancioneiro de *Resende*, collecçaõ preciosa, donde se podem extrahir as maiores luzes a respeito da natureza, e origem da nossa Poesia: e começando a tratar do auge a que esta elevou a Lingua Portugueza; as graças, e número, que lhe communicou; principiaremos a discorrer de huma época mais vizinha a nós, e esta seja determinada pelo famoso *Sá de Miranda*. Vejamos pois os assumptos, que este Poeta tratou; a qualidade da sua imitaçaõ em geral, o uso que fez do hendecasyllabo, até ao seu tempo pouco ou nada conhecido em Portugal, e em toda a Hespanha; como tratou, como aperfeiçoou o Soneto, do qual se deve reputar inventor entre nós, novas graças que accrescentou á nossa Lingua, e como finalmente preparou aos Poetas, que lhe succedêraõ, hum novo caminho para se elevarem até á immortal Lusiada.

Mas antes que entremos neste exame, vejamos primeiro o estado em que o *Sá de Miranda* achou o Idioma.

A Naçaõ Portugueza, que até ao fim do reinado de D. Fernando jazia na ignorancia, occupada unicamente da cultura das suas terras, quanto lhe era preciso para o consumo interior do Reino, e para entreter huma ligeira sombra de commercio exterior, continuamente vexado pela tyrannia Arabica, que infestando os mares era eterno obstaculo á navegaçaõ; vivendo como desterrada na solidaõ dos campos, sem communicaçaõ, nem policia, fallava huma linguagem informe, e grosseira, chêa de sons rudes, que as linguas barbaras lhe tinhaõ communicado; e a pezar de ter huma origem taõ pura, como a Lingua

La-

Latina, donde procedia, só conservava alguma energía natural nascida das significações primitivas das suas vozes, que, além de serem maculadas de infinitas anomalias, e dissonancias, eraõ privadas de translações, que daõ força e elevaçaõ aos Idiomas. Chêa pois de construcções erroneas, de dithongos asperos, e desinencias rudes, pobre de termos, sem idéa de nexo, que subsiste nas particulas, sem syntaxe, sem harmonia, o seu periodo incerto, e desunido vacillava sem caracter.

A grande revoluçaõ de D. Joaõ I. fazendo a mais viva commoçaõ no genio dos Portuguezes, com ella lhe vieraõ novos estimulos de gloria, que eleva o espirito; novas emprezas, novos pensamentos, nova força, nova energia ás suas enunciações; novos objectos do discurso, e nova linguagem. Hum latim barbaro até alli organo das Leis, e instrumentos publicos, cessou de ser a linguagem do Fôro.

Da conquista de Ceuta nasceo a idéa, a grande idéa dos descubrimentos, que mostrando a necessidade de cultivar as Mathematicas, e a Astronomia, taes, quaes existiaõ naquelles tempos obscuros, alargou a esfera da mechanica, que fazendo novas investigações sobre a acçaõ dos ventos, e resistencia das aguas, extrahindo a somma da combinaçaõ dos movimentos resultantes da acçaõ, e reacçaõ destes dous elementos, alcançou mais perfeito conhecimento das leis dos liquidos, e do equilibrio, e aperfeiçoou finalmente a arte de navegar. Novos astros, novos mares e costas, novas ilhas, novos mundos enchem de admiraçaõ todo o Universo.

Tantas, e taõ notaveis circunstancias, tantos, e taõ pasmosos acontecimentos, quaes nunca até áquelles tempos vira o mundo, fizeraõ apparecer de repente na face do globo huma Naçaõ nova, e hum novo Idioma: naõ he paradoxo. As acções da Naçaõ Portugueza anteriores áquella idade perdem-se na immensidade dos acontecimentos ordinarios, que formaõ o corpo vastissimo da historia. Porém desta grande época em diante, ella se eleva

de

de improviso, ella se mostra em todo o universo huma naçaõ de heroes, cujas acções nenhuma analogia tem com as das mais famosas nações, que lhe precedêraõ.

O novo aspecto de acontecimentos absolutamente novos, e dignos de universal admiraçaõ, vêo acompanhado de huma nova linguagem: prova-se. As Poesias dos Reis D. Diniz, D. Pedro I., e varios fragmentos de escritos daquelles tempos estaõ consignados em huma linguagem taõ confusa e barbara, que quasi naõ se entendem. Dahi a pouco mais de mêo Seculo apparecêraõ as Chronicas dos Reis Portuguezes compostas por Fernaõ Lopes o mais antigo, e venerando historiador Portuguez, escritas em lingua clara, e taõ diversa da que se observa naquelles anteriores escritos, que se póde reputar outro Idioma. Sirva-nos este grande historiador de época para ajuizarmos do estado, em que se achava a Lingua Portugueza, antes que o Sá de Miranda entrasse a florecer.

Naõ obstante a perspicuidade com que Fernaõ Lopes procurou escrever, claramente se conhece pela leitura de seus escritos, e dos que depois delle vieraõ até ao fim do reinado de D. Joaõ segundo, que a syntaxe commum da Lingua Portugueza era assaz confusa, e desfigurada de construcções erroneas (*a*).

(*a*) Para prova disto apontaremos alguns exemplos, nos quaes nos naõ demoraremos muito, para nos naõ desviarmos do assumpto. Vejamos pois como se mostra o primeiro periodo do cap. 30. da primeira parte da Chronica de D. Joaõ I. composta por Fernaõ Lopes. *Certo be que quaesquer bistorias muyto melbor se entendem, e lembram, se perfeitamente, e bem ordenadas, que o sendo per outra maneira.* A proposiçaõ incluida neste periodo tem duas partes com dependencia reciproca. A primeira, que termina em *bem ornadas*, he toda comparativa condicional, mas falta-lhe o eixo, que deve subsistir num verbo, que devera estar expresso, no segundo membro — *se perfeitamente e bem ordenadas* —; e por isso fica inutil a segunda parte — *que o sendo per outra maneira* —, e por consequencia escuro todo o periodo, que he o maior defeito da

A dispoſiçaõ harmonica do periodo totalmente ignorada dava huma inſupportavel ſeccura á proſa Portugueza, que opprimida de clauſulas impuras, e de vozes obſoletas de ſons aſperos, e rudes, nada offerecia á curioſidade

---

oraçaõ. Naõ ficaria claro o ſentido deſte periodo, ſe no ſegundo membro da primeira parte eſtiveſſe hum *ſaõ*, ou hum *eſtaõ* da maneira ſeguinte? *Certo he que quaeſquer hiſtorias muito milhor ſe entendem ſe ſaõ perfeitamente, e bem ordenadas, que o ſendo per outra maneira.* Deſte modo ficava ſoffrivel a reſpeito da perſpicuidade, poſto que imperfeito em couſas menos eſſenciaes, como na inutilidade da conjunçaõ junta ao adverbio *bem*, e a derradeira clauſula —— *que o ſendo per outra maneira*: —— porque além de naõ offerecer ao eſpirito huma conſequencia perſpicua da premiſſa anterior, a collocaçaõ do artigo *o* depois do *que* he aſſaz diſſonante e defeituoſa. Logo adiante no meſmo capitulo diz: *Nuno Alvares outro ſi vem a Lisboa, desbi o Caſtello de Lisboa trabalhaſe o Meſtre com o povo de o tomarem, e alçarem vellas contra os Alcaides do Caſtello.* Em que caſo eſtá o *Caſtello de Lisboa*? ſe eſtá em nominativo, qual he o verbo, que indica a ſua acçaõ? Se he accuſativo do verbo tomar, ou elle, ou o artigo *o* antes deſte verbo, redunda; porque em tal caſo ficaõ ſendo dous accuſativos, hum dos quaes he abſolutamente deſneceſſario, e ainda que ſe tiraſſe o artigo, que faz o ſegundo accuſativo, ficava ſim a oraçaõ grammatical, mas naõ pura, pela diſpoſiçaõ barbara, e obſcura, que conſervava, além da pouca congruencia racional do reciproco *trabalhaſe.* Na clauſula, ou oraçaõ, que ſe ſegue: *poſto que a alguns iſto naõ a praz, que as emburilhaõ confuſamente, e ſerem peores muito de entender.* O verbo *ſerem* he conjugaçaõ erronea: *ſaõ* terceira peſſoa do plural do preſente indicativo, parece que he o que ſó lhe póde convir; além da tranſpoſiçaõ do adverbio *muito* ſer pouco Portugueza, devendo eſtar antes do comparativo *peores* para ficar congruente e claro o ſuperlativo comparativo *muito peores.* No prologo da ſegunda parte ſe vê o ſeguinte periodo: *E porque nos nom ſomos abaſtante pera compridamente louvar, e dizer as bondades deſte poderoſo Rei, por a dignidade de ſeus grandes feitos, quizeramos ceſſar de fallar delles*, vendo compria *ſerem eſcritos por hum grande, e eloquente letrado.* O eſtylo deſte periodo naõ eſtá puro por dous motivos: o primeiro pela falta

dos

dos leitores mais que hum insoffrivel tedio, que extinguia o dezejo de ler; o que naõ preciso authorizar, visto que qualquer pagina dos escritos daquella idade nos póde fornecer exemplos para verificar o que affirmamos.

A obscuridade daquelles tempos, a raridade de li-

---

de concordancia numeral no participio *abastante*: o segundo pela erronea conjugaçaõ *cumpria*. Naõ ha dúvida, que o primeiro póde ser desculpado pela figura Synthesis; mas este genero de construcçaõ, naõ só naõ he admittido na prosa Portugueza, mas até mesmo na Poesia seria intoleravel. Os Latinos, onde mais uso havia desta syntaxe, só a permittiaõ aos Poetas; ao menos, eu nunca me lembro de a ter achado na prosa: nem jámais vî louvar Terencio porque na Scena 5.ª do Acto 3.º da Andria disse: *Ubi illic scelus est, qui me perdit?* nem he reputada por huma belleza a seguinte passagem de Horacio no liv. 1. Ode 15...... *Mala ducis avi domum* —— *Quam multo repetet Græcia milite.* Quem louvou jámais *Pars in frusta secant, verubusque trementia figunt*: de Virgilio no liv. 1. da Eneiada, verso 216, que he o que mais quadra ao nosso caso? Ainda mesmo, quando os Grammaticos encontraõ destas syntaxes, fazem todo o esforço pelas reduzir a oraçaõ correcta por mêo da Elypse, por isso mesmo, que as julgaõ construcções erroneas, a que obriga a necessidade do metro. No segundo tambem ha notavel erro de Idioma pela falta do *que* que devêra pôr no preterito imperfeito do infinitivo o verbo *cumprir*, ficando do modo, que está no imperfeito do indicativo, erro manifesto.

Logo abaixo vem o seguinte periodo, onde se acha invertida a ordem natural das palavras, de modo, que naõ deixa de ser huma combinaçaõ barbara: *Mas porque britavamos nossa ordenança de todo, que era cousa de reprehender com graõ receo trigosamente, nom embargando a razaõ allegada, alguns poucos, como costumamos fazer poer dos outros Reis, tocaremos em breve deste.* Além da disposiçaõ incongruente, que desfigura este periodo, a escuridade, consequencia disso mesmo, o faz digno de censura: a causa principal consiste nas tres orações intermediarias, ou parenthesis —— *que cousa era de reprender:* —— *nom embargando a razom allegada:* —— *como costumamos fazer poer dos outros Reis*: estas orações subalternas cortaõ o fio da oraçaõ principal, cuja perspicuidade naõ subsiste expressa, porque a interposiçaõ das mesmas faz com que os membros,

vros, que o prelo, entaõ de novo inventado, inda naõ fazia communs, a ignorancia em fim retardavaõ o progresso das luzes, e naõ deixavaõ aperfeiçoar o Idioma; além de que, o bom gosto nestas materias, que deve ser hum resultado de infinitas combinações filosoficas as mais ajustadas á razaõ, fez sempre em todas as Linguas vagarosos progressos. Porém das causas acima indicadas procedeo, naõ só a falta do número prosaico, e metrico do Idioma, mas a pobreza notavel de vozes, (*a*) causa

e incisos pertencentes á proposiçaõ primaria fiquem distantes dos seus eixos, que saõ os verbos, e por isso fica o total da oraçaõ de custosa intelligencia. Naõ fallo já na desnecessaria incongruencia do auxiliar *fazer*, que constitue huma desagradavel dissonancia combinado com *poer*, nem da fraqueza, e seccura dos dous ultimos adjectivos *em breve deste*, que fazem a clausula final do periodo impura, e falta de energia. O periodo que se segue, o qual naõ deixa de ser assaz escuro, termina com a clausula seguinte: *poemos assim como elles differaõ razoando desta guiza*. Além de *poemos*, presente indicativo estar em lugar de *poeremos* futuro (ainda que naõ sei se na conjugaçaõ deste verbo existia naquelle tempo alguma anomalia, pois naõ me lembro de ter encontrado *poeremos*, futuro natural, que deveria ter o dito verbo *poer*.) naõ se sabe se está aqui empregado em sentido proprio, ou translato; se significa simples e primitivamente *pôr*, ou figurativamente *contar*, ou *narrar*, e de qualquer modo, que seja, onde está o accusativo deste verbo? Delle, nem antes, nem depois se mostra o menor vestigio, nem por Elypse se póde subentender.

Bastaõ estes exemplos para mostrar quam defeitosa, e impura era a prosa Portugueza, naõ só neste escritor, mas em todos os que depois delle vieraõ como Gomes Eannes de Azurára, Bernardim Ribeiro, e Ruy de Pina, defeito que passou a quasi todos os authores do Seculo de Quinhentos, cujos escritos tem merecido aos nossos Litteratos modernos superstíciosa adoraçaõ.

(*a*) Como consta dos seguintes escolios: e em obsequio da verdade, e do progresso das luzes nestas materias taõ pouco tratadas em Portugal, seja-me permittido ser extenso, pois de outra sorte me naõ he possivel dar alguma idéa do que pretendo.

O juizo que fazemos das vozes, frases, e clausulas, que

vaõ

vaõ aqui apontadas, he (segundo nos parece) o mais ajustado á razaõ, por ser fundado em observações feitas com a mais escrupulosa exacçaõ: e ainda que se venha a encontrar alguma elegancia, ou termo, cujo sentido discrepe alguma vez do juizo, que della formarmos, nem por isso se tenha por incongruencia, visto, que o total da sua energia, em que se estriba a força da nossa affirmativa, pelo maior número de casos, nada perde com huma, ou outra excepçaõ, qualificada pela menor frequencia, que muitas vezes designa huma qualidade, ou attributo de pouco momento, que facilmente escapa a intelligencia humana.

Substantivos naõ existentes, ou ignorados, ou de mui raro uso na Lingua Portugueza até ao principio de D. Manoel.

Absolviçaõ.
Acaso.
Açafata.
Acçaõ.
Adagio.
Adorno.
Adulaçaõ.
Affeiçaõ.
Afflicçaõ.
Agreiro.
Aleive.
Aleivozia.
Alimaria.
Alivio.
Ala.
Altiveza.
Altura.
Amparo.
Angustia.
Anniversario.
Antecipaçaõ.
Apothema.
Arbitrio.
Architecto.
Ardil.
Armada.
Assalto.
Astucia.
Attençaõ.
Audacia.
Augmento.
Aurora.
Auxilio.
Axioma.
Bagagem.
Bahia.
Bosque.
Bulla.
Cadeira.
Calabre.
Canceira.
Carestia.
Carta.
Cem.
Censura.
Cerco.
Certeza.
Ciume.
Cirurgiaõ.
Commentador.
Compositor.
Conceito.
Concerto.
Concessaõ.
Confissaõ.
Conjectura.
Conjuraçaõ.
Contentamento.
Contracto.
Convocaçaõ.
Corrupçaõ.
Cortezia.
Crueldade.
Cuidado.
Defensor.
Defumadoiro.
Demora.
Desabono.
Desacerto.
Desagrado.
Descortezia.
Desculpa.
Desfallecimento.
Desgosto.
Deshumanidade.
Desordem.
Despacho.
Despojo.

Des-

Defprezo.
Defpropofito.
Devaffidaõ.
Difcordia.
Difcurfo.
Difputa.
Divertimento.
Dizer. *nome.*
Eclypfe.
Educaçaõ.
Elevaçaõ.
Enfeite.
Enredo.
Erecçaõ.
Efcritor.
Efcuridade.
Efplendor.
Eftendarte.
Eftratagema.
Eftrondo.
Exercito.
Explicaçaõ.
Expofiçaõ.
Expofitor.
Fallencia.
Falfidade.
Falta.
Fanga.
Fortaleza.
Felicidade.
Fortificaçaõ.
Ganho.
Gefto.
Governo.
Glofador.
Horizonte.
Jactancia.
Inhumanidade.
Indigencia.
Inducçaõ.
Ignominia.
Igualdade.
Infermidade.
Illuftraçaõ.
Imagem.
Imprecaçaõ.
Impedimento.
Infignia.
Inftancia.
Intento.
Inveftigaçaõ.
Juramento.
Lapfo.
Lembrança.
Lei.
Levantamento.
Licença.
Linga.
Lifonja.
Loucura.
Ludibrio.
Luminaria.
Luto.
Luftre.
Luvas.
Macho. *nome f.*
Macula.
Madureza.
Maledicencia.
Matelotagem.
Matrimonio.
Maufoleo.
Magifterio.
Medicina.
Medico.
Mefquinhez.
Meritriz.
Mêo.
Milhaõ.
Mocidade.
Moleftia.
Motivo.
Narraçaõ.
Negocio.
Nota.
Obftaculo.
Obftinaçaõ.
Occafiaõ.
Official.
Oppreffaõ.
Ornato.
Ornamento.
Pacto.
Palacio.
Parentefco.
Paffagem.
Perfidia.
Perfume.
Penitencia.
Ponderaçaõ.
Poffuidor.
Prejuizo.
Principio.
Profundidade.
Proveito.
Provimento.
Provincia.
Recreaçaõ.
Recrêo.
Relaçaõ.
Relampago.
Receituario.
Regozijo.
Remiffaõ.
Remorfo.
Renuncia.
Refgate.
Repartiçaõ.
República.
Refplendor.
Revez.
Sabedoria.
Sacerdote.

Sa-

Sacerdotiza.
Sabio. *ſubſtantivado.*
Sagacidade.
Seculo.
Secretario.
Semana.
Sem — razaõ.
Sentimento.
Sentinella.
Sepulchro.
Sepultura.
Sino.
Sitio.
Soberba.
Soffrimento.
Soltura.
Subtileza.
Succeſſo.
Supplica.
Toalha.
Temor.
Tino.
Tomada. *ſubſtantivado.*
Tumulto.
Tranſacçaõ.
Tranſmigraçaõ.
Tratado. *nom.*
Trem.
Tributo.
Tumulo.
Valentia.
Valor.
Variedade.
Vaſſallo.
Vexame.
Vigilia.
Vituperio.
Ultrajo.
Uſo.
Uſurpador.

Nomes adjectivos de ſignificaçaõ poſitiva, e derivada.

Affavel.
Apoſtolico.
Apto.
Attencioſo.
Audaz.
Capaz.
Colerico.
Commum.
Compaſſivo.
Cortez.
Confuſo.
Cubiçoſo.
Derradeiro.
Deſcortez.
Deſnaturalizado.
Deſaſtrado.
Decimo — oitavo.
Difficil.
Difficultoſo.
Doloroſo.
Efficaz.
Facil.
Fervido.
Fementido.
Firme.
Furioſo.
Generoſo.
Guerreiro.
Hiſtorico.
Humano.
Humilde.
Idoneo.
Idoſo.
Imaginario.
Imaginativo.
Impavido.
Incredulo.
Indomito.
Infinito.
Inimigo.
Intrepido.
Invencivel.
Iracundo.
Magnanimo.
Magnifico.
Neſcio.
Nullo.
Ordinario.
Pachorrento.
Pequenino.
Perjuro.
Poſthumo.
Prompto.
Proprio.
Provido.
Prudente.
Público.
Sabio.
Seculares. *plur.*
Sequaz.
Soberbo.
Superior.
Superno.
Sulfureo.
Valoroſo.
Vario.
Veloz.
Vicioſo.
Vulgar.

Ad-

Adjectivos participios.

Abaſtecido.
Abſolto.
Accreſcentado.
Affrontado.
Agaſtado.
Alterado.
Alienado.
Amiudado.
Apreſſado.
Ardente.
Arrombado.
Avaliado.
Bemdito.
Capitaneado.
Cenſurado.
Combatido.
Compadecido.
Concertado.
Conſiderado.
Contido.
Continuo.
Conveniente.
Corado.
Cortado.
Deixado.
Demorado.
Deſacautellado.
Deſcuidado.
Deſanimado.
Deſejoſo.
Deſembaraçado.
Deſempedido.
Deſmedido.
Deſordenado.
Deſpendido.
Deſpovoado.
Determinado.
Embaraçado.
Entrincheirado.
Enxovalhado.
Eſcarnecido.
Eſcolhido.
Eſcondido.
Eſtendido.
Falto.
Forçado.
Formado.
Igualado.
Injuriado.
Inſultado.
Intemecido.
Irado.
Merecedor.
Meſclado.
Mandado.
Mantido.
Miſturado.
Morador.
Narrado.
Neceſſitado.
Negligente.
Obrigado.
Obſtinado.
Occulto.
Ordenado.
Pago.
Parecido.
Paſſado.
Penoſo.
Ponderado.
Potentado.
Potente.
Povoado.
Preciſado.
Preparado.
Privado.
Prohibido.
Provido.
Publicado.
Quebrado.
Ratificado.
Rebelde.
Regedor.
Regente.
Rendido.
Requerente.
Reſidente.
Reſplendecente.
Roubado.
Sabido.
Semelhante.
Sobredito.
Soccorrido.
Venerado.
Ultrajado.

Verbos.

Abaſtecer.
Abrir.
Abſter.
Acontecer.
Agradar.
Alcançar.

Alie-

Aformosear.
Ajudar.
Alienar.
Alvejar.
Apartar.
Apear.
Apertar.
Aprender.
Apressar.
Arguir.
Arrear.
Assemelhar.
Assolar.
Atacar.
Batalhar.
Bordejar.
Capitanear.
Castigar.
Censurar.
Cessar.
Chegar.
Claudicar.
Combater.
Compadecer.
Compôr.
Concertar.
Concluir.
Condemnar.
Conferir.
Considerar.
Contar, *numerar*.
Convir.
Cortar.
Criminar.
Criticar.
Cuidar.
Damnificar.
Decer.
Deixar.
Demorar.
Deparar.
Derramar.
Desagradar.
Desenvolver.
Desfraldar.
Desmandar.
Despachar.
Despir.
Desprezar.
Destruir.
Disciplinar.
Discorrer.
Dispender.
Divertir.
Eleger.
Enfeitar.
Enfurecer.
Enjoar.
Escolher.
Estender.
Exercitar.
Faltar.
Fazer guerra.
Fazer mençaõ.
Fingir.
Formar em batalha.
Fulminar.
Ganhar.
Governar.
Humilhar.
Igualar.
Imitar.
Impugnar.
Impedir.
Infamar.
Injuriar.
Instar.
Intentar.
Investigar.
Julgar.
Meter.
Misturar.
Montar a cavallo.
Murmurar.
Narrar.
Notar.
Observar com attençaõ.
Observar.
Opprimir.
Pactear.
Pertender.
Ponderar.
Praguejar.
Presionar.
Prover.
Publicar.
Quadrar.
Quebrar.
Recuar.
Referir.
Relatar.
Render-se.
Restituir.
Retirar-se.
Rosnar.
Temperar.
Tocar.
Tomar.
Vexar.
Vilipendiar.
Vituperar.
Vizinhar.

Adverbios.

Abaixo.
Abaſtadamente.
Acinte.
Ahi.
Antes.
Apartadamente.
A pezar.
Apenas.
Apreſſadamente.
Brandamente.
Brevemente.
Cabalmente.
Claramente.
Commummente.
Completamente.
Convenientemente.
Dahí.
Debaixo.
De maneira.
De modo.
Denſamente.
Depreſſa.
De propoſito.
Deſembaraçadamente.
Deſempedidamente.
De ſorte.
Docemente.
Doloroſamente.
Donde.
Efficazmente.
Em continente.
Em quanto.
Em tanto.
Entaõ.
Eſcondidamente.
Eternamente.
Facilmente.
Furtivamente.
Humildemente.
Infinitamente.
Inſtantemente.
Juſtamente.
Levemente.
Ligeiramente.
Notavelmente.
Notoriamente.
Onde.
Para onde.
Perto.
Porém.
Porque.
Publicamente.
Sabiamente.
Semelhantemente.
Senaõ.
Totalmente.
Vagamente.
Ultimamente.
Unanimemente.
Unidamente.

Propoſições, e Interjeições.

Ante.
Apoz.
Atraz.
Junto.
Perante.
Ay.

Ainda que algumas deſtas vozes acima indicadas já entaõ exiſtiſſem, eraõ mutiladas, accreſcentadas, ou desfiguradas de tal ſorte, que ſe faziaõ quaſi deſconhecidas pelo pouco eſcrupulo que a ignorancia, e o máo goſto fez ſempre de uſar de certas figuras, ou por melhor dizer vicios de elocuçaõ, que a filoſofia, e o bom goſto foi depois emendando, mas naõ tanto que deixaſſem de ficar algumas reliquias das antigas corruptellas, e barbariſmos . . . . . *hodieque manent veſtigia ruris.* como ſe vê em todas as Linguas, e ſe comprova na noſſa pelos ſeguintes exemplos.

Ac-

Accrescentando letra, ou syllaba no principio por Prothesis.

Abastante. - - - - - - - - -	Bastante.
Empenoso. - - - - - - - - -	Penoso.
Guai. - - - - - - - - -	Ay.
Oufania. - - - - - - - - -	Ufania.
Oulhar. - - - - - - - - -	Olhar.
Recontar. - - - - - - - - -	Contar.
Reconto. - - - - - - - - -	Conto.
Recontado. - - - - - - - - -	Contado.
Relembrança. - - - - - - - -	Lembrança.

Accrescentando syllaba, ou letra no mêo por Epenthesis.

Coloreado. - - - - - - - - -	Corado.
Compoer. - - - - - - - - -	Compôr.
Concludir. - - - - - - - - -	Concluir.
Descender. - - - - - - - - -	Descer.
Dispoer. - - - - - - - - -	Dispôr.
Deteúdo. - - - - - - - - -	Detido.
Igualdar. - - - - - - - - -	Igualar.
Igualdado. - - - - - - - - -	Igualado.
Leterado. - - - - - - - - -	Letrado, ou litterato.
Manteudo. - - - - - - - - -	Mantido.
Poer. - - - - - - - - -	Pôr, *verb.*
Povorar. - - - - - - - - -	Povoar.
Povorado. - - - - - - - - -	Povoado.
Reteudo. - - - - - - - - -	Retido.
Teudo. - - - - - - - - -	Tido.

Diminuindo syllaba, ou letra no principio por Aferesis.

Arramado. - - - - - - - - -	Derramado.
Arramar. - - - - - - - - -	Derramar.
Esplandecer. - - - - - - - -	Resplendecer.
Esplandecente. - - - - - - - -	Resplendecente.
Espender. - - - - - - - - -	Despender.
Estroso. - - - - - - - - -	Desestroso.
Imigo. - - - - - - - - -	Inimigo.
Hi. - - - - - - - - -	Ahi.

Maginaçaõ. - - - - - - - -	Imaginaçaõ.
Maginar. - - - - - - - - -	Imaginar.
Trameter. - - - - - - - - -	Entremetter.
Valiado. - - - - - - - - -	Avaliado.

Diminuindo syllaba, ou letra no mêo por Syncope.

Consirar. - - - - - - - - -	Considerar.
Consirado. - - - - - - - - -	Considerado.
Desnaturado. - - - - - - - -	Desnaturizado.
Doroso. - - - - - - - - -	Doloroso.
Dorosamente. - - - - - - - -	Dolorosamente.
Endurado. - - - - - - - - -	Endurecido.
Escarnido. - - - - - - - - -	Escarnecido.
Jaraõ. - - - - - - - - -	Jazêraõ.
Infindo. - - - - - - - - -	Infinito.
Infindamente. - - - - - - - -	Infinitamente.
Lidimo. - - - - - - - - -	Legitimo.
Lidimamente. - - - - - - - -	Legitimamente.
Miscrado. - - - - - - - - -	Misturado.
Miscrar. - - - - - - - - -	Misturar.
Pobrado. - - - - - - - - -	Povoado.
Segrares. - - - - - - - - -	Seculares.
Tente. - - - - - - - - -	Tenente.

Diminuindo syllaba, ou letra no fim por Apócope.

Increo. - - - - - - - - -	Incredulo.

Além de tudo isto carecia a Lingua Portugueza de superlativos de hum só termo, de que ao depois vêo a ser taõ abundante, que naõ cede nesta parte a nenhuma das mais cultas da Europa. He o superlativo a pintura de idéa infinita, que pela maior parte he comparativa; esta sendo expressada por huma breve combinaçaõ de positivos, e adverbios dá grande força á enunciaçaõ; mas muito mais grave, mais viva, e mais sublime se appresenta na oraçaõ, quando incluida num só termo, rapidamente offerece ao espirito a immensidade de huma idéa infinita, tanto mais elevada, quanto mais resumida se insinua na intelligencia humana. Esta qualidade de enunciaçaõ foi particular á Lingua Grega, de quem a recebeo a Latina, que lhe consagrou va-

varias terminações ; quasi todas foraõ adoptadas dos Idiomas sabios, excepto porém do Francez, o que naõ foi bastante para deixar de ter os mais excellentes escritos em todo o genero de Litteratura. A Lingua Italiana foi a que primeiro admittio o uso desta casta de superlativos, que saõ nella taõ antigos, que já no Dante se encontraõ com frequencia, e no Petrarca, que he do tempo do nosso Rei D. Affonço V., saõ triviaes. He verdade que na traducçaõ da Bulla de dispensa para casar ElRei D. Joaõ I. referida por Fernaõ Lopes a pag. 281 da segunda parte da sua Chronica vem o superlativo *Christianissimo*, mas isto deve-se reputar latinismo, como se colhe de muitos lugares da mesma traducçaõ; e se preciso fosse, nós o provariamos de modo, que naõ padecesse dúvida. Tambem he certo que na terceira parte da mesma Chronica, que he continuaçaõ feita por Gomes Eannes de Azurára, pag. 98 se encontra o superlativo *serenissimo*, e logo abaixo *serenissimo*, e *illustrissimo* em clausula unida; mas tenho toda a razaõ para crer, que taes superlativos nunca sahíraõ da penna de Gomes Eannes; porque, além de se naõ encontrarem em toda aquella obra, que naõ he taõ pequena, que naõ contenha 283 pag. de fol., achando-se em muitos lances sublimes, como o seu antecessor Fernaõ Lopes, onde deveria fazer uso expresso dos superlativos, para exprimir com grandeza, e sublimidade conveniente á materia, nem hum, nem outro se servio delles. Está-se claramente conhecendo que estes superlativos foraõ enxeridos por maõ estranha, e que tirados dos lugares, onde se achaõ, fica a oraçaõ mais pura, e mais conforme á frase daquelles tempos em semelhantes casos: quando pelo contrario no lugar em que os vemos, constituem clausulas viciosas, naõ só pela má disposiçaõ destes, e de outros superlativos anteriores, como, porque em vez de augmentar o sentido da expressaõ antecedente, diminue a idéa nella incluida. Esta Chronica composta por Fernaõ Lopes, e acabada por Gomes Eannes, naõ foi publicada como hum monumento de eloquencia historica, e pureza de linguagem, mas sim para excitar a Naçaõ á defeza, em que se achava empenhada na longa e sanguinolenta guerra da Acclamaçaõ; e por isso o editor applicado inteiramente aos factos, pouco cuidado lhe deveo a expressaõ; antes fez nella algumas alterações, para que ficasse de mais facil intelligencia, unico objecto a que se dirigio. Constando pois esta Chronica de mais de 1200 pag. in fol., só estes superlativos se encontraõ em huma taõ grande compilaçaõ de factos bellicos, politicos, co-

mo-

moraes, onde em muitos delles a ſublimidade do eſtylo, e a velocidade da narraçaõ obrigaria a ſervirem-ſe deſtes ſuperlativos reſumidos, para com mais vivacidade haverem de exprimir as grandes idéas, que ſe incluiaõ na ſua narrativa. Tanto eraõ ignorados os ſuperlativos de hum ſó termo, que ainda meſmo no reinado de D. Manoel, e parte do de D. Joaõ III. rariſſimos Eſcritores uſáraõ delles com liberalidade. Em Bernardim Ribeiro tanto na proſa, como no verſo, nem hum ſó ſe encontra. Nas Chronicas de D. Duarte, e D. Affonſo V. compoſtas por Ruy de Pina, e ultimamente publicadas pela Academia Real das Sciencias, apenas ſe achaõ tres vezes; a pag. 199, 452, 509, a ſaber *ſereniſſimo* huma vez, *grandiſſimo* duas, e eſte ultimo me lembro ter encontrado varias vezes em Garcia de Reſende; de modo que até a eſta epoca parece, que ſó hiaõ tendo algum uſo eſtes quatro ſuperlativos de hum ſó termo *ſereniſſimo*, *illuſtriſſimo*, *Chriſtianiſſimo*, *grandiſſimo*, unicamente applicados a teſtas coroadas.

Os ſuperlativos, de que entaõ mais uſo havia eraõ os compoſtos; como: —— muito bem aventurado, —— muito excellente, —— mui letrado, —— muito alto Deos: —— que exprime o meſmo, que —— bem aventuradiſſimo, —— excellentiſſimo, —— doutiſſimo, —— altiſſimo Deos: —— do que ſe achaõ exemplos a cada paſſo em Fernaõ Lopes, e outros. Uſavaõ tambem de ſuperlativos comparativos, como ſe vê em Gomes Eannes, na Chronica de D. Joaõ I., pag. 137. *A mais ſanta de todas as creaturas.* e a pag. 176 —— *Muito peor.*

Para ſuprirem a falta dos ſuperlativos de huma ſó formula, ſerviaõ-ſe á maneira dos Hebreos da combinaçaõ dos dous termos indeterminados, que coſtumaõ elevar o poſitivo a ſuperlativo deſte modo: —— *mui muito.* —— Como em Fernaõ Lopes ſe obſerva a pag. 199 da primeira parte da mencionada Chronica: —— Gente de pé *mui muita* ſem conto: —— note-ſe de caminho a redundancia de idéa no pleonaſmo conſtituido na ſegunda clauſula —— *ſem conto*: —— eis-aqui verdadeiramente o que he eſtylo diffuſo.

Careciaõ de parte feminina os ſubſtantivos, ou por melhor dizer, adjectivos verbaes em *or*; como *ajudador*, *creador*, *morador*, *merecedor*, *regedor*, *tutor*, *vingador*, *ſabedor*, &c.; o que ſe nota em Fernaõ Lopes na meſma Chronica, part. 2.a, cap. 3., tratando dos privilegios, que ElRei D. Joaõ I. deo á Cidade de Lisboa pelos ſerviços que ella lhe tinha feito. . . . . . *Por a di-*

dignidade, que nos Deos deo, de que foi ajudador *a dita Cidade.* —— et ibi ——: ..... *porque vendo elle como a Cidade de Lisboa fora a verdadeira madre*, e creador, *destes feitos, non satisfazia a seus dezejos os privilegios, e liberdades que lhe dado tinha, parecendolhe mui singello galardaõ em respeito do que era* merecedor. —— Na primeira part. pag. 390: —— *E naõ sómente deo dos bens delle, mas ainda de Maria Annes Leitoa sua manceba*, morador *em Lisboa, se achassem que fugira com elle.* —— A pag. 179 da part. II. —— ..... *pertencentes para governar as gentes delles* (*reinos*) moradores. —— Naõ só pelos Escritores daquella idade, mas ainda por alguns dos posteriores se prova o mesmo, como se colhe de Ruy de Pina em muitos lugares de que bastará sómente allegar hum exemplo por brevidade ——: ..... *E a entregou aa Yfante Dona Briatriz como* titor, *que era do Duque Dom Diogo seu filho.* —— A mesma falta se deve notar no vocabulo *Infante* quando significa filho de Rei; o qual termo he rigorosamente hum adjectivo que naõ tinha *Infanta* parte feminina como ao depois vêo a ter, e se comprova com o mesmo exemplo, que acabamos de referir, e de outros muitos naõ só dos allegados historiadores Fernaõ Lopes, e Gomes Eannes, que por frequentes, naõ transcrevemos; mas da maior parte dos Escritores do Seculo de 500. O mesmo se notava em alguns adjectivos patrios, que careciaõ de parte feminina, como em *Portuguez*, cujos exemplos por frequentes nos dispensaõ de allegar mais do que o que se segue, transcrito da mesma Chronica composta por Fernaõ Lopes a pag. 464 da segunda parte: ..... *ElRei chamou sua filha pera acerca de sy ..... e aquelle Monsieur Johaõ especial procurador para esto com graõ reverencia tomou a maõ della direita, e em linguagem* Portuguez ..... *disse estas seguintes rezões* &c.

Carecia tambem de alguns adjectivos numeraes — ordinaes, como *duodecimo*, e *decimoitavo*, que exprimiaõ pelos seus cardinaes *doze*, e *dezoito*; como veremos nos seguintes exemplos extrahidos do prologo da terceira parte da mencionada Chronica continuada por Gomes Eannes de Azurara: —— *E no* doze *capitulo de Thobias se lê ..... E por tanto em o* dezoito *capitulo de Sam Lucas se diz*, &c. —— He bem verdade, que se o numeral estivesse pospoſto, nem se mostraria o erro de Lingua, nem se conheceria a falta, naõ havendo anticipada averiguaçaõ, que a verificasse.

Tambem parece, que naõ existiá o collectivo numeral *mi-*

evi-

evidente da pouca variedade do estylo. (*a*) Contribuia para tudo isto o máo uso dos possessivos, constituindo

---

lhaõ; pois, além de me naõ lembrar de o ter jámais visto em escritos daquelle tempo, o seguinte exemplo extrahido de Gomes Eannes de Azurara, pag. 281 da mesma Chronica assás o comprova: —— *Como poderamos saber a desordenança d'ElRei Xerxes, quando elle com* mil, *e oitenta mil homens de armas, e com mil navios passou em Grecia.* —— Daqui se vê, que entaõ pelo numeral *mil* se exprimia *milhaõ*; como se deixa ver no primeiro *mil* da passagem transcrita: nem eu duvido, que naõ existisse este collectivo; porque, além do pouco numerario, que entaõ circulava, o commercio, que foi quem deo talvez, e ampliou, auxiliado das Mathematicas puras, toda a extensaõ discreta da computaçaõ numerica, naõ era a centesima parte do que vêo a ser depois dos descubrimentos, e da restauraçaõ das Artes na Europa. Inda mesmo nos Authores do Seculo de 500. naõ se acha o termo *milhaõ* applicado a moeda, que em seu lugar, quando fallavaõ do numerario, diziaõ *hum conto de ouro.*

Naõ tinha tambem o nosso Idioma *isso*, *isto*, *aquillo*, partes neutras dos pronomes demonstrativos *elle*, *esse*, *este*, *aquelle*, a que suppria com *ello*, *esso*, *esto* ou *aquesto*, *aquello*; e posto que bem supprido, ficáraõ mais suaves as terminaçóes, que agora conservaõ.

(*a*) Isto se prova sem muita difficuldade. A cada passo se vem nos escritos de Fernaõ Lopes, Gomes Eannes, e ainda mesmo em Ruy de Pina expressados unicamente por *ardideza* os vocabulos: —— Valor, valentia, intrepidez, e fortaleza: para exprimir —— attrocidade, crueldade, deshumanidade, inhumanidade: —— serviaõ-se de *crueza* taõ sómente: exprimiaõ —— actividade, efficacia, instancia, teima, obstinaçaõ: —— por *afficamento.* —— Adulaçaõ, lizonja: —— pelo termo *louvaminha.* —— Afronta, desar, injuria, insulto, ignominia, revez, ultrajo, opprobrio, ludibrio, vituperio: —— eraõ exprimidos pela voz *cajom*, *ou cajaõ.* —— Narraçaõ, relaçaõ: —— eraõ simplesmente significados pelos substantivos *conto*, *recontamento.* Esplendor, resplendor, lustre: —— pelo vocabulo *resplandimento.* —— Affrontar, injuriar, insultar, vilipendiar, vituperar: —— por *doestar.* —— Pactear, capitular, render-se: —— por *preitejar.* —— Contar, calcular, sommar: —— por *montar*, *esmar*, e *apodar* que naõ deixaõ de ser sonoros, aos dous ultimos dos quaes

quasi

quaſi ſempre pleonaſmos groſſeiros, que fazem a oraçaõ pezada: (*a*) a indiſcreta diſpoſiçaõ das conjuncções, cuja

---

póde com fundamento dar algum etymologiſta derivaçaõ Grega. —— Ardente, audaz, fervido, guerreiro, valoroſo, impavido, intrepido, afouto: —— por *ardido*, *cavaleiroſo*, e *fouto*. —— Penſativo, imaginativo, imaginario: —— por *cuidoſo*. —— Irado, colerico, agaſtado, melancolico: —— por *ſanhudo*. —— Apreſſado, veloz, ligeiro, rapido, arrebatado: —— por *trigoſo*. —— As formulas adverbiaes —— *de maneira*, *de modo*, *de ſorte*, *de arte*: quaſi ſempre eraõ exprimidas por *de guiſa*. E outras muitas, que por brevidade omittimos. Eſta falta de variedade ſe vê tambem na eſtructura do ſeu periodo, cuja diſpoſiçaõ, e andamento ſempre igual, e monotonico o faz pezado e faſtidioſo: o que naõ preciſo provar por ſerem frequentes os exemplos.

(*a*) Eſte vicio naõ ſó foi commum aos Eſcritores deſta idade, mas tambem paſſou a muitos do Seculo de Quinhentos, e ainda agora ſe vê nos melhores eſcritos de Heſpanha, quaes os de Cervantes, a pezar de ſer o mais elegante e harmonico de todos os Eſcritores Caſtelhanos, o que tambem ſe póde affirmar dos noſſos Authores, ainda dos mais modernos. Para maior clareza, e para que eſte vicio de todo ſe venha a emendar, apontaremos alguns exemplos. Na Chronica de D. Joaõ I. por Fernaõ Lopes, part. 1.ª pag. 155 —— ..... *dizendo que queria fallar com elles algumas couſas, que eraõ de ſeu proveito delles.* —— O poſſeſſivo *ſeu* diz relaçaõ ao pronome *elles*, por iſſo a clauſula derradeira *delles* he redundante e socioſa; porque ſem ella fica a oraçaõ perfeita. Logo mais abaixo ſe vê outro poſſeſſivo vicioſo numa oraçaõ aſſaz exquizita, porque he ao meſmo tempo activa, e paſſiva: —— ..... *iſſo meſmo, que hajamos a meude novas de noſſos imigos, por nos deſviarmos de* ſeu *damno* delles: —— he activa a conſequencia da propoſiçaõ, conſiderando o termo *damno* producto da acçaõ activa da palavra *imigos*, a quem ſe refere a clauſula *delles*: e he paſſiva a reſpeito do pronome relativo *nós*, como objecto ſobre quem recahe a acçaõ do termo *damno*. Inda que eſte genero de conſtrucçaõ poſſa ter lugar algumas vezes, eu ſempre o evitara, porque he muito capaz de produzir anfibologia, e por conſequencia eſcuridade na oraçaõ, vicio de que todo o Eſcritor mais deve fugir. A pag. 207 da primeira parte: —— ..... *foram lhe dar novas da ſua vinda* delles. —— A pag. 254 ——

frequencia fazia a oraçaõ languida e fria: (*a*) a combina-

..... *pelo hir esposar com huma* sua *filha de Gonçalo Gomes*: —— eis-aqui redunda o possessivo sua, assim como nos seguintes exemplos. A pag. 377 —— ..... *e* sua *molher de Ayres Gonçalves estava com elle*, &c. —— A pag. 22 da segunda parte —— ..... *Payo Rodrigues* seu *cunhado deste Affonço Lourenço*. —— A pag. 29 —— ..... *e* sua *mulher de Ayres Gomes andava com as abas cheas de pedras pelo muro, dandoas aos que se defendiaõ.* —— Neste lugar está o possessivo fazendo as vezes de artigo: construcçaõ na verdade bem estranha, e naõ digna de se imitar. A paginas 192 —— ..... *e leixa dous alqueires a* seu *dono da mó*. —— A pag. 464 —— *Que se formosura, e feições do corpo*, *e* sua *graça dessa Dona Beatriz contentassem a seus Embaixadores.* —— Eis-aqui outra vez o possessivo fazendo as vezes de artigo, assim como logo abaixo no seguinte lugar: —— *E accontecendo sua morte delle primeiro*, &c. —— E a pag. 3 de Gomes Eannes de Azurara: —— ..... *e diz que o fundador della foi* seu *neto de Noé*. —— He necessario grande cuidado no manejo dos possessivos: muitos Escritores de nota tem claudicado no estylo por falta de advertencia no uso, que delles devem fazer.

(*a*) He certo que a frequencia, e a disposiçaõ viciosa das conjuncções prejudica muito ao estylo, fazendo-o frio, sem vida, e sem movimento. Naõ só Fernaõ Lopes, e Gomes Eannes de Azurara, mas todos os Escritores que depois delles vieraõ, sem exceptuar Barros, Couto, e o mesmo Vieira, nenhuma, ou quasi nenhuma attençaõ puzeraõ na distribuiçaõ das conjuncções: este defeito he commum a todos os Escritores de Hespanha, e naõ he huma das menores causas, por que a prosa Castelhana, e Portugueza se naõ tenha mostrado em tudo igual á prosa Franceza. Para se isto fazer evidente, basta que transcrevamos, e analysemos hum só exemplo, sem que precisso seja produzir mais provas. No fim do Cap. 92 da mencionada Chronica de Fernaõ Lopes, part. 1.ª —— *Os de Evora* (*elegeraõ*) *Diogo Lopes Lobo, e Joaõ Fernandes da Arca, e Lopo Rodrigues Pessanha, e assi outros, e começaraõ de lhe chamar Senhor.* —— Estas quatro conjuncções em periodo taõ limitado podiaõ-se muito bem reduzir a huma taõ sómente, substituindo á penultima a preposiçaõ *com*, e ficando a derradeira conjuncçaõ, pela qual começa o membro final do periodo. Este vicio inda se faz mais sensivel em narraçaõ historica; porque esta sempre deve ser rapida, nunca demorada, para se naõ embaraçar a intelligencia

çaõ

çaõ ocioſa de algumas vozes negativas: (*a*) a accepçaõ barbara de prepoſições tomadas como adverbios negativos: (*b*)

---

do que ſe expõe ao juizo do leitor; o que naõ ſó ſe ha de entender na eſcolha, e na diſpoſiçaõ dos factos que devem formar o corpo da hiſtoria; mas tambem na organizaçaõ mechanica da expreſſaõ; porque ſendo as conjuncções huma eſpecie de laços, embaraçaõ, pela nimia frequencia, o fio da narraçaõ, e produzem eſcuridade.

(*a*) Tambem ſe praticava hum notavel defeito de fraſe na conſtrucçaõ de algumas vozes negativas, como ſe vê em Fernaõ Lopes, part. 1.ª pag. 49 da dita Chronica: —— Nenhum nom *reſpondeo*: —— vicioſa redundancia conſtituida no monoſyllabo *naõ*: o meſmo ſe obſerva no ſeguinte exemplo: —— ibi. part. 2.ª, pag. 301 —— ..... *e aprouve a Deos* nenhum nom *morrer.* —— A pag. 341 —— *Jeſu Chriſto ..... no Evangelho diz, que do poſtrimeiro dia* nenhum nom *era ſabedor.* —— E em outros muitos lugares, que por brevidade naõ ſe apontaõ. Eſta uniaõ incongruente de vozes he huma eſpecie de contradicçaõ groſſeira, que desfigura notavelmente o eſtylo; mas a ignorancia daquella idade deſculpa eſte, e outros defeitos proprios da infancia das Linguas.

(*b*) Eſte he hum dos mais inſignes abſurdos, que desfigurava a Syntaxe Portugueza. Quem dirá que huma prepoſiçaõ toda Latina no ſom, e na regencia, a qual tanto naquelle Idioma como no Portuguez ſempre pedio hum ablativo, ainda meſmo quando na noſſa Lingua ſe ajunta a hum verbo em qualquer inflexaõ que ſeja do infinitivo; porque quando dizemos *Joaõ eſtava ſem fazer couſa alguma*: —— o reſto do inciſo, que eſtá depois da propoſiçaõ *ſem* he hum ablativo; porque eſta particula denota privaçaõ ao ſentido reſultante das vozes combinadas que depois della eſtaõ, e da qual por iſſo meſmo tem neceſſaria dependencia, pois que ella lhes dá tom, e valor: quem diria pois, que eſte monoſyllabo, que nunca perde a natureza de prepoſiçaõ no noſſo Idioma, havia de ſignificar huma negaçaõ affirmativa? Em fim a prepoſiçaõ *ſem* ſignificar *naõ* junto a hum gerundio de qualquer verbo activo, a hum pluſquam perfeito conjunctivo dos verbos ſubſtantivos *ſer*, e *eſtar* empregados na oraçaõ como preſentes infinitivos, ſó huma quantidade de exemplos o poderá demonſtrar, e fazer crer, que exiſtiſſe na noſſa Lingua huma corruptella, que naõ tem exemplo nas outras. Fernaõ Lopes na dita Chronica, part. 1.ª, pag. 149 ——

erros de generos: (*a*) verbos mal conjugados: (*b*) par-

..... *leixemos a ElRey daſſeſſego com todas ſuas gentes, atè que venha ſua frota*, ſem *tendo por hora mais que contar delle.* —— A pag. 290 —— ..... *dando tal eſpanto no ſeu arrayal, que lhes parecia, que grande boſte de gentes o perſeguia, de guiſa que fugirom todos*, ſem *curando de levar coiſa alguma.* —— A pag. 309 —— *Nuno Alvarez mandou emtaõ, que naõ combateſſem mais, ca poderiom percer alguns*, ſem *podendo fazer couſa, que muyto aproveitaſſe.* —— A pag. 15, part. 2.ª —— *A eſto reſponderom todolos ..... que preſentes erom, dizendo, que de todo o que diſſera lhes prazia muyto, e que aſſi o entendiom de fazer* ſem *lhe declarando porém o Conde, que terra haviom de levar.* —— O meſmo ſe vê a pag. 243, 317, 455, 438 e em outros muitos lugares. Iſto quanto ao vicio de valer a prepoſiçaõ *ſem* naõ. Vamos agora aos exemplos do barbariſmo conſtituido nos gerundios, valendo eſtes hum preſente infinito. A pag. 51 da primeira parte da meſma Chronica: —— *E muytos dos que chegavaõ ao Meſtre ..... ſabendo parte de taes haveres ..... pediaõ que lhes fizeſſe delles merce, e elle .....* ſem *ſabendo ſe era muito ſe pouco, outorgava-lhes quanto pediaõ.* —— A pag. 62: —— ..... *e hum dia chamou ſeu filho*, ſem eſtando *hi outrem.* —— A pag. 100: —— *Outros do conſelho vendo como ElRey havia grande deſejo de entrar em Portugal*, ſem curando *dos trautos ..... louvavaõ tudo o que elle razoava, dizendo, que era muito bem de entrar logo em Portugal ſem* curando *de nenhumas avenças.* —— E a pag. 109, 135, 209, 257, 296, 309, Part. II. pag. 155, 286, 302 bis, 314, 344, 350, 353, 370, 388, &c.

(*a*) Os nomes Subſtantivos ſempre tiveraõ a indole, que as ſuas deſinencias lhes indicáraõ, com aquellas excepções, que lhe preſcreveo a neceſſidade proveniente de varias circunſtancias: por exemplo, os Subſtantivos em *a* na Lingua Portugueza foraõ ſempre do genero feminino, excepto, *apothema*, *diadema*, *epigramma*, *idioma*, *idiota*, *poema*, *ſyſtema*, *thema*, e outros, que ſaõ verdadeiramente Gregos. Neſta conformidade de analogia foi conſignado o genero feminino aos nomes em *agem*: como, *anchoragem*, *bagagem*, *carnagem*, *carriagem*, *coragem*, *equipagem*, *eſtalagem*, *fardagem*, *ferragem*, *hoſpedagem*, *imagem*, *linguagem*, *linhagem*, *matelotagem*, *paſſagem*, *perſonagem*, *portagem*, *tanoagem*, *ventagem*, *viagem*. Eſta norma vemos conſtantemente obſervada em todos os eſcritos, ainda

os

os mais antigos do Idioma Portuguez: mas o contrario se vio no termo *linhagem*, o qual contra o systema da Lingua fizeraõ os antigos do genero masculino, como se prova dos seguintes exemplos: Fernaõ Lopes part. I., pag. 57, da sua tantas vezes allegada Chronica: —— *E nos posto que já fallassemos algumas cousas deste Nunalvarez, seus gloriosos feitos adiante escritos, convem que espertem perguntar alguns du veo* seu linhagem. —— Pag. 314: —— *E outros honrados discipulos se chegáraõ depois a Nuno Alvares, para lhe ajudar a pregar este Evangelho Portuguez, cuja perseveráçaõ foy a elles, e a* seu linhagem *subir a grande honra, e accrescentamento.* —— Pag. 341: —— ..... *porque filhos de homens de baixa condiçom, que nom compre dizer, por seu bom serviço, e trabalho neste tempo, foraõ feitos cavaleiros, chamandose logo de* novos linhagens, *e appelidos.* —— O mesmo se vê practicado a pag. 342, 381, 406 bis: part. II. pag. 26, 213 bis, 263, 273, 281, 282, 305, 375, 377, e em outros muitos lugares. O mesmo acconteceo ao substantivo *arvore*, que faziaõ do genero masculino; mas neste póde haver desculpa, pois seguíraõ o genero, que trazia do Latim, assim como na Lingua Castelhana. Fernaõ Lopes na mesma Chronica, part. I. pag. 74: —— *Pareceome que fostes taes com esse medo, que vos pozeraõ ..... como a raposa, que esteve ao pé* do arvor, &c. —— Até a terminaçaõ neste exemplo he Latina. Esta mesma corruptella seguíraõ alguns Escritores do Seculo de Quinhentos, taes como Francisco de Moraes author do *Palmeirim*; mas com razaõ naõ foraõ seguidos: com tudo eu me admiro, como tambem nisto naõ tem sido imitados por tantos, e taõ supersticiosos adoradores dos Quinhentistas no nosso tempo; mas inda naõ tardaõ á vista dos hediondos archaismos dos prologos de algumas ediçóes modernas de escritos daquelle Seculo, especialmente do da Collecçaõ das obras do Bispo D. Antonio Pinheiro, e de todos os mais authores publicados pelo mesmo editor, que saõ huns verdadeiros monumentos de máo gosto, e barbaridade Gothica.

(*b*) Tambem nas conjugaçóes dos verbos existiaõ erros consideraveis, como por exemplo: —— O verbo Substantivo *ser*, que faz *sou* na primeira pessoa do presente indicativo, fazia *sam*: defeito notavel de conjugaçaõ, que além de se apartar da norma natural, e legitima da declinaçaõ verbal naõ só no nosso Idioma, mas tambem em todas as Linguas sabias, que tem origem da Latina, causava equivocaçaõ formal com a

ter-

terceira pessoa do plural do mesmo tempo, e com a parte masculina, e neutra do adjectivo *sam*. Esta corruptella durou até Bernardim Ribeiro, e ainda della usáraõ alguns Quinhentistas, ficando destinada para o estylo Comico, e della se servio Camões nas Comedias. Isto se prova por muitos exemplos em Fernaõ Lopes, part. I., pag. 138 bis, 170, 202: part. II., pag. 44, 85, 87, 177, 247. Gomes Eannes, pag. 71, 78, 120, 131, 134, 171, 274, &c. O verbo *sentir* fazia *sento* na primeira pessoa do presente indicativo, e posto que tambem se equivocasse no som com o collectivo numeral *cento*, parece que assim devêra ser, seguindo a norma da 2.ª, e 3.ª pessoa do mesmo tempo no singular, e da 3.ª do plural; mas nisto julgo que o gosto sacrificou a razaõ á harmonia, o que he, e foi sempre muito usual em todas as Linguas sabias. Gomes Eannes de Azurara, pag. 171: —— ..... *dizei-lhe que eu tenho provizaõ por agora que me baste para mim, e para minha frota, e que aquella* sento *que sera melhor pera elle.* —— A pag. 231: —— ..... *esto lhe invio dizer pela vontade boa, que lhe* sento *para semelhantes feitos.* —— Desta inflexaõ propria da Lingua Italiana, usáraõ alguns Quinhentistas, sem exceptuar o mesmo Camões que della se servio quasi sempre por necessidade de metro; como no Soneto 17, na Cançaõ 5 Estrofe 4, na Ecloga 15 Estança 18, na Esparsa 1, nas Redondilhas 17 Copla 1, na Volta 39 Copla 2. O mesmo se observa no seu composto *consentir*, que naõ fica conservando no significado correlaçaõ alguma com o seu simples. Fernaõ Lopes, part. II., pag. 465 ..... e assi *eu Monseur Joaõ Voltesira ..... como procurador do dito Dom Thomaz Conde: e de mandado seu especial recebo a vos Dona Breatriz, em molher do dito meu senhor Dom Thomaz Conde, e em seu nome* consento, *e elle em sua pessoa consente em vos assi como em sua mulher:* —— ibi: —— ..... *e em elle por vos medianeiro por vos* consento *de vontade.* —— E logo depois: —— ..... *por vos em nome do dito Senhor Conde recebida, e assi* consento *aaquellas cousas.* —— O verbo considerar, que na primeira pessoa do presente indicante faz *considero*, fazia entaõ *consiro*, na qual formula se incluia mais de huma corruptella. Gomes Eannes de Azurara, pag. 171 ..... *pareceme que quando* consiro *nos feitos deste homem*, &c. —— Desta inflexaõ *consiro* se fez ao depois *considro*, que ainda existe na linguagem da plebe, e ultimamente *considero*, que he o mais culto, e o de que ao presente usamos. Tambem este mesmo verbo fazia *consire*

na

na primeira, e terceira peſſoa do preſente conjuntivo, de que naõ aponto exemplos por ſervir á brevidade, e por ſerem communs. O meſmo vemos no verbo *fazer* mal conjugado na terceira peſſoa do preſente indicante, principalmente, quando ſe lhe ſegue artigo relativo *a*, ou *o*; como atteſta Fernaõ Lopes na primeira parte da ſua Chronica, pag. 51. —— *O Meſtre diſſe que lhe parecia muito bem*, *e* fezeo *aſſi*. —— A pag. 103 —— Fezeo *aſſi Martim Affonço*, *e* trouveo *ſeguro.* —— A pag. 174. —— *O Commendador como prendeo Alvaro Coitado*, fezeo *ſaber a ElRey*. —— Na ſegunda parte, pag. 152, 209, 225, 241, 259, 302, 221, e em outros muitos lugares. Eſta corruptella inda agora exiſte no dialecto de alguns póvos da Provincia de Traz os Montes, eſpecialmente nos de Bragança, e ſeu termo. O meſmo ſuccedeo ao verbo *trazer* na terceira peſſoa do preſente indicante, como ſe vê no allegado exemplo: —— Fezeo *aſſi Martim Affonço e* trouveo *ſeguro.* —— E deſte naõ aponto mais exemplos por ſerem triviaes, naõ ſó nos eſcritos deſta idade, mas tambem nos do Seculo de Quinhentos, e ſe achar ainda hoje na fraſe commua dos noſſos Saloios. O meſmo devemos reparar no verbo neutro *jazer*, cuja conjugaçaõ era taõ anomala, e aſpera, que parece incrivel: Eſte verbo na primeira peſſoa do preſente indicativo fazia *jaço*: nas terceiras do preterito perfeito *jouve*, *jouveraõ*: no futuro *jardõ*: no preſente conjunctivo *jaça*, *ças*, *ça*, &c.: no plusquam perfeito *jouveſſe*; como ſe moſtra nos ſeguintes exemplos: Fernaõ Lopes part. I., pag. 150 —— ..... *E que* jouveraõ *ſobre Portalegre cinco dias.* —— Gomes Eannes pag. 36 —— ..... *e viraõ aos noſſos do Reyno do Algarve*, *que* jaraõ *em ſuas quintas deſfigurados.* —— Fernaõ Lopes, part. I. pag. 195 —— ..... *e chegaraõ á Cidade do Porto*, *onde* jaçaõ *hum pouco folgando.* —— a pag. 48 —— ..... *para que eu* jouveſſe *dormindo e me mataſſem.* —— E a pag. 177 da II. parte bis. Suſpendamos aqui a noſſa inveſtigaçaõ neſte ponto, nem ſerá preciſo eſgotar todas as materias grammaticaes que neſte eſcrito ſe offerecem ao noſſo exame, pois tudo quanto a eſte reſpeito tratamos he acceſſorio ao aſſumpto propoſto. Só nos reſta dizer, que poſto que notemos tantos defeitos nas conjugações dos verbos da noſſa antiga linguagem, devemos com tudo deſculpalos como incongruencias indiſpenſaveis á infancia do Idioma, o que ſe naõ póde dizer das que ainda ſe conſervaõ nelle ſobre eſte artigo, ſem que vejamos fazer a menor tentativa

ti-

ticipios mal conſtruidos, (*a*) mal derivados: (*b*) col-

pelas emendar: e ſe naõ digaõ-me a razaõ por que *farto*, *pago*, *livre*, *morto*, *gaſto* devem ſer ſupinos dos verbos *fartar*, *pagar*, *livrar*, *gaſtar*, *matar*; e naõ *fartado*, *pagado*, *livrado*, *matado*, *gaſtado* na voz paſſiva? Se me dizem, que o uſo *Quem penes arbitrium eſt, et jus et norma loquendi*, o authoriza, e approva; eu naõ me poſſo capacitar, que o uſo dos doutos authorizaſſe taõ palpaveis defeitos, como o de privar de voz paſſiva a eſtes verbos, conſtituindo, ſem neceſſidade, huma anomalia indeſculpavel. Que o uſo fundado na razaõ ſeja arbitro ſoberano em materia de Lingua, concedo, e tenho, que eſte he, e deve ſer o ſentido genuino das palavras de Horacio: mas fique por hora aqui eſta queſtaõ, que eſpero diſcutir expreſſamente, quando ſe me offerecer opportunidade.

(*a*) Notaveis defeitos ſe obſervaõ na conſtrucçaõ dos participios; por exemplo: Fernaõ Lopes a pag. 140 da primeira parte da ſua Chronica diz: —— *Ora aſſi foi que eſte frade neſta embaixada era muito amigo e* conhecente *daquelle Judeo Dom David Negro.* —— *Conhecente* ſendo participio do preſente, eſtá como participio do preterito, por conſequencia mal conſtruido; mas oxalá todas as corruptellas foſſem deſta qualidade, porque ao menos ella he ſonora, e naõ produz obſcuridade na oraçaõ. O meſmo ſe deve julgar do participio do preſente *parecente* a pag. 22 da ſegunda parte: —— *Ayres Gomes havia formoſo, e bem* parecente *corpo.* —— que eſtá por *parecido* participio do preterito; e no lugar em que eſtá he erro, porque denota ſentido abſolutamente paſſado, como ſe moſtra com mais evidencia, abreviando o periodo deſte modo: *Ayres Gomes era já velho, e em moço teve corpo bem* parecente. A pag. 122 da primeira parte diz o meſmo Fernaõ Lopes: —— *O Meſtre em quem naõ fallecia, mas antes era em elle* avondoſa *diſcriçaõ* —— e a pag. 338, part. II. —— *ElRey mandou a elle Dom Fernaõ Rodriguez, e pero foſſe peſſoa notavel, e* avondoſo *de muyta razom.* —— Eis-aqui eſtá neſtes dous exemplos *avondoſo* participio do preterito, devendo ſer abundante, participio do preſente. O meſmo ſe vê no uſo que Gomes Eannes fez de *veneroſo*, pag. 144 deſte modo: *Amava muito a* veneroſa *caſtidade*. *Venoroſo* participio do preterito do verbo *venerar* eſtá por *venerando* participio do futuro, e outros deſta natureza, que, como já diſſe, naõ me deſagradaõ, poſto que mal conſtruidos.

(*b*) Eſta corruptella de participios mal derivados, naõ he muito lo-

locações estranhas, que constituindo hyperbatos enormes

---

significante. Segundo a natureza e analogia das conjugações dos nossos verbos, aquelles cuja desinencia no presente infinito acabaõ em *er* devem fazer o participio do preterito em *ido*: digo participio do preterito, porque a nossa Lingua naõ tem formula consagrada ao supino, assim como a Latina; e por isso o nosso participio do preterito naõ se ha de formar do supino, como no Latim, segundo crê o commum dos Grammaticos, posto que verdadeiramente a raiz da formaçaõ do supino Latino seja o participio do preterito, porque he propriamente o seu accusativo, e ablativo: a razaõ assim o persuade, pois que o continente he quem dá norma ao conteudo, e naõ este áquelle. Saõ logo mal derivados os participios seguintes:

Conteudo.	- - - - - - - - -	Contido.
Creudo.	- - - - - - - - -	Crido.
Deteudo.	- - - - - - - - -	Detido.
Despezo.	- - - - - - - - -	Despendido.
Defezo.	- - - - - - - - -	Defendido.
Escolheito.	- - - - - - - - -	Escolhido.
Manteudo.	- - - - - - - - -	Mantido.
Misterioso.	- - - - - - - - -	Precisado.
Reteudo.	- - - - - - - - -	Retido.
Sabudo.	- - - - - - - - -	Sabido.
Teudo.	- - - - - - - - -	Obrigado, ou Tido.
Veneroso.	- - - - - - - - -	Venerando.

Destas derivações erroneas nascem alguns inconvenientes; quaes saõ desinencias pouco sonoras, como as em *udo*: significações torcidas, e que naõ tem muitas vezes analogia com o que se quer exprimir, como se vê no participio *misterioso*, que parece absolutamente derivado de mysterio, que significa *segredo*: ora que affinidade tem a significaçaõ de *necessitado* com a do adjectivo *misterioso* convertido erradamente em participio? Este adjectivo de que os antigos se serviraõ como participio de *mister* verbo defectivo, que raramente deixa de exprimir sentido futuro, e nunca se construe, sem hum auxiliar, devêra ser *misteroso*, conservando a figurativa da raiz da sua formaçaõ; e se naõ agradasse por pouco sonoro, fizessem *menesteroso* á Castelhana; e ficava vencida a difficuldade; mas porque naõ agradáraõ talvez estas inflexões, ficou o participio *misterioso* de todo obsoleto,

 fa-

faziaõ o periodo eſcuro, e barbaro: (*a*) deſinencias aſpe-

---

e ſupprido por dous participios de verbos regulares *preciſado*, *neceſſitado*. Porém deſtas incongruencias, naõ ſó havia na lingua antiga, mas tambem na moderna, como vemos nos verbos *fazer*, *desfazer*, *contrafazer*, que fazem *feito*, *desfeito*, *contrafeito*, e naõ *fazido*, *desfazido*, *contrafazido*, exceptuando *eſcorreito* participio do verbo *eſcorrer* combinado com o adjectivo *ſaõ*, por ſer mais harmonioſa a formula *ſaõ e eſcorreito*, que *ſaõ e eſcorrido*. Mas taes anomalias ſaõ de todas as Linguas. Tambem aqui vemos *veneroſo*, que ſendo participio do futuro, tem deſinencia de participio do preterito. Aqui me occorre fazer huma breve reflexaõ a reſpeito do que diz Duarte Nunes de Leaõ, que no ſeu Livro da *Origem da Lingua Portugueza* affirma, que o noſſo Idioma naõ tem participios do futuro: no que manifeſtamente ſe enganou; porque naõ ſó tem participios do futuro activos, mas tambem paſſivos; e todos exiſtentes na noſſa Linguagem muito antes delle exiſtir, os quaes ainda agora, excepto o primeiro que ſe ſegue, ſaõ do maior uſo; a ſaber: o antigo *cumpridouro*, *futuro* participio do verbo ſubſtantivo, *vindouro*, os quaes dous ultimos ficáraõ conſervando a terminaçaõ, que tinhaõ no Latim, e *merecedor*. Havia tambem *abominando*, *caſadoura*, *eſtupendo*, *execrando*, *furibundo*, *horrendo*, *infando*, *iracundo*, *miſerando*, *moribundo*, *nefando*, *oriundo*, *pudibundo*, *reverendo*, *ſitibundo*, *tremebundo*, *tremendo*, *venerando*, e outros de que tanto ſe aproveitou Camões, que trouxe quaſi todos do Latim para o Portuguez, dos quaes tanto nos ſervimos agora eſpecialmente na Poeſia; poſto que alguns naõ andem empregados em ſignificaçaõ futura, como *furibundo*, *horrendo*, *iracundo*, *oriundo*, *pudibundo*, e *ſitibundo*.

(*a*) Eſtas inverſões foraõ mais uſadas dos antigos Eſcritores, porque como ſe achavaõ na infancia da Lingua, que por falta de bons eſcritos ſe moſtrava ſem caracter, ſe ſerviaõ dellas na ſuppoſiçaõ, que viriaõ a ſer taõ acceitas na Lingua Portugueza, como já entaõ eraõ na Italiana, onde ficáraõ permanecendo. Mas o goſto foi pondo em eſquecimento eſtes hyperbatos, e adaptando ás palavras a ordem natural do diſcurſo, fez que a elegancia, e a clareza fixaſſem o caracter ao noſſo Idioma. Para provar iſto, naõ ha preciſaõ de apontar exemplos, ſabendo-ſe, que Fernaõ Lopes, e Gomes Eannes de Azurara nolos offerecem com frequencia, e que dos Quinhentiſtas os que mais evitáraõ eſta para nós vicioſa diſpoſiçaõ na proſa, e

ras,

ras, (*a*) além de outros muitos vicios de elocuçaõ, que offuſcavaõ o reſplendor de algumas bellezas nativas, que

---

imprimíraõ neſta o caracter, que ficou conſervando foraõ: Sá de Miranda, o grande Joaõ de Barros, Diogo de Couto, e Fernaõ Mendes Pinto: ultimamente o Orador Vieira a elevou á maior perfeiçaõ, purgando-a de todos os defeitos, que mais ſenſivelmente a desfiguravaõ.

(*a*) Todas as Linguas na ſua infancia tem aſſaz de deſinencias aſperas: com muita mais razaõ as havia de ter a Lingua Portugueza, pois tendo Portugal ſido ſubjugado por tantas naçóes barbaras, forçoſamente havia de ficar o Idioma chêo de muitos ſons aſperos, e deſinencias Gothicas, que o Goſto foi pouco e pouco abolindo e mitigando, de que inda conſerva naõ poucas reliquias. Sirvaõ-nos de exemplo as ſeguintes dicçóes; que apontára mais, ſe me naõ tivera já demorado em outras inveſtigaçóes, e a natureza do eſcrito m'o permittíra:

Ancoraçom. - - - - - - - -	Ancoragem.
Caſtellaõ. - - - - - - - -	Caſtelhano.
Eſturiaõ. - - - - - - - -	Aſturiano.
Egypciaõ. - - - - - - - -	Egypciano.
Romaõ. - - - - - - - -	Romano.
Companhaõ. - - - - - - - -	Companheiro.
Deſvairaçom. - - - - - - - -	Variedade.
Diſputaçom. - - - - - - - -	Diſputa.
Deſafiaçom. - - - - - - - -	Deſafio.
Difamaçom. - - - - - - - -	Maledicencia.
Excuſaçom. - - - - - - - -	Deſculpa, eſcuſa.
Igualaçom. - - - - - - - -	Igualdade.
Livridom. - - - - - - - -	Livramento.
Barregan. - - - - - - - -	Meretriz.
Creudo. - - - - - - - -	Crido.
Deteudo, Teudo. - - - - - -	Detido, Tido.
Proveudo. - - - - - - - -	Provido.
Manteudo. - - - - - - - -	Mantido.
Reteudo. - - - - - - - -	Retido.
Sabudo. - - - - - - - -	Sabido.
Sanhudo. - - - - - - - -	Irado.
Trom. - - - - - - - -	Bombarda.
Orizaõ. - - - - - - - -	Horizonte.
Sandeo. - - - - - - - -	Tonto.

já de longe annunciavaõ aquella feliz disposiçaõ de graças naturaes, (a) com que se mostrou a Lingua Portugueza

Increo.	- - - - - - - - -	Incredulo.
Adur.	- - - - - - - - -	Apenas.
Adu.	- - - - - - - - -	Donde.
V.	- - - - - - - - -	Onde.

Conheço com tudo, que algumas destas desinencias, que naõ approvo, concorriaõ para variar as harmonias na composiçaõ, porque nem todas as dicções devem ser igualmente doces, e harmonicas; e a sello; isso mesmo era hum inconveniente, pois que de palavras mais e menos sonoras, mais e menos suaves se organiza o periodo harmonico, e se varia mesmo essa harmonia, que sem esta condiçaõ subsistiria no discurso huma insupportavel nausea. Com tudo, sempre devemos notar, naõ só o grande número de sons rudes e dissonantes na antiga Linguagem; mas tambem o de syllabas surdas, que desterravaõ a harmonia do periodo; porque sendo ella hum composto de diversas melodias, a combinaçaõ dellas produz a harmonia de cada periodo, que formando hum corpo extenso pela uniaõ de outros muitos periodos, constitue a totalidade da harmonia continua, que em toda a composiçaõ se deve mostrar, segundo a sua qualidade. Estes sons asperos e surdos foi desterrando a Poesia, mas naõ deixaõ de subsistir ainda muitos, como os em *aõ* cuja multiplicidade dá bem que fazer a quem conhece, que todo o estylo deve ter número proprio do seu genero. Mas este número, esta harmonia continua, em que consiste? Que preceitos nos indicaõ as suas qualidades, decencias, e variedades? Em que escritos se achaõ consignados? Quaes saõ os modellos, que se nos propõe? Qual he a divisaõ que o bom gosto faz desses modellos para tirar hum resultado verdadeiro, e nos dar huma idéa da harmonia da prosa? Eu nada vejo na Litteratura Portugueza sobre este assumpto, que requer escrito particular, onde hum author filisofo derrame todas as luzes que o máo gosto, e a ignorancia tem offuscado; porque o que anda escrito sobre esta materia num pequeno volume impresso ha 5 annos, naõ satisfaz, nem conduz o genio ao verdadeiro conhecimento da mais subtil e delicada parte da elegancia, que nunca póde ser calculada, nem conhecida, senaõ por quem for muito instruido, muito exercitado na composiçaõ, e guiado pelas luzes da mais severa e pura Dialetica.

(a) Basta a simples leitura dos dous, tantas vezes allegados nas

nas elegantes pennas de hum Barros, de hum immortal Camões.

---

historiadores Fernaõ Lopes, e Gomes Eannes de Azurara para dar huma prova cabal desta verdade. No mêo de tantas corruptellas, de tantas incongruencias, e defeitos, se está mostrando a cada passo aquelle espirito, aquella magestade taõ natural á Lingua Portugueza, aquella flexibilidade para todos os argumentos, aquella perspicuidade, aquella harmonia, que tanto, e taõ altamente a fazem recommendavel nos escritos de huma serie de Authores dignos do mais distincto apreço. As seguintes passagens, e elegancias do Sermaõ prégado por Fr. Rodrigo de Cintra em acçaõ de graças pelo alevantamento do sitio, que ElRei de Castella havia posto sobre Lisboa, referido, e analysado por Fernaõ Lopes na Chronica d'ElRei D. Joaõ I., part. 1.a cap. 151 nos dispensa de mais investigações sobre este ponto: —— *Paray mentes, e abri os olhos de vossos corações, esguarday como vierom dias em estes Reynos, e especialmente sobre esta Cidade, em que seus imigos a cercarom, e a pozerom em grande angustia, e por nossos peccados Portugal contra Portugal peleja, ficando tam pouca parte delle, que quasi nú, e desemparado perece todo, assi que toda a maldade em este tempo de grandes trevas em humas, e nas outras teve, e tem corrupta entençom.* —— Qual he o orador da nossa idade que executa pinturas taõ energicas, e fortes? Naõ se apresenta aqui com toda a sua dignidade a Poesia da prosa, que taõ desfigurada vemos agora, que mais move a riso, que a edificaçaõ? Naõ se deviza já nesta passagem aquella magestade de expressaõ, que tanto resplandece nos mais bellos Sermões do Orador Vieira? Qual he a prosa moderna, onde tantas idéas se vêm, tanta correcçaõ, tanto calor e movimento? Portugal nú, e desamparado exhalando a vida será nesta passagem pintura menos expressa, menos viva, do que seria nos traços de hum Graõ Vasco, ou de hum Francisco Vieira? Apresentaria o primeiro hum colorido mais forte? debuxaria o segundo feições mais expressivas? Tudo o que se segue está exposto com muita congruencia, e a pintura do Rei rasgando os vestidos, apparecendo o cilicio sobre a carne, está saltando aos olhos: os affectos estaõ muito bem excitados: he notavel a audacia poetica, com que pinta o Anjo de Deos, ferindo e exterminando o exercito de Senacherib: —— *Contou da Cidade de Hierusalem como fora cercada por Senacherib Rey de Syria, sendo estonce Ezechias Rey della, e como tendoa assi cer-*

DO

DO SÁ DE MIRANDA.

NEste estado se achava a Lingua Portugueza, quando o famoso Sá de Miranda entrou a florecer com seus escritos. Este Filosofo Poeta, rompendo por mil

---

cada, querendose Deos amercear della, ferira o Anjo de Deos huma morte no arraial, *e matara cento, e oitenta e cinco mil delles, e fugira ElRey sómente com dez homens com gram temor, e espanto, que houve.* —— Continúa pois o mesmo orador: —— *Ora, segundo esta Cidade estava attribulada, e ardendo a fógos de sua gram tribulaçam ..... disse o muy alto Rei celestial, Padre dos grandes, e Deos de toda a consolaçaõ no consistorio de sua sabedoria.* —— Depois de empregar muitas, e mui bellas elegancias, continua: —— ..... *atá que Deos percudio no seu primogenito filho ..... entom seu duro coraçom com espanto da triste morte se partio, e descercou esta Cidade, da qual cousa Deos com nosco fez muy grande misericordia.* —— E depois de empregar outras muitas bellezas de elocuçaõ, diz: —— *E assi ha de acontecer a ElRey de Castella, que se elle tornar a este Reyno com a tençam que leva, Deos lhe matará tantos dos seus primogenitos ..... que nunca mais haverá vontade de tornar a esta terra.* —— Vejaõ a simplicidade com que annuncia o seguinte pensamento, cuja sublimidade se faz recommendavel por si só, e mostra que a expressaõ segue o conceito: —— *Elle (Rey de Castella) pòem sua esperança em multidam de muita gente para nos destruir, sem porque, e nós esperamos em hum só Deos, que nos livrará de suas mãos.* —— *cheguemonos a Deos ..... cantemos ao Senhor cantar novo.* —— Veja-se nesta traducçaõ a candura do original. O epilogo he hum excellente rasgo de eloquencia: eu o transcrevo, sem que me demore em mais analyse. *Bento sejas tu, muy Alto Deos, Princepe dos Reys da terra, doce solaz dos attribulados, e muytas graças te damos, que nos quizeste ouvir, e do favo da tua doçura destilaste sobre nós a tam grande misericordia, abreviando os dias da nossa tribulaçom, que naõ fossem mais prolongados, que se mais tempo duráram, fora grande dúvida de o podermos soportar. Ati bem digam, e louvem todas as creaturas, e nós louvemos, e benzamos o teu sancto nome para sempre.* —— Este orador, pelo que vemos, naõ era do

obsta-

obſtaculos, que lhe oppunha hum Idioma pouco ou nada acoſtumado a operações poeticas, ſem modellos, ſem guia

---

vulgo dos prégadores mercenarios, e ſem genio, cuja loquella van nunca poderá fazer o effeito, que Fernaõ Lopes diz que fizera a eloquencia do orador *Cintra*, que de tal modo moveo os ouvintes; que ſe desfaziaõ em lagrimas. Mover he o fim da eloquencia: logo que ſe move, perſuade-ſe; eſte he o ſeu triunfo. Na pintura que faz eſte hiſtoriador das miſerias, que paſſava o povo de Liſboa no grande aſſedio que lhe poz ElRei de Caſtella em peſſoa, moſtra quanto a Lingua Portugueza era já capaz para o pathetico. No famoſo arrazoado, que nas Cortes de Coimbra fez Joaõ das Regras a favor do Meſtre de Aviz, ſe conhece de quanta vehemencia viria a ſer capaz no genero deliberativo: Na multiplicidade de pinturas bellicas, e funebres ſe patentêa a propriedade que viria a ter para traçar os grandes accontecimentos, e cataſtrofes, que tanto ſe avultáraõ nas narrações dos famoſos hiſtoriadores Barros, e Couto: A ſingelleza de muitos troços de dialogos, como o de Alvaro Paes, venerando Magiſtrado da Camera de Liſboa com o Meſtre de Aviz; o de Alvaro Vaſques de Goes com o meſmo, quando ſe quiz hir para Inglaterra; o de Diogo Lopes, e Joaõ Fernandes Pacheco ſeu filho com ElRei D. Joaõ I., quando eſtava para ſe romper a batalha de Aljubarrota; o de Eſtevaõ Rodrigues na tomada de Ponte de Lima, e outros muitos de que eſtá ſemeada eſta veneranda hiſtoria, moſtraõ a grande e natural propenſaõ, que o Idioma já naquelle tempo tinha para o eſtylo medio, e humilde na compoſiçaõ dramatica. A fraſe com que deſcreve a batalha de Aljubarrota, a dos Atoleiros, a de Valverde, e outras indica a propriedade, que havia de ter para o terrivel nos raſgos immortaes de hum Camões, de hum Ferreira, de hum Gabriel Pereira de Caſtro. Naõ fallo já no ſem número de elegancias eſparzidas por toda a obra, das quaes ſe póde inferir e conhecer a futura belleza do Idioma em todo o genero de compoſiçaõ, e os ſaes Atticos de que era capaz; como por exemplo: a pag. 397 da ſegunda parte da dita Chronica: —— *Fallando o Doutor Pero Sanchez . . . . . começou taõ longe ſeu raſoado, como os que prégam da Vera Cruz*, e vam buſcar á bocca de Adam aquelle páo de que foi feita. —— Adelgaçar deſpezas. —— Part. 1.ª pag. 312 —— . . . . . *aſſi o Meſtre . . . . . enviou Nuno Alvarez, e ſeus companheiros* a prégar pelo Reyno o Evangelho Portuguez. —— E a pag. 314 —— *E outros honrados*

mais

mais do que o exemplo dos metros Italianos, domando á rudeza da frase, e adaptando-a a infinitas combinações

---

discipulos se chegarom depois a Nuno Alvares para lhe ajudar á prégar este Evangelho Portuguez. —— A pag. 341 —— ..... *fazemos aqui a septima idade, na qual parece* se levantou outro novo mundo, *e nova geraçaõ de gentes.* —— O mesmo se percebe em Gomes Eannes de Azurara, naõ obstante ser a sua narraçaõ muito declamatoria, e ter hum estylo assaz carregado, e menos conciso, que Fernaõ Lopes. Saõ dignas de reparo as seguintes elegancias, que nelle se achaõ, fora outras muitas, que por brevidade omitto. No prologo —— ..... *toda a boa doaçam ..... de cima descende do* Padre dos lumes, *que sobre esto* esparge os rayos da sua bondade. A pag. 8. —— ..... *aquelles dous principios, que sam escritos* na primeira taboa pelo dedo de Deos. —— A pag. 19 —— *grosso engenho.* —— pag. 71 —— *dizendo que virom* outro melhor mundo: —— que he a mesma de Fernaõ Lopes, que nesta nota já fica transcripta. Veja-se que arrôjo de imaginaçaõ naõ he a seguinte passagem a pag. 112. —— *Naõ sei se falle aqui como Gentio, mas por certo eu penso, que os ossos dos finados desejavam ser vestidos em carne onde estavam gastados em suas sepulturas, para serem companheiros de seus filhos, e parentes no ajuntamento daquelle feito, e direitamente podemos dizer, que se os vivos tinham ledice; que as almas daquelles, que por resplendor divinal sabiam a verdade desto, se alegravam muyto mais.* Naõ ha dúvida que este enthusiasmo lá he incompetente; pois que, se na prosa deve ter lugar, só deve ser no genero demonstrativo; mas todo o estylo deve ser animado, e defeito por defeito, seja o que mais agrada: passe tambem à macula de inchaçaõ que se nota nas palavras, —— *que por resplendor divinal sabiam a verdade desto,* —— que deixará de ser defeito se *resplendor* significar, como certamente significa neste lugar, *illustraçaõ*: isso naõ obstante, naõ deixa de ser hum rasgo sublime, posto em seu lugar. Estes Escritores naõ deixáraõ de pôr todos os mêos para enriquecer o Idioma, ajudados do favor dos Principes sabios, que entaõ havia, como o Infante D. Henrique, e o Infante D. Pedro, que pelas suas grandes virtudes, e sabedoria deve ser tido, como já dissemos, pelo maior heróe da Naçaõ Portugueza. Enriquecêraõ pois a Lingua tirando muitas vozes, e frases naõ só da Latina, Grega, e Italiana, mas até mesmo da Franceza, como attestaõ as seguintes passagens. Davaõ em primeiro lugar terminaçaõ plural

bar-

harmonicas, eſtabeleceo novas leis ás ceſuras metricas, e determinou a harmonia da Lingua na Poeſia Portugueza. Apartando-ſe pois do uſo commum, que entaõ ſuperſticioſamente ſe fazia do verſo octonario, fixou os accentos do hendecaſyllabo inda pouco ou quaſi deſconhecido, e moſtrou, que eſte devia fazer o principal fundamento da noſſa harmonia metrica; e com razaõ: porque notando nas palavras do Idioma Portuguez o meſmo compaſſo, a meſma diſtribuiçaõ de vogaes e conſoantes, a meſma e igual melodia, que na Lingua Italiana, colligio, que a harmonia total da Portugueza devia ſer a meſma, e que o hendecaſyllabo devia ſer o metro principal da noſſa Poeſia, aſſim como o era da Toſcana havia mais de dous Seculos, e já entrava a ſello na Caſtelhana pelas tentativas, que hiaõ fazendo Boſcan, e Garcilaſſo. Foi Sá de Miranda quem trouxe para a noſſa Poeſia o verſo ſeptenario totalmente deſuſado dos verſificadores Portuguezes,

---

aos participios, que ſe unem aos auxiliares nos preteritos definitos, e indefinitos do indicativo, o que ao depois vêo a ficar em terminaçaõ ſingular, rejeitando a formula da expreſſaõ Franceza, a ſaber: — *O meſtre lhe confirmou, e fez doaçaõ ..... de todalas Villas, e Lugares, e Caſtellos, que os Reys haviam* dados *ao Conde Dom Alvaro Pirez ſeu padre.* — Fernaõ Lopes, part. 1.ª, pag. 384 — e a pag. 5 da 2.ª part. — *Conſirando os grandes ſerviços que ..... a Cidade de Lisboa* ha feitos *a eſtes Reynos:* — e ahi meſmo: — *promettendo, e jurando (ElRey) ..... de lhe guardar (á Cidade de Lisboa) todalas graças, e privilegios, que lhe* dados *havia.* — A pag. 110 — *O' Deos porque te aprougue leixar hum Rey taõ ſó e tam deſemparado de tantos, e boons como hey* perdidos? — A pag. 411 — ..... *Viſtos os boons ſerviços, que* feitos *aviam.* — Pag. 167, part. 1.ª — *grande manhãa.* — Pag. 183 — *grande madrugada.* — Pag. 174 — *grande noite.* — A palavra *foro* adverbio ſignificava *muito*; he propriamente o Francez *fort*, como ſe vê no ſeguinte exemplo a pag. 261. — *que eſta nova, e grande guerra, naõ ſe havia de partir por avença e preitezia, màs por* foro *eſpargimento de ſangue.* — *Sujeitos* por *vaſſallos* ſe póde ver a pag. 7 da 2.ª part.,

e o primeiro que moſtrou, que naõ podia haver combinaçaõ mais harmonica, e legitima na Poeſia lyrica do que a deſte com o hendecaſyllabo: a cauſa he, porque a pauſa, ou accentuaçaõ metrica, onde ſe eſtriba a principal harmonia n'um e noutro verſo, eſtá na ſexta ſyllaba, e como cadencia local, que faz o centro da ſua harmonia, tem a meſma diſtancia, e quaſi ſempre o meſmo andamento n'um que noutro, por iſſo conſervaõ entre ſi a maior, e mais parecida conſonancia: o meſmo ſe vê no quinario, guardadas as ſuas relações harmonicas.

O Soneto introduzido na Poeſia Portugueza pelo famoſo Infante D. Pedro de Alfarroubeira, Poeta inſigne, o Principe mais ſabio do ſeu tempo, e o maior homem da Naçaõ Portugueza, foi pelo Sá de Miranda aperfeiçoado, e eſtabelecido da maneira, que ao preſente o vemos. Elle nos enſinou a eſtructura da Cançaõ, da Oitava rima, do Terceto; e poſto que o ſabio Manoel de Fa-

a pág. 328, e 329. No uſo dos adverbios juntos por extenſo, como tambem fazem os Italianos, ſegundo ſe vê a pag. 202 part. 2.ª —— *Outro ſy que todos, e cada hum vaſſallo ..... poſſam* livremente, e ſeguramente *ir de hum Reyno para outro.* —— Gomes Eannes no prologo: —— *Todo poſſante Deos.* —— pag. 79. —— *Remercer* por agradecer, a pag. 79. —— *Enſembra* junto, Fernaõ Lopes, part. 2.ª, pag. 466 na Carta do Arcebiſpo de Braga ao Abbade de Alcobaça. Todas eſtas elegancias, e vozes ſaõ meramente Francezas, e naõ ſe achaõ apontadas por Duarte Nunes de Leaõ, que no ſeu Livro da *Origem da Lingua Portugueza* relata hum grande eſcholio. Naõ ſó a communicaçaõ de muitos Francezes, que a eſte Reino vieraõ com o Conde D. Henrique foi cauſa deſtas imitações, mas tambem a liçaõ dos Livros de Cavallarias, que entaõ eraõ em grande moda, e naſciaõ muitos delles em França; como ſe collige tambem do Cap. 194 da Chronica de ElRei D. Affonſo V. de Ruy de Pinna, onde ſe acha, que hindo o meſmo Rei viſitar a Abbadia de S. Bento na Cidade de Burges em França, o Abbade da dita lhe moſtrou hum mui rico, e antigo livro da hiſtoria de Lançarote do Lago, e de Triſtaõ, perſonagens famoſas nos Livros de Cavallarias.

ria e Sousa affirme, e prove, que muito antes do Poeta Miranda já entre nós existia o hendecasyllabo, e a oitava rima; com tudo estavaõ taõ pouco determinados, que naõ havia norma alguma positiva na construcçaõ accentual do primeiro, nem na disposiçaõ das simulcadencias do segundo, e por isso naõ eraõ usados; nem os ouvidos se podiaõ familiarizar com aquella harmonia, que entaõ conservavaõ por ser estranha, e repugnante á melodia do Idioma, e ao gosto da Naçaõ: isto quanto ao instrumento.

Qualidades da sua imitaçaõ.

A imitaçaõ deste sabio Poeta he pela maior parte bycastica; se nella vemos o grutesco da Poesia, sem disfarce, muitas vezes sem alinho, e quasi sempre com as maculas nativas; tambem observamos a natureza com todas as suas propriedades, sem mais ornamento, que o da sua propria simplicidade. Se os seus rasgos naõ tem aquella vivacidade, aquella audacia, com que se annuncia hum grande Poeta; tem ao menos hum andamento sabio, e modesto, mas hum tanto agitado, que exhalando de quando em quando resplendores, naõ cega, naõ abraza; antes illumina, alegra, vivifica, e se adapta á vista debil do leitor pouco instruido: *Serpit humi tutus nimium.* Naõ por abatimento, e pobreza de ingenho, que assás era elevado e magestoso; mas por se proporcionar á capacidade dos leitores pouco acostumados á liçaõ de escritos sublimes naquelles tempos, e á natureza da Lingua inda pobre de vozes, e translações audaces: por isso este deveria ser o primeiro Poeta, por onde houvessem de principiar seus estudos aquelles que pertendem iniciar-se nos mysterios da Poesia vulgar. As suas côres saõ communmente mais fortes, que suaves; mais conducentes para exprimir verdades, e devem ser consideradas como huma triaga de espirito: por isso vemos que a Poesia de imagem, e de sentimento naõ eraõ tanto da sua paixaõ, como aquella que falla ao juizo, que o purga dos máos

habitos, que o illuſtra, que o educa, que o firma. He digna de ponderaçaõ a nobre, e generoſa liberdade, com que, ſem attender a reſpeitos mundanos, fulminava os abuſos inveterados, e dignos da mais ſevera correcçaõ. Quem naõ paſſaria nos noſſos tempos por acutiſſimo maledico, ſe aſſim, como elle, diſſeſſe:

Mas eu vejo cá na Aldêa
Nos enterros abaſtados,
Muito padre que paſſêa,
Em fim ventre e bolça chêa
Abſoltos de ſeus peccados.

Se ſe haõ de reconciliar
Huns c'os outros tem ſeu trato,
Baſtalhes ſó acenar,
Naõ nos cuſta taõ barato
Ao tempo de confeſſar.

A ſua expreſſaõ reſumida, mas chêa de força, e clareza, offerece quaſi igual número de idéas, que de palavras; e pinta com tanta vivacidade o faceto, e o ridiculo, que as ſuas alluſões facilmente ſe patenteaõ á intelligencia menos aguda: por iſſo julgo, que de todos os Poetas Portuguezes, eſte ſeria o mais capaz de ſer hum La Fontaine. Sendo pois o caracter do ſeu eſtylo conciſaõ, e perſpicuidade, vejamos as bellezas com que augmentou a Lingua Portugueza.

Da ſua elocuçaõ.

A elocuçaõ ou he ſimples, ou compoſta: ou he propria do Idioma, ou imitada. Elocuçaõ ſimples chamo eu aquella, que exprimindo idéas ſimplices naõ offerece mais que o ſentido primario das ſuas vozes. Elocuçaõ compoſta he aquella, que havendo de expôr idéas complexas, que ou ſe deſenvolvem expreſſas, ou ſe occultaõ enfaticas, recebe diverſas modificações, e fórma a expreſſaõ figurada, que imita no ideal, e no material: no ideal, quando vai buſcar diverſo ſentido do que por ſi meſmo repreſenta: no material, quando por falta do Idioma, ou por elegancia adopta vozes, clauſulas, ou fraſes de huma Lingua eſtranha, com quem tenha mais

affinidade. Destas ultimas circumstancias procede commummente a riqueza dos Idiomas, especialmente, quando a agitaçaõ da fantazia se eleva a tal ponto de sublimidade, que as idéas se avultaõ, e as expressões nascem: combinaõ-se aquellas, formaõ hum todo magestoso, a quem as expressões daõ fórma, e vida. Estes effeitos acompanhaõ sempre a imitaçaõ fantastica, fonte do sublime, que pede o maior esforço da fantazia humana; e como tal, vejamos primeiramente como o nosso Sá de Miranda se exprimio: que methodo seguio na sua enunciaçaõ fantastica: como deduzio da expressaõ simples a expressaõ composta: como imitou no ideal, e no material, isto he, no conceito, e na frase: e como finalmente enriqueceo nesta parte a Lingua Portugueza.

Como se exprimio no Sublime.

A essencia do sublime consiste no pensamento: a frase he a sua fórma, ou o seu accidente. A certeza, a evidencia deste principio sempre manifesta á intelligencia do sabio Miranda o obrigou a seguillo constantemente na sua composiçaõ, onde sempre a frase he filha do conceito. Por exemplo: — O rogo de hum Principe he mando. — O sublime desta idéa he visivel: eis-aqui como elle a exprime no primeiro Soneto:

A Principe tamanho, cujo rogo,
E mais aos seus, inda he mais que mandar.

Vê-se nesta passagem, que á simplicidade do pensamento corresponde a da frase chêa de enfase, e despida de vozes estrondosas. A idéa, que constitue a consequencia desta premissa, he grande; e com que nobre simplicidade, naõ está ella annunciada nos seguintes hendecasyllabos!

Que posso eu al fazer senaõ passar
Pela agua, pelo ferro, e pelo fogo?

A pu-

A pureza de elocuçaõ he evidente nesta passagem. He evidente a congruencia grammatical com que todas as frases de que se compõe todo o quarteto se achaõ organizadas e dispostas: e na congerie do quarto verso já se vai vendo emendado o antigo vicio da copulaçaõ das conjunções, cuja frequencia em semelhantes circumstancias faz o estylo insuportavelmente debil e frio.

O favor que os Princepes daõ ás Artes, e Sciencias fallos immortaes; porque o louvor, e a fama, que das letras recebem, sempre existem, e as estatuas perecem. Estas tres proposições tambem deduzidas, e taõ filhas da mais pura Dialetica, exprime o nosso Filosofo nos seguintes versos do segundo Soneto:

Dar favor aos engenhos, e a toda a arte
Das boas, faz os Reis aqui immortaes
Por fama, e passando inda avante mais
Huns faz Deozes de todo, outros em parte.
A' guerra leva o mór Scipiaõ comsigo
As Musas brandas de seu natural,
Que assi sem armas saõ d'altas ajudas:
Ellas nos contaõ do bom tempo antigo:
Cahíraõ as estatuas de metal;
Que al se póde esperar de cousas mudas?

A amplificaçaõ do quarteto, consignada no terceiro e quarto verso do mesmo, he simples e bella, tanto no pensamento, como na expressaõ, posto que claudique na harmonia, defeito, que devemos perdoar a hum Sabio, que fundou a nossa Poesia, cuja harmonia, excepto no verso octonario, inda naõ se achava determinada. — As victorias, e os triunfos nada saõ, sem o auxilio das letras: — idéa sublime incluida no derradeiro terceto com simplicidade propria da penuria da Lingua naquelle tempo. Naõ me demoro em examinar as idéas accessorias destes lugares, porque eu mais vou expondo neste artigo a natureza em geral da composiçaõ deste Padre da Poesia

Por-

Portugueza, do que compondo hum commentario. Este genero de expressaõ sublime, esta elegancia, esta pureza era ignorada em Portugal até ao tempo deste Poeta da razaõ. Vamos observar maiores novidades de expressaõ absolutamente incognita no nosso Idioma: vejamos como elle adoptou, e fez proprias da Lingua Portugueza tantas, e taõ bellas formulas da Poesia Latina, e Italiana nas seguintes passagens da Cançaõ a nossa Senhora imitada do Petrarca:

Virgem toda sem magoa, inteira, e pura,
Sem sombra, nem daquella culpa herdada.
Por todos nos, te o fim desde o começo;
Claridade do Sol nunca turbada.
Sanctissima, e perfeita criatura
Ante quem de mim fujo e me aborreço.

Grandes idéas, e optimas elegancias; bello colorido, e muito enfase; muita concisaõ, e linguagem purissima constituem o merecimento desta passagem. A palavra *magoa* no primeiro verso significa *macula*, segundo a sua energia na antiga linguagem, como adiante exporemos com mais miudeza. *Claridade do Sol, nunca turbada.* — pintura desenhada com gentileza e liberalidade. — *Ante quem de mim fujo, e me aborreço.* — Imagem ideal de abstracçaõ metafysica expressada com laconismo de grande magisterio.

Virgem, seguro porto, amparo, e abrigo
A's mores tempestades: ah! que tinha
Aos ventos esta vida encomendada,
Sem olhar ja a que parte hia, ou vinha
Descuidado de mim, e do perigo,
Surdo aos conselhos, tudo tendo em nada.
Naõ vos seja em desprezo esta coitada
    Alma, que ante vos vem
    C'os receos, que tem
De imigos grandes mal ameaçada.

As

As elegancias do primeiro verso, e parte do segundo, taõ repetidas depois por todos os nossos Poetas, foraõ pela primeira vez imitadas da Poesia Latina, e Grega, e introduzidas na Lingua Portugueza pelo Sá de Miranda com insigne liberalidade.

Vejamos outras elegancias que este notavel Poeta extrahio da Poesia antiga, com que accrescentou o nosso Idioma.

Virgem do mar Estrella, e neste lago,
E nesta noite hum faro, que nos guia
Para o porto, antes claro, e certo norte:
Quem sem vos atinar, quem poderia
Abrir sómente os olhos vendo o estrago
Que atraz olhando deixa feito a morte.

Toda a Poesia destes versos he de imagem, chêa de calor, e movimento.

Na Estrofe VI. se vê a seguinte passagem bem notavel pela sua candidissima elegancia:

Na vossa alta bondade se venceo
O soberbo Tyranno,
Que com inveja, e engano
Nos fez tam perigosa, e longa guerra.

He cousa digna de admiraçaõ achar-se naquelles tempos dicçaõ de taõ puro Atticismo. Naõ he facil acharse prosa anterior ao Sá de Miranda escrita com pureza igual á das passagens transcritas, nem ainda á das mais leves ninharias das composições deste sabio.

Virgem de Sol vestida, e dos seus raios
Claros envolta toda, e das Estrellas
Coroada, e debaixo os pés a Lua.

Bella, e vivissima pintura chêa da mais brilhante su-

ſublimidade, toda grande, toda fantaſtica. As elegancias ſaõ do Apocalypſe; e grande parte das deſte, e dos mais poemas, que tem a aſſumptos ſagrados, ſaõ tiradas dos Profetas, cuja linguagem dá muita gravidade ao eſtylo, e he o que ſe deve ſeguir neſte genero de argumentos.

Virgem, horto precioſo, alto, e defeſo,
Rico ramo do tronco de Jeſſé,
Que floreceo tam milagroſamente:
Cuſtodia precioſiſſima da Fé,
Que vos tiveſtes ſó de todo o pezo,
Tendo hum e outro Sol ſua luz auſente.

Eis-aqui mais elegancias: eis-aqui apparece pela primeira vez o ſuperlativo de huma ſó fórma taõ proprio do eſtylo ſublime: digo pela primeira vez, e com juſto motivo, como acima deixo provado; porque dos tres ſuperlativos, que em todo o grande volume da Chronica de D. Joaõ I. por Fernaõ Lopes, e Gomes Eannes de Azurara, ſe encontraõ huns ſaõ meros idiotiſmos eſtrangeiros de peças traduzidas, outros ſaõ enxeridos pelo editor mais de 200 annos depois: o meſmo ſe deve ajuizar de outros tres, que ſe achaõ nas duas Chronicas de D. Duarte, e D. Affonſo V. compoſtas por Ruy de Pina; e quando aſſim naõ foſſe, nunca a eſte ſe deve attribuir a gloria de introductor do ſuperlativo, porque além das ditas ſuas Chronicas ficarem ineditas, ellas foraõ naturalmente compoſtas pelos meſmos tempos em que o Sá de Miranda eſcrevia, cujas obras he veroſimil, que pela brevidade, e attractivo da Poeſia ſe fizeſſem, como fizeraõ, mais vulgares, e celebres do que as ditas hiſtorias, de quem por extenſas, e menos intereſſantes ninguem copia. De ſorte que com toda a razaõ podemos affirmar, que o Poeta Miranda foi o primeiro, que enriqueceo o Idioma com o ſuperlativo Latino de huma ſó fórma, no que lhe fez notavel ſerviço, communicando-lhe huma nova perfeiçaõ, augmentada depois com outras mais de diverſa deſinencia pelo grande Camões.

. . . . Virgem,
Certa Porta do Céo, dos valles Lyrio,
Que nunca teve, nem terá igual,
Dada por só remedio a nossos damnos,
Contra os demonios sejam meridianos,
Sejam de noite escura.

Bello, e mui digno sublime de hum tal assumpto. Todas estas elegancias, que tanto resplendecem na linguagem dos Profetas, saõ novas no Idioma daquelle tempo, cuja riqueza visivelmente se augmentou com os escritos deste illustre Poeta. He notavel a elegancia — *Demonios meridianos* — tirada do Psalmista, sobre a qual fez o celebre Mattei huma sapientissima dissertaçaõ na sua immortal Parafrase dos Psalmos, onde desenvolve a mais exquisita erudiçaõ, taõ nova, como propria do seu admiravel engenho, e profunda sabedoria.

Finalmente, poema sagrado mais elegante e culto do que este, naõ se encontra em toda a Poesia Castelhana, e Portugueza, naõ digo até ao tempo do Sá de Miranda, mas ainda até ao nosso, exceptuando sempre a inimitavel Parafrase do Cantico de Daniel composta pelo divino Camões. Do artificio em geral, e em particular deste poema diremos n'outro lugar mais largamente.

Passemos a tratar em breve resumo da norma, que seguio na enunciaçaõ sublime.

Methodo, que observou na expressaõ sublime.

O pensamento sempre mereceo a este Poeta mais attençaõ do que a frase. Commummente estende no principio huma proposiçaõ simples, e della vai deduzindo grandes idéas com artificio, como se mostra do seguinte exemplo na Elegia á morte do Principe D. Joaõ.

O Prin-

O Principe D. Joaõ de Portugal
He morto. Oiçao a grande natureza
Que nolo dera em moſtras de immortal.
Como pode cahir tanta grandeza?
Como poderom os peccados tanto,
Que alcança a perda a toda a redondeza?

Da propoſiçaõ ſimples, que termina na clauſula do ſegundo verſo — he morto: — extrahio cinco propoſiçóes ſublimes, com ſua eſpecie de gradaçaõ, e deſte modo vai eſtendendo o diſcurſo, extrahindo conceitos com tal diſcriçaõ, que poſſo com certeza aſſegurar, que neſta parte, a mais eſſencial do diſcurſo, he o mais diſtincto dos noſſos Poetas. Dizer muito em pouco foi ſempre da ſua maior paixaõ, como ſe póde ver na ſeguinte paſſagem da primeira Carta, na qual elle meſmo affirma, que punha mais cuidado no conceito, que no eſtylo.

Ora eu que reſpeito havendo
Ao tempo mais, que ao eſtylo,
Irei fugindo ao que intendo,
Farei como os caens do Nilo
Que correm, e vam bebendo.

A ſua Poeſia tem grande enfaſe, e faz penſar muito, como ſe manifeſta da copla acima tranſcrita.

A Poeſia de imagem, naõ lhe agradou tanto, como aquella que ſe dirige ao eſpirito; naõ porque elle naõ foſſe muito bom pintor, mas porque preferia ſempre o util ao agradavel, de maneira, que nos ſeus eſcritos he onde ſe encontraõ menos ninharias poeticas, de que ao preſente nos vemos inundados. A inſtrucçaõ em fim era a que mais attractivos lhe offerecia; e com razaõ: ella ſempre foi o principal objecto dos Poetas ſabios. Em todas as ſuas Cartas, ou por melhor dizer, em todas as ſuas obras reſpira eſta taõ util, como amavel

propriedade : para mais evidencia disto mesmo, e para prova do seu grande laconismo, apontarei hum, ou dous lugares da mesma Carta a ElRei D. Joaõ III., copla 23.

Homem de hum só parecer
De hum so rosto, huma so fe,
De antes quebrar, que torcer,
(Elle tudo pode ser)
Mas de Corte homem nam he.

Saõ mais as idéas, que as palavras : isto se vê com muita frequencia neste genero de Poesia, em que o Poeta Miranda se consagrou eterno oraculo da Naçaõ Portugueza, e de toda a Hespanha. Copla 56.

Que eu vejo nos povoados
Muitos dos salteadores
Com nome, e rostro de honrados
Andar quentes, e forrados
Das pelles dos lavradores.

Póde haver pintura mais energica, mais chêa de verdade, mais simplesmente annunciada, mas que nessa mesma simplicidade appresente tantas, e taõ amaveis graças de estylo, tanta harmonia, tanto atticismo, e tanta pureza ? Que nobre liberdade a com que pinta este virtuoso Poeta a hum grande Rei tantos defeitos moraes, que continuamente trabalhaõ por illudir as boas intençôes de hum Principe justo ! Em fim este poema he o maior monumento de liberdade filosofica, que se encontra na Litteratura Portugueza, e tanto nas idéas, como na frase tem tal merecimento, que nem nos antigos, nem nos modernos se acha obra deste genero, que a exceda, a qual deve ser tida por huma daquellas obras sublimes, que enriquecem o Idioma, illustraõ a Naçaõ, e augmentaõ a sua gloria.

Co-

Como da expressaõ simples deduzio a expressaõ composta.

Acima fica apontado, que o methodo deste Poeta na sua composiçaõ era subir das idéas simplices ás complexas: o mesmo observou na expressaõ. Exemplo. No principio da mesma Elegia á morte do Principe D. Joaõ diz:

O Principe D. Joam de Portugal
He morto. . . . .

Desta expressaõ taõ simples, que he mera prosa, deduz a expressaõ composta pelo corpo do poema, porque se vê logo depois a mesma proposiçaõ expressada em frase composta da maneira seguinte.

Aquelle real corpo bem nascido
Intendimento muito mais que humano
Subitamente desaparecido.

A primeira frase annuncia huma idéa collectiva, como succede em quasi todas as expressões simplices; nella se indica tacitamente a separaçaõ que faz o espirito do corpo na occasiaõ de morrer: na destes tres versos se exprime claramente isso mesmo com hum attributo de mais, denotando tambem idéa collectiva.

Vaãmente os olhos buscam aquella nobre
Aquella só real mostra em verdade,
Que escurissima nuvem nola encobre.

Eis-aqui outra modificaçaõ da mesma proposiçaõ: idéa, e frase composta, incluida no segundo, e terceiro verso.

Aquella mais perfeita creatura
Que nunca entre nós houve; ah grave dor!
Meteste-a em huma negra sepultura.

Ou-

Outra modificaçaõ acompanhada de huma idéa accessoria, que exprime amplificaçaõ, mas nascida do mesmo assumpto, para excitar o pathético:

Aquelle entre os nascidos das mulheres,
Principe sancto, foise ao seu lugar
Vossos nadas deixou. . . . .

Outro genero de modificaçaõ de frase, que amplia a idéa do primeiro, e parte do segundo verso, com hum attributo collectivo, indicando no resto o fim, e o motivo do apartamento do Principe, expostos com evidencia positiva nas seguintes clausulas:

Por justissima lei . . . .
. . . . passou a melhor vida.

Vejamos pois como elle amplia esta proposiçaõ no seguinte Soneto feito á morte de sua mulher, que he certamente hum dos melhores, que ha deste genero na Lingua Portugueza:

Aquelle esprito ja tambem pagado
Como elle merecia claro, e puro
Deixou de boa vontade o valle escuro,
De tudo o que ca vio como anojado.

Bem lançado quarteto, digno de Camões no poetico, e no harmonioso. He elegante a metonymia constituida na palavra *esprito* do primeiro verso, e notavel a pureza do participio *pagado*, que a cultura, ou ignorancia moderna tem desterrado do nosso Idioma, empregado deste modo sem auxiliar, substituindo a huma fórmula legitima e sonora, outra que nenhuma destas qualidades tem. Em parte do primeiro, e segundo verso está incluida huma idéa intermediaria, ou subalterna da proposiçaõ geral, que termina no terceiro verso, que se faz notavel pela di-

dignidade da frase, cujas translações, sendo huns dos mais notaveis ornamentos da elocução poetica, formaõ neste lugar huma pintura chêa de propriedade, e energia, e augmentaõ a massa da mais brilhante riqueza do Idioma: No quarto verso se exprime huma causal da proposição geral com menos resplendor, mas com summa gravidade. No segundo, e terceiro verso já se divisa huma aurora da bella, da prodigiosa elegancia do divino Camões: nelles apparecem com assaz de evidencia a audacia do seu pincel, a força do seu colorido, a sua maneira, e suavidade.

Como imitou no ideal, e no material, isto he, no conceito, e na frase.

A sua imitação sempre se chega á natureza na concepção do total da pintura que intenta executar: mas na invenção, e disposição das partes conceituaes opéra com liberdade propria de hum sabio engenho, já collocando a seu arbitrio, já ampliando, já resumindo o conceito, que imita: ora extenso na frase, ora laconico, conforme a natureza, e as circumstancias da composição, traça, combina, e fórma hum todo racional, como se observa na bella Canção a nossa Senhora, que imitou do Petrarca: e como já tratamos da sua imitação em geral, vamos agora comparando por partes o artificio della no ideal, e no material, para deste modo entrarmos no inteiro conhecimento do methodo, que seguio na sua imitação, indo ao mesmo passo descubrindo as graças de que enriqueceo o Idioma.

A Canção 108 do Petrarca he das mais excellentes composições que ha neste genero: o seu caracter no ideal he sublimidade, e no material elegancia. Estas mesmas qualidades formaõ o caracter da do nosso Sá de Miranda, que até lhe deo o mesmo número de estrofes, e versos, a mesma disposição metrica, e simulcadente, começando, assim como elle, cada huma daquellas estrofes pela pala-

vra

vra Virgem. Em tudo o mais imitou com liberalidade de Poeta ſabio. Eis-aqui como principia a mencionada Cançaõ do Poeta Italiano:

Vergine bella che di ſol veſtita
Coronata di ſtelle al ſommo Sole
Piaceſte sì che in te ſua luce aſcoſe:
Amor mi ſpinge a dir di te parole.

Mageſtoſa Poeſia na verdade, pinturas dignas do pincel de hum taõ grande Meſtre, do primeiro Poeta, que eſcreveo com correcçaõ, e decencia em Lingua vulgar na Europa. A Poeſia deſtes verſos he toda de imagem: vejamos a imitaçaõ.

Virgem formoſa que achaſtes a graça
Perdida antes por Eva. . . . . ;

Eſta imitaçaõ he meſquinha á viſta do original no que toca á fraſe, e por iſſo naõ tem tanto merecimento; mas a reſpeito do penſamento he muito boa, porque unindo huma idéa material com outra intellectual, faz huma combinaçaõ picturеſca, que naõ deixa de merecer louvor. — *Virgem formoſa* — he a pintura fyſica, ou material: — *que achaſtes a graça* — he a metafyſica ou intellectual, onde ſe acha em certo modo reſumida a de Petrarca. Adiante fallaremos da imitaçaõ de eſtylo, que o Poeta Miranda fez deſta paſſagem expreſſamente, aſſim como tambem das ceſuras cadenciaes do hendecaſyllabo Portuguez acima tranſcrito. E continua:

. . . . onde naõ chega
O fraco intendimento, chega a Fé.

Imitaçaõ remota do ſeguinte conceito do Poeta Italiano na Eſtrofe V.

Ove'l

Ove'l fallo abondò, la grazia abonda.

Segue-ſe logo huma pintura ideal, propria do genio do noſſo Poeta, e naõ imitada, depois da qual eſtaõ os ſeguintes verſos:

Por piedade a vos venho, e por merce,
Vos que nos deſtes claro a tanto eſcuro,
    Remedio a tanta mingua,
Me dareis lingua, e coraçaõ ſeguro.

Imitados deſtes de Petrarca:

Ma non ſò incominciar ſenza tu'aita.
    Vergine, ſe a mercede
Miſeria extrema de l'humane coſe
Giammai ti volſe, al mio prego t'inchina;
    Soccorri la mia guerra. &c.

A eſte ultimo verſo correſponde — *Remedio a tanta mingua.* — O Sá de Miranda vai ſempre ſeguindo a ſua maneira, por ſe conformar á Lingua, e ao Leitor, como já fica dito, e por iſſo eſta imagem he menos poetica, que a Italiana.

Eſtrofe II.

Virgem, toda ſem magoa inteira, e pura.

Bello verſo, e bella harmonia: he melhor, que o ſeguinte de Petrarca, que imitou:

Vergine pura, d'ogni parte intera.

Advirta-ſe, que *magoa* naõ eſtá aqui na ſignificaçaõ translata em que ſe toma agora; mas ſim na ſua primitiva energia *macula*, que veio a perder; de ſorte que do Latino *macula*, que adoptámos para o noſſo Idioma, derivámos *magoa*, *mancha*, *malha*, e tambem *mazella*,

que parece (como he) diminutivo. Passados mais dous versos de bello conceito, está a bellissima e nova elegancia — *Claridade do Sol* — imitada de *di Sol vestita*, que Petrarca trasladou do Apocalypse: mas que digo? a do nosso Sá he toda original: a do Poeta Italiano exprime acçaõ passiva; a do nosso pinta acçaõ activa, operações differentes, e oppostas. Na pintura do Petrarca, o sugeito he dependente, como quem recebe do Sol o seu ornamento: na do Sá de Miranda naõ tem dependencia alguma, antes he manancial de quem o mesmo Sol recebe todo o seu resplendor; pelo que fica a expressaõ mais decente, e digna da magestade de hum taõ venerando assumpto. As abstracções deste genero saõ verdadeiras fontes do sublime.

E a quem por vós chamou sempre a mam deste.

Este he o derradeiro verso desta estrofe digna do mesmo Petrarca: eis-aqui o lugar donde foi imitado:

Invoco lei, che ben sempre rispose
Chi la chiamò con fede.

Passagem assaz inferior á do nosso Poeta, que a excede tanto na viveza da pintura, como no laconismo, com que se acha annunciada.

Estrofe III.

Virgem, seguro porto, amparo, e abrigo
A's mores tempestades. . . . .

Que bem poetica pintura! A metafóra he quem dá copia, e elegancia aos Idiomas; vejaõ, como as desta estrofe saõ admiraveis, e proprias pelo enfatico, e pela semelhança. Observe-se de caminho a nova linguagem, que da penna deste filosofo Poeta hia nascendo. Taes expres-
sões

ſões fazem-ſe mais dignas de admiraçaõ a quem ſabe pela leitura, e pela obſervaçaõ o que era a Lingua Portugueza antes que o Sá de Miranda floreceſſe. Eſta imagem aſſemelha-ſe a outra de Petrarca tambem maravilhoſa, a qual he a que ſe ſegue:

Ó ſaldo eſcudo de l'afflitte genti
Contra colpi di morte, e di fortuna.

Neſte ramo eſtá o verſo, que ſe ſegue:

Aos ventos eſta vida encomendada.

Que he imitado do ſeguinte lugar de Horacio na Ode 3. do Liv. 1.

Navis, quae tibi creditum
Debes Virgilium. . . . .

Lugar que tambem foi imitado do Ferreira na Ode 6. do Liv. 1. deſte modo:

Que meu Irmaõ . . . .
. . . . Que como encomendado
A tí deves. . . . .

Que outros noſſos Poetas imitáraõ, e todos muito mal, porque tambem o original Latino naõ he recommendavel.

Eſtrofe IV.

Eſta eſtrofe he toda imitada da ſexta do meſmo poema de Petrarca com ſingular liberalidade, frizando todas as idéas ao penſar Portuguez, e proporcionando as fraſes ao genio da Lingua. Vamos por partes:

Virgem do mar Eſtrella, e neſte lago,
E neſta noite hum faro, que nos guia
Para o porto, antes claro, e certo Norte.

Petrarca.

Vergine . . . .
Di questo tempestuoso mar Stella,
D'ogni fedel nocchier fidata guida.

A pintura do nosso Poeta he mais circumstanciada nas idéas, e consideravelmente mais poetica, e menos vulgar na Poesia: por exemplo: — Virgem do mar Estrella — Nesta pintura a palavra *mar* conserva mais propriedade, sem o accidente, que se mostra na passagem Italiana. A metonymia constituida no termo *lago* he grave, he decente, e naõ trivial. Na outra metonymia em *noite*, nas metáforas em *faro*, em *porto*, e em *norte* acho mais vivacidade poetica do que no texto Italiano, que nos offerece mais harmonia, que propriedade, e sem ser nova, naõ se mostra variada a frase, que no derradeiro verso repete o mesmo epitheto duas vezes.

Quem me daria proa com que corte
Por taõ brava tormenta:
Por toda a parte venta,
De toda espanta o tempo fêo, e forte.

Petrarca.

Pon menti in che terribile procella
Io mi ritrovo sol, senza governo.

Esta pintura he resumida, e para incutir terror he necessario supprir-se com a reflexaõ: nobre e excellente qualidade de imitaçaõ! A do nosso Poeta he de outro genero. Ella amplía o pensamento de Petrarca; ella nos mostra, ou por melhor dizer, nos transporta ao lugar da scena, onde, juntamente com a náo, nos vemos agitados no furor da tempestade: ella ajunta circumstancias, que pinta os horrores da mesma com bastante energia. *De toda a parte venta* — circumstancia terrivel expressada em Portuguez puro, e simples. — De toda a parte espanta — eis-aqui o fim da pintura excitar o terrivel que incute *o*

tem-

tempo féo, *e forte*. Esta imitaçaõ he de bello artificio; naõ dá trabalho ao Leitor, porque retrata todas as circumstancias da tormenta: as elegancias saõ cultissimas, e poeticas, sem constrangimento. A metonymia em *prôa*, a metáfora em *córte*, e em *brava*, além de serem translações mui Portuguezas, saõ de notavel belleza: o mesmo devemos affirmar das elegancias incluidas nos dous versos, que se seguem: o tempo personizado com os dous adjectivos *féo*, e *forte*, he pintura assaz expressiva.

Mas tudo que será sem vossa ajuda?
Nevoa da alagoa
Que ao vento voa, e num momento a muda.

Boa interrogaçaõ, e bella resposta, onde se inclue huma elegante comparaçaõ. A ultima clausula desta passagem, naõ está pura., porque lhe falta a particula *se* para ficar o verbo legitimamente na inflexaõ, que tem, para ser reciproco, e ficar a oraçaõ grammatical: aliás, para salvar esta incorrecçaõ, será preciso supprir por ellipse o agente *vento* por si, ou por hum relativo: mas estas construcções naõ saõ proprias da nossa Syntaxe. Huns taes defeitos saõ dignos de indulgencia, quando se achaõ equilibrados de muitas bellezas: *Cum plura nitent in carmine, cur ego paucis offendar maculis.*

Estrofe V.

Quasi toda esta estrofe está organizada de pensamentos allusivos a passagens dos Livros Sagrados assaz conhecidas, que lhe deraõ occasiaõ para introduzir no nosso Idioma novas elegancias.

Porta que Ezechiel cerrada via
A' parte que responde ao Oriente.

Pintura boa, mas que se naõ faz recommendavel pela ele-

elegancia, como a ſeguinte do Poeta Italiano, que elle imitou:

Ó feneſtra del Ciel lucente, e altiera.

Em tudo o mais he boa eſtrofe, chêa, como já diſſe de elegancias tiradas dos Profetas, e — *Orvalho celeſtial* — he belliſſima, e nova no Idioma.

Eſtrofe VI.

O que neſte ramo ſe acha imitado do Poeta Italiano he o ſeguinte lugar:

Vos madre, e filha, vos eſpoſa ſois
Daquelle, que apertado ao peito tem
Voſſos braços. . . . .

Petrarca.

Madre figliuola, eſpoſa,
Vergine glorioſa.

Nem huma, nem outra paſſagem nada tem de recommendavel, nem o conceito lhes dava lugar a ſerem brilhantes na expreſſaõ.

Eſtrofe VII.

Eſta Eſtrofe he imitada de outra do Petrarca, no total, digo, da diſpoſiçaõ das idêas, mas naõ no eſtylo, que ſó no primeiro verſo ſe aſſemelha da maneira ſeguinte:

Virgem, noſſa eſperança, hum alto poço
De vivas aguas, que contino correm,
Em que ſe mataõ para ſempre as ſedes.

Deſte meſmo modo começa Petrarca:

Vergine, in cui hó tuta mia eſperanza.

A pin-

A pintura do nosso Poeta he nobre, e teci la de elegancias tambem tiradas dos Livros Sanctos: com tudo, se o pincel de Camões, desenhasse igual pintura, pôria *fonte* em lugar de poço, *manaõ*, em lugar de *correm*, que naõ tem gravidade, nem harmonia: mas nem o genio, nem os tempos eraõ os mesmos. — *Naõ de Nembrot, mas de David a torre.* — Elegancias das Escripturas, que vieraõ a ser taõ repetidas nos nossos Livros de devoçaõ, que ninguem ha, que as naõ conheça.

Estrofe VIII.

Os tres primeiros versos saõ tecidos de elegancias copiadas do Cap. 12 do Apocalypse: e contém a mesma pintura, com que Petrarca começa o seu poema:

Vergine bella, che di Sol vestita
Coronata di stelle. . . . .

Acho esta mais laconica, e significante, que a do nosso Sá, que deste modo começa:

Virgem do Sol vestida, e dos seus raios
Claros envolta toda, e das Estrellas
Coroada, e debaixo os pés a Lua.

A clausula — *dos seus raios envolta* — he redundancia de idéa. Todo o resto he bom, naõ obstante dous versos, que tem mal accentuados nas cesuras, e o defeito do imperativo *saia* no derradeiro final da Estrofe.

Estrofe IX.

Este ramo he todo bom: quanto nelle imitou o seu sabio author foi immediatamente da Escriptura, sem que lhe diminuaõ o merecimento as durezas do primeiro, e sexto verso.

Es-

Eſtrofe X.

Neſta ha muitas elegancias tambem da Eſcriptura, que com outras iraõ adiante analyſadas: neſta eſtrofe vem a ſeguinte paſſagem:

Contra os demonios ſejaõ meridianos,
Sejaõ de noite eſcura.

Imitada do famoſo lugar do Salmo 90. — *A ſagitta volante in die, a negotio perambulante in tenebris, ab incurſu, et daemonio meridiano.* — Cujo ſentido litteral quer dizer pouco mais ou menos o ſeguinte:

O eſcudo da Summa Omnipotencia
Me ha de ſalvar das ſettas com que atira
O furor da maldade, que conſpira
Contra meus triſtes dias:
Das negras tyrannias,
Das ſecretas traições me ha de amparar
Contra o rancor do eſpirito perverſo,
Que em pleno dia aſſalta o Univerſo.

Veja-ſe, como já diſſe, o que a eſte reſpeito diz o ſabio Mattei. *Meſtre de enganos* — he — *Artificis ſcelus* de Virgilio no Liv. 2. da Eneiada, verſo 125.

Iſto he o que ſe encontra de mais notavel a reſpeito do methodo de imitar, que o Poeta Miranda ſeguio na ſua compoſiçaõ: he verdade, que elle neſta imitaçaõ naõ tinha partido, porque o ſeu genio, naõ era analogo ao de Petrarca, e em ſemelhante empreza tentou tirar a clava da maõ a Hercules. Naõ faço mais analyſis de outras imitações, porque as acho deſneceſſarias; nem eſte Poeta he abundante dellas, ou porque naõ eraõ do ſeu goſto, ou porque ainda naõ achava o Idioma flexivel para iſſo; pois ſendo taõ ſabio nas Linguas mortas, quaſi nada imi-

imitou dos Gregos, e Latinos. Vejamos agora por ultima recopilaçaõ o beneficio, que fez o nosso Miranda ao Idioma na imitaçaõ daquelle poema Italiano.

Vê-se primeiramente nesta Cançaõ frase pura e culta, isto he, sem incongruencias de nomes e verbos mal declinados, nem maculada de vozes e clausulas antiquadas e obsoletas, nem de dithongos asperos, e desinencias rudes. Augmentou pois o Idioma com as seguintes elegancias:

1 Claridade do Sol.
2 Sanctissima e perfeita creatura.
3 Ante quem de mim fujo, e me aborreço.
4 Hey medo a quanto fiz.
5 Fizestes paz entre Deos, e nós.
6 Virgem seguro porto.
7 Amparo.
8 Abrigo nas mores tempestades.
9 Aos ventos esta vida encommendada.
10 Tudo tendo em nada.
11 Virgem, estrella do mar,
12 E neste lago,
13 E nesta noite,
14 Hum faro, que nos guia para o porto.
15 Claro certo Norte.
16 Vendo o estrago que ..... deixa feito a morte.
17 Quem me daria prôa, com que córte......
18 Nevoa da alagôa, que ao vento vôa.
19 Virgem, Sacrario Sancto.
20 Porta de Ezequiel.
21 Alto silvado.
22 Vello de Gedeon.
23 Orvalho celestial
24 Restituir-me a mim.
25 O Sol vai-se, e trasmonta.
26 Virgem, nossa esperança.
27 Hum alto poço de vivas aguas.
28 Torre de Nembrot
29 Torre de David.
30 Donde soccorro hes para meu destroço.
31 Virgem de Sol vestida,
32 De seus raios claros envolta.
33 Coroada de estrellas.
34 Saõ vindas minhas culpas sobre mim.
35 C'os ventos contrastado.
36 Virgem, horto precioso alto, e defezo.
37 Ramo do Tronco de Jessé.
38 Custodia preciosissima da Fé.
39 Tendo hum, e outro Sol sua luz ausente.

40 Virgem ..... porta do Céo.
41 Lyrio dos valles.
42 Demonios meridianos.
43 Demonios de noite escura.
44 Virgem ..... esperança segura.
45 Mestres de enganos
46 Quanto gemido a toda a parte vôa.
47 Tudo o mais saõ nadas.
48 Altissima Senhora.
49 Hontem menino, sou velho ao presente.

Depois de havermos tratado do principio da Lingua Portugueza; do estado, em que ella se achava, quando o Sá de Miranda appareceo; das qualidades da sua imitaçaõ em geral, e da sua elocuçaõ; resta-nos examinar como concorreo para o augmento do Idioma, e como contribuio para a sua perfeiçaõ: mas como este exame para ter mais exacçaõ, e evidencia nos seus resultados ha de indefectivelmente recorrer a muitas, e miudas combinações, he justo que elle faça o argumento da I. parte.

PARTE I.

PAra cumprirmos com o argumento proposto, faz-se-nos indispensavel seguir a ordem chronologica; e como o Sá de Miranda he o primeiro Poeta da Naçaõ na serie do tempo, como aquelle que com o Historiador Barros começou a purificar a nossa Linguagem de muitos defeitos, a dar-lhe huma construcçaõ mais exacta, mais sugeita a principios derivados daquella metafysica pura e luminosa, que preside á formaçaõ das Linguas cultas e sabias, e a enriquecella ao mesmo passo de infinitas graças e bellezas, que concorrêraõ muito para lhe estabelecer a indole da sua Syntaxe, e as cesuras prosaicas e metricas, que fazem a natureza essencial da sua harmonia taõ desprezada, ou taõ desconhecida dos Escritores do nosso tempo: Do Poeta Miranda pois devem partir todas as nossas investigações, que se haõ de hir succedendo, segundo o tempo, em que cada hum dos Poetas propos-

tos

tos ao nosso exame floreceo: e nesta conformidade; ao Sá de Miranda seguir-se-ha Ferreira, a quem succederá Bernardes, depois Caminha, e em ultimo lugar Camões, como aquelle, que pelas suas obras immortaes poz o sello á perfeiçaõ do Idioma.

Sendo pois o sublime o que requer maior vigor da fantasia, tanto na essencia, como na fórma, isto he, no conceito, e na frase; a razaõ pede que principiemos as nossas combinações por passagens deste genero, que mais relevantes nos parecerem. E como o sublime das palavras deve ter fundamento na grandeza das idéas, estas iráõ conduzindo as nossas operações para maior clareza: he bem verdade, que neste genero naõ he que mais se exercitou o nosso Miranda, nem taõ pouco Bernardes, e Caminha, fallo no sublime da primeira ordem: com tudo iremos combinando o que encontrar-mos nesta materia mais digno de analysar-se.

Parece-me, que será justo começar pelo seguinte Soneto do Poeta Miranda, cujo assumpto he a proposiçaõ, que se segue: — Os Principes, que protegem as Letras vem a ter fama eterna. — A pintura he bella para aquelles tempos: vejamos como se exprime.

Dar favor a engenhos, e a toda a arte
Das boas faz os Reis aqui immortaes
Por fama, e passando inda avante mais
Huns faz Deozes de todo, outros em parte.
Á guerra leva o mór Scipiaõ comsigo
As Musas brandas de seu natural,
Que assi sem armas sam de altas ajudas.
Ellas nos contaõ do bom tempo antigo;
Cahírom as estatuas de metal,
Que al se podia esperar de cousas mudas?

Toda esta frase he pura tanto nas palavras, como na Syntaxe; he forte, he animada, qualidades, que raramente apparecem nas Poesias anteriores a este Poeta, como nolo attestaõ as que andaõ empregadas no famoso, e antigo Cancioneiro compilado por André de Rezende.

Vejamos agora como o Ferreira exprime o mesmo pensamento: mas convem, que primeiramente digamos alguma cousa a respeito do merecimento deste Poeta.

DO FERREIRA.

ANtonio Ferreira, Magistrado público da Relaçaõ de Lisboa, donde foi natural, deve ser contado pelo segundo, que depois do Sá de Miranda, se distinguio na Poesia, e aperfeiçoou a Lingua Portugueza, de quem foi muito apaixonado, e com razaõ. Todo o Escritor deve amar o seu Idioma, e nelle consignar as suas idéas, especialmente, quando elle tem as virtudes, que fazem taõ recommendavel a nossa Lingua. Já lá vai o tempo em que o escrever em Latim era o maior merecimento, no que já mais ninguem poderá conseguir a perfeiçaõ, em que taõ recommendaveis se fizeraõ os Escritores do Seculo de Augusto. Esta verdade taõ conhecida dos melhores Filosofos da nossa idade, já naquelle tempo era da mais evidente certeza no animo do sabio Ferreira, que chêo da liçaõ dos grandes escritos da antiguidade, quasi tudo quanto compoz foi á luz delles. Sem ser taõ original no particular, possuia mais talentos, e a sua imitaçaõ era mais fantastica do que a daquelle Poeta, a quem teve por modello na concisaõ do estylo, e na estructura do hendecasyllabo, metro de que mais usou. Elle foi o primeiro que depois de aperfeiçoar a Elegia, a Carta Horaciana, já tratadas pelo Sá de Miranda, deo á Poesia Portugueza o Epigramma, a Ode, o Epithalamio, e a Tragedia. Este genero de poema o mais util e sublime, taõ prezado dos antigos, como fonte da mais pura moral, e onde se achavaõ consignados os principios da mais sublime educaçaõ, este genero de poema, digo, tanto do gosto dos antigos Gregos e Latinos, totalmente esquecido e desterrado pela barbaridade que invadíra toda a Europa, foi restituido pelo Prelado Trissino, que no

prin-

principio do Seculo decimosexto publicou a *Sofonisba*, a primeira Tragedia regular que appareceo na Europa em Lingua vulgar depois da restauraçaõ das Letras. Teve o nosso Ferreira a gloria de ser o segundo neste genero, compondo a sua *Castro* o mais interessante de todos os assumptos tragicos, o qual naõ obstante peccar contra a unidade de lugar, está muito bem executado segundo a norma dos Tragicos antigos; e pelas infinitas bellezas de estylo he tida pelo mais glorioso monumento, que neste genero possue a Lingua Portugueza. A grande liçaõ, que teve, como já disse, de Horacio, e o desejo de seguir as pizadas do Poeta Miranda, cujo credito lhe tinha conciliado a maior estimaçaõ, naõ só em Portugal, mas em toda a Hespanha, e a severidade natural do seu engenho, lhe fizeraõ conceber hum gosto particular pela concisaõ no estylo com tal excesso, que quasi sempre sacrifica a harmonia ao pensamento. Este Poeta inteiramente se consagrou á Poesia util, e he o unico dos nossos, que naõ tem ninharias canoras: depois de Camões, elle foi o que mais enriqueceo o Idioma, naõ só pelo seu pensar sublime, mas tambem pelo que imitou dos Gregos, e Latinos, em cujas Linguas era doutissimo. Em todas as suas obras resplendece a razaõ acompanhada de huma profundidade de pensar, que faz o principal distinctivo do seu caracter. As suas pinturas saõ graves, mas hum tanto mesquinhas: a sua expressaõ mais forte que suave, he muito animada, he chêa daquelle fogo, que eleva, que educa o espirito, e move o coraçaõ. Elle foi o primeiro dos nossos Poetas, que unio a Poesia de imagem á de sentimento, que conheceo a verdade, e a força do *utile dulci* do Lyrico Latino, e que lançou os fundamentos da Poesia tragica, de que taõ pouco se tem aproveitado os que depois vieraõ.

Vejamos pois como na Carta 8 exprimio este Poeta o pensamento do Sá de Miranda acima transcrito.

. . . .

. . . . Ver-

. . . . Versos daõ vida
Ao digno de memoria, e o accrescentam.
As Musas cantam: dellas he sabida,
Naõ de metaes, de cedros, de esculpturas
A fama aos claros feitos concedida.
Cahem estatuas, gastamse pinturas:
Aquelle brando canto he só mais forte
Contra o tempo, que ferro, ou pedras duras.
Contra fogo, contra agua, e contra a morte
Fica soando sempre. . . . .

A pintura do Sá de Miranda começa por huma asserçaõ positiva, da qual, como principio certo, deduz consequencias, tudo annunciado com clareza e simplicidade n'um quarteto: nos dous tercetos expoem as provas; e as utilidades do sugeito da mesma proposiçaõ.

Na do Ferreira occulta-se a proposiçaõ principal, cuja subintelligencia se facilita pela enumeraçaõ dos seus effeitos: de sorte que a primeira he mais natural, e a segunda tem mais artificio, e por isso naõ a julgo inferior. Isto quanto ao discurso. Vamos á frase: a do Miranda he mais sublime, porém mais forçada: a do Ferreira he menos resumida, porém mais pura, e mais harmoniosa: vamos por partes. Sá de Miranda diz: — *Dar favores aos engenhos ..... faz os Reis aqui immortaes, por fama, e passando ainda a mais, huns faz Deozes de todo, outros em parte.* Ferreira:

. . . . Versos dam vida
Aos dignos de memoria, e o accrescentam.

Á do Miranda nada falta; a do Ferreira he diminuta, ou por melhor dizer, menos universal que aquella; mas a expressaõ he culta, posto que a ultima clausula tenha frieza de harmonia pelo concurso de tres vogaes de igual quantidade syllabica: de maneira, que nesta par-

parte a do Miranda he ſuperior á do Ferreira. Continua o meſmo Miranda:

As Muſas brandas de ſeu natural
Que aſſi ſem armas ſam de altas ajudas.

Ferreira:

Aquelle brando canto he ſó mais forte
Contra o tempo, que ferro, ou pedras duras.

A fraſe do primeiro he aſſaz expreſſiva, mas pouco harmonica, e naõ muito elegante: a do ſegundo tem força, elegancia, e harmonia, que naõ deixa de eſtar ſacrificada ao ſentido no ſugeito da propoſiçaõ com os dous aſſoantes *brando canto*, de que o Poeta uſou por conſervar a antitheſe collocada nos adjectivos *brando*, e *forte*, que em ſi he pueril pelo equivoco do accidente *brando*, que ſignificando neſte lugar *doce*, *ſuave* translaticiamente, adapta-lhe a ſignificaçaõ primitiva *fraco*, *debil*, *froxo* para contraſtar com a idéa indicada pelo adjectivo *forte*, onde termina a força do ſofiſma, defeito em que raras vezes cahio eſte Poeta, o qual ſe perde na immenſidade de bellezas, com que illuſtrou os ſeus eſcritos, e enriqueceo a Lingua nacional. Sá de Miranda — *Ellas nos contaõ do bom tempo antigo* — Expreſſaõ ſimples, e ſem translaçaõ poetica, ſegundo o coſtume da noſſa Lingua antiga, que ſe conforma com o que exprime. Ferreira:

As Muſas cantam: dellas he ſabida . . . .
A fama aos claros feitos concedida.

Como o ſentido deſtes hendecaſyllabos ſe organiza de idéas abſtractas, que de ſua natureza tem mais elevaçaõ; tambem a fraſe he mais figurada, e por conſequencia mais expreſſiva. Aquelle exprime collectivamente; eſte por partes. Aquelle naõ indica os motivos, porque os ſuppõe ſabidos; eſte os expõe claramente, porque julga-

ma-

maxima digna, naõ só de se saber, mas até de andar eternamente ante os olhos do Poeta sabio: *que o merecimento deve ser o primeiro objecto da Poesia laudatoria.* Sá de Miranda: — *Cabírom as estatuas de metal.* — Expressaõ simples, e sem artificio, mas chêa de energia. Ferreira: — *Cabem estatuas; gastamse pinturas.* — Frase igualmente simples, mas de sentido mais extenso, e de mais força: a de Sá de Miranda exprime limitaçaõ no termo *metal*: a de Ferreira na independencia da voz *estatuas* designa idéa indeterminada; assim como na segunda parte do verso, que está construido de duas frases muito puras, mui chêas de propriedade nos verbos, inda que hum tanto debil de harmonia no principio do primeiro hemistichio: — *Contra fogo, e contra agua, contra a morte,* &c. — he huma ampliaçaõ positiva de todo o pensamento executada com muito artificio; assim a gradaçaõ estivesse mais exacta com *agua* em primeiro lugar, inda que sacrificasse alguma cousa da harmonia, como em outras muitas occasiões. O mesmo Poeta na Carta a ElRei D. Sebastiaõ exprime o mesmo do modo seguinte:

Sempre a maõ larga, sempre aberto tem
O generoso peito ao premio justo;
E triste, e vagaroso á pena vem.
Este he chamado bom, e grande, e Augusto,
Da patria pai, prazer, e amor do mundo,
Mortal imigo do tyranno injusto.
Este logo de hum alto, e d'hum facundo
Engenho té ás Estrellas bem cantado,
Voando vai na terra sem segundo.

Esta pintura, quando falla do premio designa generalidade, que abraça toda a casta de merecimento. Faz-se notavel a magnificencia da frase com que exprime a liberalidade de hum Rei justo, facil em premear, remisso em castigar. Este he o modo de pensar, que cons-

constitue hum Escritor Magistrado eterno. Vejamos como tudo nesta passagem he facil, e harmonioso. Diz o Miranda:

Dar favor aos engenhos, e a toda a arte
Das boas, faz os Reis aqui immortaes
Por fama, e passando inda avante mais,
Huns faz Deozes de todo, outros em parte.

A primeira e principal proposiçaõ, que termina na clausula — *das boas* — he excedida pela seguinte expressaõ do energico Ferreira:

Sempre a maõ larga, sempre aberto tem
O generoso peito ao premio justo.

Bella, e excellente perifrasis da liberalidade de hum Rei! O primeiro verso está composto de duas elegancias, que exprimem circumstancias, que desenhaõ com muita força o sublime caracter da verdadeira liberalidade, especialmente na pessoa de hum Rei justo, que surdo ás palavras, e ás insinuações da lisonja, só premêa o merecimento, que naõ

Dá os premios de Ayace merecidos
Á lingua van de Ulysses fraudulenta.

Saõ notavelmente poeticas as translações metonymicas *maõ larga*, e *generoso peito.* O resto da passagem do Poeta Miranda, que principia, — *faz os Reis* — até ao fim do quarteto, he certamente excedido pela elegancia dos seguintes versos:

Este he chamado Bom, e Grande, e Augusto
Da patria pai, prazer, e amor do mundo.

Tenho estas expressões por mais sublimes, do que do lugar do Sá de Miranda; porque além do sentido

 dos

dos epithetos ir crescendo, hum sobe o outro, cada hum delles exprime hum predicado taõ sublime, que equipara a sentença incluida nas clausulas — *Huns faz Deozes de todo — Outros em parte* — do Poeta Sá. *Bom* he hum attributo moral — *Grande* — huma qualidade extensiva applicada do fysico ao moral, em cuja translaçaõ consiste a sua belleza. O terceiro epitheto *Augusto* denota hum predicamento correlativo ao espirito, e á religiaõ, como o indica a sua etymologia — cousa sancta, e por isso digna de respeitos religiosos. A elegancia — *da Patria pai* — he chêa de enfase, que indica a maior veneraçaõ. — *Amor do mundo* — faz o cumulo da elegancia de toda a passagem: esta he certamente huma das mais felices gradaçoẽs que tenho visto na Poesia. A clausula derradeira he taõ enfatica, que accrescenta sobre as antecedentes: hum Rei que tem as qualidades, que o Poeta lhe assigna na presente passagem, naõ só he as delicias do seu povo, mas até chega a conciliar a affeiçaõ do mundo inteiro; porque a hum tal Rei todo o universo tributa a mais expressiva veneraçaõ, como se vio na pessoa do nosso Rei D. Diniz, e na de Henrique IV. Rei de França a quem inda hoje condecoraõ todas as Naçoẽs com o titulo de *amavel*, o mais glorioso de todos os obsequios. He digno de attençaõ o uso que fez o Poeta Ferreira da duplicaçaõ das conjunçoẽs á maneira dos Latinos, o qual sendo vicioso na prosa he mui bello na Poesia. Ferreira foi quem trouxe esta formula para a nossa, como de muitos lugares se colhe, e especialmente do seguinte na Elegia de *Amor fugido*: — Suspira, e chora, e cança, e geme, e sua. — Esta belleza he taõ usada da Poesia Franceza, como ignorada da Portugueza nos nossos dias. O sentido conteúdo nos dous tercetos, que se seguem tem por eixo principal a proposiçaõ, que se inclue neste verso, — *Cahíraõ as estatuas de metal.* — Como se dissesse: » Os louvores, que hum homem grande recebe das Musas, » isto he, dos Poetas, saõ mais perduraveis, que as estatuas, » que se levantaõ ao merecimento. » Vejamos a magestade

com

com que Ferreira por huma consequencia natural exprime este mesmo sentido, indicando outros effeitos, de que facilmente se deduz a affirmativa desta proposiçaõ: — Os louvores que a Poesia consagra ao merecimento saõ eternos. — Vamos ao lugar:

Este logo de hum alto, e de hum facundo
Engenho até ás Estrellas bem cantado,
Voando vai na terra, sem segundo.

O primeiro verso exprime as qualidades de hum verdadeiro Poeta: o segundo designa effeitos dos louvores, que a Poesia dá: o terceiro he huma consequencia chêa de nobreza, e magestade: o epitheto *facundo* faz huma feliz combinaçaõ com o adjectivo *alto*, o qual constitue belleza, e cultura de expressaõ: a clausula — *até ás Estrellas bem cantado* — he outra belleza de elocuçaõ conhecidamente sublime, que consiste na combinaçaõ *bem cantado*, onde se estriba a força da expressaõ. O terceiro verso tem dous membros tecidos de elegancias bem cultas, e sublimes — *voando irá na terra* — a belleza está no participio *voando*: a combinaçaõ deste com o futuro auxiliar *irá* he mui sonora, e cadente: o derradeiro membro, — *sem segundo* — he estimavel pelo enfase, e pela harmonia, de modo que a uniaõ destas duas formulas faz huma taõ feliz e notavel cadencia, que excitaria em nós maior admiraçaõ se naõ fosse taõ frequente em Camões, que deo a esta, e outras muitas formulas a policia e flexibilidade necessaria para se adaptarem a infinitas circumstancias.

Já deste exame se póde hir colhendo, que a Lingua Portugueza na composiçaõ do Ferreira já vai tendo mais nexo, que na do Sá de Miranda, onde se apresenta mais solta e desligada: que a frase daquelle sabio Poeta he mais culta, corrente, e elegante; e que além de se mostrar mais flexivel, se hia já revestindo daquelle amavel atticismo que ao depois tanto acreditou a penna do immortal Camões.

Vejamos agora como o Bernardes exprimio o mesmo pensamento: mas primeiro digamos alguma cousa a respeito da sua composiçaõ.

DO BERNARDES.

DIogo Bernardes Cavalheiro de Ponte de Lima, he hum dos famosos Poetas da Naçaõ Portugueza. A sua imitaçaõ he mais icastica, que fantastica. As graças da natureza, a vida do campo com todo o seu attractivo, os costumes campestres, o amor innocente, os montes, os prados, as florestas, os rios, as fontes, os pastores, os gados, a verdura dos campos, o canto das aves, as flores, os rochedos, e tudo o mais que faz o encanto da vida rustica recebe do seu pincel as côres da natureza. As personagens das suas bambuxatas estaõ bem collocadas; o dialogo bem sustentado; as pinturas tem expressaõ propria do seu genero, tintas brandas e suaves, huma molleza amavel, que algumas vezes degenera em frieza. A sua frase he pura e culta, facil e natural, mas de quando em quando mostra huma negligencia, e hum desalinho chêo de graças que esconde o artificio, semelhante áquelle que os Francezes achaõ no estylo do seu la Fontaine, e no de algumas Scenas do celebre Moliere. Sem ser taõ exacto, nem taõ methodico como o Ferreira, he mais harmonico, e corrente no estylo, posto que menos correcto, e menos castigado. Nas Cartas usa de frase mais laconica e rapida, que naõ obstante ser mais culta que a do Ferreira, em tudo o mais segue a sua norma, e imita o seu estylo, como quem se abonava de ser seu discipulo: mas vendo a celebridade de Camões, cujo merecimento conciliava a estimaçaõ geral, mudou de maneira, e de tal modo o seguio na frase, que algumas vezes se equivóca com a daquelle Poeta. Bernardes he geralmente reputado pelo primeiro Bucolico da Hespanha, e o celebre Lope da Vega expressamente confes-

sa-

[library stamp]

ſava, que a leitura dos ſeus poemas lhe enſinára a fazer Eclogas.

Vamos pois examinar a norma que eſte Poeta ſeguio para exprimir o meſmo penſamento, que himos combinando: na Carta I. a primeira clauſula da paſſagem do Sá de Miranda — *Dar favor aos engenhos* — exprime Bernardes deſte modo:

. . . . Naõ ſe afaſta a tua rica
Muſa de dar a maõ á minha pobre.

Eſta fraſe, poſto que natural, e mais animada, que a do Sá de Miranda, he ſecca na paſſagem do primeiro para o ſegundo verſo, e no adjectivo final *pobre*, por eſtar ſem ſubſtantivo expreſſo: naõ tem tanta gravidade, porque he alguma couſa vulgar, por ſer extrahida da maſſa commua e trivial da elocuçaõ da plebe. Na dedicatoria da Ecloga II. ſe vê o meſmo penſamento exprimido deſta maneira:

E mais de quem recolhe, amima, e ampara
Com obras, com favor, com eſperança
As Muſas, cujo pai já ſois por prova,
Hum novo Auguſto á Poeſia nova.

Neſte quadro vemos mais riqueza de eſtylo, e de idéas, que ſe vaõ excedendo com moderada gradaçaõ. No primeiro verſo a idéa poſitiva conſignada no verbo *recolher*, he excedida pela do verbo *amimar*, e eſta pela do verbo *amparar* unido ás tres clauſulas do ſegundo verſo, as quaes, ſem que obſervem gradaçaõ rigoroſa, eſtabelecem toda a força poſitiva da propoſiçaõ. — *Cujo pai já ſois por prova* — he a ſegunda gradaçaõ, que ſe eleva ſobre o ſentido de toda a propoſiçaõ antecedente. — *Hum novo Auguſto á Poeſia nova* — he a terceira gradaçaõ de ſentença com que todas as mais ficaõ excedidas. Pureza, perſpicuidade, e harmonia ſaõ os diſtin-

tinctivos deſtes hendecaſyllabos. O meſmo ſentido expreſſado côm ſimplicidade deſpida de ornato ſe vê na dedicatoria da Ecloga 12 do meſmo Poeta:

Que ſempre dar favor foi voſſo intento
A quantos vaõ ſeguindo Apollo. . . . .

Pureza, e cultura de fraſe he o merecimento deſte lugar. No Soneto 100. tornamos a ver o meſmo penſamento expoſto com mais riqueza de eſtylo:

Se foi ſempre dos grandes mui uſado
Dar honra, e dar favor a todo o engenho
Rezaõ tenho, Senhor, ſe eu algum tenho,
De ſer de vós favorecido, e honrado.

Nos dous primeiros verſos vemos expreſſadas a propoſiçaõ do Sá de Miranda por outra condicional, augmentada com hum predicamento expoſto na clauſula *dar honra*. No terceiro e quarto vem a conſequencia da propoſiçaõ artificialmente interrompida com outra condicional, eſpecie de parentheſis natural, que dá caracter de moderaçaõ á ſentença, e augmenta ao meſmo paſſo a força da conſequencia: he bella a repetiçaõ das duas formulas da primeira propoſiçaõ em ſentido paſſivo, contraſtando, por variar a fraſe, com a acçaõ activa daquellas. Os verſos ſaõ puros, e cadentes. Ponhamos outra vez a meſma propoſiçaõ do Sá de Miranda toda completa:

Dar favor aos engenhos, e a toda a arte
Das boas faz os Reis aqui immortaes.

A conſequencia da propoſiçaõ — *faz os Reis aqui immortaes* — he aſſumpto da ſeguinte combinaçaõ. Aquelle penſamento ſe acha exprimido pelo Bernardes na ſeguinte paſſagem da mencionada Carta:

No

No mundo aquelles tem fama immortal
De que nos canta hum peregrino engenho.

Eis-aqui outra qualidade de harmonia incognita aos antigos metrificadores: eis-aqui a maneira já de Camões conhecida nas duas dicções finaes do primeiro verso, na inflexaõ *canta*, e na combinaçaõ das duas ultimas vozes do segundo. Todas as palavras de que se achaõ tecidos estes dous hendecasyllabos já eraõ Portuguezas antes de existir Bernardes, mas a disposiçaõ, que neste lugar lhes deo, fez hum estylo naõ conhecido antes deste engenhoso Poeta; e nesta combinaçaõ, assim como em outras muitas, augmentou largamente a nossa Lingua. Sá de Miranda — Cahíraõ as estatuas de metal. — Bernardes alonga este pensamento com summa gentileza, e amavel harmonia, porque expõe a sua proposiçaõ por mêo de huma interrogaçaõ, formula superior á formula positiva do Miranda, a qual faz o estylo mais animado, dando-lhe hum tom dramatico: he bem verdade que hum tal artificio era já natural á eloquencia Portugueza, como se observa nos oradores antiquissimos referidos pelos historiadores Fernaõ Lopes, Gomes Eannes de Azurára, e ainda mesmo na narraçaõ dos mesmos. Vejamos pois o lugar de Bernardes:

Que se fez das medalhas de ouro, e cobre
Das estatuas de pedra e de metal?
O tempo gasta tudo, tudo cobre.

Asseada linguagem, e bellissima harmonia, que ainda tem mais merecimento pela difficuldade da rima a mais custosa de todas. Aqui já vemos as conjunções mais bem distribuidas, e o estylo castigado limpo de dissonancias finaes, de dithongos asperos, e de construcções barbaras.

Convem que vejamos agora como este mesmo pensamento foi expressado na frase de Pedro de Andrade Ca-

mi-

minha. Mas como este Poeta inda naõ está conhecido, porque ha pouco foi pela primeira vez impresso por diligencias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, preciso será demorarmo-nos mais em descrever as qualidades da sua composiçaõ para formar-mos juizo do seu caracter, e determinar o seu merecimento.

DE PEDRO DE ANDRADE CAMINHA.

PEdro de Andrade Caminha foi hum Poeta celebre no Seculo de Quinhentos. A sua imitaçaõ em geral pouco tem de sublime: o seu pensar he froxo; e o mesmo caracter tem a sua expressaõ, que chêa de licenças, e defeitos he confusa, e obscura, lodosa, e baxa. A elegancia continua he desconhecida deste Poeta, que pouco instruido nos grandes modellos da antiguidade, nada delles tirou com que enriquecesse o Idioma, que desfigurou com construcções erroneas, sem attender á harmonia, que sempre sacrificou ao pensamento, sem que por isso ficasse mais bello, por ser commummente mal deduzido, e pouco forte. Neste Poeta claramente se verifica, que o que he mal pensado, he mal expressado. Compoz 4. Eclogas, que naõ tem merecimento tanto no conceito, como no estylo que he todo frio, e debil. Tem 21. Epistulas em versos hendecasyllabos: melhores saõ consideravelmente, que as Eclogas. Quando trata alguns lugares communs usados por Sá Miranda, Ferreira, Bernardes, e Camões Poetas doutissimos, ainda se eleva, ainda se mostra algum tanto mais limpo de corruptellas; mas logo que se entrega a si mesmo claudica a cada passo na pureza da frase, porque usa de muitas construcções afastadas do systema da nossa syntaxe; e na harmonia, porque contrahe muitas vezes tres, e quatro vogaes, e tambem consoantes: Com tudo as Epistulas, naõ só naõ deslustraõ o Idioma, porém honraõ-no por muitos lances de moral bem tratada, e descrita: pelo generoso desinte-

ref-

resse com que escreve aos maiores Principes daquelle tempo. A Epistola ao Senhor D. Antonio tem bons pensamentos, e por isso a frase he tambem mais correcta. O caracter de hum bom Principe está bem desenhado nos seguintes hendecasyllabos.

Ser Principe, e Senhor he merecello,
E ser em tudo sempre taõ perfeito
Que nunca possa o tempo escurecello.

Se Pedro de Andrade trabalhasse por compor sempre com esta pureza, senaõ fosse o primeiro, seria certamente o segundo Poeta da Naçaõ. A Epistola a Alexandre Farnezio Principe de Parma he boa: a de Francisco de Andrade he a mais bem escrita; e onde com bastante pureza e elegancia descreve os mais bellos preceitos de critica; e me admiro, que este Poeta obrasse taõ contrario a elles: tanto vai do dizer ao executar! A Epistola de Dona Maria a Flandes tem bello e elegante principio que nada tem de vulgar. Todas as mais naõ tem cousa notavel, claudicaõ muito no estylo, e saõ mui declamatorias. As duas Epistolas em versos de arte menor, naõ tem merecimento algum. Seguem-se 20. Elegias funebres, e amatorias em terciarima: as primeiras, naõ obstante serem despidas de artificio, e terem os mesmos defeitos que as Epistolas, especialmente na frase, naõ deixaõ de ter merecimento: a segunda a Sá Miranda na morte do Principe D. Joaõ, naõ he má: a terceira a Antonio Ferreira na morte de sua mulher he soffrivel; e a que escreveo na do mesmo Ferreira he a melhor; mas os affectos saõ mal expressados, e o estylo he taõ amortecido, que nenhum effeito opéra. As Elegias amatorias naõ as devo considerar mais do que humas lamentações seccas, sem pensamentos, sem pathetico, nem expressaõ, que em si he taõ falta de movimento, e he de nausea taõ insopportavel, que nenhuma pessoa de gosto poderá ler de hum jacto tres destes poemas, posto que pequenos;

que he a melhor qualidade que lhe encontro. O grande merecimento de Tibullo, Propercio, e Ovidio no genero elegiaco era absolutamente ignorado do Poeta Caminha para os tomar por modellos. Em fim elle parece que na sua alma nada tinha dos affectos, que pertendia exprimir, ou que tinha huma natural inhabilidade para fazer semelhantes quadros, que nunca podem ser bem executados senaõ pelos grandes mestres. Dos poemas em versos octonarios o que tem algum merecimento he o que se intitúla: *Labyrintho de Amor*. As oitavas que se seguem nada valem. Naõ devemos fazer o mesmo juizo das Odes, que saõ dignas de apreço, porque saõ mais bem pensadas, e escritas que tudo o mais. Talvez, que ellas fossem emendadas por Ferreira, ou Sá de Miranda, a quem elle tinha por mestres: ou talvez que o terceto, metro de que mais usou nas outras composições, fosse causa da impureza do seu estylo, por ser aquelle o mais difficil de todos os metros. A Ode II. aos annos do Poeta Miranda he bella, a pezar da clausula — *Banhados no Pegaso* — atrevimento de expressaõ pouco feliz, onde *Pegaso* está pela fonte Caballina. O mesmo se deve dizer da Ode ao Poeta Ferreira. A nona a D. Jorge de Menezes he muito chêa de grandes verdades, e bem expressadas. A duodecima he sublime, e chêa de atticismo. Todas as mais saõ geralmente bem escritas, e honraõ a Poesia Portugueza. Dos Epithalamios fallarei na combinaçaõ, que houver de fazer destes com os do Ferreira. Os Epitafios saõ concizos, e bellos. Escreveo grande quantidade de Epigrammas, nos quaes seguio mais o estylo de Ausonio, que o de Catullo, e Marcial, que saõ os melhores Epigrammistas, dos Latinos fallo; porque Callimacho, nem os que andaõ no corpo da Anthologia grega, naõ podiaõ ser conhecidos pelo Poeta Caminha. Com tudo tem poucos Epigrammas, que naõ sejaõ bons, e neste genero he digno de todo o apreço, e benemerito da nossa Poesia, que elle augmentou. Mas para dizermos tudo o que sentimos, os talentos deste Poeta naõ se

es-

estendiaõ a muito mais do que a aguçar hum Epigramma. He verdade, que elle era falto de instrucçaõ, e ignorante das Linguas sabias, por cujo motivo naõ pôde accrescentar o Idioma, nem augmentar a nossa Poesia nos outros generos; porque lhe faltavaõ os conhecimentos necessarios para imitar as bellezas consignadas nos grandes Escritos da antiguidade, assim como fizeraõ os bons Poetas seus contemporaneos: e posto que algumas vezes traduz do Latim, mostra que era taõ pouco familiarizado com elle, que em tudo o que traduz (excepto nos Epigrammas) se mostra o pedantismo da eschola, como se pantentêa da Ode primeira, imitaçaõ pobre e mesquinha da primeira de Horacio. Tambem naõ deixo de estranhar a extravagancia com que este Poeta se quiz fazer singular em renovar certos archaismos, de que todos os bons Escritores do seu tempo, e ainda anteriores a elle, se tinhaõ abstido, como foi terminar em *on* a particula *naõ*; a primeira pessoa do presente indicativo do verbo substantivo *ser* em *aõ*; usar de dithongos rudes, como *poude*, em lugar de *pôde* a pag. 25.; e na concordancia do genero, e número dos participios nos perfeitos compostos, idiotismo Francez admittido na Lingua antiga, como fica exposto na nota número 14., e se mostra no Epigramma 45. deste Poeta.

Ingrato Eneas, que entregaste ao vento
As palavras, e as náos, que tinhas *dadas*.

Formula, que, como já dissemos, naõ agradou ao gosto Portuguez, que absolutamente o desterrou da sua syntaxe. Ainda mais notaveis defeitos desfigurariaõ as obras do Poeta Caminha, se naõ tivessem a felicidade de ter por editor hum taõ grande Sabio.

Vejamos pois como este Poeta exprimio na primeira Epistola parte do mesmo pensamento, que vamos comparando.

Que é do favor, Duarte, que os espritos
De louvor dinos justamente achavaõ
A seus bons cantos, e seus bons escritos?

E no fim.

Gram Principe, que sempre tens diante
Dos olhos o favor das brandas Musas;
Faze os ingenhos bons ir sempre avante.

No primeiro terceto, que na verdade está mui bem lançado, se vê o sentido do primeiro verso da passagem do Sá de Miranda ampliado com felicidade, naõ muito commua ao pincel do Poeta Caminha; digo ampliado, quanto ás circumstancias designadas em *cantos*, *e bons escritos*, e naõ quanto ao sentido total da proposiçaõ, porque esse está na do Sá de Miranda com universalidade manifesta, e por consequencia com ampliaçaõ ou extensaõ de sentido superior a esta do Caminha. Pureza, perspicuidade, e harmonia saõ as bellas qualidades deste terceto. O segundo, onde já se mostra a maneira do Poeta Andrade, isto he, huma seccura, huma mesquinhez propria do seu genio timido, e pouco liberal, contém a mesma proposiçaõ, porém menos accompanhada de circumstancias, cujo estylo naõ he taõ corrente, nem taõ harmonico como o do primeiro terceto.

Passemos a ver como Camões, o grande Camões se explica a este respeito.

DO CAMÕES.

HE tanto o que se tem dito deste grande homem, que parece ocioso fallar delle: com tudo posto que o credito de hum taõ admiravel Poeta esteja estabelecido na justa idolatria que todos lhe consagraõ; seja-me permittido dizer alguma cousa a seu respeito. Luiz de Camões na-

natural de Lisboa he, ſem contradicçaõ alguma o maior Poeta, naõ ſó de Portugal, mas de toda a Heſpanha. Os ſeus talentos reſplandecêraõ em mais de hum genero. A imitaçaõ fantaſtica, como mais propria, mais analoga á grandeza das idéas, que fermentavaõ na ſua fantazia, foi o principal objecto do ſeu pincel, que iſſo naõ obſtante, quando decia á imitaçaõ icaſtica, na primoroſa deſtreza com que executava as pinturas deſte genero moſtrava quam habil era para iſſo. As perſonagens dos ſeus quadros todas eſtaõ no lugar, que devem occupar. Os ſeus raſgos ſaõ os mais liberaes, as ſuas tintas as mais brilhantes e maſſias. A verdade da ſua imitaçaõ eſtá no maior auge. A vivacidade, a grandeza, a ſublimidade ſaõ os caracteres principaes da ſua Poeſia, cujo maravilhoſo tanto ſe remonta, que vai buſcar no imperio do ideal aſſumptos nunca ſabidos, nunca imaginados, para cuja expreſſaõ acha novas tintas, novas côres, taõ vivas, taõ fortes, taõ chêas de fogo, que movem, que accendem, que abrazaõ o coraçaõ do leitor de tal modo, que o ſeu eſpirito penetrado do enthuſiaſmo da admiraçaõ fica como encantado, ſentindo ao meſmo tempo ſublimes emoçőes, novo intereſſe n'uma pintura, que, ſem ter fundamento em alguma exiſtencia fyſica, ou moral, goſa com juſta razaõ dos privilegios de original o mais nobre, o mais ſublime, o mais arrojado, que nunca exiſtio no mundo fantaſtico da mais prodigioſa Poeſia. Tal he o ſoberano maravilhoſo do grande, do nunca aſſaz louvado epiſodio de Adamaſtor na Luſiada, a primeira Epopea, que appareceo na Europa eſcrita em oitava rima. Além deſtas precioſas qualidades, que tanto diſtinguem a vivacidade das ſuas pinturas, os contraſtes, a gradaçaõ das tintas ſaõ tambem diſpoſtos, que ſerviráõ de modello eterno aos bons imitadores deſte divino Poeta, cujo merecimento eclypſou o de todos os Poetas, que lhe precedêraõ, ſem, talvez, deixar eſperança de ſer igualado, quanto mais excedido. A ſua Poeſia toda filha da imaginaçaõ mais elevada, e mais inſtruida, a tudo dá corpo, e vida:

os objectos horriveis, os humildes, os menos decorosos saõ desenhados com côres fortissimas, e decencia propria, mas em gráo taõ superior, que arrebata. A frase he a mais pura, a mais culta, e a mais brilhante: clareza, e elegancia contínua he o caracter do seu estylo sempre chêo de movimento, e a quem a magia da harmonia faz extremamente recommendavel. Na sua composiçaõ se ostenta todo o luxo de huma imaginaçaõ soberanamente fertil, e abundante, que assim como a corrente de hum rio engrossado com as aguas do inverno, rompe e transgride algumas vezes os limites, os preceitos da arte, mas com tal liberalidade e bizarria, que desculpa o erro, e persuade a cahir nelle; o que tem sido causa de muitos, que, sem terem forças para imitar as suas bellezas, o seguíraõ nos seus defeitos. Finalmente foraõ tantas as graças, que este grande homem communicou á Lingua, e á Poesia Portugueza, que seguramente se póde affirmar que elle creou huma Poesia, e huma Linguagem nova em Portugal. Teve a maior propriedade para pintar o sublime, cujo resplendor, posto que immenso, he taõ suave, que naõ cega, antes se faz com summo prazer accessivel á vista. No pathetico foi o mais insigne mestre: oh com que vehemencia o pinta, sem causar tedio! com que arte affeiçoa, e interessa! Com que força de expressaõ naõ traça o terrivel! Mas com que amabilidade naõ desenha as graças da natureza? huma aurora, hum dia claro e socegado; hum bosque ameno ventilado da frescura dos Zefyros; huma fonte rompendo do seio das penedias, a verdura dos campos matizada de flores, e regada das aguas; os rios, hora serenos, hora arrebatados; o silencio, a serenidade de huma noite de veraõ; o estrondo das tempestades; a lua, as estrellas, os gados, os pastores, as aves, a caça, a luta, o amor, o ciume, tudo em fim retrata a Poesia deste grande engenho com tal e taõ prodigioso primor, que a sua leitura nos transporta ao mesmo lugar da scena, que representa, nos lança em extasis taõ deliciosos, que a alma só appetece jazer eternamente naquel-

le amabilissimo encanto, que longe de a enfraquecer, lhe dá força e vigor, sciencia e elevaçaõ. Com que heroica resoluçaõ naõ reprehende, naõ fere, naõ fulmina os vicios, inda mesmo nas pessoas mais sublimadas! Com que côres, com que amaveis côres se naõ vem a cada passo desenhadas pelo seu prodigioso pincel todas as virtudes que mais devem resplandecer no coraçaõ do homem! Camões em fim he hum daquelles Escritores, que saõ pelas suas rarissimas qualidades admiraçaõ do mundo, e eternos magistrados das Nações.

Naõ achei nas obras deste grande Poeta pintura expressa desta prerogativa sublime da Poesia em uniaõ positiva, como na do Sá Miranda; mas sim os mesmos conceitos dispersos, segundo convinha ao assumpto, e ao lugar, annunciados com tanta variedade de expressaõ, que bem daõ a conhecer o prodigioso manancial, donde procederaõ. Na Lusiada Canto 8. Estança 39. vemos o seguinte.

Outros muitos verias que os pintores
Aqui tambem por certo pintariaõ;
Mas falta-lhes pincel, faltaõ-lhes côres
Honra, premio, favor, que as artes criaõ.

Neste derradeiro verso está incluida a primeira proposiçaõ da passagem do Sá de Miranda com a mesma, ou ainda maior universalidade; porque na daquelle Poeta o epitheto *boa* indica em certo modo limite á extençaõ do sentido da proposiçaõ, o que naõ se vê na de Camões por estar concebida em termos de sentido absoluto, especialmente no substantivo *arte*, sem accidente, ou modificaçaõ. Na passagem do Sá de Miranda acha-se a proposiçaõ, e a sua consequencia com disposiçaõ natural: na de Camões com disposiçaõ artificial em razaõ inversa, porque a proposiçaõ está no fim, e a consequencia no principio, como se dissesse: *Muitos estariaõ nas pinturas*, isto he, *seriaõ famosos, se favorecessem as Artes.* Esta passagem está chêa de enfase, porque toda a pintura encerra-

rada nos tres primeiros versos se póde igualmente applicar ao material, e ao ideal; ao material, tomando o sentido das palavras á letra, segundo a expressaõ da Poesia muda; no ideal, applicando-o ao transumpto mental consignado na pintura fallante. Naõ se podem fazer hendecasyllabos mais puros, e cadentes do que estes, cujo sentido he taõ chêo, taõ expressivo, que se acha consagrado em axioma de altissima instrucçaõ. A metáfora, e a allegoria daõ notavel gravidade a este lugar. No terceiro verso estaõ designados todos os requisitos, que fomentaõ as Artes, o principal dos quaes he a honra, ou o apreço; mas este, sem premio e auxilio, nada póde aproveitar. O concurso destas tres retribuições criaõ e augmentaõ as Artes, que esta he a energia do verbo *criar* nesta passagem, e onde naõ houver protecçaõ, naõ esperem já mais, que as Artes floreçaõ, costumes, nem virtudes, que elevaõ o espirito, e movem os corações a conceber, e tentar emprezas gloriosas, cuja fama nunca perece. Sublimidade de conceito, o mais puro atticismo, e harmonia deliciosa fazem o maior merecimento desta passagem. Quasi com a mesma generalidade de sentido vemos a mesma proposiçaõ relatada nos seguintes versos da Lusiada Canto 9. Estança CXLV.

O favor com que mais se accende o engenho
Naõ o dá a patria naõ, que está metida
No gosto da cubiça, e na rudeza
De huma austera, apagada, e vil tristeza.

No primeiro verso vemos consignada a proposiçaõ da passagem do Miranda — *Dar favor aos engenhos, e a toda a arte das boas.* — No substantivo *engenho* está a força da generalidade da expressaõ nelle recopilada por huma especie de metonymia. O mesmo se póde dizer do termo *favor*, sugeito da proposiçaõ, onde collectivamente se incluem as idéas expressadas pelos termos *honra*, e *premio* da passagem antecedente. Tambem o sentido destes

ver-

verſos moraliza altamente. Nas terras, onde as Artes naõ florecem, onde a cubiça, e a riqueza valem por todas as virtudes, em lugar de hum nobre orgulho, e alegria ſublime naſcida da cultura das Artes, que ſó podem dar elevaçaõ ao eſpirito, e verdadeiro contentamento, ſómente ſe moſtra a ſeccura da triſteza de huma alma hydropica de cubiça, e abrazada da ſede de ouro que a devora. Eſta enfermidade moral he muito conhecida, onde mais reina a ignorancia: eis-aqui o motivo por que vemos tantos milhionarios conſumidos de triſteza tal, que parece, que no ſeu roſto nunca brilhou o amavel riſo de huma alegria pura e innocente. Cultura, pureza, e harmonia ſaõ as graças deſtes bellos hendecaſyllabos. O meſmo conceito do Poeta Miranda annunciado com menor generalidade, ou por melhor dizer, com applicaçaõ ſómente á Poeſia Epica vemos conſignado nos ſeguintes verſos da Luſiada, Canto V., Eſtança 94.

Si, mas aquelle Heroe, que eſtima, e ama
Com dões, mercês, favores, e honra tanta,
A Lyra Mantuana faz que ſôe
Eneas, e a Romana gloria vôe.

Eis-aqui a propoſiçaõ com menos extenſaõ que a do Miranda, mas com as meſmas circumſtancias, que na primeira paſſagem do noſſo Poeta expreſſadas nos termos *dons*, *merces*, *favores*, e *honra*. Os dous primeiros verſos ſaõ muito puros, e perſpicuos; os dous ultimos muito elevados, e poeticos, e todos chêos da mais deleitavel harmonia. O meſmo ſentido com a meſma limitaçaõ ſe vê explicado nos ſeguintes hendecaſyllabos da Luſiada Canto VII. Eſtança 78.

Voſſo favor invoco, que navego
Por alto mar com vento taõ contrario,
Que ſe naõ me ajudaes, hei grande medo,
Que meu fraco batel ſe alague cedo.

Ó que bella poesia! Que admiravel encanto de expressaõ, onde o pathetico vai começando a desenvolverse para se vir a dilatar com a energia, com que adiante se manifesta! Pede favor ás Musas, entidades symbolicas em que se personalizaõ as Artes. He chêa de artificio a pintura do engenho desamparado e perseguido, representado debaixo da bella allegoria de hum batel em mar tempestuoso, assim como Horacio configurou a Républica no Liv. I. Ode XIV., taõ conhecida em toda a Litteratura. No termo *favor* estaõ representadas collectivamente todas as consolações espirituaes, que recebe hum verdadeiro Poeta, quando o sentimento interior da sua consciencia lhe persuade ter feito huma obra digna da immortalidade. Estas consolações, estes prazeres interiores saõ a paga, e o verdadeiro premio do grande genio, que ama a gloria, a quem tem por unico alvo das suas ambições, unica e sublime satisfaçaõ das suas fadigas, e norte aonde se dirigem todas as suas operações. O segundo verso mostra a força da allegoria; — pela palavra *mar* exprime a carreira das Artes, especialmente na Poesia Epica, cuja immensidade só póde ser sondada por hum genio verdadeiramente sublime. — *Vento contrario* — expressaõ collectiva que designa os trabalhos, as perseguições, que impedem os vôos do genio. O terceiro he de expressaõ simples, que faz hum excellente contraste com a expressaõ translata dos outros. No quarto está, como disse, o engenho configurado no termo *batel*: sim, que os trabalhos e as perseguições, sempre suscitadas pela inveja contra o Sabio, saõ capazes de fazer transtornar, e confundir, e aniquilar o mais sublime entendimento. A Poesia mais elevada, a expressaõ mais culta, e harmoniosa saõ as graças principaes, que constituem esta passagem huma das mais insignes pinturas, que se encontraõ na Poesia Epica.

Com generalidade a toda a Poesia vemos o mesmo pensamento expressado na Ode VII. desta maneira:

Mas

Mas altos corações dignos de imperio
Que vencem a Fortuna,
Foraõ sempre columna
Da Sciencia gentil. Octaviano
Scipiaõ, Alexandre, e Graciano,
Que vemos immortaes,
E vós que o nosso seculo douraes.

Neste exemplo vemos o mesmo pensamento exposto por modo todo differente. Em lugar de favor, mercês, honra, dons, premio, usa do termo *columna*, que nesta passagem exprime idéa collectiva, e em lugar de *Artes* e *engenho* — Lyra Mantuana — e batel — serve-se da expressaõ *Sciencia gentil*: bellas, e excellentes metaforas. Em primeiro lugar mostra, que favorecer as Artes, e em especial a Poesia, he condiçaõ propria de hum Principe illuminado, e por isso digno de imperio, o qual pelas suas acções vence a fortuna, ou aquella fatalidade, que a ignorancia faz presidir ás acções dos homens: esta asserçaõ positiva he comprovada com exemplos dos maiores Monarcas da antiguidade, que pelo favor, que deraõ á Poesia ficáraõ immortaes, finalizando a estrofe com a mais poetica, e maravilhosa expressaõ, que de nenhum modo procede, como quer o sabio Faria e Sousa, da seguinte passagem do Sanazaro na Ecloga IX.

. . . . Conoscano
Quanto il secol perduto in voi rinovasi.

A qual se alguma semelhança póde ter com a de Camões: — E vós que o nosso seculo dourais — será por analogia remotissima, unicamente produzida pelo sentido, e nada pela expressaõ. Esta mesma repetio na Ecloga VI. — O que vos deve o mundo, que dourais: — felicissimo modo de fallar, que só por si abona o nobre engenho, que o produz. Tambem he notavel a elegan-

cia — *Sciencia gentil* — pela Poesia, como a denominavaõ os Provençaes: — *Gaja Scienza* —, ou *Gai saber.* Pureza, elegancia, e harmonia saõ as graças mais relevantes desta passagem, cuja derradeira expressaõ, consignada no verso final, teve nascimento na poesia antiga a saber: Virgilio Enéada, Liv. VI. verso 792.

Augustus Caesar, Divûm genus, *aurea condet*
Saecula, qui rursus Latio, regnata per arva
Saturno quondam. . . . .

Que pouco mais ou menos querem dizer o seguinte:

Cesar Augusto, geraçaõ dos Deozes
Que ha de segunda vez no Lacio antigo,
Onde reinou Saturno, e teve abrigo,
Restituir os *seculos dourados.*

O mesmo na Ecloga IV. verso 8.

Tu modo nascenti puero, quo ferrea primùm
Desinet, ac toto surget *gens aurea* mundo,
Casta fave Lucina. . . . .

Cujo sentido he o seguinte:

Casta Lucina, acode ao tenro infante,
Com quem ha de acabar a ferrea idade,
E ha de tornar *a de ouro rutilante*,
Que mostrará com elle em todo o mundo
Gente de alto valor, saber profundo.

Horacio Liv. II., Ode X. com diversa applicaçaõ:

Auream quisquis *mediocritatem*
Diligit, tutus caret obsoleti
Sordibus tecti, caret invidendâ
Sobrius aulâ.

Que

Que em Portuguez dizem :

Aquelle que sómente eſtima , e ama
Aurea mediocridade ;
De tecto humilde , e ſordido carece ;
Nem habita com tumida vaidade
Palacio de invejada mageſtade.

Aſſim como tambem na bella , e ſublime Ode II. do Liv. IV. em louvor de Pyndaro :

. . . et vires , animumque , *mores* —
— que *aureos* ducit in aſtra , nigro —
— que invidet Orco.

Que mais ou menos diz o ſeguinte :

Quando levanta aos Aſtros luminoſos
Hum animo gentil de *aureos coſtumes* ,
E para ſempre o ſalva
Dos furores do Tartaro horroroſos.

Ovidio no Liv. I. dos Metamorfoſeos , verſo 89.

Aurea prima *ſata* eſt *aetas* , quae vindice nullo ,
Sponte ſua , ſine lege fidem , rectumque colebat.

Que dizem :

Naſceo entaõ primeiro a *idade de ouro*
D'altas virtudes mil puro theſouro.

E tudo finalmente naſceo da ſeguinte paſſagem de Heſiodo no ſeu Poema das Obras e dos Dias , Liv. I. verſo 109.

Ως

Ὡς ὁμόθεν γεγάασι θεοὶ θνητοί τ᾽ ἄνθρωποι,
Χρύσεον μὲν πρώτιστα γένος μερόπων ἀνθρώπων
Ἀθάνατοι ποίησαν, ὀλύμπια δώματ᾽ ἔχοντες.

Que com pouca differença querem dizer o feguinte :

Tanto que heróes, e miferos mortaes
Entráraõ de exiftir, nova *aurea gente*
De coftumes, e linguas defiguaes
Criáraõ logo os Deozes moradores
Do rutilante Olympo omnipotente.

Daqui vem *horas douradas* do Ferreira, como fe vê nefte verfo do Epithalamio dos Principes de Parma: — Boa eftrella te leve, *hora dourada* — que ferve de eftribilho ao Canto intercalar das Nereidas, e Tritões introduzido naquelle poema: daqui procede tambem *tempo dourado*, que commummente fe ufa na frafe familiar.

O mefmo penfamento applicado unicamente á fua Epopéa veremos nos feguintes verfos da Eftança 82., Canto VII. da Lufiada:

Vede, Ninfas, que engenhos de fenhores
O voffo Téjo cria valorofos,
Que affim fabem prezar com taes favores
A quem os faz cantando gloriofos.

O exemplo eftá no terceiro verfo, onde fe vê o verbo *prezar* em lugar de *eftimar*, o qual he chêo de força, e de energia, efpecialmente combinado com o fubftantivo *favor*. Naõ póde haver eftylo mais liquido, nem verfos mais cadentes do que os defta paffagem. No principio da feguinte Eftança 83. temos a mefma expreffaõ:

Pois logo em tantos males he forçado,
Que fó voffo favor me naõ falleça.

Mo-

Modo de exprimir verdadeiramente chêo de gravidade no verbo fallecer, que por menos commum he mais poetico do que o verbo *faltar*. Tambem as virtudes destes dous hendecasyllabos saõ as mesmas que as da passagem antecedente. No Canto I. Estança 18. apparece a mesma expressaõ com significado relativo á Lusiada:

Dai vós favòr ao novo atrevimento
Para que estes meus versos vossos sejam.

Aqui vemos o mesmo pensamento com diversidade notavel no substantivo *atrevimento*, abstracçaõ moral, que, por virtude de huma metáfora chêa de felicidade, exprime neste lugar artefacto mental, a Lusiada. Com razaõ lhe ajuntou o adjectivo *novo* com summa propriedade, pois que, como já fica escrito no juizo que fizemos deste grande Poeta, a Lusiada foi a primeira Epopéa regular, que appareceo na Europa em oitava rima. Os versos saõ puros, elegantes, e cadentes.

No mesmo sentido, e com a mesma relaçaõ se vê tambem na Ode VII., Estrofe 4.ª

Imitando os espritos já passados
Gentís, altos, Reaes,
Honra benigna dais
A meu tam baixo, quam zeloso engenho.
Por Mecenas a vós celebro, e tenho;
E sacro o nome vosso
Farei, se alguma cousa em verso posso.

A Estrofe 8.ª he glosa desta, que se póde reputar resumo daquell'outra, que acima fica, e offerece hum bello exemplo de abreviatura, ou recopilaçaõ do pensamento. Outro exemplo se vê nesta mesma Estrofe no verso — Por Mecenas a vós celebro e tenho — modo notavel de exprimir resumido, porque na voz Mecenas se achaõ incluidas todas

as formulas de expressaõ, que temos apontado. Faz-se digna de reparo a frase — E sacro o nome vosso — a qual denota o maravilhoso effeito da verdadeira Poesia, que he fazer eterna a pessoa que celebra em tal ponto, que fica reputada como huma divindade: esta he a energia do epitheto *sacro*, que tem o mesmo valor que o pensamento do Miranda: — *Huns faz Deozes de todo.* — A derradeira clausula — *se alguma cousa em verso posso* — he de Virgilio na Eneada, Liv. IX. no bello episodio de Niso, e Eurialo:

Furtunati ambo, si quid mea carmina possunt.

Outro modo de exprimir o mesmo pensamento vemos na mesma Ode, Estrofe 6.ª com muito sublime diversidade:

Na vossa arvore ornada de honra, e gloria
Achou tronco excellente
A Hera florecente
Para mim atéqui de pouca estima:
Nella para trepar se encosta e arrima;
E nella subireis
Tam alto, quanto os ramos estendeis.

Os primeiros tres versos saõ muito poeticos, e harmonicos. O substantivo *arvore* está por geraçaõ com bello artificio na combinaçaõ dos dous predicamentos *honra*, e *gloria*, que, quer os consideremos activos, quer passivos, daõ summo valor á expressaõ. *Arvore*, *tronco*, *hera*, e todo o resto da Estrofe saõ translaçóes symbolicas, que pintaõ aos nossos olhos humas taõ sublimes abstracçóes do entendimento como: *geraçaõ*, *patrocinio*, *Poesia*, *sublimidade*, e *existencia eterna*. A hera arrimada ao tronco he emblêma da Poesia, que para florecer quer descanço, e amparo. Expressaõ que teve nascimento na Poesia de Virgilio, e Horacio como se faz certo dos seguintes exemplos: Ecloga VII. verso 25.

Paf-

Pastores *hedera* crescentem ornate Poetam.

Ornai Pastores de *hera florescente*
O Poeta onde espira Febo ardente.

Mas dos seguintes lugares he que foi propriamente extrahida esta expressaõ metonymica de Camões; Virg. Eclog. VIII. vers. 12.

. . . . Atque hanc sine tempora circum
Inter victrices *hederam* tibi serpere lauros.

Permitte, que entre os louros vencedores,
Que a tua fronte adornaõ, se entreteça
A *hera* digna de immortaes louvores.

Horacio Livro I., Ode I.

Me doctarum *hederae* praemia frontium
Dîs miscent superis . . . .

A *hera* premio do merecimento
Aos Deozes me erguerá do ethereo Assento.

Nestas duas ultimas passagens vemos *hera* significando Poesia; assim como na seguinte de Bernardes na Carta V., que se póde pôr em parallelo com a de Camões pela semelhança:

Mas permittindo o Ceo, que se mostrasse
Em vós á Minha musa outro Mecenas
Por cujo *tronco a baixa hera* trepasse.

Nella vemos tambem *tronco*, *e hera* nas mesmas accepções, que na de Camões, em cujos ultimos dous versos está o conceito do Sá de Miranda. — *faz os Reis*

 aqui

aqui immortaes. — Elegancia, pureza, e harmonia, saõ as graças da passagem de Bernardes. Todas estas formulas saõ metonymias de belissima estructura.

Na Ode, VIII., Estrofe 3.ª apparece o mesmo conceito expressado por hum artificio negativo, que naõ deixa de ser bem engenhoso:

E naõ se desprezou
Aquelle fero, e indomito mancebo
Das artes, que ensinou
Para o languido corpo o intonso Febo.

Toda a proposiçaõ negativa desta passagem tem força de asserçaõ positiva, como se dissesse: — *prezou as artes* — fraze que equival ao conceito de Miranda — *dar favor aos engenhos, e a toda a arte.* — Pondere-se de caminho a bella perifrasis da Medicina, e a pintura da enfermidade corporal, consignada no derradeiro verso pela energica enunciaçaõ do accidente *languido*, palavra pouco usada antes de Camões, e muito dos Francezes no mesmo sentido, a qual tenho visto censurar de pouco pura; mas o pouco, ou nenhum estudo do Idioma nos nossos tempos, faz produzir juizos taõ temerarios. Elegancia, cultura, e harmonia, saõ as virtudes deste estylo.

Outra igual perifrasis da Medicina, e da Sciencia da Botanica, ou da Historia natural no reino vegetal, se verá na seguinte passagem da Estrofe 9.ª da mesma Ode:

Hum velho que ensinado
Das Gangeticas Musas na Sciencia
Podaliria subtil, e arte silvestre,
Vence o velho Chiron de Achilles mestre.

Que bella, e que poetica expressaõ! Estes saõ huns dos lanços, onde se mostra a sciencia, e a destreza de hum artifice tal, como o divino Camões. Elegancia, cultura, e harmonia. Na Estrofe 7.ª da mesma:

Fa-

Favorecei a antiga
Sciencia, que já Achilles estimou.

Temos a mesma expressaõ, e quasi o mesmo conceito applicado á Medicina: mas naõ he tambem Medecina a Poesia? Medicina tanto mais sublime, e proveitosa, quanto excede a do espirito á do corpo, como altamente o persuade Cicero no principio da III. Tusculana? Sim; a Poesia, por mais bella que seja, nenhuma estimaçaõ merece, se naõ concorre para nos curar das enfermidades moraes, que attacaõ o nosso espirito: por isso a Tragedia será em todos os tempos a mais util, e respeitavel de todas as composições poeticas: esse he o motivo porque vemos igualmente Apollo inventor da Poesia, e da Medicina. Clareza. A mesma expressaõ, e naõ o mesmo conceito que vimos combinando, se vê noutra passagem da Estrofe 10. do mesmo poema:

O qual está pedindo
Vosso favor, e amparo ao gram volume,
Que impresso á luz sahindo,
Dará da Medicina hum vivo lume.

Estes quatro versos estaõ tecidos de bellas, e elegantissimas formulas de expressar verdadeiramente poeticas; o exemplo está nos primeiros dous versos: o penultimo contém frase, que verosimilmente era desconhecida da nossa Poesia anterior a Camões: talvez, que deste lugar nascesse a mesma formula, de que tanto se serve a frase commua em semelhantes casos. Desta expressaõ procede legitimamente a do derradeiro verso, que he cheia de força, de elegancia, e summamente poetica. Elegancia, cultura, e harmonia. Outro rodeio de expressaõ, todo novo no nosso Idioma, preparado com artificio negativo, semelhante a outro lugar acima, se appresenta na Estrofe 11.

Aſſim que naõ podeis
Negar a que vos pede *benigna aura.*

Aura por favor he todo tirado do Latim por eſte grande homem, que já o tinha uſado na excellente proſopopéa de Portugal, no fim do Canto IV. da Luſiada, Eſtança 95.

Ó fraudulento goſto, que ſe atiça
C'uma *aura popular*, que honra ſe chama.

Fraſe propria da Poeſia Épica, e Lyrica pelo que tem de ſublime, e audaz, a qual he taõ frequente nos Latinos Poetas, e proſiſtas, que eſcuſo relatar exemplos. Elegancia, e harmonia.

Na Elegia IV. vem o meſmo conceito expreſſado com viſivel differença:

Tem claro eſtylo, e engenho curioſo
Para poder de vós ſer recebido
Com maõ benigna, e animo amoroſo;
Pois ſe ſó de naõ ſer favorecido
Hum alto eſprito fica baxo, e eſcuro,
Eſte ſeja com voſco defendido.

No ſegundo, e terceiro hendecaſyllabo do primeiro terceto ſe vê o penſamento, que vimos comparando. A idéa de protecçaõ, que em Sá de Miranda eſtá conſignada n'huma expreſſaõ concreta, acha-ſe neſte lugar expoſta por hum rodeio bello, e mui ſignificativo pelos acceſſorios annunciados no terceiro verſo, os quaes fazem a pintura notavelmente amavel, e gentil. No ſegundo terceto eſtaõ mais dous exemplos, hum no primeiro, outro no derradeiro verſo, com dependencia reciproca, e ſummo artificio, exprimindo a primeira propoſiçaõ hum grande documento, que *hum ſublime engenho,*

ſem

ſem protecçaõ fica de nenhum valor. He notavel a nobre ſimplicidade, pureza, e harmonia deſta paſſagem. He cheia de verdade a exacçaõ, com que ajuiza do eſtylo da Hiſtoria da Terra Santa Cruz, compoſta por Pedro de Magalhães Gandavo, ſem ſe eſquecer da clareza, que he a parte mais eſſencial de hum bom eſtylo. De ſorte que ſó neſte lugar vemos tres exemplos.

Outro modo de expreſſar o meſmo penſamento, mas por analogia ſe vê no III. Canto da Luſiada Eſtança 2.

Deixa as flores do Pindo, que já vejo
Banharme Apollo n'agoa ſoberana.

Invoca a Muſa Calliope, como ſe diſſeſſe: *Deixa as* flores do Pindo *vem-me inſpirar*, *vem-me favorecer*, aſſim como Apollo, que tanto me inſpira, e favorece, que já *me banha na agua ſoberana* da Caballina. Bem entendido, que neſta paſſagem eſtá o meſmo penſamento objecto da noſſa comparaçaõ, exprimido por dous modos, hum no primeiro, outro no ſegundo verſo. Naõ ha palavras que aſſaz poſſaõ louvar a belleza deſtas expreſsões verdadeiramente filhas do enthuſiaſmo. Que verſos, que admiraveis verſos! Que amabiliſſima poeſia! O ſegundo hendecaſyllabo he em ſi outro exemplo, que encerra o meſmo ſentido, iſto he, que Apollo tanto o favorece, e tanto lhe liberaliza da fonte Caballina, que o banha nella. As expreſsões deſtes hendecaſyllabos ſaõ todas ſymbolicas, e o eſtylo he..... hum eſtylo divino.

Diz mais o Sá de Miranda, que o favor com que os Reis portegem as Artes lhes grangeia fama immortal: — *faz os Reis aqui immortaes*. — Vejamos pois como Camões exprimio o meſmo conceito no bello Soneto 187. feito em louvor do celebre Manoel Barata grande Meſtre de eſcrever, que o foi d'ElRei D. Sebaſtiaõ:

E *porque immortal ſejas* eis Apollo
Te offerece de flores a corôa.

He

He a mesma, e identica expressaõ que a do Miranda. Passemos a outra do Soneto 12.

Na memoria das gentes vivireis.

He o mesmo conceito por huma bella, e nobre perifrasis concebida em estylo facil, e harmonico.

No Soneto 78 vem o mesmo conceito expressado por hum modo bem engenhoso, bem proprio da sublime fantasia deste admiravel Poeta, cuja fecundidade de idéas tambem apparece neste genero de expressaõ:

Ninfas por quem Castalia se abre, e cerra;
Vós que fazeis á morte mil enganos.

O primeiro verso he huma excellente perifrasis das Musas. O exemplo está no segundo verso. ;, Enganar a morte, diz o Sabio Faria e Sousa, he fazer-se immortal por suas obras, com que se fica vivo no mundo depois que se morre; porque o uso da morte he apagar as memorias de tudo quanto nelle vive, por mais grande que seja: e estes enganos á morte naõ ha quem os faça como os famosos escritos, pelos quaes estaõ aqui as Musas; e he clarissimo, porque muitos varões houve gloriosos, cuja fama está morta, porque naõ os tomáraõ á sua conta nem grandes historiadores, nem grandes Poetas. Elegancia, e harmonia em gráo supremo he o porque mais se distingue esta passagem.

Expressaõ de igual natureza, postoque com sua differença no sentido, he a que se segue no Soneto 190.

E á sua dor fazendo illustre engano.

Com frase igualmente pura, porém mais simples, vemos o mesmo conceito na Lusiada Canto VIII., Estança 37.

Aquel-

Aquelle faz, que fama illustre fique
Delle em Germania, *com que a morte engâne.*

He o mesmo *immortal* do Poeta Miranda, que o Camões exprimio por — fazer á morte enganos, — e — *com que a morte engâne* — fazendo nascer com engenhoso artificio huma proposiçaõ de hum adjectivo. Pureza.

O mesmo conceito por modo diverso na Lusiada, Canto I., Estancia 2.

E aquelles que por obras valorosas
Se vaõ da lei da morte libertando.

Bella Poezia! *Obras valorosas* tambem pódem significar *escritos excellentes*, e por isso de valor, porque aproveitaõ: esta he a energia primitiva do adjectivo *valoroso*; e quem se exime da lei da morte *fica immortal*: engenhosos modos de fallar! Cultura, elegancia, e harmonia, saõ a virtudes deste estylo.

O mesmo conceito exposto por expressaõ da mesma natureza no Canto VIII. Estança 27.

Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que póde naõ temer a lei lethea.

Esta expressaõ tem mais audacia na força do verbo *temer*. Elegancia, e harmonia.

Na Estança 17, Canto I. vemos o mesmo por diverso modo:

Albuquerque terrivel, Castro forte,
E outros em quem poder naõ teve a morte.

Logo ficáraõ *immortaes*, por isso mesmo, que nelles naõ teve poder a morte. Vejaõ de quanta variedade he capaz a grande fantasia de hum Poeta sabio, tal como

Ca-

Camões! Para fazer isto mais evidente, eu ainda me atrevêra a referir mais exemplos, se naõ temêra ser notado de excessivo.

Diz mais o Sá de Miranda, que hum dos insignes prodigios da Poesia he fazer os homens divinos, o que he consequencia da immortalidade: veja-se como exprimio isto mesmo o grande Épico na Lusiada Canto IX, Estança 92.

Mas a fama trombeta de obras taes
Lhes deo no mundo nomes taõ estranhos
De Deozes, Semideozes immortaes,
Indigetes, Heroicos, e de Magnos.

Aqui apparece o conceito de Sá de Miranda exprimido por hum modo mui sublime, desconhecido da Poesia do seu tempo. No terceiro verso está o exemplo: Naõ agradando a Camões a frase daquelle poeta — Huns faz Deozes de todo, outros em parte; — especialmente, a que fórma a derradeira clausula — *outros em parte*, — trouxe pela primeira vez do Latim a palavra *Semideos*, que exprime com mais força, e nobreza a idéa, que na clausula do Miranda apenas se mostra, o que melhor se vê da seguinte confrontaçaõ das duas passagens:

Miranda: *Huns faz Deozes de todo, outros em parte.*
Camões: *Deozes, e Semideozes immortaes.*

Onde a de Camões he infinitamente superior á do Poeta Sá. O primeiro verso do lugar do nosso Épico he de nobre alento poetico: o segundo pouco menos: os dous ultimos naõ tem circumstancia notavel mais do que a licença na desinencia em *anhos* da palavra *magnos*, á maneira dos Italianos: liberdade de que raramente usou, e lhe deve ser desculpada pelo sem numero de bellezas, com que enriqueceo a nossa Poesia, e a Lingua Portugueza, na qual ainda estava em uso este final no tem-

po

po de Camões, como se collige de varios Escritos, especialmente dos de Frei Heitor Pinto, sabio, e elegante escritor, que constantemente usa delle. O *gn* nas vozes derivadas do Latim, val *nh*, o qual uso passou dos Provençaes para os Italianos, onde inda permanece: nós tambem o adoptamos, e o fômos emendando, exprimindo conforme os Latinos. Esta dissonancia (se he) inda conservamos em *tamanho*, e *anho*, que significa *cordeiro*, usado este nas provincias, as quaes vozes saõ as Latinas *tam magnus*, *quam magnus*, *e agnus*. Clareza, e harmonia.

Este mesmo pensamento se acha expressado por hum modo soberanamente bello, e digno do mais sublime alento no Soneto 3.

Com grandes esperanças já cantei
Com que os Deozes no Olympo conquistara.

Com o respeito, que devemos á grande erudiçaõ de Manoel de Faria e Sousa, digo, que naõ estou pela interpretaçaõ, que elle dá ao segundo verso. — Com que os Deozes no Olympo conquistára — he o mesmo que se dissesse, que ganhára, e obtivéra á força do merecimento na poesia (que tal he a energia particular do verbo *conquistar* neste lugar) o ser immortal, o ser divino como saõ os Deozes do Ceo. — Eu cantei já com taõ soberano alento, que podia com razaõ aspirar á immortalidade. — Com que os Deozes no Olympo conquistára. — Por outro modo: — Cantei acções de heroes taõ altamente, que podia esperar que elles ficassem como Deozes, e com o sublime valor dos meus Cantos conquistasse para elles o attributo de divindade, que os mesmos Deozes gozaõ no Olympo.

Esta qualidade de expressaõ veio da poesia antiga, em que este grande Poeta era muito versado. Ovidio, Metamorfoseos Livro I. verso 192.

Sunt mihi *semidei*, sunt rustica numina Nymphae
Faunique, Satyrique, et monticolae Silvani.

Eu tenho *Semideozes* gloriosos,
Nynfas, Silvanos, rusticas deidades
Habitantes dos montes cavernosos.

E esta nasceo da seguinte passagem do poema das Obras, e dos Dias de Hesiodo, Livro I. verso 158.

Ἀνδρῶν ἡρώων θεῖον γένος, οἳ καλέονται Ἡμίθεοι.

Divina geração de Heroes humanos.
Chamados Semideozes soberanos.

Diz mais o Sá de Miranda, que Scipiaõ entre o tumulto da guerra se deleitava com a Poesia, alludindo ao favor que este grande General Romano dava ao Comico Terencio:

Á guerra leva o mor Scipiaõ comsigo
As Musas brandas de seu natural,
Que assi sem armas sam de altas ajudas.

Vejamos como Camões exprime este mesmo conceito na Estança 96 do Canto V. da Lusiada:

O que de Scipiaõ se sabe, e alcança
He nas Comedias grande experiencia.

Tanto n'huma, como n'outra passagem naõ ha delicadeza, mas só simplicidade de expressaõ: a de Camões nada tem de relevante sobre a do Sá de Miranda, mais do que huma facilidade inherente ao seu estylo, posto que apparente neste lugar, onde falta o verbo *ter*, que se deve supprir por hum genero de Elipse, pouco natural á Syntaxe da nossa Lingua.

Já que naõ acho em Camões lugar algum, que corresponda no conceito a este do Sá de Miranda: — Cahiraõ as estatuas de metal: — seja-me permittido transcrever aqui a passagem de hum poema a este mesmo assum-

pto,

pto, executado por hum poeta obscuro, que cultiva as Artes em silencio, e o que he mais, sem vaidade.

Qual náo de hum Magalhães aventureiro
Pelos immensos mares conduzida
Para fazer hum giro ao mundo inteiro;
Vôa dos largos ventos compellida,
Quando montando vai hum promontorio,
Assim desapparece a curta vida.
Claras acções, nome inclyto, e notorio,
Arcos, estatuas, porticos, trofeos
Tudo consome o tempo transitorio.
Dissolvidos da vida os frageis veos,
Obeliscos, pyramides naõ fazem
Voar a fama eterna até aos Ceos.
Da idade os vivos impetos desfazem
Monumentos firmissimos de gloria,
Que em solto pó, sem nome, occultos jazem.
Só vós, filhas eternas da Memoria,
Musas, divinas Musas gloriosas,
Do tempo alcançais inclyta victoria.
Vós do abysmo das sombras tenebrosas,
Das voragens do negro Esquecimento
Tirais as obras raras, e famosas.
Por mais, e mais que se erga o pensamento,
Para fazer acções esclarecidas,
E com fama subir ao claro assento;
Sem vós, Nynfas de Jove procedidas,
Seraõ no esquecimento sepultadas
As emprezas mais arduas, e subidas.

Desculpe-se em fim a digressaõ, que nós promettemos de naõ tornarmos a interromper, senaõ outra vez, e com lugar muito breve, o fio das nossas combinações.

Todo o fundo deste pensamento, que temos vindo comparando, teve principio na poesia antiga, sem cujo estudo, naõ póde haver Poeta, nem Litterato completo.

Mas como o merecimento do Petrarca he taõ avultado na Republica das Letras, convém que transcrevamos primeiro huma excellente passagem do Soneto 84 escrito ao Pandolfo, tambem celebre Poeta seu contemporaneo, em que exprime o mesmo pensamento com admiravel artificio; e posto que nisto excedamos o methodo, que nos temos proposto, he taõ relevante a belleza, com que annuncia as mesmas idéas, que faz desculpar toda a transgressaõ; e logo nos dirigiremos ao exame das fontes Latinas.

Credete voi, che Cesare, o Marcello,
O Paulo, od African fossin cotali
Per incude giammai ne per martello?
Pandolfo mio, queste opere son frali
Al lungo andar, ma'l nostro studio é quello
Che fá per fama gli huomini immortali.

Bellissima poesia, cujo sentido he o seguinte:

Crês tu jámais, que Cesar, ou Marcello,
Ou Paulo, ou o Africano fossem taes
Por bigorna sonante, ou por martello?
Taes obras cedo, ou tarde saõ mortaes;
Pandolfo, o nosso estudo claro, e bello
He só quem faz os homens immortaes.

Naõ se escandalizem os supersticiosos rigoristas de ver tantos agudos: noutro lugar mostraremos, que a sem razaõ de huma tal superstiçaõ procede, ou de ignorancia, ou de falta de exame filosofico sobre a natureza do numero metrico da nossa Poesia, cuja theoria he absolutamente ignorada. Seria preciso pois trasladar a Ode VIII. do Livro IV. de Horacio, que toda vem ao nosso caso; mas julgo que seraõ bastantes as seguintes passagens, que frizaõ mais ao nosso proposito:

Non

Non inciſa notis marmora publicis,
Per quae ſpiritus, et vita redit bonis
Poſt mortem ducibus: non celeres fugae,
Rejectaeque retrorſum Annibalis minae,
Non incendia Carthaginis impiae
Ejus qui domita nomen ab Africa
Lucratus rediit, clarius indicant
Laudes, quam Calabrae Pierides: neque
Si chartae ſileant, quod bene feceris,
Mercedem tuleris. Quid foret Iliae
Marvortiſque puer, ſi taciturnitas
Obſtaret meritis invida Romuli?
Ereptum Stygiis fluctibus Eacum
Virtus, et favor, et lingua potentium
Vatum divitibus conſecrat inſulis.
Dignum laude virum Muſa vetat mori.

Cujo ſentido he pouco mais ou menos, o que ſe appreſenta neſta debil imitaçaõ:

As eſtatuas de marmore eſculpidas
        De epigrafes ſublimes,
Por quem nova alma vem depois da morte
        Aos grandes Capitães:
Os troféos, as victorias alcançadas
Contra as forças de Annibal indomadas,
Nem o incendio, e derradeiro eſtrago
Da fera, e bellaciſſima Carthago
Fizeraõ mais egregio, e celebrado
Aquelle que voltou illuſtre, e ornado
C'o grande nome de Africa vencida,
Que a voz das Muſas inclyta, e ſubida.
        Nem de tuas acções claras, e nobres
Digno premio terás, ſe altos Eſcriptos
Guardarem profundiſſimo ſilencio.
        Que ſeria do filho eſclarecido

De

De Marte, e Rhéa Silvia,
Se para erguèr-se aos lucidos planetas
A taciturnidade dos Poetas
Fosse contraria ao seu merecimento,
E o naõ deixasse hir ver o ethereo assento?
A lingua, o favor inclyto, a virtude
Dos poderosos vates,
Foi quem salvou das ondas do Cocyto,
E consagrou com gloria, e immortal grito
D'Eaco illustre o nome venturoso
Da Eternidade ao templo glorioso.
Que o peito digno de immortaes louvores.
Naõ deixaõ, naõ as Musas
Ver da morte os terrificos horrores.

Na Ode IX. do mesmo Livro:

Vixere fortes ante Agamemnona
Multi: sed omnes illacrymabilee
Urgentur, ignotique longa
Nocte: carent quia vate sacro.

Muitos varões invictos existíraõ
Antes de Agamenon:
Mas todos tristemente sepultados
Jazem, sem nome illustre em noite eterna,
Porque de hum sacro vate a voz subida
Lhes naõ deu fama eterna, e immortal vida.

E na Epistola I. do Livro II., verso 248.

Nec magis expressi vultus per ahenea signa
Quam per vatis opus mores, animique virorum
Clarorum apparent . . . .

Nem de bronze as estatuas animadas
Exprimem com mais força animo, e vulto,

Do que as obras dos vates ſublimadas.
Nellas, ſem receber do tempo inſulto,
Vivem d'altos varões claros coſtumes,
E o animo gentil naõ fica occulto.

Temos acabado o exame deſta paſſagem, e bem quizeramos continuar na combinaçaõ de outras do genero ſublime, porém como os Poetas anteriores a Camões naõ fôraõ taõ fecundos no ſublime da primeira ordem, ou por falta de genio, ou porque naõ tratáraõ aſſumptos taes como a Epopéa manancial immenſo do ſublime, ver-nos-hemos preciſados a interromper de algum modo o plano, que tinhamos elegido para as noſſas combinações, e entraremos a analyſar paſſagens de diverſo genero de ſublimidade.

Começaremos pois pela Cançaõ já comparada com outra de Petrarca, por ſer a compoſiçaõ mais ſublime, que ſe encontra nas Poeſias do noſſo Miranda: depois hiremos combinando outras do genero ſublime, que mais relevantes fôrem: e logo entraremos na averiguaçaõ do ſublime pathêtico, onde nos poderemos alargar mais.

Eſta Cançaõ, que o Sá de Miranda imitou do Petrarca, como já fica demonſtrado, imitou tambem Bernardes, principiando, e terminando as Eſtrofes da meſma ſorte, que ſe vê nos dous Poetas precedentes: o dito poema, ſendo inferior nos penſamentos ao do Sá de Miranda, he mais culto na fraſe, e mais harmonico no metro: iſto poſto: Diz o Poeta Miranda na primeira Eſtrofe daquella Cançaõ: — Vós que nos deſtes claro a tanto eſcuro. —

Eſte meſmo penſamento exprimio Ferreira no Soneto 36. da II. Parte. Pelo modo ſeguinte:

O caminho mais arduo que nos guia
Da noſſa eſcura noite ao claro dia.

Na

Na expressaõ do Miranda estaõ os accidentes exprimindo substancias, e por isso naõ he taõ bella, porque he menos positiva. Na do Ferreira estaõ as substancias expressas, pintando aos olhos, dando ao quadro huma existentia muito mais positiva, e cheia de enfase pelo sentido collectivo dos termos *noite*, *e dia*, que neste lugar tem visivel applicaçaõ ao moral: por estes motivos pois, pela elegancia, e harmonia do estylo, esta pintura he superior á do Poeta Miranda.

No Soneto 40, P. II. vem a mesma expressaõ com bastante elegancia:

> Alimpa em nossas almas suas torpezas,
> Desfaze as nevoas, com que nós cegamos.

O primeiro verso he duro, por causa da contracçaõ forçada do possessivo *suas*: no segundo, onde existe o exemplo, vê-se *nevoas* em lugar de *noite*, sem contraposiçaõ manifesta de idéa, a qual existe remotamente na acçaõ do imperativo *desfaze*. Tambem he applicaçaõ moral. Elegancia, e pureza. No Soneto 41.

> Luz clara, que todo homem alumias

He o mesmo couceito por diversa expressaõ; o pensamento positivo consignado na clausula *luz clara*, naõ tem contraposiçaõ, senaõ supprida pela idéa. Nesta expressaõ se vê supprimido o artigo, que devêra estar antes do substantivo *homem* por servir á harmonia, e por hir com o uso de occultar os artigos em muitas occasiões, que ainda entaõ existia. He tambem applicaçaõ moral, e tem alguma elegancia.

No Soneto 42. com bella elegancia se vê a mesma pintura ampliada com qualidades accessorias pela maneira seguinte:

> Com teu raio de luz resplendecente
> O mundo escuro e triste alumiaste.

Es-

Esta expressaõ he mais poetica que a do Sá Miranda, e que todas as tres passagens do mesmo Ferreira, que ficaõ transcriptas; nella pois accrescentou ao sugeito *mundo* o accidente *escuro* para diversificar do lugar do Poeta Miranda, e o notou mais com outro signal de consequencia no epitheto *triste*, usando de verbo de significaçaõ recta em lugar da translata, que empregou o Sá de Miranda. Tambem he applicaçaõ moral. Elegancia, pureza, e harmonia. No Soneto 44. p. 2.

Ao mundo espanto, luz á nevoa escura.

Tem semelhança com outra que acima fica: he tambem applicaçaõ moral. Concisaõ, e harmonia.

Outra elegancia semelhante á da penultima passagem se vê na Ecloga ao Natal:

Vem, gram Minino Deos, e homem, sai
Nova, divina luz a alumiar
O cego mundo . . . .

Nesta imagem vemos com a mesma propriedade o termo *luz* substituido ao substantivo *claro*, *e cego*, e ao outro substantivado *escuro* do Sá de Miranda, o que he muito mais bello, e conserva mais dignidade poetica.

Vamos ver como Bernardes se explicou nesta formula de expressaõ. N'hum Soneto á Natividade de Nossa Senhora vemos a que se segue:

O parto, que deu luz á noite escura.

Esta linguagem he mais culta, e natural que a do Poeta Sá, onde os dous adjectivos *claro*, *escuro* estaõ, como já dissemos, em lugar de substantivos, o que sobre naõ ser taõ corrente, naõ deixa de communicar á frase tanto, ou quanto de sabor plebeo no adjectivo *escuro*. Pelo contrario, a de Bernardes he pura, harmonica, e

e mui poetica. O mesmo Poeta disse igualmente n'outro Soneto das *Rimas Sacras* :

> Divinos raios nesta noite escura.

Nesta frase estaõ *raios* por *luzes* : boa metonymia. Elegancia , e harmonia.

Na Elegia II. das *Rimas Sacras* vemos o mesmo quadro com expressaõ quasi identica com a do Sá de Miranda :

> Ah vida , onde naõ ha gosto seguro :
> Quem menos de ti foge , entende menos :
> Quam pouco claro tens , e quanto escuro !

Este terceto he muito bem lançado. O primeiro verso moraliza com muito enfase. O segundo exprime huma proposiçaõ positiva , que tem restricta , e necessaria dependencia com a que se contém no terceiro verso , a qual he ao mesmo tempo consequencia della , expressada em termos chêos de muita perspicuidade nos accidentes *claro* , e *escuro* substantivados , á maneira da do Poeta Miranda , mas com muito mais artificio. A frase desta passagem he muito pura , e cadente : nella se vê com insigne uniaõ a facilidade da prosa , e a gravidade do verso. Com as mesmas qualidades lemos o seguinte lugar na Elegia III. das mesmas Rimas :

> Ah , que sem ti Senhor , he tudo escuro ,
> Tudo saõ sombras vans , e tudo sonho ,
> E cego o entendimento mais seguro.

Neste exemplo , que está no primeiro verso , vemos a palavra *escuro* artificiosamente collocada , de modo que póde ser substantivo , e adjectivo. Todo o terceto he muito puro , e poetico , especialmente no segundo verso , o qual se tivesse hum *he* unido a *sonho* no derradei-

ro membro do ſegundo verſo, ficára digno de Camões. A meſma idéa ſe vê repetida no Soneto 4. das *Rimas varias* deſte modo:

Em vos tem dia claro, o ar tem puro,
Sem nevoa . . . .

He expreſſaõ concreta, tambem applicada a ſentido moral: neſta eſtá o ſugeito expreſſo na primeira parte da antitheſe, com hum predicado de mais: na do Sá de Miranda occulta-ſe n'huma, e n'outra: *ſem nevoa*, ainda que ſeja fórmula negativa, faz o ſegundo membro da configuraçaõ da fraſe, que em ſi nada tem de recommendavel, mais do que algum enfaſe alluſivo ao moral, como fica dito.

Vejamos como o meſmo Miranda explica por outra fraſe o meſmo conceito na Cançaõ II., Eſtrofe 5.

Divina Claridade
Em noite eſcura alli tam claro dia.

Todas as configurações eſtaõ neſta paſſagem em collocaçaõ natural diſpoſtas de modo que daõ notavel evidencia á pintura. O epitheto *eſcuro* poſpoſto a *noite* dá gravidade á fraſe, aſſim como *claro* antepoſto a *dia*: combinaçaõ feliz tanto de idéa como de elocuçaõ, que faz a pintura muito poetica, a quem realça a notavel harmonia, naõ muito uſada deſte Poeta.

Eis-aqui como Pedro de Andrade Caminha exprimio o meſmo penſamento n'hum Soneto ás Sanctas Virgens, que vem no fim das ſuas Obras:

Ganha luz a alma, que antes era cega.

Eſta expreſſaõ nada tem de feliz, nem meſmo de elegante. O verbo *ganhar* he baixo, e mal applicado ao termo *luz*; o reſto da expreſſaõ nada tem de recommendavel. O meſmo Andrade na Ode II. diz:

Esta he aquella formosa
Luz, que tégora mais vos lumiou.

Nesta passagem falla do Sá de Miranda, a quem este poema he dirigido. O estylo he todo figurado: a frase considerada por partes he boa, e elegante; mas a combinaçaõ das vozes he defeituosa por causa da dissonancia na sagunda cesura de septenario, em que de tres syllabas faz huma, e na supressaõ da primeira do verbo *alumiar* pela figura Aferisis, que além de ser operaçaõ mui desagradavel, equivoca-se com *lumiar*, nome que significa coiceira da porta. Na primeira Elegia vem este pensamento inverso: — Tornou-se em noite escura o claro dia — pintura traçada com summa elegancia, e harmonia pouco commua ao Poeta Caminha, o que me faz crer, que este verso, ou estylo foi, assim como o que atraz fica do Miranda, roubado ao Camões, a quem o Poeta Andrade sobreviveo muito, e de quem nenhuma mençaõ fez, ou por inveja, ou por naõ render tributo aos talentos postos em hum sugeito taõ pobre de fortuna, quaõ rico de merecimento, quando por outra parte vemos, que largamente prodigalizou louvores a outros, que nunca fôraõ conhecidos, nem mereciaõ sello, como Luiz Pereira de Castro author da Elegiada, obra a mais infeliz que se conhece daquelle tempo, a qual, por superstíciosa veneraçaõ ao seculo em que appareceo, foi publicada ha poucos annos.

Resta-nos ver agora como Camões exprimio a mesma idéa, e de caminho se mostrará, que os mais Poetas, que vamos comparando, o imitavaõ, ou o copiavaõ, e que o precedente verso de Andrade, naõ he senaõ daquelle insigne Poeta, como já se póde hir vendo do seguinte exemplo no Soneto 130.

Gentileza de luz, que a noite escura
Tornava em claro dia.........

Eis

Eis-aqui a mesma pintura com as mesmas substancias, e com os mesmos accidentes, sem mais differença do que a inversaõ daquelles. Adiante se nos offerecerá occasiaõ de mostrar-mos inda com mais evidencia isto mesmo: por hora, posto que naõ seja deste lugar, repare-se na sublime elegancia *gentileza de luz*, frase nascida do mais vivo enthusiasmo. A antithese da pintura que serve de exemplo nada tem de pueril antes he bella, natural, e harmonica: a proposiçaõ he bem concebida, e a frase mais bem ordenada: os dous termos *noite*, e *dia* acompanhados dos seus adjectivos daõ muita propriedade á pintura. No Soneto 51.

Converteoseme em noite o claro dia.

Aqui se vê que o estylo daquelle verso do Poeta Andrade, e essoutro do Poeta Miranda era de Camões, cuja celebridade os obrigava a imitar o grande Épico. Esta expressaõ he a mesma que a antecedente em razaõ inversa, com a differença de faltar ao termo *noite* o adjectivo, que designa a sua propriedade, por causa da acçaõ reciproca, e maior extensaõ syllabica do verbo, que he mais proprio, e poetico, que a precedente passagem. No Soneto 145. faz a mesma pintura com pouco differentes cores:

Juntarse o claro dia á noite escura.

A diversidade está sómente no eixo da oraçaõ, fixado no verbo, que tambem he reciproco, para exprimir contrariedade, de que se organiza grande parte do Soneto. No principio da Ode I.

Trocando a noite escura em claro dia.

Eis-aqui o verso, que Andrade furtou a Camões: e he tanto assim, que em algumas edições (se naõ me enga-

gano) até vem o mesmo verbo *tornar* de que elle usou. Nem se póde reputar encontro de expressaõ, que a ambos os Poetas lembrasse, porque o Andrade naõ era capaz destas felicidades de elocuçaõ. O uso de ler em Camões esta, e outras expressões do mesmo genero fez, com que elle lhe roubasse este verso, ou lhe lembrasse, sem saber, que era do grande Épico, o que costuma acontecer: esta fórmula de expressar he taõ propria de Camões, que, além de se naõ encontrar com facilidade nos Poetas anteriores a elle, he frequentissima nas suas obras; e seja-nos permittido apontar as de que temos noticia. No fim do Soneto 186., Soneto digno de taõ admiravel engenho:

> Como naõ morre Amor de piedade,
> Naõ della que se foi á clara vida,
> Mas de si que ficou em noite escura.

Que bem lançado terceto em pensamento, e frase! O primeiro verso he todo de sentimento; mas como nada faz ao nosso intento, entremos a sondar as graças dos que se seguem. — *Clara vida* — eis-que o sugeito *vida* com o seu accidente *claro*, significando huma abstracçaõ de idéa, onde todas as vozes saõ empregadas em sentido figurado. Aqui está *clara vida* em lugar do simples adjectivo substantivado *claro* no de Sá de Miranda, e *noite escura* em lugar do tambem substantivado *escuro* do mesmo Poeta. *Vida* está metaforicamente, significando aquí luz, ou dia, o que constitue a primeira parte da antithese em contraposiçaõ de *noite escura*. A Poesia he o Imperio da metafora, donde procede a principal, e mais brilhante riqueza dos Idiomas. Na Ode XI. estrofe 7.

> O gesto peregrino
> Cuja presença torna a noite em dia.

Eis-

Eis-aqui outra pintura propria da mais ſublime poeſia: aqui vemos a palavra *geſto*, ou preſença mudar de ſignificado, e tranſportar-ſe para o de *luz*, como ſe explica Feſto. *O geſto peregrino*: eſta combinaçaõ de ſugeito com hum accidente, que lhe faz repreſentar ſuperioridade de belleza, he de gentil artificio: o termo *geſto* tem em ſi tanta ſuavidade de tinta, que pinta, e moſtra ao penſamento huma recopilaçaõ de graças, que coſtumaõ acompanhar a formoſura feminil: o ſubſtantivo *preſença*, a quem com mais propriedade devemos chamar reſumo da expreſſaõ antecedente, porque repreſenta idéa collectiva, he de grande ſignificado, e contém ſenſivel belleza. Elegancia, e harmonia. Na primeira Elegia:

Eis a noite com nuvens ſe eſcurece;
Do ar ſubitamente foge o dia.

He a meſma pintura em razaõ inverſa applicada ao fyſico, exprimindo o terrivel de huma tempeſtade deſenhada com alento poetico proprio da fantaſia daquelle grande genio. A antitheſe eſtá conſtituida em duas propoſições, a primeira das quaes he conſequencia da ſegunda, artificio proprio da Poeſia. O adverbio *eis* pinta idéa inſtantanea, que ſe propaga, e verifica pelo outro adverbio do ſegundo verſo, o qual augmenta a energia do verbo *foge*. Na Ecloga I. Eſtança 5.

Ao claro dia ſegue a noite eſcura.

Verſo muito ſemelhante na diſpoſiçaõ das palavras a outros, que já ficaõ analyſados, no qual eſtaõ as propoſições em ordem natural, differentemente da paſſagem anterior: a elegancia do qual, poſto que naõ tenha a maior vivacidade no eixo da propoſiçaõ que eſtá no verbo *ſegue*, he com tudo muita culta, e pura, nobre, e conhecidamente harmonioſa. Na Ecloga V. Eſtança 12.

Fa-

Farás a noite efcura claro dia.

Frafe igual a outras, que acima ficaõ. Julgo eftar affaz provado, que aquelle verfo do Andrade he do celebre Camões.

As pinturas do Sá de Miranda eftaõ defenhadas com fingelleza propria da moderaçaõ do feu engenho, e da pobreza da Lingua naquelle tempo, as quaes fe vem mais ventajofamente retratadas em Ferreira, hum tanto melhor que efte em Bernardes, com mesquinhez em Andrade, e exprimidas em Camões com abundancia, e vigor do mais fublime engenho, que a Hefpanha vio.

Vejamos agora donde nafceo efte modo de fallar. A paffagem do Sá de Miranda, onde fe funda a noffa analyfe, he translaçaõ do fyfico ao moral: as dos outros Poetas, parte faõ do mefmo genero, e parte naõ: porêmos logo duas fontes cada huma da fua qualidade, donde provavelmente fe deduzíraõ as formulas, que acima transcrevemos, e todas as que defte genero fe encontraõ nos mefmos poetas com mais, ou menos modificações. A primeira origem deve fer a feguinte paffagem de Ovidio no Livro VI. dos Metamorfofeos, por naõ remontarmos aos Gregos, e alargarmos demafiadamente o efcrito:

Proh Superi, quantum mortalia pectora caecae
Noctis habent! . . . .

Oh Céos, que noite efcura triftemente
Envolve os corações da mortal gente!

Noite he nefte lugar applicaçaõ moral, e eftá por *ignorancia*, e com razaõ; porque a noite, ou efcuridade do entendimento he a ignorancia; affim como a fciencia he o dia, ou a claridade do efpirito: daqui vem *Juizo illuftrado*, *illuminado*, *luzes do entendimen-*

to,

tó, &c. A segunda veio da seguinte passagem de Virgilio Enéada I., versos 331.

. . . . Et noctem flammis funalia vincunt.

Ao resplendor das tochas luminosas
Fogem da noite as sombras tenebrosas.

Neste lugar de Virgilio está *noite* em sentido proprio.

Na segunda Estrofe da mesma Cançaõ continúa o nosso Sá de Miranda :

Virgem toda sem magoa inteira e pura.

He pintura de expressaõ simples , como quasi todas as deste Poeta, e como costumaõ ser em todas as linguas as daquelles , que primeiro nellas metrificáraõ , dando quasi sempre ás palavras significações primitivas , como se vê neste verso na voz *magoa* , cuja significaçaõ primaria he *macula* , como já fica advertido n'outro lugar : o adjectivo *inteira* tem enfase , porque a hum mesmo tempo he applicavel ao fysico , e ao moral.
Esta pintura se vê traçada pelo vigoroso pincel de Ferreira no Soneto 35 do modo seguinte :

Onde está aquella imagem pura e bella,
Artificio divino entre nós raro.

Esta pintura está muito ampliada no segundo verso, que deve ser considerado mais como amplificaçaõ do que consequencia : ou por melhor dizer a consequencia está em lugar da antecedencia , que he a proposiçaõ incluida no segundo verso ; porque de artefacto divino deve ser attributo pureza, e belleza. O termo *artificio*, naõ he menos elegante que *artefacto*, neste lugar, digo, onde, unido

ao epitheto *divino*, constitue huma elegancia da primeira ordem. Elegancia, e pureza. No Soneto 60.

Ó Alma pura. . . . .
Alma lá onde viveo já mais pura.

Estas frases saõ eccos verdadeiros da de cima, e nada tem de extraordinario. Estylo duro. No Soneto 6.° do Livro II. tem o mesmo Ferreira esta imagem traçada com bizarria Poetica de modo seguinte:

Aquella alma innocente, e sabia, e pura.

Elocuçaõ laconica, pura, e clara: esta pintura representa diversidade de accidentes, mas com analogia entre si. A innocencia he filha da pureza: o epitheto *sabio* pinta, assim como os outros, predicado moral fonte daquellas virtudes designadas pelos mesmos epithetos *innocente*, e *puro*. A copulaçaõ das conjunções no fim do verso he hum bello artificio admittido pelo Poeta Ferreira na metrificaçaõ Portugueza taõ seguido pelos homens de gosto, como ignorado da metromania dos ignorantes. O mesmo Poeta Ferreira na Elegia II. tem igual expressaõ:

Ditoso tu, que livre dos enganos
Do mundo, e da fortuna limpo, e puro
Aos Ceos voaste. . . . .

Pintura mais circunstanciada, onde os epithetos *limpo*, e *puro* saõ resultados: estes dous adjectivos saõ todos latinos com differença de huma syllaba de menos no primeiro, que he *limpidus*, que o Camões trouxe para o nosso Idioma, sem nenhuma alteraçaõ, onde ficou consagrado á Poesia.

Na historia da Santa Comba dos Valles se vê a mesma idéa expressada deste modo:

Tu

Tu Virgem Santa, tu Pomba divina.

Bello verso, bella elegancia, especialmente, a do segundo hemistichio — *tu Pomba divina* —, posto que póde ser censurada pelos nimiamente escrupulosos por causa do jogo de *Pomba* com *Comba* vocabulo derivado de *Columba* voz latina, que significa *pomba*: deve-se perdoar alguma cousa aos homens grandes, taes como Ferreira Poeta sabio, e respeitavel, que tanto enriqueceo, e aperfeiçoou com seus Escritos a Lingua nacional. O epitheto *santa* refere-se aos costumes, como faziaõ os antigos, e se vê na Enéada de Virgilio, Livro XII., verso 648.

Sancta ad vos anima, atque istius inscia culpae
Descendam ....

Que pouco mais ou menos querem dizer o seguinte:

Pois vejo os Deozes feros, e implacaveis
Sêde-me, Estygios manes, favoraveis.
Minha alma a vós se envia santa, e pura,
Sem macula de culpa infame, e escura.

Na Carta XI. a Diogo de Betancur:

Cousa santa, mas rara, alma innocente.

Expressaõ pura semelhante nos accidentes a outras, que acima vaõ transcritas. A formula intermedieria — *mas rara* — he huma amplificaçaõ de todo o expressado. Pureza, e harmonia.

Vejamos agora como exprimio Bernardes isto mesmo n'huma Cançaõ tambem a Nossa Senhora, em tudo semelhante á do Poeta Miranda:

Ó Virgem singular, *pura*, e sem *magoa*.

He quasi como a do Sá. O epitheto *singular* significando na origem latina huma unidade, aqui traz ao espirito idéa de perfeiçaõ em gráo supremo, e por isso unica, que he como huma especie de juizo anticipado, que verificaõ as duas palavras *pura*, e *magoa*: esta tambem está na sua primitiva significaçaõ, como a de Miranda, e como na Elegia a N. Senhora da Piedade pelo modo seguinte:

Agora vos dou choro em vez do canto,
Que grande razaõ he, Virgem *sem magoa*,
Que com pranto acompanhe o vosso pranto.

O verbo *dou* significa neste lugar *consagro*. Pureza.

O mesmo Bernardes n'hum Soneto á Natividade de N. Senhora:

. . . . aquella Virgem pura
Da qual outro nasceo mais puro, e claro.

Esta passagem appresenta dous exemplos mui semelhantes aos que temos allegado, e por isso naõ precisaõ de exame. Deixo outras elegancias de igual natureza, como *Virgem pura* no fim da mesma Elegia, repetida no principio da Historia de Santa Ursula, e no principio das lagrimas do Evangelista S. Joaõ.

Em hum Epigramma a Santa Clara tem as seguintes elegancias bem vivas, e picturescas:

Formosa Virgem Clara, inda mais clara
Que a luz, ante quem foge a noite escura.

He verdade que nesta passagem ha jogo de palavras entre o substantivo, e adjectivo *clara*, que he defeito de estylo, mas neste lugar merece desculpa em abono da belleza de elocuçaõ do segundo verso, que he muito expressiva, elegante, e harmonica. O epitheto *formosa*

ex-

exprime predicado enfatico, porque se póde applicar ao corpo, e ao espirito: neste adjectivo se achaõ recopiladas as duas formulas *toda sem magoa*, e *inteira* da expressaõ do Sá de Miranda. O segundo verso he huma bellissima ampliaçaõ do sentido incluso nos adjectivos *clara* do primeiro verso, e *pura* da expressaõ do Poeta Miranda; porque da pureza, ou limpeza applicada aos corpos fysicos procede huma especie de lustro, e resplendor: daqui por metafora, por semelhança inda mais presente no espirito, do que nas palavras, se transfere para o moral, e enriquece as linguas com mil frases, e rodeios taõ bellos, e significativos como esta do Bernardes, em cuja pintura está *luz* por *sol*, metonymia gentil, com a expressaõ de hum dos seus attributos, que he dissipar as trevas. Nesta pintura tudo está em movimento, e acçaõ. Tambem o lustro, e o resplendor he propriedade inherente aos corpos luminosos: agora veremos como Bernardes exprime pela mesma translaçaõ igual pintura com amplificaçaõ, e especie de consequencia no mencionado Epigramma:

Virgem em tudo santa, em tudo rara,
Espelho da divina formosura.

Este derradeiro verso he a consequencia de que fallo: a sua elegancia he a todos os olhos felicissima, e poetica, pura, e harmoniosa. Cicero na Oraçaõ contra Pison, Capitulo 29. nos mostra, donde poderia nascer huma formula poetica taõ brilhante: *Vitam alicujus in versibus tamquam in speculo intueri.* Desta formula já antes delle tinha usado Terencio nos Adelfos, Acto III., Scena III., vers. 61.: *Inspicere tamquam in speculum vitas omnium.* Da semelhança destes lugares latinos se póde colligir o artificio com que hum grande Orador se deve aproveitar da frase dos Poetas.

Vejamos como Pedro de Andrade exprimio esta idéa na Elegia II.

Alli

Alli he tudo claro, tudo puro.

Falla do Céo: a expressaõ nada tem de extraordinario, pelo que naõ precisa exame. No segundo Epithalamio: — Ornada de hũa virtude pura, e rara. — Frase bem commua, que nada offerece á observaçaõ, mas antes ao reparo na dureza syllabica, que se acha em de hũa, vicio frequente neste Poeta. He possivel, que elle tivesse os ouvidos taõ obstruidos, que lhe agradasse huma combinaçaõ taõ dura, e que lhe naõ occorresse outra mais harmoniosa, sem nada alterar no sentido, nem nas palavras! Naõ lhe quadraria muito melhor a seguinte disposiçaõ

Ornada de virtude pura, e rara.

supprimido o numeral *huma*, que neste lugar naõ dá mais força á expressaõ, nem o pensamento necessitava delle, assim como acontece algumas vezes, quando se precisa dar evidencia a huma asserçaõ positiva? Mas estas delicadezas só podem ser conhecidas daquelles, que ao engenho ajuntaõ muito saber, e hum exacto conhecimento da pratica, e da theoria em todos os generos subordinados ás Bellas Letras; porém isto seria hum prodigio, que a naõ ser na pessoa do grande Voltere, naõ sei que jámais existisse no mundo Litterario. Esta ignorancia he o vicio dominante nos Poetas, ou versificadores do nosso tempo. Mas quando o Andrade *quizesse* absolutamente conservar todas as palavras, de que compoz o dito verso, tambem o poderia fazer, ficando com huma belleza de mais além da harmonia, deste modo:

De huma virtude ornada pura, e rara.

Esta collocaçaõ de vozes era mais grave, e por isso mais poetica; nem lhe devia metter medo a disposiçaõ das pa-

palavras, cuja transposiçaõ faz hum hyperbato honesto, constantemente admittido na Poesia de Camões. No Epitafio 72.

Digo bom, digo santo, e de alma pura.

Bom verso: boa frase, e assaz harmonica. No Epitafio 73.

— Por Duarte, que aqui jaz, e sua alma santa. —

A frase he trivial, e o verso durissimo, que nada tem de recommendavel.

Vamos ver como o grande Camões se portava neste jogo: veremos com admiraçaõ a prodigiosa abundancia, com que aquella inexhausta fantasia variava o seu estylo, e como ao mesmo passo hia enriquecendo a Lingua de vozes, e frases nobres e elegantes. No V. Canto da Lusiada, Estança 48.

Com lagrimas de dor, de magoa pura.

Em primeiro lugar advertimos, que nesta enumeraçaõ naõ seguiremos ordem mais do que aquella que pede primeiramente o exame das frases em quanto frases, e depois o do conceito, para subirmos de menor para maior. Neste verso vemos duas translações; em *magoa pura*, formula, que naõ estava em uso no Idioma antes do Reinado de D. Manoel, e que naõ veio a ficar verdadeiramente estabelecido nelle, senaõ pelo uso, que della fez Camões, cuja facundia poetica lhe deo a mais solemne authoridade. Na Lingua antiga a energia primitiva da voz *magoa* raramente exprimia sentimento, e a sua applicaçaõ era mais ao fysico do que ao moral: pelo contrario aqui, vemos *magoa* exprimir sensaçaõ dolorosa n'alma; o epitheto *pura*, que tambem tinha originariamente a mesma applicaçaõ, está nesta frase representando hum excesso; como se dissesse *magoa extre-*

trema, *sentimento extessivo*: e por isso esta clausula augmenta sobre a antecedente *lagrimas de dor*. No mesmo Canto, Estança 100.

— Porque o amor fraterno, e puro gosto. —

Esta frase está já no sentido das que temos analysado: *puro* está significando *limpo*, *honesto*, *innocente*, ou tambem *grande*, *immenso*, exprimindo excesso como a precedente, o que tudo se deduz do sentido da clausula — *porque o amor fraterno.* — Na Estança 77. do Canto IX.

— Todas de correr cançam, Nynfa pura. —

Neste verso serve-se da mesma elegancia em sentido profano.

No mesmo sentido, mas com elegancia toda filha do seu engenho no mesmo Canto, Estança 82 diz:

— Volvendo o rosto já sereno, e santo. —

Commummente as pinturas de sentimento costumaõ ter huma harmonia menos notada: esta pelo contrario he taõ cantante na sexta, oitava, e decima pausa, que está ensinando a recitar. Nos dous epithetos, ou accidentes está posposto o antecedente ao consequente: porque *santo* denota predicado honorifico d'alma, cuja consequencia he serenidade, ou gentileza corporal, que he o que está significando neste lugar. No Canto II., Estança 112.

— Com guerra vãa o Olympo claro, e puro. —

Frase propria da magestade Épica, nascida da leitura do grande Épico latino nos seguintes lugares da Enéada Livro X., verso 1.

Pan-

Panditur interea domus omnipotentis Olympi.

Abre-se em tanto a casa refulgente
Do soberano Olympo omnipotente.

E no L. XII. v. 791.

Junonem interea rex omnipotentis Olympi
Alloquitur. . . . .

A Juno falla o Rei claro, e fulgente
Do glorioso Olympo omnipotente.

Na Estança 134. do Canto III. da Lusiada vem este pensamento com tal diversidade de expressaõ, que parece á primeira vista outra idéa:

Assim como a bonina, que cortada
Antes de tempo foi candida, e bella.

Esta pintura he digna de admiraçaõ pela pureza, pela elegancia da frase, e pela deliciosa harmonia do metro. A palavra *bonina*, toda nossa, he de mimo inexplicavel. *Candida*, e *bella* denotaõ qualidades analogas; porque da candura, da innocencia, e da pureza, procede a belleza fysica, ou moral, conforme a quizermos applicar: e posto que neste lugar esteja segundo o sentido material, a frase he mais o assumpto de nosso exame, do que o sentido, o qual se entra na nossa combinaçaõ he pela analogia, que com elle tem a expressaõ como filha da idéa. *Candido* he epitheto latino, sem nenhuma alteraçaõ naõ há adjectivo, que exprima com mais energia a alvura corporal, e por metafora, a innocencia espiritual. Ve-se pois que a força do seu significado tem tal enfase, que corresponde a todo o sentido expressado por — *sem magoa inteira, e pura* — do

Sá de Miranda, dos quaes attributos he o adjectivo *candido* huma especie de resumo.

Outra pintura vem quasi de igual natureza pela elocuçaõ, na derradeira Estança do Canto III. tomada em sentido profano, mas que muito bem se póde applicar ao sagrado:

— Huma suave, e angelica excellencia. —

Elegancia toda de Camões, e incognita aos Poetas anteriores a elle: o adjectivo *suave* tem toda a energia que conserva no latim, além de huma certa molleza amavel nas primeiras duas syllabas, que mais pintaõ ao coraçaõ, do que aos sentidos, para o que nunca devem deixar de fazer dierisis: a combinaçaõ deste adjectivo com o epitheto *angelica* he de extrema belleza, que sobe ao galarim no abstracto excellencia.

Agora veremos a mesma idéa em sentido abstracto, sem empregar huma só dicçaõ das que se achaõ ponderadas em todos os lugares, que temos apontado: ella he no Canto VII. da Lusiada, Estança 69.

. . . . hum Profeta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento.

Eis-aqui a abstracçaõ das formulas — *sem magoa inteira, e pura* — da passagem do Sá de Miranda: aqui está o sugeito representando só por si, sem realce de accidentes: este genero de expressaõ he mui proprio da sublimidade do estylo laconico.

No Soneto 197. se mostra o Camões espirito verdadeiramente sublime na bellissima elegancia, com que exprimio a mesma idéa pela maneira seguinte:

Para se namorar do que creou
Te fez Deos, Sacra Fenix, *Virgem pura*,

In-

Inda mais engenhoso se mostrou na elegancia seguinte da Estança 11. do Canto II. da Lusiada, onde lançou a mais bella, e gentil pintura, como a qual naõ se acha outra em toda a Poesia antiga, nem moderna: seja-me licito referilla toda.

Alli tinha em retrato affigurada
Do alto, e Santo Espirito a pintura;
A candida pombinha debuxada
Sobre a unica Fenix, Virgem pura.

Seria por ventura mais feliz na expressaõ picturesca o pincel do Corregio, ou do Albano? Executariaõ elles este assumpto com mais bisarria, com mais frescura de tintas, mais suaves, mais expressivas? Neste genero de pintura he que Camões se mostra verdadeiramente grande, verdadeiramente inspirado. *Unica Fenix* he do mais subido realce de gentileza poetica; e no que Ouvidio diz da Fenix no Livro XV. dos Metamorfoseos, e Sanazaro no II. do bello Poema do Parto da Virgem na vivacissima comparaçaõ da Senhora com a Fenix, naõ nos offerecem expressaõ donde esta nascesse. He verdade, que o Petrarca na mesma Cançaõ a N. Senhora exprime a mesma idéa, mas nada da sua frase póde imitar o Camões nesta passagem, como se vê:

Vergine sola al Mondo, senza esempio.

No mesmo poema tem outro igual pensamento deste modo expressado: — Vergine unica e sola — Esta frase lá tem mais alguma semelhança no adjectivo *unica*, mas esta naõ he formula, que deixe de lembrar, naõ digo a hum Poeta como Camões, mas a hum pobre metrificador, sem genio. Outros muitos lugares podera eu apontar a este respeito de Poetas anteriores a Camões, mas, por omittir citas, transcreverei hum lugar de Sanazaro n'hum dos Sonetos das suas Rimas, que, quan-

 to-

to a mim, deu motivo á bella expressaõ de Camões, que mostra nas sus poesias, que teve muita liçaõ de todas as obras daquelle Poeta:

Dolçe mia sacra, e singolar Fenice.

Tambem o Ferreira traz na Ecloga VI. huma expressaõ, que tem alguma semelhança: mas primeiro ponhamos aqui outra pintura, que na mesma Ecloga vem, a qual pela sua belleza se póde applicar ao mesmo assumpto:

O Lyrio de ninguem jámais tocado
Ao casto Amor consagro......

He bellissima pintura descripta com admiravel pureza, e atticismo singular. Vamos á outra passagem:

.... Eis derramo
Da Phenix casta a cinza, em que o seu puro
Corpo se queima.......

A expressaõ he elegante, e purissima; mas constrangida; e por isso naõ tem a frescura, e a suavidade da de Camões, que nestas operações era hum soberano artifice. Todas estas expressões, e especialmente a de Sá de Miranda nascêraõ daquella com que Horacio começa a bella Ode XXII. do Livro I.

Integer vitae, scelerisque purus

O varaõ de virtude inteira e pura
Naõ precisa de obsequios da ventura.

De todo este exame se colhe, que a frase do Poeta Miranda he nobre, e laconica: a do Ferreira forte, mas nem sempre harmonica: a do Bernardes extensa, mas bella, e harmoniosa, culta, e que se avizinha ao estylo de Ca-
mó-

mões: as frases do Andrade sem nervo, sem merecimento por serem imitações servís, e além de vulgares tem o defeito da dissonancia. As elegancias de Camões, saõ dignas da grandeza do seu enthusiasmo: nellas se vê que enriqueceo o Idioma com 5, ou 6 formulas novas, e cheias de graças.

Na mesma estrofe do mencionado poema do Sá de Miranda se acha a seguinte pintura:

— Claridade do Sòl nunca turbada. —

Bella perifrases da pureza moral: esta elegancia he huma das mais gentís abstracções, que se encontraõ na Poesia Portugueza: ella hé mui sonora, e enefatica: póde-se entender de dous modos; ou como o manancial donde o Sol extrahe a sua claridade, ou como a mesma propriedade daquelle astro considerado como corpo luminoso. Mas eu creio, que o primeiro sentido he o que deve subsistir nesta passagem como mais proprio da grandeza do assmpto; e nesta accepçaõ parece-me escusada a clausula *nunca turbada*: aliàs póde representar sentido material *claridade do Sol*, como proprio attributo daquelle astro, exprimindo intellectualmente sentido concreto, ou significando porçaõ de claridade extrahida do mesmo Sol, que póde ser eclypsado, e ter manchas ou fases, como algumas vezes se lhe tem visto.

Este modo de fallar tem sido muito do gosto da Poesia Portugueza, cujos cultores o tem diversificado por mil modos, que hiremos expondo, sem nos embaraçarmos demasiadamente com o sentido, porque a combinaçaõ, e o exame da frase he o principal objecto deste escrito: faço esta advertencia, porque dos exemplos, que allegarmos, huns seraõ em sentido abstracto, como esta passagem do Miranda, outros concreto.

Antonio Ferreira nos offerece quantidade de exemplos; elle era muito affeiçoado a este genero de elocu-

çaõ,

çaõ, que he de ſua natureza muito expreſſiva, brilhante, e capaz de mil modificações, como ſe vê, naõ ſó neſte Poeta, mas em todos os mais: com tudo Pedro de Andrade, naõ lhe foi taõ inclinado. No Soneto 22.

. . . . lume ante quem poſto
Do Sol o raio fica eſcuro, e feio.

Aqui temos a meſma idéa ampliada em gráo ſuperlativo: eſta expreſſaõ abraça ſentido abſtracto, e ſentido concreto: em Sá de Miranda he a meſma claridade do Sol; aqui he luz que excede a do meſmo Sol: o termo *raio* he ſingular por plural: o adjectivo *eſcuro* he premiſſa, cuja conſequencia eſtá no adjectivo *feio.* No Soneto 24.

Por vós ſuſpiro, e pelo claro lume
De hum novo Sol.

Eſta elegancia he ſimillima á do noſſo Sá de Miranda. *Lume de hum Sol* correſponde á *Claridade do Sol*: neſta ſe repreſenta o effeito; naquella a cauſa. Soneto 11. P. II.

Vejo que minha eſtrella o ar aclara,
O Céo ſerena, ao Sol dá mais luſtroſos
Raios de luz . . . .

Elegante perifraſis da mencionada idéa do Poeta Sá. A propoſiçaõ do Ferreira deſpida de ſentidos acceſſorios ſoa deſte modo: — *Vejo que minha eſtrella dá ao Sol mais luſtroſos raios.* — Todo o periodo contém trez partes, ou trez orações que humas vaõ ſubindo ſobre as outras, rematando em *eſtrella*, ſugeito principal da propoſiçaõ, exceder em claridade ao meſmo Sol. A pureza, e a conciſaõ ſaõ as graças que mais reſplendecem neſte quadro, cuja expreſſaõ he cheia de calor, e harmonia. Na Ecloga IV.

Li-

Lilia, nynfa branca, nynfa loura,
O dia nos teus olhos amanhece.

Feliciſſima elegancia, a qual naõ ſei que ſeja imitada, e por iſſo a reputo original. O ſugeito da propoſiçaõ repreſenta a cauſa pelo effeito. O dia procede do Sol; logo o termo *dia* eſtá ſignificando Sol em ſentido concreto pela inherencia da *claridade ao Sol*, como ſe diſſeſſe: *A claridade do Sol brilha em teus olhos*. Com gentil elevaçaõ uſa do verbo amanhecer em lugar de reſplendecer; bella, e mil vezes poetica translaçaõ, que dá muito que penſar ao leitor; porque para temperar a força da hyperbole conſignada em toda a fraſe ſe ſerve do verbo *amanhecer* como ſe diſſeſſe: — *O Sol reſplendece em teu geſto, naõ com a força, com que abraza no zenith, mas com a ſuavidade de luz com que vem amanhecendo, de ſorte que longe de abrazar, dá luz ſuave, com que ſe poſſaõ contemplar as graças da tua formoſura*. Eis-aqui como a Poeſia deu laconiſmo aos Idiomas, e como ſem elegancia poetica naõ póde haver eloquencia forte, e expreſſiva. Pareceme que poſſo affoitamente affirmar, que eſta elegancia toda poetica, toda pictureſca, he huma das mais brilhantes, que ſe achaõ na noſſa Poeſia, e que além de ſer huma daquellas expreſsões, que naõ podem ſer traduzidas n'outras Linguas, ella por ſi ſó acredita de grande o genio feliz, que a produzio. Agora vejamos como eſte Sabio Poeta uſou deſta meſma expreſſaõ em ſentido concreto no Soneto 5.

Aquelle claro Sol, que me moſtrava
O caminho do Céo . . . .

Affeado modo de exprimir, e elegancia naſcida de atticiſmo verdadeiro! Neſta pintura vem deſignada a cauſa no ſubſtantivo *Sol*, e o effeito no reſto da oraçaõ;

que

que lhe ſegue, cuja fraſe he cheia de huma ſagrada amabilidade, que mais ſe póde ſentir, que analyſar. No Soneto 57. tem igual expreſſaõ:

Quando eu os olhos ergo áquella parte,
Onde o meu novo Sol o dia aclara . . . .

Neſta expreſſaõ eſtá *Sol* como abſtracçaõ de idéa, mas fazendo ſentido, ou oraçaõ concreta como ſugeito da propoſiçaõ incluida no ſegundo verſo com pintura moderada.

Na Ecloga III. com mais exceſſo, e com mais reſplendor de conceito, e fraſe vem a ſeguinte paſſagem:

Lesbia minha mais que o Sol fermoſa,
Mais alva, que alva Lua, e mais corada
Que as ardentes eſtrellas,
E luz de todas ellas.

Todo eſte quadro he brilhantiſſimo. O primeiro verſo recopilla por anticipaçaõ todas as idéas diſperſas pelo reſto da pintura: ou tambem as tres propoſições, que ſe lhe ſeguem, ſaõ huma eſpecie de gloſa da propoſiçaõ lançada no primeiro verſo, as quaes ſe vaõ excedendo de modo, que conſtituem huma belliſſima gradaçaõ de côres, e no derradeiro ſeptenario eſtá huma fraſe, que he identica com a do Miranda *claridade do Sol.* Força, e elegancia, pureza, e harmonia ſaõ as virtudes de huma taõ bella pintura. No Soneto 57. tem igual expreſſaõ:

Quando eu os olhos ergo áquella parte,
Onde o meu *novo Sol* o dia aclara.

Eſtas, e outras muitas elegancias deſte genero, de que fez grande uſo o Poeta Ferreira, tiveraõ naſcimento em Cicero no Livro II. da Natureza dos Deozes deſte modo: *Quo quidem anno Publius Africanus, ſol alter, extin-*

extinctus est. No qual anno foi morto Publio Africano, *hum novo Sol*:

Tanto era o Poeta Ferreira affeiçoado a hum tal modo de expressar, que até metonymicamente usava delle, como se vê no seguinte exemplo do Soneto 23, P. II.

Eu c'o esprito inquieto aos Céos suspiro
D'hum *Sol* a outro, e d'huma a outra sombra.

Sol está aquî por *dia*, e *sombra* por *noite*; metonymia: parte pelo todo, ou causa por effeito, ou effeito por causa, á maneira de Horacio na admiravel Ode II. do Livro IV., donde esta elegancia do Ferreira procedeo:

. . . . Et ó Sol.
Pulcher, ó laudande, canam, recepto
Cesare felix.

Que pouco mais ou menos dizem o seguinte:

Oh dia claro e bello, oh mil mil vezes
Digno de ser cantado!
Da desventura os asperos revezes
Naõ temerei jámais, vendo tornado
Á patria o claro Cesar da victoria,
E de triunfo excelso coroado.

Passemos a ver com o Poeta Bernardes se portou no uso, que fez deste modo de expressar taõ grave, e taõ proprio da linguagem da mais sublime poesia. Nas Endedechas a N. Senhora:

Deovos a Trindade
Coròa de estrellas,
Mas a claridade
Vós lha dais a ellas.

Bellissimos, e felicissimos Senarios, cuja pureza de esty-

lo cheia de graças naturaes se annuncia com agradavel facilidade. Nos dous ultimos versos está a elegancia *Claridade do Sol* do Poeta Miranda.

N'hum Soneto, em que encommenda a Nossa Senhora huma náo, que hia para a India:

— Formosa Virgem mais que o Sol formosa. —

Bello modo de expressar, e optimo verso feito á luz de outro semelhante de Ferreira, que já fica exposto, e ambos á daquelle, com que Petrarca principia a Cançaõ XII., o qual he o seguinte:

— Una donna più bella assai che 'l Sole. —

O verso do nosso Poeta he mais bem applicado, mas o do Poeta Italiano, he hum tanto mais elegante. A idéa do Bernardes he ampliaçaõ da do Miranda; e se aquelle substituisse outro epitheto ao com que começa o verso, inda melhor ficaria; porque dava mais variedade á expressaõ, que por isso ficaria mais elegante, e teria igual merecimento, que a de Petrarca. O mesmo pensamento com o mesmo genero de ampliaçaõ, mas com diversa frase, se vê no seguinte verso do Soneto 23 das *Rimas varias*:

A *luz* que faz *o Sol* escurecerse.

He nobre, e elegantissimo modo de dizer. A palavra *luz*, que está em sentido abstracto, dá notavel gravidade á expressaõ, que toda corre mui liquida, e harmoniosa. Na primeira Elegia a Jesu Christo vem huma clausula, cujo sentido he de igual identidade que o da passagem do Poeta Miranda:

Oh resplendor divino, oh formosura
Dos Anjos, *luz do Sol* . . . . . .

Es-

Estas elegancias todas saõ da maior sublimidade, e neste lugar fazem huma excellente gradaçaõ composta de trez orações, cujos sentidos sobem huns sobre os outros. No principio da II. Cançaõ exprime a mesma idéa, sem ampliaçaõ, mas com frase positiva do modo seguinte:

Amor tu bem entendes,
Que dos cabellos digo
Do novo *Sol* da terra.

Esta expressaõ tem a singelleza propria do metro de arte menor, e por isso nada offerece á discussaõ, mais do que a relaçaõ tacita de *Sol da terra a Sol do Ceo.* No Soneto 41. das mesmas Rimas diz:

Serras, onde se encerra hum *Sol* taõ claro.

Sentido concreto. Naõ tenho que dizer a respeito desta expressaõ, porque acima fica feito exame de outras iguaes: naõ me agrada este verso pelo jogo pueril de *serra* nome, com *encerra* verbo. No Soneto 5 vem igual idéa, mas em sentido ampliativo, e assás extenso na frase, que se compoem de bellas elegancias, a saber:

Dos olhos, por quem perco a liberdade
Queixarse com razaõ *o Sol* podia,
Porque nelles se vê mais claro dia,
E naõ lhe cega a noite a claridade.

Os primeiros dous versos contém a proposiçaõ da qual se deduzem duas consequencias, que fazem huma bellissima amplificaçaõ. Esta imagem he diversa das que temos apontado; a sua expressaõ tem hum certo calor dramatico, que lhe dá muita vivacidade: O terceiro verso he de admiravel elegancia, e o quarto contém o fecho da hyperbole, tambem com summa força, e elegan-

cia, posta no verbo *cega*. Frase pura, corrente, e harmonica. Agora se nos offerece occasiaõ de mostrarmos a mesma idéa exprimida por hum modo summamente elegante, e desconhecido dos Poetas anteriores ao mesmo Bernardes: o lugar he no Soneto 6. das *Rimas varias*:

Da branca neve, e da vermelha rosa
O Ceo de tal maneira derramou
No vosso rosto as cores, que deixou
A rosa de manhãa mais vergonhosa.

Que viveza, e ao mesmo tempo, que frescura de tinta! Qual será o pincel de paizista, que dê igual expressaõ de colorido aos seus ares, aos seus horizontes? O primeiro verso tem vivissimas côres, que representaõ hum matiz muito suave, e o mais bem acertado. A palavra *Céo* no segundo, que he o sugeito agente da proposiçaõ, está bem elegido para auxiliar o total da harmonia. O verbo *derramou* tem grande força pela idéa que dá da liberalidade celeste. O quarto verso he o assumpto do nosso exame. A elegancia da imagem, que nelle se representa, naõ tem exemplo nem nos antigos, nem nos modernos; e metafora mais feliz naõ se encontra em toda a Poesia. A metafora he huma semelhança, ou comparaçaõ laconica: a parecença, que o Sol tem com huma rosa, quando vem surgindo no horizonte, por illusaõ optica, fez com que o Poeta Bernardes adaptasse a significaçaõ de *sol* ao substantivo *rosa*. Daqui veio, talvez, a formula usual de juramento na conversaçaõ familiar: — *Por aquella rosa divina que nos alumia* — fallando da luz nocturna, ou do mesmo Sol. Huma tal elegancia he mui propria do assumpto pela delicadeza, e pelo mimo das vozes, fallando de huma virgem, ou donzella, assim como fez o Ariosto no I. Canto do Furioso, quadro famoso traçado pelo mais fecundo ingenho, que tem visto Italia moderna, em obsequio do qual sejanos permittido transcrevello:

La

La verginella é simile ala Rosa
Ch'in bel giardin sù la nativa spina,
Mentre sola, e sicura si riposa
Ne gregge, ne pastor si le avvicina:
L'aura suave, e l'alba rugiadosa,
L'acqua, la terra al suo favor s'inchina,
Giovane vage, e donne innamorate
Amano haverne e seni, e tempie ornate.

Adiante se achará traduzido este lugar que he huma nobre, e admiravel imitaçaõ de hum tambem famoso lugar de Catullo no Idyllio nupcial, ou Epithalamio nas nupcias de Manlio, e Julia, que n'outro lugar transcreveremos. *Rosa da manhãa* esta combinaçaõ de vozes, além de ser mui feliz, pelo que pinta he mui suave. O epitheto *vergonhosa* designa huma propriedade, que dá summo realce a toda a pintura, cuja harmonia faz os versos muito doces, e cadentes. Translaticiamente usáraõ algumas vezes os antigos do termo *rosa*, naõ neste sentido, mas em frase amatoria, para exprimir afago, e caricias, como se vê na *Asinaria de Plauto*, Acto III., Scena III. verso 74.

Mea rosa, mi anime, mea voluptas.

As quaes formulas passáraõ todas para o nosso Idioma, onde com outras muitas, que inventou o pathetico moral da Naçaõ, fazem hum dos mais notaveis ornamentos da nossa linguagem. No Soneto 37. das *Rimas varias*, vem outra imagem mui cheia de pureza, de graças, e elegancia: ella he mais ampliada, e nella resplendece notavel suavidade de tinta, caracter principal das pinturas deste insigne artifice: a gradaçaõ das côres neste quadro póde servir de modello; eu a transcrevo, e mostrarei, como puder, essa mesma gradaçaõ taõ tida por chimerica dos Poetas do nosso tempo:

Qual

Qual ſerena manhãa alva, e roſada
Foi nunca taõ formoſa, ou qual Sol tanto
O mundo alumiou, Marilia, quanto
Teus olhos, onde Amor tem ſua morada?

Começa logo a paſſagem por hum relativo, que induz a admiraçaõ, e logo apparece a figura da manhãa debuxada com todos os accidentes neceſſarios para a conſtituirem belleza encantadora: em primeiro lugar vem a ſerenidade como circumſtancia precifa para realçar a formoſura da manhãa, porque o ſoccego da atmosfera faz tranſmittir aos noſſos olhos os reſplendores da meſma com toda a vivacidade natural de côres, naõ interrompidas, nem quebradas por huma atmosfera agitada, que pelas infinitas, e deſconcertadas refrangibilidades, que occaſionaõ os raios de luz no tranſito, que fazem para a noſſa viſta, diminue o grão das côres, e geraõ viſualidades deſagradaveis. O epitheto *alva* exprime propriedade neceſſaria para a formoſura da imagem, e nelle ſe conhece a primeira gradaçaõ depois do accidente *ſereno*: o adjectivo *roſada* exprime huma modificaçaõ natural, e conſequente á brancura, com quem faz contraſte gentil, porque naõ ſendo eſta reputada por côr em boa Optica, a vermelha he a mais natural, que lhe ſuccede, por ſer ella huma das principaes côres primittivas, de que ſe compoem o raio ſolar, donde todas procedem: de ſorte que neſta pintura da manhãa traçada com tanta gentileza ſe vem quatro gradações, que vem a ſer o ſubſtantivo *manhãa*; que ſe eleva ſobre o termo noite cuja ſubintelligencia concebe o eſpirito ao meſmo tempo que a lingua pronuncia a palavra *manhãa*: o epitheto *ſerena* lhe aſſina huma qualidade: *alva* outra: e *roſada* hum accidente, que ſe eleva, e realça á viſta mais, que os outros. E depois de todas eſtas combinações de ſugeitos, e accidentes, ſahem fóra os reſultados nas duas clauſulas do ſegundo, e parte do terceiro

no verso — *Foi nunca taõ formosa*, — *ou qual Sol tanto o mundo alumiou.* Aqui se mostraõ mais duas gradações picturescas em *Sol*, e no verbo *alumiar* como consequencia positiva daquelle substantivo: de sorte, que no total do quadro se observaõ seis gradações, huma occulta, e as cinco expressas desta maneira: *noite*, gradaçaõ occulta: *manham*: *alva*: *rosada*: *Sol*: *alumiou.* Eis-aqui huma idéa, inda que fraca, da graduaçaõ das côres nas pinturas da Poesia. Esta artificiosa disposiçaõ sempre foi taõ entendida, e observada dos grandes mestres, como ignorada, e naõ seguida dos versificadores da nossa idade, cuja ignorancia chega a tanto, que tem por chimericas estas delicadezas taõ conformes á razaõ, e á natureza, as quaes nunca se arredáraõ da intelligencia dos grandes Poetas; e quem nellas for versado, naõ terá certamente estas observações por meras subtilezas de imaginaçaõ exaltada. Engenho, e reflexaõ profunda saõ os dous meios, por onde se póde chegar ao perfeito conhecimento da theoria, e da practica da mais sublime, e agradavel de todas as Artes; de outro modo, he absolutamente impossivel.

Pedro de Andrade tambem se enamorou deste modo de dizer, mas com aquella frieza propria da mediania do seu genio, que além de naõ se inflammar á vista das producções dos sublimes engenhos, que taõ bem poetavaõ no seu tempo, antes se esfriava, e cahia em huma certa morbidez inculta e dissonante, que se patenteia em grande parte do que escreveo. Na Elegia XIV., paginas 155.

Desses teus olhos, onde se enthesoura
Do Amor, e Fermosura a mor riqueza,
Mais clara, que o fermoso Sol, mais loura.

Abstracçaõ de abstracções: a expressaõ do segundo verso, que he a que vem ao nosso intento, he semelhante a outras de Bernardes, e Ferreira já transcriptas, porém

rém menos artificiosa. Pureza, e harmonia. Na mesma Elegia, pag. 156.

Alli se mostra mais fermoso o dia,
E Febo, inda que claro, inda que louro
Mais claro com teus olhos alumia.

Frase pura, corrente, e harmoniosa: em tudo o mais he imitaçaõ de outra passagem de Bernardes, que acima fica expendida: nella naõ resplendece aquella bizarria do pincel original que se mostra na passagem do Cantor do Lima. O primeiro verso contém a consequencia das premissas inclusas nos dous, que se lhe seguem. Com tudo esta pintura tem merecimento, porque o primeiro verso he muito bello, e cheio de graças; o segundo está organizado com frase de artificio nos dous epithetos, que representaõ accidentes com gradaçaõ de luz natural, e graciosa. O terceiro he muito elegante pela repetiçaõ do adjectivo *claro*, que fórma combinaçaõ intellectual com o termo *olhos*, e pela melodia do final *alumia*. Na Ode X. pag. 211.

Daquelle fermoso ouro,
Ou solto, ou recolhido
De que o raio do Sol fica vencido.

Esta pintura tambem he semelhante a muitas, que acima ficaõ analysadas: nella se vê a idéa ampliada no participio *vencido*; mas no termo *raio* enfraquece a força da expressaõ. Os dous septenarios naõ tem merecimento, porque o primeiro he muito dissonante na combinaçaõ *fermoso ouro*, e o segundo he despido de energia, e propriedade no participio *recolhido*, que mais parece aquî posto para servir á rima do hendecasyllabo. Na Estança XV. do primeiro Epithalamio diz:

Uma

Uma fermosa luz, que corresponde
Em tudo á do fermoso Sol ....

Pintura debil, com tudo elegante na palavra *luz*. De todos estes quatro lugares do Poeta Andrade se conhece a debilidade do seu pincel, que nunca varía as côres, e se repete sempre, naõ achando outra energia de tinta mais do que em *formosura*, *e formoso*.

Passemos ao mar immenso da facundia poetica, ao sublime pintor da natureza, ao grande, ao divino Camões: vejamos como elle soube igualar as côres da mesma natureza, e exceder o colorido de Ticiano. No Soneto 39 se vê a imagem seguinte:

O fogo, que na branda cera ardia
Vendo o rosto gentil, que n'alma vejo,
Se accendeo de outro fogo no desejo
Por alcançar *a luz que vence o dia.*

Bella exposiçaõ, bella narraçaõ, e bella pintura da luz de huma vella de cera, cahindo por casualidade na face de huma formosa dama. Eu naõ sei que possa haver expressaõ mais delicada, nem mais amavel. Cada verso de per si faz huma pausa de sentido, porque cada hum he membro do periodo consignado em todo o quarteto. Este artificio, primeiramente conhecido, e usado de Camões, he o que mais concorre para a doçura do estylo: naõ basta, que cada verso em si esteja cadente, he preciso, que a passagem de hum para outro seja natural, e fique facil á recitaçaõ, e naõ pendurado, ou pendente por aporia o sugeito no fim do verso, e o seu accidente no principio do que se lhe segue, ou vice versa, &c. como por exemplo, se vê na Ode I. de Ferreira:

Fuja daqui o *odioso*
Profano vulgo ....

Na Ode V.

Livre do baixo, *e caro*
Pezo da terra, que o eſprito dana.

Na Ode VI.

Aſſi a *poderóſa*
Deoſa de Chipre, e os dous irmaõs de Helena...
Te levem, e tragam com *pequena*
Tardança aos olhos, que te eſperam attentos.

Iſto naõ he defeito capital, nem eu digo que ſe deixe de fazer aqui ou alli conforme o pedir a neceſſidade; mas a grande frequencia, como em Sá de Miranda, e em Ferreira, faz conhecidamente o eſtylo duro, e pouco fluido. Vamos á expreſſaõ do quarto verſo, que he o objecto da preſente inveſtigaçaõ: nelle vemos, que o termo *luz* combinado com o verbo *vence* denota huma idéa extenſiva, ficando as duas vozes *luz*, e *dia* exprimindo *Sol*. No Soneto 42.

Aquellas tranças de ouro, que ligaſte,
Que os raios do Sol tem em pouco preço.

Outra amplificaçaõ de idéa ainda mais extenſiva, que a precedente. Pureza, elegancia, e harmonia ſaõ os caracteres do eſtylo deſtes verſos, aſſim como de todas as obras deſte inſigne Poeta. No Soneto 99 tem o ſeguinte:

— Dos olhos, com que *o Sol eſcurecia*. —

He ſemelhante, e quaſi a meſma expreſſaõ, que a de Bernardes — A luz que faz o Sol eſcurecerſe — acima analyſada. Poſto que eſte eſteja mais ſurdo nas derradeiras ceſuras, que o de Camões, elle eſtá mais proprio,

prio, porque exprime hum certo ar funebre, e triste, que faz a pintura mais semelhante ao original; o que naõ succede na de Camões, cujas cesuras finaes saõ taõ cantantes, que deixaõ de imitar a verdade do objecto que representaõ, e por esta razaõ julgo a pintura de Camões menos congruente, que a de Bernardes: *aliquando bonus dormitat Homerus*. No Soneto 104.

Esses cabellos louros, e escolhidos
Que o ser ao aureo Sol estaõ tirando.

Outro sentido extensivo em gráo superlativo, de tal modo, que a idéa de privaçaõ n'um faz a força da augmentaçaõ n'outro; especie de contraste, ou claro escuro, que faz realçar a pintura: *ser* exprime existencia: o epitheto *aureo* he mui poetico, pouco ou nada usado antes de Camões. Soneto 131.

Mas nos olhos mostrou quanto podia,
  E fez delles hum Sol, onde se apura
  A luz mais clara que a do claro dia.

A mesma imagem em sentido ampliativo sempre com variedade de expressaõ: pureza, e harmonia naõ cessa de apparecer na frase deste grande Poeta: esta pintura he semelhante no sentido a outras, que já temos examinado, mas naõ nas palavras, cuja differença está na clausula final do segundo verso - *onde se apura*, — que exprime huma amplificaçaõ: o resto do estylo he mui culto: em que consiste esta cultura em seu lugar diremos. No Soneto 153.

Ellas diante vós sam as estrellas,
  Que ficaõ com vos ver logo eclypsadas:
  Mas se ellas tem por Sol essas rosadas
  Luzes de Sol maior, felices ellas!

Nos primeiros dous verſos ſe inclue huma propoſiçaõ poſitiva indicada pelos effeitos, que ſaõ ficarem as eſtrellas eclypſadas, iſto he, eſcurecidas, o que naõ ſuccede ſenaõ por effeito da luz do Sol; porém como eſta propoſiçaõ ficava hum tanto myſterioſa, accreſcentou nos dous verſos ſeguintes a gloſa dos primeiros: *roſadas luzes* he formoſa, e elegantiſſima clauſula: o epifonema do fim vem a propoſito. A meſma imagem exprimindo idéa de exceſſo acompanhado de hum effeito com ſua cauſal expreſſa, ſe vê no belliſſimo Soneto 186.

O cabello que inveja ao Sol fazia,
Por que fazia o ſeu menos dourado.

Da inveja, que o reſplendor do cabello fazia ao Sol, naõ ſe poderia abſolutamente colligir a ſuperioridade da ſua luz ſobre a daquelle aſtro, porque vemos a cada paſſo qualidades muito diminutas excitar inveja em ſugeitos, que poſſuem outras muito mais ſublimes, e relevantes. Por tantos modos attaca o coraçaõ humano a mais pernicioſa de todas as enfermidades moraes, fonte univerſal das maiores oppreſſões! Eis-aqui o motivo porque o Poeta ajuntou huma clauſula neceſſaria no ſegundo verſo, para aclarar o ſentido do primeiro: o *eſtylo* he facil, e harmonico, e o que delle poderamos dizer já fica dito em outros lugares. Huma pintura com differente conſequencia ſe vê na 2. Eſtrofe da Cançaõ V.

As tranças d'ouro fino
A quem o Sol os raios ſeus baixou.

Vê-ſe retratado neſta imagem o conhecimento de ſuperioridade ſignificado pelo reſpeito: o eſtylo he puro, e harmonioſo. Por ſentido remoto, uſando de rodeio, tanto no ſignificado, como na expreſſaõ, ſe vê a meſma imagem toda deſenhada com muita diverſidade de côres na Eſtrofe 5. da Ode VI.

E

E se nam vem os claros olhos bellos
De quem cantam, que saõ do Sol thesouro.

Eis-aqui apparece a differença no colorido: os olhos taõ cheios de resplendor, que saõ thesouro, donde o mesmo Sol tira luzes, conforma-se no sentido com a passagem do Sá de Miranda: *Claros olhos bellos*: naõ obstante serem claros, podiaõ naõ ser bellos; a idéa de belleza naõ anda sempre unida á da claridade, ou resplendor; por isso o Poeta com muito acerto corroborou hum predicado com outro predicado: o segundo verso he artificioso, e bello no discurso, e na elegancia, que está posta no verbo *cantaõ*, e no termo *thesouro*. A mesma identica idéa, pintura igual á que acabamos de expôr, se vê no Poema sobre o desconcerto do Mundo, Estança 26.

Entretecendo rosas nos cabellos
De que tomasse a luz o Sol em vellos.

O primeiro verso he optimo: o primeiro hemistichio do segundo he igualmente bello; mas a clausula final *em vellos*, naõ me agrada, e estou quasi tentado a dizer, que está aqui para servir ao consoante. Num poema em oitava rima feito a huma dama, Estança 3.ª, vemos esta imagem com diverso sentido, e diversas côres:

Aquella pura luz, que vence o dia.

A idéa he de superioridade, e por isso ampliativa: *Luz* está aqui por *Sol*: o epitheto *puro* designa huma qualidade, e quer dizer *sem mancha*: este adjectivo unido a *luz* faz huma feliz combinaçaõ, assim como a clausula final, que além de fazer o verso mui liquido, e harmonico dá á pintura huma alegria, que encanta. No mesmo poema Estança 5.

A

A tua claridade torna efcura
Do Sol a clara luz em hum momento.

Idéa ampliada, e hyperbolica em termos pofitivos: O primeiro verfo he puro, e harmonico: nelle eftá o fubftantivo *claridade* fazendo huma pintura com effeito contrario para lhe dar contrafte, e fazer a força do claro efcuro: *Do Sol a clara luz.* Clafula elegante, que tanto me contenta, quanto me defagrada a que fe fegue, que nem he poetica, nem neceffaria. Igualmente hyperbolica he a imagem, que fe fegue na Ecloga IV. Eftança 8.

Onde eftá o olhar brando, que cegava
O Sol refplendecente ao meio dia?

Os accidentes defta pintura faõ differentes: vemos no primeiro verfo o abftracto *olhar*, que fendo propriamente hum verbo, eftá fervindo de fubftantivo no infinito, affim como no Latim: no verbo *cegava*, e na derradeira claufula do fegundo verfo eftá toda a força da hyperbole: — *eftá o olhar* — naõ me agrada efta combinaçaõ de vogaes, que faz o eftylo froxo, e deftroe a harmonia; mas ifto he venialidade efpecialmente n'hum Poeta, onde raramente fe encontraõ taes defeitos: além de que, efte poema moftra, que foi feito para fatisfazer a importunaçaõ de petitorio, como coftuma acontecer; e por iffo naõ fahio das mãos do Poeta com a perfeiçaõ, que coftumava.

De toda efta analyfe fe colhe, que o rafgo do pincel do Sá de Miranda he forte, mas naõ muito liberal pela pobreza das tintas. O de Ferreira he mais bem bizarro hum tanto, mais abundante com a fua propria riqueza, e com a que extrahio da liçaõ dos antigos, a qual communicou ao Idioma. O de Bernardes mais franco, mais audaz, mais original que todos, enriqueceo

a lin-

a lingua de admiraveis elegancias filhas de huma fantasia abundante de imagens, mas só neste genero de expressaõ. O de Camões mais liberal, mais variado, mais copioso, como quem achára huma lingua já formada, já affeiçoada a este genero de enunciaçaõ sublime. Sempre harmonioso, sempre puro, sempre elegante, sempre culto, inda que menos original, que o de Bernardes (nesta parte taõ sómente) o seu estylo será modello nesta, e em todas as qualidades de expressaõ. Naõ fallo do Andrade, a quem nada deve o Idioma nesta parte, em que se mostrou hum pobre, e servil imitador de Bernardes, e Ferreira.

Este modo de fallar teve nascimento na Lingua Latiua na expressaõ de Cicero acima indicada no Livro segundo da Natureza dos Deozes: *Quo quidem anno Publius Africanus, sol alter extinctus est.*

Seguindo pois o nosso methodo proposto, passemos a analysar a seguinte passagem da Estrofe 3.ª da Cançaõ do Sá de Miranda:

> Virgem, seguro porto, amparo, abrigo
> Ás mores tempestades . . . .

Expressaõ muito poetica, com que este Padre da nossa Poesia enriqueceo a Lingua Portugueza. Quatro metaforas se achaõ nesta expressaõ nas vozes *porto*, *amparo*, *abrigo*, e no inciso *mores tempestades*. Esta linguagem he muito grave, viva, laconica, e por isso mui propria da Poesia. Vejamos agora como o douto Ferreirra manejou estas elegancias: e o primeiro exemplo seja o que nos offerece o Soneto 39.

> Vai minha alma cançada a vós buscando
> Como de tempestade hum porto manso.

A imagem do Miranda apresenta-nos os sugeitos com

os

os accidentes occultos, como *porto*, *amparo*, *e abrigo*, ſem mais adjectivo; a do Ferreira, hum ſó que correſponde, ou he quaſi a meſma elegancia do Poeta Miranda *ſeguro porto*, acompanhado com o ſeu predicamento *porto manſo*, o primeiro poem o motivo depois-*a mores tempeſtades*; o ſegundo antes-*como de tempeſtade*. A fraſe he pura, mas o quadro alguma couſa inferior ao do Poeta Miranda, que deve a ſua belleza á fraſe ſanta dos Profetas, e á elegancia de Petrarca, a cuja luz foi compoſto eſte poema. Na pintura do Sá de Miranda os termos *amparo*, *e abrigo* devem ſer conſiderados como ſynonymos de mero ornato; nem me poſſo capacitar, que *abrigo* neſte lugar ſignifique mais, que *amparo*, nem que *amparo* ſinifique menos que *abrigo*: naõ ha duvida, que a idéa de haver ſynonymos naõ ſe funda na melhor filoſofia, como bem o moſtra o ſabio Mr. du Marſais: naõ duvido tambem que *amparo*, *e abrigo* tem differença ſubtil, que ſó póde ſer conhecida, e analyſada por quem for inſtruido em todas as particularidades da expreſſaõ Portugueza, naõ ſó nos eſcritos, mas tambem na converſaçaõ da Corte, e das Provincias, e ajuntar a tudo iſto o conhecimento das ſuas etymologias, e o exercicio de compôr com ſumma correcçaõ; mas como a explicaçaõ deſtas delicadezas requer maior inſtrucçaõ na filoſofia das Linguas, hirei combinando as expreſsões, que fôrem apparecendo analogas á ſignificaçaõ metaforica, e enfatica da palavra *porto*, ſem muito me embaraçar com as mais, por naõ eſtender demaſiadamente eſte Eſcrito. Na Carta II. do Livro II.

Deſtes eſpritos neſta parte rudos
As devem defender, Principe raro,
Os que lhe podem ſer *firmes eſcudos*.

Eſcudo, *amparo*, *e abrigo*, he tudo a meſma expreſſaõ com a differença de que a primeira he menos extenſiva. Eſta elegancia he muito poetica, e correſpondente aſſaz á gra-

gravidade do assumpto. *Musas*, *e escudos* saõ abstracções de idéa; porque *Musa* naõ he huma entidade, que exista fóra da fantasia: o mesmo se deve julgar da palavra *escudo*, inda que represente concreto; por ser elegancia de abstracçaõ metaforica applicada neste lugar a sentido meramente fantastico; isto he, que tendo existencia na fantasia, tem alma e vida em virtude da mais sublime poesia, que consagrou o vocabulo *Musas* para symbolo das Artes. O adjectivo *firme* dá força ao termo *escudos*, nisto consiste grande parte da vivacidade do colorido na Poesia. Vejamos agora esta mesma idéa por differente modo exprimida na Carta III. do Livro II.

> Porque naõ ousarei em tanto escuro
> Mostrar a clara luz, que tu descobres
> Tomandote por guia e *por meu muro*?

Excellente modo de fallar a hum Monarca! Na clausula final do primeiro verso se vê a mesma elegancia do Sá de Miranda, que analysamos no principio: o segundo verso he assaz poetico pela translaçaõ em *luz* como abstracçaõ de idéa: o terceiro he bello pela pureza; com tudo a clausula final, que vem ao nosso caso hum tanto a sinto rasteira, e dissonante no encontro syllabico *meu muro*. Esta frase corresponde às vozes *amparo*, *e abrigo* da passagem do Miranda, da qual tambem se servio o Poeta Ferreira no fim da Carta IX. ao mesmo Poeta Miranda:

> Em mim metido, e forte em *meu bom muro*.

Esta elegancia em nada differe da que acima fica analysada senaõ no adjectivo *bom*, que designa hum predicamento collectivo, que faz a expressaõ mais doce que a do mencionado lugar. O primeiro membro he bem filosofico, e sublime, e tem analogia com a seguinte passagem de Horacio na Ode XXIX. do Livro III.

. . . . Et meâ
Virtute me involvo . . . .

Eu na minha virtude em fim me envolvo.

Força, e elegancia saõ as propriedades deste estylo. Na Carta X. do Livro II.

Santo Diniz na Fé, nas armas claro
Da patria pai, da sua lingoa amigo,
Daquellas Musas rusticas amparo.

Este terceto deveria ser o epitafio de hum taõ grande Rei, e o mais completo panegyrico das suas virtudes, e talentos. A pintura naõ póde estar mais bem caracterizada: os seus attributos estaõ expressos nas cinco elegancias de que consta o periodo incluso neste terceto. — *Nas armas claro* — vivissima expressaõ a quem a sublime penna de Camões deu (se a naõ resuscitou) verdadeiro, e legitimo valor: — *da sua lingoa amigo* — esta he huma qualidade, que em rarissimos Monarcas se tem achado. O exercicio, e a protecçaõ das letras he certamente o mais util, o mais illustre, e perduravel monumento, que todo o bom Rei deve erigir á sua memoria, e á gloria da sua Naçaõ. Estas nobres qualidades fôraõ vistas com a maior admiraçaõ nos nossos tempos na pessoa do immortal Frederico II. Rei da Prussia, como attestaõ os Escritos, e a voz publica dos maiores Sabios deste seculo. Na Carta XII.

Olha o medo, Senhor, olha o perigo,
Em que hum esprito raro, e bom se cria,
Que nem louvor lhe daõ, *nem acha abrigo.*

Elegante pintura daquella fatalidade que acompanhou sempre os talentos em Portugal, onde parece, que o mereci-

men-

mento, longe de grangear honras, he desprezado, e muitas vezes perseguido. Fatalidade digna de lamentar-se, contra a qual todos os nossos Sabios tanto em vaõ tem declamado. O estylo he purissimo, e cheio de simplicidade: he suave, posto que no segundo verso algum tanto afroxe a melodia. O primeiro he forte na palavra *medo*, consequencia anteposta á premissa por artificio rhetorico. No terceiro está bem desenhada huma privaçaõ, que exprime ao vivo, que entre nós o merecimento nem dá honra, nem proveito: a frase, que he o objecto da nossa investigaçaõ, he a mesma identica, que a do Sá de Miranda. Na Carta IV.

Puzte nas mãos minha alma, e minha vida,
Sabes que desejei portos quietos.

Tanto a primeira como a segunda proposiçaõ mostrase annunciada com elegantissimas formulas: — *portos quietos* — expressaõ concreta de sentido abstracto; abstracçaõ na idéa, concreto nas palavras: este hum dos mais bellos artificios da metáfora, e o mais brilhante ornamento da elocuçaõ poetica. Outra igual passagem vemos na Carta IX. ao mesmo Miranda:

Chamarteei sempre bemaventurado
Que tanto ha, que em bom porto co' essas santas
Musas te estás em santo ocio apartado.

Os versos saõ doces: a frase he pura, mas hum tanto forçada; com tudo exprime hum respeito, huma saudade, que inspira amor ao retiro no adjectivo *santo* applicado a *Musas*, e a *ocio*, empregado no exercicio das Letras: *bom porto* tem differença no adjectivo, que designa collecçaõ de predicados; *bom* neste lugar he huma consequencia, cujas premissas ficaõ na idéa: o mesmo acontece, quando dizemos, bom Cavalleiro, bom Poeta, bom Filosofo, as causaes ou premissas ficaõ no

pensamento, onde de improviso se forma o syllogismo simples.

Diogo Bernardes artifice consummado, se por hum nexo congruente atasse as bellezas locaes, em que foi destrissimo, ao todo da sua composiçaõ, nos offerece naõ poucos exemplos desta elegancia poetica. N'hum Soneto a N. S. nas *Rimas Sacras* :

Virgem das Virgens, flor, fonte da vida,
Deste mundano mar porto seguro.

Excellentes rasgos de pincel liberal, inda que inconstante: aqui apparece a linguagem dos Profetas, que para este genero de composiçaõ dá grande auxilio, como se vê no seguinte lugar do Psalmo XXXV. *Quoniam apud te est fons vitae, et in lumine tuo videbimus lumen*, cujo sentido he o que se segue :

Que em ti, Senhor a fonte está da vida,
E a luz dos nossos olhos
Da tua luz procede alta, e subida.

Elegancia, pureza, e harmonia saõ as virtudes destas expressões: o segundo verso he bello, e muito poetico. N'hum Soneto a Nossa Senhora :

Guiaime nestes mares furiosos
A vós que sois do mar *praia segura*.

Bons hendecasyllabos: nelles se vê *praia* na significaçaõ de *porto* acompanhada com o seu attributo. He cheia de força a expressaõ — *guiai-me . . . a vós.* — Elegancia, e harmonia. No *Lima* Carta VI. vem huma elegancia bem diversa no sentido:

Por

Por isso, Senhor, callo, porque temo
De naõ chegar ao *porto desejado*,
Por mais que alargue a vela, e aperte o remo.

Porto aqui significa fim: mas a expressaõ naõ deixa de trazer á memoria idéa de *descanso*. Todo o terceto está bem talhado: bello no conceito; bello na enunciaçaõ toda concebida debaxo da allegoria de huma embarcaçaõ; artificio usado dos antigos, como se vê em Ezechiel, Cap. XXVII., e em Horacio Ode XIV. do Livro I. donde passou para os modernos, a frase he pura, a poesia de imagem, e assás harmonica. Na Carta a Frei Agostinho da Cruz, seu irmaõ:

Faz conta que na vida andas já morto,
Para que sempre vivas na Divina
Passando de bom porto a melhor porto.

Bom terceto: pureza, e harmonia saõ as graças que nelle mais se distinguem: o derradeiro verso contém boa gradaçaõ de idéa, que faz a belleza de estylo, cujas modificaçoes consistem no positivo *bom*, e no comparativo *melhor*. Na Cançaõ a Nossa Senhora:

Oh Virgem . . . .
Alegria do Ceo, da *terra amparo*.

Tem este Poeta tal destreza nas pinturas alegres, dá-lhes huma expressaõ, huns toques taõ sensiveis, e amaveis, que deleita, que encanta em summo gráo. Pureza, e harmonia. Em hum Soneto ao ao mesmo assumpto:

Porque vejam os mais desamparados,
Que sois *amparo certo*, bem seguro
Em quantos males tem a nossa vida.

A fra-

A frase deste terceto he clara, mas pouco elegante, e faz jogo pueril em *amparo*, *e desamparados*. Noutro Soneto ao mesmo assumpto:

> Rainha deo ao Ceo, á *terra amparo.*

He a mesma elegancia, que acima examinamos. Na Carta XVI.

> Os da Fortuna menos conhecidos
> Esses achaõ em vós mais *certo amparo.*

Estes dous versos contém conceito, que mostra hum resultado da mais pura moral. Frase pura e corrente he o distinctivo destes hendecasyllabos, onde a clausula, que nos serve de argumento tem existencia positiva no adjectivo antecedente *certo.*

Passemos ao Poeta Caminha, e nelle veremos, que as elegancias de que se servio nesta maneira de expressar saõ pouco recommendaveis. Na Epistola III.

> Principe entre os maiores o mais raro,
> Que nos daixou, e deixe a maõ divina,
> Por remedio commum, por *bem*, *e amparo.*

Elocuçaõ pura, mas pouco elegante; a do ultimo verso objecto da nossa analyse he trivial: na primeira clausula do mesmo está huma perifrase das que se seguem. Na Epistola IV.

> Manoel, e Joaõ *certos amparos*
> Sempre a toda a virtude . . . . . :.

Esta frase he a mesma, que a derradeira de Bernardes, com a differença de estar no plural. Na mesma Epistola:

Que

. . . . Que todo o bom tem nelle *amparo.*

E no fim da mesma:

. . . . Neste amor te accende,
Que póde em tudo serte *forte muro.*

He *muro* o mesmo que *amparo* com hũa modificaçaõ, que exprime beneficencia constante designada pelo accidente *forte*. Epistola III.

Mas com constancia a tudo em si *se escude.*

He a melhor de todas as elegancias, que deste Poeta havemos de mostrar neste genero. A singularidade della está no verbo *escudar*, que vem de *escudo*, o qual significa o mesmo que *amparar*. Deste verbo rarissimamente, ou nunca se serviraõ Miranda, Ferreira, Bernardes, e Camões nunca, se naõ me engano: com tudo vejo que os modernos usaõ frequentemente delle, naõ porque lhes seja evidente a sua energia, mas por espirito de singularidade, e para que os naõ tenhaõ por estrangeiros no conhecimento da Lingua; como, se em usar de tal, e tal vocabulo, ou formula consistisse a sciencia do Idioma, sendo aliàs huns pobres metrificadores, esses em quem o tenho visto. Tornando pois ao verbo *escudar*; elle he sonoro, he forte na energia, e offerece aos Poetas mais huma desinencia em *ude* de que tem falta a Linguagem da Poesia Portugueza. Lembro-me de ver este verbo com mais frequencia em Francisco de Moraes author da primeira parte do Palmeirim de Inglaterra, assim como tambem *adargar*, que tem o mesmo significado, por vir de *adarga*, que significa *escudo*; o qual verbo expressamente se mostra com a mesma significaçaõ de *amparar*, *abrigar*, &c. na Eufrozina de Jorge Ferreira, Acto I. Scena I. pag. 6. da primeira ediçaõ pela

ma-

maneira seguinte: — *Adargaivos sempre do sereno, fugi de lugares apaulados*: No Soneto 1. *ás Reliquias.* &c.

Já de Deos a esta sua gram Cidade
Por *escudo*, e *amparo*, e *favor* dadas.

Boa imagem, especie de synonymia, porém mal graduada, porque devêra hir subindo, e augmentando o sentido, o que lhe naõ era impossivel fazer neste lugar. As mesmas frases repete na Ode ás mesmas Reliquias, do modo seginte:

Santas Reliquias, que de Deos mandadas
A esta Cidade fostes por *amparo*,
Por *forte escudo*, e *defensaõ segura*.

Esta passagem he muito superior á de cima, e tem boa gradaçaõ, coisa pouco commua a este Poeta, pelas razões, que já temos apontado: ella se mostra no termo positivo *amparo*, que se eleva á clausula concreta *forte escudo*, e sahe fóra com o resultado, ou consequencia expressada no derradeiro inciso — *defensaõ segura* — que he como glosa das expressões anteriores. O primeiro verso he bom: o segundo he frio por causa do encontro inharmonico da primeira cesura com a syllaba, que se lhe segue, e por isso sem espirito: o terceiro he poetico, tem muita expressaõ, e harmonia.

Depois de vermos tanta diversidade de imagens, e elegancias para exprimir esta idéa sublime com expressaõ symbolica, parece que tudo se acharia esgotado, e nada restaria ao pincel de Camões para traçar este genero de pintura com estylo proprio da grandeza da sua fantasia; pois tanto naõ succedeo desta maneira, que desenhou muitas vezes a mesma idéa com côres taõ proprias suas, que nellas deu (além de outros muitos) hum testemunho perpetuo do quanto a sua imaginaçaõ era fertil em variar os seus desenhos. Vamos aos factos. No

Can-

Canto IV. da Lusiada, Estança 1. faz o insigne Homero Portuguez huma estupenda comparaçaõ, applicando o fysico ao moral da maneira seguinte:

Depois da procellosa tempestade
Nocturna sombra, sibilante vento,
Traz a manhãa serena claridade
Esperança de porto, e salvamento.

Este he o pensamento da passagem do Sá de Miranda descrito com abundancia, e riqueza propria do maior Poeta de Hespanha, e do maior conhecedor do seu Idioma, que elle tanto illustrou, e enriqueceo. A pobreza da lingua da nossa Poesia anterior a Camões naõ tinha côres para traçar huma pintura com vivacidade de colorido tal como esta, que se nos mostra desenhada com tanta bizarria, facilidade, e harmonia, que em vaõ se procurará outra semelhante em toda a immensidade da Poesia Toscana: em vaõ a buscariamos em todo o *Furioso* do Ariosto, cujo pincel foi o mais destro, que se vio para executar com a maior, e mais suave facilidade pinturas deste genero. Em vaõ nos cançariamos em a buscar na *Jerusalém* do Taço, o mais correcto, e methodico de todos os Poetas de Italia moderna: nem no *Adonis* poema immenso do Marino, onde se ostentaõ quantas subtilezas he capaz de idear hum entusiasmo o mais desenfreado, o mais repugnante ás leis da boa Poesia: em vaõ seriaõ as nossas diligencias no Morgante de Luiz Pulci; no *Richiardetto*; no *Orlando innamorato* do Boyardo; nem no seu continuador Nicoláo de gli Agostini, que ambos saõ bem felices nesta amavel facilidade de poetar: nem no *Amadiz* de Bernardo Taço pai do grande Taço, que tem cem Cantos, e he tambem assás destro neste genero: naõ fallo já na *Divina Comedia* do Dante, nem na *Italia Liberata* do Prelar do Trissino, que o primeiro por secco e obscuro, e o segundo por debil e frio jámais nos poderiaõ de mo-

do algum offerecer, nem se quer huma leve sombra desta qualidade de pinturas. Tornando pois ao nosso assumpto, digo, que nesta passagem se vê a nossa Lingua augmentada de dous adjectivos summamente significativos, e sonoros, quaes saõ *procelloso*, e o participio *sibilante*, os quaes naõ pódem ser substituidos em força, nem em harmonia por nenhuns accidentes, que ministrasse a linguagem anterior a este grande Engenho, que os trouxe do Latim para o Portuguez com summa destreza. Os dous primeiros versos saõ tanto sonoros, que parece se estaõ ouvindo os brados de huma tempestade no final do primeiro, e hum surdo estrondo, que succede aos bramidos do vento no final do segundo: segue-se depois huma pintura a mais cheia de alegria, e amenidade: ella faz com a precedente hum maravilhoso constraste, e gradaçaõ de côres: nisto he que se conhece o grande homem, o verdadeiro Poeta, onde falta esta preciosa qualidade naõ ha Poesia. Na Tragedia he que se apresentaõ estes contrastes com a maior força de energia moral, e ainda mesmo na Epopéa, onde se mostraõ com o maior fogo de enthusiasmo picturesco os contrastes fysicos, que taõ evidentes se fazem, que se avultaõ aos olhos da imaginaçaõ. Que deliciosa pintura naõ he a do terceiro verso? A combinaçaõ do adjectivo *sereno* com o substantivo *claridade* faz huma harmonia encantadora, porque até o som do dito adjectivo, que naõ he expressamente taõ sonoro, parece que está modificando a força do termo claridade, genero de harmonia particular á poesia do grande Camões, para exprimir a qual he só capaz a Lingua Portugueza. O Sá de Miranda contentou-se com dizer *ás mores tempestades*, clausula pobre, inda que energica. Camões pintou a força do terrivel pelas circumstancias, que poz ante os olhos, pelos quaes se affeiçôa o animo com mais vehemencia; o que naõ acontece na do Poeta Sá, que he mais pintura ao ouvido, que á vista; *segnius irritant animos demissa per aures*: a pintura de Camões he para

hum,

hum e outro caſo ao meſmo tempo. Paſſemos a outro lugar; ſeja eſte o que vem na ſua Proteſtaçaõ da Fé, que coſtuma andar logo depois das Comedias. He eſta huma allegoria que tem ſemelhança no ideal com a famoſa de Horacio na Ode XIV. do Livro I. a qual ſymboliza a Igreja Catholica deſte modo:

Aquella ſanta barca, &c..........
Que pois vê *claro o porto* a que navega,
Sempre ondas vencerá do eſcuro inferno.

Eis-aqui *porto* ſignificando fim: eis-aqui no ſegundo verſo a poetica abundancia de Camões exprimindo com bizarria a meſma pintura, que a pobreza da Lingua antiga naõ podia deixar de fazer meſquinha, e ſecca em Sá de Miranda. No Soneto 169. Soneto digno deſte grande Poeta, ſe offerecem ao noſſo exame quadros de expreſſaõ jámais viſta, nem ſonhada pelos Poetas anteriores, e contemporaneos deſte genio verdadeiramente inſpirado:

Campo nas Syrtes deſte mar da vida,
Apos naufragios ſeus taboa ſegura,
Claras bonanças em tormenta eſcura,
Habitaçaõ de paz, de Amor guarida.

Excellente quarteto! A fraſe de que ſe compoem he toda mui poetica, e cheia de enfaſe: rigoroſamente ſommando, nelle ſe incluem oito elegancias, as mais cultas, e ſignificantes: a metafora, e a allegoria fazem o ſeu principal ornamento. Enthuſiaſmo, elegancia, e harmonia ſaõ as principaes virtudes deſta pintura, que em ſi meſmo tem novavel variedade pela força de claro eſçuro, que repreſenta nos ſeus contraſtes. A palavra *campos* eſtá ſignificando neſte lugar *deſcanſo*: hum tal modo de fallar he mui proprio da noſſa linguagem ordinaria, eſpecialmente na fraſe dos Lavradores, que trivialmente coſtu-

tumaõ dizer de alguma terra que está de voluto, sem se semear: *Esta terra está de campo*, isto he, de descanso: logo campo nesta passagem he o mesmo que se dissesse descanso, porto, abrigo mas Syrtes, isto he, nos mares tormentosos cheios de baxios, o que he frequente na linguagem dos Poetas antigos, como Virgilio no Livro IV., e X. da Enéada, e ainda mesmo nas Letras Sagradas no Capitulo XXVII. dos Actos dos Apostolos. *Syrtes*, *mar da vida* saõ translações bellissimas, e cheias de energia. O segundo verso contém todo o pensamento do Sá de Miranda annunciado com expressões differentes em todas as suas partes, e com fecundidade desconhecida em Portugal. Os substantivos *porto*, *abrigo*, *e amparo* estaõ expressados com maravilhoso artificio poetico na passagem de Camões pela elegancia *taboa segura*, onde o sugeito *taboa* está empregado em sentido extensivo por virtude de Catachresi, sendo ao mesmo tempo tambem metáfora. *Mores tempestades*, clausula pobre, mais energica que elegante na pintura do Sá de Miranda, he expressada por esta de Camões *apos naufragios*. No terceiro verso vê-se o sentido mais ampliado, servindo como de glosa ao verso antecedente com duas elegancias muito poeticas, e sublimes, que mostraõ hum nobre, e artificioso constraste de idéas a que os Rhetoricos chamaõ antithesi. No primeiro hemistichio do ultimo verso conclue finalmente, e aclara o sentido total com a bellissima frase *Habitaçaõ de paz*; personalizando em certo modo o abstracto paz. Em fim parece que neste quarteto quiz o Camões expressamente mostrar a liberalidade, e copia poetica, com que se podia exprímir este genero de pintura na Poesia Portugueza. N'hum poema ha vinte annos feito á morte de Christo vi esta pintura desenhada por hum modo, que naõ me desagradou: e posto que naõ possamos alargar a esfera das nossas analyses além dos cinco Poetas determinados no Sabio Programma, seja-nos desculpado transcrever esta passagem, que talvez naõ desmereça entrar em parallelo com as precedentes:

Se-

Segura taboa em que salvar-me espero
Do naufragio fatal da dura morte,
E de seu cruel impeto sevèro.

Este lugar naõ tem a força de claro escuro da de Camões, mas naõ deixa de estar desenhado com bastante pureza, força, e harmonia, além de ter estylo pouco ou nada usado da cultura moderna. No Canto VI. da Lusiada, Estança 81. servindo-se da mesma elegancia *Syrtes*, descreve igual pintura com variedade de expressaõ em dous quadros:

Tu que a todo o Israel *refugio deste*
Por metade das ondas Eritréas.

Aqui póde estar *refugio* em lugar de *porto*, *e abrigo ás mores tempestades* de Sá Miranda, conforme a energia latina, como se vê na seguinte passagem de Cicero no Livro II. *dos Officios* Capitulo 18. *Regum*, *populorum*, *nationum portus erat*, *et refugium Senatus*: mas propriamente está significando *evasaõ*, *sabida*, *fuga*, *occasiaõ de fugir*, &c. Naõ só a Eloquencia profana, mas tambem a sagrada fazia uso frequente desta formula cheia de expressaõ, como se vê do Psalmista nos seguintes lugares. Psalmo IX.

Et factus est Dominus Refugium pauperi.

Nas suas mais crueis tribulações
Ao misero indigente
Deos foi o seu refugio omnipotente.

No Psalmo XXX.

Quoniam fortitudo mea, et refugium meum es tu.

Tu

Tu es, ó ſanto Deos de ſumma alteza
O meu refugio, e a minha fortaleza.

Pſalmo LXXXIX.

Domine, refugium factus es nobis in generatione, et in generationem.

Em ti, Senhor bénfico, e ſuperno
Santo refugio achamos ſempiterno,

E nos Pſalmos XXXI. XC. bis, XCIII. CIII. CXLIII. Continúa a meſma paſſagem de Camões:

Tu, que livraſte a Paulo, e defendeſte
Das Syrtes arenoſas, e ondas feas.

Allude ao perigo em que ſe achou a náo que tranſportava S. Paulo a Roma, como conſta do Capitulo XXVII. dos Actos dos Apoſtolos. Bellos, e excellentes quadros traçados com ſumma elegancia, e vivacidade, eſpecialmente o ſegundo no ſegundo verſo, onde os adjectivos *arenoſas, e feas* exprimem a força do colorido da pintura. Antigamente dizia-ſe *areoſo*, que ſendo mais conforme á analogia, era menos ſonoro que *arenoſo* palavra conſagrada pelo Camões á mais elegante Poeſia. Força, elegancia, e harmonia.

Na Cançaõ X. o mais bello de todos os poemas deſte genero, que ſe encontra na Poeſia moderna, como com muita razaõ affirma o ſabio Manoel de Faria e Souſa, ſe acha eſte penſamento lançado tambem com egregia liberalidade poetica taõ filha do entuſiaſmo ſublime deſte admiravel Poeta:

Naõ conto tantos males, como aquelle,
Que depois da tormenta perigoſa
Os caſos della conta em porto ledo.

A

A força do claro eſcuro naõ eſtá deſignada com tanta viveza, porque tambem naõ era preciſo neſte lugar; mas a ſimplicidade, a elegancia, e a pureza da dicçaõ naõ podem ſer igualadas; nem ſe acha em toda a Poeſia eſtylo onde mais reſplendeçaõ eſtas amaveis qualidades, que neſte nunca aſſaz louvado poema. No ſegundo verſo eſtá deſenhada com raſgo de meſtre a clauſula do Poeta Sá *mores tempeſtades*, que comparada com — *Que depois da tormenta perigoſa*, — e com a outra do primeiro exemplo — *Depois da procelloſa tempeſtade* — parece a luz de huma candeia á viſta da do Sol; e o meſmo ſe deve dizer de todos os mais lugares que acima ficaõ deſte genero. *Porto ledo*, boa elegancia, cuja força eſtá no epitheto *ledo*. Continúa pois o divino Poeta no meſmo lugar com outra formula, que tem baſtante analogia com a que vamos comparando *mores tempeſtades*:

Que inda agora a *Fortuna fluctuoſa*. . .
A tamanhas miſerias me compelle.

Fortuna fluctuoſa, nova elegancia, e nova poeſia deſconhecida de todos os Poetas Portuguezes, até ao tempo deſte grande homem, a qual acreſcenta novos quilates á pintura que acima fica.

Para ſervir de comparaçaõ á meſma elegancia do Poeta Miranda, e a outras que já temos combinado, ſirva-nos o ſeguinte lugar da Eſtança 20. do poema feito a Dom Conſtantino de Bragança:

Demoſthenes lançado das tormentas
Populares. . . . .

Clareza, e harmonia: o adjectivo *populares* naõ era do maior uſo fóra da penna deſte immortal Poeta. Outro exemplo comparativo para *amparo*, e *abrigo* veremos no Soneto 196.

Vos

Vos outros, que buſcaes repouſo certo
Na vida. . . . .

Clareza. Na Cançaõ VI. vem a meſma idéa com ſeu tanto ou quanto de variedade:

Que em vós achem abrigo
As magoas que aqui digo.

Saõ aſſeadiſſimos ſeptenarios: o ſegundo he poeſia de ſentimento expreſſado com grande ſimplicidade. A meſma idéa por modo diverſo he a que ſe ſegue na Ode VII.

Mas altos corações dignos de imperio,
Que vencem a Fortuna
Foraõ *ſempre columna*
Da ſciencia gentil. . . . .

Nobre fraſe! *Amparo*, *e abrigo* he muito inferior a *columna*, elegancia, que tambem naõ lembrou a todos os precedentes. Semelhante a eſta, mas naõ tanto poetica, he a ſeguinte elegancia, que vem na Elegia á morte d'ElRei Dom Joaõ terceiro nas *Rimas Sacras* do Bernardes:

Onde achará *amparo* a ſanta paz,
Pois o pilar em que ſe ſuſtentava
He ja quebrado, já por terra jaz?

He bom terceto; mas o primeiro verſo he frio pelo encontro de duas vogaes de igual quantidade ſyllabica na quarta ceſura; o ſegundo, e o terceiro ſaõ bellos. Neſte lugar pois vemos *pilar* por *columna*. Elegancia, e energia. No poema ſobre o *Deſconcerto do mundo* Eſtança 9.

Dei-

Deixo aquelles, que tomam *por eſtudo*
De ſeus vicios, e vida vergonhoſa
A nobreza de ſeus anteceſſores. . . . .
E nam cuidam de ſi, que ſaõ peores.

Deſte modo devem compôr todos os que ſe ſentem inſpirados do dom divino da Poeſia, enſinando, e deleitando; de outro modo he proſtituir, e deſluſtrar a mais amavel, e ſublime de todas as Artes. Os Poetas fôraõ os primeiros Filoſofos da terra: e ainda agora os que naõ ſaõ agitados de huma eſtolida mania de mertificar, ſem genio, nem ſciencia, ſaõ tidos pelos mais reſpeitaveis de todos os homens, cuja memoria nunca ha de acabar, qual a de hum Arioſto, de hum Taſſo, de hum Camões, de hum Metaſtaſio, de hum Moliere, de hum Racine, e de hum Voltere, por naõ fallar nos da antiguidade. Toda eſta paſſagem eſtá eſcrita com a maior pureza, com a maior perſpicuidade, e harmonia, além da grande maxima, que exprime: no primeiro verſo, cuja dicçaõ vem mais ao noſſo caſo, eſtá *eſcudo* por *abrigo*, e *amparo*, he em ſi artificioſiſſimo modo de pintar, e correſponde a *columna* na paſſagem precedente. Tambem *eſcudo* ſignifica neſte lugar *deſculpa*: em fim deſte, e de outros muitos lugares ſe vê, que hum grande engenho dá vulto, fórma, e elegancia picthureſca ás mais notaveis abſtracções metafyſicas. Deſte modo de exprimir em ſentido, e fraſe, que tem aſſaz de analogia com o eſtylo das paſſagens, que acabamos de comparar, uſou o meſmo Poeta na Luſiada Canto VI., Eſtança 95.

. . Naõ encoſtados ſempre nos antigos
Troncos nobres de ſeus anteceſſores.

O participio *encoſtados* repreſenta a meſma idéa de *eſcudo* na paſſagem precedente, e tambem a de *amparo*,

e *abrigo* nas que mais acima ficaõ, dando-lhe acçaõ, e movimento. O substantivo tronco he tambem semelhante aos mesmos termos, e muito mais a *columna*, e *pilar* dos lugares de Camões, e Bernardes, que acima transcrevemos, e comparámos. No poema a Dom Constantino de Bragança, Estança 18.

Themistocles da *patria sua amparo*.

Elegancia trivial semelhante a muitas do Bernardes, e Caminha, que já ficaõ comparadas. Porque razaõ naõ disse o Poeta *sua patria*? Naõ ficava o verso certo? Naõ era congruente com a pureza da Lingua? Naõ conservava harmonia? O possessivo *sua* posposto ao substantivo *patria* faz o estylo mais elegante, e harmonico: este artificio naõ he conhecido dos nossos sabios modernos, que fazem gloria de censurar Camões; temos aqui os cães ladrando á Lua. O grade Tasso começa hum dos seus mais bellos Sonetos por esta elegancia:

Nobil porto del mondo, e di Fortuna.

Que está dando a conhecer o grande espirito do maior Épico de Italia moderna.

Resta-nos agora examinar donde procedeo este modo de fallar. A Lingua Latina fertil em expressões figuradas, como aquella a quem a Grega a mais sonora, e copiosa de todas as Linguas, communicou grande parte das suas graças, foi quem deu ao nosso Idioma este genero de elegancia taõ bella, e significativa. Cicero no já allegado exemplo no Livro II. dos Officios, Cap. 18. *Regum, populorum, nationum portus erat, et refugium Senatus.* Na Oraçaõ pro C. Sylla diz..... *in malis Reipublicae portum malorum suorum aliquem invenire.* Terencio na Andria Acto III., Scena I.

Nunc hujus periclo fit: ego in portu navigo.

Ec

He notoria a frase seguinte de Horacio na famosa allegoria da Republica symbolizada na configuraçaõ de huma náo :

. . . . ó quid agis ? fortiter occupa
Portum . . . .

Tudo formulas tiradas da navegaçaõ. Deste exame, assim como do das outras formulas que temos combinado se collige, que Sá de Miranda escreveo, adaptando-se á pobreza do Idioma, que Ferreira e Bernardes augmentou, sendo imitados servilmente pelo Poeta Andrade Caminha que em nada enriqueceo a Lingua ; que recebeo todo o seu esplendor da penna do grande Camões, que a soube elevar á sua perfeiçaõ na força, na abundancia, na cultura, na pureza, e na harmonia.

No principio da 4. Estrofe da dita Cançaõ do Sá de Miranda vem o seguinte quadro :

Virgem do mar Estrella, e neste lago,
E nesta noite hum Faro, que nos guia
Para o porto, antes claro, e certo Norte.

Sem exceptuar a derradeira elegancia — *certo Norte* —, todas as mais saõ repetições com diversas modificações de frase, e por isso digo, que naõ obstante ser esta pintura ou pinturas elegantes, saõ meras redundancias de idéas, e por essa razaõ hum claro exemplo de diffusaõ : a diffusaõ consiste na repetiçaõ, ou redundancia de hum mesmo pensamento, e como ella sempre communica á expressaõ o seu vicio, daqui vem chamar-se estylo diffuso. Com tudo como estas elegancias estaõ formando hum todo, e com visivel harmonia, além de serem novas na nossa Lingua enriquecida pelo Poeta Miranda com estas, e outras muitas formulas poeticas tiradas dos Livros Santos, as quaes a Igreja consagrou aos louvores dos

objectos mais sagrados da nossa Religiaõ; procederemos pois em as analysar, e comparar com outras dos mencionados Poetas, que concebêraõ tal gosto por este genero de translações, que pelo frequente uso que dellas fizeraõ, ficou a Lingua taõ disposta a estas pinturas, que facilmente as desenha com incrivel variedade. Vamos por partes. Seis elegancias se contém nestes tres versos, onde se mostra huma linguagem assaz brilhante em expressões figuradas. A primeira — *Estrella do mar* — quer dizer em sentido moral: — *Luz que illumina a cegueira do nosso entendimento*, ou consolaçaõ nas tribulações, ou tempestades da vida, assim como disse no Soneto 26.

Aquelle sprito que do mar irado
Deita vida mortal posto em seguro.

Semelhantemente, e com a mesma diffusaõ disse noutra Cançaõ a Nossa Senhora:

Divino Resplendor,
Divina Claridade,
Em noite escura alli tam claro dia.

Os primeiros dous versos correspondem á *Estrella do mar* da da primeira passagem: e o terceiro, que he na realidade hum optimo verso cheio de poesia de imagem, e de harmonia val o mesmo, (inda que com mais extensaõ) que *nesta noite hum Faro*. A segunda elegancia — *e neste lago* — he muito bella, e significativa, extrahida da frase do Psalmista, onde tem significaçaõ de *lugar escuro*, *abysmo*, e *inferno*, como adiante se mostrará. A terceira elegancia — *e nesta noite* — he frequente na Poesia Sagrada: significa neste lugar calamidade metaforicamente, como se vê dos seguintes lugares do Psalterio. Psalmo CXVIII.

Me-

Memor fui nocte nominis tui, Domine, et custodivi legem tuam.

Na minha mais cruel calamidade
Eu sempre do teu nome me lembrei,
Sempre guardei, Senhor, a tua Lei.

Psalmo CXXXI.

In noctibus extollite manus vestras in sancta, et benedicite Domino.

Erguei as mãos ao Ceo pio, e clemente
Em vossas afflicões, prantos, e dores;
Entoai-lhe mil hymnos, mil louvores.

Este he quanto a mim o verdadeiro sentido do substantivo *noite* na frase do Psalmista, ao menos na primeira passagem; e se alguns Commentadores se arredáraõ delle, he porque naõ quizeraõ entrar no conhecimento da força que a metafora costuma ter em todas as Linguas, e muito mais na dos Profetas, onde resplendece a mais brilhante copia de configurações sublimes, o que se verifica nestes, e n'outros muitos lugares, e se comprova do texto Grego. Tambem esta voz *noite* tinha a mesma, e ainda mais amplas translações na Lingua Latina, já significando *calamidade*, como se mostra do seguinte lugar de Cicero na bella Oraçaõ pro Roscio Amerino, Capitulo 32. *Tanquam si offusa Reipublicae sempiterna nox esset*: já *ignorancia*, que he verdadeira calamidade, e o maior de todos os males, expressaõ sublime extrahida do já citado, e traduzido lugar de Ovidio no Livro VI. dos Metamorfoseos, vers. 472.

Pro Superi quantum mortalia pectora caecae
Noctis habent. . . . .

E

E talvez que este seja o verdadeiro, e legitimo sentido em que o tomou o Sá de Miranda, como já ponderamos nesta mesma passagem de Ovidio n'outro lugar transcripta. A quarta elegancia consiste na palavra *Faro*, voz derivada do Grego; donde veio *farol*, que he huma grande luz, que se costuma pôr na entrada dos portos, ou em algum lugar perigoso, para avisar aos navegantes nas tempestades, e daqui se tirou esta bella metafora. Da quinta elegancia *porto* assaz fica dito. A sexta está na palavra *Norte*, que significando hum vento, que sopra do Septentriaõ exprime neste lugar *guia*, *direcçaõ*. Significa tambem na frase maritima a estrella polar que serve de direcçaõ ou ponto fixo á navegaçaõ &c. Esta metafora foi desconhecida dos antigos, que ignoráraõ o uso da Bussola, donde a Poesia moderna tirou esta excellente, e sublime elegancia, pela direcçaõ da agulha para o Norte. Eu naõ o affirmo, mas parece-me que esta formula nasceo na Poesia Portugueza, pelo muito que a Naçaõ exercitou a navegaçaõ nos tempos dos descubrimentos; porque tendo eu lido quantidade de Poetas antigos, e modernos com bastante reflexaõ, naõ me lembro de a ter já mais encontrado, senaõ nos nossos.

Consultemos a Poesia de Ferreira, vejamos as modificações de estylo, que elle deu a estes pensamentos; e nesta comparaçaõ contentar-nos-hemos de ajuntar as frases, que mais semelhantes fôrem, por naõ nos encontrarmos com o que temos dito a respeito de outras expressões analogas a estas elegancias. Na Ode II.

> Estrellas sejaes ambos la no Ceo,
> Estrellas das mais lucidas, e claras.

Ve-se aqui a palavra *estrella* empregada sem contraste expresso, como na passagem do Sá de Miranda, mas que facilmente se subintende, pela recordaçaõ, que trazem ao espirito os dous epithetos *lucidos*, e *claros*, o primeiro dos quaes nunca encontrei em escritos anteriores

res

res a Ferreira, que por muitas rasões julgo ser elle o primeiro, que o trouxe da Lingua Latina para a Portugueza, do qual fez depois Camões felicissimo uso. Na Elegia I. na morte do Principe Dom Joaõ:

Deixaste, clara estrella, o triste, e escuro
Ar de que cá vivias. . . . .

Expressaõ muito viva no claro escuro pelo contraste de idéa á maneira da do Miranda: os dous epithetos exprimem accidentes analogos, porque he natural, que da escuridade proceda a tristeza: mas o estylo he forçado. Na dedicatoria do poema de Santa Comba:

Irmãos iguaes áquelles de hum mesmo ovo,
Que inda estrellas sereis no derradeiro
Ceo Impyreo. . . . .

Neste lugar vem o substantivo *estrella* sem contraste, mas com excellente figuraçaõ. Tudo isto he imitado de dous lugares de Horacio: o primeiro da Satyra I. do Livro II. verso 26.

— Castor gaudet equis, *ovo* prognatus eodem —

E Castor de hum *mesmo ovo* procedido
He cavalleiro insigne, e esclarecido.

Naõ teve esta frase muito sequito na Poesia Portugueza, e com rasaõ, porque além de secca, em nada se conforma, nem com a norma do nosso pensar, nem com o genio da nossa Lingua; mas hum Poeta sabio, e destro no manejo do Idioma póde della fazer com alguma modificaçaõ hum bello uso. O segundo verso he imitado tambem do segundo da Ode III. do Livro I. do mesmo Poeta.

Sic

Sic fratres Helenae, lucida sidera.

Passagem, que o mesmo Ferreira traduz na Ode VI. ao mesmo assumpto do modo seguinte:

. . . . e os dous irmãos de Helena
Claras estrellas. . . . .

Tambem nesta está o termo *estrella*, sem contraste. Em todas estas passagens do Ferreira está apparecendo Horacio, de quem teve grande lição, com que ornou as suas poesias, e enriqueceo a Lingua, posto que as suas maneiras sejaõ commummente duras, e seccas. A palavras *lago*, que faz a segunda elegancia em Sá de Miranda, especie de metonymia, parte pelo todo; ou catachresi, ampliaçaõ de sentido, se vê expressada pelo Ferreira na Ode VI. deste modo:

Sprito furioso
Que naõ temeo o *pego alto* revolvido.

Pego corresponde a *lago* em Sá de Miranda, porque o termo *pego* inda que seja contracçaõ do Latino *pelagus*, que significa *mar*, naõ tem a mesma extensaõ de significado na nossa Lingua, onde commummente exprime o sitio mais profundo de hum rio, e por extensaõ significa mar. Com a mesma extençaõ, ou por melhor dizer, na sua original energia, servindo ao mesmo tempo á configuraçaõ metaforica, como na passagem do Poeta Miranda, se mostra o mesmo vocabulo no seguinte lugar da Elegia II. do mesmo Ferreira:

Quem fora taõ ditoso que cortára
Comtigo este alto mar, fugindo o *pego*,
E comtigo batendo azas voára!

He por todas as rasões excellente terceto. A poesia do pensamento he a mais elevada: a da elocuçaõ, além de ter o mesmo caracter, he a mais elegante, a mais significativa, e harmoniosa. Na carta a ElRei Dom Sebastiaõ se encontra huma nobre applicaçaõ do termo *pego*:

> Hydra de mil cabeças enganosa,
> *Pego*, de tantos ventos revolvido,
> Naõ se vence, Senhor, com maõ forçosa.

Neste lugar está invisivelmente apparecendo o grande Poeta, e o grande Filosofo: nelle se mostraõ duas das mais notaveis expressões symbolicas, de que tanto se deve abonar a nossa Poesia. O segundo verso, onde se acha o exemplo pinta de tal, e taõ expressivo modo, que se está vendo o que representa, e naõ he facil ser excedido por causa da notavel, e vivissima energia do adjectivo *revolvido*. Elegancia, força, pureza, e harmonia. Na mesma Carta:

> Como destro piloto no *alto pego*
> C'o leme guia a náo, hora a huma parte,
> Hora a outra a desvia do *vão cego*.

Neste bello terceto estaõ dous exemplos; o primeiro *em alto pego* com toda a extensaõ do significado consignada no adjectivo *alto*, que he huma prova do que dissemos a respeito da significaçaõ restricta, que acima affirmamos costumava ter o substantivo *pego* na nossa Lingua: o segundo em *vão cego*, outra configuraçaõ do vocabulo *lego*. O estylo destes hendecasyllabos he puro; mas aspero no segundo hemistichio do segundo verso, pelo encontro asperissimo da accentuaçaõ principal, collocada no monosyllabo *náo* com a primeira syllaba do termo *hora*, e no dos dous *aa* deste vocabulo, e artigo que se segue, ambos atropelados com as vogaes do adjectivo *huma*, que tudo faz huma dissonancia insoffrivel. Na já dita Ode VI. ap-

 pre-

presenta o mesmo Ferreira outro exemplo semelhante ao que em ultimo lugar se mostra na precedente passagem:

Entregue aos ventos, posto todo em sorte
Do sempre tempestuoso
Africo, nem os váos cegos. . . . . . .

Aqui temos outra configuraçaõ do termo *lago* em *váos cegos*. Estylo poetico, mas forçado, e duro. Saõ estas expressões extremamente bellas, e elegantes, ignoradas dos Poetas anteriores a Ferreira, e por elle de novo transportadas para o nosso Idioma da poesia de Horacio na Ode III. do Livro I.

. . . . qui fragilem *truci*
Commisit pelago ratem. . . . .

De ferro tinha o peito rigoroso
Quem primeiro tentou com fragil quilha.
O pelago horroroso.

E adiante:

. . . . si tamen impiae
Non tangenda rates transiliunt *vada.*

Se passaõ impias náos
Os *inhospitos vàos*,
Em vaõ Deos apartou do mar a terra.

Este modo de fallar he filho do mais vivo enthusiasmo, que hora dilata, hora encurta a frase, conservando a extensaõ da idéa, como se observa nesta formula, ou termo *lago* da passagem do Miranda, a qual teve nascimento na Poesia Hebraica, e na Latina, como se mostra dos seguintes exemplos: No Psalmo XXIX. *Domine, duxisti ab inferno animam meam, salvasti me a descendibus* in lacum:

Tu

Tu do inferno a minha alma libertaſte,
D'entre os que *ao lago* deſcem me ſalvaſte.

Deſta paſſagem, que ſe divide em duas propoſições, ſe moſtra a certeza da ſignificaçaõ, que acima determinamos á voz *lago* na fraſe do Sá de Miranda, lugar eſcuro, noite, abyſmo, tormenta, calamidade, inferno; porque bem ſe vê, que *lacum* eſtá para variar a fraſe, e naõ cahir em repetiçaõ, o que tambem ſe manifeſta do texto grego, onde eſtá ᾅδου em linguagem poetica por ἀΐδου *orcus*, *mors*; e λάκκου *lago* para diverſificar de ᾅδου Na ſeguinte paſſagem do Pſalmo XXXIX. ſe vê a meſma voz ſignificando noite, eſcuridade, horror. *Exaudivit* (*Deus*) *preces meas*, *et eduxit me* de lacu *miſeriae*.

Deos meus rogos ouvio;
Do *lago* da miſeria me extrahio.

Pſalmo LXXXVIII.

Poſuerunt me in lacu *inferiori*, *in tenebris*, *et in umbra mortis*.

Lançáraõ-me, ai de mim! no fundo *lago*,
Nas ſombras horroroſas
Onde da morte habita o fero eſtrago.

Pſalmo CXLII.

Ne avertas faciem tuam a me et ſimilis ero deſcendentibus in lacum.

Naõ eſcondas de mim teu ſanto roſto,
Senaõ ſerei, Senhor, como os que deſcem
Ao tremebundo *lago* da miſeria,
Em triſte ſorte poſto.

Virgilio no Livro IV. das Georgicas, versos 479.

. . . . et deformis
Cocyti, tardaque palus inamabilis unda.

Que pouco mais ou menos diz:

O negro limo, as plantas carregadas
Do Flegethonte, e pallido Cocyto;
As tenebrosas ondas detestadas
Do *lago*, onde retumba eterno grito.

No Livro VI. da Enéada, versos 133., e 134.

Quod si tantus amor menti, si tanta cupido est
Bis Stygios innare *lacus*, bis nigra videre
Tartara, &c. . . . .

Mas se tanto desejo vos incita
De navegar afoito o *Estygio lago*,
E duas vezes ver o espanto, o estrago,
Que no Tartaro horrendo a morte excita, &c.

No mesmo Livro, versos 322. e 323. se vem dous exemplos hum de *vâos*, como em Ferreira, e outro de *lago*, como em Miranda.

Anchisâ generate, Deûm certissima proles,
Cocyti *stagna* vides, Stygiamque *paludem*.

Filho de Anchises, tu prole celeste,
Já do Cocyto vês *os vâos tremendos*,
Já na *lagôa Estygia* os pés puzeste.

Naõ contente o Sá de Miranda com a expressaõ simples *lago*, que por nova, talvez, ou pouco usada na nossa Poesia, se naõ poderia facilmente entender, accrescentou

a voz

a voz *noite* para ficar a pintura de todo manifesta á intelligencia do leitor daquella idade, inda naõ costumado a este modo de expressar. Veremos agora, como Ferreira exprimio esta idéa, que em pouco, ou nada differe da antecedente indicada pelo termo *lago*, e *noite*. Neste exame seremos obrigados a repetir algumas elegancias já combinadas, por terem uniaõ com outras de differente qualidade. No Soneto 34.

Muda esta minha *noite* em dia claro.

E no Soneto 36. do Livro II.

O caminho mais arduo, que nos guia
Da nossa escura *noite* ao claro dia.

Nestas duas passagens vemos a mesma imagem expressamente, mas consignada em expressões concretas: na do Sá de Miranda está simplesmente o sugeito sem accidente; nestas os accidentes expressos pintaõ modificações, e servem de contraste ao quadro. Em sentido, e frase abstracta se vê no Soneto 46. outra expressaõ:

Já á minha *noite* amanheceo hum dia.

Estylo todo metaforico, que inclue mais idéas que palavras, e quer dizer: *Já á minha desgraça succedeo a ventura*. Com tudo isso no lugar em que se acha, naõ deixa de indicar alguma affectaçaõ, e dissonancia no encontro das duas vogaes da primeira accentuaçaõ.

Na Ode VI.

. . . . Quem o céo cuberto
De triste *noite*, e quedo
Sem defensam, c'o corpo só esperando
Está a morte cruel, que tem taõ perto?

Ago-

Agora vemos *noite* por eſcuridade, e tambem metonymicamente por tempeſtade, e por calamidade, combinado o ſugeito com hum adjectivo, que pinta hum effeito, ou conſequencia natural, como a triſteza, que procede da noite. A pintura em ſi tem mais expreſſaõ, que pureza, e harmonia. Além de que eſte poema, como já n'outro lugar diſſe, he hum enſaio de eſcola, ſem merecimento, a quem a ignorancia tem conſagrado ſuperſticioſa adoraçaõ. No Soneto 40. vem huma expreſſaõ que tem muita analogia com a que vimos analyſando, que he a meſma com modificaçaõ de ſentido, e fraſe: o aſſumpto he a noſſa Senhora:

Alimpa em noſſas almas ſuas torpezas,
Desfaze as nevoas, com que nos cegamos.

Nevoas, ſem accidente, quaſi que faz o meſmo effeito, que a palavra *noite* em Sá de Miranda. Toda a dicçaõ he pura, mas ſecca, e pouco harmonioſa. Outra modificaçaõ do expreſſado ſe vê no Soneto 42.

Com teu raio de luz reſplendecente
O mundo eſcuro, e triſte alumiaſte.

Aquî eſtá pintura identica com o total do Sá de Miranda, mas muito mais brilhante, e harmonioſa. Neſte quadro falla S. Joaõ Evangeliſta. — *Eſtrella do mar* — Vê-ſe eſta pintura ampliada no primeiro verſo, expondo hum ſentido concreto com ſeus attributos: a idéa poſitiva *noite* eſtá repreſentada na clauſula *mundo eſcuro e triſte*: — *mundo* tem aqui os ſignificados todos de *noite* por virtude dos dous accidentes *eſcuro*, *e triſte*, ſem os quaes naõ exprimiria a meſma idéa. De igual natureza he a ſeguinte na Ecloga ao Natal:

Vem

Vem gram Minino . . . .
    Nova e divina luz alumiar
    O cego mundo . . . .

Cego val o mesmo que *escuro*. As virtudes de estylo destas duas passagens saõ pureza, elegancia, e harmonia. Na Elegia V.

E esta alma desejosa de soltarse
    Deste *carcer cruel*, que a tem forçada,
    Tentava por si mesma desatarse.

Optima Poesia, toda tecida de expressões fantasticas, onde se achaõ consignadas abstracções sublimes atadas por hum nexo muito subtil, e artificioso, que faz o sublime de todo o lugar; onde a expressaõ *carcer cruel* he outra modificaçaõ, que tem analogia com *cego mundo*, que adiante vai. Note-se a voz recta de *carcer* á maneira dos Latinos, e Italianos, onde he trivial *carcer cieco* na Poesia de Petrarca, de Bembo, e d'outros muitos, a qual norma he tambem da Lingua Castelhana, que diz *la carcel*, porque este substantivo naõ tem incremento singular naquelle Idioma, assim como o tem no Portuguez, que offerece a commodidade de se poder usar da voz recta nos casos obliquos, naõ obstante ter o mesmo incremento, que na Lingua Latina. Sublimidada, elegancia, e harmonia saõ as virtudes desta passagem, onde vemos a abstracçaõ pintada no termo *noite* dos lugares precedentes exprimida pela elegantissima clausula *carcer cruel*, que por singular naõ póde aqui representar mais do que huma licença metrica: e para que seja indicada como formula positiva favoravel ao verso, e ainda mesmo á prosa, convém, que apontemos alguns exemplos mais, para que fique demonstrada a sua pureza, e estabelecido o seu uso, que de nenhum modo se afasta da analogia da Lingua. No bello, e pathetico Soneto 60.

Co-

Como em taõ triste *carcer* me deixaste?

Verso cheio de Poesia de sentimento. Força, e harmonia. Com as mesmas qualidades, e com huma translaçaõ de mais se apresenta a seguinte passagem no fim da Elegia II.

Ah! que duro deserto, e *carcer cego*
Fugiste alma ditosa ....

Neste lugar vemos *duro deserto* exprimir por extensaõ, ou catachresi o mesmo que *carcer cego*, que o Poeta substituio logo como glosa, para dar mais evidencia ao expressado. Aqui tambem se vê o verbo *fugir* empregado activamente, o qual, assim como na Lingua Latina, he neutro, e activo. Quando he neutro, entaõ significa propriamente fugir; quando he activo significa evitar, como vulgarmente se vê, e he famoso o exemplo de Virgilio no Livro III. da Enéada verso 44.

Heu fuge crudeles terras, fuge littus avarum

Assim como nesta passagem de Ferreira, que da mesma sorte disse na Ode V.

Fuge o vulgo profano.

E na Elegia V.

Fogeme a morte.

Mas na Carta, 9. o faz neutro, sem caso expresso do modo seguinte:

Fuge antes que o máo vulgo te profane.

O exa-

O exame deſtas, e doutras formulas ſaõ de muita utilidade a quem eſtuda a Lingua, e facilita o eſcrever com correcçaõ, e pureza. Poſto que o reſto das elegancias da paſſagem do Sá de Miranda já fica em outra parte analyſado em confrontaçaõ de lugares ſemelhantes, naõ deixarei de fazer algumas combinaçóes neceſſarias. *Hum faro que nos guia*; o meſmo Ferreira no Soneto 41.

. . . . Em tanto eſcuro
Soube aſſi deſcubrir dos Céos hum *faro*.

Aqui eſtá a meſma palavra *faro* de Miranda, que, como já diſſemos, tem origem Grega: *tanto eſcuro* tem o meſmo enfaſe que *noite*, *lago* do meſmo Poeta, e quaſi que equival a tempeſtade. Força. No Soneto 23. exiſte hum exemplo, cuja energia he ſimillima á do lugar de Poeta Miranda:

Por vós ſuſpiro, e pelo claro lume
De hum novo Sol, que lá dá luz ao dia;
E por *norte* tomei do meu bom *porto*.

Todo eſte terceto he muito elegante, e poetico: o lugar que nos ſerve de parallelo eſtá mais bem accommodado, e vem mais a propoſito, que o do Miranda. *Norte* he guia: *porto* deſcanſo. Elegancia, e harmonia. No Soneto 28 eſtá tambem *porto* por deſcanço com baſtante artificio:

Aqui *porto* quieto as ondas deram.

Bella poeſia pela força da expreſſaõ metaforica em *porto*, e *ondas* em cujo contraſte conſiſte a belleza da paſſagem. Elegancia, e harmonia.

Paſſemos a ver como Bernardes exprimio eſtas idéas na allegada Cançaõ a Noſſa Senhora, Eſtrofe 3.ª

Oh Virgem. . . . .
Do inconſtante mar *fiel Eſtrella.*

Eſta pintura tem mais extenſaõ, que a do Poeta Miranda; nella ſe vê hum contraſte de idéa em *inconſtante mar*, e *fiel eſtrella*: a primeira elegancia quaſi que val o meſmo que *lago*, ou *noite* por virtude do accidente *inconſtante*: a ſegunda exprime hum attributo no adjectivo *fiel*; que ſignifica neſte lugar o meſmo que conſtante para completar o contraſte da antitheſi. Elegancia. N'outro Soneto a Noſſa Senhora:

. . . . Virgem . . . .
Do mar eſtrella firme, e luminoſa.

Pintura ſimples ſem contraſte com dous attributos expreſſos: viveza, e harmonia ſaõ as graças deſta paſſagem. Aqui apparece *luminoſo* á maneira de Camões, em lugar de *lumioſo*, como d'antes ſe uſava, e ſe vê em Ferreira, a qual formula tem mais melodia, que a antiga, e he mais chegada á origem latina *luminoſus*. Na Cançaõ a N. Senhora ſe vê a pintura deſignada no termo *lago* em Sá de Miranda pelo modo ſeguinte:

Naõ me deixeis ſumir, doce Maria,
Neſte *profundo pego*:

O primeiro verſo he pintura cheia de energia, e verdade, mas ſem elegancia, além de o verbo *ſumir* ſer baixo. O ſeptenario contém a imagem, que correſponde á voz lago no termo *pego*, com huma propriedade expreſſada no epitheto *profundo*, que completa a pintura, e lhe dá grande força de expreſſaõ. N'hum Soneto das *Rimas Sacras* a Noſſa Senhora:

. . . . . . , ... O Rei do empyreo Ceo
Neste *vale de lagrimas* deceo.

Frase tirada dos Livros Santos, que anda na bocca de todos: *vale de lagrimas* corresponde a *noite*, e *a lago* do Miranda. Clareza. N'outro Soneto das Rimas Sacras:

Tornailhe a dar a graça com que possa
O caminho deixar do *estygio lago.*

Aqui entra a apparecer *estygio lago* elegancia virgiliana; mas esta de Bernardes foi já empregada á luz de Camões, a quem se deve a introducçaõ desta, e de outras muitas formulas da Poesia Latina, com que enriqueceo a Lingua materna; nem de Bernardes se podia esperar tanto, por naõ ser taõ douto, como Camões, a quem favorecia o engenho, e a sabedoria. O resto da passagem naõ tem cousa que mereça attençaõ por ser construido de frase ordinaria. Na Elegia IV. se acha a seguinte pintura, onde se vê huma elegancia exprimindo idéa correspondente á que se inclue na voz *noite* em Miranda:

Torne da *noite escura* ao claro dia
Primeiro que de todo me *anoiteça*;
E se torne esta terra á terra fria.

No primeiro verso vemos o substantivo *noite* conservando o mesmo significado, que na passagem do Poeta Sá, escuridade, tempestade, abysmo, inferno, calamidade, e comprovada a mesma significaçaõ com o verbo *anoitecer* no verso immediato, tudo applicado a sentido moral de abstrações mentaes com seu accidente, que fórma contraste com o adjectivo *claro* onde consiste toda a força do claro-escuro da pintura. Todo o terceto está bem lançado: pureza, elegancia, e harmonia saõ as gra-

ças que diſtinguem o ſeu eſtylo. O terceiro verſo allude á paſſagem da Eſcritura no Capitulo III. de Geneſis taõ conhecido de todo o Catholico. *Memento homo quia pulvis es, et in pulverem reverteris.* Eſta meſma imagem por expreſſaõ differentiſſima ſe vê na allegada Cançaõ a Noſſa Senhora do modo ſeguinte:

Aquelle amor divino,
Que já nos libertou do *Reino avaro.*

Aqui vemos *Reino avaro* conſervando o meſmo enfaſe que o termo *noite* na ſobredita paſſagem, ampliando a expreſſaõ, dando-lhe o ſignificado de *abyſmo*, e *inferno*, o que mais ſe aviva no adjectivo *avaro*, que deſigna hum caracter á maneira dos antigos, e feito á luz de Camões que o imitou de Lucrecio Caro. O Septenario he elegante, e de frequentiſſimo uſo nos livros devotos em tal exceſſo, que ſe naõ faz diſtincto. Elegancia, e harmonia. Poſto que acima naõ tenhamos apontado exemplos de expreſſaõ ſemelhante a *Norte*, fallohemos neſte lugar mais por abundancia, que por neceſſidade. Na meſma Cançaõ do Bernardes:

Porta do Paraiſo, *eſtrada*, e *guia.*

Aqui eſtá *guia* exprimindo *Norte* com differença abſoluta. No Epigramma a Santa Clara vem a meſma idéa expreſſada por modo inda mais differente:

Seguindo por ti, Clara, a *clara eſtrada.*

A idéa deſignada nos outros lugares por *Norte*, e *guia*, eſtá conſtruida neſte verſo em *por ti*, e em *clara eſtrada.* Mas a pintura naõ tem merecimento por pouco elegante, e pelo jogo que faz de *clara* adjectivo com *Clara* ſubſtantivo proprio, vicio muito ſeguido dos Seiſcen-

centistas, que se deve evitar com grande cuidado, por ser repugnante ao bom gosto.

O Poeta Caminha tambem foi seguindo algumas destas normas de expressar, porém com aquella debilidade de alento poetico, que faz o caracter dos seus escritos: vejamos o toque do seu pincel neste genero de expressaõ. Da primeira formula *do mar Estrella* quasi que naõ fez uso, pois naõ se encontra senaõ alguma perifrasis de mui remota analogia com a elegancia do Sá de Miranda; o mesmo succedeo com as seguintes, mas apontaremos com tudo algumas para se formar idéa do estylo deste Poeta nesta parte; e seremos breves que temos muito caminho que andar. No Epigramma 138.

Huma fermosa estrella está na terra
Que ás estrellas do Ceo faz grande inveja.

Alegoria positiva, que naõ tem relaçaõ com as do Miranda, O segundo verso he da segunda Estança da primeira Ecloga de Camões. Logo no Epigramma, que se segue, diz no mesmo sentido, que em cima, porque he ao mesmo assumpto, o seguinte:

Mas quando a *Estrella*, que mais ver desejo
Com sua clara luz nos apparece,
Mais que a Lua a meus olhos he fermosa.

Aqui se mostra o mesmo termo com simples significado, sem ter mais que huma relaçaõ. Pureza, e perspicuidade. Na Ecloga IX.

— Filis, em cuja vista a noite escura
Como o fermoso dia fica clara,
E cuja graça o ar serena, e apura.

Toda a pintura he excellente: *vista* termo abstracto está em lugar de Estrella, e *noite escura* em lugar de *mar*, e tam-

e tambem *noite* em Sá de Miranda: em fim he a mesma idéa, que a deste Poeta tomada collectivamente. Perspicuidade, e harmonia saõ as qualidades deste bello quadro. Na Elegia V. exprime a idéa encerrada no termo *lago* na passagem do Miranda deste modo:

A vida cá da terra, que ó profundo
Nos vai guiando as vans inclinaçóes,
Que nunca em appetitos acham fundo.

Nesta pintura cheia de elegancia, e harmonia se vê o adjectivo *profundo* substantivado com a significaçaõ de *Lago*, ou correspondendo á idéa incluida neste termo no quadro do Miranda. Na Ode IV. ao Senhor Dom Duarte usa do termo *noite*, quasi na mesma significaçaõ, em que o tomou o primeiro Poeta no lugar, que vamos comparando: e para se conhecer melhor a relaçaõ, que tem, necessario será relatar toda a passagem:

Este ar que de mui claro, e delicado
Sem ti está grosso, e escuro,
Seja limpo comtigo, e apartado
Das grossas nevoas, e da *noite triste*,
Que sempre vemos des que nos naõ viste.

O epitheto triste, que acompanha *noite* prova o que dissemos; isso naõ obstante reconhecemos nesta passagem a debilidade da semelhança, que para existir, he preciso esforço de raciocinio. Mais uso fez este Poeta da metafora *faro*, e muito mais da de *Norte*, como se verá dos lugares seguintes. Na Epistola IV.

Vai sempre avante em tudo, e tudo seja
Mais qu' em todos em ti, que *certo faro*
Tens, que mostrarte o bem sempre deseja.

Aqui apparece *faro* por farol no mesmo sentido do Sá; e se-

e segundo as idéas que desta voz temos acima dado. A frase desta passagem nada tem de pura, nem de elegante. Na mesma identidade de significação vemos a mesma palavra nos versos que se seguem na Ode X.

Cujo Espirito (que sempre he unico *faro*,
Que a grandezas o espirito que bem sente
Guia direitamente.)

Temos aqui o mesmo termo, e junto delle a glosa em outra expressaõ que diz o mesmo por hum rodeio. A pintura he fria, despida deelegancia, e quasi sem harmonia, que só no septenario se mostra com alguma clareza. Na allegada Epistola IV. temos com assaz de semelhança o termo *Norte* por guia, conforme o espirito do que já dissemos a seu respeito:

E cá por nossa gloria nos deixou,
Sobre tantos bens seus, taõ claro *Norte*,
Que em todo o mundo sua luz mostrou.

A frase deste lugar he clara, e pura, e tem harmonia sufficiente. Na Elegia III. se vê outro igual exemplo:

Os olhos erguerás ao claro *Norte*,
De quem vem claridade a todo o escuro.

Aqui está *norte* com o seu attributo pintado no adjectivo *claro* assim como na passagem antecedente, com a differença, que este, naõ só significa *guia*, mas tambem Sol, ou Estrella polar, que dá claridade, como o explica o verso, que se lhe segue. *Escuro* está aqui substantivado, como na segunda elegancia, que já examinamos do Poeta Miranda. Esta formula era vulgarissima em todos estes Poetas, menos em Camões, que jámais della se servio, e teve razaõ; porque he hum tanto baixa, e plebeia. Pureza, e harmonia. Na Elegia. IV.

Olhos

Olhos no Ceo, e no divino *Norte*
Póde guiar toda a alma a naõ perderse.

O sentido desta expressaõ he mais elevado, e sublime, como applicado ao Ente Supremo, ou á Virtude na significaçaõ expressa de guia: no segundo verso, cujo estylo conserva a morbida froxidaõ da frase dos nossos livros devotos, onde apparece mais a contricçaõ, que o talento da palavra, nenhum atticismo se encontra. No primeiro hendecasyllabo, doçura. Na Ode ás Reliquias Sagradas:

C'o santo exemplo de vida, e doutrina
Nos seja guia. . . . .

Nesta derradeira clausula está expressada a idéa incluida no termo *Norte* com diversidade de expressaõ, que nada tem de recommendavel. N'hum Soneto ao mesmo assumpto:

Pois hora nos honraes, *sedenos guia*.

Esta frase he a mesma que a de cima.

Estas formulas de expressar taõ nobres, taõ proprias do estylo sublime, e taõ naturaes á nossa Poesia, como extrahidas da navegaçaõ, em que a Naçaõ Portugueza fez tantos, e taõ famosos progressos, estas formulas, digo, a pezar da variedade, com que a vemos referidas neste resumido exame, pareceráõ annunciadas com summa pobreza á vista das infinitas variações, com que as descreveo a grande penna do sabio, do immortal Camões. Ora como elle foi o astro mais brilhante da nossa Poesia, e o que mais enriqueceo, e aperfeiçoou a Lingua Portugueza, pede a rasaõ, que nos demoremos mais na combinaçaõ, e analyse da sua elocu-

çaõ,

çaõ, para que ao mesmo passo venhamos a dar, do modo possivel, alguma idéa do auge, a que elevou este grande Poeta o nosso Idioma, que he o derradeiro fim a que este Escrito se dirige. Na bella, e affectuosissima Cançaõ XIV. vemos huma pintura, que contém todas as partes de que se compoem a do Sá de Miranda, a qual convém de novo transcrever, para ficar mais facil a confrontaçaõ:

Miranda { Virgem *do mar Estrella*, e neste *lago*
E nesta noite hum Faro, que nos guia
Para o porto, antes claro, e certo Norte.

Camões { Ó vista desejada
De graciosa Nynfa, e *viva Estrella*,
Que ha tanto, que por este *mar* navego
Sem ver meu *claro Polo* escuro, e cego.

Nesta confrontaçaõ se vê a notavel differença de estylo, a viveza, a suavidade do pincel sublime de Camões á vista dos traços do Poeta Miranda, a quem naõ ajudava a curta liberalidade do genio, e a pobreza da Lingua. Acima notamos já, que esta pintura do Poeta Miranda parecia mais bella do que na realidade he, porque padece a nota de diffusa. Naõ ha duvida, que cada rasgo, feiçaõ, ou elegancia tomada por si só he bella; mas naõ o todo que compoem, pela razaõ de serem verdadeiramente synonymas humas das outras (fallo nas idéas, que nas palavras naõ ha synonymos) e exprimirem o mesmo pensamento, como *estrella*, *faro*, *que nos guia*, *norte*: vozes, e clausula, que suscitaõ no espirito a mesma idéa; assim como *mar*, *lago*, e ainda mesmo *noite*. Naõ faço este reparo para deprimir o merecimento do venerando Sá de Miranda, e realçar a gloria de Camões, assim como fez o sabio, mas algumas vezes apaixonado Manoel de Faria e Sousa; porém a verdade, e o desejo de mostrar com a maior eviden-

cia quanto o grande Épico Portuguez engrandeceo, e illuſtrou o noſſo Idioma, que a elle mais que a nenhum outro deve todo o ſeu eſplendor, e perfeiçaõ em que o vemos, ſaõ os unicos motivos que me obrigaõ a fazer eſtas reflexões, acompanhados tambem da vontade de expôr, o melhor que poder, as diverſas operações intellectuaes conſignadas na expreſſaõ, ou pintura das idéas, para facilitar o conhecimento do Idioma, da Linguagem dos Deozes, e abrir caminho mais amplo a futuros engenhos, que em honra da Naçaõ quizerem conſagrar as ſuas vigilias ao talento da palavra. Vamos ao noſſo argumento. Na pintura do Miranda vemos, que além dos defeitos de ſentido, pecca na falta de pureza, primeiramente na conjunçaõ da clauſula final do primeiro verſo, que embaraça o eſtylo, porque ſe acha alli ſem neceſſidade, ſeguindo niſſo a vicioſa economia, que ſempre obſerváraõ os eſcritores, que lhes precedêraõ, e quaſi todos os que depois vieraõ; o que naõ ſó ſe deve notar nos Portuguezes, mas tambem nos authores Caſtelhanos, como já n'outro lugar deſte Eſcrito advertimos: bem he verdade, que a iteraçaõ das conjunções he muitas vezes bella, mas naõ no caſo em que eſtamos, mas ſó ſim como neſte verſo de Ferreira no bello poema de *Amor fugido*: — Suſpira, e chora, e cança, e geme, e ſua; — para melhor exprimir a fadiga, e deſaſſocego, como já n'outro lugar diſſemos. Em taes lances, ou em outros ſemelhantes ſempre os Italianos ſeguíraõ a meſma norma, que a cada paſſo obſervaõ os Poetas ſabios da França: pecca em ſegundo lugar na interpoſiçaõ do membro, — *que nos guia para o porto* — porque interrompe a dependencia do ſentido da fraſe antecedente com o da ſubſequente; ou alliàs naõ puzera eſta ultima clauſula em derradeiro lugar, porque embaraça o ſentido, e faz huma eſpecie de hyperbato, que nunca póde, ſem barbarizar, entrar no ſyſtema da noſſa Syntaxe. A de Camões pelo contrario contém huma ſerie de idéas, todas bem deduzidas, e collocadas

com

com artificio natural, e estas mesmas qualidades se communicaõ á expressaõ, que em nada he forçada, mostrando-se muito corrente, clara, e harmoniosa. Os primeiros dous versos exprimem hum extasis amoroso, cuja pintura conserva elegante gradaçaõ de côres, consequencia natural das idéas que vaõ como subindo de — *Nynfa graciosa* — a - *viva estrella*, — clausulas summamente pitturescas, e poeticas. Os dous versos que se seguem daõ huma razaõ das clausulas admirativas dos dous primeiros; bella e artificiosa economia de expressar! O penultimo he de expressaõ simples excedida da expressaõ do derradeiro verso, que he muito poetica na clausula — *claro Polo*, — e nos dous seguintes epithetos, que exprimem com bella gradaçaõ de tintas accidentes, que daõ muita vivacidade á enunciaçaõ. A força, e a pureza, a elegancia, e a doçura saõ as virtudes, que mais resplendecem nesta excellente pintura. Outro igual desenho se mostra na Lusiada Canto II. Estança 47., fallando de Jupiter no Concilio dos Deozes:

> C'o vulto alegre, qual do Ceo subido
> Torna sereno, e claro o ár escuro.

Esta pintura he resumo da do Sá de Miranda. A clausula — *vulto alegre* — faz as vezes de *Estrella do mar* em Sá de Miranda, e he bellissimo modo de expressar; o epitheto *alegre* dá toda a vivacidade ao colorido da idéa; o resto da expressaõ pinta notavelmente diversos accidentes em gradaçaõ sensivel, e consequente; porque da serenidade procede a claridade do ar, como acima se disse n'outro lugar. Pureza, elegancia, e harmonia. Na Estança 85. do IV. Canto se vê a seguinte expressaõ cheia de toda a bizarria poetica, e sabia, desconhecida da Linguagem dos Poetas anteriores a Camões:

> Ellas promettem, vendo os mares largos,
> De ser no Olympo estrellas como a de Argos.

 Fal-

Falla o Poeta das náos, que fôraõ descubrir a India, allegorizando á expediçaõ do vellocino de ouro na antiga Grecia. Aqui vemos *mar* no plural com o epitheto *largo*, que exprime nesta pintura idéa de extensaõ indeterminada, e faz o sublime do quadro. Vemos *estrella* tambem no plural combinada com o substantivo Olympo, que constitue pintura elegantissima de huma metamorfose verdadeiramente poetica: a derradeira clausula designa o ponto fixo da illusaõ, que he como huma especie de modificaçaõ artificiosa do arrojo da expressaõ antecedente, por meio de reminiscencia de caso semelhante. Facilidade, e pureza, elegancia, e harmonia saõ as qualidades, que distinguem este sublime desenho, além do luminoso laconismo, com que exprime idéas complexas. Na Estança 60. do Canto II. pintando huma noite serena:

As estrellas do Ceo co' a luz alhea
Tinham o largo mundo alumiado.

Esta pintura tem do natural, mas naõ do extraordinario: a clausula final do primeiro verso pinta visualidada apparente, conformando-se com as idéas communs da Astronomia daquelles tempos, porque as estrellas naõ recebem a luz do Sol, porque saõ outros tantos Soes. Clareza, e harmonia saõ as virtudes deste estylo. No Canto VI., Estança 85. se vê outra pintura cheia de amenidade desenhada com as côres mais brilhantes da poesia de imagem:

Mas já a amorosa estrella scintillava
Diante do Sol claro no Horizonte,
Mensageira do dia, e visitava
A terra, e o largo mar com leda fronte.

Aqui apparece pela primeira vez o verbo *scintillar* todo latino, o qual dá extrema vivacidade á expressaõ: a pin-

a pintura intermediaria incluida no segundo verso está expressada com a mais aurea simplicidade. *Mensageira do dia* especie de episodio da proposição geral, que declara huma propriedade: está-se vendo no quarto verso a pintura cheia de alegria na clausula *leda fronte*. He notavel a propriedade, e harmonia picturesca dos verbos *scintillava*, e *visitava*: o primeiro tem tal, e taõ brilhante viveza nas cesuras - *til-la* -, que pinta ao vivo o resplendor da estrella d'alva pullulando aos olhos, ficando a segunda - *til* - commua, e a terceira - *la* - longa com som abertissimo: o mesmo effeito se vê na penultima de *visitava*. O conhecimento da theoria do mechanismo metrico, naõ he menos essencial ao Poeta, do que aquelle, que conduz o entendimento á organizaçaõ das idéas na invençaõ, e na disposiçaõ: todas as vezes, que elle se naõ achar inteiramente iniciado nos seus mysterios, nunca já mais poderá dar colorido conveniente aos seus conceitos; e por mais sublime que invente, e discorra, nunca será lido, se as graças da elocuçaõ naõ derem ao seu estylo aquella illusaõ magica, que taõ soberanamente encanta o leitor sensivel ás bellezas da frase. Dado o genio, he da primeira necessidade a sciencia do Idioma, que ha de servir de instrumento aos seus desenhos; e esta sciencia ha de ser levada a gráo supremo, para que o Poeta venha a ser habil em todo o genero de operações metricas, para dar variedade ás suas enunciações, para ser forte, claro, e harmonioso: isto foi o que mais distinguio, talvez, as poesias de Homero, que pelo seu estylo encantador eraõ recitadas por todas as Cidades de Grecia, que dellas faziaõ as suas maiores delicias, e ainda agora causaõ summo deleite a quem as póde ler no seu original: o mesmo devemos sentir de Virgilio nas Georgicas em especial, e na Enéada; o mesmo de Horacio nas Odes, o mesmo de Tibullo, e Ovidio. Quem poderia soffrer a leitura do Furioso de Ariosto, se as graças do seu estylo a naõ fizesse taõ recommendavel: em fim, quem quizer ser lido para sempre,

pre, faça por ter hum bom estylo, aliàs renuncie á gloria de Escriptor.

Sans la Langue, en un mot, l'Auteur le plus divin
Est toujours, quoiqu' il fasse, un mavais Écrivain.

disse Boileau no Canto I. da Poetica, versos 161., e quasi o mesmo, e com muitas mais graças de estylo proprias da belleza, e atticismo natural da Lingua Portugueza, exprimio hum curioso, que cultiva as Artes occultamente, e sem vaidade, n'hum poema, que tem por assumpto a exposiçaõ didactica das principaes Leis do Gosto nesta materia, pelo modo seguinte:

Hum bom estylo he balsamo sagrado,
Com que qualquer escrito eterno fica
Da corrupçaõ do tempo preservado.

No principio da VII. Cançaõ vem outra igual pintura, mas toda diversa da do Sá de Miranda:

Já a roxa manhãa clara
As portas do Oriente vinha abrindo,
Dos montes descubrindo
A negra escuridaõ de luz avara.

O primeiro septenario corresponde com o epitheto *roxa* ao termo *estrella* no Poeta Sá, a manhãa personizada, abrindo as portas do Oriente he pintura extremamente bella, extremamente poetica, imitada dos Gregos, e dos Latinos; e como estes saõ commummente mais conhecidos, apontaremos hum lugar de Virgilio no III. Livro da Enéada verso 521.

Jamque rubescebat stellis aurora fugatis.

Já

Já vinha a aurora os raios espalhando
As estrellas do Céo afugentando.

Note-se o artificio com que este divino Poeta se portou nesta pintura: primeiramente imitou no todo a de Virgilio; e em parte, na expressaõ — *roxa manhãa*, — trasladou Ovidio no III. Livro dos Metamorfoseos verso 184. . . . . . *aut purpureae Aurorae*. A bizarria destas imitações naõ opéra com os modellos á vista; porque entaõ ficariaõ acanhadas, e mesquinhas, como se observa em muitas de Sá de Miranda, e Ferreira, que, naõ obstante serem versadissimos na liçaõ dos antigos, mostraõ, que raramente deixáraõ de imitar desta maneira, e por isso contrahíraõ huma seccura, que domina em todo o seu estylo, sem que por isso deixem de ter o merecimento competente. O profundissimo estudo dos melhores Escritos faz, com que o espirito se venha a familiarizar com todas as suas bellezas, e as imitte com liberalidade por via de reminiscencia: de outro modo he absolutamente impossivel compôr com gloria na mais sublime de todas as Artes: desta maneira se conduzíraõ Petrarca, Ariosto, Tasso, Voltere, Racine, e Camões. Eu naõ dou estas decisões como Leis; fallo, consultando o que por mim tem passado, cuja verdade será manifesta a quem fizer attento exame nas imitações, que os referidos authores fizeraõ, especialmente dos antigos. Temos mostrado que na Poesia Latina teve nascimento esta pintura, mas a particularidade de abrir a Aurora as portas do Oriente he, se naõ me engano, da Poesia Toscana de que poderiamos referir cem exemplos, se a materia o permittisse, mas porei aqui hum só, para formar idéa do quanto lhe era natural, e para fazer o leitor, se lhe parecer, a sua combinaçaõ. Seja pois o lugar de Torcato Tasso na Estança 71. do Canto I. da *Jerusalem*:

Il dí ſeguente allor, ch' aperte ſono
Del lucido Oriente al Sol le porte.

— *Dos montes deſcubrindo* — ſempre me pareceo, que ſe em lugar de *deſcubrindo* eſtiveſſe *extinguindo* teria a pintura mais propriedade; porque nos montes ſe fazem mais viſiveis os vapores da noite ao romper do dia. O quarto verſo abraça huma belliſſima pintura: a primeira — *negra eſcuridaõ* — ſentido, e fraſe concreta, que exprime com toda a energia hum accidente propriiſſimo do ſeu ſugeito: a ſegunda — *de luz avara* — denota huma qualidade privativa com aſſaz de elegancia, ficando expreſſo hum predicado negativo. Pureza, elegancia, e harmonia ſaõ o eſſencial das qualidades deſta pintura. Na 3ª. Eſtrofe da meſma Cançaõ vem outro quadro, que tem grande affinidade com o de Sá de Miranda, e ſemelhança notavel na fraſe com a que acabamos de expôr:

Eſta luz he a que arreda
A negra eſcuridaõ do ſentimento.

Eſtes dous verſos contém ao meſmo paſſo poeſia de imagem, e poeſia de ſentimento; de imagem no primeiro verſo, de ſentimento no ſegundo. *Luz* correſponde a *eſtrella* do Poeta Miranda. O ſeptenario hum tanto o acho frio nas primeiras ceſuras por cauſa do concurſo dos dous *aa*: em tudo o mais acho a dicçaõ deſta paſſagem pura, energica, e ſonora; ſemelhante no derradeiro verſo ao ultimo da precedente. Outra de igual ſemelhança encontraremos no Canto II. da Luſiada, Eſtança 64, do modo ſeguinte:

Acorda, e vê ferida a eſcura treva
De huma ſubita luz, e raio ſanto.

Aqui

Aqui temos hum bello, e laconico resumo da pintura do Sá de Miranda; esta sem ter os defeitos daquella, he clara, he breve, he summamente elegante, e harmoniosa. *Estrella do mar* — expressa Camões: — *rayo santo*: — *Faro que nos guia* — *huma subita luz*: e — *neste lago, e nesta noite* — *escura treva*: — tudo com attributos, e accidentes, que daõ vida ás bellas configurações, que neste optimo quadro se contém. Outra pintura identica no sentido com a do Poeta Sá, mas naõ taõ conciza como a que acabamos de comparar, porém mais rasgada, toda cheia de nobreza, e facilidade propria de huma fantasia abundante, e sabia, que aplana, e que desfaz todas as difficuldades, que encontra na sua carreira, se acha na 1.ª Estança do Canto IV. da Lusiada, pintura já transcrita, e combinada noutro lugar deste Escrito, mas que no presente caso vem muito ao nosso proposito:

Depois da procellosa tempestade
Nocturna sombra, e sibilante vento,
Traz a manhãa serena claridade
Esperança de porto, e salvamento.

Vamos outra vez notando por partes as elegancias da pintura do Poeta Miranda, confrontando-as com as formulas desta, que lhe forem semelhantes: vejamos com quanta liberalidade está explicada a clausula — *do mar Estrella* — por — *Traz a manhãa serena claridade*: — *neste lago, e nesta noite* — por — *procellosa tempestade* — *nocturna sombra* — *e sibilante vento*: — Faro — porto — e Norte — por — *esperança de porto, e salvamento.* — Cada vez que leio estes e outros semelhantes versos do grande Camões fico penetrado da mais vehemente admiraçaõ. Gradaçaõ de tintas, contrastes, força, pureza, elegancia, e harmonia estaõ como em seu throno nesta amavel pintura. No Soneto 154. se vê por

modo assaz diverso expressada esta passagem, fallando de huma Nynfa:

— O mar os seus furores applacava —
Com ver cousa taõ triste, e taõ fermosa.

Neste quadro resume Camões o que o Miranda dilata, e amplia o que este resume: — *Estrella* — acha-se aqui ampliada em - *cousa triste, e taõ fermosa* — e todo o resto do lugar do Poeta Miranda se acha encerrado em — *O mar os seus furores aplacava.* — Pureza, elegancia, e harmonia. Porém a mais resumida de todas as recopilações, que desta passagem se póde encontrar neste grande Poeta, he a que se nos offerece no principio do Soneto 83. tecido artificiosamente de perguntas, e respostas entre o Poeta, e a morte:

— Que levas cruel morte? Hum *claro dia.* —

Nesta derradeira clausula se resume, como já disse, o sentido da passagem do Sá de Miranda. Este juizo poderá ser culpado de nimiamente subtil, mas considerando-se maduramente a força da dita clausula pelo contexto de todo o Soneto, se conhecerá, que a sublimidade desta expressaõ he collectiva, e abraça no sentido quanto exprime o quadro, donde vimos deduzindo as nossas observações: he verdade, que ao mesmo passo que reconheço o sublime desta formula, naõ approvo o artificio do Soneto, que assaz se mostra forçado na frase, e deve ser reputado como hum capricho poetico.

Da palavra *Estrella* se tem deduzido em todos os tempos muitas maneiras de expressar, já significando destino, influiçaõ, fatalidade; já guia, soccorro, ventura, conforme quadra ao modo de pensar de quem escreve, que, ou segue as preocupações de huma cega fatalidade estabelecida pela ignorancia, porque elle mesmo se naõ ache illustrado com as luzes da boa filosofia, ou se con-

conforma com esta norma já estabelecida pelo uso. Mas em todos os sentidos, se bem ponderarmos, vem a exprimir *guia*: e posto que naõ venha muito ao nosso intento trataremos aqui desta formula, com a possivel brevidade, e mereça este episodio indulgencia, em obsequio de alguma utilidade, que destas reflexões se possa tirar; naõ apontarei passagens dos outros Poetas, por naõ augmentar o volume, que assaz crecido está. No Canto I. da Lusiada, Estança 33., fallando da Naçaõ Portugueza:

— Nos fortes corações, na grande *estrella*. —

Aqui vemos *estrella* exprimindo ventura, felicidade. No Canto III., Estança 96.

Com este o Reino prospero florece......
Em constituições, leis, e costumes,
Na terra já tranquilla *claros lumes*.

Eis-aqui translações de tranlações. *Lumes* — por — *estrellas* — na significaçaõ de guia, auxilio, e illustraçaõ, assim como disse o Sá de Miranda na Carta IV.

Entrando o tempo mais, entrou mais *lume*;
Suspirouse melhor, veio outra gente,
De que Petrarca fez mais rico ordume.

Lume neste lugar representa idéa collectiva, e symboliza hum aggregado de conhecimentos mentaes, que servem de guia, e illustraçaõ ao entendimento nas operações da Poesia. Neste mesmo lugar se vê huma nova, e elegantissima formula de expressar — *suspirouse melhor* — tirada de Tibullo na Elegia V. do Livro IV.

Quod si forte alios jam nunc suspirat amores.

Mas se d'outra paixaõ já sente as dores,
Se acaso já suspira outros amores.....

A qual elegancia he summamente poetica, e significa propriamente amar, ou fallar de amor. Desta, e de outras formulas de expressar cheias de ensase, e magica poetica naõ encontramos o menor vestigio no diluvio de versos de que nos vemos inundados: a causa he bem manifesta: o genio combinado com a sciencia he cousa taõ rara em Portugal, que he tido por hum prodigio. Tambem se vê o substantivo *ordume* termo antigo, que pela sua energia, e doçura devêra ser adoptado dos nossos modernos, que taõ furiosamente tem manchado a cultura da Lingua com frases, e vozes antiquadas despidas de todo o genero de graças, que de nenhum modo se fazem recommendaveis, nem dignas de hum Idioma culto, e polido como o nosso, que nesta circumstancia padece falta conhecida, porque *in rigore* naõ tem equivalente de *ordume* substantivo verbal nascido do verbo *urdir*, a quem naõ póde equiparar *tecido* por ser hum participio substantivado, que só por necessidade deve entrar no Idioma, de cuja analogia se afasta tanto ou quanto esta operaçaõ grammatical, e por isso a Filosofia evitou quanto pode a introducçaõ de semelhantes formulas, que a necessidade, e algumas vezes o dezejo de variar o estylo fez admittir nas Linguas sabias da antiguidade. Naõ póde tambem ser substituido pelo substantivo *ordidura*, porque sobre ser baixo para entrar com decencia em composiçaõ seria; naõ tem a mesma força, nem admitte a mesma configuraçaõ, que ordume. No Canto. VIII. Estança 25.

Com manha, esforço, e com benigna *estrella*
Villas, castellos toma á escalla vista.

Aqui

Aqui se vê *estrella* significando felicidade, influxo, e auxilio: no primeiro verso apparece huma bella economia de conjunções, cuja disposiçaõ era desconhecida dos escritores, que lhe precedêraõ, e assim o executa todas as vezes, que se lhe offerece occasiaõ. No principio do segundo verso estaõ dous substantivos, sem nexo expresso, artificio excellente que pinta a actividade de hum conquistador ardente. No mesmo Canto, Estança 29.

Olha por seu conselho, e ousadia,
De Deos guiado só, e de *santa Estrella.*

Tambem neste lugar significa *estrella* felicidade, auxilio, e guia. No Canto IX., Estança 31.

Ou na virtude do teu gesto lindo
Lhe mudarás a triste, *e dura estrella.*

Nesta passagem está o termo *Estrella* significando infelicidade em sentido contrario ás outras, por virtude dos epithetos, que pintaõ qualidades, que a designaõ. Os dous versos saõ de notavel belleza no estylo. Pureza, elegancia, e doçura, saõ as graças que o distinguem. Tambem a palavra *Estrella* se acha significando fortuna, sorte, como se vê da seguinte passagem do Soneto 5.

Mas minha *Estrella*, que eu já agora entendo,
A morte cega, e o caso duvidoso
Me fizeraõ de gostos haver medo.

Clareza, e doçura he o que resplendece mais neste terceto. Significando infelicidade, como na penultima passagem se vê no Soneto 25.

Ah dura *Estrella minha*! Ah gram tormento!

O

O epitheto *dura* he quem dá esta energia á voz *Estrella*. No mesmo sentido se encontra na Cançaõ X., Estrofe 3.ª

Quando vim da materna sepultura
De novo ao mundo, logo me fizeraõ
Estrellas infelices obrigado.

O epitheto *infelices* he quem lhe dá o sentido, que exprime. Perspicuidade, elegancia, e harmonia fazem o merecimento deste lugar. Na Estança 2. da Ecloga V. veremos *Estrella* significando protecçaõ, e guia:

Por partes mil lançando a fantasia,
Busquei na terra *Estrella*, que guiasse
Meu rudo verso . . . .

Elegancia, pureza, e harmonia saõ as virtudes deste estylo. Tambem por extensaõ ou Catachresi *Estrella* significa *olhos*, como no seguinte exemplo do Soneto 58.

Se as penas com que Amor taõ mal me trata
Pemittirem, que eu tanto viva dellas,
Que veja escuro o lume *das Estrellas*
Em cuja vista o meu se accende, e mata.

O termo *lume* significa neste lugar resplendor; he metafora do maior uso na Poesia. Esta passagem tem frase corrente, e elegante; mas naõ me agrada a antithese do derradeiro verso, a qual he bastantemente fria. *Lume* no mesmo sentido, que nesta passagem, se verá no seguinte exemplo da IV. Cançaõ, Estrofe 2.

Assi *celeste lume*
Lá dos Ceos se deriva, e lá caminha.

Tambem o vocabulo *lume* póde significar aqui divindade

de que dece do Ceo, e para lá torna. — A particula — *lá* no segundo verso está em lugar de — *para lá* — por necessidade metrica. Tambem *Estrella*, por huma exaltaçaõ de idéa, significa final, ou monumento de eterna duraçaõ; e neste sentido, he até onde póde chegar a virtude da Catachresi, ou extensaõ, como se vê no seguinte exemplo da Elegia X.

Trocaste cada chaga em *clara Estrella.*

Notavel genero de expressaõ fantastica! Tambem por preocupaçaõ de idéa significa influxo, sorte ou fatalidade, de que se naõ póde fugir, como se mostra no seguinte exemplo no poema sobre o Desconcerto do mundo, Estança 26.

Por alta influiçaõ de minha *Estrella.*

O mesmo sentido no mesmo poema:

Desta alta influiçaõ de dous Planetas.

Disto ha muito na Poesia: eu bem sei que o Poeta em pintar segundo as opiniões recebidas, quer sejaõ verdadeiras, quer falsas, naõ offende o sentir commum: mas hum Poeta sabio, hum Poeta illustrado com as luzes do Seculo decimo oitavo, Seculo verdadeiramente da Filosofia, deve fugir quanto puder estas formulas de pensar estragado, que quanto mais bem fórem expressadas, mais estas preocupações se imprimiráõ no espirito; salvo se for no genero Dramatico, ou inda Epico na bocca de personagem; onde em tal caso, naõ se attribue defeito ao Poeta, porque nisso observa a decencia conveniente a quem falla:

Outras mais formulas de expressaõ deste genero poderia eu expôr se o pedisse o Escrito, que já tem vulto demasiado; mas julgo, que assaz fica ponderado o valor

lor de tanta diverſidade de modificações fyſicas, e moraes deſte modo de expreſſar, que teve origem na Poeſia antiga, como acima deixamos demoſtrado. Paſſemos á confrontaçaõ das outras formulas, que fazem parte da pintura do Sá de Miranda, ſeguindo o methodo, que temos obſervado em todas as mais comparações dos Poetas Ferreira, Bernardes, Caminha, e ultimamente Camões, de quem vamos analyſando as differentes modificações com que exprimio as meſmas idéas.

Segue-ſe a idéa incluſa no termo *lago*: já fica expoſto, que eſta expreſſaõ veio da Poeſia Sagrada, e o uſo que della fizeraõ Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, e Caminha; agora veremos como della ſe aproveitou o grande Camões. No Canto I. da Luſiada, Eſtança 51.

De hum Rey potente ſomos, taõ amado,
  Taõ querido de todos, e bem quiſto,
  Que naõ no largo mar com leda fronte
  Mas no *lago* entraremos de Acheronte.

Grande, e verdadeiramente épico modo de fallar. Feliz aquelle Monarca, que der motivo a huma taõ ſublime como elegante hyperbole. Naõ ſe póde eſcrever com mais exacçaõ na proſa. He digna de reflexaõ a bella, e excellente diſtribuiçaõ das duas particulas augmentativas, e a poſitura da conjunçaõ na derradeira clauſula do ſegundo verſo; as diſpoſições daquellas fazem o eſtylo harmonioſo, e a collocaçaõ deſta variado. Nos dous verſos ultimos vê-ſe hum ſentido muito artificioſo reſultante das aſſerções conteúdas nos dous primeiros hendecaſyllabos; porque por meio da negativa do terceiro verſo, vem a cahir com mais vehemencia na affirmativa do ultimo, onde aſſenta a força da hyperbole, e a grandeza da idéa retratada com gentil gradaçaõ de côres, e brilhante contraſte de claro-eſcuro conſignados nas optimas elegancias — *leda fronte* — e *lago de Acheronte* —, além

além da bem acertada eleiçaõ das rimas. *Naõ* no principio do terceiro verſo eſtá por — *naõ ſó* — he licença admittida até na proſa, a qual longe de prejudicar á perſpicuidade, ou á pureza, dá ſumma gravidade ao eſtylo. Pureza, elegancia, e harmonia reſplendecem neſte quadro em gráo ſupremo. A meſma fraſe, ſem poſſeſſaõ, mas com hum accidente, que exprime qualidade, ou tambem ſituaçaõ, ſe vê na ſeguinte paſſagem da Eſtança 40., do Canto IV. da Luſiada:

> A muitos manda ver o *Eſtygio lago*,
> Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava.

Naõ ſe vê em todos os Épicos eſtylo mais poetico, nem mais claro, e harmonioſo, que o deſtes dous hendecaſyllabos. A meſma expreſſaõ no Canto VIII. Eſtança 11.

> Eſte he o primeiro Affonço, diſſe o Gama,
> Que todo o Portugal aos Mouros toma,
> Por quem no *Eſtygio lago* jura a Fama
> De mais naõ celebrar nenhum de Roma.

Todas as vezes, que hum Poeta ler eſte, ou ſemelhantes lugares, e ſe naõ ſentir intimamente agitado de admiraçaõ em tal ponto, que degenere quaſi em delirio, deſconfie dos ſeus talentos, e naõ ſe tenha por Sacerdote das Muſas. Sim: eſtes ſaõ raſgos, e vôos immortaes, por onde altamente ſe manifeſta hum engenho ſublime, hum engenho altamente inſpirado, que com toda a verdade, e ſem cahir no defeito de vaidoſo póde dizer de ſi: — *Eſt Deus in nobis, agitante calleſcimus illo.* — Poſto que na ſegunda ceſura do primeiro verſo eſteja conſtrangida a harmonia, em tudo o mais ella ſe moſtra com a maior evidencia, acompanhada de elegancia, e perſpicuidade. A meſma formula ſe acha no Soneto, que começa:

— Está o lascivo, e doce passarinho —

O cruel caçador . . . .
Com prompta vista a setta endireitando,
Lhe dá no *Estygio lago* eterno ninho.

Este ultimo verso he realmente filho da idéa do Camões: — *eterno ninho* — era ignorado antes delle. A pintura está saltando aos olhos cheia de elegancia, e harmonia.

Nestas quatro pinturas vemos o termo *lago* exprimindo *inferno* por huma sublimação de pensamento: não será fóra de proposito mostrar agora a variedade, com que a fantasia deste grande homem pintou a mesma idéa. No Canto II, Estança 112 da Lusiada.

Tentou Peritho, e Theseo de ignorantes
O *Reino* de Plutaõ horrendo, e escuro.

Esta pintura tem todos os caracteres necessarios para inspirar horror por virtude dos dous epithetos, e accentuação longa da sexta cesura, de sorte que elegancia, e harmonia concorrem para fazer a energia de huma pintura ideal; milagre só concedido aos grandes genios. O primeiro verso parecerá duro a quem não reflectir, que o nome *Theseo* está accentuado, não como nós usamos agora, mas sim á maneira dos Gregos, e Latinos, onde sempre foi dyssyllabo com a primeira longa, conforme a natureza da Prosodia Grega, onde o *etha* foi sempre longo. A mesma pintura se vê na seguinte passagem do Canto III. Estança 117.

E se tu tantas almas só pudeste
Mandar ao Reino escuro de Cocyto.

Eis-aqui está *Cocyto* por *Plutaõ*: metonymia, continente pelo conteudo. Esta pintura tem menos energia, que a de cima por não ter senão hum accidente. Nestes dous ver-

versos começa huma artificiosa; e vehementissima apostrofe a Tito; a qual he hum dos maiores rasgos da eloquencia poetica. Elegancia, e harmonia. Igualmente expressada se vê esta imagem na seguinte pintura do Canto V. Estança 36.

Porque sahindo nós para tomallo,
Nos podessem mandar ao *Reino escuro*,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

A simplicidade da narraçaõ de hum acontecimento, que nada tem de extraordinario se communica ao estylo desta passagem, cuja frase he conforme ao assumpto, como costumaõ fazer os genios sabios, e só se distingue na pureza, e na harmonia. O mesmo, porém em sentido mais remoto, ou por semelhança fantastica, a que devemos chamar metáfora veremos no Soneto 238.

Sobre os rios do *Reino escuro* quando
Tristes quaes nossas culpas o ordenáraõ.

Tambem se póde chamar allegoria esta configuraçaõ de expressado por se referir á clausula — *rios do Reino escuro*, que designaõ os rios de Babylonia, ou do inferno, segundo a Mythologia, e a frase das Escrituras. O adjectivo *escuro* contém sentido moral, e exprime a perversidade dos habitantes de Babylonia, ou de qualquer outra Cidade, onde a grande prevaricaçaõ dos costumes, em tudo mostra a confusaõ do inferno: bello genero de translaçaõ; mas a passagem naõ offerece senaõ frase mediocre, que ainda mais apparece á vista da admiravel parafrase do Cantico de Daniel, obra que do seu genero naõ se conhece outra na Europa, que a iguale. Outro modo de expressar a mesma idéa se vê na prodigiosa declamaçaõ do velho, prosopopéa de Portugal, ao partir a primeira expediçaõ para o descobrimento da India. No fim do Canto IV., Estança 102.

Ó maldito o primeiro, que no mundo
Nas ondas vela poz em ſecco lenho,
Digno de eterna pena do profundo,
Se he juſta, a juſta lei, que ſigo, e tenho.

Poeſia brilhante em tons figurados: no terceiro verſo eſtá retratada a idéa, cuja expreſſaõ vamos analyſando, a qual vemos annunciada com o maior, e mais elegante laconiſmo poetico no adjectivo *profundo*, eſpecie de metonymia, qualidade, ou configuraçaõ pelo configurado, que ſe ſubentende mentalmente. A meſma idéa com diverſidade de metonymia ſe vê expreſſada no Canto V., Eſtança 89.

Ventos ſoltos lhe finjam, e imaginem
Os odres, e Calypſos namoradas,
Harpyas, que o manjar lhe contaminem,
Decer ás ſombras nuas já paſſadas.

Naõ he poſſivel, que ſe encontre Poeſia mais rica do que a deſtes quatro verſos, onde ſe vê recopilado o maravilhoſo principal da Odyſsêa, e da Enéada. No derradeiro verſo, onde eſtá o exemplo, que he objecto da noſſa analyſe, vemos huma das mais bellas expreſsões, que adornaõ a Linguagem da noſſa Poeſia. *Sombras nuas* he clauſula ſummamente poetica, tanto no ſugeito, como no accidente. *Sombra*-he huma translaçaõ metáforica tomada por ſi ſó, mas combinada com o adjectivo *nuas* faz huma metonymia, conteúdo pelo continente. Coſtuma-ſe dizer na Poezia *ſombra* por *alma* pela ſemelhança de huma ſombra, que ſe finge na idéa: o epitheto *nuas* he bello, e mui ſignificativo; quer dizer, almas deſpidas de corpo; porque ſegundo os noſſos ſentidos, donde nos vem todas as idéas, o corpo he o veſtido da alma, poſto que deſta nenhum conhecimento intrinſeco tenhamos. Toda a paſſagem he cheia de elegan-

cia,

cia, pureza, e harmonia. Outra expressaõ da mesma idéa se vê na que se segue, que he na Cançaõ II.

Porque aquelles que estaõ na noite escura
Naõ sentiriam tanto o triste abysso,
Se ignorassem o bem do Paraiso.

Toda esta passagem he bella, tanto no conceito, como na frase: tem grande força de claro-escuro no contraste de *abyso*, e *paraiso*, pronunciado o primeiro como se tivesse hum só *s*: de sorte que *abysso* está aqui significando inferno á maneira da frase da Igreja; esta pintura sobresahe com o auxilio do epitheto, que exprime hum effeito de sentimento doloroso. Perspicuidade, e harmonia. Esta idéa expressada pela mesma exordem, mas com diversa denominaçaõ, veremos agora na seguinte passagem da mesma Cançaõ applicada da mesma sorte ao moral, fazendo expressamente imagem propria da Poesia de sentimento:

Que para derribarme
A este abysmo infernal do meu tormento
Nunca soberbo foi o pensamento.

Aqui temos *abysmo infernal*, por inferno; translaçaõ que exprime collectivamente tudo quanto póde contribuir para sensaçaõ dolorosa do corpo, ou do espirito. Pureza, e harmonia, posto que na primeira cesura do segundo verso tenha sua aspereza de som, mas isso he ligeira venialidade. Agora exporemos huma pintura, que inda que directamente naõ figure a mesma idéa na frase, naõ deixe de a exprimir no sentido. Ella he na Ecloga VI., Estança 25.

Raios, chuvas, trovões, hum triste inferno,
Que ao mundo mostra hum pallido receio.

A fra-

A frase da pintura he vivissima, e sonora: nella se exprimem os effeitos de huma tempestade taõ furiosa, que representa hum triste inferno: taes effeitos estaõ recopilados na palavra *receio*, que combinada com o accidente *pallido* faz huma imagem cheia de propriedade, que representa ao vivo a terribilidade de hum dos fenomenos naturaes, que costumaõ affeiçoar o espirito com a maior vehemencia.

Até aqui temos visto a palavra *lago* significando metonymicamente inferno por virtude de combinaçaõ, ou disposiçaõ artificiosa. Temos tambem mostrado a mesma idéa, ou pintura resumida no mesmo vocabulo *lago*, exprimida por diversas maneiras explicadas pelo melhor modo possivel ás nossas forças: agora o vamos expôr com differente aspecto, significando *mar*, ou tempestade, conforme os accidentes, que o modificaõ, porque este mesmo enfase conserva na passagem do Sá de Miranda. No Canto V., Estança 9.ª

Daqui tanto que Boreas nos ventou
Tornamos a cortar o immenso *lago*.

Pintura sublime no sentido, e no estylo: a ultima clausula do derradeiro verso pinta com a maior liberalidade a extensaõ immensa do Occeano: a metrificaçaõ, e o estylo saõ cheios de tanta harmonia, e cultura, que naõ podem ser excedidos. No Canto X. Estança 8.ª se vê igual expressaõ do modo, que se segue:

Materia he do Coturno, e naõ do Soco
O que a Nynfa aprendeo no immenso *lago*.

Aqui temos outra vez *immenso lago* significando *mar* e exprimindo por esta perifrasis com mais nobreza, e força a mesma idéa, do que com o seu termo positivo *mar*. O primeiro verso he todo de Matheus Maria Boyardo Conde de Escandinavia no seu *Orlando innamorato*.

Ele-

Elegancia, e harmonia em gráo supremo. No mesmo Canto, Estança 1.ª

Mas já o claro amador de Larisséa
Adultera inclinava os animais,
Lá para o grande *lago*, que rodêa
Temistitaõ, nos fins occidentais.

He a mesma pintura, porém com alguma modificaçaõ no adjectivo *grande*, que sim offerece ao espirito idéa de extensaõ, mas naõ de immensidade como a precedente, por isso mesmo que he expressaõ, que designa, naõ idéa de extensaõ indeterminada, como a da passagem anterior, mas de extensaõ limitada, qual a do Golfaõ do Mexico, a que se refere. A frase desta passagem he corrente, e harmonica, mas hum tanto dissonante, ou secca na segunda accentuaçaõ do primeiro verso, e forçada na passagem deste para o segundo. Na Estança 102.ª

Olha o Cabo Asaboro que chamado
Agora he Monçandam dos navegantes;
Por aqui entra o *lago* que he fechado
De Arabia, e Persia, terras abundantes.

He boa, e simples descripçaõ do Seio Persico. O termo *lago* está sem accidente algum, e com razaõ; visto naõ haver circumstancia notavel, que o distinga. Aqui significa *lago* propriamente *mar*. A frase he corrente, e harmoniosa. Na bella Ecloga VI.

Responde Agrario: Ó musico e amoroso
Pescador; Eu naõ venho a ver o *lago*
Bravo, e quieto, ou vento brando, e iroso.

Pintura simples propria do actor desta scena: as conjunções no terceiro verso naõ ataõ, mas exprimem diversidade de idéas. Frase pura. Vejamos agora esta mesma idéa

mar,

mar, e *tempestade* por diversos termos. No Canto V., Estança 73. da Lusiada.

E tornando a cortar a agua salgada,
Fizemos desta costa algum desvio
Deitando para o *pego* toda a armada.

Agora apparece a mesma idéa consignada no termo *pego*: este vocabulo he o Latino, ou Grego *pelagus*, por suppressaõ syllabica, figura que os Grammaticos denominaõ Syncope. Significa ordinariamente a parte mais funda de hum rio, assim como na Lingua Grega a parte mais funda do mar. Tambem costumamos applicar este termo a outros sentidos por varias translações. Daqui vem pois a tomar-se metonymicamente por *mar* na Lingua Latina e na Portugueza, parte pelo todo. Assim vimos a possuir tres vocabulos positivos, que exprimem a massa commua das aguas do Universo *mar*, *pego*, *e pelago*: este ultimo he o segundo *pego* emendado pela Poesia, á qual ficou consagrado, sem se afastar do Latino *pelagus*. A frase desta passagem he menos, que simples, propria de hum roteiro em verso. Na Ecloga VI.

Naõ menos o cantar dos pescadores
As ondas amansou do fundo *pego*,
E fez ouvir os mudos nadadores.

Poesia simples, e bella: a pintura do mar no segundo verso he assaz distincta pela decencia, e pela moderaçaõ do estylo; e até mesmo a harmonia exprime a profundidade no termo *ondas*, e no adjectivo *fundo*, pintando huma especie de estrondo, que parece se propaga n'uma grande profundidade. Pureza, e harmonia. Na segunda Estança do Canto intercalar da mesma Ecloga:

Vós humidas Deidades deste *pego*,
Tritões ceruleos, Próteo com Palemo:

Des-

Deste pego deste mar: boas combinações, bons epithetos, e bella harmonia. *Próthеo* teve quasi sempre nos tempos de Camões a primeira longa. O adjectivo *ceruleo* he todo Latino, e foi adoptado para o nosso Idioma por este grande homem. Agora veremos a mesma idéa consignada n'outra expressaõ em termos rectos, e proprios na Lusiada Canto II., Estança 105.

Tu só de todos quantos queima Apollo,
Nos recebeste em paz do mar profundo.

Estes dous versos saõ summamente elegantes, e poeticos — *mar profundo* — he a mesma imagem, ou idéa que vimos combinando exprimida com palavras de significações primitivas, e naõ desviadas de outro sentido. Elegancia pureza, e harmonia. No Canto IX., Estança 40.

Ilha que nas entranhas do profundo
Occeano terei aparelhada,
De dons de Flora, e Zefyro adornada.

Boa Poesia! com tudo, sendo a sua frase bella, e purissima, está forçada na passagem do primeiro para o segundo verso; mas isto he venialidade: he notavelmente poetica a clausula desta pintura — *entranhas do profundo Occeano.* — Elegancia, e harmonia. No Canto X., Estança 25.

Fará ir ver o frio, e fundo assento
Secreto leito do humido elemento.

Isto he que he elocuçaõ verdadeiramente poetica: depois de dizer *frio, e fundo assento* com dous epithetos, que exprimem duas qualidades, accrescenta — *Secreto leito* — como clausula declaratoria da idéa antecedente, e logo outra formula em ultimo lugar — *humido elemento* — que acaba de dar a conhecer o assumpto da pintura.

Frase nobre, pura, e harmoniosa he a de que se compoem taõ bella Poesia. No Canto X., Estança 147.

A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes do *profundo*.

Esta pintura representa o sugeito pela sua qualidade: he huma construcçaõ á maneira dos Latinos na qual se suppre o substantivo intellectualmente por Ellipse.

Segue-se agora ver o uso que fez este admiravel Poeta da voz *noite* na significaçaõ de tempestade, escuridaõ, ou morte, como na passagem do Poeta Miranda. No Canto IV., Estança 60. da Lusiada:

Porém depois que a escura noite eterna
Affonço aposentou no Ceo sereno.

Aqui vemos — *noite* — exprimindo morte por translaçaõ metaforica, e por virtude do epitheto *eterna* com hum accidente de mais, para avivar a energia picturesca desta imagem no adjectivo *escura*. Elocuçaõ ornada, e elegante. Na Ode IX.

Porque em fim nada basta
Contra o terrivel fim da *noite eterna*.

Esta he pintura mais positiva, mais forte, e mais expressiva; vê-se — *noite eterna* — com huma clausula que augmenta a terribilidade, consequencia da morte, tudo n'um bello, e admiravel verso cheio de força, e harmonia. Com o mesmo significado, e com mais combinaçaõ de accidentes se encontra a mesma palavra na Ecloga I.

A noite sempiterna
Que tu taõ cedo viste,
Cruel, acerba, e triste.

O adjectivo sempiterno naõ era usado dos Poetas anteriores a Camões, a quem se deve, ou a introducçaõ deste energico e sonoro epitheto, ou hum mais frequente, e discreto uso: vê-se nesta pintura boa gradaçaõ de accidentes, representados nos tres — *sempiterno* — *cruel* — e *acerbo*; porque *cruel* he menos positivo na significaçaõ do que *acerbo*, que augmenta sobre o primeiro, succedendo-lhe depois *triste* como consequencia, ou effeito dos accidentes representados nos tres ditos adjectivos. Elegancia, força, e harmonia saõ as virtudes desta passagem. No fim da bellissima Elegia III.

> Até que a *noite eterna* me consuma.

Expressaõ cheia de energia posta em todas as dicções, de que se compoem o verso, que em si he extremamente poetico e harmonioso. Na Ecloga I.

> Diz mais que se encontrar este minino
> A *noite intempestiva*, amanhecendo, &c.

Outro modo de exprimir morte cheio de muita belleza, e gravidade poetica: aqui se mostra diverso accidente consignado no adjectivo — *intempestiva* —: he notavel a força da translaçaõ do gerundio — *amanhecendo* — referindo-se á vida d'ElRei D. Sebastiaõ, pela semelhança mental do principio da existencia humana, com o nascimento do dia. Pureza, elegancia, e harmonia. Na Cançaõ XIV., Estrofe 4.

> Se para tal partida,
> Meus olhos, vos abristes
> Cerrára-vos o *sono* eternamente.

Modo diverso: *sono* está em lugar de *noite*: he metáfora do mesmo genero, pela semelhança, que o sono tem com a morte. O adjectivo — *eterna* — está reduzido neste

Hh ii lu-

lugar a adverbio, e naõ tem menos força. Cultura, e harmonia. Na Lusiada Canto VI., Estança 65.

Algum dalli tomou *perpetuo sono*.

Aqui está *perpetuo* por *eterno* com differente operaçaõ no accidente: verso harmonico, e elegante. Na Ode I. á Lua.

Ó quanto melhor fôra que dormissem
Hum sono perennal
Estes meus olhos tristes, e naõ vissem
A causa de meu mal.

Agora apparece, em lugar de *eterno*, e *sempiterno*, *perennal* derivado do Latino *perennis*, como na Lingua Castelhana, donde o Camões tirou esta sonora desinencia muito mais propria do estylo sublime, que a Latina *perennis*, que já tinhamos, por ser esta menos extensa, e cantante seguindo a analogia antiga do Idioma que dizia *divinal*, *communal* por divino, commum, &c. *Sono perennal*, *sono sempiterno* clausulas elegantissimas, de que nenhum caso faz a Poesia moderna, que tanto se aproveita de formulas gothicas e barbaras, que a desfiguraõ, e a fazem digna do maior desprezo. Elegancia, facilidade, clareza, e harmonia saõ as graças deste bellissimo quadro. Na Ode II. do Ferreira vem outra semelhante passagem, que naõ deixa de frizar ao nosso caso inda que pareça fóra de lugar:

Ah nossa Lei taõ dura,
Depois da noite escura
Do mortal sono eterno
Já mais torna esta luz, que a vida via!

Lançou primeiramente este Poeta a maior do pensamento na clausula, que fórma o septenario *depois da noite es-*

escura, e porque lhe pareceo expressaõ debil para dessignar a morte, reforçou-a logo com a que inclue no septenario que se lhe segue — *Do mortal sono eterno* — com o que deu á pintura fortaleza, e terribilidade; ficando, isso naõ obstante, diffusa; porque, depois de mortal fica ocioso o adjectivo *eterno*, e vice-versa. Tambem naõ me agrada a derradeira clausula *vida via*, que tem seu ar de jogo; com tudo, a passagem tem elegancia, e harmonia.

Este modo de exprimir he muito proprio da gravidade da Poesia, que a tudo dá vulto, e fórma, e tudo anima. Elle teve nascimento na Poesia Grega, e na Latina, onde teve grande uso, como se vê dos seguintes lugares da Illiada de Homero, Livro XIII, verso 580 descrevendo a morte de Deipyro:

τὸν δὲ κατ᾽ ὀφθαλμῶν ἐρεβεννὴ νὺξ ἐκάλυψεν.

Envolveo de seus olhos a luz pura
Da Estygia noite a sombra horrenda, e escura.

E no verso 672 do mesmo Livro:

. . . . ὦκα δὲ θυμὸς
Ὤχετ᾽ ἀπὸ μελέων, στυγερὸς δ᾽ ἄρα μιν σκότος εἷλεν.

Eis o corpo sua alma desampara,
Delle se apossa horrida noite avara.

Virgilio Enéada, Livro X., versos 746.

Olli dura quies oculos, et ferreus urget
Somnus, in aeternam clauduntur lumina noctem.

Duro descanço, e ferreo sono opprime
Seus olhos, cuja luz serena e pura
Se esconde em noite eterna, horrida, e escura.

Ho-

Horacio, Ode IV. do Livro I.

Jam te premet nox, fabulaeque manes.

A noite já te opprime;
E a ſeu pezar tua alma
Dos fabuloſos manes naõ ſe exime.

Em Ovidio no Livro V. dos Metamorfoſeos, Seneca na Scena II. Acto III. da Medéa, Lucano, e em quaſi todos os Gregos, e Latinos ainda meſmo na proſa, ſe achaõ as vozes *ſono*, e *noite* em todas as accepções, que acima lhe indicámos, e em toda a poeſia moderna ſe tem feito o maior uſo deſtas formulas taõ poeticas, e taõ cheias de força.

Faro que nos guia para o porto. — Eſta expreſſaõ do Sá de Miranda ſe vê conſignada nas fraſes ſeguintes de Camões. No Soneto 192, que principia: — Agora toma a eſpada, agora a penna —

Tu com pujante braço, ardente engenho
Serás faro a Soldados, e a Poetas.

Poucas vezes uſou Camões do termo *faro*: he no meſmo ſentido que o de Miranda, mas occulta a acçaõ, que he o verbo, o qual facilmente ſe ſubentende. Força, e harmonia. Na Cançaõ VII.

Com dous fortes ſoldados . . . . .
Que ficam ſendo minha luz, e guia.

He a meſma expreſſaõ que a de cima, com a differença de em lugar de *faro* eſtar - *ſoldados*. Fraſe ordinaria, mas harmonioſa. Com ſentido mais amplo, mais cheio de mageſtade, e elegancia ſe exprimio no Soneto 86.

Dos

Dos antigos illuſtres, que deixaraõ
Hum nome digno de immortal memoria
Ficou por *luz* do tempo a larga Hiſtoria.

Grande modo de fallar. Os dous primeiros verſos ſaõ muito nobres, e ſonoros : o derradeiro he taõ poetico como ſublime, e póde ſer proverbio : *luz* tambem quer dizer *guia*, e faz no ſentido primittivo notavel gradaçaõ de côres, a qual facilmende ſe appreſenta ao entendimento. Elegancia, ſublimidade, e harmonia ſaõ as principaes virtudes deſta pintura. No Canto V. da Luſiada, Eſtança 85. ſe vê a pintura do Sá de Miranda reſumida nos ſeguintes verſos dignos do grande Épico :

Aqui repouſo, aqui doce conforto
Nova quietaçaõ do penſamento
Nos deſte . . . .

Repouſo, *conforto*, *e quietaçaõ* — bem conſiderados em ſi eſtes vocabulos, exprimem o fim a que ſe dirige a ſignificaçaõ de *faro*, *guia - porto*, *norte*, e muito mais ſe recopilla nella a pintura com que Sá de Miranda começa a 3.ª Eſtrofe, que ſemelhantemente fica analyſada, da qual eſta he quaſi repetiçaõ, como acima tocamos :

Aſſaz nos temos demorado na analyſe deſta pintura, o que fizemos de propoſito, por ver que nella ſe incluiaõ elegancias da primeira ordem na Linguagem da Poeſia : moveo-nos mais a iſſo querermos moſtrar finalmente quanto o grande Camões foi largo, e abundante neſte genero de expreſſaõ, e quanto nelle contribuio para enriquecer de tanta diverſidade de tons Poeticos á Lingua Portugueza, de que reſultou naõ pequena utilidade á meſma proſa, como ſe vê em todos os bons Authores Portuguezes, e eſpecialmente em Diogo de Couto, e no Orador Vieira.

Na

Na Estrofe 8.ª emprega o Sá de Miranda esta seguinte pintura, que para o estado de penuria, em que se achava o Idioma, he assaz elegante, e culta:

> Virgem do Sol vestida, e dos seus raios
> Claros envolta toda, e das Estrellas
> Coroada, e debaxo os pés a Lua.

A primeira elegancia tirada da Apocalypse, naõ obstante parecer á primeira vista bella, e brilhante, naõ deixa de ter tanto, ou quanto de inchaçaõ asiatica: he verdade que esta inchaçaõ naõ he taõ viciosa, como pertende a severidade dos Rhetoricos, cuja filosofia naõ combinou a força da expressaõ com a energia de pensar, especialmente dos póvos situados n'hum clima ardente, onde a effervescencia das paixões se desenvolve talvez com mais actividade, do que nos nossos climas temperados. Além de que, naõ devemos estranhar, que hum escritor sublime altamente possuido da grandeza do seu assumpto, se exprima por hum modo desusado, por hum modo, que quasi naõ cabe na nossa comprehensaõ: estas expressões audaces, que acompanhaõ os vôos do genio, e que tanto resplendecem na Iliada, em Pyndaro, nos Choros das Tragedias de Sofocles, e Euripedes, nas Odes de Horacio, em muitos lugares das Georgicas, e em toda a Enéada de Virgilio, por naõ fallar nos modernos; taes expressões, digo, naõ pódem ser calculadas, nem conhecidas senaõ pelo mesmo genio, ou por Filosofos da primeira ordem, taes como hum Aristoteles, hum Cicero, hum Loke, hum Voltere, e hum du Marsais. Taes formulas saõ humas faiscas do genio todo posto em movimento, todo abrazado no mais sublime enthusiasmo, que quasi sempre he hum resultado da combinaçaõ de paixões fortes levadas ao maior gráo de agitaçaõ, pelo que haõ de forçosamente ter hum caracter novo, e estranho, que naõ aballando as almas frias, e sepultadas n'huma especie de inercia lethar-

thargica naõ pódem por ellas ser de modo avaliadas. Concorre tambem para a producçaõ destas formulas cheias de vehemencia, e fogo, a educaçaõ, e o costume de pensar sublime, com se vê na Naçaõ Ingleza; e por isso naõ acho razaõ nos que censuraõ os atrevimentos de elocuçaõ dos seus Escritores, principalmente poeticos: nem eu supponho, que huma Naçaõ taõ illuminada houvesse de approvar hum genero de elocuçaõ viciosa, como dizem os estrangeiros, que em semelhante materia saõ juizes incompetentes; porque, por maiores conhecimentos que tenhaõ daquelle Idioma, nunca pódem entrar na absoluta intelligencia de todas as suas graças, e delicadezas como os seus naturaes: logo naõ nos devemos admirar, que huma Naçaõ de tanto gosto em todas as Artes admire com enthusiasmo o seu Schakepeer, Tragico famoso, onde se achaõ as maiores monstruosidades equilibradas com os mais sublimes rasgos da eloquencia poetica. Isto naõ he desculpar os abortos de Poetas ignorantes despidos de engenho, quaes vemos a cada passo, entre nós especialmente, mas sim justificar a elocuçaõ sublime de Escritores, cujo systema de pensar excede á ordem commum de raciocinar.

Virgem do Sol vestida — Esta elegancia he mera translaçaõ do fysico para o moral, como se dissesse: — *Virgem taõ inundada de virtudes, que te fazes digna da maior admiraçaõ*, — como já tinha dito — *Claridade do Sol* — assim como se costuma dizer: — Resplendecente em virtude, claro, e illustre nestes, ou naquelloutros predicados. — *Em fim taõ cheia de resplendor de virtudes, que pareces vestida do mesmo Sol*, — como clarissimamente exprime a clausula, que se segue: — *E de seus claros raios envolta toda*, — que parecendo redundancia, he glosa da primeira expressaõ, — *de estrellas coroada*: — he bella, e optima elegancia, que ao depois veio a ter grande uso na Poesia Portugueza, donde a Pintura tirou assaz de proveito: — *E debaxo os pés a Lua* — tambem he elegancia apocalyptica. Note-se, que

a falta da particula *de* junto a *pés*, naõ ſó he licença, mas falta que entaõ tinha o Idioma deſta particula em huma tal combinaçaõ, o que ao depois veio a ſubſtituir a congruencia grammatical, dizendo: — *debaixo dos pés*: — uſava-ſe iſto no tempo do Sá de Miranda, ainda pelo coſtume de *ſob* propoſiçaõ toda Latina, que já entaõ ſe hia eſquecendo, a qual tinha a meſma regencia que no Latim.

Vejamos agora o uſo que deſte mòdo de fallar fez Ferreira na Elegia a Santa Maria Magdalena:

De neve, e Sol veſtido hum Anjo claro
Eſtá ſentado no ſepulchro ſancto.

Neſta paſſagem entra o Poeta com ſuavidade de penſamento, iſto he, primeiramente poem huma idéa moderada na palavra - *neve*, - e deſte paſſa a - *Sol* - cuja audacia de expreſſaõ entra no eſpirito ſem fazer tanta eſtranheza, conformando-ſe com a natureza do Eſcrito, que poſto que capaz de toda a ſublimidade, naõ deve ſer taõ vehemente na expoziçaõ das ſuas idéas, como a Cançaõ, ou a Ode, que tudo he o meſmo, onde ſe appreſenta ao entendimento eſta qualidade de enunciações audaces de improvizo, e ſem preparatorio, que faz maior effeito, porque move, e arrebata com mais efficacia, e promptidaõ. O primeiro verſo he huma pintura elegantiſſima taõ ſimples, e bella, que eſtá offerecendo hum modello á ſuavidade do pincel de hum Guido Rheni, ou de hum Corregio: nelle ſe vê huma gentil gradaçaõ de côres ſubindo de *neve* a *Sol*, cuja harmonia ſe communica da meſma ſorte á expreſſaõ. Na meſma Elegia vem a meſma pintura com diverſidade de enunciaçaõ pelo modo ſeguinte:

Já daquella luz clara que eſcondida
Andava, os claros raios ſeus ſoltando,
A ſanta humanidade era veſtida.

Este quadro está desenhado com mais riqueza do que o do Miranda, porque a Lingua já nesta occasiaõ se tinha consideravelmente enriquecido com os Escritos destes dous Poetas, e com os do grande historiador Barros. A idéa consignada na palavra *Sol* na pintura do Sá de Miranda se vê annunciada com maior cópia no primeiro verso deste terceto, designado o concreto *Sol* pelo abstracto *luz*. Chamamos abstracto ao termo *luz* neste lugar, naõ obstante estar acompanhado de hum adjectivo, que nunca póde ser accidente em semelhante combinaçaõ, e se o fosse, deixaria de ser abstracto a palavra *luz*; o mesmo se deve pensar de — *claros raios* — na oraçaõ absoluta do segundo verso, por ser o seu adjectivo imagem de huma qualidade intrinseca á idéa representada nos termos *luz*, e *raio*. O substantivo *humanidade* naõ exprime neste lugar abstracçaõ metafysica, mas concreto fysico, e corporeidade, sentido usual na Lingua antiga, como se observa em Fernaõ Lopes, Gomes Eannes de Azurára, Bernardim Ribeiro, no Infante Dom Pedro, nos Escritos da Infanta Dona Filippa sua filha, e no antigo Cancioneiro compillado por Garcia de Resende. A frase desta passagem he bella, e harmonica, inda que alguma cousa embaraçada pela oraçaõ intermediaria — *os claros raios seus soltando*, — que he huma especie de parenthesis, que rarissimamente deve ter lugar na Poesia. Na Ecloga I.

. . . . Eis que sai
D'agua, e soberbo vai . . . .
O gram Tejo dourado . . . .
. . . .
De neve seu vestido era . . . . . .

Nesta derradeira clausula se mostra hum exemplo de expressaõ semelhante, em parte, á penultima que atraz fica, o estylo da qual, assim como o de toda a passagem, he duro, he forçado, he arêa sem cal, e naõ tem muito

 mc-

merecimento: *neve* aqui póde ser huma metonymia, accidente pelo sugeito. Com mais abstracçaõ de idéa, mas com mais sublimidade, e elegancia, e ainda mesmo com mais utilidade para o espirito, vêmos a seguinte passagem na Elegia VI.

Vestida da sua propria fermosura,
Nam de outras cores vans, e lisongeiras,
Apparece a verdade clara, e pura.

Em obsequio da pureza, e daquelle atticismo que devem formar o caracter de toda a obra bem escrita, seja-nos licito desculpar a dureza do primeiro hendecasyllabo contrahida no possessivo *sua*, onde naõ faz dierisis, segundo o costume daquella idade na qual ainda se pronunciava algumas vezes *sá*, em lugar de *sua*, á maneira dos Provençaes, no que tambem cahio Camões algumas vezes, condescendendo com o uso, como no seguinte verso da Estança 33. da Lusiada I.

Da antiga tam amada sua Romana.

Onde *sua* propriamente se pronunciava entaõ *sá* com mais ou menos modificaçaõ do son. Este terceto do Ferreira he digno de se tomar de cór, e ser proverbio. Na Ecloga I. vem outro lugar, que naõ deixa de ter analogia com os que temos exposto:

Vejo tornar cada anno o alegre Maio
Vestido de mil flores de alegria.

Nesta passagem fez o Poeta abstracçaõ de idéa em *flores de alegria* expressaõ applicada a Maio, personizaçaõ fantastica do mais brilhante mez da Primavera, como se dissesse: — *Maio vestido de flores que causaõ alegria.* — Elegancia, pureza, e harmonia. No allegado Poema a Santa Magdalena:

Ven-

Vencedor gloriofo, e triunfante
A tunica deixando dada em forte,
Se veftio de outra nova de diamante.

No derradeiro verfo eftá a pintura que vamos combinando, que tem mais analogia com a do Sá de Miranda por fupprimento intellectual, do que pela expreffaõ: na palavra *diamante* fe acha recopilada a idéa *Sol* por metafora, ou femelhança mental: expreffaõ Horaciana na Ode VI. do primeiro Livro:

Quis Martem tunica tectum adamantina
Digne fcripferit? . . . .

Quem póde pintar Marte enfurecido
De diamantina tunica cingido?

Os verfos da pintura do Ferreira faõ puros, e elegantes, e cadentes. Na Ode II. do Livro II.

Ceffe pois a trifteza,
Ceffe já a faudade
Baxa, álça o fprito aos Ceos, para que vejas
Com que nova grandeza
Veftida a fortaleza
Já de immortalidade
De teu irmam eftá, que em vam defejas.

Aqui fe nos moftra a mefma expreffaõ em termos abftractos nas vozes *fortaleza*, e *immortalidade*. Toda a Eftrofe he hum notavel exemplo de abftracções mentaes: o eftylo he elegante, mas duro: confifte efta dureza na paffagem do fegundo Septenario para o hendecafyllabo com o adjectivo *baxo* pofpofto ao fubftantivo *faudade*, combinaçaõ que ainda mefmo na profa he viciofa, além de fer aqui defneceffaria: a fegunda dureza confifte na clau-

clausula que se segue no mesmo hendecasyllabo — *alça o sprito* aos Ceos, — no encontro da ultima vogal de *alça* com o artigo *o*, e a primeira syllaba de *sprito*: a terceira dureza vê-se na collocaçaõ em que se acha o verbo *está* no ultimo verso, o qual fica muito distante do seu agente — *fortaleza* — entre os quaes medeaõ clausulas, que embaraçaõ o sentido, e faz hum hyperbato vicioso. Passemos agora a examinar a segunda imagem — *de estrellas coroada.* — Vejamos como o Poeta Ferreira manejou esta elocuçaõ no Soneto 38.

Em quanto a branca Delia a noite aclara,
E traz nos brancos cornos as lumiosas
Estrellas, serenando as tempestosas
Nuvens, que o grosso humor no Ceo juntara.

A semelhança desta expressaõ com a do Sá de Miranda naõ consiste em propriedade de vozes, mas sim em rodeio, ou circumlocuçaõ, com que a mesma proposiçaõ se acha annunciada: em lugar do verbo *coroar* está o verbo - *traz* - voz recta do presente indicativo - *trazer*: - em lugar de - *fronte* - que se subentende mentalmente na passagem de Miranda, está nesta pintura - *brancos cornos* por metafora, ou semelhança, - com a consequencia *estrellas* acompanhada do epitheto *lumiosas*, que faz mais viveza no estylo, o que naõ era preciso na do Miranda, cuja simplicidade faz o sublime da expressaõ. O resto do quadro naõ nos interessa por hora. O estylo de toda a passagem he elegante, mas duro, e assaz inculto. No Soneto 45 do II. livro vêmos outra expressaõ, que tem assaz de affinidade com a mesma que vimos combinando:

Spritos coroados de victoria,
Com que triunfando estaes nos Ceos da terra.

Tambem nesta imagem vêmos termo abstracto em *victoria.*

ria. O ſegundo verſo tem dureza de eſtylo, tanto nas ceſùras, como na fraze, o que ſe manifeſta na clauſula — *triunfando eſtaes nos Ceos da terra*. — A meſma abſtracçaõ de idéa do meſmo modo annunciada vemos na Ode V. do II. livro do meſmo Poeta.

As Graças, e os Amores
Coroadas de alegria.

O eſtylo he claro, inda que duro no ſegundo verſo, pela contracçaõ forçada da ſegunda ſyllaba no participio *coroada*. Semelhante expreſſaõ ſe vê na Ecloga II. do modo ſeguinte:

Eſta praia em que já por honra tua,
E de Filis, mil Nynfas coroadas
De flores vos cantáraõ á lyra ſua.

Nynfas coroadas de flores he o meſmo que Graças, e Amores coroados de alegria no lugar antecedente, com a differença de que neſte he abſtracçaõ metafyſica; effeito pela cauſa: naquelle he concreto fyſico *flores*. Eſtylo forçado e duro no terceiro verſo. No Epithalamio, Eſtança 26.

De myrtho coroada, e d'alvas flores
Venus o Ceo ſerena, o vento abranda.

A expreſſaõ he a meſma que a paſſada, e a pintura he belliſſima: boa eleiçaõ de verbos, boa de epitheto, pureza, e ſuavidade; tudo conſtitue eſta paſſagem ſó por ſi hum epilogo de graças, a que deu motivo á ſeguinte paſſagem de Horacio na Ode IV. do Livro I. donde eſtas procedêraõ:

Nunc decet aut viridi nitidum caput impedire myrto,
Aut flore . . , ...

A qual

A qual em ſeu lugar hirá traduzida.

Diogo Bernardes, cujo pincel depois do de Camões he o mais ſuave, tambem ſe *exprimio* neſte ſentido com baſtante delicadeza, e propriedade no principio da mencionada Cançaõ:

> Ó Virgem ſobre todas ſoberana,
> De reſplendor veſtida, e luz divina,

Bella pintura! Nella ſe vê boa gradaçaõ de côres conſignada nos termos *reſplendor*, e *luz* ſubindo de menor para maior. O epitheto *divina* augmenta a vivacidade do colorido, que a imaginaçaõ com facilidade concebe. Elegancia e harmonia ſaõ as graças deſte eſtylo. Num Soneto a noſſa Senhora:

> Fermoſa Virgem, que de Sol veſtida, &c.

Eſta imagem he identica com a de Sá de Miranda. Vejamos como exprime eſta meſma idéa nas Endechas a noſſa Senhora:

> O Verbo naſcido
> Deuvos por mãi ſua
> O Sol por veſtido,
> Por chapins a Lua.

Saõ bons ſenarios. — *O Sol por veſtido*: — neſta pintura vemos a energia do penſamento de Sá de Miranda conſtituida no participio — *veſtida* — transferida neſta de Bernardes para o ſubſtantivo *veſtido*: ſeguindo a meſma norma, na elegancia do ultimo verſo, tem expreſſaõ menos grave, do que a do Poeta Sá, ou por melhor dizer, baixa no termo *chapins* voz plebéa. O genio do Poeta Bernardes tem alguma analogia com o do Inglez Schakepeer, que a par das maiores bellezas produzia as mais extravagantes monſtruoſidades. Se o lugar o per-

o permittisse, eu poderia provar isto com toda a evidencia. Tambem neste lugar vemos o verbo *dar* na accepçaõ de constituir, sentido bem pouco commum, mas que naõ deixa de ser bello. Clareza, e harmonia. Passemos á segunda elegancia -- *de estrellas coroada* -- na mesma Cançaõ, continuando com a primeira pintura acima transcripta:

Ó Virgem. . . . .
De lucidas estrellas coroada.

Verso bellissimo, e pintura superior ás que neste genero temos combinado. Elle he cheio de força, e de viveza constituida no epitheto *lucidas*, que pinta huma propriedade. A frase he elegantissima, e summamente culta, e harmoniosa. N'hum Soneto ao mesmo assumpto:

Fermosa Virgem . . . .
De estrellas coroada . . . .

He identica com a do Sá, tanto em dicçaõ, como em sentido. Nas allegadas Endexas:

Deuvos a Trindade
Coroa de Estrellas.

A mesma idéa com diversidade de frase, seguindo o mesmo estylo acima indicado. *Coróa* tomou o lugar do participio *coroada* em Sá de Miranda. A terceira elegancia do quadro do dito Poeta — *debaxo os pés a Lua*, — de que naõ achei exemplo em Ferreira, póde ser comparada com as seguintes do Poeta Bernardes; seja a primeira a que já transcrevi das Endechas — *E por chapins a Lua*, — da qual assaz fica dito no mencionado lugar. Na allegada Cançaõ a Nossa Senhora:

A Lua porque fosse mais fermosa,
Por chapins vola deu o filho vosso.

He quasi a mesma frase que a precedente, com hum accessorio de idéa augmentativa no primeiro verso, com os mesmos vicios, que na outra indicámos. O estylo naõ he o mais puro: os versos saõ claros, e cadentes.

Seguindo o methodo que temos observado, segue-se o Poeta Andrade: mas como este he pouco picturesco na sua composiçaõ, que, como já disse, he commummente fria, secca, e pouco variada, sobre ser raramente sublime na expressaõ, por isso naõ se encontraõ nas suas Poesias lugares correspondentes aos que vimos analysando: com tudo por naõ quebrar o fio das nossas observações, que necessariamente ha de vir a ser interrompido, observaremos algumas passagens, que tenhaõ tanto ou quanto de semelhança, inda que remota. Na Ode VI. diz:

Teu verso que a Febo he rico thesouro,
E será sempre ás suas
Nove Irmãas, e nova honra ó verde louro,
Que inda espera cingir as frontes tuas.

Falla dos versos do Historiador Francisco de Andrade, a quem foi dirigido este poema: o juizo que faz o Poeta Caminha das Poesias deste escritor he taõ injusto, como o que faz da Elegiada de Luiz Pereira de Castro. Quasi todos os que se achaõ em Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, e Caminha tem o mesmo caracter: parece-me que nelles tinha mais parte a lisonja, do que a razaõ. Porque naõ deraõ elles a Camões os grandes louvores, que liberalizáraõ a Poetas ineptos, e sem merecimento? A causa he clara. Estes quatro Poetas eraõ pessoas nobres, a abastadas, e só se dignavaõ louvar outros nobres, e opulentos: Camões, naõ obstante ser

na-

nobre de nascimento, era extremamente sabio, e extremamente pobre, qualidades, que em todos os tempos grangeáraõ inveja, e desprezo: parece desar da opulencia abaixar-se a venerar talentos sepultados na miseria; mas elles tambem se vingaõ em naõ fazer o menor caso della, como fez Camões, que do Caminha, Miranda, Ferreira, e do Bernardes naõ fez, nem a mais leve commemoraçaõ, a pezar mesmo de este ultimo lhe ter feito hum Soneto em seu louvor, cuja mediocridade naõ foi merecedora da resposta de Camões. No derradeiro verso se vê huma leve semelhança de estylo com a segunda elegancia do Poeta Sá — *de estrellas coroada*: *frontes tuas* — he combinaçaõ que nada tem de elegante na nossa Poesia. O estylo he todo forçado, secco, e sem harmonia. Na Ode XI.

Creça comtigo a Era, a Palma, o Louro
Para devidamente
Dar corôa eminente
A quem cantar de tam rico Thesouro,
Que a quem tal nome soa
Como lhe ha de faltar verde corôa?

Nesta Estrofe estaõ dous exemplos; o primeiro está no terceiro, e parte do quarto verso, onde se naõ acha virtude, ou vicio: o segundo consignado no derradeiro hendecasyllabo tem mais artificio, e por consequencia mais belleza; no penultimo verso está o verbo *soar* activamente: he erro de lingua, porque este verbo sempre foi neutro no nosso Idioma, assim como no Latim, postoque algumas vezes o faça Virgilio activo por licença de metro. Se me disserem, que o relativo *quem* he dativo a que os Grammaticos chamaõ de proveito, inda isso naõ salva a incongruencia, porque fica ocioso o outro dativo relativo *lhe*, que faz huma redundancia, ou pleonasmo formal. Se este defeito fosse contrapezado de muitas bellezas, e graças de elocuçaõ, poderia merecer

indulgencia, e ainda mesmo serviria de contraste áquellas para as fazer realçar, assim como os signaes pretos daõ mais vivo realce á brancura do rosto da dama gentil. Mas o estylo de Pedro de Andrade he taõ destituido de merecimento, que regeita todo o favor da critica mais indulgente. Toda a passagem he mediocre, mas o estylo he claro, e os versos cadentes. Na dedicatoria da Ecloga de Protheo:

Comtigo era, e loureiro vaõ crescendo
Desejosos de em ti se estarem vendo.

Nestes dous versos está expressado o conceito, que vimos combinando, mas por expressaõ muito remota vem a dizer: — Vaõ crescendo era, e loiro para te coroarem; — que he o que quer dizer a frase — *em ti se estarem vendo.* — O estylo he puro, e elegante, e harmonico.

Passemos a ver Camões nesta expressaõ: observemos a belleza, e a elegancia com que ornou a sua dicçaõ neste genero de pintura, e a variedade que dava á sua expressaõ. Na Elegia á Paixaõ de Jesu Christo se representa huma imagem, cuja semelhança com a do Sá do Miranda está em razaõ inversa com summo, e admiravel artificio. Fallando pois de Jesu Christo diz:

O teu rosto de cuja fermosura
Se veste o Céo, e o Sol resplendecente.

O sublime desta pintura tem maiores quilates que a do Sá de Miranda, no que se conforma com o assumpto. Lá he a Virgem vestida de Sol: cá he o Sol, e o mesmo Céo vestidos, ornados, ou recebendo todo o resplendor da formosura de Jesu Christo, isto he, do mesmo Deos: idéa verdadeiramente grande, e sublime, de que me naõ lembra exemplo na antiguidade. O estylo he puro, e culto, nobre, e harmonioso, igual em tu-

da

do á mageſtade do conceito ; aſſim ſe naõ viſſe elle alguma couſa desfigurado no verſo, que ſe lhe ſegue com a baixeza do participio — *paſmada* , — e com a dureza conſignada no encontro dos dous *aa* no fim do terceiro verſo. Na bella Ode I. á Lua imitada de Bernardo Taſſo :

Detem hum pouco, ó Muſa, o largo pranto,
Que Amor te abre do peito,
E veſtida de rico, e ledo manto &c.

Aqui temos nova applicaçaõ da meſma fraſe toda em ſentido metafyſico : metafyſico o vocabulo *Muſa* ſymbolo mental das Sciencias, e Artes ; metafyſico os termos *pranto*, *amor*, *peito*, *manto*, como applicados a hum ſugeito todo ideal : mas conſideremos ao meſmo paſſo como huma grande imaginaçaõ tudo avulta, tudo anima, quando ſe ſente agitada das mais ſublimes impulsões. As côres deſta pintura ſaõ as mais vivas, e bellas : o eſtylo o mais puro, e harmonico que imaginar ſe póde. Quadro que tem aſſaz de ſemelhança com o do Poeta Sá, mas variado com bizarria propria do mais ſublime pincel, que as Muſas illuſtráraõ em toda a Eſpanha, he o que ſe acha na Ecloga II., onde ſe vê deſenhada a manhãa com tal vivacidade de côres, onde nunca ſe chegou :

Fermoſa manhãa clara, e deleitoſa,
Que como freſca roſa na verdura
Te moſtras bella, e pura . . . .
. . . . c'o teu roſto
De ouro, e roſas compoſto, e claridade.

Naõ ha payſiſta cuja deſtreza de pincel exprima com mais ſuavidade, e viveza de tintas a formoſura de huma bella manhãa da primavera. O exemplo eſtá no derradeiro verſo, e parte de outro : o participio *compoſto* faz

faz o mesmo effeito, que no Sá de Miranda o participio *vestido*: o abstracto *claridade* corresponde a *Sol*. Toda a dicçaõ he pura, culta, e harmonica em gráo supremo. Naõ sou de parecer de Manoel de Faria e Sousa, que naõ approva este genero de metrificaçaõ com tal vizinhança de rima: quando os versos saõ taes como estes de Camões, naõ ha qualidade de metro que lhe desfigure a belleza: antes daqui se poderá tirar hum bello argumento para se estabelecer a rima de dous em dous á maneira dos Francezes, Inglezes, e de todo o Norte, porque este uso facilitaria mais as operações metricas, sem se ver o Poeta em tortura por causa dos consoantes, nem obrigado a fechar o sentido em certos lugares, podendo terminallo em qualquer parte, como bem lhe parecesse, e dar variedade aos periodos, ás cesuras, e ás simulcadencias, fazendo ao mesmo tempo o estylo unido, o que naõ succede no commum dos poemas de Italia, Castella, e Portugal escritos em Oitava rima, e em Tercetos, cuja desuniaõ he taõ visivel, que do seu estylo se póde dizer o mesmo, que a maledicencia do Emperador Caligula proferio do de Virgilio, que era arêa sem cal. E se hum Ariosto, hum Tasso, e hum Camões se assinaláraõ tanto na Oitava rima, he porque fôraõ astros da primeira grandeza na Poesia, e Deos sabe em quanta tortura se veriaõ para evitar estes defeitos; o que muito bem se patenteia das Cartas de Torcato Tasso a muitos varões sabios, que lhe ajudáraõ a corrigir a sua Gerusalém. Esta tentativa foi já feita pelos nossos Seiscentistas, que viriaõ a conseguir o seu intento se ás suas operações presidisse a feliz combinaçaõ da sciencia, e do genio. Ao menos este uso seria incomparavelmente melhor, mais bello, e proveitoso do que o do verso solto, cuja seccura, excepto nos poemas dramaticos, diminue o interesse, e faz pouco attendivel a Poesia a que se daõ muitos sem genio, nem saber, pela facilidade que lhe offerece este genero de metrificaçaõ de que nos vemos inundados. Com tudo naõ obstante os in-

inconvenientes que na oitava rima ficaõ indicados, ella sempre será a mais respeitavel de todas as metrificaçõ̃es, a mais conveniente a todo o genero de Epopéa, e poemas de grande estructura, e a que offerece mais variedade no estylo, por isso mesmo, que de quatro em quatro, de oito em oito repoisa o leitor, e descança o espirito; attendendo á natureza do hendecasyllabo, e á precisissima necessidade do seu uso na Poesia. No Canto VI. da Lusiada, Estança 59. vem huma passagem, que na expressaõ tem analogia com a que vimos comparando, a saber:

Mas aquella a quem fôra em sorte dado
Magriço que naõ vinha, com tristeza
Se veste . . . .

Julgo que nesta expressaõ está a proposiçaõ *com* pela proposiçaõ *de*, que algumas vezes se usa; e esta construcçaõ parece-me mais poetica, e ainda mesmo mais Portugueza: aliàs tambem a particula *com* póde estar nesta oraçaõ com absoluta congruencia, ficando a inflexaõ *se veste* absolutamente reciproca; e nesta consideraçaõ, naõ vem esta clausula de modo algum para a nossa combinaçaõ. Seja como for, a passagem nada tem de extraordinario, e naõ nos serve aqui senaõ para mostrar mais huma diversidade de expressaõ. A seguinte passagem na Estança 63. do mesmo Canto prova a nossa conjectura a respeito da preposiçaõ *com* em lugar da preposiçaõ *de*:

A dama como vio, que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome, e fama,
Se alegra, e veste alli do animal de Helle,
Que a gente bruta mais, que a virtude ama.

Lá em cima diz que a dama se vestio com tristeza, isto he, se vestio de negro; e aqui diz que logo se vestio de brocado de ouro, *do animal de Helle*, ou de amarello,

que,

que, assim como o encarnado, he côr propria do regozijo. Esta frase he hum dos mais notaveis attrevimentos de elocuçaõ, que se encontraõ na nossa Lingua; certamente naõ tem a Poesia de Pindaro maiores audacias, a pezar da liberdade, que lhe dava huma lingua a mais abundante de expressões figuradas. Estes rodeios sublimes saõ rasgos, que acompanhaõ o furor da fantasia altamente agitada pela impulsaõ de hum enthusiasmo verdadeiramente grande, verdadeiramente inspirado, que para se exprimir conforme a dignidade da sua concepçaõ, cria novas formulas, e nova linguagem. Assim como o vemos na seguinte passagem de Virgilio no I. Livro da Enéada versos 743.

. . . . Ille impiger hausit
Spumantem pateram, *et pleno se proluit auro.*

Que pouco mais ou menos diz o seguinte:

Elle a espumante tassa ardente bebe,
E se mergulha *no ouro* refulgente.

Ou deste modo, que talvez mostre com mais energia a audacia da translaçaõ:

Elle a espumante tassa ardente bebe,
E no ouro cheio em fim se lava, e *embebe.*

Destas, e outras passagens, que se achaõ nesta Epopéa, e em outras mais obras dos nossos melhores Poetas, se poderia formar huma norma racional de elocuçaõ Lyrica, que sendo ao mesmo passo nobre, em nada se affastasse do systema elementar do nosso Idioma. Mas isto naõ poderia ser estabelecido senaõ pela decisaõ illuminada de huma Academia, ou de huma pessoa de grande engenho, e luzes, onde o bom gosto, e a Filosofia presidisse a semelhantes opperações. — *Se veste alli do-*

ani-

animal de Helle --- he frase cheia de tal enfase, que para se explicar he preciso a presente parafrase. „ Veste-„ se de roupa bordada de ouro, cuja côr se parece com „ a da lãa do carneiro, em que fugio Helle ás furias „ de Athamante. „ De hum tal, e taõ sublime laconismo he capaz a nossa Lingua, cuja cópia, e harmonia se fosse analysada pelas mais profundas especulações da Filosofia do genio, assim como tem sido os Idiomas sabios, poderia applanar o caminho a muitos engenhos, para chegarem a produzir obras dignas de augmentar o credito da mais bella, talvez, e mais harmoniosa de todas as Linguas vivas. De hum trabalho taõ engenhoso, como util, se poderíaõ deduzir observações sabias, e acertadas, que ao mesmo tempo determinassem o estylo do Poema Tragico, Lyrico, e Didactico, que taõ pouco determinados se achaõ, especialmente o Tragico, no qual se naõ sabe pôr onde se ha de entrar, nem sahir: podiaõ-se assignar as harmonias concernentes a cada genero, e de caminho aliviar o Idioma de algumas anomalias e corruptellas, que se oppoem á pureza dos seus elementos: os dous primeiros versos saõ de estylo simples, mas extremamente culto, e harmonico, com o qual faz hum excellente contraste a nobreza da frase dos dous, que se lhe seguem, cujo penultimo, sendo, como dissemos, modello de expressaõ poetica, tem elegancia, e harmonia em gráo suppremo; e o derradeiro, sobre ser elegantissimo, culto, e harmonioso, contém a pintura de hum defeito, que tantos estragos tem causado no moral da Naçaõ Portugueza, onde as riquezas tem o merecimento de todas as virtudes, e talentos, que commummente saõ pouco attendidos. Mas onde veremos huma expressaõ cheia de elegancia, e força, semelhante á do Poeta Miranda na representaçaõ de idéa metafysica, he no X. Canto, Estança 118 de Lusiada:

Choráramte Thomé o Gange, e o Indo;
Choroute toda a terra que pizaste;
Mas mais te choram as almas, que vestindo
Se hiam de santa Fé, que lhe ensinaste.

Onde he que se póde achar huma força de pathetico taõ cheia de interesse taõ amavel, e enternecido como nestes a todos os olhos maravilhosos versos? Este artificio de expressado he lugar commum summamente nobre, e engenhoso, usado de todos os Poetas antigos e modernos, e em especial de Camões. Os dous primeiros versos saõ de simplicidade, pureza, e harmonia digna de Homero. Nos outros dous que se seguem, se inclue a expressaõ que vimos comparando — *as almas que vestindo se hiam da santa Fé.* — Tudo nesta oraçaõ he metafysico; metafysico o sugeito *almas*, metafysica a consequencia da acçaõ do mesmo sugeito, *Santa Fé.* Esta elegancia he rarissima, nem eu me lembro de a ter encontrado jámais, senaõ em Camões, que talvez que em lugar de *vestindo* puzesse *munindo*, ou desse esta intelligencia áquella inflexaõ. Estes dous ultimos versos, postoque bons, naõ tem tanto merecimento como os primeiros. Outra expressaõ cheia de força analoga (nas palavras sómente) á do Miranda se vê no Canto IX. da Lusiada, Estança 60.

Pois a tapeçaria bella, e fina
Com que se cobre o rustico terreno . . . .

Saõ dous excellentes versos, onde o verbo *cobre* corresponde ao particio *vestida* em Sá de Miranda. Elegancia, cultura, e harmonia. Este modo de fallar se vê com diversa expressaõ na Lusiada Canto IX. Estança 54.

Trez fermosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo *esmalte se adornavam.*

Bellos, e elegantissimos versos! — *Soberba graciosa* — he elegancia, que só podia sahir da penna do grande Camões: mas que diremos do terceiro verso? Naõ he o seu estylo absolutamente novo, e desconhecido, naõ só dos Escritores, que precedêraõ a Camões, mas tambem dos seus contemporaneos? Como naõ acháraõ Miranda, e Ferreira, sendo taõ sabios nas Linguas mortas, a bellissima, e admiravel elegancia *gramineo esmalte*? Como a naõ achou Bernardes? Naõ fallo já no Caminha, que era Poeta de menos instrucçaõ. Naõ liaõ elles a Enéada de que mostravaõ ter tanta liçaõ? Naõ achavaõ elles no Livro V. verso 286. *gramineum in campum*: no Livro VI., versos 642. *gramineis palestris*: no VII., versos 106. *gramineo ab agere*: no VIII. versos 176. *gramineo sedili*: no XI., versos 566. *gramineo de cespite*: no Livro XII., vesos 118. — *Diis communibus aras gramineas.* —? Logo como achou sómente Camões esta elegancia taõ digna da Poesia Épica? Era por ventura mais sabio que aquelles? Sim: era mais sabio, e muito mais auxiliado do bom gosto, que he só filho do engenho nobre, e naõ vulgar. O termo *esmalte* inda naõ tinha no tempo de Camões o maior uso: consagrou-o este grande Poeta ao sublime da Poesia, e neste lugar faz huma elegantissima frase, combinando este substantivo com o adjectivo *gramineo*, que he cheio de força, e numero, o qual troxe Camões do Latim para o Portuguez, e rarissimamente se vê usado até aos nossos tempos, porque tambem saõ rarissimos os Poetas sabios, que adornem o seu espirito de conhecimentos necessarios para escreverem para a immortalidade. Devêra-se adoptar pelos doutos — *graminella*, e *gramineira*: — vocabulos expressivos, e sonoros, que tem a mesma origem, que o adjectivo *gramineo*,

neo, os quaes ſó andaõ deſterrados na bocca dos camponezes de Loires até Obidos, que veroſimilmente os recebêraõ dos doutos na Lingua Latina. Eſta meſma expreſſaõ, mas com diverſidade ſe vê aa Ecloga II.

Toda a terra eſmaltada deſtas roſas.

Neſta eſtá o adjectivo em lugar de ſubſtantivo. Verſo elegante, e numeroſo. Segue a fraſe — *coroada de Eſtrellas.* — Vejamos como eſte grande engenho exprimio o meſmo na Ode I.

Tu que de fermoſiſſimas eſtrellas
Coroas, e rodeas
Tua candida fronte, e faces bellas.

Onde ſe acha na Poeſia antiga pintura mais bella, e mais expreſſiva? Que mais viveza daria a huma igual pintura o pincel de Ticiano o primeiro de todos os pintores, que com mais liberalidade roubou o colorido á natureza? Ponhamos a de Sá de Miranda — *de Eſtrellas coroada*; — comparemos com a ſimplicidade, ou por melhor diber, com a pobreza deſta, a cópia, a magnificencia de Camões: naquella vemos o ſubſtantivo *eſtrellas* ſem accidente: neſta apparece o meſmo acompanhado de hum ſuperlativo, que deſigna huma qualidade, e lhe dá brilhantiſſimo colorido: na primeira vemos o participio *coroado*, formando o centro da expreſſaõ; neſta ſe appreſenta o meſmo verbo n'huma inflexaõ recta, ou poſitiva ampliada com outra do verbo *rodear*, que aclara, e dá toda a luz á idéa, ou propoſiçaõ incluida na inflexaõ *coroas*; tendo além diſſo expreſſa a conſequencia nos termos *fronte*, e *faces* acompanhados dos dous bellos adjectivos *candida*, e *bellas*; o primeiro pintando hum accidente, e o ſegundo hum attributo, tudo com a maior e mais elegante harmonia de tintas, e de elocuçaõ poetica, couſas que naõ ſe moſtraõ tanto na do Poeta Sá, por-

porque além de hir ſeguindo ſervilmente a fraſe do Apocalypſe, naõ o ajudava o genio, que deſenvolvendo-ſe n'alma do grande Camões com aquella energia, que ſó ſe manifeſta nas fantaſias extraordinarias, lhe fez crear quaſi huma nova linguagem, nova rima, e novas combinações harmonicas. Elegancia, e pureza, cultura, e harmonia ſaõ as graças deſta, por tantas razões, admiravel pintura. Outra de igual força de colorido, ſe vê na Ode IV., Eſtrofe 16.

E de ouro guarnecidas,
Voſſas louras cabeças leuantando
Sobre as ondas erguidas.

A ſemelhança de fraſe eſtá no primeiro, e parte do ſegundo verſo. Na pintura ſuperior eſtaõ os verbos *coroar*, e *rodear*, fazendo o centro da propoſiçaõ: neſta o verbo *guarnecer* na inflexaõ de participio eſtá exprimindo a meſma idéa, cujo colorido ſe aviva no ſubſtantivo *ouro*, e no adjectivo *loiras* accidente, que faz realçar a voz *cabeças*, regime natural do gerundio *levantando* cuja deſinencia conſtitue a parte mais eſſencial da harmonia do hendecaſſyllabo, onde ſe acha. A fraſe deſta pintura he ſummamente culta, e perſpicua, e os verſos tem a mais encantadora harmonia, eſpecialmente no derradeiro ſeptenario. Com alguma differença ſe moſtra no Canto IX. da Luſiada Eſtança 89.

Os triunfos, a fronte coroada
De palma, e louro . . . .

Eis-aqui eſtá o verbo coroar em inflexaõ do participio: em lugar de *eſtrellas* eſtá *palma* e *louro*: Pureza, e harmonia. Outra pintura com mui notavel differença, mas com viſivel analogia ſe acha no fim do Soneto 187.

E por-

E porque immortal sejas, eis Apollo
Te offerece de flores coroa,
Que já de longo tempo te guardava.

O exemplo está no segundo verso: o terceto he felicissimo fecho digno de hum taõ bello Soneto, que foi feito em louvor do celebre Manoel Barata, a mais insigne maõ de penna, que se conheceo na Europa até ao seu tempo. Compoz este huma Arte de Escrever digna de estimaçaõ, pela verdade, e simplicidade dos preceitos, e pela elegancia, e proporções da sua letra, onde se mostra mais a modestia, do que a liberalidade, que tanto resplendece nos rasgos admiraveis dos caracteres Inglezes. Bem sabía o grande Camões, que a Arte de Escrever com gentileza, e bizarrìa de caracter he huma prenda digna de todo o homem de bom gósto, e que deve ser estimada, e ainda mesmo louvada por hum modo extraordinario, assim como elle o fez, que nesta materia mostrava ser bem destro, como provaõ huns argumentos manuscritos da primeira ediçaõ da Lusiada, que possuo, os quaes tenho para mim serem da maõ do mesmo Camões, porque o caracter he o mesmo, que o do Mestre Barata, cuja Arte he hum composto de preceitos, e reflexões sensatas todas extrahidas da sua experiencia, e naõ como as miseraveis Artes, que se tem publicado ha annos a esta parte de Professores ignorantes, que naõ fazem senaõ trasladar, e ainda isso muito mal, acompanhando os ditos chamados preceitos com traslados dignos de todo o desprezo, pelo mal executado, fazendo esforços impotentes, porque naõ se acháraõ ajudados do genio, para imitar os exemplares dos grandes Mestres Inglezes, e os do tambem grande Filippe Neri, nosso Portuguez ha dous annos fallecido, cujas letras naõ saõ capazes de imitar. Sejá desculpada esta pequena digressaõ ao amador de huma arte, na qual poderia dizer, e executar novidades, talvez ignoradas dos que a professaõ entre

tre nós. Esta imagem tem toda a vivacidade; o monosyllabo *eis* designa idéa de acçaõ repentina, que neste lugar faz maravilhoso effeito, apparecendo Apollo de improviso na scena com a corôa de loiro para coroar o merecimento de hum Mestre taõ insigne na penna; e prepara hum motivo racional da proposiçaõ anterior; tudo consignado em estylo facil, culto, e harmonioso.

Resta-nos examinar donde nascêraõ estas formulas. He certo que para conseguir em semelhantes assumptos convém muito a leitura dos Livros Sagrados, cujo estylo offerece muita quantidade de expressões sublimes, que imitadas por hum engenho habil, dá muita gravidade, e nobreza á composiçaõ. Isto fizeraõ todos os grandes Escritores que tratáraõ argumentos Sagrados, como: — Tansillo, Tasso, Racine, Metastasio, Camões, e outros muitos. Todo este quadro he tirado do principio do Capitulo XII. do Apocalypse: — *Et signum magnum apparuit in coelo: mulier amicta sole, et luna sub pedibus ejus, et in capite ejus corona stellarum.* — *Vestida de Sol* — esta elegancia corresponde á seguinte de Haracio, Livro I, Ode II.

. . . . tandem venias, precamur.,
Nube cadentes *humeros amictus*,
Augur Apollo.

Que pouco mais, ou menos dizem o seguinte:

Nós, fatidico Apollo, te rogamos,
Que *vestido de etbereos resplendores*
Nos venhas dissipar nossos terrores.

A elegancia — *coroada de estrelias* — além de ser a mesma, que vem na passagem do Apocalypse acima transcripta, tambem tem assaz de analogia com a seguinte de Horacio, Livro I. Ode IV.

Nunc

Nunc decet aut viridi nitidum caput impedire myrto,
Aut flore . . . .

Cujo ſentido he o ſeguinte:

Convém que agora a nitida cabeça
De flôr, e myrto ornada reſplendeça.

Porém mais antigos que todos eſtes ſaõ os ſeguintes lugares do Pſalmiſta, donde naſceo a ſublime expreſſaõ do ſublime Evangeliſta no Apocalypſe. No princio do Pſalmo XCII.

Dominus regnavit, decorem indutus eſt, indutus eſt dominus fortitudinem, et praecinxit ſe.

Veſtido de reſpeito alto, e ſublime,
No Céo reina o Senhor d'alta grandeza,
E veſtido de ſumma fortaleza
Tudo modera em fim, tudo reprime.

Pſalmo CIII.

Confeſſionem, et magnificentiam induiſti, amictus lumine ſicut veſtimento.

De tua gloria, e auguſta mageſtade
Te veſtiſte, Senhor, taõ altamente,
Que o teu veſtido claro, e refulgente
Era lume de immenſa claridade.

Á palavra *confeſſionem* dei a ſignificaçaõ de gloria; ou agrado, ſegundo a expreſſaõ ἐξομολόγησις do texto Grego. No meſmo Pſalmo:

Aby-

Abyssus sicut vestimentum amiccus ejus.

De immensidade, de inclyta excellencia
Se veste a Soberana Omnipotencia.

De todas as pinturas desta qualidade, que temos combinado, as mais bellas saõ as de Camões, especialmente a da Ode primeira, que começa: — Tu que de fermosissimas estrellas. — Porém, julgando como devo, nunca achei em todos os Poetas, que tenho lido pintura mais bem traçada, e cheia de côres mais brilhantes neste genero do que à do Torcato Tasso, na invocaçaõ da Gerusalém:

Ó Musa, tu che di caduchi allori
Non circondi la fronte in Helicona:
Ma sù nel Cielo infra i beati Cori
Hai di stelle immortali aurea corona.

Venturoso daquelle, que tem a felicidade de conceber partos taõ admiraveis! Venhaõ todos os trabalhos, todos os flagellos, com que a vida, sem amparo, nem protecçaõ alguma costuma ser agitada, que para quem for deste modo favorecido da natureza, naõ poderá haver calamidade, que o consterne.

Passemos a comparar a seguinte pintura da derradeira Estrofe da dita Cançaõ do Poeta Miranda:

Virgem . . . .
Certa porta do Céos, dos valles lyrio.

Tambem he frase da Escritura, que em seu lugar apontaremos. Contém esta pintura duas elegancias bellas, de bella, e harmoniosa linguagem. — *Porta do Céo* — he

 hu-

huma expressaõ symbolica, que designa medeaçaõ da Senhora para com Deos, a quem appresenta as supplicas dos peccadores. — *Dos valles lyrio* — expressaõ tambem symbolica, a qual exprime collectivamente diversidade de attributos. Neste sentido naõ será facil achar nos Poetas da nossa analyse, elegancias correspondentes a estas; mas como o principal argumento deste *Escrito* naõ se estende a mais do que ao estylo, parece que o som, e a combinaçaõ das vozes deve unicamente ser o objecto das nossas observações, sem nos embaraçarmos escrupulosamente com as abstracções que representaõ; pois huma frase naõ deixa de ter semelhança, ou analogia com outra, posto que o sentido tenha differença no moral, ou no fysico; no ideal, ou no material.

Vamos a ver como o sabio Ferreira manejou esta formula de elocuçaõ. Na bella Ecloga dos *Segadores* vem a seguinte passagem, cuja semelhança com a do Sá de *Miranda* he só nas palavras, inda que por huma refinaçaõ de idéa se lhe poderia achar analogia no sentido:

Eis, que por outra parte apparecia
Celia abrindo ao mundo outro Oriente.

Porta do Céo O sugeito desta elegancia está reduzido a acçaõ no gerundio *abrindo* na de Ferreira, cuja hyperbole parecerá excessiva a quem naõ estiver familiarizado com este genero de elocuçaõ. Contém pois esta pintura huma comparaçaõ entre a formosura de Celia, e a da manhãa com bello, e harmonioso laconismo poetico, animando ao mesmo tempo por sublimaçaõ fantastica o termo Oriente, em contraposiçaõ de outra pintura cheia de amenidade a mais simples, e amavel, a qual he a que se segue:

Puzme a olhar a manhãa como sahiá
Alva, e rosada, e tam resplendecente.

Na Ecloga primeira se mostra outra pintura, cuja analogia he evidente, posto que com applicaçaõ menos sublime:

> . . . . nunca taõ cerrado
> Esteve Jano, que d'antes solia
> Abrirse a cada passo . . . .

A semelhança está na acçaõ desta passagem, que subsiste no participio *cerrado*, e no reciproco *abrir-se*. *Jano* está aqui por — *templo de Jano* — que no tempo de paz estava fechado. Toda esta passagem he huma abstracçaõ do material para o ideal. O estylo he prosa rasteira. Outra expressaõ com analogia expressa em acçaõ se vê na seguinte da Elegia do *Amor perdido*:

> Ergome á pressa; e de magoa cortado
> Lume accendo, *abro a porta*, entra tremendo
> O moço todo frio, e enregelado.

Bellissima pintura, onde respira a simplicidade amavel do orininal. A frase que nos serve de exemplo está neste lugar em sentido proprio. O primeiro verso he picturesco na harmonia, que naõ se acha assaz notada na sua principal accentuaçaõ, conformando-se nisso com a idéa anterior: se esta operaçaõ foi acaso, feliz casualidade, e se o naõ foi, muito mais feliz reflexaõ, que abona a sagacidade do artifice. O segundo tambem pinta com assaz de viveza na derradeira clausula — *entra tremendo*, — pelo concurso feliz da ultima syllaba da primeira dicçaõ com a primeira da que se lhe segue. Propriedade, pureza, e harmonia, saõ as virtudes desta pintura.

Passemos á segunda elegancia — *dos valles lyrio.* — Ferreira no Epithalamio tem hum exemplo na seguinte passagem o qual tem analogia com o de Sá de Miranda, naõ no conceito, mas sim nas palavras:

Como o lyrio fermoſo no cerrado
Horto, c'o brando Sol, c'o orvalho crece;
Nunca o gado o tocou, paſtor, arado,
Sombra, ou geada, ou vento naõ lhe empece;
Das moças he, e dos moços deſejado,
Mas ſe o mam toca, ſecca, o ſe emmurcheſſe:
Tal he a dama antes que he caſada.

A cauſa porque tranſcrevo toda eſta paſſagem adiante o direi. O exemplo eſtá no primeiro verſo com analogia de palavras, o qual exprime com mais delicadeza, e propriedade do que a elegancia — *dos valles lyrio.* — Sendo todos os verſos deſte lugar cadentes, o ſeu eſtylo nada tem de facil: moſtra-ſe conſtrangido na paſſagem do primeiro para o ſegundo verſo: na do ſegundo para o terceiro por falta de hum relativo, que ligue o periodo conteudo nos primeiros dous verſos, do qual tem dependencia o que ſe lhe ſegue. Accreſce a iſto a ſeccura dos tres ultimos verſos, e tudo junto faz ſummamente arida huma pintura taõ bella, e amena, que deſde que appareceo pela primeira vez em Catullo no Poema das Nupcias de Julia, e Manlio, ficou ſendo as delicias de todas as peſſoas de Goſto nas Bellas Letras. O lugar he o que ſe ſegue:

Ut flos in ſeptis ſecretus naſcitur hortis,
Ignotus pecori, nullo contuſus aratro,
Quem mulcent aurae, firmat Sol, educat imber:
Multi illum pueri, multae cupiere puellae.
Idem, cum tenui carptus defloruit ungui,
Nulli illum pueri, nullae cupiere puellae;
Sic virgo dum intacta manet, dum cara ſuis. Sed
Cum caſtum amiſit, polluto corpore, florem,
Nec pueris jucunda manet, nec cara puellis.

A pertençaõ van, que Ferreira teve de incluir em 7.
Hen-

Hendecasyllabos Portuguezes 9. Hexametros Latinos cheios de cópia, e força, foi causa da seccura que reina em toda a estructura do seu quadro: naõ sabia elle, que esse privilegio só era concedido á grandeza de hum engenho tal como o de Camões, que em 8. Hendecasyllabos Portuguezes incluio 8. Hexametros Latinos, que raramente se pódem traduzir em menos de dezeseis nas Linguas vulgares, como bem advirtio o sabio Manoel de Faria e Sousa? Ora seja-nos desculpado transcrever os lugares tanto de Virgilio, como de Camões, cuja confrontaçaõ póde dar muita luz aos Poetas vindouros, e facilitar as suas operações metricas em semelhantes circumstancias, pelo conhecimento de huma theoria exacta, e luminosa. Enéada Livro VIII. versos 675.

In medio classes aeratas, Actia bella
Cernere erat: totumque instructo Marte videres
Fervere Leucaten, auroque effulgere fluctus.
.. Hinc Augustus agens Italos in proelia Caesar....
Hinc ope barbaricâ, variis Antonius armis,
Victor ab Aurorae populis, et littore Rubro,
AEgyptum, viresque Orientis, et ultima secum
Bactra vehit, sequiturque (ne fas!) AEgyptia conjux.

Naõ ha verso neste quadro que naõ seja digno de Virgilio, do Poeta da razaõ, do maior de todos os Poetas da antiguidade, depois de Homero. Vejamos agora, como esta elegante, e sublime Poesia foi traduzida com os mesmos caracteres do original pela grande penna do Virgilio Portuguez na Estança 53. do Canto II. da Lusiada:

Nunca com Marte instructo, e furioso,
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas civís Accias guerras animoso,
O Capitaõ venceo Romano injusto;
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactro Scitico, e robusto,

A vi-

A victoria trazia, e preza rica,
Preso da Egypcia linda, e naõ pudica.

Ainda querem ver Poesia mais elevada, mais cheia de fogo, e movimento? Vamos por partes. *Marte instructo, e furioso*, he traducçaõ de *totumque instructo Marte* com hum epitheto de mais, *furioso*, que augmenta a força do colorido, sobre a novidade do participio *instructo*, com que este sublime Poeta enriqueceo o nosso Idioma, de sorte que nesta elegancia fica a Latina excedida da Portugueza. — *Se vio ferver Leucate* — he traducçaõ de — *videres fevere Leucaten.* — *Quando Augusto, Nas civís Accias guerras animoso*, — he tambem de — *Actia bella .... Hinc Augustus agens Italos* — conhecidamente superior a esta do Epico Latino pela harmonia, e pela força do adjectivo *animoso.* — *O Capitaõ venceo Romano injusto.* — Tambem esta excessivamente se avantaja á que traduz — *Antonius* — que, sem nomear este regime do verbo *venceo*, o faz conhecido pelos accidentes caracteristicos. — *Que dos povos da Aurora* — he traducçaõ da formula — *ab Aurorae populis*, — assim como — *e do famoso Nilo* — he de — *littore Rubro* — *AEgytum*, onde acho mais sublime a elegancia Portugueza na metonymia *Nilo* por Egypto, que he certamente mais poetico, sobre ser combinado com o predicado *famoso*: tambem se deve reparar na discriçaõ com que o Poeta Portuguez deixou de traduzir a clasula — *littore rubro* por ocioía, estando *AEgyptum.* — *do Bactro Scitico, e robusto* — he a formula Latina — *et ultima secum Bactra vehit*: posto que a traducçaõ naõ exprima a idêa incluida no adjectivo *ultima*, eu acho com tudo a formula portugueza mais forte, e mais poetica nos dous adjectivos *Scitico, e robusto*; se bem que a palavra *ultima* suscita na intelligencia huma idéa de extensaõ, exprimindo longinquidade, por assim dizer, que faz a expressaõ bem attendivel. — *A victoria trazia* — tambem acho este membro

mais

mais significativo, e poetico do que o simples *victor* do original Latino. — *Preso da Egypcia linda*, — tambem excede a clausula latina que traduz, — *Sequiturque AEgypcia conjux* : o excesso está no predicamento expressado na voz *linda* que quer dizer formosa em gráo subido, a qual idéa se naõ acha no original. — *Naõ pudica* he traducçaõ do admirativo *nefas*, cujo sentido tambem se póde referir á aversaõ, que os Romanos tinhaõ a casamentos com estrangeiras. Tambem o adjectivo *pudico* foi introduzido no Idioma pelo grande Camões. Naõ ha duvida que a traducçaõ naõ expendeo as seguintes formulas do original : — *in medio classes aeratas*, — *auroque effulgere fluctus*, — *ope barbarica* — *littore rubro*, — as quaes elegancias o nosso Poeta julgou meros ornatos naõ essenciaes ao todo, e por isso os naõ introduzio no seu quadro, e lhes substituio outras formulas, que saõ necessarias á pintura, e naõ se achaõ no texto, as quaes saõ: — *furioso* — *civís* — *animoso* — *Romano injusto* — *famoso Nilo* — *Scitico* — *robusto* — *linda* — *e naõ pudica*. — De sorte que estas nove elegancias portuguezas saõ bellas, saõ muito poeticas, absolutamente essenciaes ao contexto da pintura, e á vivacidade do seu colorido, por cujos motivos julgo, que a passagem do Epico Portuguez excede visivelmente a do Latino, a quem, despido de todo o genero de superstiçaõ, consagro o maior respeito. Vejamos agora, como o grande Tasso imitou este mesmo lugar; calculemos a marcha das suas operações; as formulas, que empregou, as que rejeitou, e as que admittio proprias suas. O lugar he na *Gerusalém* Canto XVI., Estança 4.

D'incontro un mare; e di canuto flutto
Vedi spumanti i suoi cerulei campi:
Vedi nel mezzo un doppio ordine instrutto
Di navi, e d'arme: e uscir dall' arma i lampi.
D'oro fiammeggia l'onda; e par che tutto

D'in-

D'incendio marzial Leucate avvampi:
Quinci Augusto i Romani, Antonio quindi
Trae l' Oriente, Egizi, Arabi, ed Indi.

Todo aquelle que tiver exacto conhecimento das Bellas Letras fundado na mais curiosa, e miuda investigaçaõ da theoria, e muito mais da practica movida das doces e poderosas impulsões do Genio, naõ deixará de conhecer, que esta imitaçaõ do Tasso he inferior á do Camões: que a deste abrange todas as partes essenciaes, e que mais se avultaõ no original; a daquelle, resplendecendo mais nas partes de mero ornato, omitte algumas das principaes: por exemplo: Naõ exprime a formula indicativa — *actia belli*, — que he huma das principaes, e a que dá a conhecer o assumpto do quadro: Naõ exprime tambem o laconismo sublime da formula — *instructo Marte*, — que debilita, e enfraquece pela frase — *un doppio ordine instrutto.* — O mesmo succedeo á clausula — *fervere Leucaten*, — expressaõ cheia de força, e sublimidade, que tambem se mostra enfraquecida pela longa, posto que elegantissima, perifrasis — *e par che tutto D'incendio marzial Leucate avvampi.* — Tambem omittio a clausula — *Victor ab Aurorae populis*, — que exprime huma circumstancia que realça a força da expressaõ total da pintura. O mesmo se vê em — *Bactra vehit*, — em — *nefas*, — em *AEgyptia conjux*, de quem naõ faz mençaõ alguma, e a penas se lembra desta ultima com muita debilidade de parecença no fundo da estança que se segue. Accrescentou ao quadro as formulas seguintes, que nada augmentaõ na totalidade da pintura, e só devem ser consideradas como ornatos: — *Canuto flutto* — combinaçaõ pouco harmonica, especialmente no fim de verso; — *spumanti.... cerulei campi*; — *doppio ordine instrutto*, — *uscir dall' arma i lampi*, — *incendio marzial.* — Recopillando pois o meu parecer sobre o merecimento das traducções destes dous Epicos taõ famosos na Republica das Letras,

tras, digo, que Camões traçou com maravilhosa viveza, e liberalidade as circumstancias de maior vulto; e o Tasso retratou com mais miudeza as graças locaes, que naõ formaõ as grandes feições do todo: assim o primeiro esmerou-se no geral, e o segundo no particular. Tornemos ao assumpto primeiro. Talvez que o exemplo do Ariosto, que no I. Canto do Furioso imitou este lugar de Catullo, movesse o Ferreira a executar o mesmo; porém essa tentativa foi como a de hum minino querer derribar hum gigante. O genio de Ferreira era limitado, e só á luz de muita sabedoria póde ter hum andamento elevado. O Ariosto era hum daquelles genios privilegiados, que se affeiçoaõ a todas as maneiras; o qual tudo executava com bizarria, e facilidade propria de huma fantasia, que raramente apparece na face da terra, qual a com que executou a imitaçaõ desta bella pintura de Catullo. E posto que parte della já fica transcripta n'outro lugar, naõ será desacertado inxerilla neste, para melhor, e com mais exacçaõ ajuizarmos da mesquinhez do pincel servilmente exacto de Ferreira, e da liberalidade magistral do Ariosto, cuja grandeza de imaginaçaõ, longe de seguir a timida direcçaõ da Arte, sugeita á velocidade dos seus vôos todos os principios elementares, com que a mesma Arte dirige em tudo o commum dos talentos ordinarios:

La verginella è simile a la rosa,
Ch'in bel giardin su la nativa spina
Mentre sola, e sicura si riposa,
Ne gregge, ne pastor si le avicina:
L'aura suave, e l'alba rugiadosa,
L'acqua, la terra, al suo favor s'inchina;
Giòvane vaghi, e donne innamorate
Amano haverne e seni, e tempie ornate.

Ma non si tosto dal materno stelo
Rimossa viene, e dal suo ceppo verde;

 Che

Che quanto havea di gli huomini, e del cielo
Favor, grazia, e belleze, tutto perde:
La vergine che il fior di che più zelo,
Che de begli occhi, e de la vita haver de',
Lascia altrui corre, il pregio ch'avea inanti
Perde nel cor di tutti gli altri amanti.

A liberdade do engenho de Ariosto, fez que elle executasse huma imitaçaõ superior ao imitado, a qual ficasse conservando pela bizarria, e novidade da execuçaõ hum caracter sublime de originalidade, tanto nos pensamentos, como nas expressões; tanto na disposiçaõ dos mesmos pensamentos, como na escolha das vozes, das rimas, e harmonias todas delicadas, e de sons apropriados ao mimo do assumpto. Isto naõ he querer diminuir o conceito, que commumente se faz dos talentos do douto Ferreira: he visivelmente notorio, que elle, posto que aspero e forçado, era hum Poeta muito sabio, que poz grande cuidado em purificar o nosso Idioma de grande numero de corruptellas, de que se achava maculado, e o augmentou de muitas vozes, elegancias, e formulas energicas, e fortes extrahidas dos Poetas Gregos, e Latinos, em cuja liçaõ foi muito versado: mas naõ podia de modo algum competir com Ariosto, e Camões, que devem ser reputados como prodigios. Passemos a examinar outra pintura semelhante, mas com differença de frase na Ecloga I. do mesmo Poeta:

Qual no cerrado *horto he a branca* rosa
Que nunca foi cheirada, nem colhida... &c.

Nesta o sugeito he o substantivo *rosa*, de que usou o Ariosto, na do Sá he a voz -- *Lyrio* -- encostando-se mais ao original de Catullo. Ambos dignos da Poesia, se as formulas de que se compoem o todo das pinturas do douto Ferreira, conservassem hum nexo de igual belleza; que as constituisse dignas do original, assim como

a do

a do Ariosto. A imagem no primeiro verso he tibia por causa da pouca vivacidade do colorido, consignado no accidente *branca*, que com muita facilidade podia ser substituido por outro epitheto de mais força, e amenidade: de sorte que he frio no colorido, e frio na harmonia pelo encontro infeliz de vogaes da mesma quantidade, na quinta e sexta cesura, e na collisaõ desta com as duas vogaes, que se lhe seguem: Nada destes defeitos tem o segundo verso, cuja frase tem muita força, e harmonia. Outra passagem, cuja semelhança só consiste numa analogia remota fundada unicamente na voz *lyrio*, he a seguinte na Ecloga III.

Crinaura minha, mais que o lyrio branca.

Bello laconismo de comparaçaõ, boa frase, boa harmonia, e bom verso.

O bello quadro de Catullo tambem foi imitado do elegante, e harmonioso Cervantes na engenhosa novella da *Guitanilla*. Vejamos como este admiravel escritor imitou na prosa o que taõ liberalmente exprimio o Poeta Latino, imittado com tanta gentileza do prodigioso Ariosto: „ Flor es la de la virginidad, que à ser possible, „ aun con la imaginacion no avia de dexar offenderse. „ Cortada la rosa del rosal, con que brevedad, y facilidad se marchita! Este la toca, aquel la huele, el „ otro la deshoja; y finalmente entre las manos rusticas „ se deshace. „ Esta imitaçaõ he toda resumida: ella recopilla em ponto breve todos os rasgos, que mais se avultaõ no original; e quando procede por partes, iguala, se naõ excede, a pintura Latina no penultimo membro; até que na derradeira clausula apparece ultimamente a palavra *rosa*, emblema da virgindade moribunda, e de todo amortecida. Esta qualidade de prosa tem igual merecimento com a Poesia mais elegante; e he tal a pobreza dos nossos escritores modernos, que naõ se encontra hum só que calcule o andamento da prosa deste au-

thor, nem o do periodo Portuguez, ſegundo a norma, e congruencia filoſofica, que lhe eſtabelecêraõ os Barros, os Sás de Miranda, os Ferreiras, os Coutos, os Camões, e o ſobre todos correcto, elegante, e harmonioſo Vieira; e ſem conſtrangimento imitem as graças, que tanto ſe avultaõ nas proſas deſtes grandes eſcritores. Venha finalmente a parallelo a ſeguinte traducçaõ, que offereço, naõ como modello, certificado da impoſſibilidade de competencia com o Arioſto neſte lugar, poſto que naõ deixe de ter ſuas faltas, e liberdades, a que o obrigou a difficuldade da execuçaõ de huma taõ ſublime pintura, como (por evitar demora) neſta clauſula: — *e de la vita haver de'* —, onde, para ſervir ao conſoante, obriga a pronunciar, como ſe foſſe huma ſó dicçaõ, as duas inflexões verbaes — *haver* e *de'*, — ſupprimindo a eſta algum tanto do ſom aberto, para rimar com *perde*: naõ como modello pois, mas como enſaio de traducçaõ mais chegada ao texto original appreſento as ſeguintes eſtanças, que poderáõ concorrer para lembrarem formulas mais proprias, e liberaes a quem for dotado de engenho idoneo para executar com bizarria ſemelhantes operações:

Bem como flor naſcida em horto ameno,
  Livre de gado infeſto, ou duro arado,
  A quem da viraçaõ bafo ſereno
  Suavemente amima, e o Sol dourado
  Regalla; e nutre a chuva em bom terreno
  De vigoroſo braço cultivado:
  Moços, e moças muito a cubiçáraõ,
  E adornar-ſe com ella deſejáraõ.

Mas ſe cortada foi de unha invejoſa,
  Naõ a cubiçaõ já moços, nem damas:
  Tal he a virgem candida, e formoſa,
  Por quem todos concebem vivas chammas;
  A qual tanto que perde a flor mimoſa,
  Por quem tu, fero Amor, tanto te inflammas;

Com

Com ſua gentileza, e graças bellas
Nem mancebos ſe encantaõ, nem donzellas.

Finalmente o meſmo Poeta deſconhecido de quem temos allegado alguns lugares, reſumio todas eſtas pinturas na ſeguinte paſſagem de huma Elegia á morte de hum menino deſte modo:

Doce pupillo! Ó planta florecente!
Ó bello Lyrio de horto deleitoſo
Cortado antes de tempo triſtemente!

O que falta neſte eſtylo he ſer do Seculo de Quinhentos, para merecer as idolatrias com que ſe tem exagerado nos noſſos tempos o merecimento das miſeraveis Poeſias de Luiz Pereira de Caſtro, de Frei Bernardo de Brito, de Franciſco de Andrade, e de outros novamente dados á luz por peſſoas, que julgaõ que ſó nos Quinhentiſtas indiſtinctamente reſide o bom goſto de eſcrever, e nelles editores a faculdade de o conhecerem, e o direito de o annunciarem.

Paſſemos a conſultar Bernardes, o ameno Bernardes, o qual na ſua tantas vezes allegada Cançaõ a noſſa Senhora offerece o ſeguinte exemplo:

Ó Virgem das mas Santas, a mais Santa...
Porta do Paraiſo ....

N'outro Soneto pag. 49. — *Porta do Céo.* — *Paraiſo* he o meſmo que *Céo* na commua accepçaõ, mas tem tanto ou quanto de mais amenidade do que a voz *Céo.* Outra bella expreſſaõ com elegante differença ſe encontra nas já mencionadas Endechas a ſaber:

Sois fonte ſuave,
Alivio de triſtes,
Sois do Céo a chave,
Vós o Céo abriſtes.

Ex-

Excellente Copla! nella se contém dous exemplos nos dous ultimos senarios. A semelhança destes lugares está no sentido: huma no sugeito, outra na acçaõ: huma *chave* em lugar de porta, outra na acçaõ do verbo *abrir*, que instantaneamente subministra ao pensamento a idéa de *porta*. Perspicuidade, laconismo, e harmonia saõ as graças desta innocentissima pintura. N'hum Soneto das *Rimas Sacras* temos o seguinte exemplo, fallando de Nossa Senhora:

Abri hum dia *já* alvo, e dourado.

Bella pintura que contém gentil gradaçaõ de tintas nos dous accidentes finaes, cujo derradeiro se eleva sobre o precedente: esta combinaçaõ era muito do gosto de Bernardes, e tambem de Ferreira; o verso he excellente a pezar do desagradavel encontro dos dous *aa* na cesura principal; mas esta operaçaõ harmoniosa era muito particular ao gosto da musica da nossa Poesia naquelles tempos, e até a delicadeza de Camões a naõ rejeitou. A semelhança deste lugar está na inflexaõ — *abri*, — que com facilidade excita no pensamento a idéa de *porta*; assim como o resto da frase exprime *Céo*, cuja analogia se fórma pelo concurso das palavras *alvo*, e *dourado*. Vejamos agora como Bernardes exprimio a idéa incluida na segunda elegancia — *dos Valles Lyrio.* — Nas bellas Endechas acima allegadas diz:

Entre espinhos rosa,
Lyrio junto d'agoa,
Toda sois fermosa,
Em vós naõ ha magoa.

Bella pintura, onde, em certo modo, se acha resumida a melhor parte dos lugares de Catullo, e Ariosto. O sentido he o mesmo do da passagem do Poeta Sá: este modo de fallar contém metaforas sublimes, que pintaõ de

hum

hum rasgo, poupaõ a descripçaõ circumstanciada da comparaçaõ cujas vezes fazem: nos dous primeiros senarios está o exemplo: os dous que se lhes seguem saõ glosa, ou explicaçaõ dos termos positivos, e symbolicos, que naquelles se encerraõ: v. g. a pureza da Senhora he, como a da rosa, taõ agradavel aos olhos, e ao olfato; he como a do lyrio de horto regado; porque as flores de jardim tem mais pureza, e resplendor: pelo contrario, as de sequeiro naõ tem côr taõ fina, saõ menos odoriferas, e mais maculadas. O estylo desta passagem he encantador, tanto pela pureza, como pela harmonia; e estas mesmas qualidades reinaõ em todo o poema, que neste genero tem grande merecimento, e honra o Idioma. No mesmo poema vem outro lugar bem analogo a este:

Sois jardim cheiroso,
Platano em ribeira;
Em campo fermoso
Fermosa oliveira.

Que excellentes senarios! Conceito, frase, e harmonia, tudo concorre para a belleza da Copla: tudo nella saõ idéas abstractas, expressões symbolicas, que daõ muita força, e gentileza ao estylo. O primeiro verso exprime o agradavel da virtude, que cheira melhor, que todos os aromas, que se exhallaõ das flores de que se compoem hum jardim. O segundo exprime idéa de protecçaõ: huma arvore silvestre como o platano, freixo, &c. abunda em sombra, estando junto da ribeira, porque tem manancial perpetuo, onde em abundancia bebe succos nutritivos, que ajudados da acçaõ do ar augmentaõ o seu volume com excesso, e por isso offerece sombra mais densa, e deleitavel, concorrendo para isso o naõ dar fructo, e converter todos os beneficios, que recebe da natureza em se avultar, e fazer-se mais corpulenta. Os dous versos ultimos exprimem huma propo-

si-

ficaõ, que combina o util como agradavel. A oliveira formosa, porque está em campo tambem formoso, isto he, bem cultivado, que, sem isso, naõ ha formosura rural. Oliveira, em fim que dá fructos, que saõ os bons exemplos, os auxilios espirituaes, e temporaes. Este pequeno poema he taõ cheio de graças, que se vê consagrado pela Naçaõ aos louvores da Virgem. A mesma idéa symbolizada no termo *platano* se acha na mencionada Cançaõ do modo seguinte:

Oh platano fermoso jundo d'agoa.

Na de cima está *ribeira* metonymicamente por *agua*; porque em rigor quer dizer *margem*, quando naõ he termo collectivo, que exprime *agoa*, e *margem* promiscuamente. Nesta está a expressaõ propria -- *agoa* -- sem configuraçaõ de palavra. O verso he excellente. N'hum Soneto das mesmas Rimas tambem a nossa Senhora, vem a seguinte passagem, que tem analogia com as que temos combinado, e naõ deixa de vir ao nosso caso:

Virgem das Virgens, flor, fonte da vida,
Rodeado jardim de forte muro.

Nestes dous versos onde o exemplo está no termo *jardim*, se incluem collectivamente as idéas expressadas nos lugares acima transcriptas, além da idéa representada na voz *flor*; os versos saõ cadentes e puros. *Fonte da vida* tambem he expressaõ symbolica applicada do fysico para o moral, á maneira do Psalmista no Psalmo XXXV., donde esta bellissima formula foi extrahida:

Quoniam apud te est fons vitae, et in lumine tuo videbimus lumen.

Cujo sentido he o que exprimem os seguintes versos:

A

A tua luz he quem nos illumina
Cá nesta escuridade;
Que em tua Magestade
Está da vida a fonte alta, e divina.

Neste lugar convém alterar a ordem, que temos atéqui seguido, expondo no fim de cada analyse a origem donde procedeo a expressaõ fundamental; o que faremos agora, para ficarem mais bem ponderadas, e conhecidas estas bellezas, que reputo mui relevantes na elocuçaõ poetica.

Esta elegancia symbolica — *lyrio dos Valles*, — e todas as mais que se lhe assemelhaõ, tiveraõ nascimento no seguinte lugar do Psalmo I.

Et erit tanquam lignum quod plantatum est secus decursus aquarum, quod fructum suum dabit in tempore suo.

Passagem traduzida pelo Orador Vieira do modo seguinte n'hum Sermaõ do tomo V. §. 264. — *Será como a arvore nova e tenra, plantada junto ás correntes das aguas, a qual dará fructo a seu tempo.* — Seja-nos permittido agora transcrever huma imitaçaõ deste lugar, feita por hum curioso em hum Poema á Paixaõ de Christo, a qual póde tambem servir de traducçaõ do lugar do Psalmista:

Devendo eu ser qual arvore plantada
Ao longo d'agua amena, e deleitosa,
De pomos salutiferos ornada;
Fui tronco posto em hora desditosa,
De sombra infesta, e inhospita aos humanos,
De ave infausta morada tenebrosa.

E neste gosto, guardadas as proporções, está organizado to-

todo o poema. Póde-se de caminho observar quanto o verso he supperior á prosa, que naõ obstante ser a do Vieira taõ pura, e harmoniosa, vê-se infinitamente excedida neste lugar por trez hendecasyllabos de hum Poeta, sem nome.

Passemos a ver como Pedro de Andrade se servio deste modo de expressar, no qual certamente naõ ha de ser taõ brilhante como Bernardes. N'hum Soneto ao Lenho da Cruz:

Estendarte do Rei da eternidade,
Chave do Ceo, sinal da Christandade.

Chave do Ceo he de Bernardes, como acima fica exposto: frase pura, e sonora. Nas Redondilhas ao recebimento das Reliquias vem as seguintes expressões, que tem alguma parecença com as que temos combinado:

Porque as Reliquias saõ flores,
De que a Igreja se ornamenta.

Passagem de pouco, ou nenhum merecimento. Logo abaixo:

Destas flores que nascerom
Na Igreja, que fructo vem.

Pouco melhor saõ estes que os de cima. E naõ me canso em procurar mais passagens neste Poeta, cuja mediocridade naõ convida a grandes especulações.

Vamos ver como Camões se houve neste jogo. Naõ ha duvida, que nelle naõ acharemos expressões da mesma identidade em sentido, e frase com as de Sá de Miranda, mas sim outras, que conserváraõ huma analogia mais ou menos proxima no conceito, ou na dicçaõ por cujo motivo devaõ entrar no plano das nossas observações. No principio da III. Cançaõ se acha huma

for-

formula, que tem notavel ſemelhança com a mencionada elegancia — *Porta do Céo*: —

Já a roxa manhãa clara
As portas do Oriente vinha abrindo.

Pintura cheia de graças de eſtylo, e de poeſia. A manhãa perſonizada abrindo as portas ao Sol, que iſſo quer dizer *Oriente* neſte lugar, por virtude de huma translaçaõ metonymica, que appreſenta o effeito pela cauſa, ou tambem ſubentendendo-ſe por ellipſe a palavra Sol, e talvez que eſte ſeja o ſeu verdadeiro ſentido. Além do bello contraſte de idéa conſignada nos accidentes *roxa*, e *clara*, tem eſta pintura huma abſtracçaõ toda fantaſtica na voz *portas* combinada com o gerundio *abrindo*, cuja melodia, e diſpoſiçaõ de vogaes concorrem para exprimir a amenidade alegre da manhãa, cuja progreſſaõ temporal, e compaſſada eſtá com muita propriedade expreſſada no auxiliar *vinha.* Energia, e elegancia: *Roxa manhãa* he formula uſada com frequencia pelos Poetas antigos, e modernos: na I., e na VI. Enéada ſe achará *lumen purpureum*: no VI. dos Metamorfoſeos *purpureum aerem.* Naõ ſerá fóra de lugar apontarmos aqui huma pintura deſta natureza, que vem no Canto I. da Geruſalém do Taſſo, Eſtança 71.

Il di ſeguente all'or, ch'aperte ſono
Del lucido Oriente al Sol le porte.

Eſta, e a do noſſo Épico ſaõ quadros emanados de duas fantaſias igualmente agitadas pelo impulſo do mais ſublime enthuſiaſmo. A de Camões tem mais movimento; a de Taſſo mais harmonia. A meſma expreſſaõ ſe lê na Luſiada, Canto X., Eſtança 138. do modo ſeguinte:

Eis aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vaſto mar patente,
Que com taõ forte peito navegais.

Quadro ſublime, proprio da mageſtade épica. O exemplo eſtá no terceiro verſo, do qual tudo quanto ſe diſſer em ſeu louvor he diminuto, e bem moſtra ſer producçaõ do maior alento poetico, que em toda a Eſpanha ſe tem viſto até aos noſſos dias. Sublimidade, e harmonia ſaõ as graças de taõ bella poeſia. A meſma expreſſaõ, mas em ſentido ainda mais abſtracto, ſe vê na Ecloga I.

Toda a alegria grande, e ſumptuoſa
A porta vem abrindo ao triſte eſtado.

Tudo ſaõ applicações metafyſicas: neſte exemplo tambem exiſte a meſma ſucceſſaõ temporal na clauſula — *vem abrindo*, — aſſim como nas paſſagens anteriores. O eſtylo he grande, e ſonoro, eſpecialmente o do primeiro verſo, do qual diſſe com razaõ Manoel de Faria e Souſa: » Grande, e ſumptuoſo modo de fallar. » No Canto II., Eſtança 1.ª da Luſiada ſe acha outra igual expreſſaõ em ſentido fantaſtico, iſto he, pintando na fantaſia o que ſó tem apparencia remota de realidade:

Já neſte tempo o lucido Planeta,
Que as horas vai do dia diſtinguindo,
Chegava á deſejada, e lenta-meta,
A luz celeſte ás gentes encubrindo:
E da caſa maritima ſecreta,
Lhe eſtava o Deos Nocturno a porta abrindo.

Eſta he huma das mais notaveis pinturas do pôr do Sol, que ſe acha na Poeſia, cuja fraſe he ſummamente poetica, e harmonioſa. O Deos da noite abrindo a porta ao Sol he idéa

idéa sublime, e propria de hum cerebro inspirado: — *Lucido Planeta*; — *lenta meta*; *casa maritima secreta*; — *o Deos Nocturno a porta abrindo*; — eraõ elegancias pouco conhecidas na Poesia Portugueza, que com ellas vio consideravelmente accrescentada a sua elocuçaõ, por se poderem deduzir das mesmas diversas modificações de frases, que com facilidade se podem adaptar a outros sentidos; o que melhor se virá a conhecer na pratica. Lembro-me que na Poetica do Padre Francisco José Freire, se naõ me engano, vem censurado o segundo verso desta passagem: parece, que naõ estava pela conta do Poeta em affirmar, que o Sol distingue as horas do dia: como naõ me acho com essa obra, nada posso ajuizar sobre a certeza dos principios metafysicos a respeito da progressaõ do tempo em que se fundava este Filologo, cuja critica, mesmo em materias de gosto, era toda precaria, e muitas vezes vacillante. Com tudo parece-me, que as idéas de tempo consignadas no dito verso de Camões, naõ discrepaõ do espirito da seguinte passagem do eloquente Mr. Thomaz na sua admiravel Ode ao Tempo, escrita no meio deste seculo, em que se tem adiantado todo o genero de conhecimentos humanos, pelo que he denominado: Seculo da Filosofia:

Du chaos tout-à-coup les portes s'ébranlerent;
De Soleils allumés les feux étincellerent;
Tu naquis; l'Eternel te prescrivit ta loi:
Il dit au mouvement: Du temps sois la mesure.
Il dit a la nature:
Le temps sera pour vous, l'eternité pour moi.

Se deste modo se escrevessem as Odes na nossa terra, nós naõ estariamos taõ enfastiados deste genero de composiçaõ, que parece só feito para elevar, e para instruir o espirito. No Soneto 178., Soneto digno da penna do grande Camões:

Nin-

Ninfas, por quem Castalia se abre, e cerra,
Vos que fazeis á morte mil enganos.

Nobre, e mil vezes nobres hendecasyllabos. A frase do primeiro, onde se acha o exemplo, he nova na nossa Lingua, e naõ me foi possivel achar nos antigos igual expressaõ. *Castalia* he symbolo da affluencia poetica: aqui temos huma applicaçaõ do fysico para o moral: a idéa de porta vem inherente ás acções exprimidas pelos verbos *abrir*, e *fechar*. Elegancia pureza, e harmonia. No Canto I. da Lusiada Estança 59. se vê a mesma frase expressada por hum modo summamente bello, e todo novo:

Mas assim como a Aurora marchetada
Os fermosos cabellos espalhou,
No Céo sereno abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio, que acordou.

Tambem esta he huma das mais famosas pinturas da manhãa que em toda a Poesia se encontra, nella se acha em ponto o mais subido o soberano encanto da mais amavel elocuçaõ poetica. A frase do primeiro verso he a mais harmonica, e elegante, desconhecida na Poesia Portugueza anterior a Camões; o segundo, além de mui cadente, contém huma imagem naõ vulgar naquelles tempos: o terceiro he prodigioso a todos os respeitos: Que mais póde pintar aos olhos a suavidade admiravel do pincel de Albano? Póde-se dizer, que Camões nesta bellissima pintura roubou o colorido á natureza: nem me lembro de ter jámais lido nos antigos, nem nos modernos imagem de tanta perfeiçaõ como esta, onde as palavras, e a harmonia a fazem hum portento de Poesia. A feliz combinaçaõ de — *Céo sereno* — dá á pintura extrema amenidade: a de — *roxa entrada* — tem igual merecimento, além de ser muito grave, e nobre pe-

pela translaçaõ metonymica, causa principal da novidade deste verso na Poesia Portugueza. *Roxa entrada*, val o mesmo, que porta vermelha: o quarto verso he elegantissimo todo cheio de poesia de imagem, toda nova na linguagem da nossa Poesia, e nunca imitado dos Poetas modernos. Vejaõ agora aquelles, que nunca sahem da rutina dos metrificadores vulgares, de quanta variedade he capaz o pincel habil de hum grande Mestre: pois ainda aqui naõ pára a sua diversificaçaõ; os lugares, que se seguem o mostraráõ com evidencia positiva. Na Lusiada, Canto I. Estança 28.

Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei naõ póde ser quebrada.
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do Sol roxa entrada.

Eis-aqui a mesma elegancia -- *roxa entrada* -- como na precedente passagem, com a differença de estar applicada a huma entidade determinada -- *Sol.* -- Este verso he novo naõ só na nossa Lingua, mas ainda na Poesia moderna, e naõ seria temeridade se affirmasse, que tambem na antiga seria bem difficil achar expressaõ, que tivesse algum genero de affinidade com esta; ao menos eu naõ me acordo de a ter encontrado, tendo lido para esse fim com especial curiosidade os principaes Corifeos da Poesia antiga, e moderna. Os tres primeiros versos tem frase pura, e cadente: o quarto he extremamente poetico, e sonoro. No mesmo Canto, Estança 27: veremos huma passagem, que tem notavel semelhança com a que acabamos de analysar:

Inclinam seu proposito, e porfia
A ver os berços, onde nasce o dia.

Imagem digna de hum taõ sublime pincel, na qual a pureza, e a harmonia resplendecem em gráo subido.

No

No Canto X., Estança 89. — se vê outra elegancia, que inda que de mais remota analogia, attesta a variedade que este grande Poeta empregava na sua expressaõ: — Claro olho do Céo no quarto assento. — *Olho do Céo* — he o Sol, que por analogia, ou semelhança he porta, ou janella, assim como costumamos chamar aos olhos, janellas do rosto. Esta frase teve algum sequito na Poesia antiga, donde passou para a moderna, como se vê no IV. Livro dos Metamorfoseos verso 228. — *Mundi oculus* — Olho do Mundo; depois delle Plinio entre os Latinos, e Epicteto entre os Gregos usáraõ desta formula, este fallando da Lua, aquelle das estrellas. Esta expressaõ — *Porta do Céo* — teve nascimento na mais remota antiguidade das Letras Sagradas no Livro I. do Genesis, Capitulo 28., versiculo 17.

Pavensque: Quam terribilis est, inquit, locus iste! non est hic aliud nisi domus Dei.

Que traduzido em verso, pois que todo o Pentateucho he escrito ao menos n'hum metro livre, ou n'huma prosa ligada, que tem muito do verso, diz o seguinte:

Penetrado Jacob d'alto respeito;
Oh quanto este lugar he venerando!
Disse elle em seu conceito:
Esta he de Deos a casa omnipotente,
Esta a porta do Ceo resplendecente.

No primeiro Capitulo das Profecias de Ezequiel, versiculo primeiro:

. . . . *Cum essem in medio Captivorum juxta fluvium Chobar aperti sunt coeli, et vidi visiones Dei.*

A acçaõ de abrir suppoem a idéa de porta, como se mostra da seguinte traducçaõ:

Es-

Eſtando entre captivos triſtemente
Junto ao rio Chobar, os Ceos ſe abrírað,
E o throno de Deos vî juſto, e clemente.

Tambem uſavað deſta formula para dar força, e vivacidade á expreſſað applicando-a á terra, como no Capitulo XV. de Jeremias, verſiculo 7.

Et diſpergam eos ventilabro in portis terrae.

Os perverſos humanos, que me offendem,
Eu das portas da terra os lançarei
Como palha do vento compellida.

Era tambem eſta formula applicada por huma eſpecie de configuraçað a muitas entidades metafyſicas, como ſe vê no Capitulo XXXVIII. de Iſaias, verſiculo 10., fallando do Rei Ezequias:

..... *In dimidio dierum meorum vadam ad portas inferi.*

Na flor de minha vida
Envolto em ſombra eſcura, e ſomno eterno;
Hirei ás portas horridas do inferno.

Com applicaçað á morte, como no Pſalmo IX., verſo 15.

Qui exaltas me de portis mortis, ut annunciem omnes laudationes tuas in portis filiae Sion.

Tu das portas da morte me levantas
Para que diga, e cante os teus favores;
Dignos mil vezes de inclytos louvores.

O mesmo disse Salomaõ, ou quem quer que seja o Author do *Livro da Sabedoria* no Capitulo XVI., verso 13.

Tu es enim, Domine, qui vitae et mortis habes potestatem, et deducis ad portas, et reducis.

Tu podes, Senhor, dar, e tirar vida.
Tu ás portas da morte pões, e tiras
Huma alma em mil miserias envolvida.

Naõ só a Poesia sagrada, mas tambem a profana fez uso desta formula taõ propria do estylo sublime. Nos mesmos tempos em que Moysés escrevia o Pentateuco, a Poesia de Homero, que a tudo dá vulto, e fórma, construhia a morada do Somno no Livro XIX. da Odysséa, versos 560. com duas portas, huma de marfim, por onde sahem os falsos sonhos, outra de osso, por onde vem os verdadeiros; pintura adoptada de Virgilio no Livro VI. da Enéada, verso 890, sobre a qual, e tambem sobre a da regiaõ, onde habitavaõ os póvos Cimerios no principio do Livro XI. da Odysséa, modellou Ovidio a inimitavel estructura do palacio do Somno no XI. Livro dos Matamorfoseos, assim como a bella expressaõ cheia de Poesia de imagem, e sentimento, que Horacio faz proferir a Europa na Ode XXVII. do Livro III.

. . . . An vitiis carentem
Ludit imago
Vana, quae portâ fugiens eburnâ
Somnium ducit?

Que naõ traduzo por naõ vir ao nosso intento a respeito da expressaõ combinada. O mesmo practicou o Épico Grego na pintura do inferno, o mesmo na do Ceo, que he a que vem ao nosso caso, como se mostra no Livro VIII. da Illiada:

Aisi

Αὐτόμαται δὲ πύλαι μύκον ὐρανῦ, ἃς ἔχον Ὧραι
Τῆς ἐπιτετράπται μέγας ὐρανός ὔλυμπός τε.

Por si se abrem do Céo sereno as portas,
Onde guardaõ as Horas vigilantes
As moradas do Olympo rutilantes.

Deste lugar nasceo a por todos os motivos admiravel pintura do palacio do Sol na entrada do Livro II. dos Metamorfoseos de Ovidio, e o soberbo verso:

Panditur interea domus omnipotentis Olympi.

Que dá principio ao X. Livro da Enéada, e a seguinte passagem nas Georgicas de Virgilio Livro III., verso 261.

. . . . quem super ingens
Porta tonat coeli . . . .

Que quer dizer o seguinte:

Sobre quem do Céo largo a porta ingente
Fulmina com furor hum raio ardente.

Resta-nos agora ver, e comparar a segunda elegancia da passagem de Sá de Miranda — *Dos valles lyrio.* — No Canto IX. da Lusiada Estança 61. vemos huma amenissima imagem, cuja expressaõ, posto que em sentido litteral, he muito diversa do da passagem do Poeta Sá, e tem grande parecença na frase, que he o que faz á materia deste escrito:

Pintando estava alli Zefiro, e Flora
As violas da côr dos amadores,
O lyrio roxo, a fresca rosa bella
Qual reluze nas faces da donzella.

Nem no bello episodio da Ilha de Alcina no Furioso de Ariosto, nem no de Armida na Gerusalém do Tasso, nem na pintura do Paraiso de Milton, nem finalmente na admiravel descripçaõ do Templo do Amor no Canto IX. da Henriquiada de Voltere se acha pintura, naõ digo que exceda a esta, mas nem ainda que a igualle. Vamos por partes. Nos primeiros versos está Zefiro, e Flora por huma personalizaçaõ symbolica propria da mais sublime Poesia, dando vivacidade ás côres das violas, dos lyrios, e das rosas, designando por via de semelhança, nas primeiras a pallidez, accidente proprio de quem ama; porque os receios, e os sustos perpetuos, que agitaõ os amantes lhes chamaõ ao rosto aquelle accidente, que naõ he procedido senaõ da falta de circulaçaõ do sangue, que reflue com mais força para o coraçaõ, onde se emprega o impeto do affecto, e algumas vezes com tal excesso, que chega a privar da vida; o que deu motivo a dizer o mesmo Poeta mais de huma vez: — *Ao coraçaõ acode o sangue amigo*; — e nas segundas, o rubicundo agradavel, e ameno do lyrio, e da rosa semelhante ao que resplendece nas faces da donzella formosa; optima comparagaõ, e delicadissimo modo de fallar: hum dos accidentes, que mais realçaõ a formosura de qualquer dama gentil he a côr vermelha das faces, que só costumaõ apparecer com todo o lustre nas de huma donzella, isto he, huma dama, que inda naõ he casada, que isso quer dizer *donzella* neste lugar; posto que signifique verdadeiramente mulher moça, quer seja solteira, quer seja casada, como se vê da passagem em que Camões chama donzella a Dona Ignez de Castro no Canto III. da Lusiada Estança 134 — *Tal está morta a pallida donzella*. — Sobre a qual voz fez o sabio Manoel de Faria e Sousa huma especie de dissertasaçaõ nos Commentarios da Lusiada muito engenhosa, e erudita: nasce este vocabulo do diminutivo *Domicellus* termo da baixa Latinidade, donde derivaraõ os Italianos os seus — *damigella*, — os Francezes, - *de-*

moiselle, — e nós os nossos *donzel*, e — *donzella* — que naõ saõ menos sonoros que os Italianos, e Francezes. Estylo extremamente poetico, puro, e harmonico, resplendece nesta pintura digna de hum taõ grande Poeta. Outra mui semelhante a esta, que acabamos de analysar, e que tem bastante analogia com a do Sá de Miranda se encontra no Soneto 28 do mesmo Poeta, e he a seguinte:

Estáse a primavera transladando
Em vossa vista deleitosa, e honesta,
Nas bellas faces, e na bocca, e testa
Cecens, rosas, e cravos debuxando.

Regaladissima pintura de huma estremada belleza. Ha tanto que dizer nella que seriaõ precisas largas paginas: contentar-nos-hemos com indicar levemente algumas observações por naõ augmentar demasiadamente o volume deste Escrito. No primeiro verso vemos a primavera personalizada retratado-se a si mesmo nas faces de huma dama, tirando as côres das mais bellas flores, que constituem a mais brilhante galla da sua estaçaõ. He nobre, e maravilhoso artificio. No segundo está o substantivo — *vista* — apartado da sua significaçaõ abstracta, e primitiva, exprimindo metonymicamente *rosto*, termo collectivo, constituindo desta maneira hum modo de exprimir cheio de sublimidade realçada com os dous epithetos, onde estaõ consignados hum attributo, e hum predicado honorifico, e com razaõ, porque, sem costumes, naõ póde haver formosura digna de respeitos. Nos dous que se seguem se achaõ designadas circumstancias locaes, e accidentaes, que daõ hum brilhante, e amenissimo complemento á pintura, cujo estylo he o mais encantador pela elegancia, pela riqueza, e pela harmonia da frase. Neste lugar fazendo Manoel de Faria observaçaõ sobre o termo *face*, diz; que podendo nascer da voz Latina *facies*, tem para si, que procede com mais ve-

verosimilhança de algum incremento do Latino *fax*, que significa faxo, ou tocha accesa: naõ me desagrada esta preferencia: mas as etymologias remotas, naõ devem ter lugar, quando existem origens proximas, e perspicuas; porque ainda que *facies* exprima o termo collectivo *cabeça*, naõ deixa de ser raiz da voz *face* por virtude de Synecdoche, ou Metonymia, quando expoem o todo pela parte; a qual formula he patente a quem tem alguma instrucçaõ nestas materias. Outras mais circumstancias expoem aquelle sabio Filologo a este respeito no mesmo artigo, que está trabalhado com engenho, e curiosidade. Na Lusiada, Canto IX., Estança 60. vem huma bellissima pintura (como saõ todas as deste admiravel Episodio) a qual, com singular formosura, mostra a sua analogia com a passagem do Poeta Miranda: mas como as configurações por onde se assemelha saõ hum tanto remotas; faz-se-me preciso transcrever todo o lugar, que he o seguinte:

Pois a tapeçaria bella, e fina,
Com que se cobre o rustico terreno,
Faz ser a de Achemenia menos dina,
Mas o sombrio valle mais ameno:
Ali a cabeça a flor Cysisia inclina
Sobolo tanque lucido, e sereno.

Nenhuma circumstancia omittio o Poeta para fazer esta passagem amena, e brilhante. A formosura da tapeçaria que cobre o rustico terreno, está designada com duas qualidades procedentes huma da outra no adjectivo *bella*, cuja força resulta do adjectivo *fino*, que exprime neste lugar idéa analoga á perfeiçaõ, donde procede o *bello*: tudo isto está pintado com tanta bizarria, que com singular facilidade se conhece, quanto nas graças da representaçaõ campestre excede o natural ao artificial, o que se acha consignado no terceiro verso, sendo o quarto como hum corollario, ou resultado poetico, onde

de se achaõ resumidas as circumstancias dispersas nos versos precedentes. Nos dous hendecasyllabos, que se seguem está a força do nosso exemplo: parece que se está vendo o lyrio, ou jacintho, expressado em *flor Cysisia*, inclinar-se sobre o tanque para se vêr no transparente do seu crystal. O derradeiro he pintura de maravilhosa delicadeza na feliz combinaçaõ dos epithetos, onde com a maior evidencia poetica está deleitando a vista o resplendor crystallino da agua, como resultado natural da serenidade, posto que alli se ache a consequencia anteposta ao antecedente. Elegancia, e harmonia a mais deliciosa, he o que mais avulta o merecimento desta bellissima pintura. No principio da Ode XII. vem outra deste genero, que ainda que naõ seja elegante como a precedente, tem singular simplicidade de conceito e frase, porque tudo nella saõ sentidos concretos:

Já a calma nos deixou
Sem flores as ribeiras graciosas:
Já de todo seccou
Candidos lyrios, rubicundas rosas.

Nesta pintura respira a innocencia da natureza despida de todo o genero de artificio. Todas as expressões saõ positivas, porque saõ de sentido concreto. *Ribeiras graciosas*, he elegancia cheia de graças da natureza. O derradeiro hendecasyllabo tem deliciosissima amenidade; parece que está cegando os olhos a brancura dos lyrios, e o vermelho das rosas accidentes expressados em dous adjectivos, que, se naõ fôraõ inventados pelo Camões, fôraõ certamente empregados por elle com destreza incognita aos Poetas do seu tempo. He notavel tambem esta passagem pela pureza do estylo, e a harmonia dos versos, tanto grandes, como pequenos. Tambem he circumstancia digna de observaçaõ, que sendo quasi todos os Poetas mais felices na metrificaçaõ de huns, que de outros versos; de sorte, que os que organizaõ bem o hen-

de-

decasyllabo, naõ tem igual destreza no septenario, octonario, &c. o Camões pelo contrario foi destrissimo em toda a qualidade de metro, e soube fazer flexiveis as suas operações metricas a todo o genero de harmonia. Outra pintura cheia de belleza tambem em sentidos concretos, e positivos, dá principio ao bello Soneto 13.

N'um jardim adornado de verdura,
Que esmaltavam por cima varias flores.

Quadro singello, que tem analogia mais remota com o que tem sido ojecto da nossa combinaçaõ. O verbo *esmaltar* no segundo verso tem manifesta belleza. A frase he clara, e harmoniosa. E demos por acabadas tantas, e taõ cansadas comparações, em que tanto nos engolfámos, que sem sahir da Cançaõ de Sá de Miranda temos feito hum volume.

Desta analyse claramente se collige, que o Sá de Miranda foi o primeiro, que deu superlativos de huma só fórma á nossa Lingua, quem lhe principiou a estabelecer hum andamento regular na sua Syntaxe, desenvolvendo-a da confusaõ de corruptellas, e barbarismos em que d'antes jazia, e adoptando-a mais ás leis da analogia. Que o Poeta Ferreira com o exemplo do Miranda, mas seguindo diversa vereda, a enriqueceo de muitas bellezas, e formulas dos antigos, lhe deo força, e elevaçaõ, e continuou ao mesmo passo em conformalla com as regras da analogia, emendando a sua Syntaxe. Que Bernardes lhe foi dando cultura, e harmonia. Que Caminha ficou neutral, ou, se fallarmos a verdade, em nada augmentou o Idioma, e antes pendeo para o corromper, e sepultar na sua antiga confusaõ. Que Camões em fim auxiliado do seu grande engenho, e Sciencia lhe estabeleceo de todo a analogia, e o enriqueceo de vozes, de formulas infinitas extrahidas das Linguas sabias, ou nascidas no elaboratorio immenso da sua grande imaginaçaõ, com as quaes trouxe os superlativos de huma só

fór-

fórma em quaſi todas as deſinencias, que conſervaõ na Lingua Latina, e determinou a indole do Idioma Portuguez, fazendo-o capaz de todos os aſſumptos, dando-lhe mageſtade, e harmonia, perſpicuidade, e atticiſmo; fazendo-o finalmente flexivel para todos os eſtylos, e capaz das mais ſublimes audacias para lhe determinar a elegancia, ſem ſe affaſtar da clareza, qualidades, que ficou conſervando como diſtinctivos perpetuos do ſeu caracter.

MEMORIAS

Da Litteratura Sagrada dos Judeos Portuguezes no presente Seculo.

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

MEMORIA IV.

PASSAMOS a fallar das obras de Litteratura Sagrada, que tem apprefentado os Judeos Portuguezes nefte Seculo. Saõ poucas na verdade, as que entraõ nefta Memoria; mas faõ, as que fó podemos ver, e conferir, ou as de que podemos ter noticia. A relaçaõ, que aqui damos, affim mefmo apoucada, e diminuta, naõ deixará de fervir de alguma coufa aos amadores deftes eftudos.

CAPITULO I.

Das Edições, e Versões dos Livros Sagrados.

OS Judeos Portuguezes de Londres, de Amfterdaõ, e da Haia infiftindo na pratica, e exemplo de feus maiores apprefentáraõ nefte Seculo algumas boas edições dos Livros Sagrados affim no Texto original, como em fuas Trasladações, fazendo com ellas grandiofos ferviços á mefma Religiaõ Chriftãa, e dando novo efplendor, e ornamento aos Eftudos da Litteratura Sagrada.

Edições da Biblia Hebraica.

E quanto ás edições da Biblia Hebraica, duas houve nefte Seculo de muita valia, e eftimaçaõ; o Portu-

guez David Nunes Torres Rabbino, e Presidente da Synagoga dos Judeos Portuguezes da Haia, foi o que as publicou com grande credito de seu nome. A primeira sahio acompanhada dos *Commentarios de Raschi em quatro tomos em 12.° em Amsterdaõ no anno do mundo 5460.* (de C. 1700.) *na officina de Manoel filho de José Athias.*

I. Ediçaõ de David Nunes Torres.

Os Judeos avaliaõ em muito esta ediçaõ por ser o texto impresso na mesma fórma, e maneira, em que costumaõ copiar-se entre elles os Codigos Sagrados MSS. (*a*) A segunda ediçaõ se fez tambem em Amsterdaõ, e no mesmo anno de 5460. (de C. 1700.) em 4 vol. de 12.° Nesta ediçaõ naõ vem os Commentarios de Raschi, mas taõ sómente o Texto Hebraico. (*b*)

II. Ediçaõ de David Nunes Torres.

Pelo que toca aos Livros particulares do Testamento Velho, houve separadamente huma bella ediçaõ do *Pentateuco Hebraico com as cinco Megilloth, e com as Haphtaroth em Amsterdaõ em* 5460. (de C. 1700.) *na officina de Manoel filho de José Athias.* Esta ediçaõ he obra do mesmo Judeo Portuguez David Nunes Torres, que com muito primor se apurou em a fazer correcta, e asseada. (*c*)

Ediçaõ do Pentateuco Hebraico de David Nunes Torres.

Naõ se ficáraõ os Judeos Portuguezes nas ediçoes puramente Hebraicas dos Livros Santos; passáraõ para maior intelligencia, e aproveitamentos dos leitores a pu-

Ediçaõ da Biblia Hebraico-Espanhola de Castro.

(*a*) Vem citada esta ediçaõ por Jacob Le long na sua *Bibliotheca Sacra* p. 71.

(*b*) Tambem cita esta ediçaõ Jacob Le long no mesmo lugar acima referido.

(*c*) Desta ediçaõ se lembra Wolfio na *Biblioth. Hebraica* tom. I. e Le Long na *Bibliotheca Sacra.* Wolfio e Castro fazem mençaõ de huma ediçaõ do Pentateuco Hebraico, feita em 486. (de C. 1726.) pelo R. Portuguez Salomaõ de Oliveira. Mas já notamos nas Memorias do Seculo XVII., que este Rabbi havia fallecido, segundo parecia, em 1708., e que sendo assim se lhe naõ podia attribuir esta ediçaõ.

blicar huma ediçaõ, em que com o Texto Hebreo se ajuntasse de companhia a sua traducçaõ Espanhola. Tal foi a que se fez de todo o Testamento Velho no meio deste Seculo na famosa officina dos Proops. O Sabio, e erudito Rossi encontrou esta Biblia nos Judeos de Liorne, mas confessa que a naõ pudera conferir, e registar para saber, se era a mesma Traducçaõ Ferraresca, ou outra diversa. (*a*) Pelo que maior lugar nos fica de dar aqui noticia della, segundo o que observamos em hum magnifico exemplar desta ediçaõ, que fizemos entrar na Bibliotheca publica da Universidade de Coimbra.

Noticias desta Ediçaõ. A portada principal vem em Hebraico, e em Espanhol. O seu titulo em Espanhol he o seguinte:

Biblia en dos colunas Hebraico y Español.

En la primera coluna el Original Hebrayco con todas Perfecciones en las letras, Puntos, y Taamim, con las Annotaciones de Or Torá ponendo cada cosa en su lugar.

En la segunda Coluna la traduccion en la Lengua Española, y buscamos la palabra mas propria en aquella Lengua para exprimir el sentido del Texto, para lo qual anadimos a las veces alguna palabra ( ) inter lineas para maior clareza. En casa, y à costa de Joseph, Jacob, y Abrahaõ de Salomon Proops Estampadores, y Mercadores de libros Hebraycos y Españoles en Amsterdan. Ano 5522. (de C. 1762.) 1. *vol.* fol.

Deste modo estaõ as outras tres portadas desta Biblia, variando taõ sómente na primeira regra, que he o titulo dos livros, que se traduzem naquella divisaõ, ou parte. As portadas pois saõ quatro; a primeira contém os livros do Pentateuco; a segunda os Profetas pri-

(*a*) Rossi *De Typograph. Hebraic. Ferr.* p. 99.

mei-

meiros; a terceira os Profetas Posteriores; e a quarta os Hagiografos. He hum tomo em folha grande, e tem duas numerações huma, que comprehende desde o Genesis até o Livro II. dos Reis, e tem 332. paginas; outra que contém desde os Profetas Posteriores até o Livro II. das Palavras dos Dias, e tem 350. paginas.

O Portuguez Abrahaõ Mendes de Castro, foi o que poz em execuçaõ esta obra; e o outro Portuguez Abrahaõ de Mosseh de Chaves *Gabay*, isto he, *Secretario Regente de K. K· Sepharedim*, ou *Academias* dos Judeos Espanhoes em Amsterdaõ foi o que, como medianeiro, e commissario de Abrahaõ Mendes, ajustou a impressaõ com os tres irmãos José, Jacob, e Abrahaõ de Salomaõ de Proops insignes impressores, que formosamente a desempenháraõ com todos os primores da arte; servindo-se das mesmas matrizes, que haviaõ sido dos dous grandes Typografos Portuguezes José Manoel, e Abrahaõ Athias.

Esta ediçaõ, como se vê de seu titulo, contém o Texto Hebreo, e a versaõ Espanhola, porque como se diz na Prefacçaõ, *todo aquelle, que meditasse na Biblia Hebraica, e duvidasse do sentido de alguma palavra podesse saber promptamente a sua significaçaõ.* He feita em duas columnas; em huma vem o Texto Original, e vem como se promette no frontispicio da obra com todas as perfeições da Escritura, a que tem chegado o apuramento, e a delicadeza dos Judeos; ao mesmo tempo com as annotações de *Or Torá*, pondo-se cada cousa em seu devido lugar. Na outra columna vai assentada a Traducçaõ Espanhola, que lhe corresponde, a qual em tudo he conforme á mente dos Judeos. Assim o Texto Hebreo, como a Versaõ começa, e acaba igualmente cada hum em sua columna sem discrepancia de huma só palavra, e para maior facilidade estaõ em ambas as columnas os numeros dos capitulos, e versos.

A ver-

A versaõ he a mesma antiga de Ferrara da correcçaõ de Athias, de que já fallamos nas Memorias do Seculo XVII. e dos dous Portuguezes Moseh Dias, e Isaac Dias, de que adiante faremos mençaõ, mas porém alterada, e reformada pelo Portuguez Abrahaõ Mendes de Castro, que em alguns lugares lhe substituio outras palavras, e maneiras de fallar, que na Lingua Castelhana se acháraõ ou mais usadas que as antigas Ferrarescas, ou mais proprias, e mais energicas para se expressar com maior fidelidade, e exacçaõ o sentido do Texto, no que esta ediçaõ ficou levando vantagem á primitiva de Ferrara, e ainda ás outras, que depois se fizeraõ della no seculo passado. (a)

Ediçaõ Hebraico-Espanhola dos Profetas Primeiros de Isaac da Costa.

A esta ediçaõ devemos accrescentar a outra tambem Hebraico-Espanhola, que se fez neste mesmo seculo, dos Profetas Primeiros, isto he, dos livros de Josué, dos Juizes, de Samuel, e dos Reis, em Amsterdaõ no anno da Creaçaõ do Mundo 5482. (de C. 1722.) na officina de Thomás Van Geel.

Noticias desta Ediçaõ.

Esta ediçaõ he obra do R. Portuguez Isaac da Costa illustre Rabbino da Synagoga dos Judeos Portuguezes de Amsterdaõ, que muito floreceo nos fins do seculo passado, e nos principios deste. Querendo elle illustrar os Profetas Primeiros, e fazer a sua licçaõ corrente, e fructuosa a todos, compoz huma obra, a que deu o titulo de *Conjecturas Sagradas*, de que fallaremos mais largemente no capitulo seguinte; e a dividio em quatro partes; das quaes as duas primeiras pertencem para este lugar; na primeira poz elle em huma columna o Texto

(a) Além do exemplar, que tem a Bibliotheca da Universidade de Coimbra, vimos outro na Bibliotheca do Convento de S. Francisco desta Corte. Faz mençaõ desta ediçaõ D. José Rodrigues de Castro, o qual vio hum exemplar na Livraria de Casa Fonda.

He-

Hebraico com toda a correcçaõ, e apuramento; na segunda collocou em outra columna huma nova versaõ Espanhola, em que muito havia trabalhado; em sua Parafrase começa sempre por pôr em Espanhol o verso, que se explica, e quando ha dous, ou mais versos, que trataõ do mesmo assumpto, os poem seguidamente.

Nesta traducçaõ naõ se cingio á letra, e idiotismos da Lingoa Hebraica, como até entaõ se havia practicado, mas attendeo unicamente ao sentido das cousas, naõ curando do material das palavras, senaõ quando julgou necessaria a traducçaõ litteral para maior declararaçaõ, e intelligencia do Texto; com o que pertendeo evitar, segundo diz, o defeito dos Traductores de Ferrara, que tinhaõ sido taxados de haverem taõ rigorosamente traduzido á letra o Texto original, que sobre o estylo aspero, e escabroso, em que escrevêraõ, haviaõ escurecido de tal modo o sentido em alguns lugares, que ou naõ se podia entender bem a oraçaõ, ou seu sentido ficara diverso do que devia ser. (a)

Fallemos de huma ediçaõ, que se fez neste seculo, da Biblia Judaica puramente Espanhola, qual foi a que sahio da Officina de David Fernandes. O seu titulo he o seguinte: Ediçaõ da Biblia Espanhola de David Fernandes.

Biblia en Lengua Española traducida de la verdad Hebraica, por muy excellentes Letrados, y aora nuevamente imprimida por David Fernandes, y corregida por D. R. Ishac de Ab. Dias. *Amsterdan año* 5486. (de C. 1726.) *tom. I.*

Profetas Postreros, y Escritos en Len-

(a) Faz memoria desta obra Wolfio na *Biblioth. Hebraica* tom. III. p. 555. e 556.

gua

gua Española &c. *na mesma Officina, e no mesmo lugar, e anno tom. II.*

No fim vem a Taboa das *Parasiot.* Por ventura foi esta Biblia a que vio o erudito Rossi nos Judeos de Liorne, que diz ser feita no principio deste seculo, confessando que a naõ pudera examinar, e conferir para saber, se era alguma nova traducçaõ, ou a mesma Ferrarense. (*a*) Daremos aqui noticia desta Biblia por hum exemplar, que della temos.

Noticias desta Ediçaõ.

He dedicada por David Fernandes aos *muy Illustres Nobres, e Magnificos Senhores Administradores, e Thesoureiro da Santa Jesibi* (Academia) *de Guemilut Hasadim Isaac de Prado Presidente, Moyses de Abrahaõ Pereira, Isaac de Selomoh, Abrabanel Sousa, Isaac de Medina, e Manoel de Mordehay, Nahamias de Crasto Thesoureiro.* Saõ quasi todos Portuguezes.

Depois da Dedicatoria segue-se huma Advertencia ao Leitor, que serve de Prologo, em que se aponta a causa de se haver feito esta nova ediçaõ, qual foi o *naõ haver Biblias bastantes para meditarem na Leì Santa os irmãos vindos de Espanha, e Portugal.*

Depois da Advertencia, ou Prologo està hum Catalogo dos Juizes, que julgáraõ á Israel, e dos Profetas, e Sacerdotes maiores de seus tempos; e hum Summario dos annos desde Adaõ até o anno de 4280. do mundo tirado de *Seder Olam*; começa em Adaõ, e acaba em Rab Abdimi filho de Rab Nehemia, que vem a fazer 87 gerações. Segue-se depois a Traducçaõ.

A ediçaõ he feita sobre a Biblia Ferraresca da correcçaõ de Athias de 1661, e com os mesmos caracteres

(*a*) *De Origine Typogr. Hebr. Ferr.* p. 99.

de

de letras, e fórma mui manual para todos; e escolheo-se a de Athias pela haverem pela melhor, e mais exacta de todas quantas até entaõ se haviaõ publicado; com tudo, como entendêraõ, que a pezar de toda a diligencia de Athias havia nella alguns defeitos, os dous Portuguezes R. Mosseh Dias, e o Doutor R. Isaac de Abrahaõ Dias tomáraõ a seu cargo apurar, e aperfeiçoar esta versaõ. Assim corrigíraõ nella os erros, e faltas de palavras, e ainda de versos inteiros, que havia naquella Biblia, reformáraõ os vocabulos antigos, que já naõ estavaõ em uso, e faziaõ a leitura muito escabrosa, substituindo-lhes outros mais modernos, e correntes; tiráraõ os periodos, e as semicomas, que se apontavaõ para seguir os accentos Musicaes, por assentarem, que isto confundia, e embaraçava a oraçaõ; e emendáraõ a impropriedade das palavras, que naõ eraõ do intento do Texto Hebraico.

E porque a mesma trasladaçaõ em alguns lugares se naõ ajustava bem com a construcçaõ do sentido proprio, e verdadeiro, já por se haver seguido a letra sem attençaõ ao sentido, já por se ter dado muito ao sentido sem maior attençaõ á letra, trabalháraõ com muita diligencia por salvar estes dous extremos; porque no tocante ás palavras as fôraõ seguindo, quanto foi possivel, sem alguma transposiçaõ; e quanto ao sentido, que ás vezes estava como em potencia, e tacitamente se entendia comprehendido debaixo do mesmo Texto, o fôraõ regulando como de fóra com algumas palavras accrescentadas em letra cursiva para maior intelligencia dos leitores, o que serve de explicaçaõ, e como de supplemento, que falta, naõ ao Texto, senaõ á incapacidade de nosso entendimento, como se diz na Prefaçaõ. Apresentaremos aqui para a mostra a traducçaõ dos dous primeiros Capitulos dos Genesis.

Genesis.

Beresith.

CAP. I.

Maneira de tradusir o Genesis.

I. *En principio criò Dios: à los Cielos, y à la tierra.* II. *Y la tierra era vana y vazia; y escuridad, sobre faces de abismo: y espirito de Dios se movia sobre faces de las aguas.* III. *Y dixo Dios sea luz: y fue luz.* IV. *Y vido Dios à la luz, que buena: y apartò Dios; entre la luz, y entre la escuridad.* V. *Y llamò Dios à la luz, dia; y à la escuridad, llamò noche: y fue tarde y fue mañana, dia uno.* VI. *Y dixo Dios; sea espandidura en medio de las aguas: y sea apartan entre aguas, à aguas.* VII. *Y hizo Dios à la espandidura, y apartò entre las aguas que debaxo de la espandidura; y entre las aguas, que de arriba de la espandidura: y fue assi.* VIII. *Y llamò Dios à la espandidura, Cielos: y fue tarde y fue mañana, dia segundo.* IX. *Y dixo Dios, juntense las aguas, debaxo de los Cielos, a lugar uno; y aparesca la seca: y fue assi.* X. *Y llamo Dios à la seca, tierra; y à ajuntamiento de las aguas, llamò mares: y vido Dios, que bueno.* XI. *Y dixo Dios, hermollesca la tierra hermollo; yerva asimentan simiente; arbol de fruto, hazien fruto, à su especie; que su simiente en el, sobre la tierra: y fue assi.* XII. *Y sacò la tierra hermollo, yerva asimentan simiente à su especie; y arbol hazien fruto, que su simiente en el à su especie: y vido Dios, que bueno.* XIII. *Y fue tarde y fue mañana, dia tercero.* XIV. *Y dixo Dios, sèan luminarias en espandidura de los Cielos; para apartar entre el dia, y entre la noche: y sean por señales, y por plazos, y por dias y años.* XV. *Y sean por luminarias en espandidura de los cielos, para alumbrar sobre la tierra: y fue assi.* XVI. *Y hizo Dios, a dos*

dos las luminarias las grandes : à la luminaria la grande , por podestania del dia ; y à la luminaria la pequeña, por podestania de la noche, y à las estrellas. XVII. *Y diò a ellas Dios , en espandidura de los cielos : para alumbrar sobre la tierra.* XVIII. *Y para podestar, en el dia y en la noche ; y para apartar entre la luz, y entre la escuridad : y vido Dios que bueno.* XIX. *Y fue tarde y fue mañana, dia quarto.* XX. *Y dixo Dios sierpan las aguas sierpe de alma viva : y ave , que buele sobre la tierra , sobre faces de espandidura de los cielos.* XXI. *Y criò Dios à los culebros los grandes : y toda alma la viva , la removien , que serpieron las aguas a sus especies ; y a toda ave de ala a su especie, y vido Dios que bueno.* XXII. *Y bendixo a ellos Dios , por dizer ; fruchiguad , y muchiguad , y hinchid à las aguas en los marès ; y la ave se muchigue en la tierra.* XXIII. *Y fue tarde y fue mañana, dia quinto.* XXIV. *Y dixo Dios , saque la tierra alma viva à su especie ; quatropea , e removilla , y animal de la tierra , à su especie : y fue assi.* XXV. *Y hizo Dios al animal de la tierra , à su especie ; y à la quatropea , à su especie ; y à toda removilla de la tierra a su especie : y vido Dios , que bueno.* XXVI. *Y dixo Dios ; hagamos hombre en nuestra imagen , como nuestra semejança : y podeste en pescado de la mar , y en ave de los cielos ; y en la quatropea , y en toda la tierra ; y en toda la removilla la removien sobre la tierra.* XXVII. *Y criò Dios , à el hombre en su imagen ; en imagen del Dios criò à el macho y hembra criò à ellos.* XXVIII. *Y benedixo à ellos Dios , y dixo à ellos Dios , fruchiguad y muchiguad y hinchid à la tierra , y sogetadla : y podestad en pescado de la mar , y en ave de los cielos ; y en todo animal , el removien sobre la tierra.* XXIX. *Y dixo Dios , he di à vos à toda yerva asimentan simiente , que sobre faces de toda la tierra ; y à todo el arbol , que en el fruto de arbol , asimentan simiente : à vòs serà para comer.* XXX. *Y à todo ani-*

mal de la tierra, y à toda ave de los cielos, y à todo removien sobre la tierra, que en el alma viva; à toda verdura de yerva, para comer: y fue assi. XXXI. *Y vido Dios, à todo lo que hizo; y he bueno mucho: y fue tarde y fue mañana, dia el sexto.*

Beresith.

CAP. II.

I. *Y Atemaronse los Cielos y la tierra, y todo su fonsado.* II. *Y atemò Dios en el dia el seteno su obra, que hizo: y holgò en dia el seteno de toda su obra, que hizo.* III. *Y bendixo Dsos à dia el seteno; y santificò a el: que en el holgò de toda su obra; que criò Dios, para hazer.* IV. *Estas generaciones de los Cielos y de la tierra, en su ser criados: en dia de hazer. A. Dios, tierra y Cielos.* V. *Y todo arbol del campo, antes que fuesse en la tierra, y toda yerva del campo, antes que hermolleſcieſſe: que no hizo llover. A. Dios sobre la tierra; y hombre nò; para labrar à la tierra.* VI. *Y vapor subia de la tierra: y abrevava à todas faces de la tierra.* VII. *Y formò. A. Dios à el hombre, polvo de la tierra; y soplò en sus narizes aliento de vidas: y fue el hombre, por alma viva.* VIII. *Y plantò. A. Dios, huerto en Heden de Oriente: y puzo alli al hombre, que formò.* IX. *Y hizo hermolleſcer. A. Dios de la tierra todo arbol codicioso à vista, y bueno para comer: y arbol de las vidas entre el huerto; y arbol del saber bien y mal.* X. *Y Rio saliendo de Heden; para abrevar al huerto: de alli se espartia y era por quatro cabeças.* XI *Nombre del uno Pisson: el, el arrodean à toda tierra de Havilà, que alli el oro.* XII. *Y oro de la tierra la essa bueno: alli el cristal, y piedra de Soan.* XIII. *Y nombre del rio el segundo, Guihon: el, el arrodean; à toda tierra de Ethiopia.* XIV. *Y nombre del rio el tercero, Hidekel; el, el andan à Oriente de Assiria:*

y el

y el rio el quarto, el Perat. XV. *Y tomò. A. Dios al hombre: y pusolo en huerto de Heden, para labrarlo, y para guardarlo.* XVI. *Y encomendò. A. Dios; sobre el hombre, por dezir: de todo arbol del huerto comer comeràs.* XVII. *Y de arbol de saber bien y mal no comeràs del; que en dia de tu comer del, morir moriràs.* XVIII. *Y dixo. A Dios; no bueno ser el hombre, à su solas: harè à el ayuda, como escuentra el.* XIX. *Y formò. A. Dios de la tierra, todo animal del campo, y à toda ave de los Cielos: y truxo al hombre por vèr que llamaria à el: y todo lo que llamava à el, el hombre alma viva; el su nombre.* XX. *Y llamò el hombre nombres à toda la quatropea, y à ave de los Cielos; y à todo animal del campo, y al hombre no hallò ayuda, como escuentra el.* XXI. *Y hizo caher. A. Dios, adormecimiento sobre el hombre, y adormeciòse: y tomò una de sus costillas; y cerrò carne en su lugar.* XXII. *Y fraguò. A. Dios à la costilla, que tomò del hombre, y por muger: y truxola al hombre.* XXIII. *Y dixo el hombre, esta la vez, huesso de mis huessos; y carne de mi carne: à esta serà llamada muger; que de varon fue tomada esta.* XXIV. *Por tanto dexarà varon, à su padre y à su madre: y pegarseà con su muger, y seràn por carne una.* XXV. *Y eran ambos ellos desnudos; el hombre y su muger: y no se avergonçavan.* (a)

Isaac Delgado douto Professor da Lingua Hebraica em Londres, e hum dos Judeos mais sabios deste seculo; publicou na Lingua Ingleza huma nova traducçaõ do Pentateuco, que sahio em Londres em 1789. em 4.° (b) **Traducçaõ Ingleza do Pentateuco de Isaac Delgado.**

(a) Temos hum exemplar desta obra, que he em 4.°, e vimos outro tambem em 4.° na Livraria do Convento de S. Francisco desta Corte. D. José Rodrigues de Castro falla de hum exemplar desta mesma ediçaõ na Livraria dos PP. da Escola Pia de Madrid, que diz ser em fol. se naõ ha nisto alguma equivocaçaõ, duas edições se fizeraõ entaõ no mesmo anno huma em fol. e outra em 4.°

(b) Pelas noticias, que nos vieraõ, devemos tello na conta dos

Es-

Esta obra consta de 236. paginas, e he dedicada ao Bispo de Salisbury. Depois da Dedicatoria segue-se hum exordio judicioso, em que o Author dá a saber aos leitores o intento, que teve em fazer aquella traducçaõ, que fôra só para uso da sua familia, reconhecendo que o estylo naõ era assaz polido para a dar á luz; que depois porém se resolvêra a publicalla movido por conselho de alguns amigos, principalmente do Doutor Owen Reitor de Santo Olavio, os quaes julgáraõ, que sua obra seria de grande aproveitamento para todos; pede que se naõ repare na pobreza de sèu estylo, e no pouco polimento da sua linguagem; reconhece as grandes difficuldades, que ha em traduzir as Santas Escrituras, e confessa, que semelhante empreza demanda cabedal de muitas sciencias para capasmente se desempenhar, as quaes apenas se pódem encontrar em huma só pessoa. Julga porém ao mesmo tempo ser obrigaçaõ de todo o homem, que entende bem a Lingua Hebraica, principiar huma obra semelhante, e continuar até onde a poderem levar as suas forças, deixando a outros o adiantamento, correcçaõ, e perfeiçaõ da sua empreza.

Pelo que toca a esta traducçaõ trabalhou desveladamente pela fazer muito correcta, e apurada; elle tinha observado, que a versaõ Ingleza, que até entaõ corria, era escura em muitas passagens, que tinha em alguns lugares contradicções apparentes, que n'outros confundia o sentido do Texto, e n'outros se apartava da verdadeira significaçaõ das expressões Hebraicas. Estes defeitos pertendeo elle evitar na sua nova traducçaõ, esmerando-se em a fazer clara, e exacta, e mais accommodada, quanto lhe fosse possivel, á expressaõ Hebraica.

Judeos Portuguezes, como originario por seus pais de Portugal. Acha-se noticia delle, e da sua obra na *Revista Critica*, *ou Annaes de Litteratura de Londres do mez de Maio de* 1790.

Pa-

Para isto collocou em huma columna a versaõ Ingleza, que elle emenda, e na outra a sua nova traducçaõ, ou correcçóes, pondo no fim da pagina as notas, e observaçóes, que saõ proprias para illustraçaõ da materia, que vai tratando.

Quanto ao Texto nos lugares, em que elle vio que o seu sentido era ambiguo, e que na Escritura naõ achava passagens, que sufficientemente o authorizassem para por ellas os entender, e declarar, absteve-se de os interpretar a seu arbitrio, traduzindo o Texto ao pé da letra, e deixando-o tal, qual elle estava. Nos outros lugares porém tratou de expressar o sentido, e entendimento do Texto segundo lhe pareceo mais proprio pelas passagens analogas, e parallelas, que achou nas Escrituras; acompanhando a sua traducçaõ com varias observaçóes, e annotaçóes relativas ao sentido litteral do Texto para justificar o seu methodo de traduzir.

Parece ser inimigo declarado do methodo de corrigir o original pela confrontaçaõ dos Mss., e versóes. *Eu nunca me aproveitei*, diz elle, *do methodo pernicioso de suppôr hum erro na Escritura comettido pelos copistas, que copidraõ a Biblia da Colleeçaõ de Esdras, e de seu Synodo, pois que elles o entregáraõ tal, qual o tinhaõ achado d'antes, naõ ousando mudar nella huma só letra. Depois disso ella foi preservada pelos Massoretas com a mesma pureza, com que a haviaõ recebido de seus maiores, o que provaõ as minhas observaçóes sobre Josué no C. XXI. v. 36. e he digno de reparo, que por todo o mundo, aonde ha Congregaçaõ de Judeos, se naõ acha huma grande differença em suas Biblias Hebraicas. Eu considero pois como irreverencia pertender corrigir o Original Hebraico pelas differentes liçóes, que se achaõ nos Mss., que ha em mãos particulares.*

El-

Elle considerou, que as grandes difficuldades, que havia em traduzir as Santas Escrituras, vinhaõ principalmente da mesma natureza da Lingua Original, e do methodo particular dos Escritores Sagrados. Para vencer pois huma parte destas difficuldades tomou entre outras as seguintes cautelas: I. vendo que o Hebraico naõ tinha mais do que dous tempos, o Preterito, e o Futuro, cuidou em supprir a distinçaõ dos tempos *Imperfeito*, *Perfeito*, *e mais que Perfeito*, ou do modo *Indicativo*, *Conjunctivo*, *Potencial*, ou *Optativo*, servindo-se com huma prudente, e exacta critica do contexto do discurso; II. como huma letra no principio de huma palavra, muitas vezes serve de preposiçaõ, outras de huma letra radical, por esta razaõ quando vio, que hum periodo naõ era sufficientemente intelligivel, tomando-se como preposiçaõ, elle o fez servir de letra radical, quando achou que assim ficava mais facil de se entender; III. como os Judeos tem poucas escrituras classicas em Hebraico, e muitas vezes succede encontrar-se huma palavra, que apparece sómente huma unica vez na Escritura Sagrada, neste caso elle a traduzio simplesmente conforme concordava com o seu Contexto; IV. considerando, que alguns verbos, ou nomes, além da sua accepçaõ vulgar, serviaõ tambem para huma significaçaõ inteiramente differente, todas as vezes que elle vio, que o periodo, aonde vinhaõ semelhantes palavras, naõ era per si bastantemente claro, examinou outras passagens, aonde se achavaõ aquellas palavras com outra significaçaõ diversa, e por ellas interpretou o sentido do Texto. V. Esforçou-se por fazer a sua traducçaõ clara nos lugares em que se achava transposiçaõ de periodos, como quando se conta a execuçaõ de algum mandado immediatamente depois que se elle deo, naõ se achando ao mesmo tempo relatadas algumas das suas circumstancias, senaõ depois de se narrar a sua execuçaõ; o que he de confusaõ, e embaraço para qualquer Traductor, que naõ tem a liberdade de trocar, e inverter

ter a ordem dos periodos, e dos versos. VI. Teve conta com o estylo dos Escritores Sagrados, que muitas vezes usaõ indifferentemente do futuro em lugar do passado, ou pelo contrario do passado em lugar do futuro, maiormente nos Hymnos, e nas visões Proféticas, o que elle diz ser huma apparente contradicçaõ, que se naõ deve ter por imperfeiçaõ dos Escritores Sagrados; pois que se nós conhecessemos a antiga pronunciaçaõ do Hebraico, achariamos que aquellas mudanças produziaõ huma extraordinaria suavidade na harmonia dos versos; VII. teve sempre em vista o uso da particula את, que posto que de ordinario denote o accusativo, quando segue o verbo, tambem serve para significar o nominativo, mostrando por aquelle modo a identidade da' pessoa. VIII. Attendeo muito á transposiçaõ das letras de huma palavra radical, que he outra grande difficuldade, que ha para se traduzir exactamente &c.

CAPITULO II.

Dos Escritores Judeos, que escrevêraõ obras de Litteratura Sagrada.

SEgue-se darmos neste Capitulo a noticia dos Escritores Judeos, que compozéraõ, ou publicáraõ obras de Litteratura Sagrada neste seculo, os quaes saõ os seguintes:

A

R. Abrahaõ Mendes de Castro. Veja-se o Cap. I. no artigo da Biblia de 5522. da Officina dos Proops. R. Abrahaõ Mendes de Castro.

D

R. David Neto filho de Pinchas; nasceo em Veneza, mas de pais Portuguezes. Foi primeiro Medico, e Prégador em Liorne, donde passou para Londres em 1701. R. David Neto.

1701. chamado para alli ser Presidente da Synagoga dos Judeos Portuguezes ; morreo em 1728. seu filho Isaac Neto recitou huma Oraçaõ Funebre nas suas exequias tomando por thema o vers. 19. do Cap. XIV. do Exodo; outra fez D. Isaac de Sequeira Samuda em Portuguez com o thema do vers. 19. do Psalmo CIV., que *sahio* em Londres em 488. (de C. 1728.) e traz no fim hum Epitafio Portuguez , que transcreve Wolfio ; (*a*) outra fez Jacob de Castro Sarmento sobre o vers. 33. do Cap. XXVI. do Exodo , que se publicou tambem em Londres no mesmo anno junto com a de Jsaac Neto.

Era tido em conta de grande Medico , e Filosofo , e de varaõ mui douto na Astronomia , na Chronologia , e na Historia Ecclesiastica. As suas obras daõ testemunho de sua vasta litteratura. (*b*) Taes saõ as seguintes :

Pascalogia.

Pascalogia , ou verdadeiro discurso da Pascoa , em que se assinaõ as razões de differença sobre o tempo de celebrar a Pascoa entre a Igreja Latina , e a Grega , e da mesma sorte entre estas , e a Synagoga Hebréa desde o Concilio de Nicea até a reformaçaõ Gregoriana ; e desta até o anno de 1699., *e dahi em perpetuo: dividida em V. Dialogos , e consagrada á Alteza Reverendissima de Francisco Maria Cardeal de Medicis por David Neto Rabbino , e Professor de Medicina. Colonia ann.* 1702. 8.°

Esta obra he escrita em Lingua Italiana ; nella

(*a*) *Bibliotheca Hebraica* Tom. IV. p. 809.

(*b*) Delle fazem memoria Joaõ Gagnero nas suas *Advertencias* á ediçaõ do Pseudo Gorionides , que vem na *Bibliotheca Selecta* de Joaõ Le Clerc tomo XXV. P. I. n. . . Wolfio na *Bibliotheca Hebraica* tom. I. p. 324. e seg. tom. III. p. 201. e tom. IV. p. 809. e *seg.* e Castro na *Bibliotheca Espanhola* p. 608. Este Author he hum dos que devem accrescentar-se na *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa.

se

ſe deſcobre o grande fundo de erudiçaõ, que tinha David Neto.

Da Divina Providencia, ou ſeja Natureza univerſal, ou Natureza naturante; Tratado Theologico dividido em dous Dialogos. Londres ann. 464. (de C. 1704.) 4.° *na Officina de Jacob Dover.* Livro de Divina Providencia.

Eſta obra tambem he eſcrita em Italiano; nella pertende moſtrar o ſeu Author, que eſtes termos, ou fraſes ſaõ de huma meſma ſignificaçaõ, e uſo, e traz para iſſo os lugares da Eſcritura Sagrada, do Talmud, e do Sohar, e Medraſchim. O motivo, que teve para eſcrever eſta obra, foi haver-ſe entendido, que pela maneira, porque fallára da Natureza em hum Sermaõ, que havia prégado, impugnára a Providencia Divina; quiz pois ſalvar-ſe neſta obra da imputaçaõ, que lhe haviaõ feito, moſtrando que *Deos, e a Natureza naturante*, como elle lhe chamára, era o meſmo na Sagrada Eſcritura, e nos livros de ſeus Maiores. Traz no fim huma Carta eſcrita a R. Zeni Aſchkenaſi por Moyſés de Medina em nome dos principaes Rabbinos da Synagoga de Londres ſobre a *Divina Providencia*, e a repoſta de R. Zeni a eſta carta em Lingua Hebraica, e com a traducçaõ Eſpanhola. Foi reimpreſſa eſta obra, e mais correctamente em Londres ann. 476. (de C. 1716.)

Sermon y Problematico Dialogo. Londres 463. (de C. 1703.) *em* 4.° Sermaõ.

Los Triunfos de la Pobreza, Panegyrico predicado en la ſoleñidad de la fundacion de la pia y Santa hebra de Bikur Holim. Londres. 469. (de C. 1709.) Triunfos da Pobreza.

He feita ſobre o C. XXII. de Levitico v. 28. no fim vem as leis daquella ſociedade.

Noticias dos tempos.

Noticias dos tempos. Londres. 5478. (de C. 1718.) *em* 12.°

He hum Calendario Judaico em Hebreo, e Eſpanhol para ſe conhecerem as Luas Novas, feſtas, e jejuns deſde o anno de 478. até 560. iſto he, deſde 1718. até 1800., e tambem os Eclipſes annuaes, Solares, e Lunares.

Fogo da Lei.

Es Dath, iſto he, *Fogo da Lei. Londres* 5475. (de C. 1715.) 8.° *na officina de Thomás Illive.*

Eſta obra he eſcrita em Hebraico; nella ſe impugna a doutrina de R. Nechemia Chaijon. Della ſe fez huma Traducçaõ em Eſpanhol, que ſahio no meſmo anno, e na meſma Cidade com eſte titulo: *Fuego Legal, compueſto en ydioma Hebraico, y traducido en Romance.*

Preces.

Preces para o principio do Anno. Londres 1728. 8.°

Vara de juſtiça.

Matteh Dan Vecuzari Chelech Seni, iſto he, *Vara de Juſticia y ſegunda parte del Cuzari, donde ſe prueva con razones naturales, irrefragables demonſtraciones, y reales conſequencias la verdad de la Ley Mental recebida por nueſtros Sabios Authores de la Miſnáh, y Guemará: compueſto en Londres. Año* 5474. (de C. 1714.) *em* 4.° *na officina de Thomás Illive con licença de los Señores del Mahamád.*

Expoſiçaõ deſta obra.

He dedicada eſta obra *aos muy illuſtres, e nobres Senhores Parnaſſim e Gabay do K. K. de Sabar Haſ-*

ſa-

samaym; e saõ elles: *Isaac Fernandes Nunes Presidente*, *Jacob Jessurum Alvares*, *Pinhas Gomes Serra*, *Jacob Hayim Gabay*. E esta dedicatoria he datada em Londres do 1.° de Veadar 5472.

A obra he escrita em Hebreo, e em Espanhol; o seu Author a compoz para rebater a Seyta dos Karaitas, que havia sido introduzida por Hanem em Babylonia pelos annos da Creaçaõ do mundo 4520. a qual convinha com a dos Sadduceos em negar a tradiçaõ; dizendo, que era superflua a doutrina tradicional dos Mestres Authores da Misená, e Gemará, por ser a palavra de Deos de si taõ clara, e intelligivel, que naõ necessitava das glosas, e exposiçaõ dos homens; esta seyta corria ainda em seu tempo na Polonia, na Russia, na Valaquia, em Constantinopla, em Jerusalém, em Damasco, no Cayro, na Tartaria, e na Ethiopia.

Diz que poz ao livro o nome de *Matteh Dan*, e segunda parte do *Cusari*; que *Matteh Dan*, quer dizer: *Vara de Justiça por ser huma rigorosa Vara de Justiça, que castiga os Karaitas com os sensiveis golpes da verdade, e da razaõ*; e que além disto lhe chamou: *Matteh Dan por estar seu nome David Nieto cifrado nas letras iniciaes de Dan*: que accrescentára, *segunda parte de Cusari*: porque o Rab. R. Jehudah Levi hum dos mais eminentes sabios de Espanha, e mui douto, e consummado em todas as Sciencias Divinas, e humanas, havendo tratado amplamente da verdade da Lei escrita, só de passagem fallára da Lei vocal, *deixando-lhe este campo aberto ao seu emprego*; *por donde entre elle, e o dito Rab. R. Jehudah ficaria provada, e demostrada a verdade de toda a Lei Escrita, e Mental, e ficariaõ convencidos os que a negavaõ.*

Dispoz a obra em fórma de perguntas, e respostas por haver, que este modo era muito efficaz para ensi-

nar,

nar, e imprimir no entendimento do Leitor a força das demonstrações. Dividio o livro em cinco Dialogos; no I. prova pelas Escrituras, que no tempo dos Profetas seus authores havia Lei Mental; no II. que era impossivel, que os sabios houvessem inventado a explicaçaõ da Lei, e os Preceitos; no III. que as controversias dos sabios nunca fôraõ sobre os Principios recebidos, mas taõ sómente sobre a explicaçaõ de alguns delles; no IV. que elles eraõ versados em todas as Sciencias, e grande vantagem levavaõ aos Filosofos, ainda nas questões, que estes costumávaõ mover; V. finalmente que se manifestava, e comprovava mais a sua verdade pela disposiçaõ do Calendario Hebraico; e por esta occasiaõ responde ás fortes objecções, que recresciaõ contra elle.

Noticias recondi-tas, e posthu-mas.

Noticias reconditas, y posthumas del procedimento de las Inquisiciones de España y Portugal con sus presos, divididas en dos partes: la primera en idioma Portuguez; la segunda en Castellano deducidas de Authores Catholicos Apostolicos y Romanos eminentes por dignidad, ò por letras: obras curiosas como instructivas, compiladas, y anadidas por vn Anonymo. En Villa Franca 1722. 8.°

O lugar da impressaõ desta obra he supposto; porque foi impressa em Londres. Na Primeira Parte vem huma narraçaõ da Inquisiçaõ de Portugal, que se diz ser escrita por hum Secretario da mesma Inquisiçaõ, que havia hido para Roma em 1672, e a havia appresentado ao Collegio dos Cardeaes. Nella vem transcripto hum Alvará do Senhor Rei D. Joaõ IV. de 26 de Fevereiro de 1649, sobre a maneira, com que devem proceder os Inquisidores contra os Hereges, em que mandava se naõ adquirissem para o Fisco os bens dos Judeos condemnados pelos crimes de heresia, apostasia, e

Ju-

Judaiſmo. Na ſegunda Parte vem entre outras couſas as Leis de Innocencio XI. de 1681, dadas aos Inquiſidores de Portugal. (a)

Concordancias Talmudicas.

Concordancias Talmudicas.

Tinha já promptos para ſe imprimirem quatro grandes volumes deſta obra.

R. David Nunes Torres.

R. David Nunes Torres natural de Lisboa. (b) Foi Prégador na Synagoga de Amſterdaõ, e Membro da Academia chamada *Charitativa*, e Preſidente da Synagoda dos Judeos Portuguezes da Haya, morreo já neſte ſeculo em 1728. Elle foi o que cuidou, como já diſſemos nas *Notas do Cap. I.* da ediçaõ da Biblia Hebraica com o Commentario de Raſchi em 4. tomos em 12.° em Amſterdaõ no anno 5460. (de C. 1700.) e da outra ediçaõ da meſma Biblia, que ſe fez no meſmo anno, e na meſma Cidade do Texto Hebreo ſem o dito Commentario; e tambem da ediçaõ do Pentateuco Hebraico em Amſterdaõ, e no meſmo anno com as cinco *Megilloth*, e com as *Haphtharoth* em 12.°

Seus eſcritos.

Fez além diſto de companhia com R. Salomaõ Je-

(a) Deſta obra faz mençaõ Wolfio na *Bibliotheca Hebraica* tom. III. p. 204. e 205. da qual naõ falla Caſtro na *Bibliotheca Eſpanhola*. Alguns quizeraõ attribuilla ao P. Antonio Vieira, dizendo, que elle a compozera por occaſiaõ da Cauſa, que houve no ſeculo paſſado dos Chriſtãos Novos com o Santo Officio: o cunho naõ nos parece delle; além do que o papel, que diſto vimos, attribuido ao dito P. he diverſo da obra de David Neto, ainda que tenha o meſmo titulo, e traga na I. Parte muitas couſas, que ſe achaõ tambem neſte. Acaſo David Neto as copiou do papel attribuido á Vieira: o Cavalleiro Oliveira atteſta, que em Hollanda ha muitos exemplares deſta obra; mas que os meſmos Judeos a naõ tem em grande conta.

(b) Barboſa na *Bibliotheca Luſitana* o poem naſcido em Amſterdaõ; mas de pais Portuguezes. Caſtro na *Bibliotheca Eſpanhola* o faz natural de Lisboa, no que nos confirmamos com as noticias, que tivemos.

hu-

hu.la Leaõ duas novas edições mais correctas dos dous livros seguintes:

Schulchan Aruch. Amsterdaõ 1698 8.°

Jad Chasaka. Amsterdaõ ann. 462. (de C. 1702.) fol. 4. vol.

Esta ultima obra he de Maimonides. (*a*)

Saõ composições originaes de David Nunes os dous livros seguintes:

Bibliotheca Hebraica com Commentario. Amsterdaõ 1700. *em* 4.° 2. *tomos* (*b*)

Livro de Sermões em Portuguez. P. I. em Amsterdaõ em 5450. (de C. 1690) 4.° *P. II. em Amsterdaõ em* 5451. (de C. 1691.) 4.°

O terceiro Sermaõ da Primeira Parte tem por assumpto mostrar a excellencia da Lei de Moysés. (*c*)

(*a*) Fazem memoria destas obras Barros p. 153. e Wolfio tom. III. p. 201. e 1041. e em outros lugares, e estas noticias faltaõ na *Bibliotheca Espanhola* de Castro.

(*b*) A Barbosa pareceo, que esta obra seria acaso de outro Author do mesmo nome, pela grande distancia, que Wolfio assignava entre ella, e as outras obras. Tambem faltaõ estas noticias na *Bibliotheca* de Castro.

(*c*) Wolfio faz mençaõ destes Sermões na *Bibliotheca Hebraica* tom. III. p. 201. e tom. IV. p. 809. delles falla tambem a *Biblioth. Raisonnée* tom. I. pag. 335. Barbosa data a impressaõ de 5430. (de C. 1649.) no que julgamos haver engano, porque a ediçaõ, que vimos, he de 1690. e de 1691., que acima referimos.

G

Gabriel de Sousa e Brito, natural de Lisboa, aonde nasceo no meio do seculo passado. Assistio em Amsterdaõ, e vivia ainda por 1719. Era muito instruido na Arithmetica, Cosmografia, e Disciplinas Militares, como mostrou em suas obras. He delle a seguinte, que pertence á Litteratura Sagrada: Gabriel de Sousa e Brito.

Instrucçaõ, ou Doctrina dos principaes Artigos da Fê Judaica, com huma summaria confissaõ delles, de novo imprimido com hum Catalogo de virtudes. Haya 482. (de C. 1728.) 8.° (*a*)

J

R. Jacob de Castro Sarmento, antes Henrique; nasceo em Bragança em 1691. Estudou Artes em Evora, e Medicina em Coimbra; passou depois á Londres em 1721. aonde estudou de novo Filosofia Experimental, Medicina, Mechanica, Chymica, e Anatomia. Em 1725 foi admittido ao Collegio Real dos Medicos. Em 1730 foi nomeado Socio da Sociedade Real de Inglaterra; e em 1736 foi feito Doutor do Gremio da Universidade de Aberden em Escocia. Era havido por insigne Medico, e grande nome alcançou por suas obras de Filosofia, e Medicina. Pelo que pertence á Classe de Litteratura Sagrada, compoz elle os livros seguintes: R. Jacob de Castro. Seus escritos.

Exemplar de Penitencia dividido em tres Discursos Predicaveis para o dia Santo de

(*a*) Refere esta obra Wolfio na *Bibliotheca Hebraica* tom. III. p. 169. Barbosa naõ faz della mençaõ; acaso pela naõ ver naõ contou o seu Author no numero dos Escritores Judeos; Castro tambem o naõ traz na sua *Bibliotheca*.

Kipur dedicado ao Grande, e Omnipotente Deos de Israel. Londres 5484. (de C. 1724.)

Extraordinaria Providencia, que el Grande Dios de Israel vsò con su escogido pueblo en tiempo de su mayor afflicion por medio de Mior Mord.hay, y Ester contra los protervos intentos del tyranno Aman. Compendiosamente deducida de la Sagrada Escritura en el seguinte Romance. Londres 5484. (de C. 1724.)

He o livro de Esther reduzido a verso Castelhano.

Sermaõ funebre ds deploraveis memomorias do mui Reverendo, e Doutissimo Haham Asalem Morenu A. R. o Doutor David Netto insigne Theologo, eminente Prégador, e Cabeça da Congregaçaõ de Sabar Hassamaym. Londres 5488. (de C. 1728.) 8.° (*a*)

R. Isaac de Abrahaõ Dias. R. Isaac de Abrahaõ Dias. Veja-se o C. I. no artigo da Biblia de Amsterdaõ de 5686. na officina de David Fernandes.

R. Isaac da Costa. R. Isaac da Costa Rabbino de Amsterdaõ floreceo nos fins do seculo passado, e principios deste. Já fallamos no Cap. I. da nova versaõ que elle deo, dos Profetas Maiores no seu Livro das *Conjecturas Sagradas*.

(*a*) Fallaõ delle Wolfio, e Barbosa nas suas *Bibliothecas*; falta o artigo deste Author na *Bibliotheca Espanhola* de Castro, que só falla desta oraçaõ no artigo de David Neto. Temos hum exemplar desta oraçaõ, e tem outro o Excellentissimo e Reverendissimo D. Fr. Manoel do Cenaculo Bispo de Béja, e outro o nosso particular amigo, e *bonrador* Luiz Joaquim Corrêa da Silva, Collegial do Real Collegio das Ordens Militares, e Lente da Faculdade de Leis.

Re-

Reservamos para este lugar fallar mais largamente desta obra, e fazer particular mençaõ da Parafrase, com que elle acompanhou a sua traducçaõ: o Titulo da obra he o seguinte:

Conjecturas Sabradas sobre los Prophetas primeros collegidas de los mas celebres expositores, y dispuestas en contexto paraphrastico por el H. R. Ishac de Acosta, las dirige à los muy illustres, y magnificos S. Señores Parnasim y Gabay del K. K. de Nephasoth Yeuda: en Leyden en Casa de Thomas Van Geel an. 5482. (de C. 1722.) Conjecturas sagradas.

Esta obra dividio elle em quatro partes como já dissemos; na primeira poz em huma columna o Hebreo, na segunda collocou defronte a Traducçaõ; na terceira appresentou a Parafrase, e na quarta, e ultima poz notas sobre as cousas mais importantes, ou que necessitavaõ de maior declaraçaõ, e illustraçaõ. (*a*) He dedicada a obra a Jacob Pereira Brandaõ Presidente, a Isaac da Silva Cardoso, a Isaac R. da Silva, e a Daniel Henriques de Sousa Gabay. Seguem-se as approvações de H. R. R. David Neto, e de Ailion; e vem depois a delineaçaõ de toda a obra, que serve como de Prologo. Exposiçaõ desta obra.

Nesta Prefaçaõ se alarga R. Isaac sobre o merecimento das Parafrases; diz, que ellas fôraõ sempre muito estimadas por duas razões; I. porque seguindo methodicamente o Texto original resolvem brevemente as duvidas, e aclaraõ com succintas palavras, o que he obscuro no seu sentido; II. porque sendo escritas na lingua vulgar aproveitaõ a todos, visto serem poucos os que andaõ cursados na Lingua Santa; accrescenta, que por

(*a*) Desta obra falla Wolfio na *Bibliotheca Hebraica* tom. III. p. 555. e 556. e Castro.

esta razaõ todas as Parafrases dos Judeos se achavaõ postas em Chaldeo por haver sido a Lingua vulgar entre elles depois de sua transmigraçaõ a Babylonia; que naquelle tempo era a Parafrase de Onkelos, a que servia nas Synagogas, na explicaçaõ do Texto Sagrado para maior intelligencia dos que naõ sabiaõ a Lingua Santa; que isto deixára de se practicar depois, por se haver feito o Chaldeo com as novas transmigações menos intelligivel, que o Hebreo; que florecendo depois os Judeos com os Arabes da nossa Espanha se escrevêraõ tambem algumas Parafrases, e outras obras de grande erudiçaõ em Lingua Arabiga com applauso dos mesmos Arabes mais doutos, e de seus Reis; que algumas fôraõ traduzidas pelo R. Juda Aben Tibbon; e que seguindo esta maxima R. Isaac Aboab dera á luz em o anno de 5441. a sua Glossa Parafrastica sobre os cinco livros de Moysés em Lingua Espanhola, a qual sahíra taõ excellente, que o mesmo era ler aquella Glossa, que a Parafrase Chaldaica, ou Commento de R. Selomó.

Concluido o Prologo começa a sua obra no Cap. I. com este titulo:

Conjecturas Sagradas sobre el libro de Jehosuah.

E principia sempre fazendo huma excellente exposiçaõ, do que se contém em cada Capitulo. O erudito D. José Rodrigues de Castro traz a dos primeiros Capitulos, que aqui transcreveremos, para que o leitor possa formar maior idéa da maneira, porque elle trabalhou nesta obra.

CAP. I.

Maneira de fazer a exposiçaõ de cada Capitulo.

Expone la memoria que hizo Dios con Josue de la muerte de Moises; el Precepto que le impone de que pa-

passe el Jordan con el Pueblo; la promessa que le hace de favorecerle como à Moises; las demarcaciones que señala a los Israelitas en la tierra de promission; los repetidos avisos que da à Josue acerca de la mas exacta observancia de la divina Ley, para no ser vencido de sus contrarios; la disposicion de Josue para que el Pueblo se proveyesse de lo necessario para passar el Jordan; su precaucion en hacer ratificar à las tres Tribus (esto es à el Reubenita, à el Gadità, y à el medio Tribu de Menaseh), *antes de passar el Jordan, la capitulacion y concierto que con ellas havia hecho Moises; y la revalidacion que estas Tribus hicieron de esta capitulacion, con la palabra que dieron à Josue de serle tan obedientes en todo como à Moises, con tal que fuesse en cosa aprobada de Dios.*

CAP. II. p. 6.

Trata de los dos Exploradores (esto es Pinhas y Caleb) *que embiò secretamente Josue desde los Sitim, ò llanos de Moab, para que diessen vista al Pais y à la Ciudad frontera de Hericò; de la llegada de estos Exploradores à Xericò; posada que en esta Ciudad tomaron en casa de Raxab, muger publica, que los escondiò en un aposento; del recado que la embiò el Rey de Xericò, para que los hiciesse salir de su Casa, porque eran Exploradores; de la respuesta de Raxab, y del ardil de que esta usò para ocultarlos; de las precauciones que se tomaron por orden de el Rey de Xericò para prenderlos: del razonamiento que Raxab tuvo con dichos Exploradores, y mercedes que les pediò, assi para ella como para sus padres, y deudos quando entrassen los Israelitas en aquella tierra; de la offerta que ellos le hicieron no solo de conservales là, sino tambien de instruirlos en la verdadera Religion; del medio de que se valiò Raxab para dar escape à dichos Exploradores; de las prevenciones que estos le hicieron para*

su resguardo y el de los de su familia, para quando entrasse el exercito de los Israelitas en aquella ciudad; de la vuelta de los Exploradores; y de el informe que dieron à Josue de quanto les havia passado en su viage.

CAP. III. p. 11.

De la madrugada de Josue; de su marcha con el Pueblo à las margenes del Jordan, en donde passaron la noche; de la disposicion de Josue en quanto à que los Sacerdotes llevassen el Arca del Señor delante del Pueblo; reglas que prescribiò à este en su marcha; y del milagro de la separacion y suspension de las aguas del Jordan para que le passasen à pie enxuto los Israelitas.

CAP. IV. Pag. 15.

De las doce piedras, que para mayor ostentacion de este prodigio mandò llevar Josue sobre el ombro à cada uno de los doce Varones, que por Tribus habia elegido para acompañar el Arca en el passo del Jordan; de la detencion de esta Arca, y la de los doce Varones que la acompañaban en medio del Jordan, hasta que acabaron de passar los Israelitas, y Josue concluiò la platica que tuvo con estos, renovandoles la memoria de la condiciones y clausulas con que Dios los ponia en possession de aquella tierra, y los daños que se les seguirian si no expugnaban sus moradores: del lugar que tomò el Arca delante del Pueblo, luego que los Israelitas passaron el Jordan, y como iba acompañada de cerca de quarenta mil hombres; del milagro que succediò con los Sacerdotes que llevaban el Arca, al mandarles Josue que subiessen del Jordan; y de la union de las aguas de este que se habian separado para el passo de los Israelitas; del dia en que estos subieron del Jordan, y del en que se circuncidaron; y de que Josue hizo levantar en el Guilgal las doce Piedras, que llevaron so-

bre

bre sús onbros los doce Varones, para demostracion de haber passado el Jordan à piè enxuto los Israelitas.

C A P. V. Pag. 20.

De la consternacion de los Reyes del Emorèo y del Quanabanèo, por el milagro obrado por Dios con los Israelitas en el passo del Jordan; de la segunda circuncision de los hijos de Israel; de que estos posaron en el lugar llamado por Dios Guilgal, que es lo mismo que Remission; de la celebracion del Pesah; de la aparicion del Angel à Josue; y de la sumission con que este obedeciò à sus ordenes.

C A P. VI. Pag. 25.

De lo expugnable que era la ciudad de Hericò por las fortificaciones que tenia: del orden que diò Dios à Josùe para la conquista de esta ciudad: del cumplimiento de este orden por Josue, y de las prevenciones que para su exacta observancia hizo al Pueblo: de la milagrosa toma de Hericò: de lo que favoreciò Josue à Raxab, en reconocimiento de lo que esta bavia hecho con los exploradores; y de la maldicion que echò Josue al que intentasse reedificar la ciudad de Hericò.

C A P. VII. Pag. 32.

De la contravencion de los Israelitas al precepto de Josue, en quanto à que no tomassen de la Anathema: de los varones que embiò Josue desde Hericò à el Hay para explorar la tierra: de la respuesta que dieron: de la victoria de los del Hay sobre los Israelitas: del sentimiento de Josue por este contratiempo: de las quexas que dà à Dios por el: de la indignacion de Dios por el peccado de los Israelitas: de lo que Dios mandò executar à Josue para el descubrimiento de los delinquen-

quentes: de la confession que hizo Haxan del delito que habia cometido: de como fue apresado y quemado Haxan, y con el sus hijos y hijas, y quantos bienes tenia.

CAP. VIII. Pag. 40.

De lo que Dios ordenò à Josue para tomar el Hay: de las disposiciones de Josue para su cumplimiento; de lo acaecido en la toma de el Hay, quema de esta ciudad, y murete de su Rey: de el Ara edificada por Josue en el Monte de Hebal: de que fueron escritos los preceptos de la Ley de Moyses en las doce Piedras; y de que Josue leyo à todos la bendicion y maldicion, y todo quanto contenia el libro de la Ley.

CAP. IX. Pag. 46.

De la coligacion de los Reyes de Tierra Santa contra los Israelitas: del ardid de que usaron los Guibbonitas para tener paces con los Israelitas; y de la maldicion que les echò Josue por su estràtagema, condenandolos à que serviessen entre los Israelitas los ministerios màs humildes.

CAP. X. Pag. 51.

De el sitio que pusieron à Guibbon los Reys coligados: del auxilio que contra estos pidieron à Josue los Guibbonitas: de la condescendencia de Josue, aprobada por Dios con el visible milagro de las piedras que llovieron sobre los perseguidores de los Guibbonitas, y la parada del Sol y la Luna hasta que se logrò la victoria: de la vuelta de Josue y de los Israelitas à el Guilgal: de la huida de los cinco Reyes, que fueron el de Jerusalen, el de Hebron, el de Yarmuth, el de Laxis, y el de Heglon a la caverna de Maquedà.

Isaac Delgado Professor da Lingua Hebraica em Londres. Ja fallamos no Cap. I. da sua Traducçaõ Ingleza do Pentateuco. Aqui só pertence dizer, que elle deo maior realce a esta sua traducçaõ pelas muitas observações, e commentarios com que a illustrou, porque havendo-se arredado em muitos lugares da Traducçaõ Ingleza, de que até entaõ se usava corrigindo-a em muitas passagens, em que o Texto Original se naõ achava exactamente traduzido, acompanhou a obra com varias Notas, Observações, e Illustrações criticas, como já dissemos, para apoiar as suas correcções, e interpretações com exemplos tirados da Escritura Sagrada, aonde se achavaõ frases, ou palavras semelhantes ás do texto, que traduzia. Além disto ajuntou huma especie de Commentario sobre aquellas passagens, que naõ ficavaõ sufficientemente intelligiveis por huma simples traducçaõ Isaac Delgado.

Isaac de Sequeira Samuda, Doutor em Medicina, e membro do Collegio dos Medicos, e da Real Sociedade de Londres. He delle: Isaac de Sequeira.

Sermaõ funebre para as exequias dos 30 dias do R. David Neto ben Pinhas. Londres 488. (de C. 1728) 8.°

He escrito em Portuguez, e foi o terceiro dos que se recitáraõ nas exequias daquelle famoso Rabbino; o Thema he tirado do v. 19. do Psalmo IV. No fim vem hum epitafio para a sua sepultura, que depois de exaltar as grandes qualidades daquelle Rabbi arremata desta maneira:

Posto que tanto em pouco aqui se encerra,
Que o muito, e pouco em morte he pouca terra. (*a*)

(*a*) Fizeraõ memoria delle Wolfio na *Bibliotheca Hebraica* tom. IV.

R. Salomaõ de Oliveira. R. Salomaõ de Oliveira, filho de David; e natural de Lisboa; já delle fallamos nas Memorias do Seculo XVII. aonde referimos suas obras, viveo ainda no seculo presente; e morreo, quanto parece, em 1708. Da ediçaõ do Pentateuco Hebraico feita já neste seculo, que lhe daõ Wolfio, e Castro, fizemos mençaõ em huma das notas ao C. I. destas Memorias.

---

p. 809. e. 885. e Castro *Bibliotheca Espanhola* no artigo de Rabbi David Neto: e este he outro Author, que póde entrar na *Bibliotheca Lusitana*. Temos hum exemplar desta oraçaõ, e tem outro a preciosa *Bibliotheca* do Illustrissimo Monsenhor Asse. n. 1293.

ADVERTENCIA.

Na Memoria II. da Litteratura Sagrada do Seculo XVI. deve emendar-se o seguinte:

Pag. 357. em a Nota (*a*) em lugar de Diogo de Azambuja: lea-se Jeronymo de Azambuja.

Pag. 378. no lugar, em que vem que todos os tres Exemplares Ferrarescos eraõ de Abrahaõ Usque se advirta; que o da Livraria do Illustrissimo e Excellentissimo Marquez de Valença he de Duarte Pinhel. Seja-nos dado accrescentar aqui a noticia de mais dous exemplares, hum de Abrahaõ Usque, que ha pouco vimos na copiosa, e escolhida Bibliotheca do Real Mosteiro de S. Vicente de Fóra, e outro, que soubemos havia na preciosa Bibliotheca do Excellentissimo e Reverendissimo Bispo de Béja, posto que naõ nos podessem dizer, a qual dos dous Editores pertencia.

ME-

ENSAIO CRITICO

Sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se serviraõ os nossos bons Escritores do Seculo XV., e XVI.; e deixáraõ esquecer os que depois a seguíraõ até ao presente.

POR ANTONIO DAS NEVES PEREIRA.

PRIMEIRA PARTE

Causas da decadencia da Lingoa Portugueza.

Posto que as vozes, com que exprimimos as idéas, e sentimentos do nosso animo, saõ arbitrarias, e dependentes da instituiçaõ dos homens, estaõ com tudo sujeitas a certas leis derivadas de huns principios geraes, que saõ outros tantos fundamentos no systema das linguas: de fórma que segundo a boa, ou má applicaçaõ dos taes principios haverá na Lingoa huma alteraçaõ, que a conduz á sua perfeiçaõ, ou decadencia.

Cinco saõ os principios geraes, e communs a todas as Lingoas, que Quinctiliano (*a*) distingue: *Analogia*, ou *Razaõ*, *Etymologia*, *Antiguidade*, *Authoridade*, e *Uso*. Nós porém só temos por essenciaes a *Analogia*, a *Etymologia*, e o *Uso*, ao qual se refere a Antiguidade, e Authoridade: porque que outra cousa entendemos por Antiguidade, senaõ o Uso antigo? E que vem a ser Authoridade, senaõ o uso dos authores, ou o uso authorizado?

(*a*) Quinct. *Instit. Orator.* lib. 1. cap. 6.

CAPITULO I.

Idéa da Analogia, e das suas funcções na Grammatica das Lingoas.

A Palavra Analogia quer dizer, *semelhança*, *proporçaõ*, *comparaçaõ*; (*a*) porque por meio da comparaçaõ, ou combinaçaõ das dicções entre si se conhece a proporçaõ, ou respeito de semelhança, ou dessemelhança entre humas, e outras da mesma ordem, isto he, entre nomes, e nomes, verbos, e verbos &c., e conhecida a proporçaõ se assenta a sua regularidade, ou irregularidade, analogia, ou anomalia.

Como todos os homens, que povoaõ este orbe, posto que separados pela distancia das regiões, saõ com tudo membros da sociedade universal; assim tambem, ainda que pareçaõ divididos pela differença dos idiomas, saõ com tudo unidos, quanto á livre communicaçaõ dos seus pensamentos: e por isso assim como se acha muita semelhança nos principios fysicos, e moraes da humanidade, assim se acha tambem muita nos principios metafysicos dos mesmos idiomas em que se communicaõ.

Ha por tanto huma Analogia *geral*, que he a conformidade dos usos de todas as Lingoas, e correspondencia dos elementos da proposiçaõ: mas ha tambem huma Analogia *particular*, que distingue, e caracteriza particularmente cada idioma.

Porque muitas vezes as idéas, que se exprimem n'uma lingoa por huma certa fórma de sinaes, n'outra lingoa se exprimem por sinaes de mui differente caracter. Ponhamos exemplo: na Lingoa Latina os preteritos da voz activa dos verbos saõ simples, *amavi*, *amaverant*, nas quaes fórmas exprimem já a simples época

(*a*) „ Analogia praecipue, quam proxime ex Graeco transferentes in „ latinum proportionem vocamus.. „ Id. ib.

da

da acçaõ, já complexamente as relações annexas á acçaõ: na Lingoa Portugueza pelo contrario ha preteritos simples *amei*, *amára*, e ha demais os compostos, *tenho amado*, *tinha amado*, que naõ saõ precisamente synonymos dos antecedentes, como erradamente entendêraõ, ou suppozeraõ os Mestres da nossa Lingoa, que accommodáraõ á analogia Latina sem observarem as suas propriedades. Assim tambem o futuro da voz activa na Lingoa Latina he simples, *amabo*; já na Lingoa Portugueza saõ compostos *amarei*, e *hei de amar*: e temos outro erro dos nossos Grammaticos, que tomavaõ o primeiro como futuro simples, naõ advertindo, que na realidade he o mesmo que o segundo por abreviatura, feita mudança por anastrofe, como se vê neste Paradigma:

Abreviatura	*Extenso*
Amar - hei	Hei - de - amar
Amar - has	Has - de - amar
Amar - ha	Ha - de - amar
Amar - hemos	Havemos - de - amar
Amar - heis	Haveis - de - amar
Amar - haõ	Haõ - de - amar

Daqui veio o vaõ escrupulo dos presumidos Puristas, que aggravando do bom uso, condemnaõ de barbaras muitas fórmas judiciosamente praticadas dos nossos insignes Escritores, e por desprezo lhes chamaõ palavras truncadas, ou meias palavras. Que modo de fallar he (dizem) *hemos* por havemos, *heis* por haveis, *his* por ides, *hivos* por hide-vos: *estê*, *estês* &c. por esteja, estejas? Espantaõ-se sem razaõ, pois que reprovaõ aqui o que n'outras expressões bem ordinarias a prática approva, e n'algumas, sobre impraticavel, até seria absurda a correcçaõ, como nos verbos *Dizer*, *Fazer*; *Trazer*: Porque em, *Dir-me-has*, *Far-me-has*, *Trar-me-has*, quem emendará *Dizer-me-has*, *Fazer-me-has*, *Trazer-me-has*, a naõ ser o equivalente, *has-me de dizer*, *de fazer*, *de trazer*? pois que até o futuro ordinario admitte a contracçaõ, que he:

Di-

Direi Farei Trarei	em lugar de	Dizer hei Fazer hei Trazer hei

Pois que? *Tir-te*, *Guar-te* saõ por ventura palavras fanadas nos dialogos vivos, e energicos, que escrevêraõ os noſſos Authores? *Tira-te*, e *Guarda-te* emendaõ os ſabichões da noſſa era, como ſe a Lingoa Latina foſſe lerda quando ſe dizia: *noſſe* por noviſſe; *judicaſſe* por judicaviſſe, *nequire* por non quire; *malle* por magis velle, *ſodes* por ſi audes, e outras fórmas ſemelhantes. (*a*) Olhem para iſto os que ineptamente zelaõ as ſemelhanças da Lingoa Portugueza com a Latina. Do que ſe deve concluir, que muitas palavras, que inteiras ſaõ regulares, naõ provaõ que as ſuas abreviaturas ſejaõ barbariſmos disformes, quando o uſo os admitte, e ainda muitas abreviaturas, que o uſo exclue, o goſto do ouvido as approva nos diſcurſos extraordinarios. (*b*)

Iſto ſuppoſto, a Analogia conſiderada como parte da Grammatica, naõ he outra couſa, ſenaõ a *Obſervaçaõ da ſemelhança, que ſe acha na modificaçaõ das vozes aſſemelhadas*. Porém a diſcrepancia da Analogia nas dicções faz a *Anomalia*, que he a *diſſemelhança*, ou *deſigualdade da modificaçaõ dos termos*. Aſſim vemos que *firo*, *viſto*, *ſirvo* &c. de *ferir*, *veſtir*, *ſervir* &c. eſtaõ em analogia no que reſpeita a conſervarem a figurativa; que em *admitto*, e *reprimo* ainda he maior a analogia: porém *peço* de *pedir* he anomalia.

Por tanto todas as operações da Analogia conſiſtem em referir o que he duvidoſo ao que he conſtantemente certo, e averiguado, a fim que por meio da comparaçaõ ſe verifique o que he incerto pelo que he certo. Deſte modo ſe comparaõ nomes, e verbos, e quaeſquer outras partes da fraſe entre ſi, e deſta comparaçaõ ſe de-

(*a*) Cic. Orat. 45. et ſeq. Quinct. l. 1. cap. 6.

(*b*) Quaſi vero neſciamus in hoc genere plena verba recte dici et imminuta uſitate. Cic. Orat. 47. Verba ſaepe contrahuntur, non uſus cauſa, ſed aurium. Id. 45.

deduzem as regras, que constituem o systema de huma Lingoa. Porquanto toda a Analogia uniformemente adoptada n'huma Lingoa prescreve a razaõ, que lhe serve de fundamento; de fórma que Analogia e Razaõ nas Lingoas he tudo huma mesma cousa, nem tem mais differença, que a que se considera entre a causa, e o effeito, ou entre o principio, e a consequencia.

Assim pela Analogia inferimos, que naõ ha fundamento para sustentar *Trouxe*, como o naõ ha para *Dixe*, porque assim como he Disse de *dixi*, assim ha de ser *Trousse* de traxi: aliàs mais analogia observavaõ os antigos, que diziaõ *Dixe*, e *Trouxe*, carregando o *x*, conforme a pronuncia, que ainda hoje subsiste em algumas Provincias; a mesma Analogia nos dicta que *Truxe*, *Truve*, e *Trouve*, por *Trousse* saõ verdadeiros barbarismos.

Pela mesma Analogia consta, que *surprender*, que tomamos dos Francezes he barbaro; pois que *soppear*, *soffrear*, *sonnegar*, *sotterrar*, *solletrar*, *soccorrer*, *sommetter*, *suppôr*, *sorrir*, *sorrirse*, e outros pedem *sopprender*, *ou supprender*, *soppreza*, ou *suppreza*.

Serve a Analogia para reformar as incoherencias da lingoagem, ainda que apoiadas na lei, ou caprixos do uso; assim pela razaõ, que dizemos *lido*, se abraçou *colbido*, *escolbido*, *encolbido* &c., rejeitando *colbeito*, *escolbeito*, *encolbeito*, e outros, que eraõ da nossa lingoagem velha, posto que ficasse o substantivo verbal *Colbeita*.

A Analogia nos restitue os superlativos proprios, *bonissimo*, *malissimo*, *grandissimo*, *bumildissimo*, e outros, que os latinistas injustamente prescrevèraõ, idolatrando as anomalias da Lingoa Latina, em *Optimo*, *Pessimo*, *Maximo*, *Humillimo*, *Facillimo* &c. E quem se enjôa de ler no grande Camões?

Entre rusticas serras e fragosas,
Compostas de *asperissimos* rochedos (a),

Ou em Ferreira;

Bonissimo Luiz, a tua brandura. (b)

(a) Eleg. VI. (b) Cart. Livr. II. 3.

Naõ

Naõ digo isto para excluir os superlativos Latinos, que costumaõ servir principalmente em locuçaõ brilhante; mas naõ devêraõ esquecer os Portuguezes.

Serve finalmente a Analogia para formar regularmente alguns vocabulos annovados. Por exemplo observando a fórma dos substantivos derivados dos adjectivos terminados em *al*, como *Formalidade* de Formal, *Brutalidade* de Brutal &c. podiamos supprir a Geral, *Geralidade* em lugar do alatinado *Generalidade*. E tendo *crueldade* de *cruel*, porque naõ aventurariamos por analogia *fieldade* de *fiel*, em lugar de *fidelidade* tomado do Latim? Porque se assentarmos, que nada se ha de mudar do uso corrente, nem he licito dizer senaõ o que outros tem dito, ou escrito antes de nós; seremos sempre pobres com os nossos mesmos thesouros. A derivaçaõ analogica, por extraordinario, que pareça o termo, facilitaria tanto mais seguramente a sua acceitaçaõ, se consultassemos o ouvido no jogo dos sons, e articulações, como fizeraõ os Latinos, que comparando, e examinando *facilitas*, *diffacilitas*, *difficilitas*, e *difficultas* aprováraõ este, e renunciáraõ os outros. E quanto mais felismente sahiríaõ estes termos derivados dos nossos já conhecidos, por isso mesmo que naõ parecêraõ furtivos, nem enxertos de arvore estranha, como outros, que cada dia se arrastaõ das Lingoas estranhas?

§. II.

Da subordinaçaõ, que ha entre a Analogia, e o Uso.

Posto que no exame das Lingoas se assinalaõ a Analogia, e o Uso como dous principios differentes, com tudo, attenta a sua natureza, ambos tem entre si mui estreita uniaõ, e trabalhaõ como de maõ commua (*a*).

(*a*) „ Consuetudo et Analogia conjunctiores sunt inter se, quam hi „ credunt. „ Varr. de Ling. Latin. lib. 8. cap. 3.

Por-

Porque tanto a Analogia como o uso nas Lingoas caminhaõ ao mesmo fim, e ambos seguem regularmente a Metafysica das Lingoas accommodando varias fórmas de palavras á analyse das idéas, e ás suas differentes modificaçóes. Do que se póde inferir, que em muitos casos saõ pura pedanteria as guerras, que armaõ os Filologos entre si, huns defendendo a Analogia contra o Uso, outros o Uso contra a Analogia, como Varraõ observou entre os Latinos, e depois delle Quinctiliano. (a)

Ha com tudo huma certa subordinaçaõ da Analogia ao Uso. Por quanto a Analogia verdadeiramente naõ he outra cousa senaõ huma extensaõ do Uso. Naõ foi a Analogia a que instituio as Lingoas; pelo Uso he que principiáraõ a estabelecer-se, e só depois de estabelecidas, e authorizadas principiou a observar-se a Analogia, que as melhorou, e aperfeiçoou.

Assim o Uso naõ he sempre taõ despotico, e tyranno nas Lingoas, como o fingem os seus devotos; muitas vezes se aconselha com a Analogia, e a attende, e lhe cede em muita parte os seus poderes: aliàs se naõ houvesse tanta conformidade entre a Analogia, e Uso, n'huma mesma Lingoa, teriamos duas diversas Lingoas, huma dos Grammaticos, outra da naçaõ em commum; huma segundo a Analogia, outra segundo o costume; o que seria absurdo.

Mas nem por isso a Analogia he universal, nem infallivel em todos os casos, de maneira, que tudo o que ha nas Lingoas se deva decidir pelas suas leis. Nem ella verdadeiramente prescreve lei alguma; tudo o que contém saõ meras observaçóes, as quaes se considerassemos como leis em todo o rigor, achariamos muitas vezes analogia contra analogia, ou a analogia contraria a si mesma, (b) e cahiriamos em milhares de contradic-

(a) *Instit. Orat.* lib. 1. cap. 6.

(b) „ Meminerimus non per omnia duci Analogiae posse rationem cum ipsa sibi plurimis in locis repugnet. „ Quinct. lib. 1. cap. 6.

 çóes,

ções, e inconſequencias, como acontece ao Madureira, e outros Meſtres da Lingoa Portugueza.

De força aſſim ha de ſer, porque a Analogia das Lingoas (como obſerva Quinctiliano) naõ veio do Ceo, quando os homens fôraõ creados, nem elles aprendêraõ a fallar pela Analogia, mas ſó depois da inſtituiçaõ das Lingoas, he que foi inventada a Analogia: (*a*) iſto he, depois que o tempo, e a curioſidade excitou os homens a obſervar as varias inflexões, e deſinencias das palavras.

He verdade, que toda a analogia ſe encaminha a fazer a expreſſaõ regular, que he a primeira, e a mais neceſſaria de todas as qualidades do eſtylo, e ſobre tudo, a que diſtingue o bom e o máo Eſcritor, ſegundo a maxima daquelle grande Critico:

Sans la langue, en un mot, l'Auteur le plus divin
Eſt toujours, quoiqu' il faſſe, un méchant Écrivain. (*b*)

Conſeguintemente á Analogia nos devemos ſempre cingir, quanto he poſſivel; mas naõ com tal ſuperſtiçaõ, como ſe aſſentaſſemos, que naõ ha modo de fallar bem, ſenaõ o que dicta a Analogia: pois que ao contrario muitas vezes acontece, que approva o Uſo o que a Analogia reprova; e eſta ſempre eſtá ſogeita ao Uſo, como dependencia delle.

O caminho que enſina a Analogia, (diz Quinctiliano) aſſim he, que he o mais direito para a rectiloquencia, mas que importa, ſe temos outro, que he o do uſo, contrario ſim ao da Analogia, mas que naõ deixa de ſer mais facil, e mais batido: (*c*) de fórma que os doutos ſaõ muitas vezes obrigados a conſervar

(*a*) ,, Non enim cum primum fingerentur homines, analogia demiſſa ,, Coelo formam loquendi dedit, ſed inventa eſt, poſtquam loquebantur, et notatum in ſermone quid quo modo caderet: itaque non ratione nititur, ſed exemplo: nec lex eſt loquendi, ſed obſervatio, ,, ut ipſam analogiam nulla res alia fecerit, quam conſuetudo. ,, *Inſtit. Orat.* ut ſupra.

(*b*) Deſpreaux, *Art. Poëtiq.* Chant. I. ver. 161-162.

(*c*) ,, Quid enim tam neceſſarium, quam recta locutio? Imo inhaerendum ei judico, quoad licet: diu etiam mutantibus repugnandum:

a Ana-

a Analogia na sua especulaçaõ, e a seguir o Uso, que reina na pratica. (*a*)

Daqui vem que muitas vezes ha huma grande differença entre locuçaõ grammatical, ou regular, e locuçaõ boa: maxima geralmente abraçada de todos os Grammaticos Filosofos. (*b*) Por quanto naõ basta, que a frase observe quaesquer regras arbitrarias, que os Grammaticos constituíraõ na Lingoa, se com tudo se apartaõ do Uso, ou elle as rejeita: causa porque Augusto reprehendeo seu sobrinho de usar de *calidum* em lugar de *caldum*, e Quinctiliano igualmente censura a importuna delicadeza de certos puristas, que pugnavaõ por *audaciter*, e *emicavit*, e *conire* &c. reclamando o uso *audacter*, *emicuit*, *coire*.

Quem duvída, que he mais conforme á Analogia o modo de conjugar certos verbos, conservando as letras iniciaes, e a figurativa da sua raiz, como *Impedir*, *impido*, *impides*; *impida*: *fugir*, *fujo*, *fuges*, *seguir*, *sigo*, *sigues*, *siguem* &c. *medir*, *mido*, *mides*: *mida* &c? Aleguem-se em cima authoridades:

Naõ midas o passado c'o presente. (*c*)
Humana, quando naõ agradecida
Vos mostrai . . . .
Antes que a alma do corpo se despida. (*d*)

O uso com tudo insiste, e requer impeço, impedes, impeça: *meço*, *medes*, *meça*: *sigo*, *segues*, *seguem*: *fu-*

„ sed abolita atque abrogata retinere insolentiae cujusdam est, et frivolae in parvis jactantiae. Recta est haec via: quis negat? Sed adjacet et mollior, et magis trita. „ Quinct. ut sup.

(*a*) „ Cum extorta mihi veritas esset, usum loquendi populo concessi, scientiam mihi reservavi. „ Cic. *Orat.* 48.

(*b*) „ Quare mihi non invenuste dici videtur aliud esse Grammatice, aliud Latine loqui. „ Quinct. supr. ubi Turneb. „ Loqui latine est sequi doctorum et elegantium consuetudinem et usum: Grammatice vero est loqui ex praeceptionibus artis, et ex artis analogia. „ Vid. Sanc. *Minerva*: Beausée *Gram. Gener.*

(*c*) Cam. Eleg. III.

(*d*) Idem Eleg. IX.

jo, *foges* No tempo de Duarte Nunes ainda se dizia *Mento*, mentes, e tambem *Minto*, *mintes*: como os Latinos tiveraõ n'outro tempo *Fervo*, *is*, e *Ferveo*, *es*.

Ha cousas em que o uso he differente, como em *commũa opiniaõ*, ou *commum opiniaõ*: huns *simplices movimentos*, ou *simples movimentos*. Com tudo sei, que ha escrupulosos, a quem semelhantes locuções espantaõ, como se fossem monstros, murmuraõ do Uso, e chamaõ-lhe o tyranno das Lingoas: e eu differa, que naõ ha tyrannos mais terriveis ás Lingoas do que esta especie de Grammaticos supersticiosos, que até ás sombras da Analogia sacrificaõ.

N'alguns substantivos derivados milita a mesma indifferença para seguir, ou a origem Latina, ou a Portugueza. *Raro*, *Rareza* estaõ em Analogia como largueza de largo: rareza naõ exclue raridade, mas largueza naõ permitte largidade. Temos graveza, ou gravidade, mas o Uso que permitte leveza, naõ soffre levidade, nem pobridade.

Isto supposto, que quer dizer Madureira em rareza, e raridade, accrescentando, que este he mais proprio do Latim; senaõ (conforme o seu systema) que por esta razaõ se deve preferir; como se fosse regra geral, que tudo o que he mais proprio do Latim, seja sempre o mais proprio do Portuguez.

Tambem por Analogia erronea notaõ alguns de barbarismo os vocabulos compostos de duas preposições seguidas, como *desinquieto*, *desinquietar*, dizendo, que basta *inquieto*, *inquietar*; como se na latinidade fosse torpeza *incompositus*, *imperterritus*, e este principalmente, onde naõ só ha duas proposições consecutivas, mas accresce a serem incompativeis.

Outros taxaõ de viciosas as palavras *Sotavento*, *Sotapiloto*, *Sotaministro* &c. pelo abuso da palavra *Soto* preposiçaõ correspondente á latina *subtus*. Pelo que poem *Sotopiloto*, *Sotoministro* &c. Nisto conclue galantemente Madureira, que o uso de todos diz *sota* por

ser

ſer nome mais vulgar, ou conhecido pela carta *Sóta*. Optima filoſofia! E naõ he mais natural, e conſtantemente obſervado, que na compoſiçaõ das palavras ſe permitte o Uſo alguma ligeira mudança, aſſim que duas palavras fiquem de tal ſorte colladas entre ſi, que pareça o vocabulo inteiriſſo, e ſe naõ percebaõ facilmente as peças da ſua compoſiçaõ? E naõ he outra a razaõ por que os Latinos polidos diziaõ, *duapondo*, *trepondo* &c. ſem ſe eſcandalizarem de barbariſmo, entendendo, que poſto que as duas palavras ſeparadas foſſem barbaras, na compoſiçaõ ficava o barbariſmo a perder de viſta. (*a*)

Com a meſma razaõ ſe moſtra ſer vaõ o eſcrupulo dos que impugnaõ os termos numeraes *Dezaſeis*, *Dezaſete*, *Dezanove*, querendo antes *Dezeſeis*, *Dezeſeste* &c.

Para concluirmos finalmente eſte artigo: as regrada Lingoa tem ſeu fundamento na Analogia; as Anomalias, iſto he, as excepções das regras tem fundamento no Uſo da Lingoa. Qual ſeguiremos pois? qual rejeitaremos? Eſte he o partido prudente, e vem a ſer, que

1.° *Sempre devemos ſeguir a Analogia, e em todos os caſos, em que o Uſo ſe lhe naõ oppoem.*

2.° *Sempre devemos ſeguir a Anomalia, toda a vez que ella he fundada no Uſo, ainda que a Analogia ſe lhe opponha.*

E fallando em geral, poſto que huma lingoa viva, em que o uſo domina, naõ póde totalmente ſer fixada pela Analogia, com tudo as ſuas regras conduzem muito para a ſua perfeiçaõ, e ſobre tudo ellas ſervem de coarctar, e ſopear as mudanças caprixoſas do uſo popular, taõ vario, e inconſtante nos modos de fallar, como as modas de veſtir.

(*a*) „ Quaedam, quae ſingula procul dubio vicioſa ſunt, juncta ſine „ reprehenſione dicuntur. „ Quinct. lib. IX. cap. 5.

§. III.

§. III.

Causa da Analogia erronea na Lingua Portugueza.

Do que atéqui temos observado a respeito da Analogia das Lingoas, claramente se vê, que os Authores, que atégora escrevêraõ regras sobre a Lingoa Portugueza, naõ tinhaõ justa noçaõ do que he verdadeiramente Analogia, nem conheciaõ a sua extensaõ, e limites.

Mas a causa radical da miseravel confusaõ, e erros nas regras da Lingoa, que inculcaõ foi, que crendo ser a Lingoa Portugueza filha da Latina, e mui semelhante a ella, assentáraõ comsigo, que naõ havia nella outra Analogia senaõ a mesma Latina accommodada ás vozes Portuguezas, seja como for; e as noções da Grammatica geral a todas as Lingoas he communmente o que faz o mais grosso da Obra: de maneira que os titulos de *Grammatica Portugueza*, e *Regras da Lingoa Portugueza* nada, ou quasi nada tem do que promettem. O ultimo que escreveo nesta materia, lisongeando-se de alguma novidade, que o distingue dos outros, caprixa de dar humas regras (*a*) que saõ fundadas nas verdadeiras causas da Lingoa Portugueza, e nas doutrinas dos Grammaticos mais celebres, que com as luzes da Filósofia examináraõ a natureza, e propriedades das palavras: e nesta persuasaõ mette-se a corrigir alguns erros dos seus antecessores; e outros ajuntou-os aos seus; porque as suas regras, que chama fundadas nas causas da Lingoa Portugueza „ naõ saõ tal cousa, antes saõ fundadas nas Filosofias dos que tractáraõ das causas da Lingoa Latina, que accommoda como póde á Lingoa Portugueza: e assim vem a cahir a cada passo no mesmo torpeço, em que os outros cahíraõ.

E qual he a Filósofia da Lingoa, ou as suas cau-

(*a*) Lobato na Introd. á Gram. Portug. p. XXIII.

sas,

ſas, quando dá aos artigos declinaçaõ por caſos, ſendo elles na realidade taõ indeclinaveis per ſi meſmos como os nomes, a que ſe coſtumaõ ajuntar? e em tal eſtado como podem artigos ſervir para moſtrar os caſos dos nomes, a que ſe ajuntaõ, ſe elles meſmos dependem das prepoſições para moſtrarem os ſeus caſos, ou mais propriamente o emprego que elles tem no ſentido da fraſe com os nomes, a que ſe ajuntaõ? He verdade, que cahindo em ſi o Author declara a poucos paſſos, que por cauſa da variedade de particulas, que differençaõ os caſos do artigo, he que ſe diz que elle ſe declina por caſos; porque rigoroſamente fallando o artigo he indeclinavel dentro do meſmo numero por naõ variar a terminaçaõ:. mas he iſto o que ſe chama enſinar os principios da Lingoa com clareza, e preciſaõ?

O meſmo poem univerſalmente ſó dous generos em todos os nomes adjectivos, e naõ conſente que *iſto*, *iſſo*, *aquillo*, como tambem *tudo*, que ſe lhes deve ajuntar, ſejaõ o genero neutro, ou fórma differente dos pronomes *eſte*, *eſſe* &c., que antigamente ſe declinávaõ, *eſte*, *eſta*, *eſto*, de que ficou *iſto*. E tambem Elle, ella, ello, donde ſe deriva Aquelle, aquella, aquello, e hoje aquillo. Eſſe, eſſa, eſſo, (ant.) e hoje iſſo. Toda, toda, todo, (ant.) e hoje tudo.

Com tudo o antigo uſo da Lingoa, he como aqui ſe vê, huma das cauſas, ſobre que hum Grammatico deve firmar as ſuas obſervações a reſpeito de taes anomalias nas dicções, para naõ ſuppôr que ſaõ de diverſa natureza as que formalmente ſaõ as meſmas: ſendo que o genero neutro naõ he taõ particular na Lingoa Portugueza a eſtes pronomes, que ſe naõ ache muitas vezes ainda nos outros adjectivos, ſe bem ſe obſervar, e explicar a conſtrucçaõ de muitas das noſſas fraſes.

Tambem ſe naõ acha a Filoſofia do Author, em ſuppôr, que he o participio da voz paſſiva dos verbos, o que faz os preteritos, e futuros compoſtos da voz activa, quando dizemos *tenho amado* &c., ſendo eſte pro-

pria-

priamente hum supino, ou voz verbal distincta do participio, que só serve a este fim.

Naõ fallo em muitas outras cousas, que saõ communas a elle, e outros Grammaticos, nem taõ pouco da sua Syntaxe, que he, como elle mesmo affirma na introducçaõ, em quanto á substancia, a mesma que a Latina, e com ella se conformou em tudo em que ella convem com a Portugueza, até em apparencia; porque isso he largo assumpto, de que fallarei em diverso tractado.

CAPITULO II.

Do Uso mal entendido: II. causa da decadencia da Lingoa Portugueza.

QUem ler attentamente os Authores, que trataõ das Lingoas, ou os Criticos nas censuras, que fazem da lingoagem e estylo dos Escritores, achará, que naõ ha idéa mais vaga e indeterminada, do que a que se attribue ao vocabulo *Uso*, sobre tudo na Lingoa Portugueza. De maneira que assim como das falsas regras da Analogia, ou da sua má applicaçaõ se seguem varios prejuizos, como acima notamos; assim ha outros, que procedem da errada idéa, que se faz do Uso.

Os nossos Filologos, governando-se pela imagem poetica com que Horacio o descreve, tem feito delle huma especie de divindade, que realizaõ em idéa, e veneraõ com nimia superstiçaõ, sem cabalmente conhecerem os seus attributos. O Poeta com tudo na frase severa e substancial, que he propria do seu estylo, naõ omittio os caracteres, que lhe saõ devidos:

. . . . *Usus*,
Quem penes arbitrium est, et jus et norma loquendi.

e faz admirar, que quasi todos os Commentadores tomassem por synonymos aquelles termos, naõ obstante a sua formal propriedade.

Quem

Quem penes arbitrium est.

I. Uſo he Juiz nas Lingoas. Qualquer queſtaõ, que ſe mova ſobre as palavras, ou modos de fallar, eſtaõ debaixo da ſua judisdicçaõ: elle he, quem as decide, e já fica dito, que ſem elle, ou antes delle naõ exiſtíraõ as regras, que preſcreve a Analogia.

Et jus.

II. Elle he deſpotico ſoberano com pleno e abſoluto poder. Ninguem mais do que elle, nem tanto como elle póde diſpôr das palavras, a pezar de qualquer particular caprixo, razões, ou opiniões que ſe allegarem. Em querendo elle, muitos vocabulos, que haviaõ caducado, tornaráõ a florecer:

Multa renaſcentur, quae jam cecidere;

e ſe elle quer os vocabulos mais freſcos, mais mimoſos e authorizados, a pezar de tudo ficaráõ em eſquecimento:

. . . . *Cadentque*
Quae nunc ſunt in honore vocabula, ſi volet uſus.

. . . .

Et norma loquendi.

III. Elle meſmo he regra da Lingoagem, e regra ſobre todas as regras. Nenhumas tem valor, ſenaõ as que elle authoriza, e as que elle derroga, ficaõ ſem effeito. E quando os Criticos cenſurem huma fraſe de irregular, ella corre, e correrá ſegura com o favor do Uſo.

Taes ſaõ as ſuas decantadas prerogativas: porém notada a confuſaõ, com que ordinariamente o allegaõ, creriamos, que o reputaõ como hum mero ente de razaõ, ou pura quimera fingida no cerebro dos Filologos: porque uſo ſimpleſmente, bom uſo, máo uſo, ou abuſo, uſo legitimo, uſo nacional ordinariamente naõ ſe diſtinguem, e a ſua luz para o conhecimento das Lingoas, fica-nos tanto a perder de viſta, como ſe lá o houveſſem collocado na maior diſtancia de Saturno. Finalmente naõ acharemos nos Meſtres da noſſa Lingoa couſa conforme, e deciſiva ſobre a queſtaõ, que couſa ſeja o Uſo na lingoagem.

Do Madureira já vimos, como feito reformador da Lingoa Portugueza, se rebella muitas vezes contra este soberano, e lhe ata as mãos com algemas das suas etymologias: mas quando falla delle, naõ he sem equivocaçaõ. „ He sem duvida (diz elle) (*a*), que o *Uso* „ muitas vezes prevalece contra algumas regras *particu*- „ lares, e passa a ser lei na materia em que he Uso. „ Mas este he aquelle Uso geralmente introduzido, e „ com algum fundamento, sem contrariedade dos pru- „ dentes; porque o mais he abuso. „ Pelo que façamos algumas observações.

I. Por Uso, quando falla de huma Lingoa determinada, sempre se entende, e deve entender o *Uso nacional*; e este Uso nacional naõ he outra cousa, senaõ *o perpetuo, e uniforme theor, que constantemente se tem observado no idioma, conforme ao seu caracter, e natural constituiçaõ*; ou seja nas regras da Analogia, que o Uso naõ derrogou, ou nas mudanças, que elle por suas occultas razões tem introduzido. Digo *occultas razões*; porque muitas vezes para alguma mudança tiveraõ os homens, que a instituíraõ, presentes algumas razões, as quaes passado tempo, ou naõ lembraõ, ou naõ saõ examinadas pelos outros que continuaõ o uso, do que resulta que ordinariamente corre o Uso, e naõ constaõ as razões, e por conseguinte, qualquer temerario se julga ter direito a appellar das suas leis, e taxallo de abuso.

Conseguintemente o Uso nacional comprehende tudo o que os Grammaticos chamaõ Idiotismo, isto he, propriedade dos termos, ou da frase, segundo o Uso da Lingoa; e por isso Idiotismo, estylo da Lingoa, e Uso nacional tudo vale o mesmo. E quanto a isto o imperio deste Uso firma-se nestas duas leis:

I. *Nenhum idiotismo estrangeiro será admittido na Lingoa, sem sua authoridade, sob pena de ser taxado de barbarismo.*

(*a*) Orthogr. Introduc. n. 10. pag. 4.

II.

II. *Admittidos, reconhecidos, approvados, e authorizados que sejaõ, pelo Uso nacional, quaesquer idiotismos, ninguem ousará disputar-lhes o seu foro, ou condenallos de furtivos; ou será havida por Pedantismo toda a tentativa dos adversarios.*

Na primeira Lei saõ comprehendidos muitos latinismos, que a cada passo se encontraõ em algumas traducções Portuguezas, e muitos mais, que alguns Mestres da Lingua Latina, ou por negligencia, ou por ignorancia deixaõ de advertir aos principiantes; sendo causa, que se habituem nos vicios da Lingoa vulgar, quando delles se deviaõ purificar. Nesta mesma lei caem innumeraveis Gallicismos, que a pedanteria insensata do seculo presente tem introduzido no idioma Portuguez, como observaremos em lugar para isso destinado.

Pelo contrario, por virtude da segunda Lei goza a nossa Lingoa de alguns Hebraismos, que tem muitas vezes singular energia: como quando dizemos, exaggerando o tempo, *dias, e dias, annos, e annos* &c., ou as cousas: *riquezas, e mais riquezas, prazeres, e mais prazeres*: todo o seu cuidado he *estudar, e mais estudar*: ao ambicioso todo o seu cuidado he *subir, subir, subir*: e tambem *loucura das loucuras*, e outros modos de fallar semelhantes, que ninguem ousaria vituperar sem se expôr ao riso do mundo prudente. Naõ fallo de varios Grecismos, que se achaõ encorporados no nosso idioma, e fariaõ engrossar desnecessariamente este tratado.

O Madureira humas vezes naõ respeita este Uso nacional, senaõ como legislador subalterno, dando-nos em primeiro lugar as palavras do seu systema, e depois as do Uso:

Spaço		Espaço
Spasmo		Espasmo
Spirito		Espirito
Statua	por uso	Estatua
Stilo		Estilo
Stipendio		Estipendio
Stratagema &c.		Estratagema

 Ou-

Outras vezes o faz escravo dos seus caprixos; porque a *Escuma*, *Escumar*, accrescenta, *melhor Espuma*, *Espumar*. Mas sobre o verbo Nublar temos mais alguma puerilidade interessante. *Nublar*, diz, he palavra totalmente Castelhana, e dirá esta Lingoa, que a nossa naõ teve huma palavra com que explicar *Nubilo* em Portuguez... Acha que *nublar* seja Castelhano, seja Portuguez, para *nubilo* fica torto, e que o direito era *nubilar*. O conselho que ajunta he cousa mais relevante: „ Eu por „ naõ inventar palavra nova.. digo, que usemos de pa- „ lavras synonymas, e de huma perifrasi, como o Fran- „ cez, que diz, Nubilo *se couvrir de nuées*, cubrir-se „ de nuvens; ou estejamos pelo uso, que introduzio a „ palavra Castelhana *Nublar-se*, e *Nublado*. „ Tal he a critica deste Author em muitos outros vocabulos, que se pódem ver no seu Glossario.

II. O Uso legitimo, e supremo Legislador das Lingoas naõ he o *uso do vulgo*, ou *uso popular*. Porque se a este competisse tal poder legislativo, seriamos obrigados a approvar, e empregar no commercio da vida familiar, e civil mil expressões toscas, e informes, de *estremunhar*, *estremunhado*, por *estrovinhar*, *estrovinhado*, *estabalhoado*, por *atabalhoado*, *madorna*, por *modorra*: *astreverse*, por *atreverse*: *ouvisto*, por *ouvido*; *comesto*, por *comido*, e outras já estropiadas, já ridiculas. (a)

Mas o vulgo, assim na lingoagem, como nas acções, naõ he barbaro em tudo, e por isso todos os termos sãos do seu uso, tem valor naõ como seus, mas como authorizados pelo Uso supremo da gente civil, de quem o povo os participa. Conseguintemente, quando os Mestres de Eloquencia ensinaõ como regra fun-

(a) „ In sermone non siquid viciose multis insederit, pro regula ser- „ monis accipienda erit... Si (*consuetudo*) ex eo, quod plures fa- „ ciunt, nomen accipiat, periculosissimum dabit praeceptum, non ora- „ tioni modo, sed (quod magis est) vitae. „ Quinct. lib. 1. cap. 6.

damental da locuçaõ, que se deve fallar como todo o mundo falla, e que he hum erro enormissimo affectar outra lingoagem, outros termos mais afidalgados, differentes dos do racional Uso geralmente recebido; (a) por isto naõ constituem o uso do vulgo, universal, e supremo Legislador da Lingoagem, mas presuppoem que tudo o que ha na lingoagem commua saõ, tem a approvaçaõ do Uso legitimo.

Além de que a lingoagem do vulgo he mais, ou menos corrupta á proporçaõ que os costumes saõ mais, ou menos civilizados, segundo a condiçaõ dos paizes, e dos empregos, que nelles exercitaõ os homens, e a cultura do entendimento por meio das artes liberaes. Assim entre os Romanos pelo frequente exercicio da Eloquencia nos negocios do fôro, e do Estado, a que o povo assistia, veio este a contrahir o habito de huma lingoagem pura, limada, e polida, de fórma que até os ignorantes em muita parte fallavaõ limpamente; outros, quando menos, estudavaõ nas escolas a Lingoa materna por principios: causa porque o uso do vulgo tinha muita correlaçaõ com o uso erudito.

III. O Uso, que authoriza as Lingoas, e lhes dá leis naõ he o uso particular dependente do gosto, opiniões, ou prejuizos de hum ou de alguns Escritores, ou Criticos, ligados a certa seita ou systema. A esta classe pertence Duarte Nunes de Leaõ, que dizendo, que os doutos saõ os que fazem o costume nas Lingoas, ensina que ha grande erro nas palavras *Escrivaõ*, *Esperar*, *Espirito* &c., ensina em nome dos doutos hum principio falso contra o genio da Lingoa, como já mostramos; contra outro principio, que pouco antes estabelece; e contra o voto mais geral, e racionavel do commum dos doutos; vem a ser, que naõ sigamos o abuso de accres-

(a) „ In dicendo autem vitium vel maximum sit à vulgari genere orationis, atque à consuetudine communis sensus abhorrere. „ Cic. *de Orat.* n. 3.

cen-

centar a todas as dicções Latinas, que começaõ em ſ hum *e*, fazendo-as ſempre de mais huma ſyllaba, do que ellas tem de ſua colheita. (*a*)

A eſte numero ſe deve aggregar tambem o Madureira, e os ſeus ſectarios, como infatuados da preocupaçaõ de latinizarem a torto, e a direito a Lingoa Portugueza; e ao ſeu ſyſtema ſe deve referir a noçaõ que elle dá do Uſo, que chama univerſal, iſto he, Uſo geralmente introduzido com algum fundamento, e ſem contrariedade dos prudentes: porque por fundamento do uſo entende a etymologia Latina, da qual abuſa, como já moſtramos; e por prudentes entende naõ os verdadeiros Meſtres da Lingoa Portugueza, mas os Latiniſtas, iſto he, os mais revoltoſos ſciſmaticos na Lingoa Portugueza.

E certamente ninguem fallára bem Portuguez por fallar como quer o Madureira, Duartes Nunes, Bento Pereira, ou outros deſtes prudentes, e os homens de ſaõ juizo dizem em reſpoſta das ſuas controverſias pueris: *Eu fallo como o Uſo requer, Madureira, e os ſeus parciaes fallem lá como quizerem.*

Bem ſabido he, que querendo Auguſto com grande empenho introduzir hum vocabulo ſeu, hum Filoſofo lhe reſpondeo francamente, que elle tinha poder de dar foro de Cidadaõ aos homens, mas que outro tanto naõ podia fazer ás palavras. Naõ ha na Lingoa Portugueza ſyſtema, ou opiniaõ cujo partido prevaleça contra o legitimo Uſo, e o meſmo acontece nas outras Lingoas. Hum diz *Fruita*, he Sebaſtianiſta; outro diz *Fructa*, he Latino; outro diz Fruta, eſte falla com o tempo, ſegue o Uſo geral, falla Portuguez, e prova que tem juizo.

Hum deſtes, que o vulgo chama Latinorios, e que os eſtudantes appellidaõ pedantes, brazona de ſaber articular as palavras como ninguem, eſpivitando com toda a força os ſons, que repreſentaõ os caracteres em *Optimo*, *Obvio*, *Obviar*, *lucto*, *tractando* &c., e moſ-

(*a*) *Orthogr. Regr. Ger.* regra VI. contraria á Regra II. vej. tran-

trando, que ſabe bem, falla mal; porque ſe o Uſo tem ſuas razões fundamentaes, contrarias a eſta ſciencia, para naõ conſentir outra pronúncia, ſenaõ *O'timo*, *O'vio*, *O'viar*, *Iuto*, *áto*, poſto que na eſcritura ſe moſtre Optimo Obvio &c., naõ ha que fazer. Falla-ſe aqui da pronúncia, e naõ da Orthografia, porque deixaremos para a Grammatica Filoſofica eſſa queſtaõ taõ debatida, e nunca decidida, ſe ſe ha de eſcrever, como ſe pronuncía.

IV. O Uſo, que ſe reſpeita nas Lingoas, como Legislador, naõ he o eſtylo de fallar, que ordinariamente ſe pratíca nas Côrtes. Se aſſim foſſe, (diz hum Author grave) (*a*) os que ſaõ naſcidos, e educados nas Côrtes, de nada mais neceſſitáraõ, para fallar bem a lingoa do ſeu paiz, do que fallar a linguagem de ſuas aias, e creados.

Para examinar eſta verdade de facto mais exactamente, devemos diſtinguir Côrtes, onde ſe faz eſtudo da Lingoa materna, e Côrtes onde como em toda a parte, ſe ſegue o uſo tal qual, preſumindo com tudo cada qual, que falla melhor, que os das Provincias, porque falla na Corte. Nas primeiras poderáõ alguns liſongear-ſe de conſervar huma linguagem mais pura, ſeguindo o uſo da gente polida rectificado pelas obſervações, que paſſaõ do eſtudo á prática; porém nas ſegundas ordinariamente reina a preſumpçaõ de corrigirem os vicios eſtranhos, deixando-ſe na poſſe dos ſeus; ou mais depreſſa, ellas conſtaõ de huma collecçaõ dos vicios de diverſos paizes, ſegundo a frequencia das peſſoas, que a ellas concorrem de differentes partes. O que regularmente he bom, e incorrupto he o que ſe lê nos Authores, e o que ſe eſcreve conforme os Authores de boa nota: ora eſta Linguagem dos bons eſcritos naõ naſceo toda na Côrte, naſceo onde os Authores eſcrevêraõ, e com as obras paſſou a differentes paizes do Reino: do

(*a*) Vaugelas, *Remarq. ſur la lang. Franç.* Pref. p. 19.

que

que se segue o que a mesma experiencia me ensinou, e he, que os que na Côrte escrevem, e fallaõ bem a Lingoa, escrevem, e fallaõ como os polidos das Provincias, e estes como os da Côrte: nos barbarismos ha a mesma correlacaõ, supposta a differença especifica de taes, ou taes.

Alguns mais presumidos, que intelligentes, sei eu, que fazem suas investidas contra os termos usados nas Provincias, devendo advertir, que só os termos bons da Lingoa, que nellas o vulgo desfigura, he que fazem a linguagem corrupta, e dialecto disforme, mas naõ os termos bons, e sãos, que saõ do uso peculiar do paiz, e tem o mesmo privilegio, que os termos technicos para a linguagem scientifica. Que em Lisboa se chama *Viga*, o que no Minho, ou na Beira se denomina *caibro*, ou *barrote*: que n'uma parte se diga *Bilha*; o que nas outras se chama *Cantaro*, naõ prova, que huns tenhaõ melhor, nem peor lingoa. Os nossos Portuguezes na India dizem em bom Portuguez *Veniaga*, como nós cá dizemos *Mercadoria*: tudo val o mesmo. Já vimos em que sentido disse Quinctiliano, que naõ julgava o dialecto de Italia, e ainda os das outras Provincias alheios da Lingoa, que se fallava em Roma; e sómente no estylo da Oratoria he prohibido o uso das palavras Provinciaes, porque naõ seraõ entendidas de todos; naõ porque sejaõ toscas, ou improprias do idioma.

Huma cousa porém, em que a gente da Côrte carrega mais a maõ aos d'entre Doiro, e Minho, e aos Beirões, e quanto a mim, sem razaõ, he na pronúncia de dous A consecutivos. Dizem enfaticamente, que esta vogal he fatal áquella gente, seguindo-se-lhe outro A, porque naõ os podem pronunciar ambos, hum detraz do outro, sem lhes meter de permeio *i*: e assim havendo de dizer, *a agua*, *a alma*, infallivelmente haõ de dizer *a iagua*, *a ialma*.

Portanto com o devido respeito a muitos destes varões illustrados seja-me licito dizer 1.° que esse idio-

tis-

tiſmo bom, ou máo, naõ he taõ geral como cuidaõ, ou como os tem informado; deſorte que aſſim como em Lisboa nem todos dizem *auga*, *ſube*, *truxe* &c, tambem naquellas provincias nem todos dizem *a iagua*. Em 2.º lugar, póde ſer que taes apparentes defeitos das Provincias tenhaõ ſeu principio na natureza, por iſſo meſmo que naſcem de peſſoas, que naõ o fazem por eſtudo, nem affectaçaõ, mas por natural diſpoſiçaõ do orgaõ; e naõ abuſando das palavras inteiras, mas modificando eſtes ſons elementares nas ſituações, em que os Grammaticos inventariaõ regra. Taes fenomenos, em lugar de deſprezar-ſe, antes ſe deviaõ obſervar para diſcernir o que póde ſer perfeiçaõ n'uma Lingoa, do que he verdadeiramente groſſeria. Os Gregos naõ conhecêraõ elisões de vogaes, apoſtrofos, aſpirações, eſpiritos &c. ſenaõ depois que filoſofáraõ ſobre o mechaniſmo dos ſons reſpectivamente ao ouvido, obſervando quaes impreſsões eraõ agradaveis, quaes deſagradaveis: daqui naſceo a variedade de dialectos com que as palavras ſe pódem figurar por ordem á compoſiçaõ.

Delles veio, que a pronunciaçaõ ſimultanea de duas vogaes diſtinctas era inſuportavel: por iſſo humas vezes uſavaõ da eliſaõ, outras de dithongos, outras da miſtura de certas conſoantes, que mediando entre as vogaes, lhes continuaſſem o ſom ſem hiato disforme.

Ora para nós (e aſſim nas outras Lingoas) de todos os hiatos, que acontecem no concurſo das vogaes o mais disforme he o de huma vogal com ſigo meſma, e ſobre tudo da vogal *A* pelo grande obſtaculo, que faz a exploſaõ da aſpera arteria, como: *o ſom, que a alma eleva*: o peccado *mata a alma*. Quando vem nos caſos de prepoſiçaõ, vale-lhe o apoſtrofo *d'alma*, *pel'alma*. Mas no nominativo, e accuſativo naõ ha meio de o adoçar, como aquelle *i* junto á vogal ſeguinte, fazendo hum dithongo *ia*, e ſeparando a vogal, que he artigo. Com que ſe nas Provincias ſe naõ podem pronunciar os dous ſons de *a* ſem a miſtura de *i*, cá naõ os

podem certamente pronunciar senaõ de hum modo horroroso, o qual a natureza por huma especie de instincto emendou naquella gente, e que por boa Filosofia se devia geralmente abraçar. Muitas cousas, que hoje tem regra nas Lingoas, principiáraõ no uso, e este na acçaõ simples da natureza; e se naõ estivessem estabelecidas taes regras, talvez chamariamos vicios os usos, donde ellas se formáraõ.

Deixemos finalmente todos esses fasos usos, a quem, como a outros tantos idolos, por ignorancia se tem superstíciosamente sacrificado os preciosos thesouros da nossa Lingoa: vejamos qual seja o verdadeiro, bom e legitimo Uso, que reina nas Lingoas.

V. O Uso, cujas leis se devem respeitar nas Lingoas, naõ he outra cousa, senaõ *o commum e uniforme sequito dos varões doutos.* (*a*) Digo o commum e uniforme sequito, para excluir, como fica dito, hum uso particular de alguns Criticos preocupados, que com frivolas replicas pertendem atropellar o recto uso das vozes: acrescenta-se *sequito dos doutos*, para o distinguirmos do Uso do vulgo imperito, ou abuso, que, geralmente fallando, he máo Uso. Este muitas vezes usurpa o officio e prerogativas do legitimo Uso, e até se vale da prescripçaõ para prevalecer. Este consta sempre do maior numero, e tem por si a pluralidade de votos; aquelle sempre consta de menor numero, e comprehende só os doutos e intelligentes, que pezaõ as cousas com juizo, e com escolha.

Mas quaes saõ os doutos, cujo voto, ou exemplo se tira por decisivo no exercicio da Lingoagem? Naõ saõ os Filosofos, Theologos, Juristas &c. simplesmente por estes, ou semelhantes titulos; pois que aquellas faculdades presuppoem como base o estudo das Bellas Letras, e o conhecimento da Lingoa nacional, mas naõ tem hum

(*a*) „ Consuetudinem sermonis vocabo consensum eruditorum. „ Quinct. lib. 1, cap. 6.

in-

influxo taõ eſſencial ſobre a lingoagem, que naõ poſſaõ ſubſiſtir ſem elles. Antes naõ poucas vezes acontece, que os que neſſas faculdades ſaõ habeis, na lingoagem ſaõ barbaros como o povo, e ſabendo muito, eſcrevem e fallaõ bem mal, como antigamente ſe vio no Latim barbaro das diſſertações eſcolaſticas.

Nem taõ pouco ſeraõ Juizes abſolutos na Lingoa Portugueza os que poſſuem, ou cultivaõ as Lingoas eſtranhas, ſe da Lingoa materna naõ tem mais conhecimento, que o adquirido pelo uſo vulgar, ou alguma leitura paſſageira de Author Portuguez. Homens tivemos já na noſſa naçaõ, que eſcreviaõ Latim perigrínamente, e naõ podiaõ alinhar capaſmente hum periodo de Portuguez.

Pelo que por doutos entendemos aqui I. os homens inſtruidos na Lingoa materna, verſados nos Authores claſſicos, que nella tem eſcrito, e na Critica da meſma Lingoa, quero dizer, nas ſuas differentes épocas, periodos, mudanças, propriedades &c., concorrendo tambem o conhecimento de outras Lingoas, principalmente daquellas com que a noſſa tem correlaçaõ. II. Entendemos os Eſcritores nacionaes, que ſaõ principalmente os que daõ foro e authoridade ás palavras, e fraſes, (a) as quaes nas ſuas obras ſe conſervaõ, como em depoſito, mais puras do que na lingoagem vocal, conforme o antigo dictado, *verba volant*, *ſcripta manent*. Mas á Critica pertence diſcernir o direito particular, que ſe arrogaõ os Eſcritores, ſegundo as ſuas diverſas ordens; porquanto maior liberdade ſe concede aos Poetas na Lingoagem, menos aos Oradores, ainda menos aos Hiſtoriadores: ſó o tom uniforme da analyſe nos Filoſofos e Dogmatiſtas naõ arriſca nada. Nas outras ordens de Eſcritores a locuçaõ tem mais, ou menos conſiſtencia á

(a) „ Excutiendum omne Scriptorum genus, non propter hiſtorias „ modo, ſed verba, quae frequenter jus ab auctoribus ſumunt. „ Quinct. Lib. 1. cap. 5.

proporçaõ que participa mais, ou menos do enthusiasmo da imaginaçaõ.

Diraõ, que os Escritores naõ saõ os que fizeraõ a Lingoa; a naçaõ toda he quem a fundou, e elles usáraõ della tal como a acháraõ: logo a authoridade desses Escritores he subalterna, como dependente do uso vulgar. Distingamos: os Escritores parte usáraõ da lingoagem conforme a prática vulgar; porque como fica dito o povo naõ he barbaro em tudo, e bem se lhe póde accommodar a sentença de Horacio:

Quum flueret lutulentus, erat, quod tollere velles (*a*)

mas neste caso nem essa parte da lingoagem vulgar, que os authores tomáraõ, tem authoridade do vulgo, mas dos mesmos authores, que a consignáraõ aos assumptos das suas obras. A outra parte da lingoagem limada, polida, e mais regular, que os authores empregáraõ, separando-se do tom do vulgo, essa quem duvída, que toda he delles, delles tem authoridade, e se cita como exemplo a par das regras da Lingoa? Com tudo.

VI. O Uso *he variavel*, e naõ pode deixar de o ser; mas este mesmo predicado em lugar de merecer desprezo, antes lhe concilia veneraçaõ: *Si volet usus*. E na verdade as Lingoas seguem as opiniões, que variaõ segundo os tempos, a policia, e o gosto dos homens, e por isso á mesma variedade estaõ sogeitas as palavras, conforme a imagem com que Horacio as concebeo:

Ut sylvae pronos mutantur in annos:
Prima cadunt, ita verborum vetus interit aetas,
Et juvenum ritu florent, modo nata vigentque. (*b*)

He porque o uso de tempos a tempos, ou revoga, ou reforma as antigas leis, já rectificando-se pela Analogia, como já vimos, já fundando-se em outras razões de congruencia. Se assim naõ fosse, os Latinos do seculo de Augusto fallariaõ a lingoagem dos Oscos, e dos Sa-

(*a*) Horat. 1. *Sermon.* 4. 11.
(*b*) Id. *De Art. Poet.* v. 60. et seq.

binos, e nós teriamos hoje as mesmas vozes, com que fallava n'outro tempo a Mãi de Egas Moniz.

VII. Mas assim variavel como he, *naõ he hum Juiz nem taõ cego, nem taõ despotico como o fingem* aquelles que o confundem com o uso imperito. Pelo que he falso o que dizem alguns authores, que o uso, segundo a sua liberdade, muitas vezes authoriza os erros da lingoagem, os quaes por authorizados, que sejaõ, naõ deixaõ de ser verdadeiros erros. Porque tudo o que n'uma Lingoa se tem constantemente observado, ainda que contrario seja a algumas regras da analogia, naõ póde ser essencialmente vicioso; algumas razões particulares devêraõ concorrer para que o uso continuado conservasse certos modos de fallar que parecem extraordinarios. Quando a Analogia da Lingoa naõ ministra quanto he necessario para a pintura fiel do pensamento na fórma das palavras, o Uso o suppre, a necessidade, ou utilidade o justifica.

VIII. O Uso *he indifferente n'umas cousas, n'outras mais rigido*, mas no que he indifferente cede do seu direito em favor da Analogia, como já vimos. Sisenna foi o primeiro entre os Latinos, que usou de *Assentio*, por *Assentior*, contra a commum torrente: teve imitadores; e com razaõ, porque tinhaõ por si a authoridade de hum homem de abalizado merecimento, juntamente o fundamento da Analogia. Pelo contrario os que defendiaõ *Assentior*, tinhaõ o uso, isto he, o maior numero de authoridades. Mas este he o caso, em que, posto que hum só Author naõ funda uso com a sua opiniaõ particular, póde com tudo principiallo, e ser causa que ainda o bom uso se converta em melhor uso. Se assim naõ fosse qual seria hoje a nossa Lingoagem? que perfeiçaõ teriaõ as Lingoas? que riqueza? que augmento? Daqui vem, que

IX. *As leis do Uso naõ excluem o estudo da Lingoa*; nem nos prohibem, que as examinemos; porque quanto mais se apuraõ os vocabulos, e frases de huma Lingoa,

goa, tanto mais cresce o numero dos bons Juizes, tanto mais se acredita, e melhora o Uso. As varias mudanças que faz huma Lingoa viva, ou seja pelas modas vagas, que induz o caprixo do uso vulgar, ou seja pelas racionaveis correcções, que estabelecem os homens doutos, saõ outros tantos fenomenos para o observador, cuja combinaçaõ o conduz a verificar as causas da preferencia entre hum, e outro uso, a fim de reproduzir o que o esquecimento poz em total desuso, ou o que o uso vago sem causa rejeitou. Conseguintemente *o Uso póde admittir varias correcções*, que conduzem á maior perfeiçaõ huma Lingoa. Assim aconteceo sempre: a Lingoa Latina que antigamente era assaz rude, e pobre, em menos de cincoenta annos chegou aos termos de poder disputar todas as bellezas de Eloquencia, e Poesia da Lingoa Grega, no seculo de Augusto. A mesma fortuna teve quasi a nossa Lingoa, ao menos a respeito da copia de termos, nos primeiros vinte annos do reinado de D. Manoel, segundo o testemunho de hum grave Author. (*a*)

Mas estas correcções, que o Uso admitte, naõ vem tumultuariamente, nem nascem de huma especie de convençaõ sediciosa de Criticos enthusiastas, e parciaes da novidade. Por quanto, sendo o pensamento huma cousa puramente intellectual, os sinaes convencionaes, que o representaõ, quaes saõ as palavras, naõ podem ser o resultado nem de huma deliberaçaõ nacional, nem da deliberaçaõ desses Criticos. (*b*) Mas tudo se ensina com a circunspecçaõ dos Criticos prudentes desta maneira: hum expoem modestamente as suas observações, outros as

(*a*) Fr. Manoel do Sepulchr. no Prol da Refeiçaõ Espir.

(*b*) Mr. Gombauld, Poeta celebre no reinado de Maria de Medicis, hum dos primeiros membros da Academia Franceza, e que contribuio muito para a pureza da sua Lingoa, zelou-a com tal enthusiasmo, que hum dia propoz aos Academicos, que haviaõ de fazer hum juramento de nunca usarem, senaõ das palavras, que fossem approvadas na Assembléia pelo maior numero de votos. Dic. Histor.

pon-

ponderaõ, e examinaõ; conformaõ-se, approvaõ: e acha-se o primeiro Author do partido com mais dez, ou vinte sequazes do seu voto: cada hum destes fica sendo outro Chefe subalterno de outros muitos proselytos; e temos o novo Uso ha pouco gerado, brevemente adulto. Nos Escritores procede o mesmo modo. Hum aventura hum termo, ou frase nova, naõ sem alguma demonstraçaõ do seu respeito ao Uso dominante, ou sem recommendaçaõ da necessidade, que induzio á innovaçaõ: *Si forte necesse est .. fingere non exaudita* ... eis-que, isso que parecia duro na lingoagem, e novidade inaudita, correndo de maõ em maõ facilmente se adoça, e em pouco tempo obtem a acceitaçaõ do Uso universal, merecida pela circunspecçaõ do Author, e credito do seu merecimento: *dabitur licentia sumpta pudenter.* (*a*) Ha outras mais leves transgressões em que o Uso he menos melindroso, e naõ se offende da nobre ousadia de hum Escritor grave. *Nadas* em numero plural foi o nosso Sá (cuido eu) o primeiro, que o disse, e felismente: (*b*)

Nadas, menos que nadas,
Nossas ricas riquezas,
Como esta as chamaria pobres pobrezas

Aliàs, se fosse lei, que ninguem devia dizer senaõ o que todos já tem dito, que captiveiro para as Liugoas, e para os Escritores!

(*a*) Hor. *de Art. Poet.* v. 48. et seq.
(*b*) Franc. de Sá de Mir. Ecl. IV.

C A-

CAPITULO III.

Do Pedantiſmo Etymologico, ou do abuſo da Etymologia na Lingoa Portugueza: III. Cauſa da ſua decadencia.

POſto que a Analogia he a que propriamente dá a razaõ da Lingoa, tambem a Etymologia faz as ſuas vezes, e della, como já vimos, em muitos caſos ſe deduz a Analogia. (*a*) Chamamos porém Pedantiſmo Etymologico a preoccupaçaõ de ſeguir a mera ſombra de qualquer imaginada etymologia ſem raciocinio etymologico. E com effeito na Lingoa Portugueza naõ ha couſa, que mais tenha feito arear as cabeças do que a Etymologia Latina; porque naõ ſó quizeraõ os noſſos Grammatiſtas, que a noſſa Lingoa filha da Latina (digamos aſſim) em carne, e oſſo, mas até parece a quizeraõ conſtranger a ſer filha na pelle, na côr, e em todas as feiçŏes, de fórma que quem a viſſe a equivocaſſe bem com a mãi. Pelo que para a ſentença deſta cauſa tanto mais neceſſario parece conhecer qual ſeja o verdadeiro *uſo*, e os juſtos limites, em que ſe encerra a Etymologia em qualquer Lingoa.

§. I.

Idéia da Etymologia.

He certo que em todas as Lingoas ha Etymologia, porque ha palavras, que tiveraõ particular razaõ, ou cauſa da ſua exiſtencia, ſegundo o motivo, que determinou os homens á inſtituiçaõ, ou eleiçaõ de certas denominaçŏes, naſcendo humas das idéias acceſſorias, ou cir-

(*a*) „ Rationem praeſtat praecipue Analogia, non nunquam et Ety„ mologia. „ Quinct. l. 1. cap. 6.

cum-

cumvizinhas, ou intermedias, em que tinhaõ propriedade, outras de huma particular modificaçaõ dos ſons conhecidos nos vocabulos da primeira inſtituiçaõ. Podiamos contar como parte da Etymologia aquella eſpecie de vocabulos, que chamáraõ *Onomatopéa*, e conſiſtem na imitaçaõ dos ſons naturaes, que ſaõ o ſeu *Etymo*, ou exemplar.

A razaõ da Etymologia de todas as Lingoas he, que em nenhuma naçaõ ſe formáraõ as Lingoas por deliberaçaõ publica, nem os homens botáraõ pregaõ, para que todos a hora dada, dia fixo, e lugar decretado ſe achaſſem juntos para ſe fazer publica, e ſolemne inſtituiçaõ dos vocabulos que houveſſem de ſervir nos exercicios, e funcçóes publicas, e particulares da Lingoa nacional; por iſſo quando ſe diz, que as vozes ſaõ dependentes da convençaõ dos homens, iſto ſe entende de huma convençaõ ſucceſſiva, com que os vocábulos pouco a pouco ſe fôraõ tranſmittindo de huns a outros, e ſegundo o tempo, as occaſiões, as circumſtancias, o goſto, a neceſſidade, e os conhecimentos dos povos, aſſim ſe fôraõ augmentando as Lingoas ſempre pobres no ſeu principio. (*a*)

Daqui vem, que todas as palavras que conſtituem os antigos idiomas, humas ſe chamaõ *primitivas*, porque fôraõ primeiramente inventadas, originaes, e ſem etymo; outras ſe chamaõ *derivadas*, porque fôraõ formadas das primeiras. (*b*)

Por iſſo, quando ſe diz, que os vocabulos ſaõ arbitrarios, iſto entende-ſe mais rigoroſamente nas Lingoas originaes, onde as palavras elementares fôraõ (para aſſim o dizer) creadas de nada. Porque nas Lingoas modernas quaſi naõ ſe formáraõ vocabulos novos, mas os

(*a*) V. Condillac *Eſſai*.

(*b*) „ Cum ſint eorum alia (ut dixit Cicero) nativa, id eſt, quae „ ſignificata ſunt primo ſenſu; alia reperta, quae ex his facta ſunt. „ Quinct. *Inſtit. Orator.* l. VIII. cap. 3.

que as instituírão achando os vocabulos já feitos de outros idiomas, naõ cuidáraõ mais do que em ampliar, coarctar, combinar, em fim modificar diversamente os sons determinados, do mesmo modo com que Cicero deo aos Latinos os termos *beatitas*, e *beatitudo*, que elle inventou, e com que o P. Vieira fez *topetar* do nome *tope*, e outro *descortinar* de *cortina* &c. Onde se vê, que estes, e semelhantes vocabulos naõ saõ totalmente arbitrarios, mas só na disposiçaõ, e combinaçaõ dos sons semelhante, ou equivalente á de outros conhecidos.

He pois a Etymologia (segundo a força do vocabulo) a investigaçaõ da origem das palavras, ou da causa por que se deraõ ás cousas taes, ou taes denominações. (a) O seu objecto he 1.° as palavras adoptadas, nas quaes se investiga a propriedade da significaçaõ primitiva, que deo causa a huma nova applicaçaõ dellas, inferindo da idéia principal as accessorias: 2.° as palavras propriamente *derivadas*, isto he, aquellas, que só pela modificaçaõ dos sons se referem a outros vocabulos da mesma, ou differente natureza, do mesmo, ou diverso idioma.

§ XXV.

Do uso, e utilidade da Etymologia em commum.

Esta parte da erudiçaõ, que podemos chamar a Filosofia das Lingoas, naõ he em si taõ desprezivel, como muitos crem. O palacio das Musas he de mui grande belleza, vista a sua perspectiva; os seus fundamentos ficaõ escondidos, e constaõ de materiaes mais grosseiros, mas sem estes naõ podia subsistir o edificio.

I. Algumas vezes se usa necessariamente da Etymo-

(a) ,, Etymologia, quae verborum originem inquirit, a Cicerone dicta est notatio ,, Quinct. l. 1. cap. 6. ,, Verborum etiam explicatio probatur, id est, qua de causa quaeque essent ita nominata. ,, Cic. *Acad.* L. 1.

logia, quando se deve explicar com interpretaçaõ a materia significada pelos vocabulos: he equivalente a huma definiçaõ, e muitas vezes serve de prova, tanto nas dissertações filosoficas, como nos discursos da Oratoria. (*a*) Como se alguem dicesse: Porque chamais ao velho caduco, senaõ porque está para cahir.

Assim se explicaõ muitas cousas vulgares, como: Lobesomem, ou Lubishomem, he homem convertido em lobo, *Lupus ex homine*. Musaranho he hum bicho feio como rato, e venenoso como aranha.

Da Etymologia fez o P. Vieira huma elegante figura, quando diz: (*b*)

„ Naõ fallo do temor, que faz timidos, senaõ do „ temor, que faz timoratos; naõ do temor, que faz te„ merosos os homens, senaõ do temor, que faz temen„ tes a Deos. „

II. A Etymologia encerra huma vasta erudiçaõ, (*c*) porque 1.° por ella conhecemos as fontes do nosso idioma, e podemos comparar os vocabulos de diversas origens, Latinos, de que a nossa Lingoa tem maior abundancia, Espanhoes, Arabicos, Francezes &c.

2.° Por ella alcançamos noticia historica de varios paizes, lugares, costumes, discutida a significaçaõ historica dos vocabulos, isto he, a allegoria, ou allusaõ, que elles envolvem, e se faz tanto mais recondita, quanto mais frequente, e ordinario he o seu uso, de fórma que os doutos, conhecida a Etymologia, entendem a razaõ do que dizem pela associaçaõ das idéias, e os idiotas pronunciando os vocabulos só por mero habito, e sem ligarem as idéias accessorias, nem se entendem bem fallando, nem entendem os outros distinctamente. (*d*)

(*a*) „ Haec habet aliquando usum necessarium, quoties interpretatione, „ res, de qua quaeritur, eget... Ideoque in definitionibus assignatur „ Etymologiae locus. „ Quinct. l. I. c. 6.

(*b*) Vieira *Serm. de S. Roque*.

(*c*) „ Continet autem in se multam eruditionem. „ Quinct. l. I. c. 6.

(*d*) Hartley *Explic. Physiq. des Sens.* Tom. II. Propos. 82.

Bem vulgar he o termo *patarata* por mentira, falsidade, derivado de *Patara* Cidade da Asia, sendo o fundamento de tal denominaçaõ, que os Asianos geralmente, e em particular os de Patara, mui celebre pelos oraculos, e templo de Apollo, eraõ tidos por paroleiros, e exaggeradores. Donde veio tambem a dar-se o nome de Patarata a qualquer vaõ fallador.

Da mesmo sorte usamos da palavra *mandinga* vulgarmente para significar astucia, artificio, tomada a propriedade de *Mandinga* Cidade da Africa, onde, se diz, saõ os negros feiticeiros, e que usaõ de certas bolças magicas para os naõ passarem á espada.

Picaro, he termo de invectiva com que se designa hum homem vil, e baixo, do Latim *Picardus*, ou mais depressa do Francez *Picard*, o que he natural de Picardia, Provincia no Reino de França, cujos naturaes saõ de costumes grosseiros, e incivís, taes como os conhecêraõ os nossos antepassados nos primeiros seculos da Monarquia.

Alicantina chamamos nós a sutileza, ou destreza em trocar, ou mudar alguma cousa, de Alicante Cidade de Espanha no Reino de Valença, onde se faz muito trafico de vinhos, e fructos do paiz.

Pela etymologia historica se sabe a razaõ por que chamamos *Pigmeo* a hum homem de mui pequena estatura, visto que, segundo a historia antiga, Pigmeos, (em Latim *Pigmei*) se chamavaõ huns gentios da Ethiopia de corpo mui pequeno; ainda que hoje se crê, que taes povos saõ fabulosos, e em lugar de homens, como os suppunhaõ os antigos nimiamente credulos, naõ eraõ senaõ aquella especie de animaes, que vulgarmente chamamos *Monos*; servindo de occasiaõ ao erro dos primeiros observadores algumas avultaçóes, que estes animaes tem da figura humana.

Mausoleo he outro nome, que com propriedade emprestada se dá a qualquer sepulchro magnifico, como de Reis, Emperadores, Pontifices &c. porque assim se de-

nominou antigamente o ſumptuoſo ſepulchro de Mauſolo Rei de Caria, que lhe mandou fabricar ſua Eſpoſa Artemiza, e conſerva o termo a meſma prerogativa, que tinha entre os Latinos *Auguſtale*, e *naenia* &c.

Aſſim he que a Etymologia conſerva em varios vocabulos a hiſtoria das antiguidades, que ás vezes ſe vem a perder, perdendo-ſe o uſo delles. Ainda tenho obſervado veſtigios do uſo da palavra *alfenado*, ou *alfanado*, que ſe dizia em ſentido figurado de huma peſſoa toda melindroſa, principalmente a que ſe affecta com ar de deſdem, como os que zelando os ſeus enfeites naõ querem que lhes toquem, nem ſe cheguem a elles. Como eſtás alfanado, ou como vens alfanado, ou andas muito alfanado; ouvia eu dizer neſte ſentido muitas vezes ſendo menino. No texto dos noſſos Authores ſó ſe achaõ exemplos no ſentido proprio por enfeitado. Hum, e outro uſo naſceo de que os Orientaes tanto Mahumetanos, como Chriſtãos, e particularmente as mulheres, e meninos coſtumavaõ na occaſiaõ das ſuas feſtas untar as mãos, e pés com huma maſſa feita dos pós de alfena, planta de flores mui delicioſas, e depois esfregavaõ com azeite as mãos e os pés, que lhes ficavaõ de côr vermelha até quinze, e vinte dias. A iſto chamavaõ *alfenar*, que quer dizer no ſentido proprio, tingir com pós de alfena, ou com agoa de folhas de alfena.

A identidade que a noſſa imaginaçaõ ſabe fingir entre huma idéia principal, e outras acceſſorias, aſſim tem ſido cauſa de enriquecer as Lingoas de varias denominações. *Romagem*, *Romaria*, *Romario* ſaõ derivados de Roma, aonde antigamente ſe faziaõ frequentes perigrinações, depois por ampliaçaõ do vocabulo, chamou-ſe Romaria qualquer outra perigrinaçaõ, que ſe emprende por motivo de piedade.

Melhor entende os termos Eccleſiaſticos *Cura*, *Curato*, o que pela Etymologia conhece a conveniencia da ſignificaçaõ com *Curio*, e *Curionatus*, donde aquelles ſaõ derivados pela ſemelhança da diſciplina do povo Ro-

Romano, que foi antigamente dividido em Curias (que he o mesmo que bairros, e corresponde ao que hoje chamamos freguezias, ou paroquias) ajuntando-se em certo lugar determinado para os exercicios da sua Religiaõ, a que presidia hum Sacerdote, que chamávaõ pela dignidade *Curio.*

Da Etymologia consta a razaõ por que chamamos *Sésta* o tempo decurso, desde o meio dia até ás tres horas da tarde, entendendo-se o substantivo *hora*, correspondendo a fórma Latina *hora sexta.*

Sabe melhor o que diz na palavra *Séstro* quem adverte, que he huma abreviatura de sinistro, ou do Latim *Sinister*, entendendo-se o substantivo costume, por má inclinaçaõ para algum vicio, como sestro de jogar, furtar, &c.

E em *seraõ*, *serandar*, trabalho, que se faz de noite, derivados de *sero* o tempo da noite.

Serve tambem III. a Etymologia para verificar os erros do vulgo, a que muitas vezes se dá o nome de Uso; ou justificar as causas, por que o Uso prudente se desviou da norma etymologica, como em *alvitre*, *alvidro*, *alvidrio*, *alvidrar*, *almario*, *almazem*. Por isso naõ he inutil conhecer a origem ainda dos termos mais ordinarios, principalmente, quando tem diversa modificaçaõ, como *esquife* deriva-se de scapha, *caramunha* de querimonia; *pedaço* de pittacium que os Latinos tomáraõ da Lingoa Grega, *pesquisa* donde se fez *pesquisar*, derivados do Latim-Gothico *per exquisam*, nempe, scire; *larpar*, comer com grande sofreguidade do verbo Latino antigo lurcari da mesma significaçaõ; *petiscar* de petissare; *averigoar* do Latim barbaro *ad* verum colare: *siso* do Hespanhol *seso* de sensus, como *sisudo* de sensatus: *agora*, que os nossos antigos escreviaõ *baghora* do Latim hac hora: *fazenda*, terras de fructo, de facienda, isto he, terra facienda, donde veio o proverbio: *Fazenda he fazendo-a*, e a frase Portugueza, *fazer as terras*, hum campo, huma vessada &c. por semear, lavrar &c.

Acres-

Acrescentemos IV., que pela Etymologia se conhece muitas vezes a propriedade dos termos, que parecendo pelo Uso commum synonymos, rigorosamente o naõ saõ; como quando o nosso Bernardes disse:

Os dous tristes pastores suspirando,
A lingoa ao pranto dando, olhos ao choro. (*a*)

Onde se vê que o Poeta discretamente observou a differença dos dous termos *Pranto*, e *Choro*, segundo a rigorosa propriedade que os distingue; pois que Pranto vem de *Planctus*, cuja raiz he *Plangere*, que significa propriamente bater, ferir; e neste sentido diziaõ plangere pectus, donde planctus significa quaesquer sinaes sensiveis de grande dor, como golpes, ais, gemidos, queixumes, clamores ainda sem lagrimas, e só fallando genericamente se toma tambem por choro, como no Latim.

Naõ omittiremos finalmente o que conduz naõ pouco para o credito desta parte da Filologia; vem a ser, que homens de mui profunda sabedoria a illustráraõ com os seus escritos, como foi hum Varraõ entre os Latinos, contemporaneo de Cicero: hum S. Isidoro de Sevilha, Oraculo da Espanha, no principio do VII. seculo: hum Vossio na Hollanda no seculo XVI., e outros em diversos paizes.

Este pequeno retalho de huma materia aliàs vastissima, julgo será bastante para que naõ sejamos suspeitos da má fé no juizo, que formamos a respeito do abuso das Etymologias na Lingoa Portugueza. E se alguem pensar, que usamos de demasiada severidade contra os Etymologistas da nossa Lingoa, principalmente contra o Madureira, por aqui verá, que nenhum Author, por mais acreditado, que seja, nos chega a preoccupar contra a verdade conhecida; nem eu posso dissimular, que sempre me causou lastima, que o livro da sua Orthografia, tendo tantos préjuizos, e enxavidades, principalmen-

(*a*) Bern. Ecl. 1.

te

te no Glossario, que ajuntou á 3.ª parte, ande nas mãos dos curiosos, e da mocidade sem as necessarias correcções.

§ III.

Do abuso da Etymologia.

Porém suppostas as sobreditas utilidades da Etymologia, que confusaõ naõ tem havido? que frivolos debates sobre huma consoante, sobre huma vogal, sobre huma syllaba &c:? Alguns naõ forjáraõ tanto etymologias, como adivinhas, o que se póde ver na origem do nome *Portugal*, se houver curiosos, que tenhaõ assás desfastio e occiosidade, para consultar as exquisitas impertinencias, que sobre isto tem escrito os nossos Authores, semelhantes a alguns dos Latinos, que cuidavaõ ter descuberto huma mina, interpretando *Picuita*, quia vitam petat, ou deduzindo a propriedade do nome Stella, de luminis stilla, como quem diz, he huma gota de luz. Outro houve fortemente empenhado em meter na cabeça a Cicero, que o nome Ager vinha do verbo *Agere*, pela razaõ que no campo sempre ha que fazer; (*a*) como o nosso Duarte Nunes, que deriva a palavra *Fazenda* do verbo Arabico *hasen* enthesourar, e lá lhe dá suas voltas para que este thesouro naõ fique fóra da Fazenda. (*b*)

Pelo contrario Madureira embica na palavra Aldrava, que he manifestamente derivada da voz Arabica semelhante *Aldraba*, originada do verbo *Daraba* bater com ferro na porta. Mas o Etymologista Portuguez buscando etymologia mais plausivel discute o ponto deste modo. „ Aldrava he o ferro com que se bate, ou dá na por-„ ta, e deste *dar* querem alguns, que se chame Aldava; „ mas como *dava* naõ quer dizer *dá*, mas *dava* do

(*b*) V. Quinct. lib. I. c. 6.

(*c*) *Orig. da L. Portug.* pag. 69.

„ tem-

„ tempo preterito imperfeito, naõ he taõ propria a ety„ mologia, que lance fóra o Uſo commum de *Aldra*„ *va*. „ Se iſto naõ he puerilidade das puerilidades, chamem-lhe os mais prudentes como quizerem. O verbo al-dar Portuguez, creio que a ninguem podia lembrar para *aldrava*. O certo he que os noſſos antigos diziaõ *Aldava* talvez por darem ao vocabulo fórma diverſa do Arabico, como deraõ á *aſma* diverſa do Grego *aſthma*, e a outros muitos, bem entendido que ſemelhantes mudanças naõ profanaõ as etymologias. E qual he ou foi jámais a etymologia, que prevaleceſſe contra o Uſo, ou o botaſſe fóra, ſe naõ foi conſentindo-a o meſmo Uſo?

Naõ ſe contenta com *Puberdade*, accreſcenta, que outros dizem Pubertade do Latim Pubertas: agrada-lhe. Logo poderemos dizer em Portuguez libertade, facultade, e tudo o que for como o Latim.

Aſſim he que a preocupaçaõ o faz muitas vezes trocar os vocabulos bem formados, uſuaes, e authorizados por outros, que annova de ſua fantaſia ſem neceſſidade, como quando diz, que *Prurido* he melhor que *Pruido* por cauſa da derivaçaõ de *Pruritus*. E ſe iſto he boa razaõ, temos que *Comeſto* ſerá vocabulo mais gentil que *Comido*: *Rido* de Rir naõ ſerá taõ bom termo como Riſto, viſto que podemos calcular pela mathematica das Etymologias, que *riſus* de ridere he para formar o vocabulo Portuguez *riſto*, como *viſum* de videre he para o vocabulo Viſto. Que abſurdos?

Termentina (diz) e naõ Tormentina: melhor *Therebentina* por ſer reſina de Therebinto. E que te parece, ó Madureira, o Inglez, que diz na ſua Lingoa *Turpentine*? he Tartaro? O Italiano eſſe eſtá conforme, que diz *Termentina*; mas o Eſpanhol tem *Trementina*: he Chacôco? Só o Francez he mais polido, que ſegue paſſo a paſſo a etymologia, e diz como gente *Therebentine*: os mais ſaõ huns barbaros.

Ha vocabulos na Lingoa Portugueza, que naõ tem ety-

etymologia Latina nem fumo della, e Madureira desatina-se a inventar-lha. Dá-lhe tratos entre outros o nome *Algeroz*: hesita, se será Algeroz, Algiroz, ou Aljaroz: bota a livraria abaixo, e acha no P. Bento Pereira Aljaroz: eis hum aqui del-Rei, que naõ usemos de tal palavra, que nenhuma derivaçaõ tem, nem analogia com *Imbrex*. Vejaõ como podia ter correspondencia com Imbrex Aljaroz derivado do Arabico *Alzarub*? Mas se he praga, ou maldiçaõ serem as vozes Portuguezas differentes das Latinas, botemos fóra *Açoite*, que naõ nada com *Flagellum*: naõ fique *Azeite*, que naõ condiz com *Oleum*; nem haja *Couve*, que naõ se parece muito com *Caulis*: degrademos *Ama*, que naõ tem parentesco com *Nutrix*: e quantos outros? (*a*)

Causa porém lastima a inutil diligencia deste indagador, e o muito que se ambfina a respeito de *Mascabado*, ou *Mascavado*, *Mascabo*, *Mascabar*, *Menoscabo*, *Menoscabar*. Quer a derivaçaõ, e queixa-se, que nem o Bluteau, nem os outros Authores a apontassem, e em fim conclue enfadado desta sorte: „ Como nenhum „ traz a origem destas palavras, nem eu a pude descu„ brir, deixo o exame da sua propriedade para aquel„ les, que naõ querem se imite na Orthografia das le„ tras a origem das palavras, e digaõ se ha de ser Mas„ cabado, ou Mascavado. „

Talvez a sua demasiada subtileza, ou a imaginaçaõ nimiamente pegada á etymologia Latina será causa, que estando com as mãos em cima della, a naõ vê. Dous vocabulos temos, ambos do mesmo som, mas de differente raiz Latina, donde se deriva Mascabado, e alguns outros termos; porque ha *Cabo* derivado do Latim *Capulus*, com que dizemos cabo da faca, da foice &c., e daqui se toma amplamente por fim, extremidade de qualquer cousa: *Cabo do mundo*, *cabo da vida*, *cabo do anno* &c. ainda he lingoagem conhecida,

(*a*) V. Nunes *Orig. da L. P.* cap. 7. &c.

e Ca-

e *Cabo* corda que ſe amarra a qualquer couſa para a puxar, he bem uſual.

O outro he *Cabo* por cabeça derivado do Latim *Caput*, que he para nós taõ deſuſado neſta ſignificaçaõ, como *Cap* vocabulo antigo dos Francezes por *Tête*; mas uſamos com tudo delle em *Cabo de guerra*, que os Francezes chamaõ *Chef*, iſto he o que tem o primeiro poſto no exercito: tambem ſignifica promontorio, quando ſe diz *Cabo da Boa Eſperança*, Caput Bonae Spei.

Deſte ſegundo ſe deriva *Menoscabo*, e *Menoscabar* na ſignificaçaõ de deſprezo, correſpondendo á fraſe Latina *Minutus capite*, e deſte verbo temos *Maſcabado* por abreviatura, como tambem *Maſcabo*, e chama-ſe *Maſcabado* o aſſucar mais groſſeiro e fuſco.

Agora o que tem exquiſita graça, he a queſtaõ, que move ſobre o termo Czar titulo, que os Moſcovitas daõ a ſeu Principe. „ Tomara eu ſaber (diz elle) „ ſe ſeguindo a noſſa pronunciaçaõ havemos de eſcre- „ ver Czar, ou Quezar? e entaõ que palavra fica? ou „ ſignifica. Porque ſe perguntarmos aos Moſcovitas, que „ ſignifica Czar na ſua Lingoa, reſponderá, que Rei: „ e ſe lhe perguntarmos, que ſignifica Quezar, diraõ, „ que nada. „

Forte difficuldade! Quem ſe admira, que os peʒos, e medidas de Moſcovia, de Alemanha, Inglaterra &c. tenhaõ differente reputaçaõ dos de Portugal? E quem naõ ſabe que os caracteres, que repreſentaõ os ſons, e os meſmos ſons, de que ſe compoem os vocabulos em differentes idiomas tem lá ſeu valor particular conſtituhido pela naçaõ? e entaõ que conſequencia temos?

§ IV.

Principios, donde se collige o abuso da Etymologia na Lingoa Portugueza.

Aquella liberdade, que tiveraõ os nossos antigos em modificar differentemente os sons das palavras originaes para formarem as dicções Portuguezas, chamáraõ os modernos *Correcçaõ.* Porque (diz Nunes) natural cousa he aos que se entremettem a fallar alguma Lingoa alheia, desencaminhar-se das regras e propriedades della, e commetterem os vicios, que chamaõ barbarismos, e solecismos, mormente quando as Lingoas saõ mui dessemelhantes, como aconteceo aos Godos, e Vandalos, e outros taes nascidos na Gothia, e na Sarmacia, vindo a Espanha, onde a Lingoa Latina casta e pura, que se fallava„ corrompêraõ adulterando os vocabulos, e „ mudando-os em outra fórma e significaçaõ differente, „ e introduzindo outros de novo de suas terras, e de „ outras gentes, que com sigo trouxeraõ.„

Donde se vê, que a palavra corrupçaõ naõ contém nada de máo agouro para as Lingoas novamente introduzidas; na Lingoa original foi corrupçaõ o que nas Lingoas novas he propriamente *derivaçaõ*, ou *annovaçaõ*, e dos mesmos barbarismos e solecismos da Lingoa anterior se formaõ as propriedades, que constituhem a Lingoa successora. Mas por erro dos nossos etymologistas se deo a este vocabulo corrupçaõ hum sentido equivoco, e muitas vezes falso, entendendo por corrupçaõ da Lingoa Portugueza, e dos seus termos, o que só foi corrupçaõ da Lingoa Latina, ou das outras donde ella os deriva. Deste modo observaremos, que no systema do Madureira só saõ *palavras derivadas* aquellas em que só se mudou a terminaçaõ das Latinas correspondentes; as outras porém em que se acha maior alteraçaõ na composiçaõ das syllabas, chama-lhes corru-

ptas

ptas do Latim. Daqui lhe veio a idéia de restituir á antiga fórma Latina as palavras que estavaõ Portuguezas, de fórma que imaginando fazer os maiores serviços á Lingoa Portugueza a vinha a destruir, causando-lhe huma enorme confusaõ. A prova disto he:

1.° Nenhuma das Lingoas modernas, ainda das que mais se lisongeiaõ de parentesco, ou filiaçaõ com a Latina, recebeo della todos os vocabulos de que consta o seu thesouro. E para fallarmos só da nossa, he bem sabido, que o Latim puro, e Latim Barbaro, o Gothico puro, e o misto de Latim, depois o idioma Gallizziano, o Hebreo dos Judeos, que viveraõ na Espanha, o Arabico, que se lhe introduzio, a communicaçaõ do Francez, e do Italiano, as conquistas das Indias Orientaes, e dos Brazís, o commercio de Inglaterra &c. tudo tem concorrido para a variedade de vocabulos, de que se compoem á Lingoa Portugueza. He logo mais que puerilidade querer reduzir os vocabulos Portuguezes de diversas origens á etymologia Latina, ou fingir-lhes tal etymologia, que elles naõ tem, nem podem ter.

2.° Qualquer que seja o vocabulo, toda a vez que tem a publica nota e caracter nacional, e está privilegiado do Uso, tem tido o que basta para ser bem avaliado. „ Na minha estimaçaõ (dizia Quinctiliano) (a) „ naõ saõ estrangeiras as Lingoas, que se fallaõ em Ita„ lia, nem aqui as distingo da que se falla em Roma. „ Nós usamos até das palavras puramente Gregas nas „ occasiões em que faltaõ as nossas. „ Dispute agóra hum Critico de sangue frio, se diremos *Pruma*, ou *Pluma*? a primeira (diz Madureira) he mais Portugueza, a segunda he Castelhana: podia dizer tambem Franceza. E que importa seja Castelhana, ou Franceza, se o Uso Portuguez a consagra, sendo os sons, a sua escolha e modificaçaõ hum bem commum á todas as nações, que se communicaõ?

(a) Lib. I. c. 5.

3.° A primeira Etymologia das palavras Portuguezas naõ faz lei imprescriptivel, para que ellas nunca se apartem, nem hum apice, da sua origem. *Tonores* diziaõ os antigos Latinos seguindo mais de perto a Etymologia Grega τόνοι: fôraõ tôlos os Latinos posteriores, quando mudáraõ em *Tenores*? Quem dirá que he melhor *Fame* do que *Fome*, porque em Latim he *Fames*? ou porque dizemos *faminto*, e naõ *fominto*, nem *fomento*? Quem dirá, que he mais Portuguez *estolido* do que *tôlo*, *attonito* do que *tonto* visto a derivaçaõ he *stolidus*, *attonitus* &c.?

Que cousa mais insignificante que pronunciar-se com os beiços fechados, ou abertos huma syllaba n'uma dicçaõ que passou de huma Lingoa para outra, como *sibilare* em Latim, e *assoviar* em Portuguez? Naõ escapará com tudo a Madureira esta questaõ de *lana caprina*. „ *Assoviar* (diz) he abuso; porque no Latim se „ diz *sibilare*: e nós devemos dizer *assobiar*, *assobio*; „ porque naõ ha fundamento para trocar *b* em *v*. „ Optimo arbitrio! mas em *arvore* de *arbos*, ou *arbor* haveria fundamento para naõ ser *arbore*? Diremos *silvo*, ou *silbo*? „ Ahi (diz) he corrupçaõ, ou abreviatura de *sibilo*; melhor dissera, de *sibilus*, porque sibilo nunca se disse em Portuguez: e muito melhor, se advertisse, que foi acertadissima e mui natural a permutaçaõ de *b* em *v* para que o vocabulo imite a disposiçaõ dos labios e o som, quando se fórma o silvo. Mas a Filosofia das Lingoas naõ he facil de se ajustar com as etymologias deste homem. Deste antecedente se segue outro corollario:

4.° Derivar hum vocabulo, ou seja das Lingoas estranhas, ou dos mesmos vocabulos Portuguezes naõ he sempre pintar os mesmos sons todos, nem a mesma ordem dos sons originaes. Que razaõ ha para que *Favilla* seja melhor, que *Faula*, como quer Madureira? naõ se póde assignar outra, senaõ que tendo-se formado da Lingoa Latina a Portugueza, elle de Portugueza a quer

tor-

tornar Latina: e assim o entende. Que ganhou a nossa Lingoa deixando *Estâmago* por Estómago? nada: mas o uso preferio esta, e Madureira diz: „ O Uso universal „ de homens doutissimos tem sido de Estâmago; e bem „ sabiaõ elles, que no Latim se diz *Stomachus*. „ &c. Logo este Uso universal he o que se deve respeitar, e naõ precisamente a etymologia mais rigorosa.

Alimaria he derivado de animal, como *Alma* de anima com pequena differença; mas a supersticiosa adhesaõ deste Autor á etymologia material lhe faz dizer, que „ se Joaõ de Barros nas Decadas, e Camões nos „ Cantos usáraõ da palavra *alimaria*, foi mais por ser „ esta a pronunciaçaõ do vulgo, que a propriedade da „ palavra. „ Naõ eraõ estes Authores taõ leves, que seguissem a corruptella do vulgo, antes tiveraõ mais juizo em seguir o Uso contentando-se com a derivaçaõ, que elle approvára. Seguiaõ a corruptella do vulgo os bons Latinos do tempo de Cicero, que diziaõ *Meridies* por Medidies, e *pomeridiem* por post meridiem &c.? Horacio permettia aos Poetas Latinos, que as palavras, que derivassem do Grego, teriaõ boa acceitaçaõ, naõ sendo inteirissas, mas talhadas hum pouco ao molde da Analogia nacional:

Et nova fictaque nuper habebunt verba fidem, si
Graeco fonte cadant parce detorta. . . . . .

Ao contrario estes Mestres da nossa Lingoa, que guerra naõ fazem aos vocabulos Portuguezes pela mudança de huma letra? „ *Visco* (diz Madureira) mais proprio, que *Visgo* do Latim *Viscum*. „ Seja: mas se os Latinos tivessem Visgum, ou Visgus, e nós Visco, qual seria melhor? *Inimico* será em Portuguez mais proprio do que *enemigo*, por ser em Latim *inimicus*?

§ V.

§ V.

Causa por que a Lingoa Portugueza muitas vezes se aparta da Etymologia Latina.

Ha em todas as Lingoas huma cousa, em que o povo he filosofo, e os filosofos saõ povo, porque huns e outros nisso saõ igualmente discretos, vem a ser no instincto natural do ouvido, que os faz attentos e sensiveis á Eufonia, isto he, á mais agradavel impressaõ dos sons. (*a*) Por isso dissemos acima, que o Uso naõ he hum Legisladór cego, mas que se governa por suas razões na escolha, e preferencia dos sons. *Frol* disseraõ os nossos antepassados, formando o vocabulo de origem Latina, mas com dessemelhança, para que se conhecesse Portuguez. Este se mudou depois em *Flor*: e porque? seria para o aproximar á origem Latina? Naõ havia nisso interesse: pelo gosto do ouvido? isso sim. E porque naõ observa o Uso coherentemente a mesma lei da Eufonia em outros mais vocabulos? „ He (diz Condillac) (*b*) necessario, que huma Lingoa tenha sons doces, menos doces, e ainda duros, e finalmente sons de todas as especies. „ E neste sentido he que se costuma dizer, que *nas Lingoas nada he constante*; e por isso o que vale n'um exemplo particular, naõ funda lei para que valha em todos os semelhantes, segundo o que observamos na Analogia, porque, como observa o Orador Romano, os vocabulos seguem a lei do gosto, e naõ a lei da natureza. (*c*)

Os antigos naõ sabiaõ Latim, quando formáraõ *Simpreza*? Eraõ mais Latinos os que depois tomáraõ *simpli-*

(*a*) „ Illud autem nequis admiretur, quonam modo haec vulgus imperitum in audiendo notet.. in hoc magna quaedam est vis incredibilisque naturae. „ Cic. *de Orat.* n. 51.

(*b*) *Essai sur les Connoisf. hum.* pag. 246.

(*c*) „ Quod non fit naturâ, sed quodam instituto. „ Cic. *Orat.* 48.

plicidade? O primeiro durou até depois de Camões; e nelle he frequentemente, como

Oh feminina simpreza,
Donde estaõ culpas a pares! (*a*)

Por que causa se lhe substituio simplicidade? hum, e outro naõ fogem da Etymologia, mas attendeo-se á maior claridade dos sons. De outra sorte o captiveiro da etymologia nos obrigaria a guardar a mesma quantidade das vogaes, que em muitos vecabulos se achaõ mudadas, como em *Idolo*, cuja penultima he breve, sendo longa em Idolum, *Oceano*, que a tem longa, sendo breve em Oceanus &c.

A nossa Lingoa he por seu proprio caracter harmoniosa, e por isso naturalmente inimiga da complicaçaõ das articulações, principalmente daquellas, que o orgaõ, segundo a disposiçaõ nacional, naõ póde executar sem trabalho, e violencia na pronunciaçaõ. Por isso de *Asthma* se formou *asma*, de *Flegma* tomamos *fleuma*; por isso *algarismo* nos he mais corrente do que algarithmo, *arismetica* do que arithmetica. &c.

Daqui vem o cuidado, que os antigos tinhaõ de conciliar maior doçura ás dicções por meio dos dithongos, convertendo em vogal a consoante immediata á vogal precedente, dizendo: *Auçaõ* por acçaõ, *Contrauto* por contracto, *Cautivo* por captivo, e outros, dos quaes o uso posterior fez escolha, excluindo a demasia, que affeminava o idioma.

Hoje sobre affectaçaõ nos parece rusticidade o systema de Nunes, (hum dos mais obstinados etymologistas) em *octo*, *precepto*, *concepto*, *suspecto*, *doctos*, *acceptar*, *respecto*, *respectar*, *lector*, *nocte*, *secta*, *perfecto*, e muitos outros; nem *batismo*, *baptizar*, e *Baptista* se soffre hoje por bautismo, bautizar, Bautista.

Sobre as consoantes no principio das dicções, Madureira contenta-se com dizer equivocamente, que ainda

(*a*) Cam. *Cart. a huma Dama.*

que na nossa Lingoa todas as palavras, que no Latim principiaõ por *s*, e consoante, pódem principiar por *e*, com tudo ha humas taõ alatinadas, que seria impropriedade naõ se escreverem com a mesma Orthografia. Nisto mostra alguma mediania a respeito de Nunes, que pugna pela Etymologia Latina cegamente em *stado*, *star*, *stado*, *statua*, *spirito*, *sperar*, *scriptura*, *scrivaõ*, *strella*, e tudo o mais, e chama grande erro na Lingoa Portugueza o que he a sua propriedade, e natural constituiçaõ. E he para admirar como concorda este Author com sigo mesmo, e com as suas maximas quando diz, que naõ consiste a policia da Lingua Portugueza em as palavras serem mui conjunctas, e parecidas com as Latinas, mas que antes quanto nos desviamos da Latina tanto fica tendo mais graça, e sendo mais nossa. *Orthogr. Portug.* p. 276. E estes saõ os Mestres da Lingoa, que a naõ conhecem senaõ pelas feições da Latina, ou para melhor dizer, que naõ conhecem o proprio caracter de huma, nem de outra.

Porque em toda a dicçaõ Portugueza no principio necessariamenre sempre ao *s* precede hum *e*, excepto quando elle liga a vogal seguinte: a prova disto he que a nossa pronuncia no Latim em vocabulos que principiaõ por *sp*, *st*, *sc*, &c. he contrafeita, e violenta, e ainda no meio das dicções; porque em *nescio* os que affectaõ pronuncia articulada fazem com *sc* huma chiada, e os que pronunciaõ naturalmente naõ appresentaõ ao ouvido senaõ *necio*: por isso naõ temos *nescedade*, mas necedade, nem *smeralda*, mas esmeralda &c. Se assim naõ he, appello para os que tem ouvido saõ, pronunciaçaõ pura, conhecimento do caracter das Lingoas, e juizo livre de preocupações.

Geralmente se tem observado, que todas as consoantes, que desenleiaõ mais distinctamente os sons, isto he, as vogaes, e aquellas, que o orgaõ da falla executa com mais desembaraço, e velocidade saõ as mais favoraveis á pronunciaçaõ da Lingoa Portugueza. Taes

saõ

saõ as articulações simples da Lingoa com o paladar, da Lingoa com os dentes, do labio inferior com os dentes, e dos dous labios hum com o outro. Por isso naõ se acha dureza no nexo das articulações em *abdicar*, *obter*, *apto*, *aptidaõ* &c. cujo som he assás liquido, e expedito.

Mas isto tem suas limitações, segundo o caracter, e disposiçaõ das vogaes, que se misturaõ; porque em *optimo* somos forçados a pronunciar otimo, sem *p*, porque o accento agudo na primeira syllaba, e o som forte da vogal *o* embebe o som das vogaes seguintes froixas, e ficaõ tres articulações simultaneas com pronunciaçaõ rude, e disforme, como se fosse *óptm*: pelo contrario se fosse com a penultima longa *optímo* seria taõ facil como em adoptívo, aptídaõ, adoptado &c.

Com que, da analyse exacta dos elementos fysicos das dicções portuguezas, dos seus fenomenos na composiçaõ das mesmas dicções, e da observaçaõ do caracter do idioma, he que os Mestres da Lingoa deveraõ deduzir as suas regras para fixar o seu Uso, e naõ da cega, e material inspecçaõ da etymologia da Lingoa Latina, cuja pronuncia nos he desconhecida. Antes dos mesmos exemplos da Lingoa Latina deveramos aprender as variações modificações que faziaõ os seus Authores nas dicções, para prudentemente os imitarmos em todos os casos semelhantes: que delicadeza os obrigou a preferir *aufero* a *abfero*, sem terror panico de barbarismo, *aufugio* a *abfugio*, *attinet* a *adtinet*; *affero* á *adfero*, *pomeridianas* á *postmeridianas*, e *meridies* á *medidies* &c.?

Quanto mais que a Lingoa Portugueza ainda tem muito mais vantagem em melodia sobre a Latina; porque mui semelhante á Lingoa Grega, abunda de terminações em vogaes nos nomes, e verbos. E sobre tudo nenhuma palavra se póde terminar em consoante muda, como no Latim *lac*, *caput*, *apud*, *amat*, *amant* &c.; nem nos syllabarios da nossa Lingoa ha aquellas com-

binações de ab, eb, ib &c. ac, ec, ic &c. que deviaõ haver nos dos Latinos, como ha nos dos Inglezes, e outras nações do Norte.

SEGUNDA PARTE

De outras causas da decadencia da Lingoa Portugueza.

TEMOS visto, como os mesmos principios fundamentaes, que servem de governo ás Lingoas, pelo abuso, e má intelligencia, se tem convertido em prejuizo da Lingoa Portugueza. Outros ha, que naõ lhe saõ menos nocivos, taes como o mal entendido *Plebeísmo* das dicções, o *Latinismo*, a *Francezia*, de que hiremos tratando por sua ordem.

CAPITULO I.

Do mal entendido Plebeísmo das dicções, IV. causa da decadencia da Lingoa Portugueza.

§ I.

Qual he a verdadeira, ou falsa vileza dos termos.

NAõ se perdem os vocabulos pela muita frequencia do seu uso, antes esta he a que mais os fixa, e estabelece. Naõ saõ elles (como alguns dizem) como a moeda, que pelo muito manejo se desgasta, e faz çafada; simil falso, e mal applicado a este proposito. A interrupçaõ do uso dos vocabulos essa he a mais verdadeira causa, que os faz degenerar, perder o seu lustre, e estimaçaõ, até finalmente ficarem em esquecimento. De outra sorte, se só o muito uso podesse aviltar

as

as palavras, já hoje naõ teriamos nem a palavra, *ſol*, *planta*, *luz*, *flor* &c. taõ quotidianas, e ordinarias. Todas teriaõ cahido em baixeza, tendo durado tantos ſeculos deſde que ha Portuguezes, e Monarquia, tendo primeiro naſcido em outras Lingoas, onde fizeraõ muitos ſerviços.

Mas ſe huma parte dos termos ſe julgaõ baixos e deſpreziveis, ſó por ſerem anciãos, e deſuſados, outros ha cujo uſo ſe perde naõ por alguma real vileza, que nelles haja, mas ſim por huma idéia fantaſtica de baixeza, que os homens lhes imputaõ.

Vê o povo, que os doutos nos livros, que eſcrevem, e agente polida na ſua converſaçaõ miſturaõ certos termos mais exquiſitos do que os que lhes ſaõ mais familiares; ou ſeja por eſcolha por ſerem os mais adequados ao ſeu penſamento, e á materia de que trataõ, ou fortuitamente porque eſſes primeiro lhes occorrem ſem ſerem talvez melhores, que os outros correntes. Mas como os idiotas ſempre ſuppoem, que a gente inſtruida tem razaõ para fallar melhor, que elles, levados ou da curioſidade de fallar bem, ou da vaidade de quererem diſputar aos ſabios o primor de fallar, como aos ricos diſputaõ ás vezes o de veſtir, e galear, uſurpaõ-lhes as palavras de que elles uſaõ, correm eſſas palavras com preferencia, e os meſmos idiotas tornando-ſe Criticos da Lingoa mais importunos, facilmente deſdenhaõ das que deixáraõ, e brevemente ſe perde o ſeu uſo.

Nem iſto he huma ſuppoſiçaõ quimerica, mas verdade deduzida da experiencia. Viaõ-ſe antigamente até os barbeiros, e eſcudeiros fallar Latim em Portuguez, porque ouviaõ Clerigos, e Letrados, que uſavaõ de palavras alatinadas, com que ſe haviaõ familiarizado pelo commercio dos livros, as quaes as vezes naõ eraõ melhores, nem de maior valor que as familiares, de que uſa o commum: hoje vemos outros taes fallar Francez em Portuguez, porque as peſſoas com quem trataõ, pela liçaõ de livros Francezes, ou de traducções afrancezadas

tem

tem contrahido o habito de empregar nos discursos que fazem as palavras daquelle idioma, que lhes ficáraõ ligadas ás idéias; e as palavras proprias do nosso idioma, de que usáraõ louvavelmente os nossos avós, essas expressões energicas authorizadas nos bons escritos de Sousa, Andrade, Vieira, e outros deste merecimento, vaõ perdendo fortuna, sem outra causa mais do que a novidade das substituidas, o gosto extravagante dos que as introduzem, e a leveza dos que as seguem. De maneira que se alguma vez apparecem, ja os mancebos lhes chamaõ gothicas, rançosas, e as desprezaõ por baixas, e rasteiras.

He observaçaõ verdadeira em todas as Lingoas, e povos cultivados, que naõ ha cousa, que tanto deslustre hum discurso polido como a frase baixa, e rasteira; de sorte que geralmente fallando, mais sopportavel será hum pensamento baixo fallado em termos nobres, do que hum pensamento nobre representado com palavras baixas, e triviaes.

Ora de dous modos podemos considerar as palavras plebéas, humas por serem desfiguradas, e corruptas, quaes saõ muitas que a gente da plebe perverte como a *cosarte* por que sarte, quando dizem *tem cosarte dinheiro* &c. Outras pela significaçaõ com que se attribuem a objectos de idéias disformes, ridiculas &c. Destas as primeiras saõ sempre, e seguramente palavras plebéas: as segundas tem sua duvida.

Por quanto he certo, que em todas as Lingoas naõ ha palavras, que por si mesmas sejaõ vís, ou baixas: I. Porque em quanto aos elementos fysicos de que se compoem saõ meros sons, e quaesquer palavras considera em quanto sons, naõ podem ter baixeza: II. Em quanto ao fim para que fôraõ instituidos saõ huns sons significativos taõ dependentes do arbitrio humano, como os Jeroglificos, ou como os caracteres algebricos. Naõ tem logo em si mesmo vileza alguma, que lhes seja *inherente*.

Lo-

Logo se alguma vileza podem contrahir, he adventicia, e procede naõ das idéias, que ellas exprimem, mas das que os homens pertendem excitar por meio dellas, referindo-as a objectos, que por supposiçaõ saõ vís. O mesmo se póde dizer das palavras, que chamamos *obscenas*, em sentido differente do que os Estoicos inferiaõ com as suas cavillações; (*a*) pois que da parte das palavras, ellas naõ tem nenhuma obscenidade natural intrinseca; da parte dos homens, que dellas usaõ, attendendo ás cousas significadas, no estado da natura perfeita, e innocente, nada havia na constituiçaõ, e organizaçaõ do corpo humano, nem nas suas funcções, que fosse obsceno, ou deshonesto: e só a funesta mudança de natureza lesa pela corrupçaõ foi a que induzio a obscenidade attribuida, que podemos chamar obscenidade, como dizem, *per accidens*.

Ora estas idéias de baixeza, que envolvem muitos vobabulos, pela relaçaõ dos objectos significados variaõ nas Lingoas, segundo a diversidade das nações, dos costnmes, institutos, e caprixo dos homens; e por isso em todas as Lingoas ha palavras vís de puro caprixo, e as que n'umas se tem por vís, n'outras seraõ isentas da nota de baixeza, ou vileza.

Muitas cousas havia entre os Orientaes, que se naõ tinhaõ por vís, e o saõ para nós, e communicouse ás palavras a vileza attribuida aos objectos, como podem observar os que tem alguma liçaõ de Homero. Mas vejo os Criticos, que atrevidamente culpaõ a locuçaõ baixa da Poesia de Homero, se se atreveriaõ taõ

(*a*) „ Neque vero audiendi sunt Cynici, aut siqui fuerunt Stoici pe- „ ne Cynici, qui reprehendunt et irrident, quod ea, quae turpia re „ non sint, nominibus ac verbis flagitiosa ducimus; illa autem, quae „ turpia sint, nominibus appellemus suis. Latrocinari, fraudare, adulterari, re turpe est: sed dicitur non obscaene: liberis dare operam, re honestum est, nomine obscaenum: pluraque in eam sententiam ab iisdem contra verecundiam disputantur. „ Cic. *de Offic.* Lib. I. cap. 35. Id. lib. 9. *Familiar. epist.* 22.

ai-

airosamente a criminar semelhante baixeza nos livros das divinas Escrituras.

Sirva de exemplo a palavra *Asinus*, asno, que para os Latinos, como para muitas das nações modernas he palavra vilissima, principalmente para os Francezes, que saõ de todos os póvos da Europa os mais melindrosos neste ponto, como elles mesmos confessaõ: *(a)* e ainda entre nós *asno* está no mesmo gráo de vileza, que a palavra, *burro*, *besta*, e outras taes; sendo que o vocabulo, que exprime aquelle animal, nem no Grego, nem no Hebreo he infamado, antes nestas duas Lingoas entra nos discursos mais magestosos.

A' palavra *Porcus*, naõ lhe valeo para escapar á aversaõ dos Romanos, o significar esse animal bem conhecido, que a superstiçaõ gentilica consagrava em certos sacrificios, e foi preciso a Virgilio formar o vocabulo novo *Porca*, que os Latinos nunca ouvíraõ, para naõ deslustrar o seu Poema com o nome vulgar *Porcus*, que se julgava vil, e indecoroso; como observáraõ Servio, e Quinctiliano naquelle verso do Poeta:

Caesa jungebant faedera porca.

Os rusticos entre nós, bem se sabe, que receosos de peccar contra a urbanidade, extendem na sua prática esta idéia fantastica de baixeza a muitos termos, que na opiniaõ da mesma gente polida, com quem fallaõ, naõ tem baixeza nenhuma. Naõ se nomeia sem licença de V. M., ou V. S., ou de V. Ex. os seus bois, o seu cavallo, a sua egoa &c. e até ás vezes esse mesmo salvo conducto acompanha com os mesmos termos, que servem de capote, como *cevado*, *bácoro*, *cochino*: chega o escrupulo n'alguns até ás palavras, *manjadoira*, *córte*, *cevada*. &c.

O que mais he, tal termo do mesmo significado he vil n'uma Lingoa, e outro naõ o he. Os Francezes tinhaõ *Ouailles* derivado do Latim *Ovis*, como nós *Ove-*

(*a*) *Reflex. Critiq. sur quelq. passages de Longin.* Oeuvr. de Boileau.

lha;

lha, mas veio por tempo a cahir em tal baixeza, que o naõ consentem em estylo culto, nem ainda no Pastoril o soffrem, renunciáraõ-no aos discursos da Religiaõ, e só aos que estaõ sogeitos aos Pastores da Igreja chamaõ *Ouailles*: em qualquer outro Uso serve o termo mimoso *Brebis*.

§ II.

Differença dos termos familiares, e plebeos a respeito do seu Uso.

Porém qualquer que seja esta vileza de convençaõ, que os vocabulos tem contrahido nas Lingoas, sempre se deve entender como *vileza respectiva*, e naõ absoluta. Pelo que pode-se dizer em geral, que hum termo he baixo e rasteiro, toda a vez que naõ corresponde á gravidade das cousas, ou a graduaçaõ, e authoridade das pessoas. (*a*)

Devemos logo distinguir as *palavras familiares* das *palavras toscas e grosseiras*, de que usa a gente da plebe: estas nunca teraõ lugar nos discursos de gente de bem, aquellas muitas vezes saõ de grande energia, e até entraõ no familiar nobre; e muitas vezes a propriedade com que significaõ faz o seu uso indispensavel. (*b*) Humas e outras confundem ordinariamente os semidoutos e os Criticos da segunda ordem, que affectando-se homens polidos, e como separados da massa commua

(*a*) „ Sunt autem humilia infra dignitatem rerum aut ordinis. „ Quinct. l. 8.

(*b*) „ Non augenda semper oratio, sed submittenda nonnunquam „ est. „ Vim rebus aliquando et ipsa verborum humilitas adfert. „ Quinct. lib. 8.

„ Omnibus enim fere verbis praeter pauca, quae sunt parum ve- „ recunda in oratione locus est.. Nam humilibus interim et vulga- „ ribus est opus, et quae cultiorá in parte videntur sordida, ubi res „ poscit, proprie dicuntur. „ Id. lib. 10. cap. 1.

do povo, tem para si, que nunca se falla limpamente, senaõ quando se falla como os Prégadores nos pulpitos, ou Cortezãos em palacio; e por isso com delicadeza pedantesca rejeitaõ quaesquer palavras chans e singelas, e os vocabulos mais proprios, em que muitas vezes consiste a graça, ou sal da conversaçaõ, ou vocal, ou epistolar. Por exemplo *descôco* por atrevimento, ou descaramento, que se naõ empregue n'uma historia, ou composiçaõ grave, será louvavel prudencia do Escritor: mas que razaõ prudente se póde dahi colher, para que absolutamente se despreze? A esta podiamos aggregar hum bom numero, que traz Madureira no Glossario, que ajuntou á sua Orthografia, a que costuma juntar a clausula *palavra do vulgo*, que na sua mente vale o mesmo, que dizer, que taes naõ saõ palavras de gente, como na palavra *aperrear*.

Mas que importa que sejaõ palavras do vulgo aquellas, por que igualmente o vulgo, e a gente bem nascida se póde explicar bem? Entaõ a energia, ou força significativa de taes vocabulos lhes faz desapparecer aquella supposta baixeza, como observa o grande Critico Longino, excusando por este principio algumas expressões de Herodoto. (*a*) O mesmo ensinou o grande Rhetorico Fortunaciano, distinguindo humas palavras plebéas, que podemos chamar *pécas*, e outras que saõ *cheias* e substanciaes, (*b*) ás quaes por esta causa damos o nome de familiares.

Nesta consideraçaõ Cicero naõ duvidou de usar n'um de seus bellos discursos do vocabulo *Sarraco*, que lhe

---

(*a*) „ Haec vicina sunt plebeio sermoni, sed quia rem bene significant, plebeia non sunt. Nempe plebeius sermo interdum omni „ clarius rem indicat, quia illico ex ipsa communi vita agnoscitur. „ Longin. *de Sublim.* cap. 31.

(*b*) „ Vulgaria ergo, quae sunt? quibus utitur vulgus, id est, indocti sine ratione atque lectione. Nam sunt quaedam verba, quae quamvis obsoleta sint, tamen vitanda non sunt, si nimirum propria sunt, et illis melius expeditur oratio &c. „ Fortunatian. *p.* 70.

ca-

cahio a proposito, sendo com tudo hum dos vocabulos havidos por plebeos; e noutro discurso usou da palavra *Coniscans*, que corresponde ao nosso verbo *escornar*.

§ III.

Palavras, que se fizeraõ burlescas *pela malicia do vulgo, e pedanteria dos semidoutos.*

Desta confusaõ pois das palavras familiares com as plebeas nasce aquella ridicularia, dos que por fugirem de expressões baixas recorrem a outras extravagantes, que forjaõ na sua fantasia, como outros tantos supplementos; semelhantes áquelle inepto Orador, de que falla Quinctiliano, (*a*) que antes quiz usar das palavras mysteriosas *Ibericas herbas*, que ninguem lhe entendia, do que exprimir o que todos entendiaõ *Spartum*, que elle tinha por termo da plebe. E naõ he menos digna de riso a critica pueril de huns esmerados, que, como quem naõ tem mais a que se torne, andaõ esquadrinhando nas obras dos insignes Escritores huma, ou outra expressaõ, que simplesmente porque lhes naõ toa, ou lhes he menos familiar, a notaõ de baixa e grosseira.

Ainda os mesmos, que se nos daõ por Mestres da Lingoa Portugueza tem concorrido bastante para o seu damno, na perda de tantos vocabulos, que noutro tempo naõ deslizaraõ em assumptos mui lustrosos, e hoje por disgraça passaõ por burlescos. Permitta-se-me esta licença: o pouco que se tem escrito sobre a nossa Lingoa, e a necessidade dos que se queriaõ authorizar por eruditos á custa da ignorancia commua, fez indispensavel o abraçar sem exame qualquer opiniaõ, que talvez nada mais tinha de plausivel, que o ser nova, se naõ era extravagante. Tal julga das expressões, e as pratíca bem ou mal debaixo da fé, do que disse Duarte Nu-

(*a*) Lib. 8. cap.

nes, Bento Pereira, Bluteau, ou Madureira; porque fóra destes, ou pouco mais authores ninguem mais fallou da materia, nem melhor; ninguem os impugnou. Daqui vem que muitos vocabulos se julgaõ bons ou máos, nobres ou plebeos, graves ou burlescos, segundo as decisões destes authores.

Ponho exemplo: *Esmerar* era n'outro tempo huma palavra Portugueza bem limpa e sã; mas porque Nunes a poz na classe das palavras plebéas, (*a*) que ha de fazer hum Escritor, que necessita della, e naõ quer incorrer as censuras destes apurados? Fará o que fez o douto P. Antonio Pereira, que n'um seu opusculo moderno prudentemente ajuntou a este termo o correctivo do uso, dizendo: „ Foraõ as materias, em que o Sa„ grado Concilio mais se dilatou, e ainda (*se assim me* „ *he licito dizer*) mais se esmerou. „

Tambem naõ sei que achou Nunes na palavra *Assente* adjectivo, que a carrega na mesma lista: só se fosse por cuidar que era abreviatura de *Assentado*, porque alguns se enojaõ destas palavras, que chamaõ fanadas. Porém hallucinou-se, porque he vocabulo inteiro derivado do participio Latino *Sedente*, e bem usado dos nossos authores.

Alguns pegaõ-se noutro genero de preoccupaçaõ, que he ligarem ás palavras o odio da seita: em consequencia do que repudiaõ algumas palavras, que temos Arabicas de origem: taes como *Asafama*, isto he pressa de muita gente junta fazendo bulha. Naõ he facil descobrir-se, que he o que achaõ de feio e nojento em semelhantes expressões, huma vez que estaõ feitas Portuguezas, e authorizadas nos livros classicos, sobre o serem energicas e sonoras.

Já he proverbio assaz antigo, que a ignorancia he muito atrevida, porém em nada se estende tanto este atrevimento como na Critica das palavras: porque de

(*a*) *Orig. da L. Port.* cap. 18.

ordi-

ordinario os idiotas ignorando o justo valor de muitos termos, que naõ conhecem senaõ por habito do ouvido, lá os accommodaõ a taes idéias arbitrarias, para que elles nunca fôraõ destinados, entendendo nelles o que naõ entende, nem pensa, quem os profere. Por exemplo: *Caduco* significa cousa que esta para cahir, e com propriedade se applica aos que estaõ em velhice decrepita. O vulgo diz em sentido injurioso velho caduco por tonto, que he idéia circumvizinha, mas naõ da propria attribuiçaõ do termo: daqui resultou a miseravel critica de hum, mofando de certo Prégador, que disse de S. Simeaõ Bispo: *Já taõ velho, taõ caduco* &c.

Hoje até os almocreves sabem dizer por antiga tradiçaõ, que *nanja* naõ se escreve, e como quer que fosse, perdeo-se esta expressaõ adverbial, que naõ tinha peste, e era composta de *naõ*, e *já*, como *tambem* he composta de *taõ*, e *bem*, ou como *mancheia* composta de *maõ*, e *cheia*; *tamanho* de *taõ*, e *manho*, isto he, magno.

Mas se a ignorancia era atrevida, naõ he menos industriosa a malicia plebéa em aniquilar certas palavras com allusões ridiculas, pelas quaes as tornáraõ burlescas, e as degradáraõ do commercio civil. Tal houve, que estranhou a hum Prégador a palavra *Vianda*, seguindo o tom do vulgo, que costuma interpretar *vianda*, comida dos porcos.

Casta, (dizem os rapazes por investida) he dos cães.

Raça o mesmo.

Manha (dizem) he das bestas.

Dizemos, que a raposa he *manhosa*, por astuta; de huma pessoa, que he manhosa, isto he, maliciosa, ardilosa; de outro dizemos, que tem más manhas, isto he, máos costumes, principalmente de furtar; e por analogia, diz-se de huma besta, que tem manha: de fórma que pelo abuso burlesco, que se fez do vocabulo perdeo o antigo uso serio em que os nossos authores o tomá-

raõ

raõ por habilidade, deſtreza, induſtria, que he a idéia primaria, que ſe lhe deo.

E com effeito ſe attendermos ás idéias ſecundarias, que a malignidade plebéa coſtuma dar a ſemelhantes vocabulos, poucos ficaráõ livres de cenſura. Que expreſſaõ mais ſimples do que *coitado*, *coitadinho*, iſto he, deſgraçado, miſeravel, que mette compaixaõ: voz derivada do nome antigo *coita*, paixaõ? mas todos ſabem a feia alluſaõ, que ſe cuſtuma fazer deſte termo.

§ IV.

Do modo de uſar das expreſſões ſuſpeitas de baixeza.

As palavras familiares ſaõ como os veſtidos domeſticos, que ſendo limpos e aſſeados, ſaõ aſſás decentes, nem he preciſo, que ſejaõ ſempre de gala para apparecerem em publico, quando naõ ha funcções de apparato. Ha occaſiões (dizia huma boa cabeça) (*a*) em que Pariz ſe deve chamar Pariz, outras ha, em que diremos bem a Metropole, ou a Capital do Reino. A que fim nos havemos de namorar tanto de certas palavras, que ſejaõ para nós formalidades de Tabelliaõ, que nunca ſe hajaõ de mudar? Huns tem ſempre de ſua maõ *expedito*, *obliquo*, e outras, que cheiraõ a Latim, e lhes parecem mais afidalgadas; de maneira que nunca lhe ouviremos *eſcoteiro*, *eſconſo* &c. *Completo*, *delicado*, e outras ſemelhantes ſaõ as mimoſas dos que ſaõ affeiçoados ás Francezias; nunca lhes ouviremos, perfeito, inteiro, melindroſo &c. Para outros naõ ha ſenaõ *conferir*, *comparar*, ou *combinar*; nunca apparece *cotejar*. *Vezo*, e *vezeiro* naõ eraõ palavras podres nem pêcas; mas fogem dellas os que juraõ em Madureira, que diz que ſaõ palavras baixas, e de pouco uſo. *Affazer*, *affeito*, e *affazer-ſe* ſaõ pedra de eſcandalo para alguma gen-

(*a*) Mr. Paſcal. *Penſées.*

te;

te; mofaõ de quem diz, *estou affeito a correr*, huns querem, *estou feito* a correr, outros, estou *costumado.* He fado das palavras.

A verdade he, que n'uma Lingoa deve haver palavras de diversas ordens, comicas, burlescas, graves, serias, floridas, magistosas, em fim conformes á materia, ao lugar, á occasiaõ, á situaçaõ do animo do que falla, segundo a maxima de Horacio:

. . . . *tristia moestum*
Vultum verba decent, iratum plena minarum:
Ludentem lasciva, severum seria dictu. (*a*)

Huma Lingoa de palavras todas sezudas, e toda seria, mais propria seria para os Monges da Cartuxa, do que para o exercio quotidiano da vida particular, e commercio da vida civil. Por isso naõ ha estylo mais figurado, do que he o da familiaridade franca, liza, e sincera; e tanto mais felismente acontece isto, quanto as Lingoas ministraõ maior soccorro de vozes correntes, mas que ao mesmo tempo fazem nas idéias humas como metamorfozes naõ esperadas, e por isso tanto mais agradaveis. Porém neste particular humas Lingoas saõ mais seccas que outras, e nem todas correspondem igualmente á viveza da imaginaçaõ da pintura das idéias. Muitos authores dizem, que a Lingoa Portugueza tem esta vantagem pela fertilidade e variedade de termos: tem-se achado ser verdade o que affirmaõ, posto que os que della escrevêraõ, fallaraõ mais como Panegyristas, que como Filosofos; contentáraõ-se com humas idéias geraes das suas excellencias sem as profundar. Porém á vista da cruel conspiraçaõ, que contra ella se arma no presente seculo parecia mais justo dizer-se, que nós mesmos somos envejosos da sua abundancia, e que quasi por vingança a queremos empobrecer. (*a*)

(*a*) De *Art. Poet.* v. 150 et seq.

(*b*) „ Iniqui judices adversus nos sumus, ideoque paupertate sermonis laboramus. „ Quinct. l. 8. cap. 3.

O es-

O estylo simples, no qual entra o familiar por seus gráos, necessita de termos de reserva para exprimir as cousas de hum modo ora engraçado, ora picante. (*a*) Ora tirem-nos muitas dessas expressões, que injustamente chamaõ plebéas, que nos ficará senaõ huma frase secca como de meninos bizonhos?

He certo, que huma grande parte dos nossos *adagios*, e os ditos engraçados tem huma tal dependencia daquelles vocabulos familiares, que os exprimem, e por outra parte esses vocabulos parecem talhados para elles tanto ao justo, que quando os trocamos por outros de maior cultura, perde-se a graça, e fica em gravidade secca o que era jocosa agudeza assaz decente. E quem duvída, que se levado deste irracionavel pundonôr desprezarmos as palavras chans correntes da nossa Lingoa pelo mal entendido plebeíssmo dellas, poderemos dizer da Lingoa Portugueza, o que Cicero disse noutro tempo da sua Latina: *Nullum veteris leporis vestigium apparet*: Que se naõ vê já nem rastro da antiga galantaria da Lingoa Portugueza; (*b*) ou daremos a mesma queixa, que o illustre Fenelon dava aos seus de ter perdido a Lingoa Franceza mais vocabulos, do que lhe *haviaõ introduzido*, e que a titulo de a quererem apurar, a tinhaõ empobrecido, que he a mesma idéia do Author dos Caracteres. (*c*)

Quem naõ vê nas cartas de Vieira aquelle atticismo taõ gabado dos antigos, concisaõ, gravidade, agudeza junta com a graça de expressões familiares propriissimas? Seja exemplo a que escreveo de Roma ao Marquez de Gouvêa sobre as promoções de Bispados, quando diz: „ Ouço, que vaõ nesta *barcada* os Bispados de Evora, „ Lamego, Vizeo, e Funchal &c.„ E n'outra escreve: „ Esperava-se, que tambem sahisse nesta *maré* o Senhor

(*a*) „ Aspergentur etiam sales.. *Cic.* 2. *Orat.* n. 26.
(*b*) *Epist. ad Familiar.* Lib. IX. ep. 15.
(*c*) *Epitr. à l'Academ. Franc.* Bruyere Car. tom. 2, chap. 14.

„ Bis-

„ Bispo de Lans &c. „ Mas veja-se, como este insigne Escritor conhecia as riquezas da Lingoa, e as manejava com variedade; porque n'outra ao mesmo Marquez diz : „ Em fim vaõ neste *despacho* sete Bispados, a sa- „ ber, &c. „ E n'outra : „ Daqui naõ ha que avisar, „ mais que hirem nesta *occasiaõ* tres Bispados, &c. „ Mil exemplos destes poderamos allegar.

Mas ainda na analyse austera que se exprime na lingoagem dogmatica, quem duvida, que saõ mui necessarios os termos familiares? e que sem elles muitas vezes seria imperfeita a demonstraçaõ de verdade? Por quan- „ to, como observa hum Filosofo (*a*) „ se huma Lingoa „ tem poucas palavras, isso he final, que a naçaõ dos „ que a fallaõ, tem poucas idéias; e se a significaçaõ das „ palavras he mal determinada, he final, que as idéias „ dos que a fallaõ, saõ confusas... „ Pois que conforme aquelle famoso problema, que propoz Mr. Maupertuis em nome da Academia de Berlin, se colhe, que a Lingoa tem hum grande influxo sobre as opiniões dos homens, e reciprocamente, que as opiniões influem sobre as Lingoas.

Naõ somos porém taõ tentados de qualquer abundancia esteril, que pertendamos por este fim dar entrada ao uso indiscreto de quaesquer vocabulos, sem attender a sua força, e propriedade.

Esgueirar-se por retirar-se n'uma historia grave seria expressaõ bem indigna.

Enfronhado he bem acceito. Enfarinhado, (dizem os velhos importunos) que modo de fallar! Que lhe achaõ? naõ sabemos: mas he boa palavra no uso familiar, e os Francezes dizem sem nojo, *Il s'est allé enfariner de cette opinion.*

Camarada tem seus empregos proprios: 1.° nos que militaõ no mesmo exercito: 2.° entre os servos sogeitos a hum mesmo amo: 3.° entre jornaleiros, que trabalhaõ

(*a*) Condillac *Cours d'Etud.* tom 6. p. 264.

para hum mesmo dono, ou officiaes da mesma officina: 4.° entre os que vaõ de companhia na mesma jornada. Mas se alguem chamasse camaradas os Professores de hum Collegio, ou os que exercitaõ a judicatura n'um mesmo tribunal, em lugar de *Collegas*; era burlesco.

Agarrar he expressaõ bem forte pela metafora das feras, e aves de rapina, mas por isso fora de objecto de vituperio nem sempre será decente, naõ obstante que alguns authores usaõ deste termo com maior liberdade.

Cibato he termo vil pela imagem, ou idéia accessoria dos animaes, mas será mui boa metafora em materia odiosa.

Do mesmo modo *cevar*, *cevar-se*, boa metafora para invectiva dos vicios, e viciosos; mas ninguem dirá; *cevar no banquete os seus amigos com exquisitas iguarias*: e seria horrendo desproposito ouvir-se, *os fieis cevados com o manjar celeste da Divina Eucharistia*, como já disse hum, vertendo taõ miseravelmente o termo Latino *Saginati*.

Borrar por apagar, riscar he termo tomado do Espanhol, mas em Portuguez he de huma cacofonia insupportavel; a penas se usa do nome verbal *borraõ*, que he necessario.

Mas que razaõ haverá para que rejeitemos *mingoa*, *mingoar*, *mingoado*, deixando sómente á *Lua* o seu *mingoante*, e ás velhas crendeiras as suas *horas mingoadas*?

Que mal nos faz *atabafar*, que significa encobrir com engano, para que Nunes o puzesse na lista dos termos plebeos? Que me dem na nossa Lingoa outra palavra por esta taõ energica, e redonda.

Quem diz *meigo*, ou *carinhoso*, porque desprezará *fagueiro*, tendo em uso a palavra *affagos*, *e affagar*?

Enfunado, *entonado*, por soberbo: e *moscar*, ou *çafar-se* por fugir, desapparecer, ha muito para que sirvaõ.

Fi-

Finalmente ha outros muitos, que podiamos aproveitar em muitas occasiões, despindo-lhes a vil libré do plebeismo, como *atabalhoar*, *atabalhoado*, que o vulgo corrompeo em *atabullar*, *atabullado*, pelo qual dizem outras vezes *estabalhoado*, *estabalhoada*, *estabalhoadamente*.

Prolongas póde ter bom uso no sentido figurado tirado da propria significaçaõ, que he prorogações de tempo que a Justiça concede aos pleiteantes. O vulgo o perverte, quando diz: *Para naõ estar com mais perlengas*, ou *naõ estou para ouvir essas perlengas* &c.

CAPITULO II.

Do Latinismo Portuguez, ou indiscreta introducçaõ dos vocabulos Latinos: 5.ª Causa da decadencia da Lingoa Portugueza.

POr *Latinismo* costumaõ os Grammaticos entender o idiotismo dos Latinos na construcçaõ da frase Portugueza, assim como na frase Latina chamaõ *Lusitanismo* a construcçaõ da frase Latina ao modo da Lingoa Portugueza. Nós aqui tomaremos a palavra *Latinismo* em sentido mais amplo, para significar a preocupaçaõ dos Mestres da Lingoa Portugueza na introducçaõ indiscreta dos vocabulos Latinos. E como já noutro lugar fallamos do abuso da etymologia em latinizar as palavras Portuguezas, agora fallaremos de outro préjuizo, que ha em aportuguezar indistinctamente quaesquer vocabulos Latinos.

§ I.

Se se podem tomar vocabulos da Lingoa Latina.

Questaõ he muito antiga dos nossos Filologos, de que Lingoa tomaráõ os Portuguezes os vocabulos, de que tiverem necessidade? Duarte Nunes de Leaõ expres-

ſamente a tratou na ſua *Origem da Lingoa Portugueza.* (*a*) „ Cada dia (diz elle) os tomamos da Lingoa „ Latina, ou Grega por terem para iſſo ſeus terminos ſabidos, e notos a todos. „ He verdade o que diz eſte Author entendido reſtrictamente dos termos, que chamamos *technicos*, ou termos *facultativos* ; mas ainda fallando propriamente, eſſes termos Gregos já nos vieraõ latinizados, porque dos Latinos os recebemos ; delles uſamos todos os dias, mas ſaõ ſempre os meſmos, que de huma vez ſe tomáraõ para ſempre ; nem elles nos ſaõ particulares, porque todas as Lingoas os adoptáraõ no ſyſtema das artes e Sciencias de que trataõ. Fóra deſtes temos na Lingoagem commum alguns termos Gregos, que nos vieraõ de antiquiſſima inſtituiçaõ, como *Cara* do Grego κάρα caput, facies : *Moca* (zombaria) de μωκὸς derisor : *Bodto* de βοάω clamo : *Encomio* de ἐγκώμιον, laus praeconium : *Eſquerdo* de σκαιὸς, ſiniſter, e alguns outros. Dos Latinos maior cópia temos, mas os que faltaõ, naõ os podemos accreſcentar todos os dias, como o Author ſuppoem, ſó ſe quizeſſemos fazer huma nova Lingoa miſta de Porguez, e Latim.

Com tudo Nunes, concluindo o capitulo, nos anima a desfrutar ainda os theſouros da Lingoa Latina a titulo de filiaçaõ dizendo deſta fórma: „ Sendo pois a „ Lingoa Portugueza na origem Latina, e reformada „ muitas vezes e ampliada de vocabulos Latinos, de „ que careciamos, por a corrupçaõ, que os Godos nella fizeraõ, ſem nenhum pejo, e com mais honra noſſa nos devemos aproveitar della, como filhos, que dos „ bens paternos ſe ajudaõ mais ſem affronta ſua, do que „ naõ fariaõ os eſtranhos. „

Madureira naõ deixa de attribuir a perfeiçaõ da Lingoa Portugueza á multidaõ de palavras Latinas, que os noſſos hiaõ recolhendo. „ Todos os noſſos Authores (diz) „ confeſſaõ, e devem confeſſar todos aquelles, que pro-

(*a*) Cap. 16.

„ feſ-

„ fessárao a Latininade, que a nossa Lingoa he filha da „ Lingoa Latina. E se perguntarmos em que? Respondem, que na semelhança dos nomes, na imitaçaõ dos „ verbos, na propriedade dos vocabulos. E eu accrescento, que o naõ he menos no som da perfeita pronunciaçaõ; tanto que já houve curiosos, que compozeraõ poemas inteiros, que com pouca mudança da „ pronunciaçaõ já se lêm em Portuguez, e já se lêm em Latim. Dizem tambem que a nossa Linga vai subindo „ ao auge da perfeiçaõ: e se examinarmos, donde lhe „ nascem estes augmentos, diraõ, que he porque esta „ filha cada dia se vai enriquecendo com a herança das „ palavras, que cada vez mais participa daquella mãi. O „ certo he, que as Prozas, e Poesias Portuguezas, que „ a fama canta, e todos applaudem por singulares na locuçaõ saõ aquellas, que estaõ mais cheias de palavras „ Latinas &c.„ (*a*)

O Illustre Arcebispo de Cambrai tambem se dignou de fazer este obsequio á Lingoa Latina, dizendo, que as palavras Latinas pareciaõ ser as mais proprias, que os Francezes deviaõ escolher para enriquecerem a Lingoa Franceza. (*b*)

E com effeito, fallando geralmente cada huma das Lingoas modernas tem direito a tomar da Latina os vocabulos, que lhes convém. Ha pouco tempo, que os Francezes naõ tinhaõ *Incorrompu*, que he do celebre Mr. Pascal, como tambem *Indémonstrable*, a que o Uso se apegou contra o Abbade Desfontaines, que o reprovava, e alguns outros: nem nós tinhamos *Indemne*, *Indemnidade*, *Indemnizar*, que os Jurisconsultos nos mettêraõ em casa.

Porém naõ obstante isto, eu com o devido respeito á authoridade de varões taõ illustrados atrevo-me a dizer, que no tempo presente naõ ha Lingoa, de que me-

(*a*) *Orthogr. Explic. Introduc.* n. 14.
(*b*) *Lettre à L'Academ. Franc.*

nos

nos nos possamos aproveitar, em quanto a enriquecer a nossa de novos vocabulos, do que da Latina.

I. Naõ he grande vantagem n'uma Lingoa o ter multiplicados termos para explicar huma idéia, quando nelles naõ concorra a variedade dos sons junta com a maior energia, concisaõ, dilataçaõ, simplicidade, ou composiçaõ, que encerraõ as idéias, que elles significaõ: consequintemente bem póde ser, que huma Lingoa seja ao mesmo tempo mui copiosa, e mui pobre de palavras pois que a multidaõ de palavras naõ exclue a inutilidade, ou superfluidade: por certo naõ valerá muito a multidaõ n'um exercito, em que houvesse tantos agoadeiros quantos soldados. Ora naõ se provará facilmente, que todos os vocabulos Latinos, que tem passado á Lingoa Portugueza fossem necessarios, nem póde ser bem entendido o que disse Duarte Nunes, que a nossa Lingoa fôra reformada muitas vezes, e ampliada de vocabulos Latinos, de que careciamos por a corrupçaõ, que os Godos fizeraõ na Latina. Por quanto essa mesma corrupçaõ *foi* a que nos deo a Lingoa, e vocabulos Portuguezes, e sem ella a Lingoa Portugueza naõ seria outra Lingoa differente, mas a mesma Latina: logo a corrupçaõ naõ foi causa verdadeira de precisarmos dos vocabulos Latinos: antes a indiscreta introducçaõ dos vocabulos Latinos póde ser causa, como já tem sido, de se perderem os bons vocabulos Portuguezes, que tinhamos.

Do que se colhe tambem o manifesto erro de Madureira, em quanto suppoem, que o auge da perfeiçaõ da nossa Lingoa dependa de huma quantidade material de palavras Latinas, sem tocar na judiciosa escolha, que dellas se devêra fazer, e que nem elle, nem os seus antepassados fizeraõ: o que nasceo principalmente de dous principios: 1.° de entenderem, que quaesquer vocabulos Latinos misturados no contexto da frase Portugueza fazia huma lingoagem gentil, e galharda: 2.° o máo gosto dos Poetas, e com menos desculpa, o dos Prosadores, que introduzíraõ com grande profusaõ, e sem discerni-

men-

mento os vocabulos Latinos, que o Madureira nos gaba com o mesmo máo gosto, dizendo: *O certo he que as Prosas, e Poesias Portuguezas, que todos applaudem por singulares na locuçaõ, saõ aquellas que estaõ mais cheias de palavras Latinas.* Hoje pelas regras da boa Critica até os rapazes sabem, que essas saõ as Prosas, e Poesias da mais ridicula affectaçaõ por isso mesmo, que saõ singulares na locuçaõ, e tanto mais pedantescas, quanto mais cheias de palavras Latinas. E se nem ao mesmo grande Camões podemos perdoar a multidaõ de vocabulos Latinos, que introduzio na sua Lusiada, como a poderemos perdoar aos Escritores de Prosa.

Póde-se perdoar a Madureira como huma innocencia o que accrescenta, que a Lingoa Portugueza naõ era semelhante á Latina no som da perfeita pronunciaçaõ. Ninguem hoje sabe, nem se póde saber, qual fosse o som, o valor, as differentes entoações das vogaes, a compatibilidade dos accentos com a sua brevidade, e longura nas dicções; n'uma palavra nada se sabe da perfeita pronunciaçaõ da Lingoa Latina. Naõ podemos logo crer nada do que vagamente nos dizem estes homens de semelhança da Lingoa Portugueza com a Latina no som da perfeita pronunciaçaõ, senaõ com a mesma fé com que se crem os contos da Persia. Mas seja o que for:

II. Os vocabulos Latinos, em quantos sons significativos, ou sinaes das idéias, e dependentes da fixaçaõ do Uso, naõ sei que tenhaõ mais valor fysico para as exprimir, do que os de qualquer outra Lingoa. A sua instituiçaõ foi arbitraria, como o foi a dos vocabulos das outras Lingoas; arbitraria he tambem a sua adopçaõ na Lingoa Portugueza, tanto como a dos vocabulos Arabicos, Francezes, Italianos &c. que temos em grande numero. Logo naõ tem as vozes Latinas mais (em quanto á força significativa) que a excellencia fantastica de serem Latinas. Naõ crem isto porém os nossos Latinistas, que em enthusiasmo alheio de toda a boa Filosofia nos in-

inculcaõ a ſua idolatria para com aquella Lingoa, e ſollicitaõ a ſua trasladaçaõ para a Lingoa Portugueza, ou total converſaõ da Portugueza para a Latina.

Nos termos technicos ninguem os accuſará de ſuperſtiçaõ, porque ſaõ claros, ſaõ neceſſarios, ſaõ communs a todas as Lingoas, ſaõ finalmente conſagrados pelo uſo para as materias de eſpeculaçaõ, ſejaõ Theologicas, Filoſoficas, Medicas, ou quaeſquer outras. Perdoa-ſe tambem aos Poetas ornar os altares do ſeu Parnaſſo com algumas flores do Lacio: ſe o fazem com juizo, e boa eſcolha: mas fóra diſto quaeſquer palavras Latinas, que naõ tenhaõ o direito de preſcripçaõ na fraſe Portugueza, ſeraõ eſtranhas como as da China, ou Japaõ.

Com tudo o Madureira ás vezes declara-ſe, para que ſe naõ diga que mette agulhas por alfinetes: *Auriga* (diz) he palavra Latina. Reſponde-lhe huma voz: Eu ſou Portuguez pela graça de Deos: naõ entendo aurigas, digo ſó *cocheiro*. *Nuperrimo*, *Edulcorar*, por adoçar, *Eſpelunca*, por cova, *rubro*, por vermelho, *Pluriſcripto*, iſto he, muitas vezes eſcrito, ſaõ eſtupendas latinadas, que a ninguem lembrariaõ, fóra da eſcola do Madureira.

Dubio	por	Duvidoſo
Obeſo		Gordo
Rubo		Çarça
Pugillo		Punhada
Talitro		Piparote
Alveario		Colmeia
Tentorio		Barraca

Eſurino por couſa que exercita a fome.

Pſeudo-Profeta . . . . Profeta falſo

E outros, que traz no ſeu groſſario, ſaõ da meſma conta.

Evaneſcer
Evaneſcerſe
Evaneſcido } ſaõ vocabulos Portuguezes ſó por devoçaõ do Author, porque ninguem, que eu ſaiba, os diſſe, nem eſcreveo

até-

atégora; mas naõ lhe toa, *Esvaecer*, *Esvaecerse*, *Esvaecido*, nem *Esvair*, *Esvairse*, *Esvaido*, sendo palavras que estavaõ de posse na Lingoa Portugueza, e de mais tem bastante derivaçaõ de *Evanescere*, mas qualquer pequena discrepancia de huma letra faz escrupulo a Madureira. A respeito dos seus *alatinados* já fallamos no Pedantismo Etymologico; e pelo que pertence aos Latinos *aportuguezados*, isto basta.

II. O que tem grangeado muitos superfticiosos na adopçaõ dos vocabulos Latinos, ou alatinados he a idéia mysteriosa, que se fazem do predicamento de filiaçaõ Latina, que se dá á Lingoa Portugueza. Agradou o que o enthusiasmo do nosso Camões finge elegantemente de Venus, que era affeiçoada á Lingoa Portugueza,

. . . . na qual quando imagina,
Com pouca corrupçaõ crê que he Latina. (*a*)

Imagem poetica, que se naõ deve entender ao pé da letra, nem funda lei decisiva em materia de Filologia Portugueza. Muitos écos depois de Camões tem repetido huns após dos outros, que a Lingoa Portugueza he filha da Lingoa Latina, e por naõ nomear todos hum por hum, o P. Vieira, de quem até os erros, e preoccupações fôraõ respeitados como oraculos, lhe chama filha primogenita da Lingoa Latina. (*b*) Naõ sei se esta duplicada prerogativa de primogenita obrigaria os Italianos zelosos a exhibir a genealogia da sua Lingoa, pela qual talvez ficariamos vencidos, e callados, e envergonhados dos soltos mais que prudentes encarecimentos dos nossos Filologos. O Madureira argumenta pela *semelhança dos nomes*, *imitaçaõ dos verbos*, *e propriedade dos vocabulos*, e nem elle, nem os seus Corifeos notáraõ, que nos nomes, e verbos, isto he, nas declinações, e conjugações, e até em muitos idiotismos, e construcções, (que alguns Grammaticos ridiculamente tentáraõ explicar pelas

(*a*) Cam. *Lusiad.* Cant. 1.
(*b*) Na approvaçaõ da III. P. da Histor. de S. Domingos.

ellipses Latinas do Sanches) mais semelhanças tem a Lingoa Portugueza com a Grega, que com a Latina. Naõ fallo de outra prova pueril, que tiráraõ muitos de varios poemas, que diz Madureira depois de outros, que *com pouca mudança da pronunciaçaõ, já se lem em Portuguez, já se lem em Latim*: os quaes versos pela maior parte tem mais de macarronico, que de legitimo Latim, como obra feita de aposta.

Que a Lingoa Portugueza seja filha da Latina, ninguem o nega, mas a verdade he que esta prerogativa naõ he taõ unica, e propria da Portugueza, que naõ convenha a outras Lingoas com a differença de mais, ou de menos, e no que toca a preferir os vocabulos da Lingoa Latina aos das outras Lingoas, he mais hum titulo fantastico do que huma razaõ solida, pois que as outras Lingoas, qual mais, qual menos todas se prezaõ de filhas da Latina. E se este titulo de honra, como Nunes suppoem, nos acredita pelos vocabulos, que tomarmos da Lingoa Latina; naõ he consequencia que *fiquemos* nem mal acreditados, nem menos acreditados em tomar vocabulos das outras Lingoas, que como irmãas, naõ nos podem ser estranhas. Antes, se examinarmos o caso livres da commua preoccupaçaõ, veremos, que *mais vantajoso nos será commerciar nas dicções com as nossas irmãas ricas, e florentes, do que com a mãi velha, muda, e pobre*. Porque

IV. Se a Lingoa Latina fosse Lingoa viva, seria isso boa razaõ para preferirmos os seus vocabulos aos das outras Lingoas, porque nella teriamos nós outros tantos como os Romanos tinhaõ, e tomavaõ da Grega, que foi o remedio da sua pobreza, a pezar da grande obstinaçaõ, que tinhaõ em naõ acceitar vocabulos estranhos.

Mas hoje a Lingoa Latina em nenhuma parte do mundo se falla, como Lingoa nacional. He verdade que ella he ainda taõ familiar em Polonia e Hungria, que até entre os officiaes e gente plebéa poucos ha que a naõ entendaõ. Tambem em Alemanha, Suecia; e *Ho-*

lan-

landa he assás commua, menos em França, Espanha, e Italia; mas em qualquer parte a Lingoa do paiz he a que prevalece; e *quem disser hoje que a Lingoa Latina he Lingoa universal*, *diz hum termo*, *que naõ significa nada*, *ou que significa huma ficçaõ imaginaria*.

Depois dos seculos tenebrosos da ignorancia, quando se resuscitou o estudo desta Lingoa, tres usos sómente se destináraõ a esta Lingoa: o I. foi para os Officios Divinos, o qual ainda se observa em todos os paizes, onde se observa a Religiaõ Catholica: o II. foi para os exercicios litterarios nas escolas, e Universidades, onde por uso antigo se trataõ as Artes e Sciencias nesta Lingoa; e nella se sustentaõ as disputas litterarias. Mas este mesme uso está no presente seculo mais coarctádo, depois que os Criticos tem mostrado, que a Lingoa Latina, como Lingoa morta he mais propria para escrever, que para fallar, e que era grosseira pedantaria fazer disputas publicas de Fysica, Medicina, Jurisprudencia &c. em Lingoa de segredo, dando com as portas na cara em certo modo, aos que naõ entendem a Lingoa Latina, ou constrangellos largo tempo ao tormento de ver hum homem instruido mover os labios, sem entender o que elle está a dizer. Já está bastantemente refutado o absurdo de alguns antigos Doutores, que criaõ, que os dogmas e mysterios das Sciencias se envileciaõ tratados em Lingoa vulgar. (*a*) Descartes, Mallebranche, Fontenelle, Rohault tiveraõ a gloria de ser (na Lingoagem dos Latinistas fanaticos) os primeiros profanadores do Santuario das Sciencias, que teve a sua naçaõ. Sem Latins, e sem methodo escolastico as *Recreações Filosoficas* do P. Almeida tem sido, por testemunho dos mesmos estrangeiros, a primeira obra original no

(*a*) V. *Recreaç. Filosof.* tom. 1. no Prologo. Homens houve taõ namorados da Lingoa Latina, que escrevêraõ os mais despregados despropositos: tal foi Melchior Inchofer, que disse, que os bem aventurados haviaõ de fallar no Céo em Latim, e que Christo algumas vezes fallára esta Lingoa. Vej. Vernei *De Re Log.* lib. IV. cap. 3. na nota.

ſeu genero, que ſahio de Portugal. O III. Uſo da Lingoa Latina nas nações modernas, foi o das Embaixadas, e negociações de Eſtado, que trataõ os Miniſtros das Potencias nas Côrtes eſtrangeiras, de ordem de ſeu Soberano: mas eſte uſo eſtá quaſi abolido deſde a Paz de Riswich e Nimega, onde a Lingoa Franceza com mais juſtas razões uſurpou eſta prerogativa áquella Lingoa morta.

Suppoſto pois ſer Lingoa morta, ainda que de grande utilidade para o Eſtudo das Bellas Letras, *naõ cremos* com tudo, *que com ella ſe poſſa enriquecer a noſſa Lingoa de muitos vocabulos.* Porque

V. A Lingoa Latina, tal como a conhecemos nos antigos Authores, he muito pobre em comparaçaõ da Lingoa Portugueza, e das outras vulgares. Os Authores da bella Latinidade naõ nos deixáraõ Diccionarios deſta Lingoa, nem he poſſivel, que eſta Lingoa toda inteira, e todos os ſeus termos ſe achem nos eſcritos antigos de Hiſtoria, Oratoria, e Poetica. Se Cataõ, e Columella naõ eſcreveſſem ſobre a Agricultura, *Celſo* ſobre a Medicina, Vitruvio ſobre a Arquitectura, Plinio ſobre a Hiſtoria Natural em vaõ buſcariamos nos outros Authores daquelle tempo, ou nos Diccionarios, que hoje tiveſſemos vocabulos para exprimir muitas couſas pertencentes áquellas materias.

Mas nem eſſes meſmos Authores, nem os outros em tudo o que eſcrevêraõ introduzíraõ tudo o que ſe fallava, e podia fallar naquella Lingoa. De mais diſſo nem todas as obras, que elles eſcrevêraõ ſe ſalváraõ do geral eſtrago da barbaridade, nem as que ſe reſtauráraõ eſtaõ de todo sãs, e inteiras como elles as deraõ: todos ſabem, que muitas dellas em parte eſtaõ truncadas, e pervertidas pela ignorancia, e hallucinaçaõ dos copiſtas, como os Logicos explicaõ na Arte Critica. Deſtas obras pois he, que ſe formáraõ os Diccionarios, que temos da Lingoa Latina, que por mui groſſos e abundantes, que ſejaõ, naõ podem comprehendella toda,

da, como os Romanos a possuiaõ, e muitos vocabulos, que nelles se achaõ insertos, fundados na conjectura dos Criticos, e lições variantes de diversos textos, nos fazem duvidar ainda se saõ Latim barbaro, ou Latim puro; como *oblatum*, *i*, substantivo; *é contra*; *impraesentiarum*; *conicit* por *Coicit* verbo antigo em Virg. AEneid. lib. 9. v. 411., segundo Servio; e outros muitos.

Mas ainda dado que esta Lingoa nos ficasse taõ pura, e inteira como os Romanos a fallavaõ. Os novos usos e costumes, que se introduzíraõ no espaço de tantos seculos, os dogmas, os ritos, e ceremonias religiosas, e civís, mui differentes do tempo do Paganismo, os novos descubrimentos, os systemas, as artes tanto mecanicas como liberaes, as sciencias, principalmente a bellica, a nautica, a politica, o commercio tem dado tanta dilataçaõ ás Lingoas da Europa, que Livio, ou Tacito, ou Cicero, ou Plinio, ou outro qualquer dos mais eloquentes Escritores daquelle tempo, se agora resuscitassem, achariaõ cá hum mundo novo provído de infinidade de cousas, de que nunca tiveraõ conhecimento, e habitado de homens, que pensavaõ sobre as mesmas cousas conhecidas de mui differente maneira, do que elles antigamente pensavaõ: conseguintemente achariaõ a sua Lingoa pobrissima para explicar tudo o que deviaõ clara e expeditamente, e seriaõ precisados a crear milhares de vozes, e expressões para declarar novas e mui differentes idéias; salvo se nessa Colonia Latina do inferno se tivessem tornado taõ buçaes, que gostassem da frase burlesca das postillas escolasticas, e reproduzissem as ineptas maravilhas, que antigamente se fallavaõ a titulo de *haecceitatibus*, *quiditatibus*, *formalitatibus*, *quodlibetis*, *cathegoriis* &c., ou se namorassem do Latim mestiço dos modernos puristas.

Se me dizem, que de toda a materia se póde fallar, e escrever bem em Latim, supprindo algumas palavras annovadas, que faltaõ na Lingoagem antiga, digo que naõ he assim; pois que as palavras, como se sabe, suſ-

ſuſtentaõ-ſe pelo Uſo, e o Uſo naõ tem legitima authoridade ſobre Lingoas mortas, porque morreo com ellas, e o Uſo que reina nas Lingoas vivas he o pai dos barbariſmos, que ſe tem introduzido nas Lingoas mortas.

Para evitar eſtes inconvenientes, tomáraõ alguns modernos o divertimento de eſcrever elegantes projectos ſobre a fundaçaõ de huma nova Colonia Latina, onde eſta Lingoa ſe fallaſſe outra vez, e ſe uſaſſe como Lingoa nacional, porém atégora naõ exiſte tal Colonia ſenaõ, como a Republica de Plataõ, na fantaſia de ſeus Authores.

O tomar vocabulos Latinos para a Lingoa Portugueza, ſó de dous modos póde ſer: I. aportuguezando-os, iſto he, tanſplantando-os inteiros aſſim como ſe offerecem na Lingoa Latina, como *Crapula* em lugar de bebedice; *Toga* por beca, *Tiara* por mitra; *Sevicia* por crueldade; *Facinoroſo* por malvado &c. os quaes com effeito mais gravidade tem na Hiſtoria, Oratoria, e Poeſia, e tudo o que he Eloquencia de apparato: ajuntaremos, que alguns termos Latinos tem graça, no eſtilo burleſco, ou comico, e converſaçaõ jocoſa, como quando ſe diz *Pecunia* por dinheiro, do meſmo modo que muitos poem o vocabulo Francez *l'Argent*, *Peruca* por cabelleira: II. latinizando os termos Portuguezes, que já tinhamos deſviados do Latim, mas transformados com ſuas modificações, que disfarſavaõ a origem, como *Precepto* por preceito, *acceptar* por acceitar, *Nocte* por noite, e outros, que Nunes e Madureira extravagantemente transformáraõ em Latinos, para fazerem, como penſavaõ, huma lingoagem mais grave. Aſſim diriamos *notula* por nodoa, *pulviſculos* por polvilhos, *querimonia* por caramunha, e facilmente tornariamos Latina quaſi toda a Lingoa Portugueza, nem perderiamos *terminos* por termos, que Nunes tomou, naõ ſei ſe do Latim, ou ſe do Heſpanhol, nem *poſteros* por vindouros, que enjoa de morte.

Ora naõ ſó a Lingoa Portugueza, mas qualquer das noſ-

noſſas vizinhas, e honradas tambem com o privilegio de filhas da Latina, no eſpaço de tantos ſeculos decurſos tem já tomado daquelle antigo fundo, o que havia de melhor, e mais conveniente, tanto de huma, como de outra eſpecie de palavras. Bem freſcas, e mimoſas eraõ no tempo de Nunes as palavras *Eſplendido*, *Arrogante*, *Commodo*, *Accommodado*, *Deliberar*, *Conſulta*, *Primordio*, *Infeſto*, *Infeſtar*, *Alludir*. Todos eſtes termos (diz elle) naõ havia ainda trinta annos que ſe uſavaõ. Logo o que nos reſta por tomar naquella Lingoa já naõ póde ſer o melhor, e o que nos falta já lá naõ ha. O que por direito de filha podia herdar da Latina a Lingoa Portugueza, já o herdou. Dalli já naõ ha mais que eſperar, ſenaõ o refugo. Por tanto o maior recurſo, ou ſeja para remediar a neceſſidade, ou para conſultar a elegancia, e a riqueza, eſtá mais nas Lingoas vivas, irmãas, e vizinhas, do que na antiga mãi, cujo fundo eſtá quaſi exhauſto, e de nenhuma parte ſe póde já augmentar.

Inſtaõ porém os advogados da Lingoa Latina, metendo ſeus embargos com argumento de comparaçaõ: que aſſim como Horacio diſſe para os Latinos,

. . . . *habebunt verba fidem, ſi Graeco fonte cadant*:

que ſeriá bem recebidos os novos vocabulos derivados dos Gregos, ou os Gregos latinizados convenientemente; outro tanto podemos nós dizer na Lingoa Portugueza, que as ſuas palavras annovadas, ſendo derivadas das Latinas, ou ſendo Latinas aportuguezadas naõ pódem deixar de ter boa acceitaçaõ: pois que em quanto ás origens, eſtaõ no meſmo parallelo a Lingoa Latina, e a Portugueza. A Lingoa Latina antiga era a meſma Lingoa Grega antiga com alguma corrupçaõ: (*a*) a

(*a*) „ Maxima ex parte (ſermo) Romanus (ex Graeco) converſus eſt. „ Quinct. lib. I. cap. 5. „ Adventitia pleraque habemus Graeca. „ Var. IX. da Ling. Lat. „ Olim Lingua Graeca fuit eadem cum Lin-

Lingoa Portugueza, he cousa constante, que foi huma corrupçaõ da Latina. Logo a Lingoa Latina he para a Portugueza como a Grega foi para a Latina : logo a mesma fortuna devem correr as palavras Latinas no Portuguez, que corriaõ as Gregas no Latim: *habebunt verba fidem.*

A força deste discurso naõ deroga os inconvenientes, que acima propozemos: além de que temos contra a semelhança das origens, que a Lingoa Grega era Lingoa viva, e sempre o foi, durante o Imperio Romano, fallava-se entre os Romanos, que tiveraõ por Mestres della, e de todas as artes os mesmos Gregos. Era em fim a Lingoa Grega para os Romanos taõ familiar, e domestica, como está hoje entre nós a Franceza: o que faz huma differença taõ consideravel a respeito da insinuaçaõ do uso dos vocabulos, e da sua clareza, que quanto a isto, nenhuma comparaçaõ póde haver entre Latim, e Portuguez, que faça consequencia.

§. II.

Vantagem da Lingoa Portugueza em maior abundancia de vocabulos do que tem a Lingoa Latina.

Tendo mostrado, como a Lingoa Latina he pobre a respeito das Lingoas vulgares em commum, devemos tambem mostrar como ella he pobre a respeito da Lingoa Portugueza. Pelo que observaremos, que a maior excellencia de huma Lingoa está em ministrar expressões proprias para as idéias, para as varias modificações das mesmas idéias, e seus gráos caracteristicos; isto he, em mi-

„ latina parum pro prolatione mutata.„ Festus. „Verum et eamdem pene „ cum veteri Graeca veterem latinam linguam fuisse. „ Scalig. ad Festum. „ Est veterum latinorum lingua tota Graecae depravatio. „ Hugo Grotius contra Socin. „ Lingua latina tota pene fluxit ex Graeca, „ si exceperis ea, quae vel ex primigenia lingua retinuit, vel a vici„ nis Celtis accepit. „ Voss. *de vitiis sermonis* in Praefation.

ministrar termos simples, que correspondaõ ás idéias simples; termos complexos equivalentes as idéias complexas; termos, que exprimaõ a percepçaõ do entendimento, e sentimento da vontade para idéias, que saõ mistas de percepçaõ, e de sentimento; termos, que exprimaõ sentimento, e imagem para as idéias, que saõ mistas de sentimento, e imagem &c. Ora huma confirmaçaõ da insufficiencia da Lingoa Latina para contribuir maior riqueza, e abundancia á nossa, he a multidaõ de idéias, modificaçóes, e gráos das mesmas idéias, que na Lingoa Portugueza se exprimem por termos propriissimos, e na Lingoa Latina naõ tem denominaçóes convenientes. Mas naõ seguiremos esta analyse metafysica, que seria assumpto para hum livro; contentar-nos-hemos de reduzir esta abundancia a certos pontos geraes, e mais mecanicos.

Por tanto consiste a abundanbia da Lingoa Portugueza, I. em formar de hum só vocabulo outros muitos com propriedade para exprimir differentes idéias. Sirvaõ de exemplo dos que aponta Duarte Nunes: *Ferragem*, *Ferrador*, *Ferrugem*, *Ferrugento*, e outros tirados da palavra *Ferro*: e de *Terra*, *Terreiro*, *Terreubo*, *Terreste*, *Terreo*, *Terreal* &c.; de *Mar*, *Marear*, *Mareante*, *Marinheiro*, *Marinha*, *Marinhar*, *Maré*, *Marezia*, e outros que se pódem ver no dito Author. Item:

Pedreiro	Pedrado	Pedrada
Pedreira	Empedrar	Pedroso
Pedraria	Desempedrar	Pedregoso
Pedral	Apedrejar	Pedranceira

Pedrouço, Pedregulho

Quatorze vocabulos todos derivados da palavra *Pedra*, que he a sua raiz.

Consiste a abundancia II. nas palavras nascidas de huma mesma raiz, tendo sua determinada significaçaõ, e particular uso, de maneira, que parecendo synonymas, na realidade o naõ saõ: como *Mando*, *Manda*, *Mandado*, *Mandato*, *Mandamento*.

Porque *Mando* he o poder, ou imperio de quem manda; donde *eſtar ao mando* de alguem he, eſtar á obediencia, iſto he, ſogeito

Manda do Teſtamento, iſto he o que o Teſtador diſpoem, que ſe cumpra.

Mandado } do Rei, da Juſtiça, de qualquer ſuperior,
Mandato } val o meſmo que Ordem.

Mandamento da Lei de Deos.

Onde ſe vê, que quem diſſeſſe, trocando os termos, os mandados da Lei de Deos, os mandamentos do Rei, obedecer ao mandato do Pai &c. errava a propriedade dos vocabulos, e fallava mal.

A meſma obſervaçaõ ſe póde fazer em

Olhado
Olhadura } ſubſtantivos verbaes de differente proprie-
Olheiro } dade
Olheiras

A meſma nos termos verbaes: *Feitio*, *Feitura*, *Feiçaõ*, *Feito* ſubſtant. *Feitor*, *Feitoria*, *Feitorizar*, *Feitiço* adject. *Feitiço* ſubſtant., e nos derivados: e aſſim em outros muitos.

Ajuntemos III. os termos, que ſignificaõ gradaçaõ das idéias, como *odio*, *oſga*, *raiva*, *ſanha*, *rancor*, *malevolencia*, ou *malquerença*.

Odio termo generico, que póde admittir quaesquer qualificações, como, entranhavel, envenenado, inveterado &c.

Oſga, odio envenenado, termo figurado de *Oſga* nome proprio de hum bicho peçonhento.

Raiva effeito de odio, que chega a ſummo gráo, metaf. tirada da doença dos cães danados, que tem o meſmo nome.

Sanha do Latim *Sanies*, imagem tirada da peçonha, que lança a ſerpente raivoſa, termo relativo aos effeitos do odio no coraçaõ, e aos ſignaes ſenſiveis do exterior no fallar, na viſta &c.

Rancor, odio inveterado, e ſolapado, metaf. do La-

Latim *rancor*, ranço, isto he máo vapor, que lançaõ as cousas fechadas longo tempo; porque no sentido de odio nunca os Latinos usáraõ de palavra *rancor*: só S. Jeronymo usou delle. Ao nosso corresponde o termo velho do Francez *Rancune*, que os Francezes botaraõ fóra, abraçando a expressaõ perifrastica *haine cachée*.

Malevolencia, ou *malquerença* he a má vontade, que se tem para com alguma pessoa, he o princio, ou raiz de odio.

Pertence á abundancia IV. varios termos compostos, como *rabicurto*, *manalvo*, (cavallo) *cabiscaido*, *cabisbaixo*, *menoscabo*, *menoscabado*, e muitos mais, que naõ he necessario estender aqui.

Acrescentemos V. grande multidaõ de diminutivos, que faltaõ em muitas outras Lingoas: huns tem fórma particular, como: *Mésinha* de medicina, *Luzerna* de luz &c. outros, que admittem todas as fórmas communas, como: *Saquinho*, *Saquete*, *Saquitel*. E nos adjectivos, como: *Pequeno*, *pequenino*, *pequenito*, *pequenote*; *pobrinho*, ou *pobrezinho*, *pobrito*, *pobrete*. E para significar huma simples tendencia do objecto, como: *Adoudado*, *esverdeado*, *esbranquiçado*, *amarellado* &c.

Contemos tambem VI. grande abundancia, e variedade de termos *augmentativos*, como: *Vergonhaço*, *vinagraõ*. E nos adjectivos, *Ricasso*, *ricaçaõ*; *valentasso*, *valentaõ* &c.

§ III.

De varios termos Portuguezes proprios, e determinados, a que na Lingoa Latina naõ correspondem senaõ termos vagos, ou supplementos.

Naõ disputaremos a Cicero a verdade da sua proposiçaõ, quando affirma, que a Lingoa Latina naõ só naõ he pobre, mas ainda mais copiosa que a Lingoa Grega.

ga. (*a*) Perdoe-se ao oraculo da Eloquencia Romana, a quem a Republica, a Lingoa, e a Eloquencia deveo tanto, se a paixaõ nesta parte o dominou, e talvez nós mesmos necessitaremos de perdaõ maior na estimaçaõ daquelles, que julgarem, que somos mais preoccupados pela Lingoa Portugueza, do que fundados em solida razaõ, quando suppômos a nossa Lingoa mais abundante que a Latina. Vejamos, se com alguns exemplos se póde justificar esta proposiçaõ, visto que naõ ha aquí lugar de fazer huma inteira comparaçaõ de ambas as Lingoas.

Nos Diccionarios se vê, e na liçaõ dos Authores se observa, que por falta de termos particulares os Latinos extendiaõ, e ampliavaõ o uso dos poucos termos, que tinhaõ para exprimir distinctamente certas idéias; e naõ ha cousa mais frequente na Lingoa Latina, que a homonymia, isto he, termos, que abrangem muitas significações. Daquí nasceo tambem o uso frequente da Metafora, e Catachrese, que reunem n'uma só palavra differentes noções pela analogia das idéias. E naõ ha dúvida, que a multidaõ de expressões figuradas n'uma Lingoa naõ he tanto circunstancia do clima, como prova de penuria de vocabulos. Por isso com razaõ se tem julgado, que a Lingoa Latina era menos propria para a analyse das idéias, do que para a lingoagem da imaginaçaõ, a qual se contenta com a mistura, ou combinaçaõ das idéias principaes com as accessorias, que lhe offerece a analogia. A Lingoa Portugueza tem a primeira ventagem, sem excluir a segunda.

Por exemplo, nós distinguimos *molle*, *brando*, *macio*, e em Latim tudo se diz pelo mesmo termo *mollis*.

Assim os termos genericos supprem muitas vezes a falta de termos particulares. Para nós *Lura*, significa a cova onde se recolhem os coelhos, ratos &c. *Toca*, he

(*a*) „ Ita sentio et saepe disserui, Latinam Linguam non modo non „ inopem, ut vulgo putarent, sed locupletiorem etiam esse, quam „ Graecam. „ Cic. *De Fin.* lib. I. n. 3.

a co-

a cova nas arvores onde as aves se recolhem, e fazem seus ninhos: e huma, e outra cousa explicavaõ os Latinos indistinctamente pelo nome *cavum*, *i*, ou *cavus*, *i*.

Com o termo *barroca* especificamos nós a cova, que faz a corrente de agoa, o que os Latinos naõ faziaõ com a palavra *fovea*, que he vaga. *Pó*, e *poeira* saõ objectos differentes, que os Latinos exprimiaõ confusamente pela palavra *pulvis*.

Marcha, e *marchar* para nós saõ expressões proprias do exercicio militar, e por falta de termos militares correspondentes valiaõ-se os Latinos de *Iter* para hum, e de *Incedere* para outro, sendo communs para outros usos.

O que nós chamamos *Luminarias*, explicavaõ os Latinos como podiaõ, ora por *Lumina*, como Cicero: *Collucent plateae luminibus*: ou por circumlocuçaõ: *Splendida funalium spectacula.*

Assuada, he propriamente gente junta para fazer mal. O Latim naõ dá para isto, senaõ a voz *Tumultus*, que he vaga.

O mesmo he nos termos de marinha *Enxarcia*, *Enxarciar*: o primeiro só tem os termos communs, *Arma*, *Armamenta*: ou a circumlocuçaõ *funium apparatus*: o segundo naõ tem absolutamente termo correspondente; os modernos remediáraõ isso com o rodeio, *navem funibus*, *vel rudentibus instruere.*

Se vamos a fallar separadamente dos termos peculiares da Lingoa Portugueza, que se explicaõ em Latim por definições, e perifrases, gastariamos muito papel.

Choviscar, que he chover miudo, naõ podiaõ os Latinos exprimir, senaõ como Plinio se vio obrigado a fazer: *Si roraverit quantulumcumque imbrem.*

Nacar, huma especie de côr encarnada desmaiada, naõ tem nome na Lingoa Latina: os modernos fôraõ os que lhe emprestáraõ hum roupaõ de palavras: *Aureus rubro mixtus color.*

Nata, pinguior lactis spuma.

Lu-

Luzerna, Lux modica, ou parva lux.
Maçaroca, filum fuſo circumvolutum.
Carnoſidade, caro excreſcens.
Carniça, carnis copia.
Penhaſco, alta rupes.
Farandula } res nihili, ou nullius pretii.
Farandulagem }
Palhagem, ſtramenti acervus.
Carranca, torvus vultus.
Palhiço, paleae contritae fragmenta.
Mareaçaõ }
Mareagem } opus nauticum: officia vel munera nautica.
Marinharia }
Marear a náo, funes nauticos, et vela navigationi aptare.
Mareta, mare leviter tumidum, ou levis maris tumor, ou levis maris fluctuatio.
Marezia, chamamos o máo cheiro, que de ſi lançaõ as agoas do mar: no Latim naõ ha ſenaõ ſupplementos, *teter*, ou *gravis odor maris*.
Outro fenomeno, quando as ondas ſe inquietaõ *agitadas* pelo vento, he o que chamamos *Marulho*: Cicero por perifraſe diſſe: Maris jactatio: outros por equivalente: Fluctuum motus et agitatio.
Barba, e *bigodes*, ſaõ para nós objectos diſtinctos: os Latinos naõ tem ſenaõ o termo generico *Barba*, tudo o mais ſaõ expreſsões perifraſticas.

Que diremos de *Eſnocar*, que he propriamente, qnebrar hum Ramo da arvore pelo nó: para os Latinos, ramum ab arbore evellere?

Eſmechar } que palavras taõ proprias para exprimir
Eſmechado } a idéia, e a relaçaõ local! Notem os que entendem, que languido ſerá no contexto vivo aquelle fraſeado dos Latinos: *Infligere grave vulnus capiti alicujus*
O meſmo ſe póde dizer de *eſmerar-ſe* em alguma couſa, *accurate*, *diligenter*, *ſtudioſeque facere*.
Seria infinito trabalho ſe aqui tranſcreveſſemos todas as

ex-

expressões peculiares, que a Lingoa Latina naõ suppre, ou suppre imperfeitamente, fóra outras, em que ella he inteiramente muda.

Diraõ, que muitos dos nossos tem escrito muitos, e elegantissimos opusculos em Oratoria, Historia, Poesia &c., como Teive, André de Resende, e outros, e ninguem atégora carpio as pobrezas do Latim. Responde-se 1.° que a penuria de vozes Latinas proprias para exprimir todo o conceito naõ se faz igualmente sensivel em qualquer genero de escritura: 2.° que aos modernos escritores Latinos acontece o mesmo que aos Poetas, porque assim como estes muitas vezes sacrificaõ á rima o conceito, e as expressões mais energicas, assim aquelles escritores muitas vezes accommodaõ os seus pensamentos aos termos, e frases Latinas, que lhes occorrem, e naõ as frases, e termos aos pensamentos; do que resulta, que a expressaõ fica hum pouco mais abaixo, ou mais acima do pensamento formal; o leitor, posto que agudo, naõ sente a violencia, porque julga o que o Author pensou pelo que escreveo, e naõ adivinha, que he o que elle realmente queria dizer: 3.° que se confessassemos os nossos Escritores Portuguezes, que razaõ tiveraõ para preferir a Lingoa Latina á Portugueza nas obras que compozêraõ? Elles diriaõ, huns que estavaõ entaõ preoccupados, como toda a Europa erudita, pela encantadora belleza da Lingoa Latina, sem attenderem, nem conhecerem as delicadezas, a força, e abundancia da Lingoa materna: outros diriaõ, que bem conheciaõ as vantagens da nossa Lingoa, mas que se accommodáraõ ao tempo, e seguíraõ a commum torrente.

Tiraremos pois do que temos tratado as seguintes consequencias: 1.ª que muito pobre seria hoje a nossa Lingoa se ella naõ constasse, senaõ de vocabulos Latinos: 2.ª que naõ temos que tentar enriquecella com o resto de vocabulos Latinos a desconto de perder os nativos.

§ IV.

§ IV.

De alguns vocabulos, que falſamente ſe crem nativos; e outros, que ſe explicaõ bem pelos vocabulos das outras Lingoas.

Para qualificar a abundancia da Lingoa Portugueza naõ preciſamos de fazer injuria á verdade, occultando a origem donde a tivemos; nem de imaginar em algumas palavras taes propriedades ſecretas, que ellas em realidade naõ tem, por nos accommodarmos ás erradas opiniões dos noſſos Filologos, com prejuizo dos que ſe querem inſtruir.

Diz pois Duarte Nunes, que ou foſſe dos Godos, ou de outras nações, ou inventados per ſi, os Portuguezes tem vocabulos, a que naõ podemos dar origem, e que ſaõ ſeus peculiares, de que ha grande numero, &c. (*a*) Naõ referiremos por extenſo todos os que elle ajunta neſta liſta, mas obſervaremos, que em muitos delles he aſſás conhecida a origem. Taes ſaõ:

Abſentar, de *abſente* do v. Latino *Abſum*, pelo qual dizemos hoje *auſentar*, como *auſente*, *auſencia*.

Açoutar, v. formado do nome *açoute*: cujo nome ſe deriva de *Çot* voz Hebraica, que ſignifica flagello, ou azorrague.

Affilar, por aguçar he claramente tomado do Francez *Affiler*.

Affidalgar naõ tem que cauſe novidade, pois que ſe deriva de *Fidalgo*, que he o meſmo, que Filho d'algo.

Affreimar derivado da palavra *freima*, tirada da Grega φλεγμα, flegma.

Affrontar } aſſim vieraõ do Francez . . . . *Affront*
Affronta } . . . . *Affronter*

(*a*) *Orig. da L. Portug.* cap. 16.

de-

derivadas da voz Latina *Frons*, *tis*, porque ſaõ palavras, ou acções injurioſas contra alguem feitas na ſua preſença.

Airoſo, de *aere*, quaſi aeroſus.

Alvitre, do vocabulo Latino *arbitrium*.

Atacar, he ſem duvida do Francez, como veremos no capitulo ſeguinte.

Averigoar, da fraſe Latino-barbara *ad verum collare*.

Azedo, quem duvída vem de *acidus*, como

Concerto, de *concentus*?

Conquiſta ⎫ . . . . ⎧ *Conqueſte*
⎬ do Francez antigo ⎨
Conquiſtar ⎭ . . . . ⎩ *Conqueſter*,
talvez derivados do Latim *quaeſita*, ſc. *bello*.

Deixo outros muitos da meſma liſta ao exame dos curioſos; vamos a outros vocabulos e maneiras de fallar, de que trata no cap. 21. onde diz, que ſe naõ podem bem explicar por outras Latinas, nem de outra Lingoa.

Tendo nós em Portuguez cinco termos, que exprimem huma meſma idéia geral, vem a ſer: *Achaque*, *queixa*, *doença*, *moleſtia*, *enfermidade*, deſtes eſpecializa o termo achaque, e achacoſo; ſendo bem ſabido, que a noçaõ deſtes vocabulos ſe exprime em Latim pelo termo generico *valetudo*, e mais propriamente pela palavra *morbus*, que ſignifica qualquer indiſpoſiçaõ da natureza, que naõ he doença grave, que he o meſmo que declaramos pelo vocabulo Portuguez. (*a*)

Em quanto á palavra *Adherencia* naõ ha couſa mais falſa, do que o que affirma Nunes, que a idéia deſta palavra ſe naõ poſſa explicar bem nem em Latim, nem nas outras Lingoas. Mas eſte homem levado de hum enthuſiaſmo intempeſtivo contra as injuſtiças, que ſe praticavaõ no ſeu tempo, deſacredita injuſtamente a ſua

(*a*) „ Morbus proprie eſt habitus contra naturam, qui uſum ejus „ faciat deteriorem. „ Robert. Steph. verbo *Morbus*.

naçaõ, dissimulando o tyranno, quando diz: „ Como „ entre outras nacões naõ ha cousa, que signifique esta „ diabolica palavra tanto como entre nós, naõ tem pa- „ lavra, que a explique. „ O sceptro dos Filippes na verdade, que foi sceptro de ferro para os Portuguezes, e nunca reinou tanto a injustiça como entaõ: mas *que?* foi isso cousa nova no mundo, e bastante para dar huma idéia, e hum vocabulo, que nenhuma naçaõ tem? Duvida-se que he o que Nunes pertendia: se fazer valer a palavra *adherencia*, ou mais depressa pretextar com ella o seu queixume.

Com effeito naõ ha tal singularidade no vocabulo: he derivado do Latim adhaerere, como outros vocabulos na Lingoa Portugueza o saõ de outros. Exprime varias relações na idéia total: 1.ª do sogeito, que goza a adherencia, isto he, o que he valído, e bem visto de huma pessoa poderosa; e os Latinos sabiaõ muito bem dizer: *Gratia valere apud aliquem*: 2.ª do sogeito affeiçoado, isto he, do poderoso, que faz estima e acceitaçaõ dos obsequios do valído: 3.ª do sogeito, ou sogeitos, que participaõ dos effeitos da valia, ou empenhos do valído, e da benevolencia do Magnata: 4.ª dos mesmos effeitos, isto he, mercês, beneficios, ou livramento de castigos justos, ou injustos: a amizade pura, ou o vil interesse dos que valem. Daqui vem

Ser } de adherencia para com alguem.
Servir }

Ter adherencia, isto he, pessoa que se empenhe.

Buscar adherencia } para impetrar mercê &c.
Meter adherencia }

Recorrer á adherencia.

Conseguir } por adherencia.
Alcançar }

Em todos os póvos e sociedades ha tudo isto, e conseguintemente vocabulos convenientes.

Arriscar he derivado do nome *risco*, no Hespanhol *riesgo*, no Italiano *rischio*, no Francez *risque*, e *risquer*,

quer, *hazard*, *hazarder*, em Latim *discrimen*, e muitas outras expressões convenientes aos usos do termo Portuguez, que Nunes diz, que se naõ póde explicar bem.

Naõ ha menor erro na palavra *Alvoroço*, quando diz, que este affecto da alma se explica mal em outras Lingoas propriamente: e outro author (*a*) tambem traz, que esta palavra só se acha na Lingoa Portugueza: o que seria verdade fallando da palavra, em quanto aos sons, mas fallando extensivamente da palavra e noçaõ, que exprime, he falso. Em Latim explica-se bellamente por *Expectatio*, derivado de *ex* e *specta*, que exprime a narureza do affecto, misto de desejo, de cuidado, e inquietaçaõ de animo, porque quem espera alguma cousa de grande empenho, sempre está a olhar, quando chega; o mesmo acontece, quando esperamos alguma pessoa, cuja vinda nos contentará muito. (*b*) Isto supposto o termo Portuguez sempre tem por objecto cousa, que está por vir, mas segundo a natureza da cousa, que se espera, refere-se, ou ao temor, se he nociva, ou funesta, ou ao desejo, se he agradavel, ou proveitosa: huma alvoroça com o temor, e receio; outra com o desejo, que passa a huma especie de impaciencia. E a esta differença attendeo discretamente o Diccionario da Academia Real, expondo a noçaõ deste vocabulo por *Sobresalto*, *alteraçaõ*, *ou commoçaõ vehemente do animo*, *causado por diversas paixões*, *e principalmente pela esperança*, *alegria*, *novidade* &c.

Neste sentido diziaõ os Latinos: *Tanta fuit expectatio visendi Alcibiadis*: e nós: Taõ grande foi o alvoroço *por verem Alcibiades*. (*c*)

(*a*) Severim *Disc.* 2. 74.

(*b*) „ Significat praestolari; quia dum venturum aliquem praesto- „ lamur, frequenter aspicere solemus, an veniat. „ Thes. L. L. Robert. Steph. v. *Expecto*.

(*c*) Nep. *in Alcibiade*.

A mesma idéia se representa ás vezes por hyperbole: *Estou morto por ver* &c. e pela palavra *Impaciencia*: os Francezes tambem usaõ de *Impatience*: Cic. *Plenus sum expectatione de Pompejo, quidnam velit.* Estou com grande alvoroço, ou espero com impaciencia, ou estou morto por saber, que he o que Pompeo me quer. Em Francez: *Je suis dans l'impatience pour sçavoir ce que Pompée me veut.*

Outro erro na palavra *Saudade*, que Nunes tambem copiou de Severim; porém accrescenta, que este affecto he proprio dos Portuguezes, que naturalmente (diz elle) saõ maviosos, e affeiçoados: erro de Filosofia: conclue, que naõ ha Lingoa, em que da mesma maneira se possa explicar, nem ainda por muitas palavras: erro de Filologia.

He de advertir, que as palavras, de que ha menos falta em todas as Lingoas, saõ as que exprimem os affectos, tanto os simples, como os compóstos, ou complicados; antes estes saõ os que deraõ os primeiros vocabulos ás Lingoas. Posto isto, a palavra *saudade* naõ veio do outro mundo, nem he portento; he derivada da Latina *Solitate*, porque os Latinos usavaõ alguma vez de *solitas* em lugar de *solitudo*, assim como em Portuguez usamos de *solidaõ*, e *soledade*, hum derivado de *solitudo*, outro de *solitate*, e saudade derivado do mesmo tem a significaçaõ do nome *desiderium* pelo qual exprimiaõ os Latinos a mesma idéia complexa, que temos em saudade. Pelo que a huma, e outra voz quadra a definiçaõ do bom Filosofo Cicero: (a) *Desiderium est libido videndi ejus, qui non aderit*: a qual definiçaõ se Nunes entendêra bem, escusára de lhe substituir a sua inepta, e vaga, *lembrança de alguma cousa com desejo della.* Onde se vio desejo de huma cousa sem lembrança?

Mas prescindindo disto, dizemos: *Estou com dese-*

(a) Cic. *Tuscul. Quaest.* Lib. IV.

jo de cerejas: e ſeria tolice dizer: *Eſtou com ſaudade de cerejas.* Se me gabaõ o talento de hum prégador, que nunca ouvi, digo: *Tenho deſejos de ouvir eſſe grande homem*: e naõ ſeria a propoſito dizer: *Tenho ſaudades de ouvir* &c. Pelo contrario diriamos, que hum homem tem ſaudades da patria, e naõ diriamos, que tem deſejos. Pelo que *ſaudade*, ou *deſiderium*, em quanto exprimem huma idéia complexa, declaraõ 1.° a lembrança de hum objecto, cuja preſença nos contentava: 2.° a reflexaõ de já o naõ termos preſente: 3.° a magoa que ſente o animo pela ſoledade do objecto auſente: 4.° o retrato, que nos eſtá pintando a imaginaçaõ da ſua antiga preſença, e qualidades: 5.° os deſejos, com que o animo ſe ſente impellido para o ver.

Pelo que a palavra *ſaudade*, tira mais a ſua força da III. parte da analyſe ſobredita, preſuppondo ſoledade, e magoa: o termo Latino *deſiderium* tira mais da V., iſto he, dos deſejos, tendo por fundamento auſencia: logo hum, e outro ſe ajuſtaõ com a definiçaõ, *Libido videndi* &c., pois que *libido* naõ quer dizer ſimpleſmente qualquer deſejo, mas o deſejo que na Theologia ſe chama de concupiſcencia (ſem ſer de objecto indecente), iſto he os deſejos mais vivos, que tem força dos ſentidos.

Os Italianos tem a meſma força do termo Latino no ſeu Deſiderio, ou Diſidèrio. Os Francezes dizem: *Tout le monde le regrettoit*: como nós: *Toda a gente tinha ſaudades por elle.* E Cicero: *Erat in deſiderio omnium.* Se alguma peſſoa morreo, ou ſe auſentou para outro paiz, dizem: Il *nous a laiſſé le regret de l'avoit perdu.* Cicero diſſe: *Deſiderium ſui nobis reliquit.* E nós: *Deixou-nos ſaudades*: ou, *Ficamos com ſaudades por elle.*

Aos ditos vocabulos ajunta Nunes as palavras *Mano*, *Mana*, quando ſe uſaõ como expreſsões de carinho para com peſſoas a quem queremos bem. Eſta eſpecie de expreſsões variaõ em diverſas Lingoas, e ainda n'uma meſ-

mesma se mudaõ de tempos a tempos, mas affirmar, que as naõ ha em outras Lingoas, he muito affoitar-se. Com effeito diz Nunes, que naõ ha outra expressaõ na Lingoa Espanhol, nem nas outras vulgares, que lhe corresponda.

He de saber, que esta voz *Mano* veio talvez do verbo grego μάω, *vehementer cupio*, donde os Latinos tiráraõ o seu *amo*; ou talvez de μάνος, *genus ornamenti collaris*: do primeiro modo *mano* vale o mesmo, que meu rico, meu querido, ou meu amor; do segundo vale o mesmo, que minha joia, meu diamante. Vejaõ os que entendem as Lingoas, se ha fundamento para o nosso Author vender esta palavra taõ cara. O que diz da interjeiçaõ Latina *Amabo*, naõ vale nada, porque he termo de uso restricto, e se empregava, quando se pedia, ou pertendia alguma cousa de alguem, e vale o mesmo, *pelo teu amor*, ou *por mercê*: v.g. em Terencio: *Vide, amabo, num sit domi*. Faze-me o favor de ver, se elle está em casa: ou ao nosso modo: Por amor de Deos vai ver, se elle està em casa. Nestes termos, como podia o nosso Filologo esperar que Amabo significasse o mesmo, que *mano*, se elle nem lá vai ter, nem para lá caminha? Naõ nos demoremos mais em examinar outros vocabulos, que ajunta o nosso Author depois de outros: isto basta para se entender, que a Lingoa Portugueza tem tido mais Panegyristas do que Criticos, e que os que a pertendem saber com fundamento, naõ devem crer sem exame o que se acha ordinariamente nos escritos dos nossos antigos, mais curiosos, que exactos, e igualmente faceis em se copiarem huns aos outros.

CA-

CAPITULO III.

Da Francezia, ou indiscreta introducçaõ de termos, e frases Francezas na Lingoa Portugueza: VI. causa da sua decadencia.

NAõ he nosso intento pôr em questaõ, se he justo adoptar na Lingoa Portugueza as dicções da Lingoa Franceza, e empregallas opportunamente nos discursos; mas veremos, que he summamente importante manifestar o abuso, que nos nossos tempos se tem feito dos vocabulos, e frases daquella Lingoa, em quanto este abuso he causa de se corromper a pureza da nossa, e de se virem a perder muitos vocabulos proprios e elegantes, de que sempre usaraõ os nossos melhores escritores.

§ I.

Do fôro de antiguidade de muitas palavras Francezas, que se encorporáraõ na Lingoa Portugueza, ou servíraõ de raiz á muitos vocabulos Portuguezes.

Direito commum he nas Lingoas da Europa o soccorrem-se e ajudarem-se mutuamente, ou fazerem-se mutua represalha nas dicções, que cada huma possue, quando dellas ha necessidade: e esta he a mesma idéia que concebeo o nosso douto Ferreira, dizendo:

Geralmente foi dada boa licença
A's Lingoas; humas ás outras se roubáraõ:
Só o bom sprito faz a differença. (*a*)

Por isso dissemos já, que mais prompto e facil recurso temos nas Lingoas modernas para a provisaõ de vocabulos, pela communicaçaõ que com ellas temos, do

(*a*) Ferr. *Poem. Lusit.* Lib. II. Cart. X.

que

que na Lingoa Latina, que he morta ha muito tempo.

E na verdade, fallando em geral, no que respeita a vocabulos, o Uso he quem os faz communs. „ As „ palavras (diz Fenelon) saõ meros sons, que arbitraria- „ mente fazemos signaes dos nossos pensamentos. Estes „ sons naõ tem de si mesmos valor algum, e tanto per- „ tencem áquelle povo, que os toma, como ao outro, „ que os dá. Que importa, que huma palavra tenha nas- „ cido na nossa terra, ou nos venha de paiz estrangeiro? „ Isto seria emulaçaõ pueril em materia, onde naõ vai „ mais que hum certo modo de mover os labios, e pulsar „ o ar. „ Nada ha (diz Mr. Duclos) na natureza, nem na „ razaõ, que determine hum objecto a ser designado mais „ por hum som, que por outro. „ (*a*) Do que tiramos a mesma conclusaõ do Lyrico Latino, que nenhum fundamento racionavel ha, para que privemos as Lingoas das riquezas, que lhes podem vir deste commercio:

. . . . *Ego cur acquirere pauca*
Si possum invideor, quum Lingua Catonis et Enni
Sermonem patrium ditaverit, et nova rerum
Nomina protulerit. (*b*)

E por isso hum dos mais judiciosos Criticos da Lingoa Latina, se queixava, que tendo-se formado muitas palavras novas tiradas da Lingoa Grega, houvesse certos desdenhosos, que com tyranna critica se levantavaõ contra a innocente novidade, privando a Lingoa Latina deste bem, com que se podia remir a sua penuria domestica. (*c*)

No que respeita pois á Lingoa Portugueza, tanto menos se póde vituperar, que naturalizemos varios vocabulos da Lingoa Franceza, visto que della temos mui-

---

(*a*) *Remarq. sur la Gram. Gener.* Liv. V.

(*b*) *De Art. Poet.* v. 55. et seq.

(*c*) „ Multa ex Graeco formata nova . . . quorum dura quaedam ad- „ modum videntur . . quae, cur tantopere aspernemur, nihil video, „ nisi quod iniqui judices in nos sumus, ideoque paupertate sermo- „ nis laboramus. „ Quinct. l. VIII. cap. 3.

tos

tos e antiquissimos, que nos vieraõ com a Monarquia, e outros, que já estavaõ de assento antes della: parte dos quaes estaõ antiquados, parte ainda se conservaõ de posse nos monumentos dos nossos insignes Escritores, e na mesma Lingoagem commum.

Á primeira classe pertence:

Emprir . . . . . . de . . . . . . *Emplir.*
Possança . . . . . de . . . . . *Puissance.*
donde veio *Possante* correspondendo a *Puissant*, que ainda conservamos em uso, quando dizemos, homem possante, náo possante &c.

Hoste derivado de *Ost*, termo antigo, que os Francezes deixáraõ por *armée*, exercito.

Cá, ou como usa Duarte Nunes, *Qua* correspondendo a *Car*, porque, vocabulo, a que os Francezes tem feito, segundo o Author dos Caracteres, (*a*) terrivel perseguiçaõ, e já o teriaõ proscripto, se tivessem achado, que lhe podessem sustituir.

Bigotte, *Bigotteira*, *Bigotismo*, beato falso, ou hypocrita, beatice, e beatismo, saõ as mesmas em Francez com a differença só na syllaba final.

Saõ da mesma classe: *Sargeira*, *Toste*, *Apres*, *Aprisoar*, *Abilhar*, *Abilhamento*, e algumas mais.

E naõ só palavras, mas até alguns idiotismos da frase Franceza se conservaõ na nossa Lingoagem velha, de que restaõ vestigios nos Escritores de bom seculo. Por exemplo: he do estylo Francez ajuntar a particula relativa *Y* nas proposições tanto affirmativas, como negativas; como *Il y a long temps*, *Il n'y a rien*: o que os nossos antigos imitavaõ com a particula Portugueza *ahí*, que ajuntavaõ por elegancia ao verbo *haver*, ainda que redundasse no sentido da frase, como: „ O tu-
„ multo, e o estrondo que os martellos faziaõ, era ta-
„ manho, que *se ahi ha* cousa na terra, que se possa

(*a*) Mr. de la Bruyere *Caracter.* tom. 2. chap. 14. *De quelq. Usag.*

„ parecer c'o inferno, naõ deve ser outra, senaõ esta. (*a*)

E neste: „ Naõ *ha abi* cousa, em que vós sintaes „ algum contentamento, que vo-lo eu negue. „ (*b*)

Em Camões temos:

Quem vio tamanho enleo,
Que houvesse *abi* esperança sem receo? (*c*)

Na outra classe contaremos bastantes, que apparecem ainda sem ranço nos Authores da nossa Lingoa, como *Matelote*, *Matelotagem*, de que usa Lucena.

Pista, (vulgo *piogada*) que anda nas obras do Conde de Ericeira.

Guisa, que ficou nos nossos Authores com bom credito, excluidos os compostos *Aguisar*, *Aguisado*, que caducáraõ.

Entreprender, } vocabulos muito usados do Conde da
Entrepresa } Ericeira, e do P. Vieira.

Pifio, (homem vil) veio do Francez *Piffre*.

Fornir } se achaõ no P. Lucena.
Fornido }

Fornecer } saõ amodernados como outros, de que lo-
Fornecido } go fallaremos.

Brida (redea).

Guarecer } derivados de *Guerir*.
Guarecido }

Rechassar } bellas expressões, e bem expeditas, que
Rechassado } Nunes (naõ sei com que consciencia) poz na lista dos vocabulos plebeos, que os polidos naõ devem usar. (*d*)

Refusar, póde-se duvidar, se nos veio immediatamente dos Francezes, ou se no lo deraõ os Espanhoes.

Faremos agora terceira classe dos que andaõ na Lingoagem commua, e nos saõ taõ familiares, que qua-

---

(*a*) Fern. Mend. Pinto *Perigrinaç*. cap. 96.
(*b*) Barr. *Clarim*. 1. 10.
(*c*) *Canç*. VII. 4.
(*d*) *Orig. da L. Portug*. cap. 18.

si ninguem adverte na sua origem Franceza, taes saõ:

Manjar substantivo de *Manger* verbo (comer) donde temos os derivados *Manjadoura*, *Manjarusada.*

Azar, diz Diogo de Urrea citado por Covarrubias, que he derivado da voz Persiana *Zar*, ajuntando-lhe o artigo *a*; póde ser que assim nos viesse da bocca dos Mouros: porém *bazard* dos Francezes tem quasi as mesmas significações, e usos que damos ao vocabulo *azar.*

Fracasso . . . . he como . . . . . *Fracas.*
Tamborete . . . . *Tabouret.*
Pois } . . . . { *Puis.*
Depois } . . . . . como . . . . { *Depuis.*
Poisque } . . . . { *Puisque.*
Falta . . . . *Faute.*
Floresta . . . . *Forêt.*
Borrasca . . . . *Bourasque.*
Anciaõ, *aã* . . . . *Ancien*, *ne.*
Burla } . . . . *Burle.*
Bulra } . . . . . como
Burlesco } . . . . *Burlesque.*
Bigorna . . . . *Bigorne.*
Bico . . . . *Bec.*
Banco . . . . *Banc.*

Testa he como o antigo *Teste*, pelo qual dizem hoje *Tête*, significando cabeça.

Bolina (quando se diz, andar a bolina) *Boulina*, *Bouliner.*

Compra, *comprar* diziaõ os nossos antigos, o que Nunes reprova nas suas Regras da Orthografia, he abreviatura do Latim *Computare*, donde os Francezes fizeraõ *Compte Compter.*

Loquete, e mais vulgarmente *aloquete*, vocabulo, que Madureira diz ser do dialecto do Minho, e d'outras Provincias, e significa hum pequenino ferrolho com que se fechaõ cestos de vime, e arcas pequenas, em Francez *Loquet.* Faz falta este vocabulo em Lis-

boa, onde uſaõ do termo generico, e vago *cadeado.*

Preboſte, Juiz inferior de *Preboſt*, que os Francezes fizeraõ do Latino *Praepoſitus*. Correſponde entre nós a Intendente, Mordomo, mas naõ tem a meſma extenſaõ que tem o vocabulo Francez.

Piloto . . . . . Franc. . . . . . *Pilote.*

Piſtolete . . . . *Piſtolet.*

Arcabuz, ... *Arquebuſe.*
Arcabuzar, ou *arcabuzear* . . . . *Arquebuſer.*
Arcabuzada . . . . *Arquebuſade.*
Arcabuzeiro, adj. e ſubſt. . . . . *Arquebuſier.*
Arcabuzaço, he derivaçaõ Portug. por analog.
Arcabuzaria . . . . *Arquebuſerie.*
Arcabuzado, *a* . . . . *Arquaibuſe,eé.*

Mosquete . . . . *Mousquet.*
Mosqueteiro . . . . como . . . *Mousquetaire.*
Mosquetaria . . . . *Mousqueterie.*
Mosquetada . . . . *Mousquetade.*

Pique ou *Pica* arma . . . . *Pique.*

Aſſim ſaõ outros muitos termos de guerra como:

Batalha . . . . *Bataille.*
Batalhaõ . . . . *Bataillon.*
Batalhar . . . . *Batailler.*
Barraca . . . . *Baraque.*
Barbacã . . . . *Barbacane.*
Conquiſta . . . . *Conqueſte.*
Conquiſtar . . , ... *Conqueſter.*

Palalavras Francezas do uſo antigo.

Tambor . . . . *Tambour.*
Tamboril . . . . *Tabourin.*
Tamborileiro . . . . *Tambourineur.*

Alta, voz com que ſe mandaõ parar os Eſquadrões, em Francez *Halte*, que he o meſmo ſinal, que os Italianos exprimem pelo Imperativo, *Ferma*, iſto he, *pára*. Diz-ſe em Portuguez, *fazer alta* o exercito, ou o regimento, por ceſſar a marcha &c.

Deſmantelar . . . . *Deſmanteler.*

O mo-

O modo dos vestidos tambem nos trouxe bastantes termos, como:

Jaqueta . . . . *Jaquette.*
Collete . . . . *Collet.*
Peruca . . . . *Perruque.*

Assim vieraõ outros nomes assaz vulgares, como: *Laranja*, de *l'orange*, termo que os Francezes formáraõ de *Aurantium*, sc. *malum*, como quem diz, *pomo dourado*, segundo indica a syllaba inicial.

L'or, o ouro

Ataca
Ataque
Atacar } todos nos vieraõ de dicções Francezas. E naõ he razaõ, que dissimulemos aqui o erro do nosso Duarte Nunes, que conta o verbo *Atacar* no numero dos vocabulos, que os Portuguezes tem seus nativos, e que naõ tomáraõ de outro algum idioma. Outros inadvertidamente tomaõ este verbo por hum só, e lhe accommodaõ (o que em nenhuma Lingoa ha) duas significações diversissimas, que nenhuma analogia tem entre si; sendo que saõ dous verbos differentes do mesmo som, mas differente significaçaõ pela diversa origem, de que se tiráraõ. Pelo que

Ataca, correia, ou cousa semelhante, com que se prende huma cousa com outra, he do vocabulo Francez . . . . *Attache.*

Ataque, o accommetimento, ou acçaõ de accommetter do Francez *Attaque.*

Atacar, apertar com ataca, isto he, correia &c. do Francez *Attacher.*

Atacar, accommetter, assaltar, do Francez *Attaquer.*

He de advertir, que estes termos *Ataque*, e *atacar* naõ se usáraõ atégora na Lingoa Portugueza, senaõ em materia de guerra, como, *atacar o inimigo*, *atacar a cidade*, *atacar as peças de artilharia*, *atacar fogo á mina*: e naõ tinhaõ as significacões figuradas, que se usaõ na Lingoa Franceza, e que os Portuguezes modernos, sem consultarem o uso, lhes tem accommodado, como, *ataques da doença*, fevre &c., que dizemos em Por-

Portuguez usual, e classico, *accessos*. Nem se dizia, *atacar* alguem com palavras, perguntas, dicterios &c. *atacar* a innocencia com satyras injuriosas &c. Tudo isto saõ frases intrusas, de que adiante fallaremos.

Galante } vieraõ do Francez *Galant*, que segundo
Galantaria } Danet, se deriva do antigo vocabulo *Gale*, que significa *alegria*, e *regalo*, ou do verbo Latino desusado *Gallare*, isto he, *bacchari* alegrar-se a modo dos Sacerdotes de *Cybeles*. (*a*) Da mesma origem nos veio, *Regalo*, *Regalar*, *Galbosa*, *Galbosar*, *Galboseiro*, *Galbosaria*, *Galbardo*, *Galbardia*, *Galbardice*.

Vianda, comida em Francez *Viande*, he algum tanto moderno, mais antigos saõ:

Engendrar	*Engendrer*.
Entreter	*Entretenir*.
Entretenimento	*Entreteniment*.
Trafico	*Trafic*.
Traficar	*Trafiquer*.
Traficante	*Trafiquant*.
Traficancia como *Trafico*	*Trafic*.

Banquete } duraõ na nossa Lingoa de *Banquet*, *Ban-*
Banquetear } *quetter*, que os Francezes desprezáraõ no uso commum; porque *Banquet* chamaõ só a Ceia de Jesus Christo, e de *Banqueter* só usaõ por ironia.

Despachar, ou se diga das cousas, como: Despachar o negocio; ou das pessoas, como: Despachate, isto he, anda ligeiro; ou em sentido figurado, como: Despacháraõ-no, por matáraõ-no: em Francez he *Depêcher*, ou segundo o uso antigo *Depescher*, ou *Despêcher*.

Bagatella, do Francez *Bagatelle*, he vulgarissimo entre meninos, e velhos plebeos, e polidos, rusticos, e cidadãos.

Poremos a ultima classe dos vocabulos do mesmo som

(*a*) Vej. Danet *Diccion. Franc. et Lat.* verb. *Galant*.

que

que os Francezes, donde saõ derivados, mas que na Lingoa Portugueza tomáraõ differente significaçaõ. Porque assim como da Lingoa Latina temos vocabulos, que applicamos a differente significaçaõ no Portuguez, assim temos alguns da Lingoa Franceza, que deixáraõ a significaçaõ original. Taes saõ entre outros:

Bizarro, que quer dizer, brioso, e bem asseado de *Bizarre*, extravagante.

Bizarria, brio, primor &c. de *Bizarrerie* caprixo, extravagancia &c.

Parola, entre nós palavras vãas, donde vem dizer-se homem paroleiro, ou homem de muita parola, que corresponde ao termo vulgar *Patarata*: de *Parole*, que significa palavra.

Arenga / *Arengar* } saõ bem antigos na nossa Lingoa, hum por farfalhada de palavras, outro por bouzear, mas naõ se costumaõ pôr para significar discurso em publico auditorio, como no Francez *Arengue*, *Arenguer*: posto que alguns com a franca licença da moda os querem restituir á significaçaõ da origem Franceza.

Coragem, menos usado na significaçaõ de valor, que tem no Francez *Courage*; mui ordinariamente significa a condiçaõ fogosa, e braveza de genio.

Despeito, pezar, do Francez *Dépit*, que significa tambem a indignaçaõ.

Mas já estes saõ exemplos demasiados para esta obra, e naõ seriaõ bastantes, se a nossa empreza fosse mostrar a correspondencia da nossa Lingoa com a Franceza em materia de vocabulos.

§ II.

§ II.

Causa da antiga introducçaõ dos vocabulos Francezes na Lingoa Portugueza.

Naõ he de admirar, que nos viesse tanta copia de termos da Lingoa Franceza: porque no tempo antigo era esta Lingoa mais coherente com a nossa, do que hoje. Os Francezes diziaõ, como os Espanhoes, *Sique* por, assim que, de modo que, de sorte que &c. *Soloir* era em Francez, como para nós *Soer*, ou *Sober*, do Latim *Solere*; e os Francezes deixáraõ aquelle termo quasi ao mesmo tempo, que nós deixámos o nosso, em lugar do qual tomáraõ, *S'accoutumer*, e *etre accoutumé*, costumar, ou ser costumado. Diziaõ *Prouesses*, como nós *Proêzas*, em lugar de *grandes acliões*, de que hoje usaõ; *Monstier*, como nós *Mosteiro*: *Moult* do Latim *Multum*, como nós *Muito*, ou como os nossos antigos *Moito*: *Certes*, como nós ha pouco diziamos *Certo*, por *certamente*, ou na verdade.

Bel	*Bello.*	*Capel*	*Chapeo.*
Scel	*Sello.*	*Coutel*	*Cutello.*
Rancune	*Rancôr.*		

e outros assim bem mostraõ quanta semelhança havia entr'ambas as Lingoas, em quanto ao mecanismo dos sons, de que se compunhaõ os vocabulos; de maneira que muitas palavras Portuguezas pela semelhança que tem com as Francezas, sendo humas e outras derivadas das Latinas, podem fazer duvida, se primeiro fôraõ tomadas da Lingoa Latina, ou se primeiro se fizeraõ Francezas, e depois as aportuguezamos.

Naõ ha duvida, que a muita communicaçaõ, que houve entre ambas estas nações, ainda antes de se instituir a Monarquia Portugueza, devia ser causa de se augmentar a nossa Lingoa de muitos vocabulos, que nella temos. Por quanto pela Historia consta, que era tan-

ta a frequencia de Francezes, que vinhaõ a Portugal pelo trato e navegaçaõ, que naõ faltaõ Authores, que affirmem, que dahi he que veio a chamar-se a este Reino *Portugal*, como se dissessem *Porto dos Gallos*. (*a*) Nunes convém, que já antes da Monarquia, passáraõ muitos vocabulos da Lingoa Franceza pelo commercio, que tinhaõ os Espanhoes com os Francezes, só titubeia em se persuadir, que isso procedesse, como em outras nações acontece, da vizinhança dos póvos; como se fosse necessario para a communicaçaõ das Lingoas, e do commercio, que morassemos vizinhos porta com porta.

Mas como naõ ha cousa mais natural, e ordinaria em todas as nações, que o tomarem as expressões e lingoagem daquelles, de quem recebem as leis e os mandados; assim devia succeder em Portugal no principio, e progressos da Monarquia. Porquanto: 1.º veio de França o Conde D. Henrique de Borbaõ com sua familia, e tropas, (*b*) e viveo em Portugal até á sua morte, governando todas as terras, que ganhára pelas suas conquistas: as quaes como ficáraõ separadas da Monarquia de Espanha, fôraõ perdendo o antigo dialecto Espanhol, que andava misturado na Lingoa Portugueza, e de mais disto adoptáraõ os novos vocabulos dos Conquistadores; de fórma que desta nova colonia meio Franceza, meio Portugueza ficou constituida huma nova Republica, e lingoagem em parte nova, reformada, e enriquecida de muitas vozes Francezas, familiares, bellicas, politicas, facultativas &c., que se naturalizáraõ, e encorporáraõ no idioma Portuguez.

(*a*) „ Portucaliam dictam putant.. quod aequius existimo, quia „ ceteris urbibus maritimis Mauro adhuc occupatis, Durius gallicis „ navibus maxime frequentabatur: unde tota Lusitania dicta est Portus Gallus, cum qua nostra genti tanta fuit necessitudo, ut jure „ possis Lusitaniam Galliae coloniam appellare. „ Vasconcel. *de Regib. Portug.*

(*b*) No anno de 1089: morreo em 1112.

Principiou em fim a Monarquia Portugueza no Senhor D. Affonso Henriques primeiro Rei de Portugal; (a) e como veio de França casar com este Monarca a Rainha D. Mafalda, trazendo em sua Côrte grande numero de Damas, e Cavalleiros Francezes, foi esta outra notavel occasiaõ de se propagar muito mais o uso dos vocabulos recebidos, e de se accrescentarem outros mais.

Outro successo houve assaz notavel do reinado deste Monarca, que sem dúvida havia de concorrer muito para o uso, e introducçaõ de vocabulos Francezes em varias Provincias da Monarquia; foi quando aportou ás nossas praias aquella famosa armada conduzida por Guilherme *de longa espada*, a qual nos ajudou a tomar Lisboa aos Mouros: porque convidados de generosidade do Monarca ficáraõ estabelecidos em Portugal muitos Senhores Francezes, povoando varias Villas, e Lugares deste Reino, dos quaes ainda conservaõ titulo, e linhagem alguns Fidalgos Portuguezes.

Passado longo tempo entrou em Portugal D. Affonso III. com sua mulher a Condessa de Bolonha D. Matildes, (a) trazendo grande comitiva Franceza, assim de Senhores da sua Côrte, como de tropas para sua defeza, e em Portugal ficou Reinando trinta, e dous annos em lugar de seu irmão D. Sancho II. Destas allianças em differentes épocas resultáraõ varias mudanças na Lingoa Portugueza, principalmente em innovações de vocabulos, como se póde observar comparando os nossos antigos Escritores de differentes seculos.

Mas as maiores revoluções da Lingoa, assim como as do Estado, succedêraõ no felicissimo Reinado d'ElRei D. Manoel, por que entaõ, como diz hum Author grave, fez a Lingoa Portugueza maior mudança nos primeiros vinte annos, que em cento, e cincoenta annos

(a) No anno de 1146.

(b) Nasceo em Coimbra em 1210: veio para Portugal em 1247: morreo em 1279.

da-

dahi para cá, por ser a Côrte deste Monarca frequentadissima de todas as nações; (a) e Mr. de Real attesta, que entre os Reinados felices, e brilhantes, que se achaõ na Historia de Portugal, nenhum depois do de Affonso tem sido mais celebre, que o Reinado de D. Manoel: (b) as Lingoas (segundo as idéias de Condillac) (c) se aperfeiçoaõ á proporçaõ, que cresce a policia nos costumes dos povos; e isto se vio naquelle Reinado.

Porém ha motivo para duvidar, que alguns dos vocabulos da nossa Lingoa, que os nossos Filologos attribuem á origem Franceza, na realidade a tivessem, ou que tal fosse a sua origem immediata. E se hei de dizer o meu pensamento, acho huma taõ grande affinidade em muitos vocabulos das Lingoas modernas, que mais depressa me persuado, que elles tivessem origem commua, do que origem subalterna. O certo he, que temos alguns, em que se naõ póde resolver ao certo qual fosse a sua origem primeira.

I. Porque a concorrencia dos sons syllabicos semelhantes, que se acha em vocabulos Portuguezes, Espanhoes, Francezes, Italianos, e Inglezes, a naõ ser fortuita, fazem mui debil conjectura para crermos, que tal vocabulo nos viesse mais de huma que de outra naçaõ.

II. Como os barbaros Orientaes na universal invasaõ do Imperio Romano se espalhàraõ quasi ao mesmo tempo por varias Provincias, era factivel, que nellas disseminassem varias vozes, que modificadas diversamente, conforme o genio predominante da naçaõ, e da Lingoa primiva do paiz, seriaõ mui semelhantes, e apparentadas com as que se hiaõ introduzindo n'outros paizes.

Por exemplo: observa-se, que hum Portuguez diz

(a) Fr. Man. do Sepulchro: *Prolog. da Refeiç. Espirit.* §. 2. n. 3. 4. 5.

(b) *Scienc. du Gouvern.* Tom. 2. Sect. 3. chap. 28.

(c) *Essai sur l'orig. des Conneis. hum.*

Limaõ, o Eſpanhol *Limon*, o Francez *Limon*, *Lemon* o Inglez, *Limone* o Italiano. *Jardim* poem Nunes, (fiando-ſe n'outros Authores) entre os vocabulos, que nos ficáraõ dos Godos. Póde ſer: mas eu vejo, que o Eſpanhol diz com pouca differença como nós *Jardin*, o Francez *Jardin*, o Italiano *Giardino*, o Inglez *Garden*. Se he noſſo eſte vocabulo, que nos deixáraõ os Godos, acaſo leváraõ-no as outras nações Européas de Portugal? (*a*)

Em vaõ me dirá eſte Author, que a palavra *Maneira* nos veio de *Maniére* Franceza, (*b*) pois vemos, que com pouquiſſima differença diz o Eſpanhol *Manera*, o Inglez *Manner*, e aſſim acontece em baſtantes outras. Quem me diz agora qual das ditas nações teve primeiro aquelle vocabulo, e qual depois? Se foi correndo ſucceſſivamente de humas a outras, ou, como fructa ſerodia, veio mais tarde n'algum paiz, ou em todos naſceo ao meſmo tempo?

Confirma-ſe eſte penſamento pela ſemelhança, que ſe acha nos vocabulos, que tem eſtas meſmas nações derivados do Latim: porque aſſim como do idioma Oriental tomáraõ ſeus vocabulos com modificações proporcionadas, que o uſo authorizou em cada Lingoa; aſſim da Lingoa Latina deriváraõ muitos com modificações conformes á diſpoſiçaõ do Orgaõ nacional, mas que no fundo ſaõ os meſmos. Por exemplo: *falſo* diz uniformemente o Portuguez, o Eſpanhol, e o Italiano, o Francez abbreviando os elementos diz *faux*, o Inglez com leve mudança diz *falſe*.

Do termo Latino *Pirum* tirou o Portuguez *Pera*, o Eſpanhol, e Italiano uſa dos meſmos ſons, o Francez diz *Poire*, o Inglez diz *Pear* que he o meſmo nome

(*a*) *Orig. da L. P.* cap. 15. it. cap. 11.

(*b*) O meſmo A. incoherente com ſigo meſmo no cap. 11. poem eſte vocabulo na liſta dos que tomámos dos Francezes, e no cap. 16. o poem na liſta dos que temos nativos; ſignal he que copiou diverſos authores ſem examinar a materia: coſtume dos eruditos do ſeu tempo.

Por-

Portuguez com transposiçaõ de letras finaes. *Lanterna* diz do mesmo modo o Portuguez, o Espanhol, o Italiano, como está no Latim, o Francez diz com pouca differença *Lanterne*, o Inglez *Lanthorn*. *Estâmago* tinhamos nós ainda naõ há muitos annos: mudou-se em *Estomago*, e he o mesmo termo em Espanhol; o Francez tem *Estomac*, o Italiano *Stomaco*, o Inglez *Stomach*.

A mesma duvida podemos formar de outras palavras, que Nunes affirma serem tomadas do Italiano, como *Arenga*, que tanto podia vir do Italiano *Arenga*, como do Francez *Arengue*. E que me dizem de *Especto* do Italiano *Spedo*? e porque naõ viria do Inglez *Spit*? *Espora* do Italiano *Sprone*; porque naõ do Inglez *Spur*?

Naõ ha necessidade de mais exemplos, nem he conveniente copiar aqui os Diccionarios das Lingoas modernas. Como nas nossas Alfandegas naõ ha livro, onde se carregue a entrada dos vocabulos estrangeiros, nem a sua época, e naturalidade, tudo fica incerto: nem semelhantes especulações saõ de grande valor, para o uso de taes vocabulos. O caso está, que sejaõ commodos e sonoros, e corraõ com o sello, ou nota nacional, *signatum praesente notâ*: pouco importa donde viessem.

§ III.

Do abuso das palavras, e idiotismos Francezes, que se tem introduzido na Lingoa Portugueza.

O mesmo excesso vicioso, que muitos homens de máo gosto tem tido em Latinizar a Lingoa Portugueza, o mesmo he agora em muitos afrancezando-a. Os primeiros, parece, que lhes pezava, que houvesse palavra Latina, que se naõ aportuguezasse: o mesmo acontece a estes com os vocabulos, e frases da Lingoa Franceza. He indizivel o que se tem accumulado de Francezias, naõ só em traducções Portuguezas, mas até em obras de va-

varios generos; deförma que mais necessita a mocidade Portugueza hoje de Diccionario Francez para entender os livros da Lingoa materna, do que do Diccionario da mesma Lingoa.

He de crer, que attendendo a abundancia de expressões optimas, que tem a nossa Lingoa para todo o genero de composições, e ainda mesmo reflectindo no grande numero de vocabulos Francezes, que obtiveraõ prescripçaõ de antiguidade, e gozaõ, como temos visto, da authoridade dos nossos Escritores; já naõ ha necessidade, que possa justificar os homens de recorrerem a huma Lingoa estranha, e aproveitar o resto de vocabulos, e frases, que lhe saõ proprias, desprezando os termos nacionaes. Por quanto, como as palavras melhores, e mais necessarias estaõ tomadas daquelle idioma, as que restaõ nem saõ melhores que as Portuguezas, nem saõ mais necessarias por serem Francezas. Naõ pertendemos com tudo persuadir, que absolutamente naõ seja licito adoptar mais algumas com prudencia.

Pelo que antes de nos apropriarmos quaesquer vocabulos estrangeiros, seria boa maxima averiguar, quaes saõ os que commodamente podemos adoptar, quaes os que devemos excluir. Porque ha huns, que parece naõ tem huma propriedade taõ particular, e vinculo taõ estreito na Lingoa, donde saõ tirados, que se naõ possaõ facilmente accommodar a outros idiomas; outros ha menos flexiveis, e taõ identificados com o caracter nacional de huma Lingoa, que parecem incommunicaveis ás outras: os quaes digamos assim, naõ pódem passar a raia, sem incorrerem a pena de contrabando, fazendo-se sensiveis pela sua natural dureza.

„ As Lingoas, (diz Condillac) (*a*) que se formaõ
„ das reliquias de outras muitas até encontraõ grandes
„ obstaculos aos seus progressos. Porque tendo adoptado
„ alguma cousa de cada huma, ficaõ sendo hum montaõ

(*a*) *Essai sur l'Orig. des Connoiss. humaines.* chap. 15.

„ enor-

„ enorme de frases ; que naõ saõ feitas humas para as „ outras. „ Assim succedeo na instituiçaõ das Lingoas modernas ; por isso da nossa fôraõ excluidos, depois de muito tempo, e experiencia varios termos mouriscos, ou Arabicos, alguns Latinos, e de outras origens já pela incompatibilidade dos sons com o nosso orgaõ, já por falta da analogia, que caracteriza a Lingoa Portugueza: os que parecêraõ mais necessarios, se reformáraõ por nova mudança, e combinaçaõ dos sons mais conformes ao genio da Lingoa. E quem duvída, que os mesmos inconvenientes sobreditos se encontraraõ nessa alluviaõ de vocabulos, e modos de fallar Francezes, que rapidamente passaraõ ao estylo Portuguez?

Daqui nasce outra lei assás importante em traspor-tar as palavras de huma Lingoa para outra, e he a que nos deixou Horacio : (*a*).

. . . . *Licuit, semperque licebit*
Signatum praesente notâ producere nomen.

E conforma-se com os termos de Quinctiliano : *Utendum plane sermone, ut nummo, cui publica forma est.* Pelas quaes metaforas, *nota*, e *fórma*, se declara, que todo o vocabulo estrangeiro, que naturalizarmos na Lingoa Portugueza deve de pôr as notas caracteristicas da sua origem de maneira, que fique perfeitamente semelhante ás palavras nacionaes, com que se ha de ajuntar, e em nada pareça forasteiro : circumstancia indispensavel para se observar a pureza da lingoagem. (*b*)

Isto supposto, naõ temos, que disputar sobre o verbo *Abandonar*, que os nossos bons authores tinhaõ n'outro tempo abonado nos seus escritos. Este termo, que quasi estava perdido, resuscitou felismente em Portugal na traducçaõ dos Sermões do P. Massillon, e foi

(*a*) *De Art. Poet.* v. 58. 59.

(*b*) „ Non alienum est admonere, ut sint quam minime peregrina „ et externa . , Quare si fieri potest, et verba omnia, et vox hujus „ alumnum urbis oleant, ut oratio Romana plana videatur, non ci- „ vitate donata. „ *Fab. Instit. Orat.* lib. VIII. cap. 1.

taõ

taõ querido nos pulpitos, que qualquer discurso por informe e indigesto, que fosse, por virtude desta palavra mimosa, e algumas mais de surtimento, já era estimado como Sermaõ á Franceza.

Ninguem reprova Assembléa, de que usáraõ bem os nossos escritores, principalmente Vieira; he bom na Historia e assumptos politicos, mas o mal he que já insensivelmente vaõ desapparecendo os vocabulos *Junta*, *Ajuntamento*, *Congresso*, *Concurso*, *Auditorio*, que naõ eraõ taõ mal talhados para que se desprezem.

Naõ nos fazem mal *guarecer*, *guarecido*, por convalecer &c. nem *aturdir*, *aturdido*, que estaõ de posse, com tanto, que se naõ perdesse *atroar*, *atroado*, vozes imitativas derivadas da raiz *trom*; nem *estrovinhar*, *estrovinhado*, que servem muito no sentido figurado; nem *atabalhoar*, *atabalhoado*, que tem seu prestimo.

Os termos *Bandir*, e *Bandido*, que nós tinhamos do Italiano, naõ impedem adoptar *bannir* e *banido* dos Francezes.

De nossa casa tinhamos *Afinar*, e *Refinar* derivados de *Fino*; naõ havia necessidade de *Rafinar*; mas póde tolerar-se, *si volet usus*, visto que naõ discrepa da analogia, a subtracçaõ de huma vogal em *rafinar*, por *reafinar*,

Carnagem por mortandade, quem o vitupera? Posto que tinhamos *Carneceria*, e *Carnificina*, que faziaõ escusada a Franceza. Bem sei, que alguns curiosos, seguindo o Bluteau, crem, que esta palavra já tem uso muito antigo na nossa Lingoa, allegando aquelle lugar de Barros na sua historia, onde diz: „ E na ida e vinda „ té tornar á Ilha das Garças fazer *carnagem*, tomáraõ „ cincoenta almas.„ (*a*) Mas alli, fazer *carnagem*, naõ significa fazer matança, como erradamente entendeo Bluteau, mas fazer provisaõ de *carnes*, que he cousa bem differente do significado do vocabulo Francez *Carnage*,

(*a*) Bar. *Decad.* 1. livr. 1. cap. 11.

ou

ou do Portuguez *Carnagem*, que he muito moderno.

Naõ ha difficuldade, que se admittaõ principalmente os termos, que daõ concisaõ á frase, e nos poupaõ descripções, e rodeios, que fazem o estylo pezado, e languido, como *Libertino* por dissoluto, ou, o que he de vida estragada, e solta; e *libertinagem*, vida desenfreada &c.

Romance por Novella, he assás novo; creio, que lhe deo principio o Author do *Verdadeiro Methodo de estudar*, onde diz: *Os Romances, a que os Portuguezes chamaõ Novellas, saõ verdadeiras Epopéias* &c. (*a*) Aqui pertence *Detalhe*, e outros muitos, que deixo ao juizo dos prudentes.

A analogia he a regra constante, para que olhaõ sempre os doutos, que querem seriamente aperfeiçoar a Lingoa, e naõ carregalla a torto, e a direito, como fazem os pedantes debaixo do pretexto de a quererem enriquecer. Ora eu naõ sei que analogia tenha na Lingoa Portugueza *surprender*, e *surpresa*, attendendo á preposiçaõ *sur*, de que se compoem, que nunca já mais se encontrou em dicções Portuguezas. Temos *sub*, e *sob*, de que regularmente se formaria *subprender*, ou *sobprender*, ou por eufonia, *sopprender*, como, *soppresar*, *sotterrar*, *soppear*, e outros: aliàs diraõ *surcarga*, *surcarregar*, e outros: E teremos mais huma collecçaõ de vocabulos, a que os antigos chamavaõ *voces hybridae*, que he o mesmo que *palavras mestiças*; contrarias á regra de Horacio, e Quinctiliano, que acima apontamos.

Alguns adjectivos verbaes em *ante* saõ necessarios, principalmente onde faltaõ os nossos adjectivos em *ivo*, como *eloquencia insinuante*, por *insinuativa* &c. Nisto devêra-se attender ao uso da raiz: mas *Frappante* com maldiçaõ das Musas Portuguezas, que de *frappantes* ridicularias naõ tem feito ouvir? *Côr frappante*, *espectaculo frappante*, e outras semelhantes expressões entona-

(*a*) Cart. 7. *da Poesia.*

das com este Francez rumpante arrepellaõ as orelhas, se naõ saõ mui compridas.

Remarcavel tambem he palavra assás estrondosa no conceito de muitos Gallos Portuguezes, que tem Lingoa mais curiosa que Portugueza, como huns, que Quinctiliano conhecia entre os Romanos: (*a*) já naõ presta *notaveis* successos; *remarcaveis* tem hum naõ sei que de mais relevante, e digno do gosto de Fr. Gerundio.

Saõ da mesma conta *pressante*, por urgente, como *pressante* necessidade, *pressante* fome, e quanto quizerem. *Bizarro*, e *bizarria* por extravagante, extravagancia, fazem extravagante Portuguezada.

Já houve quem disse sem vergonha do mundo, *mar impraticavel*, por innavegavel, e Repatriar do Francez *Repatrier*, reconciliar huma pessoa com outra.

N'uma carta de certo Letrado, que passava por polido, e eloquente, li eu, naõ ha muito tempo, hum galante contexto, que constava de huma constancia *inebranlable*: e, sempre serei *sensivel* ás suas bondades: e, os meus desejos *secondados* das suas solidas *maximas*: e, aqui tenho perdido as esperanças de *fazer fortuna*, e outras pataratas deste calibre; que se eu naõ entendesse Francez, e naõ estivesse prevenido destas badaladas á Franceza, certamente desconfiaria, que este amigo me estava a empulhar.

Os que sómos Portuguezes pela graça de Deos tinhamos *erguer*, e *erigir*, com suas legitimas significações bem conhecidas: o segundo bem usado no sentido activo, menos no passivo. Agora *erigir-se* reciproco, com significaçaõ de arrogar hum homem a si huma authoridade, que naõ tem, he todo Francez, mas cá se nos veio encampar, como he no Francez, *S'eriger en Juge, en Critique* &c.

(*a*) „ Multos, quibus loquendi ratio non desit, invenias, quos cu„ riose potius loqui dixeris, quam latine. „ Quinctil. *Instit. Orat.* lib. VIII. cap. 1.

Naõ

Naõ tardou que vieſſe *enteſtado*, iſto he, *homem enteſtado*, por preoccupado, derivado de *entêté*, e *enteſtamento*, por teima, obſtinaçaõ.

Naõ achareis a Marechal nas ultimas deſpedidas (*a*) eſmorecida de dor, ou cheia de afflicçaõ, mas ſempre *deſolada*, cuja ſignificaçaõ nunca teve atégora eſte vocabulo na noſſa Lingoa.

Garante, e *Garantir*, correm muito pela praça do negocio, e naõ eſquece facilmente nas anecdotas da Gazeta.

Algum dia coſtumavaõ os noſſos avós chamar Inglezia a extravagancia dos que fallaõ lingoagem inintelligivel: hoje as multiplicadas francezias pódem ſupprir por aquella lingoagem dos cegos, que chamaõ giria: como he o *eſcrever de formalidade*, por eſcrever huma carta de ceremonia, ou de comprimento, *formalizar-ſe*, por picar-ſe, offender-ſe, eſcandalizar-ſe.

Tratar alguem, ou *alguma couſa de bagatella*, já anda até pelas tabernas, tendo principiado nos eſcudeiros lépidos. Era bom Portuguez, *faz de mim tolo*, *innocente* &c.; agora eſtou vendo, que tambem diremos, *trata-me de tolo*, e couſas ſemelhantes.

E que diremos de *ter hum aſcendente*, *tomar o aſcendente* &c.? de vagar, que iſſo naõ he fallar Lingoa do Japaõ, mas he couſa, que o valha.

Mas que admíra? a ſervil imitaçaõ do Francez tem feito topar em portuguezadas mais duras que calháos. Quem ouvio já mais, *dizer-ſe-hia*, ſenaõ na lingoagem dos meninos? (*b*) E os impeſſoaes poſtos em fileira n'uma fraſe, como: „ *Deixa-ſe* de ſer homem de boas „ intençóes, todas as vezes, que *ſe eſconde* em expreſ- „ sões equivocas: *naõ ſe he obrigado* a dizer toda a verda- „ de, mas ſempre *ſe eſtá obrigado* a fallar verdade. „ (*c*)

(*a*) Na traduc. impreſſa em 1779. na Officina Luiziana: pag. 198-200-218.

(*b*) *Deſped. do Mareeh. Cart. ſobre a educaçaõ* p. XXI.

(*c*) Pag. 202.

E que rumo leva a conſtrucçaõ deſta fraſe ?„ A „ companhia dos inſenſatos he o meſmo contagio: coſ- „ tumados a obſervar-lhes com indulgencia os vicios, a- „ caba-ſe imitando-os. „ Que bella Syntaxe! *Coſtumados... acaba-ſe.* (*a*) E „ Naõ ſe póde eſtar com exceſſo acautelado contra o falſo brilhante. „ (*b*)

Os vocabulos, que pertencem mais á imaginaçaõ do que ao entendimento, naõ ſe podem transferir de huma Lingoa para outra ſem riſco; por iſſo neceſſitaõ de cautela. Cada naçaõ tem ſua maneira particular de combinar as idéias, e as imagens particulares, com que ſe explicaõ. ſaõ como certas arvores, que tranſplantadas para terreno eſtranho degeneraõ, e daõ fructo de máo ſabor. Daqui vem, que as metaforas peculiares de huma Lingoa muitas vezes ſaõ duras n'outra, e daõ cauſa ou á eſcuridade da fraſe, ou a alluſões ridiculas.

Por exemplo os Francezes uſaõ da palavra *element* em ſentido figurado, e quando nós dizemos por outra metafora, que nos he familiar, *fulano eſtá no ſeu Parayſo* iſto he, eſtá como quer, ou goza dos ſeus prazeres á medida do ſeu dezejo, o Francez diz muito bem: *Il eſt dans ſon element.* Mas ſe hum Portuguez diſſeſſe, parodiando aquellas palavras, *fulano eſtá no ſeu elemento*, abuſava da Lingoa, e parecia zombar de quem o ouviſſe.

Aſſim he que *eſpirito alambicado*, *diſcurſo alambicado* &c. ſaõ na noſſa Lingoa palavras ſem ſignificado, ou de máo ſentido, ſendo boas, e ſans no territorio, onde naſcêraõ.

Que reſponderia hum deſtes aventureiros, ſe lhe perguntaſſemos, que vem a ſer *peça de Eloquencia*, *de Poeſia* &c.? Naõ podia dizer: iſto he Portuguez; fallo a minha Lingoa; pois em Portuguez naõ ſe conhecem peças de eloquencia, mas *obras*, *compoſições*, *diſcurſos.*

(*a*) *Deſp. da Marech.* p. 112.
(*b*) P. 132.

Os

Os Francêzes dizem, *Obligez-moi de voir s'il est chez lui.* Que frioleira, se alguem vertesse, *Obrigai-me, bindo ver, se elle está em casa!* em lugar de, façame mercê de ver se elle está em casa.

De que serve hum *Chefe d'obra*, que anda tanto em moda? Por ventura *primor*, *obra prima*, *perfeiçaõ* já tem ranço? naõ; he que fazemos gala de ser estrangeiros na Lingoa, e por huma gala de França desprezamos o nosso velludo.

N'uma vista de olhos, disseraõ sempre os que naõ fallavaõ Portuguez bastardo. Mas *n'um golpe de vista*, oh que expressaõ! sempre tem outra graça. Concedo: tanta tem como dizer, *anda na casca d'agoa*, em lugar de na *tona d'agoa*, ou como, *deo hum golpe de chuva*, em lugar de *pancada de chuva* &c.

O peor he que *vistas*, no plural no sentido em que os Francezes dizem *vues*, por intensões, intentos, nunca foi usado na Lingoa Portugueza. Com tudo hoje em dia hum Sermaõ naõ parecerá bem adubado á Franceza, se naõ levar a formula mimosa: *Este será o assumpto, que vou a pôr nas vossas vistas.* E a Marechal na traducçaõ tambem diz a seus filhos, *que a fortuna he a bússola, que dirige os passos, e as vistas.* (*a*) Onde além de *vistas*, hum mancebo, que naõ tivesse á maõ hum Diccionario Francez para entender estes livros Portuguezes, facilmente cahiria em tentaçaõ de crer, que bússola era alli huma bicha de sete cabeças. Acresce que *pôr nas vossas vistas*, por expôr ás vossas *vistas*, he dobrada Francezada. Vossas *attençôes* ainda faria sua novidade, porque o uso na nossa Lingoa he dizer em singular os nomes das idéas abstractas, entendidos distributivamente, quando se falla com muitos, *vossa attençaõ*, *intelligencia*, *reflexaõ* &c.; excepto quando se falla de actos successivos, como quando dizemos: *Farei algumas breves reflexões.*

(*a*) *Desped. da Marech.* p. 188.

O seu

O ſeu *bem amado*, por amado tambem cuſtuma ſer outro almiſcar dos Sermões afrancezados.

Em regime naõ fallemos; ſuppoem-ſe que o Conſul de França paſſa diſpenſa franca a todo o Portuguez, que quer trocar a Syntaxe Portugueza: „ Sem eſquecer „ o meu marido (diz a Marechal traduzida) (*a*) eſque- „ ci inſenſivelmente todas as minhas reſoluções.„ A noſſa lingoagem limpa, quando eramos Portuguezes, tinha: *eſquecco-lhe o recado*, ou *eſqueceo-ſe do recado.* E tinha ſua differença, *eſqueceo-me a patria*, *e os amigos*, *e eſqueci-me da patria*, *e dos amigos*: o primeiro denota hum eſquecimento involuntario; o ſegundo moſtra ás vezes ſer eſquecimento deliberado, e ſuppoem materia de eſquecimento, de que a couſa eſquecida he o termo: v. g. o eſtudante diz: *eſquemeo-me a liçaõ*, quando a naõ póde repetir: e em diverſo ſentido, *eſqueci-me da liçaõ*, porque ſe entende, de eſtudar a liçaõ. Nunca ſe diſſe, *eſqueci a liçaõ*, *eſqueci a patria* &c.

Picar-ſe tinha ſua ſignificaçaõ certa, e ſabida, hoje eſtá augmentado á Franceza. A cada paſſo eſte, ou aquelle *pica-ſe de prudente*, *de eſperto.* &c. Acho no prologo de huma Collecçaõ de poemas eſte bom lance: „ O merecimento, que ſe encontra nas obras de ** me „ picou a curioſidade de ajuntar as ſuas obras &c.

No verbo *Contar* andaõ humas fórmas de comprimentos mais mavioſos, quando dizem: *Se houver occaſiaõ de o ſervir conte com a minha vontade.* E que lindo galliciſmo : *Aſſim contais por nada os beneficios, que vos tenho feito* !

Até o verbo *Fazer* eſtá mui afrancezado : ora ſe diz por *repreſentar* : „ De que me ſerviria *fazer* o per- „ ſonagem de huma mãi deſſolada ! „ (*b*) ora por *ſer*, *ſervir* : „ A verdade *faz* a baſe da honra. „ (*c*) Viva quem

(*a*) P. 16.
(*b*) *Deſped. da Marech.* p. 200.
(*c*) 201.

in-

introduzio o *fazer as ſuas delicias* : e tomára ſaber, ſe tambem diremos em bom Portuguez : *Deos faz o premio dos Santos*, ou *a bemaventurança*, como ſe diz em Francez : *Dieu fait la récompenſe*, *le bonheur des Saints*; ou ſe diremos como ſempre diſſe a noſſa gente: *Deos he o ſeu premio*, *a ſua bemaventurança*; e como diziaõ : *O eſtudo era as ſuas delicias*, dizendo os Francezes : *L'étude faiſoit ſes delices*.

Até o genero dos nomes tem tido ſuas revoluções. Os que naõ eraõ hereges na Lingoa ſempre tinhaõ feito femenino o nome *perſonagem*, por varias razões, 1.ª por ſeguir o genero da voz original *perſona* : 2.ª pela regra da terminaçaõ em *agem*, como *bagagem*, *friagem*, *ferragem* &c. 3.ª porque ſignifica propriamente a collecçaõ de qualidades do corpo, ou do animo, ou externas, que diſtinguem qualquer ſojeito, ſeja homem, ſeja mulher. Donde he erro nos Diccionarios dar a *perſonagem* ſignificaçaõ do homem; porque quando os Latinos diziaõ, *homo*, ou *vir*, o que dizemos *perſonagem*, era por ironia, ou por enfaſe. E no theatro ſe diz, *repreſentar a primeira perſonagem*, *repreſentar a perſonagem de Polyfemo* &c. iſto he, a figura.

Huma das utilidades, que ſe buſcaõ nos termos eſtrangeiros, que adoptamos he evitar-ſe a *homonymia*, e procurar que cada couſa, cada idéia, e ſeus gráos, modificações, relações tenhaõ ſeus termos diſtinctos, quanto he poſſivel, a fim que no diſcurſo ſe ache mais clareza, e preciſaõ, e ſe evitem as equivocações. Mas o contrario acontece, quando em differentes Lingoas ſe achaõ palavras do meſmo ſom e diverſa ſignificaçaõ, ou quando das palavras de differente ſom tomamos as ſignificações differentes, que as noſſas naõ tinhaõ.

Por exemplo de *Contenance* vocabulo Francez verteo certo Author modernamente o termo *Continente*, dizendo na hiſtoria, que eſcreveo, *Eſtava com muita modeſtia*, *e grave continente* &c., que no Francez he: *Il étoit avec beaucoup de modeſtie*, *et de grave con-*

tenance. Onde este *Contenance* quer dizer *ar do semblante*; em Latim *species*, *vultus*; e *grave contenance* quer dizer, *o ar de gravidade*, isto he, aspecto grave.

Mas em Portuguez ha *Continente* substantivo, que só significa *terra firme*: e ha *Continente* adjectivo, que significa o *que tem a virtude da continencia*. Pergunta-se agora a qual destes se ha de referir o termo novo dessa frase: *Estava com grave continente*. A construcçaõ da frase lá mostra que *continente* se toma por sustantivo, mas o vocubulo *continente* conhecido tem significaçaõ que alli naõ convém. Que faremos? He preciso consultar o Author para naõ ficarmos pasmados em Babilonia, ignorando, que cousa seja o grave *continente* de huma pessoa, que nunca se ouvio, nem se lêo, nem se entende.

Pois que? naõ seria melhor se o Author vertesse *Continencia* de *Contenance*, tomada a significaçaõ do Francez? Taõ pouco: porque tinhamos outro equivoco; visto que *Continencia* na nossa Lingoa só significa esta virtude assim denominada, que modera os appetites da luxuria, e nada mais: conseguintemente o outro *Continencia* derivado do Francez naõ podia passar sem interprete, ou sem confusaõ.

Naõ pára só a corruptella no abuso dos vocabulos, e frases Francezas; tambem se commettem vulgarissimamente no estylo da frase. Hoje sem duvida teriamos a nossa Lingoa mais rica que viciada, se os que infelismente se communicaõ com a Franceza, tivesse estudado bem o caracter de huma e outra. Cada Lingoa tem seus modos de fallar, em que a ordem, a diminuiçaõ, ou multiplicaçaõ das vozes he adstricta ao uso, e conforme ao genio nacional, e passaõ em cada Lingoa como fórmas de constituiçaõ, cuja alteraçaõ ainda n'um indivisivel, he verdadeira transgressaõ.

Pouco monta dizer-se, *Porisso he que* &c. ou, *he porisso, que* &c. mas o primeiro he do estylo Portuguez, o segundo he estrangeiro, *c'est pourquoi*. Por pou-

pouco foi julgado Tito Livio, entre os Latinos por Patavinista.

A nossa Lingoa tem seus privilegios, cujo desprezo he aggravo que se faz ao uso. Hum Francez naõ se dispensa de fazer repetiçaõ de certos termos *subsidiarios*: que nós costumamos omittir na continuaçaõ da frase, elle dirá: „ O mais sabio e o mais constante dos Filosofos: „ a nós basta, *o mais sabio*, *e constante dos Filosofos*. Nós dizemos: *Tinha huma graça*, *e efficacia inexplicavel*: elles diraõ: Tinha *huma* graça, e *huma* efficacia &c. Elles evitaõ os adverbios seguidos, cuja terminaçaõ *ment* he desagradavel chocalhada, como *sagement*, *pieusement*; nós fugimos de semelhante monotonia truncando o adverbio mais proximo; v. g. Escreveo *douta*, *e piamente*. „ Naõ tereis mais que hum semblan„ te, e que huma palavra „ se lê nas *Despedidas da Marechal*: (*a*) e era do nosso estylo, *mais que hum semblante*, *e huma palavra*, omittindo o *que* do inciso seguinte, que faz pleonasmo desagradavel, como tudo o que he contra o uso da Lingoa.

Cada Lingoa tem seus caprichos sobre certos termos, a que dá varia determinaçaõ fixada pelo uso. Para nós he indifferente dizer, *homem galante*, ou *galante homem*: naõ he assim no Francez, onde a diversa disposicaõ do adjectivo altera o sentido, pois que por *homme galant* entende se hum vadio, por *galant homme*, hum homem polido. (*b*)

A mesma differença dos idiotismos milita na construcçaõ das palavras, donde nasceo tambem a dureza, e impropriedade de estylo: (fallo do estylo da Lingoa, mas o mesmo vicio influe no estylo do discurso.) *He quasi sempre por elles*, (domesticos) *que a mocidade se corrompe.* (*c*) Aqui todas as palavras saõ Portugue-

(*a*) Pag. 201.
(*b*) *Traité du Vrai Mérite*: tom. 1. p. 96.
(*c*) *Traduc. das Cart. de Gangan.* tom. 1. cart. 74.

zas, mas a conſtrucçaõ he Franceza: nós diriamos: *Por elles he que ſe corrompe quaſi ſempre a mocidade.*

Ha outras conſtrucções em que naõ ſó ha impropriedade, mas ſentido contrario na Lingoa, em que ſe traduz as meſmas palavras com a meſma conſtrucçaõ da Lingoa original: como quando da cauſa ſe infere conſequencia negativa, que os Francezes coſtumaõ exprimir por propoſições poſitivas. Por exemplo: *Amava com muita ternura a meu marido, para conſentir na perda do ſeu nome; e eſtava muito fortemente ligada comvoſco, para vos cauſar ſemelhante anguſtia* (*a*) O ſentido he: „ A muita ternura, com que amava a meu marido, naõ me conſentia perder o ſeu nome &c. mas aquella fórma de conſtrucçaõ no Portuguez, faz entender deſpropoſitos, como he: *Amava para perder*: *eſtava ligada comvoſco para vos cauſar* &c. Naõ quero dizer, que naõ ſe uſa abſolutamente em Portuguez eſta conſtrucçaõ; porque tambem ſe diz: *Es ainda moço, para entrar neſte cargo*, e outras ſemelhantes; mas os equivocos, e amfibologias naõ ſaõ os meſmos em todos os encontros.

Tal advertencia deve haver nas particulas de connexaõ, ou fórmas de ligar as fraſes, como em Francez o *que* que ſe ſegue depois de propoſiçaõ negativa. Por iſſo: *Todos os homens, que della* (verdade) *ſe afaſtaõ, naõ pódem mais que excitar a compaixaõ*; (*b*) he fallar eſtrangeiro: *Ils ne peuvent, que exciter* &c.; em eſtylo Portuguez he: *Naõ pódem deixar de excitar a compaixaõ*: aſſim ſe verte o Latim: *Non poſſunt quin miſerationem moveant.*

He propriedade da Lingoa Franceza quaſi ſempre ligar as palavras na ordem Grammatical, ou que ſegue a ordem das idéias; mas eſta propriedade he taõ pouco vantajoſa neſta Lingoa, que até os meſmos nacionaes a

(*a*) *Deſped.* p. 16.
(*b*) *Deſped.* p. 201.

con-

consideraõ como huma propria miseria. *A fallar a verdade*, (diz hum delles), *na nossa Lingoa o seguir a ordem natural, naõ he tanto virtude, como necessidade.* (a) Disto se tem mil vezes queixado naõ só os que tem feito traducções de Authores Latinos, ou Gregos, mas até os Criticos, que fizeraõ suas observações sobre a Lingoa. Fenelon expressamente diz : (b) „ A severidade da „ nossa Lingoa contra quasi todas as inversões da frase, „ augmenta mais infinitamente a difficuldade de fazer ver„ sos Francezes. „ Bem podia dizer tambem, e prosa elegante, harmoniosa, e cadenciada, qual requeria o seu *Telemaco.* O mesmo illustre Author accrescenta mais adiante : „ Tem-se empobrecido, deseccado, e coarcta„ do a nossa Lingoa : a qual já mais ousa proceder, „ senaõ conforme o methodo mais escrupuloso, e uni„ forme da Grammatica. Sempre estamos vendo vir no „ principio hum nominativo substantivo, que traz o seu „ adjectivo, como pela maõ. A par delle naõ falha lo„ go o seu verbo, seguindo-o hum adverbio, que nada „ consente entre ambos, e o regime chama já para já „ hum accusativo, que naõ póde nunca mudar de pos„ to. E isto he o que exclue toda a suspensaõ do espi„ rito, toda a expectaçaõ, toda a suppreza, e muitas ve„ zes toda a cadencia magestosa. „ A tanto chega este escrupulo, que nem n'um poema perdoa a critica *Chrétien Monarque*, em lugar de *Monarque Chrétien. Il est vrai, que la Langue Françoise, timide, pauvre, peu harmonieuse, esclave de je ne sais quelles futiles bienséances nous refuse des secours, que les étrangers trouvent dans leur Langue.* Mr. Millot *Harang. Choisies.* Discours. Prelim. t. 1.

Pelo contrario na Lingoa Portugueza saõ bem recebidas as transposições das palavras, de que resultaõ varias utilidades nos discursos de Eloquencia, e Poesia, quaes saõ: 1.° a harmonia do discurso; 2.° maior con-

(a) *Ecole de Litterat.* tom. 1. art. 1.
(b) *Epit. à l'Acad Projet de Poétiq.* §. 5.

-cisaõ da frase; 3.° a força, e vivacidade do estylo; 4.° a mais perfeita pintura de huma acçaõ; (*a*) o que faz bem fundada a opiniaõ da semelhança, que tem a nossa Lingoa com a Latina, que os nossos Filologos tem tocado taõ superficialmente, como quem a cria mais por fé, que por exame reflexo.

Isto supposto, veremos humas vezes estes idolatras do estylo Francez alinharem mui servilmente as frases pela ordem grammatical, mui uniforme, e enfadonha, e ás vezes languida. Diraõ á Franceza: „ O Santo Papa „ pa Pio V. governava entaõ a Igreja; Carlos IX. reina- „ va em França, e a Saboia tinha por Duque Manoel „ Felisberto „ &c. Onde se vê desprezada a variedade da composiçaõ, que o estylo da nossa Lingoa favorece admiravelmente com a transposiçaõ das palavras, dizendose: „ Governava entaõ a Igreja o S. Papa Pio V. „ &c.

Por isso os Francezes desfiguraõ ao menos nesta parte os nossos Authores, quando os traduzem na sua Lingoa, naõ podendo representar a gravidade da composiçaõ das palavras. O nosso Jacintho Freire escreve: „ Naõ „ sepultáraõ com sigo aquelles valerosos Portuguezes to- „ da a gloria das armas. „ O Francez verte: *Ces vaillants Portugais n'ont pas enseveli avec eux toute la gloire des armes.* He bem sensivel a differença de hum a outro texto. (*b*)

Na lingoagem da Historia, Oratoria, e mui principalmente da nossa Poesia, naõ ha cousa mais frequente do que a transposiçaõ das palavras, e tanto mais quanto a sentença tem mais de fogo, viveza, e imaginaçaõ, onde a suspensaõ do sentido, produzida pela transposiçaõ anima sensivelmente o contexto, e lhe communica movimento: bem se sabe quanto he magestoso o exordio do nosso Camões principiando:

(*a*) Mr. Condillac *Essai sur l'origine des Connoiss. hum.* chap. 12.

(*b*) Vej. o que notamos sobre este particular na Mecanica de palavras em ordem á harmonia do discurso eloquente, tanto em Prosa, como em Verso, *p.* 70. *n.* 72. &c.

As

As armas, e os varões assinalados (a):

cujo sentido depois de muitos incidentes conclue

Cantando espalharei por toda a parte.

Regularmente na nossa Lingoa considera-se o verbo como huma palavra de maior volume, e a que communica huma certa força impulsiva a todas as mais palavras da mesma frase, e por isso commumente costuma preceder as de mais, como:

Touxe-nos a f.rtuna esta empresa, &c.

Naõ sepultáraõ com sigo aquelles valerosos Portuguezes &c.

Rasgou-se pela morte o véo do segredo.

Supprirá huma dilatada lembrança das suas heroicas acções a falta, que nos faz vida taõ curta.

Naõ he necessario mostrar exemplo de outras varias fórmas de transposições. Estas bastaõ para que se veja, quanto se oppoem á elegancia da nossa Lingoa o methodo de dispôr as palavras, que se usa na Lingoa Franceza, que os nossos hoje imitaõ macaqueando.

Mas pelo contrario veremos outras vezes, que com notavel incoherencia se abraçaõ certas transposições extraordinarias, e quasi poeticas, de que alguma vez usaõ os Francezes, que em nós saõ taõ improprias, como nelles affectadas. Tal he a que eu li ha pouco no prologo de hum livro, em que o bemfeitor que publíca a collecçaõ das obras de hum nosso Poeta declara a sua diligencia com esta gracinha: „ Truncadas, e dispersas „ eu mendiguei com indizivel trabalho taõ bellas compo- „ sições „ &c. Onde a collocaçaõ extravagante parece de oraçaõ de algibeira, feita para dar quináo a hum estudante Grammatico: nunca assim falláraõ os nossos Authores.

Cresceria immenso esta obra, se houvessemos de referir huma infinidade de abusos, que haõ introduzido estes Portuguezes estrangeiros: e naõ he preciso mais pa-

(a) *Lusiados* Cant. I. Est. 1.

ra

ra que se veja quaõ nocivas tem sido estas mudanças á pureza da nossa Lingoa, á sua elegancia, e energia. Nem he taõ pouco consideravel, para que se naõ atalhe o damno de se vir a perder em pouco tempo hum grande numero de excellentes vocabulos Portuguezes, tendo-se-lhes substituido sem necessidade, e (o que mais he) sem escolha huma alluviaõ de expressões estranhas, que nem nascêraõ para nós, nem se ajustaõ com as nossas. Nunca melhor quadrou do que a este tempo aquella queixa, que já antigamente fez o nosso Bernardes, (a) contra a leveza de alguns:

Trate quem mais quizer feitos alheos
Diga mal, diga bem, falle á vontade;
Use palavras novas, novos meos;
Naõ cure da rezaõ, nem da verdade,
Em tudo contentando a vulgar gente,
Enchendo peitos vãos de vaidade.

§ IV.

Origem do abuso de palavras, e idiotismos Francezes, que se tem introduzido na Lingoa Portugueza.

Ainda naõ vai taõ longe a origem da epidemia, para que nos seja desconhecida, nem he taõ complicada, que facilmente se naõ possa desenvolver. Ha tempos, que principiou em Portugal a cultivar-se com grande fervor a Lingoa Franceza: huns a estudáraõ por curiosidade, outros por interesse: mas a maior parte dos que se deraõ ao estudo desta Lingoa, era gente que nunca estudou a Lingoa Portugueza, nem a lêraõ nos nossos Authores classicos; contentavaõ-se só com o uso tal qual, e como esse lhes parecia bastante para interpretarem os livros Francezes, naõ tendo á maõ os termos proprios, e elegantes da nossa Lingoa, naõ havia cou-

(a) Carta IV. a D. Joaõ de Castello Branco.

sa

ſa mais facil, que aportuguezar qualquer termo, qualquer fraſe, que ſe offereceſſe no contexto de huma obra, ou porque julgaſſem que aſſim os tinhaõ em Portuguez, ou porque lhes parecia a Lingoa pobre, e os taes vocabulos neceſſarios. Foſſe como foſſe, a nova lingoagem parecia maravilha.

Noutros naõ era tanto falta de conhecimento da Lingoa, nem dos Authores nacionaes, como huma eſpecie de enthuſiaſmo, que lhes fazia conſiderar no eſtylo Francez naõ ſei que de mais relevante. Naõ me póde eſquecer certa perſonagem, que na converſaçaõ com ſeus amigos a todo o propoſito inculcava as palavras Francezas com ſeus eſtribilhos: por exemplo: *A miſcellanea, a que os Francezes chamaõ bigarrure.* Ou, *iſſo he huma exceſſiva bizarraria, como dizem os Francezes.* Se lhe dava para meter a propoſito o *groteſco*, ou o *pittoreſco*, e outros ſemelhantes ſempre hia adiante o paſſaporte, *como dizem os Francezes*; de ſorte que o meſmo homem fallava Francez, e Portuguez a hum tempo, e a Portuguezes, e pondo na meſma fraſe a palavra Franceza, e a Portugueza, dobrava os termos ſem que, nem para que.

Eſtes enſaios paſſáraõ a maior progreſſo: os Impreſſores queriaõ occupar o prélo, e os Livreiros ganhar ſua vida. Commettêraõ-ſe traducções de varias obras, e tratados, (que parece teriaõ extracçaõ,) aos aventureiros, que ſe preſumiaõ capazes de ſemelhante empreza, ou elles meſmos as offereciaõ, ſem eſperar, que os rogaſſem; e nas circumſtancias preſuppoſtas, ſendo taes traducções feitas muito á preſſa, humas inſpiradas pela fome, outras pela preſumpçaõ, ſahiaõ taes como ſe podia eſperar. Apparecia no publico mais hum livro novo, em lingoagem da moda. Das logens dos Livreiros, e botiquins ſahiaõ os votos das obras traduzidas, e recommendações aos deſejoſos da fruta nova. Se era huma Collecçaõ de Sermões, paſſava ás mãos de Prégadores principiantes; ſe era huma Hiſtoria, ou Novella, ou

Obra

Obra de Theatro servia de recreaçaõ ao Cavalheiro, e ao Escudeiro curioso. Os Dogmatistas, que liaõ o Francez, naõ deixavaõ de chegar-se ás versões dos Tratados pelo convite de alguma nota aqui, ou alli, ou simplesmente pelas inculcas, que deo o Impressor no aviso ao publico. Ninguem lá se embaraçava com Gallicismos, nem se enojava dos termos, e frases improprias, que hiaõ envolvidas no contexto. Applaudia-se a lingoagem por ser nova, sem se advertir, que era barbara, ou extravagante. E feita a leitura nas palestras, naõ havia cousa mais ordinaria, que o dizer-se em tom decisivo: *Isto he bello*: estoutro *está bem fallado*: tomando cada qual por bello, e bem fallado o mesmo, que naõ entendia. Mas quem dicesse o contrario era idiota razo, ou pedante, ou naõ tinha bom gosto. Callasse a bocca quem entendia o que vale nas Lingoas a Analogia, os privilegios do Uso, a força da authoridade. Naõ se disputasse sobre pureza de lingoagem, e propriedade de expressões, e regularidade de idioma. Ninguem diria: nunca assim falláraõ os nossos avós: nunca assim *escreveo* Andrade, Sousa, Vieira, Camões &c.: estava certa a treplica: esses tem frase rançosa: escrevêraõ para o seculo dos Affonsinhos: isto agora he Portuguez moderno. O que mais admira he, que muitos homens doutos, e versados nos nossos Authores, que naõ deixáraõ de conhecer esta desordem, se deixáraõ (naõ sei como) levar da torrente, e abraçáraõ as francezias, querendo mais comprazer com o gosto dos insensatos, do que seguir a prudente austeridade de pequeno numero dos censores judiciosos: e o peor he, que o seu exemplo, talvez a seu pezar, tem servido de authorizar, e propagar a corruptella, principalmente nos pulpitos, onde (por disgraça nossa, e a maior dos mesmos Prégadores) a doutrina de Christo já por moda costuma ter mais de frase Franceza, que de frase Evangelica. Dalli pois he que o povo aprende com a doutrina os vocabulos, ou (o que he mais commum) aprende os vocabulos sem doutrina, e tanto

to

ſo mais perverſamente ſe inſinuaõ nelle, quanto mais loucamente os aplaude ſem os entender.

Tal tem ſido a origem e progreſſos do máo goſto; por cuja influencia ſe tem corrompido a Lingoa Portugueza. Aſſim he que ella tem degenerado da antiga conſiſtencia e vigor, por modo mui ſemelhante, com que antigamente ſe principiava a corromper a Lingoa Latina. (a) Do que manifeſtamente ſe colhe a urgente neceſſidade, em que eſtamos de expurgar a noſſa lingoa, e fazer a mais forte oppoſiçaõ á moda prejudicial. Aplaudaõ-ſe ſó a ſi meſmos os Neologos do ſeu taõ miſeravel como inutil trabalho. Que ſerviço lhe deve a Lingoa e a Patria? porque quando os ſeus termos eſtrangeiros foſſem melhores que os noſſos, naõ ſeriaõ ao menos entendidos, como convem n'huma Lingoa, que ſe falla; e neſte caſo, que mercê nos faria, quem nos fallaſſe n'huma Lingoa, que nós naõ entendeſſemos, a titulo della ſer melhor, que a noſſa? Mais depreſſa diriamos, que mais ſe eſcarnecia da noſſa ſimplicidade, do que ſe compadecia da noſſa neceſſidade. A Lingoa Franceza já nos deo termos baſtantes, que eſtaõ no noſſo theſouro, e tem a preſcripçaõ de mui longa e veneranda antiguidade. Conſervemos eſſes que já ſaõ noſſos, e ſejamos parcos e judicioſos no ſuperfluo. E para que naõ pareça eſta opiniaõ por moderna mais filha do enthuſiaſmo, que do ſaõ zelo, ella he na ſubſtancia a meſma, que n'outro tempo eſcreveo hum Author noſſo (b): „ Naõ nego, „ (diz elle) nem deixarei de uſar termos, que noſſos „ antigos de ſeſſenta annos a eſta parte uſáraõ .., por „ que o uſo, ou a neceſſidade os fará bem recebidos;

(a) „ Confluxerunt in hanc urbem multi inquinate loquentes.. Quo „ magis expurgandus eſt ſermo, et adhibenda tanquam obruſſa ratio, „ quae mutari non poteſt, nec utendum prava conſuetudinis regula. „ *Cic. de Clar.* Orat. n. 74. „

(b) Fr. Man. do Sep. Prolog. *da Refeiçaõ Eſpir.* §. 2. n. 3. 4. 5.

„ mas havendo-os na propriedade portugueza elegante-
„ mente expressivos do que se quer dizer, vicio seria
„ mendigálos, e especie de traiçaõ á patria lingoa, que-
„ rer desterrar seus idiotismos. „

O grande volume desta Memoria, pela vastidaõ de materias que contem, faz que se reserve parte della para outro Tomo.

CA-

INDICE

Das MEMORIAS, que contém o quarto Tomo.

DISSERTAÇAÕ ACADEMICA de ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO, *Escrita, e recitada no anno de* 1781. - - - - - - - - - - - - - - pag. 1.
ANALYSE, *E combinações filosoficas sobre a elocuçaõ, e estylo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha, e Camões, segundo o espirito do sabio Programma da Academia Real das Sciencias, publicado em* 17 *de Janeiro de* 1790, por FRANCISCO DIAS. 26.
MEMORIAS, *Da Litteratura Sagrada dos Judeos Portuguezes no presente Seculo*, por ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS. - - - - - - - - - - - - 306.
ENSAIO CRITICO, *sobre qual seja o uso prudente das palavras de que se serviraõ os nossos bons Escritores do Seculo XV., e XVI.; e deixáraõ esquecer os que depois se seguíraõ até ao presente*, por ANTONIO DAS NEVES PEREIRA. - - - - - - 339.

CATALOGO

Das Obras já impressas, e mandadas compôr pela Academia Real das Sciencias de Lisboa; com os preços, por que cada huma dellas se vende brochada.

I. Breves Instrucções aos Correspondentes da Academia, sobre as remessas dos productos naturaes para formar hum Museo Nacional, *folheto* 8.° - - 120

II. Memorias sobre o modo de aperfeiçoar a Manufactura do Azeite em Portugal, remettidas á Academia por Joaõ Antono Dalla-Bella, Socio da mesma, 1. vol. 4.° - 480

III. Memoria sobre a Cultura das Oliveiras em Portugal, remettida á Academia, pelo mesmo Author, 1. vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - - - 480

IV. Memorias de Agricultura premiadas pela Academia, 2. vol. 8.° - - - - - - - - - - - - - - - - - 960

V. Paschalis Josephi Mellii Freirii, Hist. Juris Civilis Lusitani Liber singularis, 1. vol. 4°. - - - - - - - 640

VI. Ejusdem Institutiones Juris Civilis Lusitani, 4. vol. 4.° - 1920

VII. Osmîa, Tragedia coroada pela Academia, *folh.* 4.° 240

VIII. Vida do Infante D. Duarte, por André de Rezende, *folh.* 8.° - - - - - - - - - - - - - - - - 160

IX. Vestigios da Lingua Arabica em Portugal, ou Lexicon Etymologico das palavras, e nomes Portuguezes, que tem origem Arabica, composto por ordem da Academia, por Fr. Joaõ de Sousa, 1. vol. 4.° - - - - 480

X. Dominici Vandellii, Viridarium Grysley Lusitanicum Linnæanis nominibus illustratum, 1. vol. 8.° - - - 200

XI. Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para o anno de 1789, calculado para o meridiano de Lisboa, e publicado por ordem da Academia, 1. vol. 4.° 360

O mesmo para o anno de 1790, 1. vol. 4.° - - - - - 360

O mesmo para o anno de 1791, 1. vol. 4.° - - - - 360

O mesmo para o anno de 1792, 1. vol. 4.° - - - - 360

O mesmo para o anno de 1793, 1. vol. 4.° - - - - 360

O mesmo para o anno de 1794, 1. vol. 4.° - - - - 360

O

O mesmo para o anno de 1795, 1. vol. 4.° - - - - 360

XII. Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Industria em Portugal, e suas Conquistas 3. vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - 2400

XIII. Collecção de Livros ineditos de Historia Portugueza, dos Reinados dos Senhores Reys D. Joaõ I., D. Duarte, D. Affonso V., e D. Joaõ II., 3. vol. fol. 5400

XIV. Avisos interessantes sobre as mortes apparentes, mandados recopilar por ordem da Academia, *folh.* 8.° gr.

XV. Tratado de Educaçaõ Fysica para uso da Naçaõ Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco de Mello Franco, Correspondente da mesma, 1. vol. 4.° - - - - - - - - 360

XVI. Documentos Arabicos da Historia Portugueza, copiados dos originaes da Torre do Tombo com permissaõ de S. Magestade, e vertidos em Portuguez por ordem da Academia, pelo seu Correspondente Fr. Joaõ de Sousa, 1. vol. 4.° - - - - - - - - - - - - 480

XVII. Observações sobre as principaes causas da decadencia dos Portuguezes na Asia, escritas por Diogo de Couto em fórma de Dialogo, com o titulo de *Soldado Pratico*; publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa, por Antonio Caetano do Amaral, Socio Effectivo da mesma, 1. tom. *in* 8.° *mai.* 480

XVIII. Flora Cochinchinensis: sistens Plantas in Regno Cochinchina nascentes. Quibus accedunt aliæ observatæ in Sinensi Imperio, Africâ Orientali, Indiæque locis variis. Labore ac studio Joannis de Loureiro Regiæ Scientiarum Academiæ Ulyssiponensis Socii: Jussu Acad. R. Scient. in lucem edita. 2. vol. *in* 4.° *mai.* - - - 2400

XIX. Synopsis Chronologica de Subsidios, ainda os mais raros, para a Historia, e Estudo critico da Legislaçaõ Portugueza; mandada publicar pela Academia Real das Sciencias, e ordenada por José Anastasio de Figueiredo, Correspondente do Número da mesma Academia, 2. vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - 1800

XX. Tratado de Educaçaõ Fysica para uso da Naçaõ Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco José de Almeida, Correspondente da mesma, 1. vol. 4.° - - - - - - - - 360

XXI. Obras Poeticas de Pedro de Andrade Caminha, publicadas de ordem da Academia, 1. vol. 8.° - - - 600

XXII.